José Mendes Fonteles Filho
ORGANIZADOR

POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA

cultura e história

2ª edição

magistério pé no chão

Imprensa Universitária UFC

POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA:
cultura e história

1ª edição 2014

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor
Prof. Henry de Holanda Campos

Imprensa Universitária - UFC
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

2ª edição 2022

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Victor Godoy Veiga

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor
Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor
Prof. José Glauco Lobo Filho

Imprensa Universitária - UFC
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

CONSELHO EDITORIAL DA UFC
Presidente
Prof. Paulo Elpídio de Menezes Neto

Conselheiros
Joaquim Melo de Albuquerque
José Edmar da Silva Ribeiro
Felipe Ferreira da Silva
Maria Pinheiro Pessoa de Andrade
Prof.ª Ana Fátima Carvalho Fernandes
Prof. Guilherme Diniz Irffi
Prof. Paulo Rogério Faustino Matos
Prof.ª Sueli Maria de Araújo Cavalcante

José Mendes Fonteles Filho
(organizador)

POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA:
cultura e história

2ª Edição

Fortaleza
2022

Povo Tremembé de Almofala: cultura e história

Copyright © 2022 by José Mendes Fonteles Filho (Organizador)
Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, Benfica — Fortaleza – Ceará

Coordenação Editorial
Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de Textos
Antídio Oliveira

Projeto Gráfico
Sandro Vasconcellos

Diagramação
Sandro Vasconcellos / Mateus Teixeira

Capa
Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará

P879 Povo Tremembé de Almofala [livro eletrônico] : cultura e história / Organizador: José Mendes Fonteles Filho. 2. ed. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

34.571 kb : il. color. ; PDF -- (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-398-7

1. Índios Tremembé - Educação - Almofala (Itarema, CE). 2. Cultura indígena. 3. Índios Tremembé - História. I. Título.

CDD 371.829808131

Elaborada por: Luciane Silva das Selvas - CRB 3/1022

APRESENTAÇÃO

POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA: cultura e história

Este *ebook* é a expressão de uma das mais recentes, frutíferas, inovadoras e exitosas experiências na história da educação brasileira: a Educação Diferenciada Tremembé (EDITE). Seu conteúdo é uma compilação dos 14 primeiros volumes publicados em 2014, pela Imprensa Universitária, da Coleção Magistério Pé No Chão, os quais são Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da primeira turma do Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior – MITS. Além de constituírem um rico e original acervo sobre a cultura tradicional, a história e as práticas sociais contemporâneas dos Tremembé, estes primeiros livros buscavam atender em plenitude os objetivos previstos no Projeto Político-Pedagógico do MITS, dentre os quais, "*suprir as escolas Tremembé de subsídios didáticos específicos, dos quais apresentam antigas e reconhecidas demandas"* (UFC, 2013: 37)".

É sempre oportuno lembrar que, desde o ano de 1991, os Tremembé vêm construindo seu modelo próprio de educação diferenciada, que teve na Escola Alegria do Mar o marco inicial dessa modalidade de educação escolar. Mas foi somente dez anos depois, em 2001, que teve início um programa de formação dos professores das escolas Tremembé, implementado pela própria comunidade indígena com o apoio de alguns parceiros, entre os quais a Universidade Federal do Ceará - UFC.

A primeira etapa deste programa foi concluída em 2003, com a formação de 42 professores em nível médio, através do Curso de Magistério Indígena Tremembé – MIT. Alguns anos depois, em 2006, teve início uma nova etapa de formação com o MITS, que se constituiu o primeiro curso de formação de professores indígenas em nível superior na UFC e no Nordeste, sendo ainda um dos pioneiros entre as licenciaturas interculturais no Brasil, e cuja primeira turma, com 39 formandos, colou grau no dia 6 de março de 2013.

Desde os primórdios, a história da EDITE tem sido marcada por um movimento de intensa e criativa produção intelectual, fruto da pesquisa e reelaboração dos saberes tradicionais do Povo Tremembé, de um lado, e de outro, agregando àqueles, no contexto próprio da escola, outros saberes pertencentes a outras matrizes e contextos, possibilitando o exercício da interculturalidade. Para os Tremembé, a interculturalidade se apresenta como um objetivo fundamental de suas escolas, que ensejam preparar as novas gerações para o mundo *ad intra*, próprio do seu Povo, bem como para o mundo *ad extra*, da sociedade nacional e quaisquer outros povos e culturas, do país e do mundo. Foi especialmente a partir do MITS, das pesquisas e trabalhos realizados nas diversas atividades formativas do Curso, que os professores Tremembé em formação passaram a manifestar, com maior visibilidade, força e beleza a originalidade, a diversidade e a riqueza de suas produções intelectuais.

Nesse sentido, a Coleção Magistério Pé no Chão tornou-se um recurso essencial no trabalho das professoras e professores e nos estudos das alunas e alunos indígenas do Povo Tremembé, inclusive em razão de sua notável atualidade. Todavia, dado a escassez de recursos próprios da UFC naquela ocasião, a publicação alcançou pouco mais de uma centena de exemplares de cada um dos 14 livros. À época, havíamos conseguido aprovação em um edital da extinta Comissão Nacional de Apoio à produção de Material Didático Indígena – Capema/MEC para publicar 2 mil exemplares da Coleção. No entanto,

com o desmonte de políticas públicas voltadas para a educação escolar indígena, a partir do 2016, o MEC abandonou a política de publicação deste tipo de material didático.

Ao longo desses anos, chegaram pedidos de exemplares da Coleção de muitas partes do Brasil, mas especialmente de escolas indígenas e outras da rede pública do Ceará, sem que pudéssemos atendê-los. Chegamos a adotar a estratégia de transformar os livros em versões do tipo "pdf", disponibilizando-os ainda no repositório da Biblioteca do Centro de Humanidades da UFC. Todavia, com o advento de novas tecnologias e o acesso aos meios digitais disponibilizados às aldeias e escolas indígenas, embora ainda como muitos limites, optamos por oferecer aos interessados uma nova edição da Coleção em versão compilada, digital e no formato de *ebook*, favorecendo o livre acesso a esta inestimável obra, fruto primeiro dessa frondosa árvore, em plena floração, promissora de ricas colheitas, que é a Educação Diferenciada Tremembé.

Bom proveito!

Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho
Coordenador Geral do MITS

SUMÁRIO

PRIMEIRAS LETRAS NA CULTURA TREMEMBÉ
(Livro do Professor) 11

PRIMEIRAS LETRAS NA CULTURA TREMEMBÉ
(Livro do Aluno) 57

FAUNA E FLORA TREMEMBÉ DA REGIÃO DA MATA 86

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA TREMEMBÉ 186

O LAGAMAR NA VIDA DOS TREMEMBÉ DE VARJOTA
E TAPERA 241

INVENTÁRIO DE ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL
DO POVO TREMEMBÉ 293

LUTA E RESISTÊNCIA DOS TREMEMBÉ DA REGIÃO DA
MATA PELO SEU TERRITÓRIO 369

ALDEAMENTO TREMEMBÉ DE ALMOFALA: O ESPAÇO DO
MANGUE ALTO - ONTEM E HOJE 413

MEDICINA TRADICIONAL DO POVO TREMEMBÉ 467

DICUMÊ TREMEMBÉ DE ANTES E DE HOJE 540

JOGOS MATEMÁTICOS PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS TREMEMBÉ 590

A PESCA NO MAR DE ALMOFALA E NO RIO ARACATI-MIRIM: HISTÓRIAS DOS PESCADORES TREMEMBÉ 648

OS ENCANTADOS E SEUS ENCANTOS: NARRATIVAS DO POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA SOBRE OS ENCANTADOS .. 740

HISTÓRIAS TREMEMBÉ: MEMÓRIAS DOS PRÓPRIOS ÍNDIOS ... 867

A B C

PRIMEIRAS LETRAS NA CULTURA

TREMEMBÉ

<

(Livro do Professor)

José Albio Moreira de Sales
(orientador)

José Getúlio dos Santos
Maria Liduína dos Santos
Maria Neide Teles Santos
Maria Vilca dos Santos

ABC
PRIMEIRAS LETRAS NA CULTURA
TREMEMBÉ

(Livro do Professor)

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro a todos que acreditam na força de vontade e na capacidade de superação do ser humano.

Aos nossos pais, filhos e esposas que estiveram sempre do nosso lado.

Aos Tremembé, pelos seus conhecimentos e saberes transmitidos através de suas histórias que muito nos ensinaram no decorrer desta caminhada.

Aos docentes, pelo entusiasmo com a cultura e conhecimentos tremembé, que, com suas experiências, incentivaram-nos em novas descobertas da história para um amplo fortalecimento desta luta.

E, por fim, aos futuros Tremembé, para que possam conhecer, aprender e valorizar os saberes tradicionais da cultura tremembé por meio da leitura deste livro e, com isso, levar adiante esta luta e a história do povo tremembé, garantindo que esses saberes não se percam.

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Tupã, por nos dar a oportunidade de viver;

- aos nossos encantados, por nos direcionar sempre para o caminho da conquista;

- à Universidade Federal do Ceará – UFC por ter acreditado em nosso projeto e ofertado o MITS para os Tremembé de Almofala e à CAPES/PIBID por ter-nos apoiado financeiramente para realização deste livro, além do mais, por nos proporcionar momentos para planejar e realizar atividades diferentes nas nossas escolas;

- aos nossos parceiros que estiveram conosco desde o início desta caminhada;

- aos docentes que participaram de nossa formação, e que nos fizeram compreender a alegria de poder partilhar com nossos alunos aquilo que com eles aprendemos;

- às pessoas que cuidaram das nossas refeições durante o curso;

- aos nossos familiares (pai, mãe, marido, esposa, filhos, irmãos...) por terem a paciência de esperar por nós quando passamos uma semana em outra comunidade estudando, distante do carinho familiar;

- a todas as pessoas que estiveram conosco em todos os momentos.

LISTA INICIAL DAS PALAVRAS PESQUISADAS EM ORDEM ALFABÉTICA

A – araçá, ata;
B – borboleta, búzio;
C – cravo, camaleão, camarão, castanha;
D – duna;
E – escola, espiga;
F – formiga;
G – garajuba, grolado, grude, guajará, guaxinim;
H – hortelã;
I – igreja, imbira, imbuá, índia, Itarema;
J – jandaia, jangada, juá;
K – kybaba, kyçaba, kycê, kyáquera;
L – lagamar, lagarta, lagoa, lua;
M – mamona, mandioca, manfuê, mangue, maracá, moca;
N – nadar, nambú, nangô, nó, nuvem;
O – oca, olaria;
P – peba, pilão, pitomba, preá, puçá;
Q – quarenta, quenga;
R – rã, raposa, rio;
S – sal, salapa, saúna, sié, socó;
T – tejo, terra, Torém, tucum;
U – ubaia, uru, urucu;
V – vaga-lume, vara;
W – wapixana, wasaí;
X – xanana, xelé, xila, xoque;
Y – yaguara, ybyrá, ygara (palavras da língua tupi);
Z – zambeto, zamboque.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

APRESENTAÇÃO 17

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DO PROFESSOR 18

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS 19

GLOSSÁRIO 50

CONSIDERAÇÕES FINAIS 52

BIBLIOGRAFIA 54

INTRODUÇÃO

Por que alfabetizar com os elementos da cultura Tremembé?

A carência de material didático específico para início de letramento e alfabetização nas escolas Tremembé, nos levou a pensar um livro que tenha essa linguagem. Sentimos muitas dificuldades de alfabetizar nossas crianças com os livros didáticos que o estado nos oferece, por isso nos propomos a elaborar um material que retrate a cultura Tremembé, fazendo assim com que as crianças conheçam desde os primeiros anos da vida escolar, os elementos que os mais velhos utilizaram e usam ainda hoje como forma de fortalecimento da identidade cultural e étnica.

A nossa intenção em elaborar este trabalho será com o intuito de facilitar a aprendizagem das primeiras letras das nossas crianças dentro da realidade dos Tremembé.

Nosso trabalho tem como objetivo, a produção de material didático para alfabetizar as crianças Tremembé usando palavras que representem os elementos que fazem parte da vida étnica e cultural do nosso povo. Nesse sentido busca fortalecer a cultura Tremembé já que outras culturas têm chegado ao nosso meio com muita força, fazendo com que as crianças deixem de conhecer e praticar os costumes dos mais velhos que fazem parte da nossa tradição. Como estratégia prática, valorizar no processo de letramento, os elementos da cultura local e familiar que a criança traz para o meio escolar através da produção de dois livros: um para o uso do professor e outro para uso do aluno.

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o resultado da pesquisa sob a forma de dois livros que se seguem. O primeiro deles é o Livro do Professor, no qual, além das ilustrações, temos as orientações didáticas. O segundo é o Livro do Aluno com letras, palavras e ilustrações.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DO PROFESSOR

Este livro foi feito para você, educador de crianças (curumins) tremembé.

Nele você encontrará sugestões para a utilizá-lo. São atividades de letramento na cultura Tremembé que buscam mantê-la viva na memória das crianças de hoje e das futuras gerações.

Um bom trabalho!

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

Alfabetização

Compreendemos que, ao longo de muitos anos, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da "tecnologia da escrita", quer dizer, do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em "sons", e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos (Pró-Letramento, 2008, p. 10).

Entendemos o letramento como o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais. É o estado ou condição que alguém adquire como consequência de ter-se apropriado da língua escrita na escola e de ter-se inserido num mundo diferente: o da cultura escrita (Pró-Letramento, 2008, p. 11).

O aluno tremembé já vem para a escola com o início da alfabetização devido à vivência familiar e com a comunidade da qual faz parte. Na escola, ele dá continuidade ao processo de letramento, continuando sua alfabetização. Assim os dois conceitos se juntam, possibilitando ao aluno o acesso a diferentes tipos de saberes, pois alfabetização e letramento são formas de promoção social. Ao mesmo tempo, também entendemos que quem não é letrado pode sim ser alfabetizado, basta ser um bom leitor do mundo. Citamos como exemplo o cacique João Venâncio, o pajé Luiz Caboclo e as lideranças tremembé. De acordo com Pró-Letramento do MEC (2008):

Há algumas aprendizagens que os alunos precisam desenvolver logo que entram na escola: saber manusear os

livros – didáticos e de literatura infantil –, usar de maneira adequada os cadernos, saber segurar e manipular o lápis de escrever, os lápis de colorir, borracha, a régua, o apontador, a caneta, sentar corretamente na carteira para ler e escrever, cuidar dos materiais escolares, lidar com a tela, o mouse e o teclado do computador. Esses conhecimentos e capacidades são requisitados nas diversas práticas cotidianas de leitura e de escrita, dentro da escola e fora dela. Por isso, esse é um tópico da aprendizagem da língua escrita necessário tanto para que os alunos possam obter sucesso ao longo da vida escolar quanto para que eles possam participar plenamente da vida social extra-escolar (Pró-Letramento, 2008, p. 21).

Espera-se como aprendizagem

Nossa proposta de letramento considera que o ato de escrever envolve trabalho cognitivo ou mental, raciocínio e planejamento. Mas o ato de escrever é, também, uma atividade motora, seja traçando letras na superfície de um papel, seja rabiscando no chão, ou mesmo digitando num teclado de computador. As atividades motoras precisam ser aprendidas e, na maioria das vezes, treinadas. O uso do material escolar de escrita – lápis, caneta, borracha, palito para rabiscar o chão ou mesmo o próprio dedo indicador, corretivo, régua, teclado de computador – inclui, além das capacidades cognitivas, uma habilidade motora específica, que exige conhecimento e treinamento. A aquisição dessa habilidade específica ultrapassa os limites da mera destreza motora quando é associada ao conhecimento da cultura escrita. Uma das mais importantes funções da escrita é possibilitar a comunicação entre pessoas distantes ou em situações em que não é possível falar (Pró-Letramento, 2008, p. 22).

Conhecendo o alfabeto

Com as 26 letras do alfabeto, podemos escrever todas as palavras da língua portuguesa, mas inicialmente queremos

que as nossas crianças escrevam e se apropriem de palavras do cotidiano tremembé. A importância da aprendizagem do alfabeto na fase inicial da alfabetização está, sobretudo, na necessidade de o aluno identificar e saber os nomes das letras e poder relacioná-las com a cultura local. Além disso, um conhecimento básico a ser trabalhado, nesse momento, é a regra geral de que o nome de cada letra tem relação com pelo menos um dos "sons" da fala que ela pode representar na escrita.

Isso significa que o professor ou a professora deve apresentar aos alunos o alfabeto e promover situações que lhes possibilitem a descoberta de que se trata de um conjunto estável de símbolos – as letras, sejam consoantes ou vogais – cujo nome foi criado para indicar um dos fonemas que cada uma delas pode representar na escrita, representando os sons das palavras que falamos. É bom que o estudo do alfabeto se faça com a apresentação de todas as 26 letras.

É importante que todas as letras estejam visíveis na sala de aula, para que os alunos, sempre que for necessário, tenham um modelo para consultar. Esse é mais um exemplo de como trabalhar simultaneamente na direção da alfabetização e do letramento (Pró-Letramento, 2008, p. 28).

Para nós, o processo de conhecimento das letras vai muito além de apenas conhecer essas letras, mas tem como objetivo principal identificar palavras que fazem parte da cultura e preservar a forma de comunicação que nos caracteriza. É por isso que propomos que todas as letras do alfabeto sejam de acordo com o cotidiano do aluno tremembé, pois entendemos que assim essas letras, serão melhor assimiladas tendo por base o seu significado para as crianças.

Como conhecer e utilizar os diferentes tipos de letra (de forma e cursiva)

Existem estudos que recomendam o uso exclusivo de letras de forma maiúsculas nos primeiros momentos da alfabetização, pelo menos até que o aluno passe a reconhecer todas as letras e tenha destreza na escrita das palavras, mas

é necessário que as crianças conheçam e utilizem também as letras cursivas para que elas possam assimilar de forma natural os elementos da comunicação escrita (Pró-Letramento, 2008, p. 30).

Leitura

No que se refere à capacidade específica do domínio da leitura, nossa orientação é que se trata de uma atividade que depende de processamento individual, mas se insere num contexto social e envolve disposições, atitudes e capacidades relativas à decifração do código escrito e capacidades relativas à compreensão do que está sendo lido (Pró-Letramento, 2008, p. 39).

O que entendemos por decodificar palavras

O processo de decodificação é um procedimento utilizado pelo leitor para identificação das relações entre as letras e os sons. No início da alfabetização, esse é um conhecimento fundamental para os leitores que costumam manifestá-lo decifrando letra por letra, mas também descobrindo e utilizando outros procedimentos, como a identificação das sílabas (Pró-Letramento, 2008, p. 41).

Orientações gerais de utilização do livro *Primeiras letras na cultura Tremembé*:

- que o educador possa trazer para a sala de aula os elementos concretos que estão representados no livro, tal como levar as frutas para a sala;
- jogo das letras e das imagens (confeccionar com caixas de fósforos ou papelão);
- fazer a leitura da imagem;
- levar os alunos até o local onde tem os elementos estudados (aula de campo);

• fazer letras com o dedo ou palitos riscando no chão;

• leitura do texto das figuras trabalhadas;

• Avaliação de aprendizagem: que o educador faça anotações, no início do processo de utilização do livro, em uma ficha individual de cada aluno ou no caderno de frequência para ver se ele teve avanço durante os estudos. A avaliação pode ser oral ou escrita.

Objetivos pedagógicos

• associar à letra a imagem;

• trabalhar com a imagem e a letra;

• distinguir as noções de letra e o nome da letra.

Foto: Getúlio Tremembé.

A
a

Ata

A ata é uma fruta muito gostosa. Ela é docinha e sua cor é verde. Quando fica molinha, está boa para comer. Ela é muito apreciada pelas crianças tremembé.

Foto: Liduína Tremembé.

B
b

Búzio

O búzio é um bichinho que vive dentro do mar, pode ser encontrado em vários tamanhos grandes ou pequenos e possui muitas utilidades, serve para comer, brincar ou fazer colar.

C

c

Foto: Neide Tremembé.

Caju

O caju é um fruto nativo do aldeamento tremembé. Ele pode ser de cor vermelha ou amarela. Seu sabor pode ser doce, azedo ou bical, e, com o vinho do caju azedo, nós fazemos o mocororó.

Foto: Liduína e Vilca Tremembé.

D
d

Duna

A duna é um morro que se movimenta e se forma pela ação dos ventos fortes sobre a areia da praia. É atrás das dunas que o sol se esconde no fim da tarde.

E
e

Foto: Liduína, Neide, Vilca e Getúlio Tremembé.

Espiga

A espiga é o conjunto de elementos do milho na sua forma mais natural. É composta de palhas, milho e sabugo.

Foto: Liduína Tremembé.

F
f

Formiga

A formiga jiquitaia mora em locais baixos e brejados. Quando ela se muda para lugares mais altos e secos, está indicando que, em breve, vai chover muito e alagar sua antiga moradia.

G
g

Foto: Elardo e João Filho.

Guaxinim

O guaxinim é um animal que faz parte da cultura tremembé. Ele tem hábitos noturnos, parte do dia, dorme no mangue e à noite sai para caçar.

Foto: Neide, Vilca, Liduína e Getúlio Tremembé.

H

h

Hortelã

A hortelã é uma erva medicinal. Cura dor de barriga e comida que faz mal.

I
i

Foto: Getúlio Tremembé.

Imbira

A imbira é uma palha de carnaubeira toda torcida que se usa para amarrar objetos em geral e madeiras da estrutura das casas de palha e taipa.

Foto: Liduína, Neide e Vilca Tremembé.

J
j

Juá

O juá é o fruto do juazeiro. É um fruto pequenino e, por muito tempo, serviu de alimento para o povo tremembé.

K
k

Foto: Neide, Vilca e Liduína Tremembé.

Kyçaba (rede)

A rede de dormir é um utensílio doméstico trabalhado a partir do fio de algodão, executada no fuso e tecido no tear manual. É uma palavra de origem tupi.

Foto: Liduína Tremembé.

L

l

Lua

A lua é o satélite da Terra. Quando ao redor dela aparece um círculo com as cores do arco-íris, ela está adivinhando que vai chover em breve.

M
m

Foto: Neide, Liduína, Vilca e Getúlio Tremembé.

Mangue

O mangue é um espaço de transição entre a aldeia e o mar. Existe uma crença entre o povo tremembé segundo a qual o mangue Canoé indica se haverá inverno.

Dizem que, se ele “chorar muito” à noite no mês de agosto, isto é, se apresentar diferentes partes com pequenas marcas de água, significa que vamos ter um bom inverno.

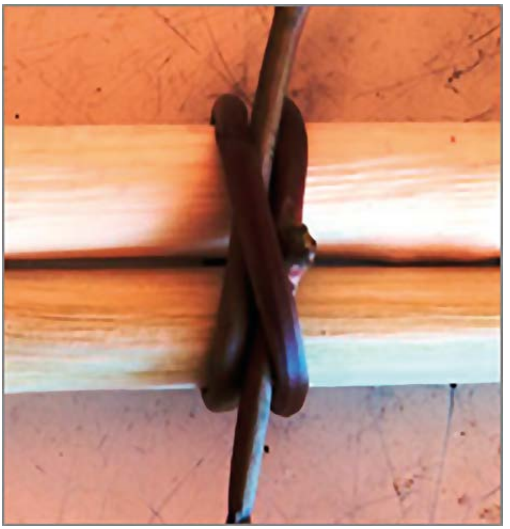


Foto: João Filho.

N

n

Nó

Forma de apertar ou segurar por amarração, permitindo que a corda, palha ou cipó se prenda a si mesmo ou algum outro objeto. O nó é de fundamental importância no dia a dia do povo tremembé. Existem vários tipos de nós, e um dos mais utilizados é o nó fiel, conhecido por nó de porco.

O

o

Foto: Getúlio Tremembé.

Olaria

A olaria é um local onde o povo tremembé produzia tijolos. Hoje é uma lagoa que tem peixe e camarão, onde as pessoas pescam para tirar sua alimentação.

Foto: Getúlio Tremembé.

P

p

Pilão

O pilão é um utensílio doméstico confeccionado com madeira de cajueiro brabo e barbatimão. Objeto usado pelo povo tremembé para pisar milho, café e urucu. Antigamente, era usado para pisar sal.

Q
q

Foto: Liduína Tremembé.

Quarenta

O quarenta é uma comida típica tremembé. É feita de massa de milho com leite de coco, pode ser doce ou salgado.

Fonte: Internet

R

r

Raposa

A raposa é um animal que se alimenta de carne e frutas. Ela costuma pegar galinhas nos terreiros das casas.

S

s

Foto: Getúlio Tremembé.

Sié

O sié é um crustáceo pequeno que vive na beira do rio. Ele é o alimento preferido do guaxinim.

Foto: Neide e Liduína Tremembé.

T

t

Torém

O Torém é a dança sagrada e tradicional do povo tremembé, e dela podem participar homem, menino e mulher.

U

u

Foto: Getúlio Tremembé.

Uru

O uru é um utensílio feito de palha de carnaubeira. Ele tem várias utilidades na vida do povo tremembé. Uma delas é acomodar peixes e iscas durante a pescaria.

Foto: Neide, Liduína, Vilca e Getúlio Tremembé.

v

v

Vara

É um tronco de madeira bastante fino e reto utilizado para demarcar espaços através de cercados ou para construir instrumentos de pesca com a vara de pescar e o xoque.

W

w

Foto: Getúlio Tremembé.

Wasaí - Açaí

Fruto de um tipo de palmeira. Possui cor roxa e forma arredondada. É uma espécie típica da região amazônica, bastante apreciada pelos povos indígenas. É uma palavra de origem tupi.

Foto: Neide, Liduína, Vilca e Getúlio Tremembé.

X

x

Xoque

O xoque é um instrumento de pesca de forma circular construído pelo entrelaçamento de varas finas de madeira amarradas entre si, é bastante utilizado para a pesca em córregos e lagoas pela comunidade tremembé.

Y

y

Foto: Getúlio Tremembé.

Ygara (canoa)

A canoa é uma embarcação pequena feita de madeira. Ela se move através do vento e é utilizada para pescar no mar. É uma palavra de origem tupi.

Z

z

Foto: Getúlio Tremembé.

Zamboque

O zamboque é um peixe do mar que vive na superfície da água. Ele é comprido tem um bico enorme e cheio de dentes.

GLOSSÁRIO

Este glossário tem por objetivo apresentar ao professor e ao aluno informações sobre as palavras, para que sejam trabalhadas como elementos concretos da cultura em sala de aula.

ATA: fruta típica da região e muito apreciada pelo povo tremembé. Em outras regiões, ela é conhecida como fruta do conde ou pinha.

BÚZIO: molusco do mar que varia de tamanho e formato. O povo tremembé usa sua concha para confeccionar colar.

CAJU: fruto do cajueiro, o sabor varia entre doce ou azedo e sua cor pode ser vermelha ou amarela.

DUNA: morro de areia fina formado pela ação do vento.

ESPIGA: espiga de milho.

FORMIGA: inseto pequeno que nunca descansa, trabalha noite e dia sem parar.

GUAXINIM: mamífero típico do mangue que dorme durante o dia e sai à noite para se alimentar.

HORTELÃ: erva medicinal.

IMBIRA: pequena parte da palha seca da carnaubeira.

JUÁ: fruto do juazeiro.

KYÇABA: palavra de origem tupi, que significa rede de dormir.

LUA: satélite da Terra que tem quatro fases – lua nova; cheia; crescente e minguante. Tem muita influência na vida do povo tremembé.

MANGUE: árvores que crescem nas margens dos rios de água salgada.

NÓ: entrelaçados de cordas, cipó ou imbira.

OLARIA: local onde se fazia telha e tijolo. Hoje é uma lagoa.

PILÃO: utensílio doméstico usado para pisar milho, café, pimenta, sal e urucu.

QUARENTA: comida feita de massa de milho e leite de coco.

RAPOSA: mamífero predador de aves. Tem hábitos noturnos.

SIÉ: menor espécie de caranguejo. Mora no manguezal.

TORÉM: nome do ritual sagrado dos Tremembé. É também uma planta medicinal.

URU: cesto de palha de carnaubeira.

VARA: ramo fino das árvores.

WASAÍ: fruto de um tipo de palmeira. Possui cor roxa e forma arredondada. É uma espécie típica da região amazônica, bastante apreciada pelos povos indígenas. É uma palavra de origem tupi.

XOQUE: armadilha de pesca feita com varas finas, usadas em pescarias nos córregos ou lagoas.

YGARA: palavra de origem tupi, que significa canoa.

ZAMBOQUE: peixe do mar de cabeça e corpo comprido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever o livro "Primeiras letras na cultura tremembé" foi um grande desafio. Lembraremos sempre desta experiência que, desde o início, teve por base o pensamento sobre as dificuldades que enfrentamos nas escolas tremembé, quando trabalhamos com a alfabetização de nossas crianças (curumins) e nos deparamos com a falta de material didático específico que possa refletir a cultura local. A cada passo que dávamos na direção do processo de construção do livro, parecia que esta empreitada era ainda mais emocionante e empolgante.

Passamos por momentos tocantes pelo fato de estarmos juntos e ver que nosso trabalho estava alcançando êxito, embora também enfrentássemos muitas dificuldades. Tudo isso fazia com que o grupo se unisse ainda mais. A cada letra ou palavra que escrevíamos, a cada foto que fazíamos, a cada conversa que tínhamos com nosso orientador (Albio Sales), nos animávamos ainda mais, porque sabíamos que o nosso sonho de escrever o livro para alfabetizar as nossas crianças estava se concretizando.

Neste momento de conclusão do trabalho, temos a certeza de que o livro "Primeiras letras na cultura tremembé" será de grande importância para as salas de aulas das nossas escolas, pois ele tem por objetivo tornar-se um suporte para o letramento. Nesse sentido, utiliza-se da leitura visual para proporcionar o aprendizado das letras do alfabeto com base na nossa cultura. Busca proporcionar, ao educador e ao educando tremembé, momentos que alternam a teoria e a prática.

Durante essa caminhada, amadurecemos bastante e conseguimos pôr em prática o que aprendemos durante o curso de graduação. Tivemos a oportunidade de sentir o quanto é difícil, mas prazeroso, elaborar uma proposta que pretende intervir em processos educacionais, com enfoque na cultura local.

Agora sabemos que o sonho de ter um material didático específico para as nossas escolas está mais próximo de se concretizar. Acreditamos que este trabalho irá render bons frutos nas nossas escolas. Esperamos que ele seja capaz de abrir novos caminhos e que possa contribuir com novas ações e pensamentos educacionais, e especialmente que incentive a produção de outros materiais didáticos específicos com enfoque na cultura local.

Esperamos ainda que os livros "Primeiras letras na cultura tremembé" alcancem os objetivos por nós sonhados e sejam apreciado por crianças e professores do processo de letramento do povo tremembé.

BIBLIOGRÁFIA

A questão indígena — uma luta desigual: missões, manipulação e sacerdócio acadêmico / Isaac Costa de Souza, Ronaldo Lidório [organizadores]. – Viçosa, MG: Ultimato, 2008.

PASSOS, Lucina Maria Marinho. *Cartilha Alegria de Saber.* Editora Scipione, 1995.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará. 2006. Disponível em: www.institutoiep.org.br/infoteca/livros/70.html. Acesso: data: 29 set. 2012.

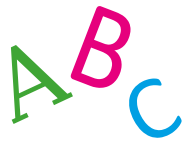
Francisco Marques do Nascimento - João Venâncio. Cacique. Entrevista concedida aos autores em 10 jun. 2012.

Maria de Jesus Sobrinho – Dijé. Agente de saúde. Entrevista concedida aos autores em 12 jul. 2012.

O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. – ed. rev. e ampl., incluindo SAEB/ Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

Seminário Patrimônio Cultural e Propriedade Intelectual: proteção do conhecimento e das expressões culturais tradicionais (2004: Belém/ PA). Disponível em http://www.cesupa.br/saibamais/nupi/seminario/apresenta.htm



PRIMEIRAS LETRAS NA CULTURA

TREMEMBÉ

(Livro do Aluno)

José Albio Moreira de Sales
(orientador)

José Getúlio dos Santos
Maria Liduína dos Santos
Maria Neide Teles Santos
Maria Vilca dos Santos

PRIMEIRAS LETRAS NA CULTURA
TREMEMBÉ

(Livro do Aluno)

APRESENTAÇÃO

Este livro foi feito para você, criança (curumim) Tremembé.

No decorrer de sua infância você irá se divertir e aprender bastante. Para que possa ampliar sua aprendizagem é necessário conhecer as letras do alfabeto e saber utilizá-las na comunicação. Para conhecer as letras, a nossa proposta é trabalhar com a diversidade Tremembé. Fazem parte dessa diversidade, uma grande quantidade de coisas, dentre elas animais, frutas, objetos e lugares.

Portanto, esperamos que este livro possibilite a aprendizagem das primeiras letras tendo por base a cultura Tremembé, para que ela permaneça sempre viva na sua memória de criança (curumim) de hoje, e de adulto que você será amanhã.

Aprecie cada letra e figura que irá construir o seu processo de leitura!

Os autores

LISTA INICIAL DAS PALAVRAS PESQUISADAS EM ORDEM ALFABÉTICA

A – araçá, ata;
B – borboleta, búzio;
C – cravo, camaleão, camarão, castanha;
D – duna;
E – escola, espiga;
F – formiga;
G – garajuba, grolado, grude, guajará, guaxinim;
H – hortelã;
I – igreja, imbira, imbuá, índia, Itarema;
J – jandaia, jangada, juá;
K – kybaba, kyçaba, kycê, kyáquera;
L – lagamar, lagarta, lagoa, lua;
M – mamona, mandioca, manfuê, mangue, maracá, moca;
N – nadar, nambú, nangô, nó, nuvem;
O – oca, olaria;
P – peba, pilão, pitomba, preá, puçá;
Q – quarenta, quenga;
R – rã, raposa, rio;
S – sal, salapa, saúna, sié, socó;
T – tejo, terra, Torém, tucum;
U – ubaia, uru, urucu;
V – vaga-lume, vara;
W – wapixana, wasaí;
X – xanana, xelé, xila, xoque;
Y – yaguara, ybyrá, ygara (palavras da língua tupi);
Z – zambeto, zamboque.

Foto: Getúlio Tremembé.

A

a

Ata

Foto: Liduína Tremembé.

B
b

Búzio

Foto: Neide Tremembé.

C

c

Caju

Foto: Liduína e Vilca Tremembé.

D

d

Duna

Foto: Liduína, Neide, Vilca e Getúlio Tremembé.

E
e

Espiga

Foto: Liduína Tremembé.

F
f

Formiga

Foto: Elardo e João Filho.

G

g

Guaxinim

Foto: Neide, Vilca, Liduína e Getúlio Tremembé.

H

h

Hortelã

Foto: Getúlio Tremembé.

I

i

Imbira

Foto: Liduína, Neide e Vilca Tremembé.

J

j

Juá

K
k

Foto: Neide, Vilca e Liduína Tremembé.

Kyçaba (rede)

Foto: Liduína Tremembé.

L

l

Lua

Foto: Neide, Liduína, Vilca e Getúlio Tremembé.

M

m

Mangue

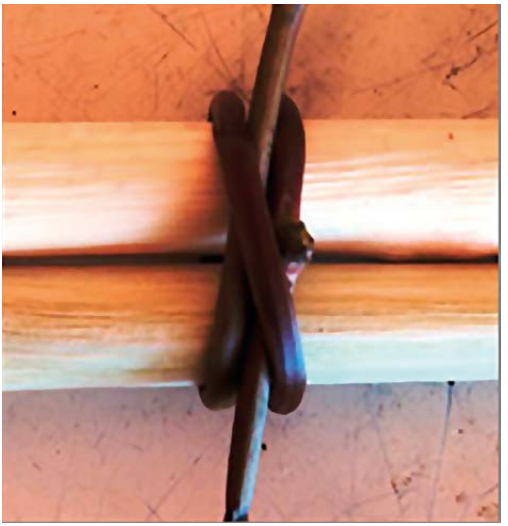


Foto: João Filho.

N

n

Nó

Foto: Getúlio Tremembé.

O

o

Olaria

Foto: Getúlio Tremembé.

P

p

Pilão

Foto: Liduína Tremembé.

Q

q

Quarenta

Fonte: Internet

R

r

Raposa

Foto: Getúlio Tremembé.

S

s

Sié

Foto: Neide e Liduína Tremembé.

T

t

Torém

Foto: Getúlio Tremembé.

U

u

Uru

Foto: Neide, Liduína, Vilca e Getúlio Tremembé.

ν

ν

Vara

Foto: Getúlio Tremembé.

Wasaí - Açaí

Foto: Neide, Liduína, Vilca e Getúlio Tremembé.

X

X

Xoque

Foto: Getúlio Tremembé.

Y

y

Ygara (canoa)

Foto: Getúlio Tremembé.

Z

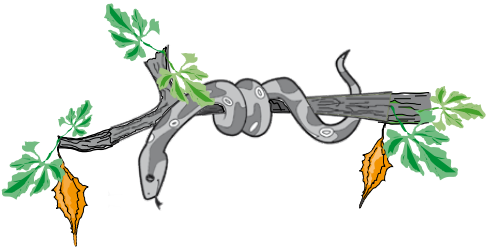
z

Zamboque

FAUNA E FLORA

TREMEMBÉ

DA REGIÃO DA MATA

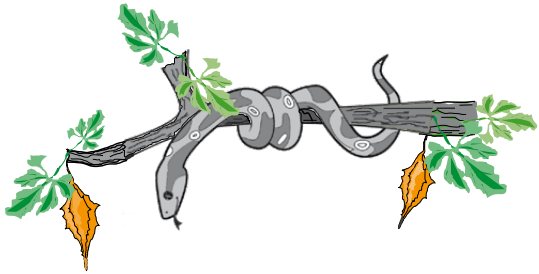


<

Gerson Augusto de Oliveira Junior
Wilson Franklin Júnior
(orientadores)

Maria Piedade dos Santos
Maria Aurilene de Holanda
Francisco Elisnaldo de Sousa

FAUNA E FLORA
TREMEMBÉ
DA REGIÃO DA MATA



AGRADECIMENTOS

Às lideranças que contribuíram dando seus depoimentos para a preparação deste livro.

Aos orientadores que nos deram apoio e acreditaram na nossa capacidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio à realização deste trabalho, através da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

Aos alunos que nos ajudaram impulsionando as pesquisas e nos concederam ilustrações para realização do trabalho, em especial a Francisco Manoel Guilherme (Fransquim), Rita Marcidiane Azevedo, Daniel Xavier dos Santos e Maria Milena Gonçalves Miranda.

À Ariane dos Santos, pelo auxílio nas ilustrações.

A Miguel Sávio de Carvalho Braga e Elisa Lombard pelas fotografias de alguns animais.

Aos familiares pela compreensão em nossas ausências nos respectivos lares.

Aos parceiros que nos incentivaram durante todo o processo.

Às pessoas da comunidade que nos acolheram nas suas casas com delicadeza e atenção.

Aos colegas do MITS que estiveram nessa caminhada conosco durante toda a trajetória.

APRESENTAÇÃO

Este livro constitui um guia que, sem a pretensão de ser completo e definitivo, tem por finalidade dar uma noção sobre as espécies vegetais e animais mais comumente encontradas na região do aldeamento Tremembé de Itarema – particularmente da Região da Mata mais a comunidade de Passagem Rasa – e que são parte importante da cultura desse povo.

O livro constitui-se de entrevistas com os mais velhos, fotografias e desenhos das plantas e animais que existiam antes e de alguns que existem ainda hoje. As ilustrações de animais foram feitas por nossos alunos, depois de explicarmos, em sala, o projeto e sua finalidade, mostrando, assim, seu potencial e os conhecimentos dos mesmos através dos desenhos expostos.

As entrevistas foram desenvolvidas com lideranças de cada comunidade que constitui a Região da Mata. Levamos em consideração o tamanho da região e os pontos de vista de cada entrevistado sobre o assunto, além dos conhecimentos das pessoas mais velhas com relação ao tema. Assim, foram entrevistados: Sabino Gonçalves Marciano, Maria Francisca Félix, Antônio Valdir de Holanda, Deusdete Cabral de Sousa, Maria Francisca Cabral de Holanda e Manuel "Maroca", da Varjota; José Reinaldo Sobrinho e Francisco Izídio dos Santos Filho, da Passagem Rasa; Estevão Henrique dos Santos, da Tapera.

Também desenvolvemos um trabalho de pesquisa via internet. Recorremos ainda ao método de observação e cons-

tatação das espécies pesquisadas, uma vez que alguns tipos de plantas e animais são conhecidos por nomes diferentes.

Com base em tudo isso, conseguimos constatar as consequências que levaram ao desaparecimento da fauna e da flora Tremembé, que tinham grande importância para esse povo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 92

2 A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS E DOS ANIMAIS PARA O POVO TREMEMBÉ..... 94

2.1 Fauna e flora nos costumes do povo Tremembé 94

2.2 Fauna e flora como fonte de sobrevivência 98

3 OS ANIMAIS E AS PLANTAS DE ANTIGAMENTE 101

4 A FAUNA E A FLORA HOJE..... 103

5 OS IMPACTOS DA EXTINÇÃO DE ALGUMAS ESPÉCIES NA VIDA DO POVO TREMEMBÉ..... 107

6 FLORA TREMEMBÉ..... 109

7 FAUNA TREMEMBÉ 159

BIBLIOGRAFIA 184

1 INTRODUÇÃO

O povo Tremembé é uma comunidade indígena situada ao norte do Ceará, mais especificamente na zona litorânea desse espaço. Sobrevive tradicionalmente da caça, da agricultura e da pesca.

O aldeamento de Almofala compreende uma faixa de 4.900 hectares, sendo subdividida em duas áreas: Região da Praia e Região da Mata, separadas pelo rio Aracatimirim. De um lado, a Região da Mata, constituída de várias comunidades: Camundongo, Varjota, Tapera, e Batedeira I e II; nas quais nos propusemos a pesquisar e registrar sobre a fauna e flora e a sua importância para essas comunidades, bem como quais os impactos sofridos pelos indígenas diante das mudanças causadas pela invasão da empresa Ducoco e os demais posseiros que chegaram a essa terra.

Do outro lado, a Região da Praia, constituída pelas comunidades de Panã, Sítio Urubu, Saquinho, Lameirão, Curral do Peixe, Mangue alto, Praia e Passagem Rasa. Apesar de a Aldeia de Passagem Rasa fazer parte da Região da Praia, nos comprometemos a pesquisar sobre a sua fauna e flora e os impactos ocorridos mediante a chegada do progresso. Ela foi escolhida para ser pesquisada, porque é a única comunidade onde ainda existe uma diversidade de plantas nativas, implicando na existência de muitos animais que residem nesse es-

paço. Dessa forma e por isso é que tentaremos mostrar todo um processo de mudança, bem como mostrar toda uma riqueza de seres existentes na natureza que nossos antepassados desfrutavam nessa região.

É importante frisar que toda essa riqueza natural foi, sem dúvida, um dos fatores que atraiu muitos posseiros para essa terra. Sem contar o fato de a terra ser muito fértil para diversos fins.

2 A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS E DOS ANIMAIS PARA O POVO TREMEMBÉ

A vida dos Tremembé sempre foi baseada em uma rotina que vinha passando de geração em geração, ou seja, as práticas dos mais velhos de buscar na natureza tudo o de que eles precisavam para sobreviverem eram repassadas para os mais novos, a fim de manterem vivo aquilo que era tradicional.

Devido a essa dependência muito acentuada da natureza, a relação dos índios com os animais e as plantas acontece de maneira bastante peculiar.

A relação dos índios com as plantas e os animais é manifestada de diversas formas, como nas experiências, curas do corpo e espírito, rezas, nas expressões do cotidiano, nos passos da dança e nas letras das músicas do torém e nas receitas caseiras; além do uso principal, os alimentos da carne dos animais e ainda o uso das plantas como outras utilidades.

2.1 FAUNA E FLORA NOS COSTUMES DO POVO TREMEMBÉ

Os índios Tremembé desfrutam de suas sabedorias adquiridas das plantas e animais para decifrar os fenômenos naturais, tendo como indicadores, por exemplo, a experiência com as formigas de asas: segundo a liderança Antônio Valdir de Holanda, de 70 anos, conhecido como Valdir, “quando aparecem muitas formigas de asas, é sinal de bom inverno e que

logo logo irá chover. E ainda, quando os porcos e o gado escaramuçam, ou quando o pau-ferro floresce cedo estão indicando um inverno cedo e bastante intenso".

Outro aspecto que demonstra a relação entre o povo Tremembé com os animais e as plantas são as expressões do cotidiano, uma vez que essas, às vezes, são advindas da tentativa de imitações das vozes de animais e da apropriação de vocábulos de plantas utilizados como expressões no dia a dia que estabelecem significados diferentes, dependendo do contexto de uso. Para ilustrar tal afirmação vejamos o que diz a liderança Valdir: "botar o bode de cu pro chiqueiro", significa passar por um perrengue, por uma situação difícil, de aperto. A expressão "cara de vaca espaça" quer dizer cara grande e que não tem vergonha.

A música "Ô Jandê", cantada e dançada no ritual Torém, é a tentativa de imitação do canto do pássaro jandaia. Além dessa música citada, há outras composições atuais como; "Tremembé do Igarapé" e "Tava sentado na pedra", entre outras, que retratam essa relação. Vale lembrar que atualmente muitas músicas são compostas a partir do trabalho dos docentes nas escolas com os alunos. É o exemplo de "Vamos tirar o caju". Outra ilustração é o uso do nome da planta "coaçu", em caracterização de nome de sala de aula. Isso se torna prática dentro do aldeamento Tremembé.

Os passos da prática do Torém emitem uma imitação das andanças e vivências dos animais locais, como a briga dos guaxinins, o bote da cobra caninana e o salto da tainha, entre outros. No primeiro exemplo, os participantes da dança ensaiam dois guaxinins brigando por defesa de território. No segundo, a música retrata o salto do animal na tentativa de atingir algo almejado. E, no terceiro, é propagada uma vivência de pesca, onde os torenzeiros tentam imitar, com o canto, o salto de um peixe do lagamar, a tainha, a qual salta para fugir mais rápido do predador, no caso, o pescador.

Na verificação das músicas do Torém, ritual sagrado dos Tremembé, pode-se constatar também essa relação do povo

com a natureza. O Torém é dançado em forma circular, acompanhado pela batida do maracá e das vozes dos dançarinos presentes, além de outros instrumentos. O maracá é um instrumento feito de coco raspado, furado e colocado dentro dele sementes que, ao balançar, emite um som melódico propício à dança do Torém. Hoje há poucas pessoas com habilidades de fazer o maracá, entre elas, podemos citar a liderança Zé Biinha e o Pajé Luiz Caboclo.

As músicas desse povo, de maneira geral, apontam que as plantas eram bases de sobrevivência dos nativos dessa região, pois esse sempre usou a flora como fonte inspiradora para sua composição, remetendo à importância dessa flora para a população. Assim, essa relação de sobrevivência é uma dependência do povo para com as plantas, implicando no fato de que a flora, assim como a fauna, é de suma importância para o povo Tremembé, pois dela os nativos sempre tiraram o de que precisavam para a sobrevivência.

Além disso, as plantas eram usadas como personagens na criação de histórias que traziam ensinamentos para as futuras gerações. Para ilustrar essa afirmação, vejamos o relato de uma história, que conta que um pescador, em uma de suas pescarias à noite, deu de cara com uma assombração e, nesse ato, ao jogar a tarrafa no meio do lagamar, o que lanceou foi uma moita de mufumbeiro. Naquele momento, o pescador deixou sua tarrafa, saiu correndo e foi embora. No outro dia, quando retornou ao local com um amigo, não encontrou mais nada. Assim ele disse que o mufumbeiro era uma visagem, uma assombração, que estava ali para avisar que não podia pescar naquele local.

No que diz respeito às plantas, a relação entre elas e o povo é bastante íntima, pois os Tremembé também se utilizam delas de diversas maneiras no cotidiano, seja como fonte de alimento, uso apenas do nome, seja como serventia na construção de objetos artesanais do dia a dia. Existem algumas que são usadas como remédios, outras como instrumentos de curas, outras como apoio de encontros, enfim elas

possuem diversas serventias: a malva, que é utilizada para fazer remédios visando tratar doenças, o mangue como instrumento para fazer cabo de enxada, foice, etc. O cajueiro, para diversos fins; um deles, formar chaprão de prensa em uma casa de farinha. O chaprão é um instrumento feito de madeira usado para prensar a massa da mandioca, no processo de enxugar para torná-la farinha. Outro fim do cajueiro é o fornecimento do caju, com o qual é feito o mocororó, que é um líquido espremido do caju azedo, coado, fermentado e, depois de um tempo, pronto para beber. O mesmo é usado no ritual sagrado do Torém. Além disso, há outras plantas que servem apenas de enfeite nos lares das pessoas. E também, como já foi citado, existem aquelas que são usadas em rezas para os precisados: o pião-roxo, o pião-brabo, a vassourinha e a manjerioba.

Sabino Gonçalves Marciano de 76 anos, liderança da Varjota, diz que a reza é para as defesas do corpo ou do espírito ao deitar e ao levantar, para vivermos em paz. Já a cura é diferente porque as palavras mudam, ou seja, são rezas com poderes diferentes, pois as demandas que se encostam nas pessoas, muitas delas, são sujas, e têm o coração mau, por isso as palavras são mais fortes. Diz ainda que algumas plantas são usadas exclusivamente para cada tipo de reza. Exemplos disso são o pião-roxo e a vassourinha, que são usados para se rezar de quebrante, mau olhado e outras. Já o pião-brabo é usado para afastar demônios, pois o mesmo serve para rezar e curar. Salienta ainda que uma reza tem que ser ímpar.

Existem pessoas que rezam e curam ao mesmo tempo, e outras que só rezam ou só curam. Segundo dona Lucrécia, a macumba é para fazer coisas ruins, botar feitiço, já a cura é para retirar as coisas ruins que perturbam alguém. Ela afirma que apenas cura e que isso só acontece com ajuda dos Encantados. Diz ainda que sem invocar os Encantados ela não sabe de nada, ou seja, por si só, ela não realiza nenhum tipo de cura, nem tampouco, reza, mas que basta invocar seus mestres

e consegue tudo isso, ou seja, tanto reza como cura. Assim são os Encantados que usam seu corpo para realizarem seus atos.

2.2 FAUNA E FLORA COMO FONTE DE SOBREVIVÊNCIA

O povo Tremembé sobrevivia basicamente da caça, da pesca e da coleta de frutas, sementes e raízes. A caça ocorria com menos intensidade do que as outras fontes, devido à adaptação com a zona litorânea. Mas, mesmo assim, esse povo desfrutava das riquezas que suas matas lhe ofereciam, pois naquela época existia uma diversidade de animais e outras fontes de sustento. Devido a essa abundância de seres existentes na mata, no lagamar, nas lagoas e de frutas e sementes, a sobrevivência se dava de maneira simples, pois a quantidade e a diversidade favorecia a busca de alimentos.

O viver cotidiano dos Tremembé se dava repentinamente em caçar e coletar no período das cheias, época em que ficavam escassos os alimentos advindos do rio. Assim, as famílias migravam para o alto das matas e, quando baixavam as águas, voltavam para a zona litorânea, retornando à prática da pesca com mais intensidade.

No período em que se intensificava a coleta de frutas, sementes e raízes, essas famílias coletavam para suas refeições mais simples e mais leves, como se chamam hoje de merendas, e caçavam animais para as refeições mais pesadas, é o que chamamos hoje de almoço e janta. Geralmente, os homens caçavam, e as mulheres coletavam frutos para que ambos pudessem sustentar suas famílias e assim saciar o sabor das espécies.

É bom frisar que o povo Tremembé não perdeu totalmente esses costumes, apenas estes se tornaram menos frequentes devido ao desmatamento que houve dentro da área Tremembé. Com isso, algumas espécies desapareceram, e o povo teve que se habituar a novos costumes, que permanecem até os dias de hoje.

Essa sobrevivência dos Tremembé, com base na fauna e na flora locais, mostra uma relação de intimidade entre os personagens citados no processo, pois esses mantinham dependência sem se destruírem, de forma que havia uma harmonia entre os mesmos. Apesar da consciência da morte por parte dos animais, os nativos não imaginavam o desaparecimento de sua alimentação, pois havia muitas espécies e em grandes quantidades e, ainda, pelo fato de que se caçava apenas para o consumo diário, sem o pensamento do acúmulo de alimentos para o próximo dia. Dessa forma, as caçadas eram algo natural e necessário para o ato de saciar a fome das pessoas.

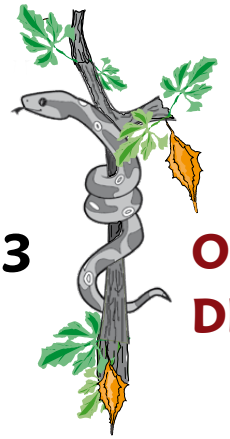
No que diz respeito à fauna, os índios tinham nela a base de apoio de resistência física, vinda dos alimentos, ou seja, entendiam que os alimentos propiciam a energia suficiente para os seres manterem-se vivos, o consumo da carne desses seres fazia com que isso ocorresse. Tinham também a fauna como base espiritual, uma vez que os nossos antepassados usavam estes como espelhos de resistência para as ações nas lutas e nos combates contra os invasores que adentravam em seus espaços, e como uso dos restos mortais de animais, como o chifre do boi e o couro do guaxinim para fazerem curas, rezas e espantarem sentimentos e/ou energias negativas que, porventura, viessem se encostar às suas moradias.

Além de tudo isso, os índios sempre utilizavam os animais como ponto de partida para criarem suas histórias, provérbios e repassarem seus ensinamentos para as futuras gerações, na tentativa de deixar um aprendizado para seus sucessores diante da dura realidade, que era a vida; remetendo, assim, à ideia da importância desses seres, os animais, para a população não só como fonte de sobrevivência no que diz respeito à alimentação, mas também como fonte de legado para o enfrentamento das batalhas ao longo da vida.

Ao referir-se à flora, essa relação de sobrevivência também era bastante acentuada, uma vez que a população sempre usou das plantas nativas para os mais diversos fins precisos em sua vida. Seja direta ou indiretamente. O que fica

claro é que havia uma verdadeira dependência da flora local. Ou seja, as comunidades sempre sobreviveram do que as matas ofereciam. Essa alimentação era advinda da busca de sementes, frutos e raízes das plantas para o consumo.

Tudo isso pode ser constatado através dos relatos dos antigos moradores. Segundo as lideranças José Reinaldo Sobrinho e Francisco Izídio dos Santos Filho, a natureza era o único meio de as famílias sobreviverem, pois dela tiravam tudo o de que precisavam para a alimentação, vestes e curas, uma vez que não existiam outras fontes pra buscarem aquilo de que se necessitava. Segundo ainda essas lideranças, quando faziam seus roçados, plantavam pés de algodoeiros nos aceiros e, deles, se tirava o algodão e se faziam as roupas e redes de dormir. E como não havia medicina convencional, eles usavam as plantas e utilizavam seus conhecimentos para as curas e rezas.



3 OS ANIMAIS E AS PLANTAS DE ANTIGAMENTE

Antigamente, a área Tremembé era bem ampla, constituída por plantas e animais de todas as espécies e chamava atenção das pessoas devido à beleza das plantas, o canto dos pássaros e toda a abundância de seres vivos propícios ao espaço, relacionando-se de forma peculiar, o que enchia os olhos da população residente e dos que visitavam o local.

A vida dos animais nessa área era o que se poderia imaginar e designar de paraíso, pois, além dessa imensidão de seres existentes, se podia deparar com as maravilhas que a natureza oferecia. A exuberância dos córregos e lagoas vinha acompanhada de seres que ditavam o ritmo da vida natural e dos nativos que a cercavam.

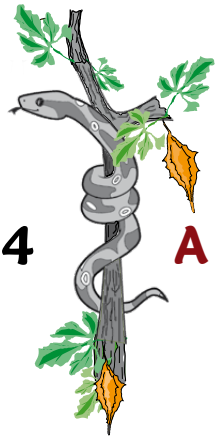
É de se imaginar o vai e vem de pássaros como o socó-boi, o carão, a lavandera, entre outros, no emaranhado de plantas propiciando uma vida tranquila. Plantas como o juazeiro, milome, catingueira, que emitiam cheiros que atraiam cada vez mais as aves e os animais como o tatu, a cutia, a onça, o gato-do-mato; e outra diversidade de animais que buscavam sombras e refúgios das plantas. Eles se alimentavam de sementes, além de utilizarem os locais para tocaias para, por exemplo, esperar suas presas embaixo das árvores para atacá-las e devorá-las.

É de se pensar no sobe e desce dos punarés e soins nas copas das árvores e nos emaranhados dos mufumbeiros, pousando, saltando e soltando ruídos, como se fossem verdadeiras modelos das passarelas da vida. E ainda, é de esse encher a boca d'água ao se lembrar das caçadas por entre as veredas e dos prados com os guaxinins, tejus e camaleões, na tentativa de pegá-los para saborear suas carnes, juntamente com seus familiares.

Essa diversidade de animais cantando, andando e saltando dentro da mata fazia a vida ser mais serena e cheia de graça, pois se vivia mais em harmonia com as plantas e se caçava, pescava e se coletava apenas o bastante para as refeições daquele dia. Assim, no outro dia, era uma nova batalha pela sobrevivência, sem degradar a vegetação.

A complexidade de uma vegetação permeada de outros diferentes recursos naturais propicia a interação da população com o meio de forma que se pode tirar aquilo de que se precisa sem destruir os demais seres vivos. Isso acontecia antigamente de maneira natural, pois o homem, enquanto integrante desse meio natural, sobrevivia de maneira simples, respeitando o espaço e a vida dos outros seres e tinha fartura ao seu redor, no que diz respeito à quantidade de espécies de animais e plantas que lhe favorecia uma busca do essencial sem agredir a natureza.

Segundo a liderança Seu Estevão Henrique dos Santos, da localidade de Tapera, antigamente, existia abrigo para os animais. As lagoas eram soltas, e tudo era livre. Assim os animais podiam viver à vontade, tanto os que moravam na mata como os criados em casa. Porém, com a chegada da empresa "Ducoco", tudo mudou e ficou mais difícil, pois as plantas foram desmatadas e as lagoas cercadas, acabando assim com os animais dessa região. Seu Estevão cita algumas plantas que existiam antigamente, como a tatajubeira, o juazeiro, o cardeiro, a imburana, o cajuí, a chanana, a santamaría (também conhecida como caninana), o mufumbo-branco, mirindiba, a ubaia, a ameixeira, o muricizeiro, a guabirabeira e outras, que



4 A FAUNA E A FLORA HOJE

Hoje a Região da Mata dispõe de uma diversidade de plantas não nativas, sendo uma grande parte de frutíferas e outras que servem apenas para propiciar sombras e decoração dos lares; mesmo assim, as pessoas ainda desfrutam de sua beleza e, na maioria das vezes, se deliciam com frutos e se encontram com o desabrochar das flores, que deixam seus aromas neste espaço.

Com o aumento da população e a necessidade de cercar grande parte dos espaços, não há mais vegetação suficiente para as pessoas coletarem seus frutos e fazerem suas caçadas.

Das plantas que foram muito importantes para nós, muitas já praticamente não existem mais, como mapirunga, mancunã-de-raiz, mandacaru, sogo, melancia-da-praia, caninana (santa-maria), mirindiba; e outras estão em extinção, das quais podemos citar a tatajubeira, a imburana, a chanana, a mancunã-de-caroço, o carrasco, a murta, canapum, bosta-de-calango, maria-pretinha, melão-caetano, marmeleiro, acende-candeia, croatá, moxó e rabo-de-tatu.

Hoje se pode relatar com convicção que alguns animais já não existem mais em nossa área. Por exemplo, o caititu, o jacu, a onça vermelha, a cutia, o zambelê, o tatu, a paca, o mambira, o turututu, siricora, juriti, nambu, a pecapara, maracanã, socó-tamatião, socó-boi, galinha d'água, papa-arroz,

sol, tabaco, mergulhão, gaivota, garça-colhereira, garça-parda, jandaia, veado.

Duas lideranças que se destacam como antigos caçadores são o Tio Mané Maroca e o Tio Dete (Deusdete), ambos da Varjota.

O Tio Mané Maroca disse que

> Das plantas e animais que existiam antes pode-se citar a mapirunga, tatajuba, maracujá-do-mato, araçá-do-mato, melancia-da-praia, canapum, goiabinha, puçá, jenipapo, panã, araticum, jatobá, canela, massaranduba, ubaia, mandacaru, sogo, croatar, veado, tatu, mambira, preá, punaré, juriti, galça culelera, maracanã, galça-parda, periquito, marreca, socó-tamatião, socó-boi, tatu, papa-arroz, sol, tabaco, onça-vermelha, porco do mato, marguião, jacu, cutia, tejo, garjota, maria tataca, mucunã de raiz, cipó vermelho.... O desaparecimento desses animais se deu por causa do desmatamento e por causa do aumento do povo. Em minha época a gente comia muitos passarinhos, matava de baladeira, pegava de arapuca, e matava as outras caças de besta, arpão. Depois da caça, chegava e colocava logo na água timbra [água e sal - sem tempero] para comer.

O Tio Dete conta que "aqui na Varjota, quando o finado Trajano chegou, do corgo do bebedor pra baxo até chegar na beira do lagamar era só um capão de cajueiro. E tinha muita manipeba, mas ninguém sabe quem *prantou*". Fala ainda que

> O Sr. Raimundo Caboco e o Mané Alonso ia numa rareda e perto do corgo, lá num tronco de jucazeiro, quando lai rem uma muier, e um trosseu e outro ficou na urela da rareda...e a muier rei e passou e era uma muier que ele nunca tinha risto. E ele dixe quem é rocê? Ela dixe eu sou daqui das varjota. - E aí adonde era que você morarra? – "Eu morarra aqui. Eu me mudei daqui nos três oitos" [1888] [respondeu ela].

Ele comenta que

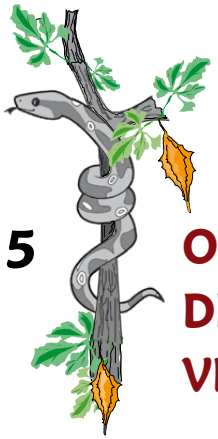
essa cajueirada, que tinha, talvez, era essa muier que tinha prantado e que passou aqui agora, certamente visitando o local de sua antiga morada. Ela ainda rerre por aí, não foi simbora daí não. Na antiga morada do finado Caboco, onde passarra a estrada para o Corgo das Moças, a negada tarram quando aí rem cunrersando, eles ficarram isperando e, cadê, ninguém!? Era o pessoal trerressando na estrada pra lá... e descendo... que ali era uma istrada arrial tombem..." Ela foi questionada que era ela e ela respondeu que era desse lugar das Varjota [essa mulher era uma visagem, um espírito dos antepassados].

Ele continua:

Por bem, hoje, a mapirunga não existe mais, né? A goiabinha também não existe, ubaia é muito pouco. Puçá ainda existe, mas também é muito pouco. Tudo diminuiu, e algumas num tem é de jeito ninhum. Já acabaro tudo. Os animais que eu conheci, o riado, o preiá, culelera, marreca, socó-tamatião, gairrota, sol, tabaco, perquito... Aqui existia a onça rermea, a galça culelera tinha demais, aqui no lagamar quaiarra, quaiarra, quaiarra, aí era uma coisa bunita! Negada, tinha caça de mais aqui. Eu, tinha rez que eu ia pescar e nem fazia jeito de pegar nada, pa pegá minha baladera e entrá neche capão de mato aí, qui aí era um capão de matu, e entrarra neche capão aí e quando saía do lado de riba, a troxa de passarim era assim [fazia um desenho gestual com as mãos tentando mostrar a quantidade de pássaros que matava] qui eu trazia pra nóis cumê... ninguém num pode nem arraliá, macho... matarra e era de baladera! Era passo de todo jeito, macho, arrimaria! Eches animais acabaro. Eu quero dizer qui foi por tudo: premeramente, porque distruíro os mato, aí os bicho rão ficá onde, né? Depois, o rumo de gente também cresceu e de qualquer manera inrade tudo. Patrarmente era uma preasada danada, a gente ria no terrero.... cadê os mato!? E além do mato, o porro [quer dizer que o número de pessoas no local aumentou]. Antigamente a gente matarra era de baladera, eu era perfessional...

Das espécies de animais que ainda restam hoje, em pequena escala, podemos citar o guaxinim, gato-do-mato, tijubina, preá, punaré, cassaco, camaleão, tejo, peba, soim, entre outros, os pássaros como nambu, coruja, lavandeira, juriti, socó, marreca, jaçanã, carão, coruja.

Vale lembrar que há uma preocupação das comunidades com o futuro dessas espécies uma vez que, com o aumento da população, implicando no desmatamento e na diminuição dos espaços naturais, a tendência é mais espécies desaparecerem. Dessa forma, é que se pensa na prática de registrar, das mais diversas formas, as espécies existentes, para que se possa repassar às futuras gerações, possibilitando o conhecimento desses animais que existiam nessa área.



5 OS IMPACTOS DA EXTINÇÃO DE ALGUMAS ESPÉCIES NA VIDA DO POVO TREMEMBÉ

Alguns anos atrás, a área Tremembé, mais especificamente na Região da Mata, era muito rica em todas as espécies, facilitando assim a reprodução dos animais e a multiplicação dos frutos.

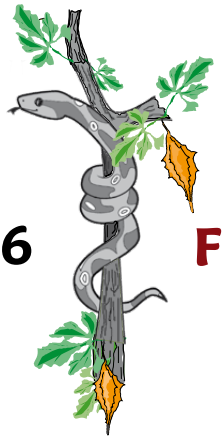
Com o passar do tempo, as espécies foram diminuindo devido à invasão da empresa Ducoco e ao aumento da população; com isso, grande parte da vegetação foi substituída por outros tipos de plantas, causando assim a morte de alguns animais e o desaparecimento de outros.

No processo de povoação dessa região muitas mudanças ocorreram, como, por exemplo, os hábitos dos nossos mais velhos, as fontes alimentícias e os espaços de viverem e se deslocarem dentro do próprio espaço. As pessoas mais velhas tinham o hábito de observarem as andanças e vivências dos animais e delas tirarem como base para construção de suas formas de viver, cantar e dançar. Na vivência, os Tremembé sempre se basearam nos animais para repassarem seus ensinamentos para os mais novos, usando as práticas como experiências e o comportamento desses animais para alcançarem seus objetivos e sobreviverem na vida, e isso era repassado para as futuras gerações para ser seguido. No ato de cantar, eles usavam as mais diversas espécies como fonte inspiradora para construírem suas músicas e o canto dos pássaros

para tentarem reproduzir dentro do Torém. Na dança, imitavam as andanças dos seres selvagens, suas brigas e fugas das presas dentro da natureza.

Outro impacto, resultante do aumento populacional e utilização da terra, foram a poluição orgânica, implicada pelos restos de materiais das mais diversas formas. Essa poluição veio a resultar no afastamento de algumas espécies de animais, uma vez que estes não se adaptaram aos lixos produzidos pelo homem. As condições de vida impostas aos animais por todo esse processo, a de que se era preciso viver junto aos diversos tipos de lixos, a de se viver em um espaço bastante reduzido e a de que tinha de se viver junto dos homens, favoreceu outra mudança na vida das pessoas, a de que era preciso abdicar das práticas cotidianas e partir para a busca de outras fontes de sobrevivência.

Com isso, as pessoas diminuíram suas práticas de caçarem os animais para comerem. A atividade de pesca nas lagoas também diminuiu, e os caminhos por onde as pessoas passeavam, passavam para pescarem, trabalharem e caçarem, foram cercados ou foram feitas construções nesses locais, impedindo o deslocamento, a liberdade do ir e vir. Mas para não perderem seus costumes, alguns Tremembé adotaram e vêm adotando práticas que, às vezes despertam reflexões sobre as mesmas. Essas práticas consistem em retirar algumas espécies ainda existentes nessa região e cuidar dos mesmos em casa, tendo-os como animais de estimação e comestíveis.



6 FLORA TREMEMBÉ

Várias espécies da flora local estão aqui representadas por meio de fotografias, acompanhadas de informações sobre as plantas e sua utilização na cultura Tremembé.

As plantas estão organizadas por ordem alfabética dos nomes populares. Seguindo os nomes populares, estão os nomes científicos (destacados em itálico) e os respectivos autores (pesquisadores que descreveram as espécies para a ciência). Os nomes científicos seguidos de "sp." se referem a espécies que não puderam ser identificadas.

Os nomes científicos são como nomes de registro, ou de batismo, enquanto que os nomes populares são como apelidos ou o nome como são mais conhecidos. Os nomes populares variam muito de um local a outro, podendo duas plantas diferentes terem o mesmo nome, ou vários nomes serem utilizados para a mesma planta. Já o nome científico não varia e é o modo como uma planta, com todas as suas características, é "registrada" oficialmente.

ACENDE-CANDEIA

Plathymenia reticulata (Benth.)

Família: Fabaceae.

Utilização: os antigos diziam que, no final dos tempos, vinham três dias de escuro, e a única coisa que acendia era um tição de acende-candeia da fogueira de São João. A lenha é bastante utilizada para fogo.

Fotografia: acervo dos autores.

ALGODÃO

Gossypium sp.

Família: Malvaceae.

Utilização: o caroço serve para o "ramo", o sumo da folha para frieira, e a raiz serve para lavar ferimentos, livrando-os de inflamação.

Fotografia: acervo dos autores.

ALMESCA

Protium heptaphyllum (Aubl.) March.

Família: Burseraceae.

Utilização: a resina é usada na fabricação de defumante para afastar espíritos ruins, mau olhado e energias negativas.

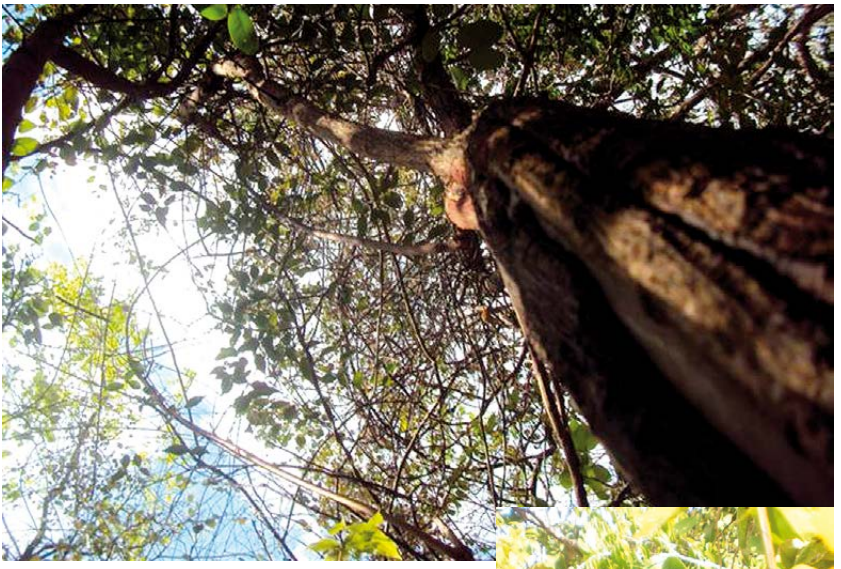
Fotografia: acervo dos autores.

AMEIXEIRA

Ximenia americana (L.)

Família: Ximeniaceae.

Utilização: o cozinhado da casca dessa planta serve para inflamação. O fruto serve de alimento.



Fotografias: (acima), alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota; (abaixo) acervo dos autores.

ARAÇÁ-DO-MATO

Psidium guineense (Sw.)

Família: Myrtaceae.

Utilização: faz-se o suco, e se ingere a fruta.

Fotografia: acervo dos autores.

ARATICUM

Annona spp.

Família: Annonaceae.

Utilização: serve para comer.

Fotografia: acervo dos autores.

BATIPUTÁ

Ouratea sp.

Família: Ochnaceae.

Utilização: o óleo serve para dor de reumatismo e era utilizado na fritura de alimentos. Era usado ainda pelos nossos antepassados, como combustível em lamparinas para se iluminar.

Fotografias: acervo dos autores.

CAJUEIRO

Anacardium occidentale (L.)

Família: Anacardiaceae.

Utilização: sua lenha é usada para queimar no forno quando se faz farinha de mandioca. Seu caule é utilizado para o feitio de chaprão para se colocar na prensa. Já o seu fruto, quando azedo, serve para produzir o mocororó, bebida sagrada dentro do ritual dos Tremembé.

Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

CAJUÍ

Anacardium humile (A.) St.-Hil.

Família: Anacardiaceae.

Utilização: a casca dessa árvore, de molho, serve para inflamação.

Fotografia: acervo dos autores.

CANAPUM

Cardiospermum corindum (L.)

Família: Sapindaceae.

Utilização: o chá da raiz serve para inchaço e dor nos rins.

Fotografia: alunos do 3º ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

CANINANA

Chiococca alba (L.) Hitchc.

Família: Rubiaceae.

Utilização: o chá da raiz serve para menstruação atrasada.

Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

CARAÚBA

Jacaranda copaia (D.) Don

Família: Bignoniaceae.

Utilização: a madeira é usada como estacas.

Fotografia: acervo dos autores.

CARDEIRO

Pilosocereus catingicola (Gürke) Byles & G. D. Rowley

Família: Cactaceae.

Utilização: o espinho é usado como instrumento no feitio da renda. O miolo serve de alimento para os animais.

Fotografia: acervo dos autores.

CARNAÚBA

Copernicia prunifera (Mill.) H. E. Moore

Família: Arecaceae.

Utilização: a palha nova é usada no feitio de artesanato. O fruto é comestível. O caule e as palhas são usados em cobertas de casas, e suas raízes para fazer garrafadas para afinar o sangue.

Fotografia: acervo dos autores.

CATINGUEIRA

Poincianella bracteosa (Tul.) L. P. Queiroz

Família: Fabaceae.

Utilização: o chá da flor serve para diarreia.

Fotografias: acervo dos autores.

CHANANA

Turnera ulmifolia L.

Família: Passifloraceae.

Utilização: o sumo da folha pisada serve para frieira e próstata.

Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

COAÇU

Coccoloba latifolia Lam.

Família: Polygonaceae.

Utilização: a baba é usada para desmentidura.
O fruto é comestível.

Fotografias: acervo dos autores.

COQUEIRO

Cocos nucifera L.

Família: Arecaceae.

Utilização: o “olho” do coco verde serve para diarreia. A carne é utilizada para temperar. Já o azeite feito do coco se utiliza em feridas. A “quenga” do coco é utilizada para fazer os maracás, instrumentos usados nas danças.

Fotografias: acervo dos autores.

CROATÁ

Bromelia auriculata L. B. Sm.

Família: Bromeliaceae.

U**tilização**: seu fruto é comestível. Além disso, o pelo da palma serve para queimadura.

Fotografias: acervo dos autores.

GENIPAPO

Genipa americana L.

Família: Rubiaceae.

Utilização: Faz-se, a partir da raspa dele, misturado com outras substâncias, um líquido usado na pintura corporal. Usada nos momentos festivos do movimento Tremembé.

Fotografia: acervo dos autores.

GOIABINHA

Psidium guajava L.

Família: Myrtaceae.

Utilização: o chá das folhas novas é útil para diarreia, e os frutos são comestíveis.

Fotografia: acervo dos autores.

GUABIRABA

Campomanesia aromatica (Aubl.) Griseb.

Família: Myrtaceae.

Utilização: o cozinhado da folha da guabiraba serve para inchação.

Fotografias: acervo dos autores.

GUAJIRU

Chrysobalanus icaco L.

Família: Chrysobalanaceae.

Utilização: serve como alimento.

Fotografias: acervo dos autores.

IMBURANA-DE-ESPINHO

Commiphora leptophloeos (Mart.) J. B. Gillett

Família: Burseraceae.

Utilização: usada como estacas, lenha.

Fotografias: acervo dos autores.

JATOBÁ

Hymenaea courbaril L.

Família: Fabaceae.

Utilização: da raspa dele, faz-se o mel para curar a gripe. Seu fruto serve como alimento.

Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

JUAZEIRO

Ziziphus joazeiro Martius

Família: Rhamnaceae.

Utilização: a raspa serve para limpeza dos dentes e corpo em geral.

Fotografias: acervo dos autores.

MALVA-SANTA

Plectranthus barbatus Andr.

Família: Lamiaceae.

Utilização: o sumo desta planta serve para inflamação uterina. E o lambedor é usado para gripe.

Fotografia: acervo dos autores.

MANGUE-DE-BOTÃO

Conocarpus erectus L.

Família: Combretaceae.

Utilização: como estacas nas construções de cercas, etc. Serve como moradia para os crustáceos.

Fotografias: acervo dos autores.

MANGUE-VERMELHO

Rhizophora mangle L.

Família: Rhizophoraceae.

Utilização: seu caule é usado na construção de casas e chiqueiros, como cabos de enxadas, foices.

Fotografia: Wilson Franklin Jr.

MANJERIOBA

Senna occidentalis (L.) Link

Família: Fabaceae.

Utilização: sua folha é usada no momento da reza. A semente é utilizada na fabricação do colar. Já a raiz serve para uso de limpeza do útero.

Fotografias: acervo dos autores.

MARACUJÁ-DO-MATO

Passiflora cincinnata Mast.

Família: Passifloraceae.

Utilização: usado para comer.

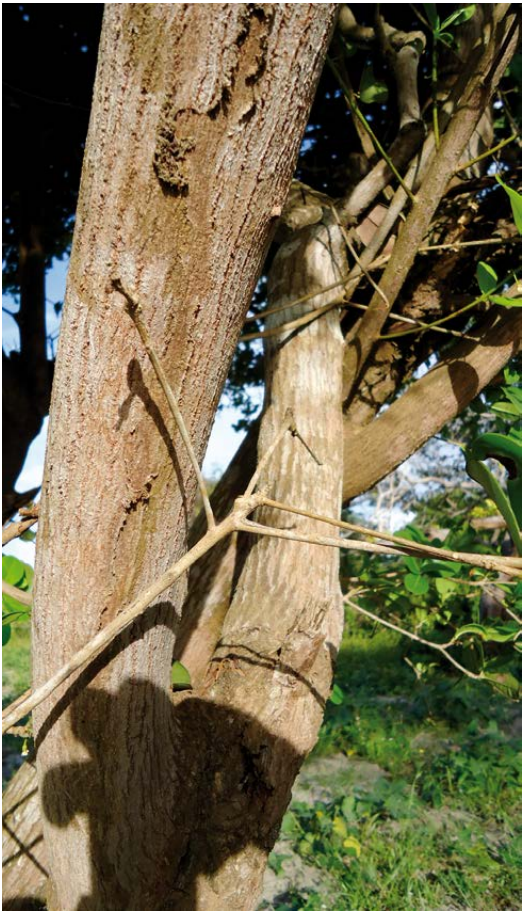
Fotografias: acervo dos autores.

MASSARANDUBA

Manilkara trifora (Allemão) Monach.

Família: Sapotaceae.

Utilização: o fruto é comestível, e o caule é usado nas construções.



Fotografias: acervo dos autores.

MELANCIA-DA-PRAIA

Solanum capsicoides All.

Família: Solanaceae.

Utilização: utilizamos como alimento.

Fotografia: acervo dos autores.

MELÃO-CAETANO

Momordica charantia L.

Família: Cucurbitaceae.

Utilização: a rama serve para doença de olho. E a semente é alimento dos pássaros.

Fotografias: acervo dos autores.

MUCUNÃ-DE-CAROÇO

Dioclea spp.

Família: Fabaceae.

Utilização: os mais velhos, quando iam caçar, usavam a água de seu caule para matar sua sede. Seu caroço serve para atirar e é usado nas brincadeiras.

Fotografias: acervo dos autores.

MUFUMBO-BRANCO

Combretum leprosum Mart.

Família: Combretaceae.

Utilização: o chá da raiz serve para diarreia e para afinar o sangue.

Fotografia: acervo dos autores.

MURICI

Byrsonima crassifolia (L.) Kunth

Família: Malpighiaceae.

Utilização: o chá da casca do muricizeiro serve para diabete. O fruto serve de alimento.

Fotografias: acervo dos autores.

MURTA

Eugenia punicifolia (Kunth) DC.

Família: Myrtaceae.

Utilização: seu fruto serve como alimento.

Fotografias: acervo dos autores.

PANÃ

Annona glabra L.

Família: Annonacea.

Utilização: a fruta é comestível.

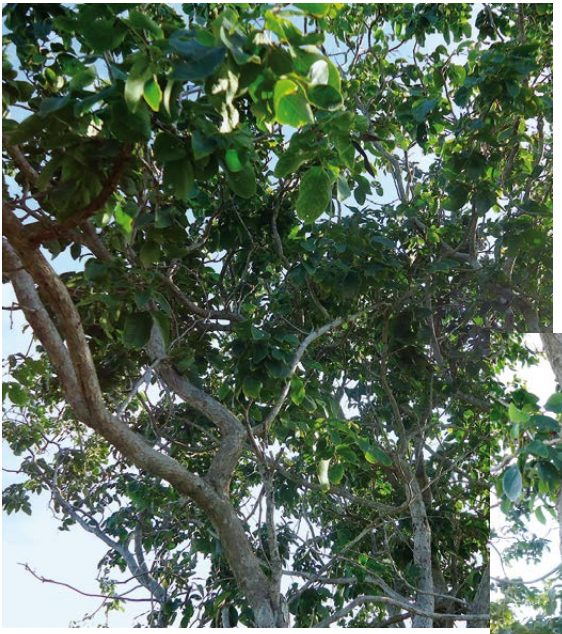
Fotografias: acervo dos autores.

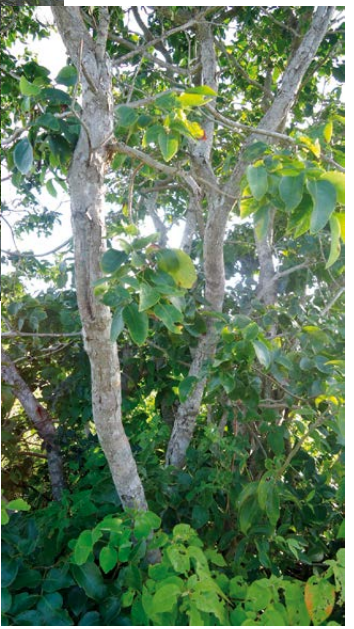
PAU-FERRO

Libidibia ferrea (Mart. ex Tull.) L. P. Queiroz

Família: Fabaceae.

Utilização: esta planta é usada como base nas experiências de inverno. Sua casca e bajem têm serventia na cura de peito aberto.





Fotografias: acervo dos autores.

PIÃO-BRABO

Jatropha mollissima (Pohl) Ball.

Família: Euphorbiaceae.

Utilização: sua folha é usada para afastar demônios, cura e rezar. O leite serve para desmentidura, curar mal de galinha e asma (antigo “puxado”).

Fotografia: acervo dos autores.

PIÃO-ROXO

Jatropha gossypiifolia L.

Família: Euphorbiaceae.

Utilização: recomendada plantar em frente às moradas para afastar mau olhado, inveja. A folha é usada em reza.

Fotografia: acervo dos autores.

PODARQUE (PAU-D'ARCO)

Tabebuia spp.

Família: Bignoniaceae.

Utilização: a casca, de molho ou mastigada, serve para dor. A madeira é usada como estaca e para fazer o "varão da prensa" nas farinhadas.

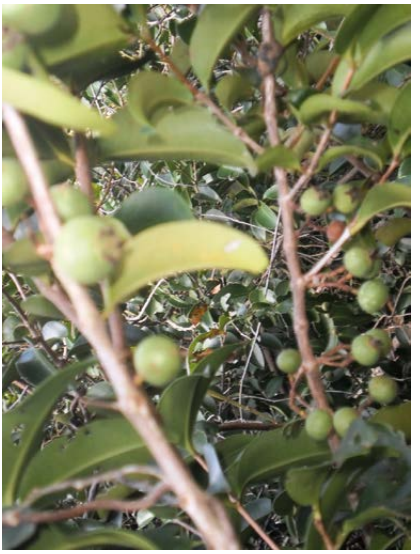
Fotografias: (acima) acervo dos autores; (abaixo) Wilson Franklin Jr.

PUÇÁ

Mouriri cearensis Huber

Família: Melastomatacae.

Utilização: é alimento tanto dos humanos quanto dos pássaros. O fruto, quando ainda verde, sendo pisado, serve para diarreia.



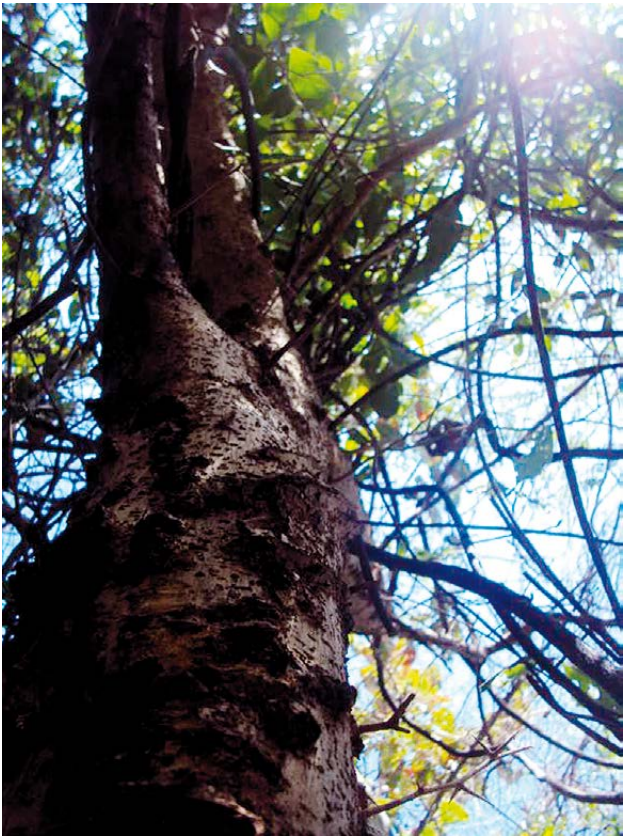
Fotografias: acervo dos autores.

TATAJUBA

Maclura tinctoria (L.) D. Don ex Steud.

Família: Moraceae.

Utilização: usada para comer. Os índios mais velhos faziam pirão da fruta, servindo como farinha na mistura com o peixe.



Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

TORÉM

Cecropia pachystachya Trécul

Família: Urticaceae.

Utilização: o chá serve para doenças no fígado e inchação no corpo. Essa planta inspirou o nome da principal dança dos Tremembé, o Torém. Isso porque antigamente a dança era feita debaixo dos pés de torém.

Fotografia: acervo dos autores.

UBAIA

Eugenia luschnathiana (O. Berg) Klotzsch ex B. D. Jacks

Família: Myrtaceae.

Utilização: seu fruto é comestível.

Fotografias: acervo dos autores.

VASSOURA-DE-BOTÃO

Borreria verticillata (L.) G. Mey

Família: Rubiaceae.

Utilização: é usada como elemento de reza.

Fotografia: acervo dos autores.

VASSOURINHA

Scoparia dulcis L.

Família: Plantaginaceae.

Utilização: é usada para varrer o terreiro e rezar. Com ela se faz emplastro para curar desmentidura.

Fotografias: acervo dos autores.

7 FAUNA TREMEMBÉ

Para esta parte do livro, tendo em vista a dificuldade de se conseguir fotografias dos animais das matas, algumas foram tiradas de animais em cativeiro. Buscou-se ainda uma contribuição dos educandos nas escolas da comunidade, na forma de ilustrações de alguns dos animais comentados no texto. Para isso, foi necessária a exposição de forma suscinta da trajetória do MITS, bem como das atividades de finalização deste curso. Expusemos sobre a temática abordada e a finalidade do trabalho e propusemos a colaboração dos alunos na parte de ilustrações para o livro, levando em consideração os conhecimentos discentes adquiridos na escola, uma vez que desde cedo as crianças já recebem informações acerca do assunto e os conhecimentos adquiridos ao longo das experiências de vida.

Na prática das ilustrações, os alunos sentiram dificuldade, uma vez que se tratava de representar vários animais que já haviam desaparecido da região. Para isso, a turma precisou pesquisar com pessoas mais experientes dentro da comunidade, as características desses animais.

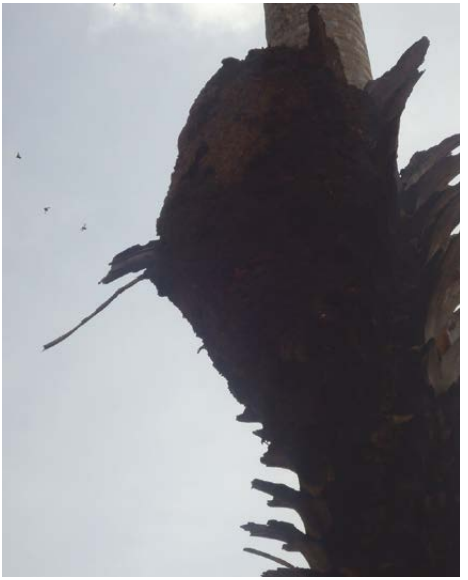
Da mesma forma que para a flora, os animais estão mostrados por ordem alfabética dos nomes populares, que, por sua vez, estão seguidos dos nomes científicos e os respectivos autores das espécies. As mesmas observações para os nomes das plantas servem para os nomes dos animais.

ARAPUÁ

Trigona spinipes (Fabricius, 1793)

Família: Apidae.

Utilização: o mel serve de alimento, e o saburá para fazer cera.



Fotografias: acervo dos autores.

CAMALEÃO

Iguana iguana (Linnaeus, 1758)

Família: Iguanidae.

Utilização: é usado como caça, para alimentação.

Fotografia à direita: Miguel S. de Carvalho Braga.

CARÃO

Aramus guarauna (Linnaeus, 1766)

Família: Aramidae.

Utilização: ave comestível e típica do manguezal. Suas penas são usadas em enfeites de artesanatos.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

CASSACO

Didelphis albiventris (Lund, 1840)

Família: Didelphidae.

Utilização: é um tipo de gambá comestível.

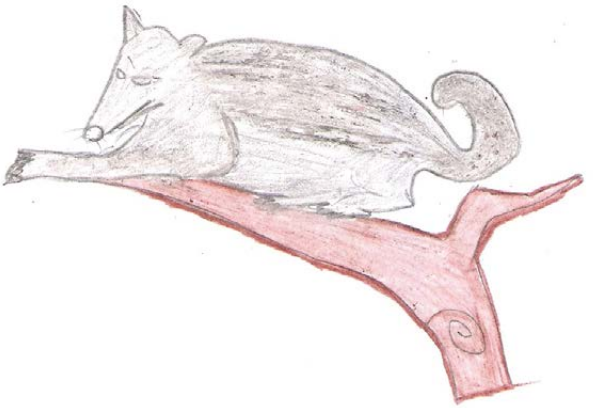


Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Piedade dos Santos.

COBRA-CANINANA

Spilotes pullatus (Linnaeus, 1758)

Família: Colubridae.

Utilização: é um réptil inofensivo. Sua banha serve para curar feridas.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

COBRA-DE-VEADO

Boa constrictor (Linnaeus, 1758)

Família: Boidae.

Utilização: é um animal dócil e ajuda na limpeza de roedores.

Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

CUTIA

Dasyprocta sp.

Família: Dasyproctidae.

Utilização: é caça usada habitualmente para alimentação.

Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Rita Marcidiane Azevedo.

GARÇA-BRANCA

Ardea alba (Linnaeus, 1758)

Família: Ardeidae.

Utilização: antigamente, como havia muitas, serviam como alimento, e as penas eram usadas em enfeites.

Fotografias: Miguel Sávio de Carvalho Braga.

GATO-DO-MATO

Leopardus tigrinus (Schreber, 1775)

Família: Felidae.

Utilização: caça para alimentação.

Fotografia: Wilson Franklin Jr.
Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

GAVIÃO

Rupornis magnirostris (Gmelin, 1788)

Família: Accipitridae.

Utilização: ave comestível. Suas penas servem para enfeites e feitios de cocás.

Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

GUAXINIM

Procyon lotor (Linnaeus, 1758)

Família: Procyonidae.

Utilização: serve como alimento. É protetor do mangue e personagem das lendas e músicas do povo Tremembé.

Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

JAÇANÃ

Jacana jacana (Linnaeus, 1766)

Família: Jacanidae.

Utilização: ave típicas das lagoas, serve como alimento.

Fotografia: Elisa Lombard.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Francisco Elisnaldo de Sousa.

JACU

Penelope jacucaca (Spix, 1825)

Família: Cracidae.

Utilização: caçado como alimento.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

JANDAIA

Aratinga jandaya (Gmelin, 1788)

Família: Psittacidae.

Utilização: ave importante da história da língua e música do povo Tremembé, além de ser comestível.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

LAVADEIRA

Fluvicola albiventer (Spix, 1825)

Família: Tyrannidae.

Utilização: serve como imagem representativa de Deus, sendo ela quem havia lavado as vestes do Senhor. Por isso não é caçada.

Ilustração: Rita Marcidiane Azevedo.

NAMBU

Crypturellus parvirostris (Wagler, 1827)

Família: Tinamidae.

Utilização: caçada como alimento.

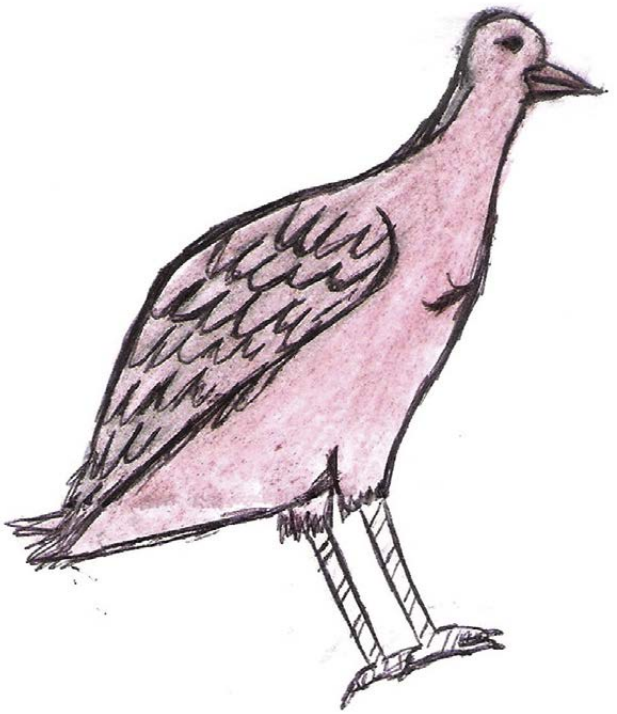


Ilustração: Daniel Xavier dos Santos.

ONÇA-VERMELHA

Puma concolor (Linnaeus, 1771)

Família: Felidae.

Utilização: seu couro serve para fazer bancos, tamboretes, além de sua carne servir como alimento.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

PREÁ-DO-MATO

Cavia aperea (Erxleben, 1777)

Família: Caviidae.

Utilização: roedor que serve como alimento.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

SARIEMA

Cariama cristata (Linnaeus, 1766)

Família: Cariamidae.

Utilização: caçada como alimento.

Fotografia: acervo autores.

SIRICORA

Aramides cajanea (Statius Muller, 1776)

Família: Rallidae.

Utilização: típica das lagoas, serve como alimento.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

SOCÓ-BOI

Tigrisoma lineatum (Boddaert, 1783)

Família: Ardeidae.

Utilização: serve como alimento.

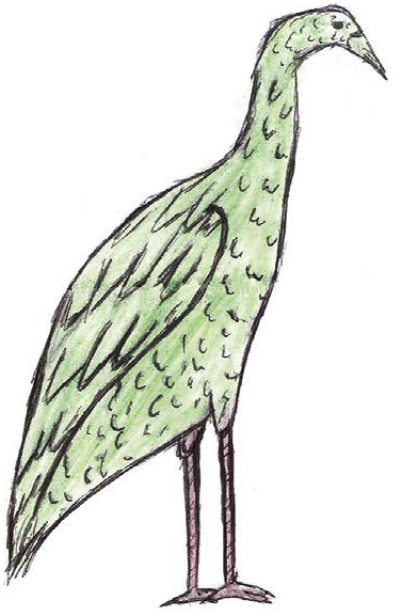


Ilustração: Daniel Xavier dos Santos.

TATU

Tolypeutes tricinctus (Linnaeus, 1758)

Família: Dasypodidae.

Utilização: serve como alimento, era muito caçado.

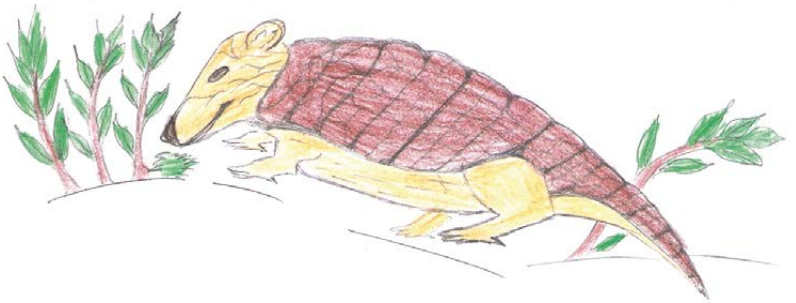


Ilustração 1: Maria Milena Gonçalves Miranda.

Ilustração 2: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

TEJO

Tupinambis sp.

Família: Teiidae.

Utilização: a banha serve para dor de dente, o couro serve para fazer bainhas de facas e outros acessórios e a carne serve como alimento.

Fotografia: acervo dos autores.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO MÃE-DA-LUA [site]. Disponível em: <http://www.mae-da-lua.org/port/index.html>. Acesso em: 26 out. 2012.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM INFORMAÇÃO AMBIENTAL. Flora Brasiliensis. Disponível em: <http://florabrasiliensis.cria.org.br/index>. Acesso em: 22 set. 2012.

FLORA DO CEARÁ. Conhecer para Preservar. Disponível em: <http://www.floradoceara.com.br/index.php>. Acesso em: 22 set. 2012.

GIULIETTI, Ana Maria et al. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga: Parte II. In: SILVA, José Maria Cardoso da et al. *Biodiversidade da Caatinga*: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Universidade Federal de Pernambuco, 2003. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biomas/category/61--caatinga>. Acesso em: 14 out. 2012.

INTEGRATED TAXONOMIC INFORMATION SYSTEM. Disponível em: <http://www.itis.gov/>. Acesso em: 26 out. 2012.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL 2012. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/>. Acesso em: 22 set. 2012.

MAIA-SILVA, Camila et al. Guia de plantas: visitadas por abelhas na caatinga. 1. ed. Fortaleza: Editora Fundação Brasil

Cidadão, 2012. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biomas/category/61-caatinga >. Acesso em: 14 out. 2012.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. Promotoria de Justiça do Meio Ambiente e Planejamento Urbano. Aves Silvestres do Brasil. Disponível em: <www.mp.ce.gov.br/orgaos/PROMA/animais/avessilvestres.pdf>. Acesso em: 14 out. 2012.

PLANTAMED. Disponível em: <http://www.plantamed.com.br/>. Acesso em: 22 set. 2012.

WIKIAVES. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2012.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

TREMEMBÉ

José Mendes Fonteles Filho
(orientador)

Maria Gilsa do Nascimento
Rita Félix Jacinto

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

TREMEMBÉ

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro à Raimunda Marques do Nascimento, que foi a primeira professora indígena no Estado do Ceará, pois a mesma foi uma guerreira na luta por uma verdadeira educação diferenciada indígena de qualidade.

Quando pensamos em fazer este livro, foi para as pessoas passarem a conhecer a nossa escolarização indígena diferenciada. Lembramos também de nossas lideranças que, juntas com Raimunda, ajudaram a fundar nossa escola indígena.

Dedicamos ainda este livro a todas as nossas crianças tremembé, porque, ao lerem este livro, vão conhecer e valorizar as nossas escolas indígenas.

Porque a escola diferenciada
É uma educação de qualidade
Nela estamos todos juntos
Com muita força e vontade
Nesse livro apresentamos
A nossa realidade.

AGRADECIMENTOS

Queremos reconhecer e sermos gratos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo apoio à realização deste trabalho, por meio da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

APRESENTAÇÃO

Minha gente amiga
Nos preste muita atenção
Porque vamos falar agora
Da nossa escolarização
Pois a mesma foi criada
Com nossa organização!

As crianças e jovens indígenas
Não queriam estudar
Na escola convencional
Fora do nosso lugar
Com outras realidades
Que nada têm a aproveitar.

Queridas crianças, vocês vão se encantar com os lindos cordéis e também fotos interessantes que tem dentro desse livro, falando todo processo de como iniciaram as nossas escolas diferenciadas indígenas tremembé.

Este livro deve ser utilizado como material didático nas escolas do nosso aldeamento. Esperamos também que o mesmo contribua para a preservação da memória e da cultura do povo tremembé, no maior conhecimento e reconhecimento do nosso povo, fortalecendo a luta pela demarcação da terra e a conquista de uma melhor qualidade de vida, para fazer valer os direitos de todas as pessoas que nela vivem.

Nesse livro tem de tudo
Que você queira aprender

Da nossa cultura indígena
Quem quiser venha saber
Chegando aos Tremembé
Vai poder nos conhecer.

As autoras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 193

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA TREMEMBÉ 195

BIBLIOGRÁFIA 240

INTRODUÇÃO

No aldeamento de Almofala, em 1991, deu-se início à Escola Alegria do Mar. Era uma escola toda coberta de palha, seu piso era de areia, e os alunos se sentavam em rolos de coqueiros. Nesta escola, os alunos se sentiam muito felizes, porque nela não tinha discriminação. Tinha uma professora que recebia apenas um agrado que os pais davam. Raimunda Marques do Nascimento, a professora, era filha do cacique. Além de ela ensinar a ler e escrever, também ensinava a cultura do povo tremembé: todos os dias, quando a aula terminava, ela, junto com os alunos, iam dançar o Torém na beira da praia.

No ano de 1997, deu-se início a outras escolas diferenciadas na aldeia da Passagem Rasa, Tapera, Mangue Alto, Saquinho e Varjota. Nessa época, havia as escolas convencionais, mas não era do agrado das lideranças, porque os alunos indígenas eram muitos discriminados pelos outros alunos, e até mesmos pelos professores dessas escolas. Então, as lideranças se juntaram para conversar sobre como criar uma escola diferenciada, que atendesse as necessidades dos nossos alunos indígenas, para ensinar a eles a nossa luta, cultura, crenças e tradições.

Nessas escolas diferenciadas, todos os professores trabalham coletivamente ajudando uns aos outros, no dia a dia. Também tem a presença das lideranças, do cacique e do pajé, fazendo palestras sobre a luta, para que os alunos valorizem cada vez mais a nossa escola e etnia, para os mesmos não se envergonharem de dizer que são índios, em toda sociedade.

Em 2001, aconteceu o MIT, Curso de Magistério Tremembé em nível médio, o primeiro curso de formação de professores indígenas da região Nordeste e um dos pioneiros do país. O mesmo foi construído com a participação da comunidade tremembé e alguns parceiros, como a Universidade Federal do Ceará – UFC, e era realizado na própria aldeia, sendo do lado Mata e da Praia, uma semana a cada mês. Este curso veio para, cada vez mais, fortalecer o nosso conhecimento, enquanto professores indígenas tremembé, a respeito da nossa cultura e das histórias dos mais velhos, crenças e tradições, a serem repassadas para as futuras gerações.

Terminando o MIT, vimos que não era bom parar com os estudos. Então, no ano de 2006, decidimos dar continuidade aos estudos com o MITS, Curso de Magistério Indígena Tremembé de nível superior, seguindo o mesmo processo e com o mesmo objetivo de saber cada vez mais sobre o nosso povo tremembé de antes e de hoje. Este curso também foi pioneiro em toda a região Nordeste e um dos primeiros cursos de formação de professores indígenas de nível superior, em todo o Brasil.

Os cursos MIT e MITS
Foram cursos bem reais
Dentro da nossa aldeia
Sem haver outros iguais
Eles são bem conhecidos
E por nós muito queridos.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA TREMEMBÉ

A nossa primeira escola

Arquivo de Raimunda Marques do Nascimento. 1991.

Localizada em Almofala

A nossa primeira escola
Chamada “Alegria do Mar”
Localizada em Almofala
Muitos vinham visitar
Toda coberta de palha
Dá gosto a gente lembrar!

Esta escola diferenciada Em 91 foi criada Com a fo as F a Para ensinar nossa cultura A toda a nossa criançada

Arquivo de Raimunda Marques do Nascimento. 1991.

Esta escola diferenciada
Em 1991 foi criada
Com a força das lideranças
Foi uma vitória alcançada
Para ensinar nossa cultura
A toda a nossa criançada.

A professora desta escola Raimunda
No seu
Do nosso Aldeamento.

Arquivo de Raimunda Marques do Nascimento. 1991.

A professora desta escola
Raimunda Marques do Nascimento
Com seu jeito dedicado
Nos dedicou o seu talento
Era a filha do cacique
Do nosso Aldeamento.

Arquivo de Raimunda Marques do Nascimento. 1991.

Além dela ensinar
Os alunos a ler e escrever
Também ensinava o Torém
Para todos aprender
O que é a nossa cultura
O nosso jeito de ser.

Quando a aula terminava
Os alunos ela levava
Para o Torém se formava
Para o Torém se dançar

Arquivo de Raimunda Marques do Nascimento. 1991.

Quando a aula terminava
Os alunos ela levava
Para a beira do mar
E quando lá chegavam
Uma roda se formava
Para o Torém se dançar.

Arquivo de Babi Fonteles. 2001.

No ano de 1997
Outras escolas chegaram
A união dos Tremembé
Outras conquistas alcançaram
Em seis novos lugares
As escolas se organizaram.

Na aldeia de Varjota Tapera e Mangue Alto
Pra conhecer nosso passado Sem deixar nada de lado.

Arquivo de Babi Fonteles. 2001.

Na aldeia de Varjota
Tapera e Mangue Alto
Existem essas escolas
Que não são nem um boato
Pra conhecer nosso passado
Sem deixar nada de lado.

Arquivo de Babi Fonteles. 2010.

Também na Passagem Rasa
No Panan e no Saquinho
Essas escolas se espalharam
Seguindo o mesmo caminho
O povo todo apoiando
Nos dando força e carinho.

Criamos o Ensino Médio Diferenciado Tremembé

Arquivo de Babi Fonteles. 2010.

Com o apoio dos nossos mestres O cacique e o pajé.

Criamos o Ensino Médio
Diferenciado Tremembé
Ensinamos a nossa cultura
O jeito que o nosso povo é
Com o apoio dos nossos mestres
O cacique e o pajé.

Hoje nós temos valor
Juntos estamos a lutar
Mulheres são diferenciadas
Porque temos o poder de ensinar.

Arquivo de Babi Fonteles. 2008.

Hoje nós temos valor
Juntos estamos a lutar
Mantendo nossas escolas
Para a tradição preservar
Elas são diferenciadas
Porque temos o poder de ensinar.

Buscamos em
nosso povo
Manter viva a
união
Pa
o
Na es
diferenciada
Os saberes da
tradição.

Arquivo de Babi Fonteles. 2001.

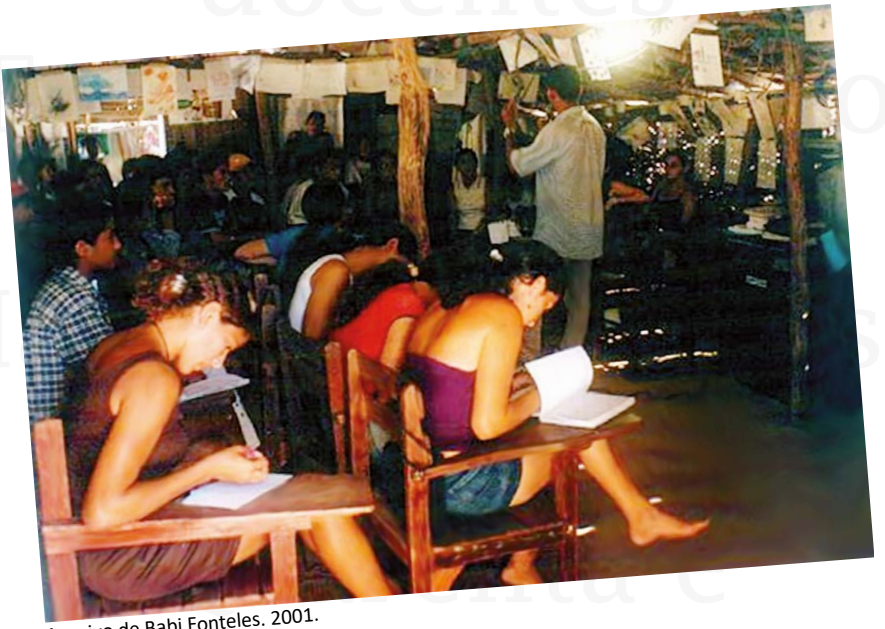
Buscamos em nosso povo
Manter viva a união
Passando do velho ao novo
De geração a geração
Na escola diferenciada
Os saberes da tradição.

Arquivo de Babi Fonteles. 2002.

Hoje somos uma referência
Na história dos Tremembé
Porque a escola diferenciada
É do jeito que a gente quer
Educando nossas crianças
Para o que der e vier.

Arquivo de Babi Fonteles. 2002.

Agora falamos do MIT
Que foi uma formação
Dos professores tremembé
Com muita organização
Este curso foi chamado
“Magistério Pé no Chão”.



Arquivo de Babi Fonteles. 2001.

Foi um curso de nível médio
Formando nossos docentes
Estudando nosso passado
Mas também nosso presente
Quarenta e dois Tremembé
Diplomados e competentes.

Marcondes Rosa, presidente do Conselho de Educação do Ceará, brindando com o Mocororó, durante etapa do MIT. Arquivo Babi Fonteles. 2001.

O MIT foi pioneiro
No Nordeste do
Brasil
Tremembé
Para outros povos
indígenas
Uma estrada
abriu.

O MIT foi pioneiro
No Nordeste do Brasil
Tremembé marcou história
Seu próprio caminho construiu
Para outros povos indígenas
Uma estrada abriu.

As aulas
aconteciam
Nas nossas
comunidades
Os m
e
com alegria
A ser professor
com mais
qualidade.

Arquivo de Babi Fonteles. 2001.

As aulas aconteciam
Nas nossas comunidades
Os professores e parceiros
Com muita generosidade
Nos ensinavam com alegria
A ser professor com mais qualidade.

Depois veio o curso MITS
Com mais força e união
Es
Da terra, que é pra nós
A Mãe da nossa Nação.

Arquivo Babi Fonteles. 2006.

Depois veio o curso MITS
Com mais força e união
Estudamos muitos assuntos
Principalmente a demarcação
Da terra, que é pra nós
A Mãe da nossa Nação.

O MITS é uma graduação De nível superior Que Na Universidade Federal Conquistamos respeito e valor.

Prof. Prof. Custódio Silva, Pró-Reitor de Graduação da UFC, dançando o Torém, durante etapa de LIBRAS do MITS. Arquivo Babi Fonteles. 2012.

O MITS é uma graduação
De nível superior
Que trouxe mais aprendizagem
Para cada educador
Na Universidade Federal
Conquistamos respeito e valor.

Arquivo Babi Fonteles. 2011.

O MITS também fez história
Nos deu novos conhecimentos
Foi todinho construído
No nosso aldeamento
Seguindo os passos do nível médio
Teve grande reconhecimento.

No nosso curso
MITS
Tivemos muita
alegria
Também as
lideranças
Que são nossos
grandes guias.

Arquivo Babi Fonteles. 2012.

No nosso curso MITS
Tivemos muita alegria
Junto com os docentes
Nos orientando noite e dia
Tinha também as lideranças
Que são nossos grandes guias.

Nós, professores
tremembé
Agradecemos a
Deus
Por todas
essas vitórias
Que a gente aqui
descreveu.

Arquivo Babi Fonteles. 2010.

Nós, professores tremembé
Agradecemos a Deus
Aos amigos e parceiros
Por tudo que a gente recebeu
Por todas essas vitórias
Que a gente aqui descreveu.

Arquivo Babi Fonteles. 2012.

E agora, leitor amigo,
Pra concluir, vou lembrar
Essa história continua
A luta não vai parar
A escola dos Tremembé
Bem longe vai nos levar.

BIBLIOGRAFIA

FONTELES FILHO, José Mendes. Subjetivação e educação indígena. Tese de doutorado em Educação - UFC. Fortaleza: UFC/FACED, 2003.

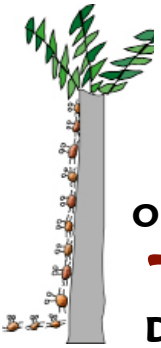
COMUNIDADE TREMEMBÉ. Cartilha de educação ambiental. (Org.: Maria Elisa Zanella Veríssimo et al.). Fortaleza: UFC / Missão Tremembé, 2003.

COMUNIDADE TREMEMBÉ / UFC. Projeto político-pedagógico do Curso de Magistério Indígena - Nível Médio (MIT). Fortaleza: UFC, 2001.

COMUNIDADE TREMEMBÉ / UFC. Projeto político-pedagógico do Ensino Médio Diferenciado Indígena Tremembé - EMIT. Almofala / Itarema (CE): s/e, 2007.

COMUNIDADE TREMEMBÉ / UFC. Projeto político-pedagógico do Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior - MITS. Fortaleza: UFC, 2008.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto. O encanto do mar. Fortaleza: Museu do Ceará / Secult, 2009.



O LAGAMAR NA VIDA DOS TREMEMBÉ DE VARJOTA E TAPERA

<

João Batista Albuquerque Figueiredo
Gerson Augusto de Oliveira Júnior
(orientadores)

José Robério Guilherme
Maria Joelma Félix
Maria Lucélia Jacinto

O LAGAMAR NA VIDA DOS TREMEMBÉ DE VARJOTA E TAPERA

APRESENTAÇÃO

Este livro foi realizado por um conjunto de pessoas que apoiou e deu suporte nos momentos de maiores aflições e a quem gostaríamos de agradecer neste espaço.

Este livro, forte nos pensamentos e nas palavras, está repleto de amor para com todos os seres, transforma-se em uma luz de esperança e compartilhamento de nossa missão. Convidamos a todos, qualquer que seja a estrada seguida, a compartilhar de nosso afeto e verdades repassadas pelos que ajudaram nessa caminhada. Logo, esta obra se configura em um presente estimulante de proteção e confraternização. Que todos possam aproveitar desse material.

Agradecemos aos nossos(as) colegas e amigos(as) que foram essenciais em toda nossa caminhada, pois são estes que servem de apoio nas horas fáceis e difíceis e que também são aliviados quando os espinhos da vida lhes ferem a fonte dos sentimentos, fazendo brotar correntezas de lágrimas em vossos olhos e feridas em vossos corações, sendo que dia a dia estamos aprendendo uns com os outros.

Agradecemos aos nossos(as) professores(as) que nos estimularam na aventura de descobrir, por meio de viagens em mundos desconhecidos, como a leitura de um texto ou de pensamentos amplos e, às vezes, de entender nossos silêncio, na vergonha que, às vezes, demonstramos em nos expor e, com sua paciência, fizeram-nos ver que cada ser tem a hora exata de demonstrar o conhecimento adquirido.

Efetivamente, agradecemos aos nossos(as) estudantes que são os(as) mais beneficiados(as), pois, se compreendemos bem, eles estão sempre nos representando com alegria e satisfação.

Aos que ficavam em casa, aguardando nossa chegada e, muitas vezes, tendo que aguentar nossos desabafos de tristeza e alegria, temos muito a agradecer por aguentar nosso mau humor e por ter cuidado tão bem de nossos filhos e de nosso lar.

Agradecemos aos nossos(as) filhos(as) que sentiram a nossa falta e, às vezes, sofreram com nossa ausência, quando, muitas vezes, doentes, em casa, uma lágrima deslizava sobre seu rosto meigo e doce e não estávamos ali para segurar nos braços. Mas, hoje, estamos vendo todo sofrimento e alegria em uma grande vitória.

Agradecemos aos nossos pais, estes anjos que amamos infinitamente e que nos têm proporcionado saberes fraternos. Estes(as) nos ensinaram a caminhar com nossos próprios passos e estavam ali sempre ao nosso lado, nas vitórias e, principalmente, nos tropeços, nas decepções que, às vezes, encontrávamos e na felicidade alcançada, pois foram seus carinhos que nos alimentaram e deram forças em tantos momentos para continuarmos e chegarmos ao fim.

Agradecemos às lideranças que nos deram toda a preparação enquanto caminhávamos em direção a novas conquistas que abrilhantaram com suas presenças, observando-nos e motivando a compreensibilidade do que estávamos fazendo era o correto e, por muitas vezes, chamar-nos atenção, quando erramos.

Queremos também reconhecer e agradecer ao Babi Fonteles, por sua parceria, por sua dedicação ao nosso povo, por sua luta para fazer acontecer este Curso, agradecemos também à Universidade Federal do Ceará, que acolheu nossas demandas e nos deu a possibilidade de realizar este Curso, bem como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio à realização deste trabalho, por meio da oferta de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

Por fim, agradecemos a Deus por nunca desistir de nós, por estar sempre ali, velando pela nossa saúde, nossos sonhos,

vitórias, derrotas, alegrias e as raivas que, às vezes, sentimos e por permitir que os encantados estejam também ao nosso lado, trazendo positivas energias. Que os encantados emitam excelentes vibrações para todos(as) que lerem este trabalho...

A LAGOA DA CAMBOA
(Música Tremembé)

A camboa é a água do rio
quando o rio se encontra com o mar
a camboa é uma água salobra,
como a lágrima do meu penar
água salobra, água do mar
são lágrima do meu penar.
O mirim, quando foi pro Torrões
Pelo morro enterrado ficou
Como eu quando estou nos teus braços
No aconchego do mesmo calor.

Figura 1 - Rio Aracatimirim. Foto: Acervo dos autores (2012).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO (Primeiras narrativas, apresentando o trajeto) 248

Capítulo I — O LAGAMAR E SUA ORIGEM 251

Capítulo II — A RELAÇÃO DO POVO TREMEMBÉ COM O LAGAMAR..... 260

Capítulo III — ENCANTOS E ENCANTADOS 264

Capítulo IV — A PESCA NO LAGAMAR 270

Capítulo V — A POLUIÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O LAGAMAR 280

CONCLUSÃO 289

BIBLIOGRAFIA 292

INTRODUÇÃO

(PRIMEIRAS NARRATIVAS, APRESENTANDO O TRAJETO)

O objetivo deste livro é mostrar para os mais novos como se percebia o lagamar e como ficou e pode ficar se não cuidarmos dele. Paralelo a isso, pretendeu-se entender um pouco das relações dos Tremembé com o lagamar, tanto dos benefícios dessa relação quanto os prejuízos decorrentes dela.

Um dos fatores a ser entendido é a poluição e os prejuízos gerados à pesca. É preciso tomar consciência quanto aos prejuízos causados pela agressão que se causa ao lagamar. Havia um sentimento muito bom quando, no passado, nos aproximávamos do Lagamar e sentíamos as boas vibrações que ele emitia para nós. O rio era parte da gente mesmo... a gente brincava, se banhava, pescava, era lazer e espiritualidade, pois que se sentiam as boas energias que vinham de lá.

Hoje, poucos aproveitam desse lugar de afetos, de alegrias, de amores, de relações amorosas, de lazer, de trabalho, de extrair o sustento. Houve um processo que empobreceu o lagamar, que retirou dele boa parte do seu significado para os Tremembé, retirou dele sua simbologia, sua representação e, consequentemente, comprometeu a energia desse lugar, tornando-o mais prejudicado, mais agredido.

Não há mais privacidade, silêncio, tranquilidade ao longo do lagamar. Perdemos muito e podemos perder ainda mais ao não termos consciência da situação em que estamos vivendo. É preciso reconhecer o lagamar em seu significado, em sua sacralidade e entender sua dinâmica, as relações que podemos estabelecer com ele, pois o mesmo era uma harmonia e mil maravilhas para nós Tremembé.

O lagamar era muito respeitado pelos nossos mais velhos. Eles tiravam seu sustento, sem maltratá-lo, tinham uma admiração, por considerá-lo pai e mãe dos Tremembé. Porque um pai e mãe orientam um filho a ter paciência e afeto. Tudo isso foi um aprendizado. Já as novas gerações não valorizam essa riqueza que temos.

Para nós Tremembé, o lagamar é considerado um patrimônio histórico. Sabemos que, para os Tremembé, o rio é fonte de inspiração no amor, na diversão e até na saúde, pois é nesse ambiente onde mais temos contatos com os encantados. É fonte de vida e de alimentação para as comunidades. Esse rio, ao longo de vários anos, vem sendo palco de boas conversas e de bons entendimentos entre pessoas. Nesse espaço, chamado de rio Aracatimirim, há um recanto conhecido como lagamar. O lagamar é um ambiente de boas pescarias e também de conquistas alimentares por parte de todas as comunidades.

Por tudo isto, este livro é para nós motivo de muita satisfação. Ele retrata nossas emoções de uma maneira absolutamente transformadora. Este livro também foi uma espécie de terapia no qual superamos inúmeros problemas. Entre eles: o de desconhecer a importância do lagamar que passa a se manifestar na fala de muitos, além da capacidade de entender mais amplamente, em todas as situações de vida, o lagamar.

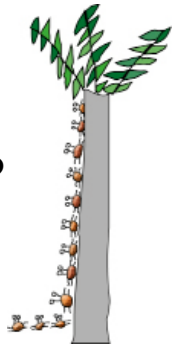
Destacamos ainda que, com as rupturas decorrentes do distanciamento ou da perda de significado que se foi dando ao longo do tempo, algumas pessoas tendem a ter uma noção equivocada ou representar o lagamar como algo ruim, diferentemente da relação associada ao ‘ser mais’, ao nos fazermos mais, como algo importante que está sendo possibilitado neste livro. Porém, creio que, embora alguns não tenham esse interesse de conhecer o lagamar, este estudo oportuniza importantes contribuições para nossa educação e perspectivas de nosso relacionamento com o ambiente e a natureza não humana.

Este livro é um símbolo de nossa cultura, como o lagamar e todos os seres vivos que estão ao redor, tais como os animais, as plantas, o próprio mangue, pois tendem a oferecer mais conhecimentos para muitos que ainda poderão vir a entender e

cuidar amorosamente e assim irão regar, adubar, podar, caminhar, cantar, dançar e celebrar com ele, pois isso representa em nós uma força como o sangue que corre em nossas veias ou como o coração que pulsa em nosso peito.

Assim sendo, uma meta fundamental desse trabalho é contribuir com a compreensão dos caminhos vivenciados na tomada de consciência ambiental do lagamar.

É necessário compreender as mudanças que se deram ao longo do tempo e o que podemos fazer para que as próximas mudanças aconteçam para melhorar e tornar novamente este espaço em lugar de amores, afetos, alegrias e paz.



Capítulo I

O LAGAMAR E SUA ORIGEM

Começamos dizendo que o Lagamar é um marco muito importante na vida dos Tremembé de Almofala, município de Itarema, a 192 km de Fortaleza. Originalmente, para os mais antigos, é o pai e mãe dos Tremembé, pois que é a natureza presente na vida do nosso povo. Ele está situado mais nas áreas da mata e fica nas redondezas de Varjota e Tapera, e, ao lado, fica a comunidade de Saquinho. Entretanto, iremos falar da história do lagamar e sua importância nessas duas comunidades, Varjota e Tapera, com base em nossas pesquisas junto aos mais antigos. Precisamos salientar que o povo Tremembé, em particular na Tapera e Varjota, possui uma intensa ligação com a água, com a pesca, com o peixe, que tem como eixo de sua alimentação.

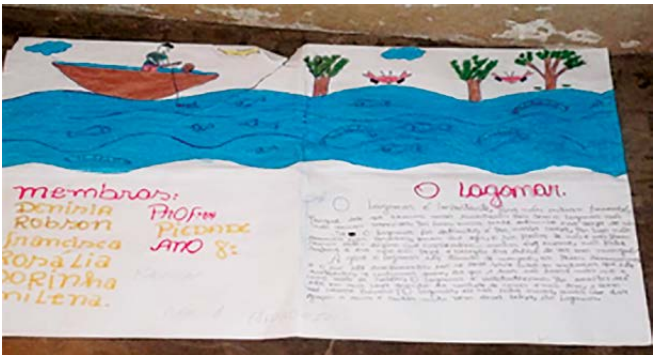


Figura 2 - O lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Nessa nossa narrativa, na história que estamos contando, encontramos alguns cientistas engajados em nossas lutas, que dialogaram conosco (SAMPAIO, VERISSIMO, SOUZA, 2002). Nela, estes estudiosos nos informam alguns detalhes dos regimes das águas no nosso lugar.

Segundo eles, os meses de fevereiro, março, abril e maio são os mais chuvosos na nossa região, muito embora consideremos, por experiência própria, que os meses de chuvas mais intensas são abril e maio. E, por isso mesmo, acontecem enchentes no nosso lagamar nesses períodos. Isso implica maior quantidade de água disponível para as plantas, para o escoamento superficial, para armazenamento nos lençóis freáticos da região. Parece-nos que aqui temos um destaque importante que relaciona o lagamar e a água disponível nas nascentes, córregos e rios.

A área de nossa bacia hidrográfica é ocupada predominantemente por capoeiras resultantes de sucessivos desmatamentos feitos para dar lugar ao plantio de feijão e roças de milho. Muitas áreas são utilizadas para a criação de animais.

Outra informação interessante é que há uma grande quantidade de córregos que influencia no volume de água que abastece o lagamar. São eles: córrego Panã, córrego Lameirão, córrego do Amaro, córrego Varjota, córrego Cabeça do Boi, córrego Roque do Campo, córrego Grande, córrego dos Calangos, córrego do Gino, córrego do Zabanana, córrego Preto.

Nessa conversa com esses autores, ainda encontramos um estudo que aprofunda a fala sobre os desmatamentos sucessivos nas margens do rio, o que vai agravar a escassez dos animais que ficam próximos a essas áreas, comprometendo as relações próprias desses lugares.

Outro fato é que, com o aumento de pescadores utilizando vários equipamentos pesqueiros, mais especializados, vão desaparecendo algumas espécies de peixes e gera-se um problema, pois passa a faltar, principalmente, para a população mais pobre, que só tem acesso praticamente ao uso da tarrafa na pesca.

Figura 3 - A pesca de tarrafa no lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Ao retomar nossas definições, encontramos que, para os dicionários, lagamar (la.ga.mar) se associa à ideia de um recanto abrigado às margens de rio ou em enseada; pode ser ainda uma lagoa de água salgada (lag(o) + -a- + mar).[1] Por sua vez, temos outro conceito importante para entender, ao refletir sobre lagamar: mangue (man.gue), que significa para os dicionaristas, lodaçal com vegetação resistente ao sal, em planícies costeiras sujeitas a inundações da maré; pode ainda ser entendido como a vegetação que vive junto às praias, nas nascentes dos rios, e nas margens de rios e lagoas.

Em nossas palavras, lagamar e mangue são um só, só que o mangue dá origem à fauna e flora, e o lagamar é o que faz com que essas partes se sintam em harmonia e ar fresco. O mangue é, sobretudo, a fonte de riqueza mais viva do lagamar, pois ele é vida e a vida nessa vida. Para muitos, o mangue prejudica a pescaria no lagamar, pois impede o lancear da tarrafa. Para outros, o lagamar veio para ajudar a ter mais qualidade de vida na vida dos Tremembé. Para outros de nós, o lagamar é uma parte do rio que fica entre as croas

[1] Ver em <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=lagamar>, por exemplo.

(parte seca do lagamar, terra que emerge formando pequenas elevações) e os manguezais (são os berçários para os peixes, esconderijos, pois que lá se escondem dos pescadores). Para outro, o lagamar é parte do rio onde suas margens são bem mais largas do que os canais normais. Tem comunidade que o chama de lagamar e outras que o denominam de rio...

Em síntese, para nós, autores(as) deste livro, em diálogo com a ciência, lagamar e mangue estão juntos, um ligado ao outro. Podemos entender que o lagamar se caracteriza por essa área que circunda o rio Aracatimirim.[2] Ou seja, às margens do rio, temos o surgimento de um ecossistema que podemos aqui denominar de mangue, bastante associado à mistura de água salgada com a água doce e uma vegetação muito específica e uma fauna bem peculiar. Este lugar no qual o lagamar se instala é o mangue. O lagamar seria a área líquida, úmida, do mangue.

Para nossos interlocutores, aqueles e aquelas que dialogaram conosco ao longo desse trabalho, ou seja, nossas lideranças mais antigas, em épocas passadas, tinha um córrego e, mais acima, havia a lagoa do Gino. Esta era assim denominada por conta de que de lá morava um senhor chamado Gino. Tanto a lagoa quanto o córrego eram cercados de matos. Então teve um inverno com chuvas fortes, e as águas se juntaram, formando uma grande enchente. Foi aí que os moradores reuniram-se e cortaram o mato, para a água passar. Nesse período, um morador de Torrões,[3] grande empresário, conhecido por Zé Maria Monteiro, com suas máquinas, cavou buracos na barra[4] do mar de Torrões. Com a enchente, as águas se juntaram, formando o rio, no meio da mata.

Com base nos depoimentos, surge a ideia de que o lagamar nasce a partir da necessidade de as famílias se alimentarem, o que levou o povo a abrir as veredas para chegar ao rio. Como na Varjota tinha mais gente e ficava bem

---

[2] Aracatimirim é rio do estado do Ceará, no município de Acaraú, que deságua no Oceano Atlântico. A palavra é tupi guarani, significa Aracati pequeno.

[3] Comunidade que existe nas margens do rio e do território Tremembé. Sua ligação com o rio é tão contundente que tudo que causam ao trecho de rio de lá repercute em todo o rio...

[4] Canal estreito de acesso ao porto de embarcações.

próximo ao rio, os pais de famílias iam pescar, levavam foice e machado para arrancar o mato e poder lancear, ou seja, jogar a tarrafa[5] na água e puxar os peixes, por isso, ficou conhecido como lagamar. Água salgada ajudava a matar os matos.

Já a Tapera ficava um pouco distante do lagamar e próxima à barra de Torrões, canal estreito que acessa o porto de Torrões. Quando a empresa Ducoco,[6] uma empresa que comercializa cocos e está dentro da área da comunidade tremembé, chegou, expulsou os moradores pra bem perto do rio. É por isso que, enquanto a comunidade de Tapera chama o lagamar de rio, a da Varjota chama de lagamar.

Em seguida, apresentamos alguns depoimentos de nossas lideranças.

Segundo a liderança Estevão Henrique dos Santos, conhecido apenas como Estevão, um guerreiro na luta pela demarcação da Terra da comunidade de Tapera:

> O rio Aracatimirim surgiu quando o mar cresceu. Quando era maré de quarto, de lua minguante e a maré era pequena, ficava seco e criava sal. Teve uma época que ele secou direto e 'quaiou'[7] sal dentro do lagamar, com o tempo, formou uma barra para dentro do rio Mirim. Essa barra quando entrou nunca secou. Depois que veio as enchentes para dentro do rio, aí começou entrar frutas[8] de outros rios. Essas frutas vinham do rio Aracatimirim para dentro do rio Mirim. As frutas que ia se produzindo era os manguezais. Depois que o rio não secou mais, aí começou criar peixes. Era donde os índios pescava e tirava toda a produção dentro do lagamar. Quando foi do ano de 1954, aí começou nascer os manguezais. O lagamar, hoje, só tem o nome e está virando em camboas, que são riachos dentro do rio. Porque os manguezais tomou conta do rio. Hoje é reinado dos caranguejos. Essa pouca água que hoje tem no lagamar está sustentando milhares e milhares de famílias Tremembé para tirar o pão de cada dia.

[5] Instrumento de pesca no formato de rede.
[6] Empresa que comercializa cocos.
[7] Acumulou uma quantidade grande de sal.
[8] Sementes de mangues.

Nós entendemos que o lagamar surgiu de uma grande enchente e era dele que o povo Tremembé tirava e tira sua alimentação, pois, naquela época, não tinha mangues, mas, com a mistura da água doce e salgada, começou a entrar sementes de mangue de outros rios, trazidas pela enchente para dentro do lagamar. Por volta do ano de 1954, iniciou o nascimento dos manguezais.

O lagamar, hoje, não é aquele mais de antigamente, porque, onde nascem os mangues, não se pega peixes, mas podemos capturar o caranguejo e Maria farinha. Então podemos dizer que os manguezais tomaram uma boa parte do lagamar. Mas, com essa pouca água que tem, ainda consegue sustentar várias famílias Tremembé.

Conversamos também com o tio[9] João Gomes. João Gomes dos Santos é um grande pescador que sempre levava e leva seus filhos para pescar, é liderança também da comunidade de Tapera.

Figura 4 - Tio João Gomes. Foto: acervo dos autores (2012).

[9] Destacamos que tio, geralmente, é uma forma de respeitar os mais velhos no povo Tremembé. Neste caso, é também parente, membro de nossa família carnal. Lembramos que tratamos de tio porque somos uma família, a família Tremembé.

Pois bem, o mesmo falou que seus pais diziam para o pessoal que o rio não era aí, onde está hoje, o rio era no Saquinho e entrava para Almofala. Depois houve um inverno muito grande e arrombou o morro, aí surgiu a barra dos Torrões. Os siris subiam nos morros. Este rio era do pé do capim de um lado, e do outro, era uma água só, não sabia quando estava cheio nem seco. Aí ele foi se enterrando e hoje só tem os canaizinhos e manguezais, pois antes não tinha. Onde o mangue nasce, não cria mais água, vira croa.[10]

Diante da entrevista do Tio João Gomes, queremos ressaltar que, antigamente, as pessoas mais velhas diziam que o lagamar não era onde é hoje. Para eles, o lagamar era no Saquinho, num lugar que fica nas margens de onde hoje se localiza o lagamar. Em suas margens, próximo a sua foz, tinha um morro, então teve um inverno, com chuvas muito fortes e arrombou esse morro e se formou a barra de Torrões, onde é hoje um porto de embarcações.

Antigamente, no lagamar, não tinha manguezais, só tinha capim de um lado e do outro, a água era uma só. Mas, com a chegada dos manguezais, o lagamar foi se enterrando, virando croa, a parte seca, formando-se os canaizinhos que vemos hoje.

José Félix dos Santos, conhecido por Trival, uma liderança forte no movimento indígena tremembé, também de Tapera, contou que:

> [...] os mais velhos contavam que aqui não tinha rio, o rio era lá na Almofala, passava pela Lagoa do cação, que ficava próxima à igreja de N. Senhora da Conceição, do lado de cima, em Almofala. De lá, ele subia e passava na casa do Zé de Barro e também no Salustiano, onde os mesmos moravam no lugar chamado Barro vermelho e saía no Urubu, e de lá a maré voltava. No ano de 1924, houve um inverno e uma maré muito grande e arrebentou um morro que tinha, aí abriu o rio. Antigamente, tinha muito peixe grande e não tinha nem um pé de mangue.

[10] Croa pode ser entendido como um barranco de areia, um ajuntamento de areia que se forma no meio da água do rio e do mar.

Manoel Marciano dos Santos, conhecido por Calista, uma liderança antiga, que iniciou o movimento indígena pela demarcação da terra, na comunidade de Tapera, comunicou-nos sobre o lagamar em uma aula do MITS, na disciplina de contação de história, coordenada pelo consultor Augustinho Félix Jacinto, no dia 25/02/2010, em uma quarta-feira. Segundo ele relatou:

> [...] o lagamar surgiu de uma grande enchente que deu, e os homens tinham feito uma levada na lagoa do Gino para a água passar, e, numa noite dessas, choveu muito, e veio a enxurrada e levou tudo, até a mata e as árvores. Foi aí que surgiu o lagamar. Quando só na década de 1940 começou a surgir uns pés de mangue. O lagamar nasceu de uma enchente vinda do córrego grande, onde a água levou a duna que passava dentro do mato, por isso, é que tem muito toco das árvores que tinha. Essa água matou as árvores porque era salgada.

Conta o Augustinho Félix Jacinto, nosso Tuxá, ou seja, o conselheiro do aldeamento Tremembé de Almofala, liderança da Varjota que:

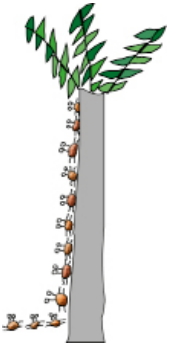
> [...] o rio era dos antigos, quando seu pai pescava no rio só que não era conhecido. Na serra e na nuvem da ponte, desce o rio. Quem disse que não existia o rio mirim, foi aí quando, numa enchente grande, o rio cresceu, e a barra de Almofala era na Lagoa do cação, do lado de cima da igreja de N. Senhora da Conceição de Almofala. E, quando a duna soterrou a lagoa, é que cresceu pra cá, e, quando cresceu aqui, os homens abriram, e a partir daí é que, com as chuvas, foi ficando alagado e limpo para poderem jogarem as tarrafas, pois havia muito mato, garrancho, toco e árvores de todos os tipos. Aí a água foi levando o mato, e foi criando várias espécies de peixe. Os matos iam morrendo porque a água que ia entrando do mar era salgada. Quando os homens iam pescar, levavam foice e machado para fazerem o limpo para poder pescar e jogarem a tarrafa.

Luiz Francisco do Nascimento, conhecido por Tio Luiz Caboclo, e Maria Marciano dos Santos, conhecida por Tia Santa, sua esposa, aqui os chamamos de tios por conta dos vínculos familiares, ou seja, vínculos parentais, ambos da comunidade

de Batedeira,[11] disseram que: "[...] o rio não era onde é hoje, passava lá no bambuzeiro,[12] que o percurso do rio passava ali onde o Chico Bonifácio morava, ali em Torrões, e não tiveram a oportunidade de ver esse momento. Mas que seus pais contavam e afirmam que eles não iam mentir."

[11] Em homenagem ao morador, Chico Batedeira.
[12] É uma planta que faz a divisa da terra Tremembé, é conhecido como um dos marcos da terra.

Capítulo II



A RELAÇÃO DO POVO TREMEMBÉ COM O LAGAMAR

Na relação dos Tremembé com a Natureza, há um Encanto com as águas (OLIVEIRA JÚNIOR, 2006). O povo Tremembé costuma dizer que o lagamar é pai e mãe para as comunidades de Varjota e Tapera, porque a maior parte de sua sobrevivência vem dessa fonte de riqueza, que é o lagamar, pois dele é retirada uma grande parte da alimentação desse povo.

Antigamente, todas as espécies pescadas no lagamar eram trocadas com outras comunidades, por outros produtos alimentícios como quando trocavam farinha, feijão, milho, goma, borra e outros, por todas as espécies de seres vivos, encontrados no Lagamar. Nesse período, não havia interesse por dinheiro e, sim, manter a alimentação de sua família.

Contam os alunos do 9º ano da Escola de Tapera, Maria Eniere Bezerra Marciano e Francisco Cíllis dos Santos Catarino, que:

> O rio é um meio de sustento para as famílias da comunidade, que dele dependem para sua sobrevivência e dos seus filhos. No passado, o rio era ainda mais rico, devido o cuidado e a preservação das pessoas, porque era de lá que tirávamos o peixe, o camarão, o sororo,[13] o ganhamum[14] e assim, todo sustento. Pois devemos

[13] Uma espécie de búzio.
[14] O 'Guaiamun' é uma espécie de crustáceo, parecido com o caranguejo.

> preservá-lo, para isso não se acabar. Não é sempre que os pais têm dinheiro para comprar a nossa comida, por isso devemos pensar, se não esse paraíso vai acabar. Se nós deixar isso acabar os nossos filhos não vão ter como se sustentar. Para mim, o rio representa umas das fontes de alimento da comunidade indígena Tremembé e é um dos lugares onde nossos pais tiravam e tiram o alimento para o nosso sustento. Porque antigamente era muito difícil emprego e graça ao nosso rio.

Por sua vez, José Ednilson dos Santos e Maria Jamile Apolinário dos Santos, também estudantes do 9º ano da mesma escola, afirmam que: "O rio foi e é muito importante para nossa alimentação, só não podemos esquecer da nossa preservação. Temos que cuidar, temos que preparar para mais para frente nossos filhos pescar".

Ana Alice da Silva de Sousa e Francisco Alisson Henrique, estudantes do mesmo ano e da mesma escola, deram seu depoimento, dizendo que:

> O rio representa para nós uma fonte de alimento, porque tem muitas pessoas que não têm emprego e vive só mais do rio. Muitas pessoas não acham o rio importante, mas, para nós, ele é muito importante. Porque é dele que algumas pessoas tiram seu alimento do dia a dia, é quando essas pessoas pegam muito peixe, caranguejo e camarão, eles vendem para ganhar seu dinheiro para comprar outras coisas, porque ele não precisa só do alimento, precisa de um par de chinelos, calça, blusa e perfume etc. Antes o rio era ainda mais importante do que hoje, porque antigamente era muito difícil arrumar emprego. Por isso, que viviam somente da pesca, e hoje em dia tem todo tipos de emprego, e o rio ficou menos importante para algumas pessoas. Antes, as pessoas zelavam do rio, porque era dele que tiravam o alimento e as pessoas tinham mais cuidado.

Figura 5 - Pesca do camarão. Foto: acervo dos autores (2012).

Hoje a relação é diferente, ainda se pegam todas as espécies nele existentes, mais com menos frequência, pois entraram vários tipos de fontes de rendas, como aposentadoria, trabalho assalariado e bolsa família nas comunidades, e o camarão só se pesca por safra, ou seja, o tempo da colheita, na maré de quarto, que é a maré pequena e sempre pegam e vendem para comprar outras coisas, para também ajudar na renda familiar.

Segundo Trival, liderança de Tapera:

> [...] a importância que hoje tem é porque ainda se encontram muitos caranguejos, alguns carapicus – uma espécie de peixe pequeno; miguelã – um peixe cumprido, fino e com muito escama; sauna – tainha nova e outros. A população aumentou e diminuiu os peixes.

Dizem Tio Luiz Caboclo e Tia Santa, da Batedeira: "O rio é pai e mãe de todos, pois era dali que saía todo o sustento de suas famílias, ali pegava o peixe, o siri, o camarão, unha de velho e outros tipos de alimento". Para a liderança Augustinho Félix Jacinto: "O lagamar era e é o pai e mãe da pobreza". Já Manoel Afonso dos Santos, o conhecido Manoel Alonso, um

grande pescador da comunidade de Varjota diz ainda em suas falas que:

> [...] a gente vive do lagamar, mas hoje ele está se acabando devido o mangue, mas o mangue também é bom porque traz o caranguejo e traz também outros peixes. Para quem trabalha com a tarrafa, não é bom. Só para quem trabalha com outro tipo de material como por exemplo, a caçoeira[15] que é colocada dentro do mangue. E a tarrafa só se pesca dentro do canal que é a parte mais funda do lagamar. O lagamar é muito importante porque é pai e mãe, pois o peixe que pescamos é fresquinho e saudável, ele sente um carinho e o amor pelo lagamar.

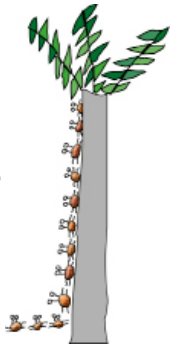
Na entrevista com o Chico Benedito, ele fala de alguns pescadores que jogam peixe na beira do rio e ali apodrece. Muitos(as) de nós, quando crianças, íamos para o lagamar brincar e pescar, ao passar pelas margens, me deparava com montes de peixes pequenos apodrecidos com aquele mau cheiro que nem podíamos passar por perto, aquilo nos fazia sentir uma coisa estranha.

Só hoje nos damos conta de que o que sentíamos era um grande aperto no coração por ver todos os peixes destruídos e desperdiçados, porque, com certeza, iria faltar para nossos filhos e netos. Bem como, com a falta de bom senso dos que faziam isso, mais pensava que um dia acabaria aquela falta de amor à natureza.

Ficamos tristes por saber que tem pessoas que não sabem aproveitar o que há de melhor em sua vida. Nosso grande desejo é ver o lagamar com bastante peixe. Sabemos que isso é impossível no momento, porque os peixes mal desovam e já são capturados, mas se tivesse como fazer uma prevenção, deixar um tempo sem pescar para o peixe poder crescer, aí sim teríamos peixes e sustentabilidade na nossa pesca. Sabemos, porém, que há famílias que dependem muito do lagamar e sobrevivem da pesca mesmo com os peixes muitos pequenos.

[15] Instrumento de pesca, seu formato é similar ao de uma rede de dormir.

Capítulo III



ENCANTOS E ENCANTADOS

Além dessas maravilhas contadas por nossos entrevistados, destacamos como importante também a dimensão da espiritualidade que existe no lagamar. No lagamar, também existem seres invisíveis que nos protegem e nos ajudam, como forma de proteger o nosso espírito e nossa alma. Damos o nome de seres encantados a estes. Uns acreditam que são nossos ancestrais que se foram, outros dizem que são seres que o pai Tupã enviou para proteção dos pescadores. Na verdade, tudo isso é correto para o povo Tremembé.

Estevão, a liderança citada anteriormente, ao falar sobre os encantados, conta que:

> [...] meu pai me contava que uma vez foi pescar, chegou na beira do lagamar, ia entrando outro pescador. Diante dele, o meu pai lanceou a tarrafa, quando o meu pai tarrafeou, o outro pescador tarrafeou em cima da tarrafa do meu pai. Então o meu pai disse assim:- este tarrafeador estará doido, ele foi e juntou a tarrafa, e a tarrafa do outro não veio. O meu pai saiu tarrafeando, e o outro não tarrafeou. Mais na frente, o meu pai tarrafeou, e outro tornou tarrafear de novo, e meu pai juntava a tarrafa, e a dele não aparecia. Muito peixe lanceava, que, quando ele puxava a tarrafa, não via nenhum peixe, o pescador tomou a frente do meu pai. Mais adiante, ele virou uma estátua, aí o meu pai disse assim: “Sabe que vou lancear esta estátua”, e foi co-

lhendo a tarrafa. Quando acabou de colher a tarrafa, ele não viu pra onde a estátua tinha ido e desapareceu. Essa estátua era um vulto, que era um encantado. O meu pai pescou francamente umas três horas e veio embora e não pegou nem um peixe.

Figura 6 - Tio Estevão. Foto: acervo dos autores (2012).

Tio Estevão continua falando dos encantados:

> [...] eu fui pescar mais o meu pai, umas horas, eu vi um fogo e eu falei pro meu pai, que o fogo era aquele, o pai disse assim: "Aquilo era um pescador fumando." Então nós fomos pescando, e o fogo continuou no meio do lagamar. Nós atravessamos uma altura e voltamos de novo pra trás, e o fogo lá. O meu pai disse assim: "Meu filho, eu vou acender também o meu cachimbo." Aí nós saímos lá pro fogo, que, quando nós chegamos, onde estava o fogo, ele desapareceu. O meu pai disse: "Credo! Pra onde foi esse fogo, que agora não está aqui." Ele disse: "Vou deixar pra acender mesmo em casa." Nós saímos para o seco. Quando olhamos pra trás, estava o fogo. O papai disse: "Eu vou olhar o fogo." Chegou lá, o fogo tinha se sumido de novo. O meu pai falou: "Meu filho, vamos embora que

já pegamos o que comer." Que isso era risão[16] da noite, pessoas que se mudaram dessa vida para outra.

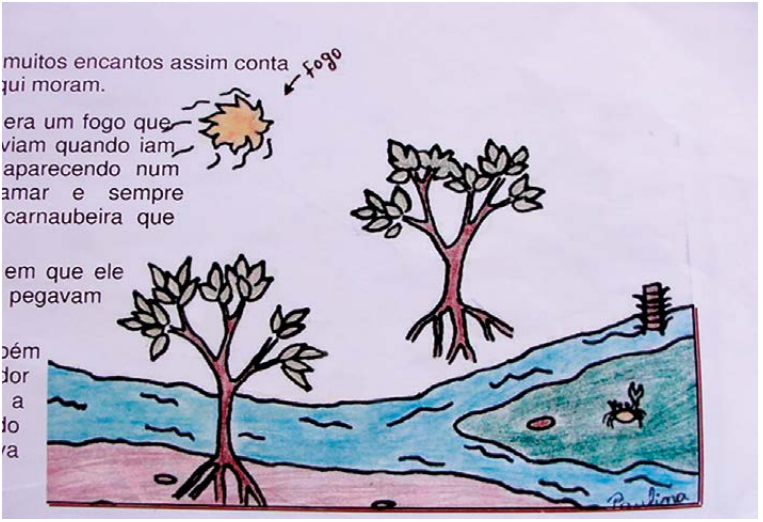


Figura 7 - O fogo na parte dos Encantados. Ilustração: acervo dos autores (2012).

Tio Augustinho Félix Jacinto — chamamos de tio por dois motivos, um é ter vínculo familiar, outro é que isto é uma maneira amorosa de tratarmos nossas lideranças — nosso Tuxá, conta que:

> [...] esse rio tem um encanto bem na croa do Gino, pois bem próximo da croa morava um senhor chamado Gino. Essa croa nunca criou mato, era uma croa tão bem feito que tinha um canal por cima e um canal por baixo, tão liso que, quando era rapaz, íamos brincar e se escorregava com o bucho ou com o pé, e que não se segurava em pé.
> Um dia, dois amigos meus, já morreram, eles iam andando, quando se ariaram[17] e olharam para cima e viram uma cidade tão bonita, umas casas grande, cheia de casa. Aí eles ficaram parados olhando, admirados, e isso

[16] Leia-se ´visagem´.
[17] Significa "alhear-se; pessoa que fica desnorteada."

> lá era um encante. Eu cheguei a presenciar, por algumas vazes, um clarão como luz azul, verde e branca. Isso era um encante e ainda hoje lá não cria mato. Tem a croa de vez a enquanto lá do Córrego preto e vinha subindo e não tinha quem descobrisse e que era. Um dia, eu vinha pescando, eu, era rapaz, quando cheguei aqui no braço do Mané Polino, um antigo morador que morava perto do lagamar, assediou o carnaubal todinho, aí eu fiquei parado sem saber o que fazer e sem saber para onde ia. Fiquei encadeada, aí eu saio e vim embora, aí o povo dizia, que era dinheiro enterrado. O encante é os nosso mais velho, nosso tronco velho que sai fazendo o que fazia antes, nos protegendo os que são bonzinho, mas existe uns maus.

Manoel Afonso dos Santos, pai de alunos da escola de Varjota, em suas falas, disse: "[...] eu cheguei a ver um fogo no lagamar que, às vezes, ficava de outras cores, ficava azul, verde, amarelo, vermelho de todas as cores."

O Francisco Benedito Moura, o Chico Benedito, um pescador experiente, ao falar sobre encantos ligados ao lagamar, relata de um fogo que aparecia perto de sua casa, pois sua casa ficava próxima ao lagamar, e esse fogo vinha do paiol do sal, vinha, vinha até chegar ao olho de uma carnaubeira, lá o fogo sumia.

Manoel Cabral de Sousa, conhecido como Manoel Maroca, liderança da comunidade de Varjota, conta:

> Uma vez, eu fui pescar, pescando, pescando. Quando cheguei perto da lagoa do Gino, eu escutei um grito assim, deu muitos gritos perto de mim, ai eu fui para perto e vi uma pessoa vindo para o meu lado e ia andando. Cada vez que eu andava, a pessoa andava também, mas eu fui prestar atenção a pessoa não lanceava e nem mexia na água aí veio na minha mente que não era gente. Aí mim benzi, quando eu mim benzi, esse negócio ia subindo para cima para o céu e eu ia andando e olhando quando esse negócio foi descendo ficou dentro de um pé de mangue mas fiquei com sombroso. Eu não sei o que era e nesse dia eu não peguei nada e fiquei com muito medo e vim embora.

Deusdete Cabral de Sousa, conhecido como Dete, liderança de Varjota, narra pra nós:

> Uma vez quando saí de casa e arrudiou um jumento bufou e lhe acompanhou e ele ficou com muito medo, mas, mesmo assim, disse: Deus te salve, Deus te salve. Aí, quando estava pescando, quando algo apareceu e ficou com muito medo, mas pediu perdão, aí passou o medo. Outra vez, quando ia pescar e chegou pertinho, algo bateu em meu chapéu e era um outro ser, uma alma, mas pediu perdão, e o ser foi embora, aí acabou-se o medo.

Podemos entender, com o apoio dos mais antigos, que os encantados só aparecem mais, para quem tem muita oração consigo. Por isso, o lagamar é sagrado, por ter encantados e seres que, muitas vezes, nos guiam, nos mostram como podemos nos orientar no lugar em que nos sentimos bem, por ser tranquilo e calmo, pois nos dá uma paz.

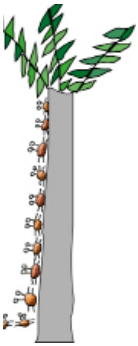
Hoje fica mais raro ter esse contato com outros seres, com os encantados desse recanto, pois o lagamar teve muitas modificações, porque antes era outro tipo de mato, não era mangue e tinha menos pessoas. A maioria dos pescadores só pescava à noite para trabalhar no roçado durante o dia.

Os encantados também são seres que precisam de respeito, admiração, carinho e afeto, tendo esses aspectos de amor com a natureza que é sua morada. Temos a proteção deles que rodeia nosso corpo, como se fosse o ar. Por isso é que devemos conscientizar essas novas gerações a ter esse respeito e acreditar que os encantados são nossos ancestrais que já se foram dessa vida para a outra.

Falando sobre os encantos, tanto quanto a preparação para a pesca, algumas pessoas não acreditam que possa haver seres que nos protegem, que são os bons, outros que nos destroem, que são os maus, que abalam seu ser quando estamos em contato com a natureza. Isso não é diferente ao pescar no lagamar. Por mais que o pescador conheça o local que vai pescar, às vezes, deus lhe prega peças ou desafios de que a pessoa não sabe como se livrar: um exemplo disso é se depa-

rar com um peixe grande que você sozinho não pode pegar e se enrola em sua tarrafa que é própria para pegar peixes pequenos, ou uns tocos cheios de ostras que, às vezes, ficam enterrados na lama, ou pedaços de peixes grandes que morrem como bagre que têm o casco da cabeça dura e fica enterrada na lama, como também oieiros, buracos na lama como areia movediça. Isso são armadilhas da natureza de que os seres encantados nos livram e protegem quando acreditamos neles.

Capítulo IV



A PESCA NO LAGAMAR

A pesca no lagamar é muito importante, pois dele tiramos o peixe, o siri, mão no olho,[18] o caranguejo, a maria farinha,[19] camarão. Muitas vezes, quando se pesca e se pega uma quantidade maior de camarão, separa-se uma parte para o alimento familiar, e a outra parte se vende para comprar coisas pessoais.

Figura 8 - Siri do lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

[18] Uma espécie de crustáceo.
[19] Outra espécie de crustáceo.

A pesca tem um significado enorme para nós Tremembé, porque a maioria dos moradores é pescador. Para nós, que somos filhos e filhas de pescadores, nos sentimos com muito orgulho da riqueza desses conhecimentos. Conhecemos os peixes e crustáceos de todo tamanho e sabemos como tratar e cuidar deles. A maior parte desses escritos decorre de nossas pesquisas, junto aos mais velhos.

Aproveitamos para lembrar que Augustinho Félix Jacinto, nosso Tuxá, conselheiro do aldeamento Tremembé de Almofala, foi nossa primeira liderança na luta, pelos direitos do povo Tremembé, pela demarcação de nossas terras, junto com sua esposa Conceição, também liderança na comunidade de Varjota. Este casal nos fala que o peixe diminuiu também porque o povo cresceu muito. Segundo eles:

> Antigamente, só existia a família de Cabral, pois o pouco era muito. Hoje foram destruindo e acabou. Aí foi crescendo a ambição e ela espanta a fortuna, ai começaram a fazer arrasto no lagamar, gente de Itarema, e isso vai diminuindo. A pesca de caçoeira, aquilo eles estiravam a caçoeira na multidão de água e pegavam aquele monte de peixe, mas eles só queriam os peixes grandes e os pequeno jogavam na beira da água. Isso tudo diminuiu. Quem fazia uma farinha ou uma quarta de feijão, vendia ou trocava e comprava uma tarrafa para poder pescar e pegar os peixes. Aí tinha todos os tipos de peixes que tem no mar, do tubarão ao moré,[20] sôia[21] e camarão, todos como aguião.

[20] Uma espécie de peixe comprido e mole que tem predominância da cor roxa e partes esverdeadas.
[21] Uma espécie de peixe arredondado, achatado e fininho.

Figura 9 - Peixes do lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Chico Benedito informa que, quando vai entrar no lagamar para pescar, se benze, que é para se livrar das esporadas de bagre. Reafirma o que muitos dizem, que o Lagamar é pai e mãe porque toda vida tiraram o sustento dele, tudo no mundo vem do pai e da mãe. Por outro lado, tem pessoas que destroem o lagamar porque, às vezes, pega um peixe pequeno e não traz para casa e deixa esse peixe morrer na beira do rio.

Sobre as mudanças que se deram ao longo do tempo quanto à pesca, em destaque a questão da linha que se usava para pescar, segundo a liderança Conceição, esposa do Tuxá Augustinho:

> Naquela época, eu já era casada e lembro que fiei muito à noite para fazer uma tarrafa para o Augustinho pescar, porque não tinha linha, o único fio que conhecia era o algodão, que, naquela época, tinha bastante. Só depois é que apareceu o náilon 2, 4 e 8. A produção que pegava, vendia para comprar a linha da bodega, para fazer as tarrafas. O algodão foi começando a ficar mais difícil.

Figura 10 - Linha Nylon.
Foto: acervo dos autores (2012).

Assim, vai acabando uma coisa e criando outra. Isso é obra da natureza, como diz Augustinho Félix Jacinto, Tuxá Tremembé, e sua esposa Conceição. Ele e ela também falaram, como esses alimentos eram pegos, de tarrafa se pegava peixe, siri, camarão e outros mais. Acrescentaram dizendo que os próprios materiais eram feitos por eles mesmos, as duas lideranças citadas acima relatam como se fazia. A tarrafa era feita de dois tipos de linhas, o fio de algodão e a linha que comprava na bodega. Porém, o que os Tremembé mais usavam era de fio de algodão. Dona Santa diz que plantavam o algodão, apanhavam, descaroçavam e, em seguida, batiam na esteira, depois rasgavam o algodão, batiam e fiavam. Essa fiação era feita no fuso, depois que era fiado e enovelado e, logo em seguida, começava fazer a tarrafa.

Figura 11 - Fazendo a tarrafa. Foto: acervo dos autores (2012).

Figura 12 - Puxando a tarrafa para lancear.
Foto: acervo dos autores (2012).

Uma coisa interessante que nos faz voltar no tempo é o que Tio Luiz Caboclo diz sobre a pesca:

> [...] é que eles só pescam nu, pois só tinham duas roupas uma de vestir em casa e outra de sair para as brincadeiras. Luiz Francisco diz que hoje temos vários tipos de maia[22] de tarrafa, mas, no passado, não era assim. Porque, antigamente, não se pegava peixe pequeno e não tinha necessidade de tarrafa de maia pequeno. Lembramos aqui que Tio Luiz Caboclo e Tia Santa, são da comunidade de Batedeira.

A pesca no lagamar é uma pesca artesanal que é para a sobrevivência do povo Tremembé. A mesma é realizada com vários instrumentos de pesca, tais como a tarrafa, feita de náilon chumbo e corda, em formato de um cone, mas, antigamente, era feita de algodão; a caçoeira, é também de náilon, mas com algumas diferenças, pois só tem um lado e, em suas laterais, colocam chumbo e boia de isopor. A 'linha de vara'[23] é feita de vara, anzol, náilon e chumbo. A de mão é fabricada de náilon, isopor, chumbo e anzol. Temos a rede de arrasto que é fabricada de náilon ou fio de seda e tem um pau em cada chumbo e a boia – objeto arredondado feito de isopor, o landuar – rede de pesca confeccionada de linha de náilon ou seda, de cipó – um tipo de vara de pau que se dobra.

Temos também o curral, feito de varas de pau cipó, corda de náilon e enfincado dentro do lagamar e do rio. Esses tipos de instrumentos são produzidos pelos próprios pescadores, e, com eles, se pegam diversas espécies de peixe, crustáceos e molusco que ali existem. Os siris são pescados de tarrafas, linhas de varas com isca, landuar, curral e com as próprias mãos; os camarões também são capturados com as tarrafas mais apropriadas, feitas com linha de náilon 20 e 25, como também de curral e rede de arrasto.

Os peixes são capturados com vários tipos de tarrafas, as quais são feitas com diversos tipos de náilon. Além disso, é

[22] Leia-se 'malha'.
[23] Linha de vara é o modo que os Tremembé denominam a vara de pescar.

utilizada linha de mão confeccionada com náilon e anzol, bem como linha de vara e curral.

Falando da preparação que o pescador tem ou faz ao entrar no lagamar para pescar, isso varia de pessoas. Pelo que ouvimos nos depoimentos, algumas pessoas fazem orações ou só se benzem para que possam ter uma pescaria tranquila sem perturbações ou atrapalhar-se no momento da pesqueira e não levar cortes de ostras, perfurações de pau enterrados na lama ou esporadas de alguns peixes. Outros pescadores não usam ou fazem nada para sua proteção ou defesa. Por isso, muitas vezes, são vítimas dos desafios ou armadilhas encontrados no lagamar.

Logo nas margens do rio Aracatimirim, encontramos uma variedade de crustáceos, tais como o caranguejo; o guaiamum, uma espécie de caranguejo de cor azul e de patas maiores, só que não encontramos dentro do mangue e sim nas margens do lagamar; mão-no-olho, parecido com o caranguejo, pequeno e suas patas são como uma tesoura; sié, tem o formato de caranguejo e não cresce muito; maria-farinha, parecido com os outros crustáceos, é o único que se alimenta em cima do mangue. Todos são capturados diretamente com a mão, portanto, sem a utilização de instrumentos. Temos também as ostras e unha-de-velho – um tipo de búzio, sendo que a unha-de-velho cava-se com a mão ou enxada para encontrá-la.

Chico Benedito diz para nós que, há muito tempo, tinha muito peixe e hoje acabou, mas isso aconteceu. Foi o número de gente que cresceu demais, com isso diminui o número de peixe e de camarão.

Figura 13 - Siri. Foto: acervo dos autores (2012).

O Tio João Gomes, liderança da comunidade de Tapera, atualmente com 74 anos, conta uma de suas histórias de pescador:

> Uma certa vez, numa de suas pescarias com seu amigo e vizinho Aroldo, no lagamar, durante a noite, foram em busca de arranjar o quebra jejum do dia seguinte na lagoa do Gino. Nessa época, na região, vários cachorros estavam ficando doentes, doenças essas que as pessoas chamavam de doidiça, assim os cachorros ficavam doidos quando adoeciam. Logo no início da noite, os dois saíram para pescar, já com bastante medo. Depois de muito pescarem e de terem pegado já a boia, resolveram voltar para casa. João Gomes colocou a tarrafa no ombro e jogou a corda para trás, pensando, como de costume, fazê-la só quando chegasse em casa. Assim chegaram mais na frente, onde tinha muita folha de mangue seca, os dois ouviram um chiado... Como a noite era muita escura, olharam e não viram nada, pensaram e disseram um para o outro:
> — Compadre é o cachorro doido.
> O outro, ao ouvir o que o compadre havia dito, respondeu:
> — Será, compadre? Pois vamos correr... e assim fizeram. Só que quanto mais os dois corriam, mais ouviram o chiado perto deles e aí é que corriam mais ainda. Depois

> de correrem muito tempo e já chegando na croa,[24] não ouviram mais o barulho e resolveram parar. Muito cansados e tremendo de medo, sentaram-se e foram fazer as cordas das tarrafas. Conversando sobre o que era realmente que fazia o barulho, perceberam que o chiado que os acompanhavam era a corda arrastando no chão dentre as folhas. Certo do que tinha acontecido, os dois se abraçaram e começaram a chorar. Depois do choro e de passar o medo, resolveram seguir para casa sorrindo da besteira que os dois cometeram. (Depoimento dado a Francisco Elisnaldo de Sousa – estudante do MITS).

Tio João Gomes, ainda em suas falas, conta que "O pescador antes de entrar na água, se benze, para fechar o corpo. Antigamente, tinha pássaros que protegiam e avisavam quando vinha bicho feroz."

Manoel Afonso dos Santos, da comunidade de Varjota, diz que "Ao sair para pescar, se benze e antes de entrar no lagamar, se benze novamente, pois é uma forma de proteção para o nosso corpo." Essa pesca vem passando de gerações a gerações Tremembé.

Deusdete, citado em outros depoimentos, disse que:

> Eu andava pescando com um amigo, e meu amigo falou esse lagamar vai virar tremendal, pois o mangue vinha da maré de fora, esse lagamar era até aqui no pé do barranco. Era lagamar, hoje só tem mangue, e o peixe que entra fica no pé do mangue. Para pescar com um pegureiro, outra pessoa que andava com uru[25] ou o peixe porque não aguentava com o peso, pois pegava muito peixe porque tinha muito. O mangue trouxe coisas boa, pois também trouxe o caranguejo, e sua tarrafa era feita de fio de seda. O lagamar é o pai e mãe da pobreza desse povo, pois ele pescava para três família, para sua mãe, seu tio e a sua.

Deusdete, em sua entrevista, tenta nos mostrar como era na época em que pescava, pois hoje não pesca mais, sua idade

[24] Uma parte seca do rio, uma pequena ilha.

[25] Cesto feito de palha de carnaúba utilizada para guardar o peixe pescado.

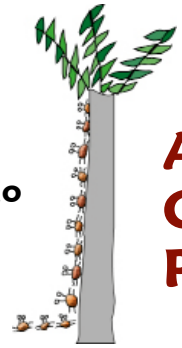
não é a mesma, e o lagamar também não é mais o mesmo. Hoje está cansado, pois pescou muito e, quando pescava, pegava muito peixe e repartia para três famílias, a sua, para a família de seu pai e para a família de seu tio.

A pesca no lagamar é muito importante para a vida dos Tremembé, de Almofala, da área de Varjota e Tapera, pois foi dessa pesca que os nossos mais velhos, nossos pais criaram suas famílias. Em vista disso, essa pesca vem passando de geração para geração, portanto o lagamar representa quase tudo em nossa vida, pois, sempre que precisamos, encontramos variedades de peixes, crustáceos, moluscos.

Além disso, temos a felicidade de apreciar a beleza ao ver uma pequena parte da nossa Natureza, dizemos pequena porque não é todo o aldeamento e sim um presente dentro desse espaço abençoado por Deus e concedido para esse povo que ama e respeita essa fonte de riqueza que ensina a dialogar, porque, quando estão pescando, é uma verdadeira farra, folia. Nesses momentos, eles conversam sobre tudo. Ensinam e aprendem a ter paciência, porque, para tirar todo o peixe enroscado nas pequenas malhas miúdas, precisa estar calmo e com muita virtude em suportar resignadamente males físicos e ensina a ter dignidade ao repartir o peixe que pesca.

Pescar no lagamar faz-se sentir saudável porque faz uma imensa melhoria física e mental, na mente, no corpo e nas emoções. Isso se dá por estar em contato com a Natureza e com os seres invisíveis que nos fazem nos sentir mais livres.

Capítulo V



A POLUIÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O LAGAMAR

O lagamar hoje é afetado por diversos tipos de objetos poluentes que vêm prejudicando bastante o desenvolvimento dos seres vivos que ali dentro e aos arredores habitam, como os animais mamíferos (jumento, cavalo, vacas, bois, ovelhas e cabras), pois essa poluição é jogada pelos moradores da comunidade de Torrões, que fica à sua margem e também da Empresa Monteiro Pescados, que solta restos de cordas, sacos plásticos, isopor, pedaços de madeira que sobram das construções das embarcações. Outra poluição muito frequente são os esgotos domiciliares que vêm de algumas residências e que ficam muito próximos ao rio. Na maioria das vezes, as pessoas da própria comunidade usam o mangue como banheiro. Então, quando a maré enche, leva tudo para dentro do lagamar. Isso contamina os seres vivos e nos contamina também.

Antigamente, a comunidade de Tapera, quando não tinha vaso sanitário, usava o mangue como banheiro e, quando a maré enchia, levava tudo para dentro do rio, pois tudo isso era uma forma de contaminação para os peixes e a própria comunidade, que se alimentavam e se alimentam desses seres vivos.

Hoje a população cresceu, e, com esse crescimento, adquirimos novos conhecimentos e mais força de lutar e, com nossa luta, conseguimos junto à FUNASA – Fundação Nacional

da Saúde, kits sanitários para cada morador. Com isso, diminuiu o uso do mangue, como banheiro.

Atualmente, com o crescimento da população do povo Tremembé, com as influências culturais dos 'não índios', vem-se multiplicando a poluição, porque, antigamente, eles não usavam objetos embalados em sacos plásticos, era tudo natural. Nos dias atuais, tudo é consumido em embalagens. Mas as escolas do aldeamento Tremembé de Almofala estão trabalhando e conscientizando os alunos e toda a comunidade sobre o problema que nos causam as embalagens. Sua decomposição dura milhares e milhares de ano.

Manoel Afonso dos Santos continua com seu depoimento, dizendo que:

> [...] fico triste e indignado quando encontra lixo no lagamar, como resto de curral, porque aquilo cortam os pés do pescador, outras poluições, são os restos de cordas, sacos e vidro. Tudo isso acaba e destrói o lagamar. Antigamente, não tinha poluição, e eu nunca cheguei a poluir.

Figura 14 - Lixo no lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Figura 15 - Restos de corda no lixo do lagamar. Foto: acervo dos autores (2012).

Manoel Raimundo Félix, liderança de Tapera, diz que, na sua opinião, essa poluição não tem nenhuma influência sobre o que está acontecendo no nosso rio. Mas ele vê um outro problema que não é poluição de lixo, mas sim a poluição sonora do barulho dos motores das embarcações na comunidade de Torrões. O mesmo ainda disse que não diminuíram os peixes, mas sim aumentou o número de pessoas para fazer a captura desses peixes.

Figura 16 - Manuel Raimundo Félix (Manuel Doca). Foto: acervo dos autores (2012).

Manoel Marciano dos Santos (Calisto), liderança que iniciou a luta pela demarcação da terra na comunidade de Tapera, diz que, fazendo uma análise da entrevista que fiz, tenho convicção de que a poluição existente no rio Aracatimirim causa muitos problemas, pois essa poluição pode causar consequências para os peixes, como para as plantas que ali vivem, e pode também causar transtorno para as pessoas, pois, dentro do rio, podemos encontrar vários tipos de dejetos: garrafa pet, garrafa de vidro, embalagem de tintas usadas para pintar embarcações, quando sabemos que esse lixo é para ter um destino certo, um aterro sanitário.

> [...] essa poluição tem nos causado muitos prejuízos na vida do nosso rio, pois essa sujeira cega os peixes, como tainha e pode matar os bagues. Esse tipo de peixe come em cima da água, ele acrescenta, dizendo que os restos de óleo de motores que são jogados na água pode matar os mangues novinhos. (CALISTO).

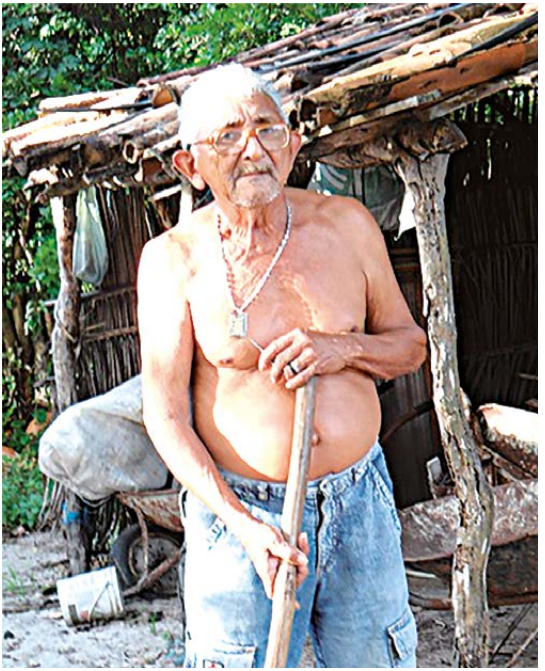


Figura 17 - Calisto.
Foto: acervo dos autores (2012).

Manoel Cabral de Sousa, liderança da comunidade, conhecido como Mané Maroca, conta que:

> O lagamar, para mim, é nosso pai, pois é onde os mais velhos foram criados e ainda estão se criando, foi quem nos deu e ainda nos dá o sustento ainda e com toda essa mata que está se formando, que é o mangue continua sendo a sobrevivência do nosso povo. Nosso pai porque ele ensina tudo, ensina a amar e a respeitar. Antigamente, era lagamar, hoje é o mangue e os canalzinhos porque 'pratrasmente'[26] era só capim não tinha mangue e era muito fundo. A água era um bocado doce e um bocado salgada. No final do inverno, o capim todo apodrecia, e o capim era todo grosso, e o peixe era demais mesmo, o peixe todo grande e de toda qualidade de peixe. De um lado, o mangue foi também bom porque trouxe a vara, pois não tem outro pau, hoje o pessoal estão comendo caranguejo, antigamente, o pessoal não gostava de caranguejo.

Com base nessa entrevista com o Tio Mané Maroca, percebemos que havia muitos peixes e de todos os tipos e de todos os tamanhos. Quando chegava o inverno, o capim apodrecia devido à mistura da água doce com a salgada. Ele diz que, quando iam pescar, juntavam-se muitos pescadores, e uns iam batendo no capim, e os outros lanceando, jogando a tarrafa para pegar o peixe, pois, com a batida no capim, o peixe saía, assim eles podiam pegar muitos peixes. Antigamente, os Tremembé não gostavam de caranguejo, pois não conheciam. Quando começaram a pegar e experimentar, aí começou-se a consumir cada vez mais o caranguejo.

O lagamar, na época a que tio Manoel Maroca se refere, era a sobrevivência do povo Tremembé, o lugar onde os mais velhos foram criados, e ainda hoje estsão se criando os mais novos, só que tem outro conceito ou forma de pescar. Esse povo pesca para a sobrevivência e para outros fins, como vender o camarão e comprar outros utensílios da casa. Lembramos que os mais velhos dizem que, antigamente, comiam o peixe com

[26] Leia-se: antigamente...

o pirão de peixe. Pegavam o peixe e deixavam secar, pisavam como se fosse uma farinha e comiam com o peixe fresquinho, pegado na hora, porque, naquele tempo, não tinham outra coisa com que misturar, como a farinha de mandioca, a goma, a borra, e o feijão.

Por isso, o lagamar era e continua sempre muito importante para os Tremembé, não só pela alimentação, mas também porque ensina a amar, ter respeito e compaixão pelo outro, pois, antigamente, iam pescar, chegavam e repartiam o peixe que pegavam com os outros vizinhos sem se preocupar com o amanhã, pois sabiam que, no outro dia, o lagamar dava. Hoje os mais novos quase não pescam, por várias razões, uma porque não tem a fartura que tinha, outra porque o lagamar também sofre com os maus tratos causados, por exemplo, pela ganância. Antes se pescava por sobrevivência, hoje, algumas vezes, por interesse desejo egoísta de proveito pessoal.

Por sua vez, nos diz Deusdete:

> O lagamar era limpo de sujeira, só tinha peixe. Aí aparece um capim, nós se deitava no capim e saía com o bucho no capim. Enchia o uru só de peixe e pegavam até com a mão, hoje é porque tem viveiro e resto de madeira, resto de curral que os pescadores deixam uma porqueira, e vinha gente do mundo inteiro pescar aqui.

Figura 18 - Deusdete. Foto: acervo dos autores (2012).

Na época, havia muito peixe, e o lagamar era limpo: não tinha mangue, nem destroços, restos de currais deixados pelos curraleiros (os botadores de currais, pescadores que botam currais no rio). Devido a esses restos de currais que ficam acumulados dentro do lagamar, acumulam-se muitas ostras, virando muitas crateras no lagamar inteiro. Isso é muito perigoso, pois chegam a fazer cortes profundos na pele. Quando se referia a que o lagamar ia virar tremedal, era porque o mangue ia tomar de conta do lagamar. Havia muito peixe, mas hoje o peixe fica escondido dentro do mangue.

Bem, diante disso, diante dessa denúncia, começamos a construir alternativas de cuidado. Para nos motivarmos, buscamos observar os laços que nos ligam ao Lagamar, suas belezas e riquezas.

É importante destacar que o lagamar é uma riqueza que se manifesta de diversas maneiras. Daí a necessidade de cuidar do lagamar. Trazemos, para mostrar sua riqueza, um exemplo importante, uma oferenda do lagamar para os Tremembé: o toá.

Sobre ele, temos uma entrevista feita com Maria de Fátima Andrade, conhecida como Navegante. Para ela, o toá é um barro tirado da urela do lagamar só quando a maré estiver seca, pois, quando estiver cheia, a água cobre tudo. Só quando estiver seca é que podemos ver os buracos dos siés, que é de onde se retira o toá. A gente sai procurando e onde encontramos algum farelo de barros de outra cor é que procuramos com uma colher, cavamos o buraco e encontramos o toá, mas não é em todo canto do lagamar que encontramos.

O toá pode ser de três cores: amarela, vermelha e branca, só que a branca não encontramos no lagamar e sim em um barreiro próximo ao lagamar dentro da comunidade. Mas fazemos outras cores com a mistura de carvão; como ele é feito logo que chegamos com ele, lavamos, coamos e botamos para secar, quando vai secando, a gente vai escorrendo a água que fica em cima, só depois é que pisamos o carvão, cessa e mistura o amarelo com o carvão, o mesmo fica verde; o vermelho, com o carvão, fica marrom; o branco, com o carvão, fica azul.

Figura 19 - Mistura de cores do toá.
Foto: acervo dos autores (2012).

Figura 20 - Maria Andrade, a Navegante.
Foto: acervo dos autores (2012).

Mas também usamos cada um separado. Só o vermelho, só o branco, só o amarelo, sem colocar outra mistura. Com isso, fazemos pinturas em parede como decorações, fazem quadro, pintura corporal.

Em outras palavras, o toá é uma espécie de barro ou argila que tem um valor muito significativo para o povo Tremembé, pois, com ele, temos uma riqueza em nosso artesanato e pin-

turas, com ele, podemos pintar em várias cores. Sua extração é feita às margens do rio Aracatimirim, em um processo muito delicado. Para obtermos as cores certas, é preciso que a pessoa tenha um profundo conhecimento nesse assunto.

A beleza se expressa na riqueza do canto que mostra o lado do amor e das relações entre os Tremembé e o Lagamar. Percebemos isso nesta música:

VEM COMIGO NAMORAR

Na lagoa da camboa
Perto do guagiruzeiro
Eu vejo você passar
E na estrada do Panã
Depois da azeitoneira,
nós vamos se encontrar
aguapé, quando se espalha
nas águas do lagamar
até parece o luar
vem comigo namorar a a a a a a a a namorar
vem comigo namorar a a a a namorar.

CONCLUSÃO

O que pretendemos mostrar para nossos leitores, ao longo do livro, foi a satisfação que temos em compartilhar nossas angústias, conhecimentos, amor, carinho e respeito que sentimos ao entender e poder falar do lagamar. Provavelmente, muitos não sabem acerca da sua importância, que é imensa para nosso povo.

Compartilhamos com nossos leitores alguns conhecimentos, para que eles entendam um pouco do lagamar, de suas dinâmicas, de suas histórias, de tal modo que possam também compartilhar as preocupações que apontamos.

Para citar uma delas, destacamos a falta de peixe que está sendo observada, afetando gravemente algumas famílias mais carentes da comunidade Tremembé, que assim passam a não mais ter como sobreviver, sendo que a maior parte de seus sustentos vem do lagamar.

Acreditamos que este livro pode favorecer com grandes mudanças e possa nos mostrar uma solução para aprimorar algo que efetivamente ajude na preservação do lagamar. Entendemos que, com algumas ações dentro da comunidade, possamos incentivar a proteção ao rio Aracatimirim.

As entrevistas com as lideranças, com os mais velhos, a parte mais rica deste livro, apresentaram histórias que desconhecíamos. Hoje podemos compartilhar essas histórias, esses saberes com as nossas crianças, com todos e todas.

A gente pôde reviver um tanto da infância que tivemos antes... As lembranças nos ajudaram a reconhecer a importância do lagamar e assim podermos contribuir com a conscientização da relevância, da importância do lagamar, da natureza não humana em nossas vidas. É uma ligação que a gente tem que ter e faz com que nossas raízes se fortaleçam.

Em todas as áreas da nossa vida, podemos nos enriquecer por meio do reconhecimento do valor do lagamar, da importância das relações que temos ou podemos ter com o lagamar.

Este livro, em nosso entendimento, também serve para que os mais velhos reflitam sobre como se relacionaram com o lagamar. Todas(os) podemos ser tocados ao perceber como poderíamos ter lidado com o lagamar de uma maneira mais saudável e cuidadosa, e assim podemos nos relacionar com o lagamar. Não é apenas lembrança, mas fatores que nos ajudam a refletir e mudar nossas atitudes, nossa práxis.

Tivemos oportunidade de compreender a gravidade do lixo, da poluição, da invasão humana para além do necessário. Constatamos que usar e tirar mais do que o necessário dos nossos bens naturais, neste caso, do lagamar, dessa natureza não humana, vai repercutir sobre nós mesmos com as reações que a natureza terá diante de nossas agressões.

Aprendemos muito. Uma das questões que nos acrescentou demais foi reconhecer os saberes das lideranças acerca das relações com o lagamar. Outrora, o rio tinha peixe muito. Dois ou três lances eram suficientes para tirar o que a gente precisava desse lugar sagrado. Hoje temos vários problemas.

Estamos fazendo histórias e contando a história de nossos mais antigos, preservando essas histórias, esses conhecimentos, saberes e possibilitando que as novas gerações possam ter um lagamar e cuidar desse lagamar.

Este livro traz como um dos seus propósitos garantir a manutenção, a existência do lagamar, tão importante para os Tremembé. Desse modo, oferecemos esse contributo e acreditamos poder colaborar com um mundo mais equilibrado e harmônico.

Tivemos também como propósito mostrar para as nossas futuras gerações, que o lagamar foi e continua sendo um ambiente confortável, cheio de histórias encantadoras, vivenciadas pelos nossos ancestrais. Mas, além disso, advertir que o nosso lagamar, atualmente, está mais dificultoso para dele se adquirir alimento. Seus crustáceos, por exemplo, estão desaparecendo, devido a vários fatores, incluindo a poluição, pescaria antecipada e a entrada dos brancos na nossa área. Mas, com todos esses acontecimentos, o lagamar continua sendo ainda o grande fortalecimento do povo Tremembé.

Queremos lembrar que o tema deste livro serviu para mostrar um caminho desejado em direção à sustentabilidade, o que vem fortalecer nossa consciência ambiental. Esperamos que esse trabalho possa colaborar nas reflexões dos educadores, em relação ao cuidado e proteção do meio ambiente.

Aqui, confraternizamo-nos por meio do afeto expresso em nossas palavras quando nos referimos ao lagamar e depositamos total afeição neste livro junto aos que deram seus depoimentos, que, por sinal, foram de suma importância e que também vimos nos olhos de muitos, quando falavam ou se referiam ao lagamar como se fosse algo do passado e que não mais pudesse oferecer a fartura de antes. Estamos felizes por termos alcançado nossos objetivos e esperamos que estas palavras toquem no bom senso de muitas pessoas que assim possam compreender a importância do lagamar.

Temos aqui a chance de deixar uma importante herança para nosso povo e assim estamos fazendo. Esperamos que, de fato, todos(as) possamos aproveitar desses saberes e entender que lagamar é nossa raiz e deve ser reconhecido como tal. Que cada um e cada uma de nós possa entender a essência do lagamar e observar que podemos frutificar, proporcionar condições para que o povo Tremembé esteja garantido. Que sejamos esse recanto alagado, mistura de salgado e doce, berçário da vida, que flui e leva para muitos outros cantos o canto Tremembé.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. *NBR-6023: Informação e documentação - Referências - Elaboração.* Rio de Janeiro, RJ, 2002.

_____. *NBR- 10520: Informação e documentação – Citações em documentos - Apresentação.* Rio de Janeiro, RJ, 2002.

DICIONÁRIO AULETE. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=lagamar>. Acesso em: 26 set. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio:* Século XXI eletrônico [Cd-Rom]. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. de. *O encanto das águas:* a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará - Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SAMPAIO, José Levi Furtado; VERÍSSIMO, Maria Elisa Zanella; SOUZA, Maria Salete de (Orgs.). *A comunidade tremembé:* meio ambiente e qualidade de vida. Fortaleza, CE: INESP, 2002.

INVENTÁRIO DE ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL DO POVO

TREMEMBÉ

<

José Albio Moreira de Sales
(orientador)

Luiz Henrique dos Santos
José Vicente dos Santos

INVENTÁRIO DE ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL DO POVO TREMEMBÉ

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro a todos que acreditam na força de vontade e na capacidade de superação do ser humano. Aos nossos pais, filhos e esposas que estiveram sempre do nosso lado, aos Tremembé, pelos seus conhecimentos e saberes transmitidos através de suas histórias que muito nos ensinaram no decorrer desta caminhada. Aos docentes, pelo entusiasmo com a cultura e conhecimentos Tremembé, que, com suas experiências, nos incentivaram em novas descobertas da história para um amplo fortalecimento desta luta. E por fim aos futuros Tremembé, para que possam conhecer, aprender e valorizar os saberes tradicionais da cultura Tremembé pro meio da leitura deste livro e com isso levar adiante esta luta e a história do povo Tremembé garantindo que esses saberes não se percam.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que é o ser maior, ao pai Tupã e à mãe Tamaim, aos encantados Tremembé a quem devemos a inspiração para as descrições deste livro aqui apresentado: às lideranças, pela confiança que depositaram em nós, durante a caminhada da nossa formação.

A nossas famílias que compreenderam nossas ausências durante nossa caminhada; aos docentes que foram exemplos e fonte de entusiasmo; aos nossos mestres que caminharam juntos conosco compartilhando seus conhecimentos com paciência e carinho.

Ao nosso orientador, Prof. Dr. José Álbio Moreira de Sales.

A nossas comunidades e, em especial, a todas as pessoas que colaboraram no preparo de nossa alimentação durante as etapas do curso MITS - Magistério Indígena Tremembé Superior.

Aos companheiros de escola, com quem aprendemos a sonhar.

Aos nossos colegas cursistas, pela parceria com que ajudaram a tirar nossas dúvidas.

Aos parceiros Sonha Malaquias, pela declaração e apoio a este trabalho pedagógico; Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho (Babi), que fez essa ponte entre Tremembé e UFC; a Marly Schyavine representante da Igreja metodista e Alberto Cukier.

A todos que participam conosco desta jornada e contribuíram direta ou indiretamente para a nossa aprendizagem.

À instituição UFC, por ter aberto as portas para a educação indígena Tremembé, dando continuidade à nossa formação, nessa etapa em nível superior.

Ao projeto PROLIND, que foi competente em reconhecer a nossa jornada; à CAPES, pelo repasse das bolsas do PIBID

DIVERSIDADE, que vieram contribuir para o aperfeiçoamento de nossos conhecimentos e desenvolvimento nas práticas pedagógicas, dando suporte a nós professores em sala de aula e para realização deste livro.

E, por fim, um agradecimento especial ao povo Tremembé, por repassar suas histórias e nos proporcionar essa aprendizagem tão bela, pois juntos conseguimos trazer para nossa aldeia um Curso de Magistério Indígena Superior.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 299

ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL DO POVO TREMEMBÉ .. 300
O que entendemos por patrimônio cultural material
do povo Tremembé 300
Apresentações do material didático 302

ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL TREMEMBÉ
CONFECCIONADOS COM ARGILA 305

ELEMENTOS DA ARQUITETURA E DAS CONSTRUÇÕES 312

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS
COM MADEIRAS 315

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS
COM ELEMENTOS DO MAR 339

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ DE
ORIGEM VEGETAL 342

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS
COM O COCO 352

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS
COM SEMENTES 357

ARTESANATOS TREMEMBÉ CONFECCIONADOS
COM PENAS 362

CONSIDERAÇÕES FINAIS 366

BIBLIOGRAFIA 367

INTRODUÇÃO

Por que escolhemos esta temática e qual a sua relevância para a cultura local e nacional? A escolha da temática para a pesquisa está diretamente relacionada com a nossa forma de viver, aprender e ensinar. Nesse modo de vida, estão presentes elementos da cultura e da arte que nos identificam como povo e necessitam ser preservados porque por meio deles nos reconhecemos como índios no contexto histórico e político da cultura brasileira.

Os elementos da cultura indígena como expressão do povo Tremembé são a forma visual e sensorial mais completa e sedutora da tentativa de imortalizar nossas crenças, mitos e história. É também uma expressão de criatividade e a recriação de nossa identidade na força da luta pela terra. Também podemos afirmar que partes desses elementos estão presentes em nossas vidas, pelos diferentes usos, como uso terapêutico, adorno – praticamente indispensável – e como utensílios domésticos e de trabalho. Boa parte da tecnologia da produção desses elementos, ao longo da história de nosso povo, foi passando de pai para filho até chegar à geração de nossos pais. Hoje também está presente na formação das crianças Tremembé por meio do ensino do artesanato, que integra o currículo escolar.

ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL DO POVO TREMEMBÉ

O que entendemos por patrimônio e cultura material do povo Tremembé

O patrimônio cultural é formado pelas histórias do povo Tremembé e sua relação com a cultura e vivência dos Artesanatos Indígenas: a luta pela terra, a criatividade, o conhecimento e a aprendizagem. As formas e a expressão encontram-se na diversidade do artesanato Tremembé, como o toá, o maracá, o uru, o urupema, o tapete, o anel, a aliança, a pintura no corpo, os utensílios domésticos e de pesca. As técnicas variam e sintetizam-se entre as de ontem e de hoje: manuseio do barro, extração de tintas das plantas, utilização de matéria-prima disponível (principalmente do coco), uso de material do mar e da terra.

O ensino de arte na educação é parte de uma filosofia educacional, que tem por base a valorização de formas de conhecimentos que consideram as unidades corpo e mente; sentimento e razão; cultura e diversidade. Tratar separadamente arquitetura, desenho e pintura é apenas uma forma didática de apresentar, vivenciar e apreender os conhecimentos por meio das artes visuais. Nesse sentido, a aprendizagem em arte tem como ponto de partida e de chegada a formação humana, que, na sua essência, é um processo contínuo, que

parte da cultura local do povo Tremembé e fortalece a identidade nacional, numa perspectiva multicultural. De acordo com Gallois (2006):

> A palavra patrimônio vem de *pater*, que quer dizer "pai" em latim, uma das línguas faladas na Antiguidade, na Europa. Essa ideia de patrimônio como "aquilo que se herda do pai" se transformou, ao longo de muitos séculos, para designar tudo aquilo que uma família recebia de seus ancestrais. O tempo passou e, na Europa do século XVIII, a palavra patrimônio se estendeu para o domínio das cidades e das nações. Do ponto de vista de cada família, era importante cuidar de seu patrimônio para que este pudesse ser transmitido aos membros das próximas gerações. Da mesma forma, do ponto de vista do conjunto dos cidadãos de um país, passou a ser considerado importante cuidar de um conjunto de bens históricos e artísticos, visto como propriedade de uma nação inteira.

Os objetos que os Tremembé guardam como apoio da memória lhes são mais significativos quando relacionados à terra [...] pois estes os vinculam aos seus antepassados e os acompanham ao longo da história como testemunhas materializadas. Para os Tremembé, o patrimônio material e os conhecimentos produzidos sobre ele são valorizados quando articulados com o conteúdo da memória. (NASCIMENTO, 2001).

O mundo da cultura é o mundo da vida, o mundo das nossas tradições. Este é constituído pelas normas, hábitos, interesses, objetivos e também pelo conjunto das coisas físicas, no qual os indivíduos partilham suas experiências com seu grupo, isto é uma maneira de pensar própria do seu grupo

> [...] para quem vive esse tipo de experiência, as coisas são físicas e, ao mesmo tempo, presenças animadas, isso porque tudo é tingido com afetividade e significação, em que espírito e natureza, ação e contemplação, mito e rito são indissociáveis. (NASCIMENTO, 2001, p. 27).

A memória coletiva tem seu ponto de apoio nas estruturas sociais, mas também, nos espaços e nos objetos, em que

o grupo deixa sua marca e é marcado por aqueles, fazendo lembrar a memória de ser de muitos homens e suas relações com outros grupos. [...] A estabilidade do espaço e seus objetos oferecem uma imagem de continuidade do próprio grupo. [...] um grupo sofre ao ver desaparecem objetos do seu universo como se uma parte de si mesma se esvaísse, temendo que, ao perder o apoio de uma tradição possa perder a razão de ser. Por isso, esse grupo expressa sua indignação, protesta e resiste com a força de sua tradição, na sobrevivência de alguns vestígios materiais. (NASCIMENTO, 2001, p. 29-30).

> Cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, e é como se dessecássemos um pensamento onde se confudem as relações de certa quantidade de grupos. (HALBWACHS, 1990, p. 132).

O amor e zelo com esses objetos significa compromisso com os antepassados e com as gerações futuras do seu grupo de pertença. É ligação afetiva que vitaliza o trabalho da memória e dá condição para que possam se vincularem aos antepassados (NASCIMENTO, 2001, p. 140).

É nesta perspectiva que estamos tratando do patrimônio Tremembé.

Apresentação do material didático a ser produzido

A seguir, o texto que será a introdução do material didático, quando este for publicado em formato próprio para disponibilização às escolas indígenas Tremembé:

Caro leitor (a),

Neste livro que preparamos com muito carinho e dedicação para você, falaremos da importância dos valores culturais materiais do povo Tremembé de Almofala. Esses objetos eram muito usados no cotidiano dos nossos antepassados. A partir das descobertas realizadas pelo homem branco, muito

da tradição foi esquecido, e os objetos tecnológicos do mundo atual ganharam espaço entre nós.

Os jovens não devem se preparar só para o sucesso, mas para as derrotas e decepções, pois elas fazem parte da nossa vida escolar, familiar e nos lugares sociais que ocupamos e vivemos. Todos os dias, estamos lidando com situações bem complicadas e difíceis de aceitar, por isso temos que valorizar nossas artes Tremembé. Hoje estamos muito preocupados com o mundo das tecnologias e das drogas, e o mais importante seria cuidar dos nossos objetos tradicionais, que estamos deixando para trás. Não devemos vê-los como objetos do passado, pois os mesmos são construções do presente também. É hora de fazermos desse passado um presente cheio de orgulho e valores da nossa cultura. Como diz o autor Cury (2008, p. 35), nossos jovens conhecem cada vez mais o mundo em que estão, mas quase nada sobre o mundo que são.

O artesanato é uma cultura que temos desde os antepassados mais remotos e que passa de geração para geração. O artesanato é muito importante para todos nós, pois pessoas sobrevivem dele. A artesã tem que ter toda a arte de criar cada peça, cada colar, enfeites etc. E essa arte, o carinho ao fazer cada peça, faz com que ela se torne valorizada tanto para quem criou como para outras pessoas.

Para entendermos a importância desse inventário das artes Tremembé, leiamos as falas daqueles que trabalham e vivem do artesanato:

> Desde criança, eu comecei a fazer artesanatos, como bolsas, esteiras, entre outros. Desde pequena, eu comecei a entender a importância do artesanato, porque só quem faz é quem sabe o trabalho que dá, mas eu gosto de fazer minhas artes. E é importante para todos nós. O artesanato tem saídas, incentiva outras pessoas a fazerem. E assim a nossa cultura não vai acabar. Algumas pessoas não dão valor, mas é porque não sabem o trabalho que dá (MARIA DE FÁTIMA, artesã Tremembé, de Passagem Rasa, em 30.03.2012).

> Trabalho com quengas e madeira. Desde menino, faço artesanatos, fazia embarcações de timbaúba, animais de barro e tamancas para meu próprio uso. Só agora eu vim me apropriar mais, pois eu aprendi por vontade próprio. Além de pescador, eu sou artesão, me dedico mais à parte do artesanato. Tenho 12 filhos, e minha renda familiar hoje vem do artesanato (JOSÉ GERALDO DO SANTOS, ZÉ BIINHA, em 29.03.2012).

Esses artesanatos vêm sendo ensinados para os alunos nas escolas do aldeamento, ensinando a fazer maracá, colher, xícara etc. Para eles, o artesanato é importante pela dedicação e os elogios das pessoas. Isso dá vontade de fazer cada vez mais. O artesanato vem ocupando muito o tempo vago de sua vida. O importante é eles gostarem de fazer. Para a música do Torém, o maracá tem uma importância muito grande no nosso ritual sagrado.

> Desde os 16 anos que trabalho com argila, aprendi com minha mãe. Hoje trabalho com minha irmã e minha filha. Pote alguidar, panela, caco, cuité, papeiro, jarro, forno, xícaras, tina, cabeça de cachimbo. O barro é tirado do meu próprio cercado. (MARIA JORGE GABRIEL, artesã Tremembé, em 25.03.2012).

O artesanato de Dona Maria Jorge Gabriel é comercializado nas comunidades indígenas e também em Fortaleza pela FIEC. Esse trabalho artesanal vem sendo passado de pai para filho. Na escola indígena, nossos alunos têm aulas práticas com artesões Tremembé, valorizando a importância da cultura material.

Esperamos que gostem do material!

ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL TREMEMBÉ CONFECCIONADOS COM ARGILA

Neste capítulo vamos falar dos utensílios Tremembé feitos de argila, ou barro, como é conhecida pelo nosso povo. Nas décadas passadas, praticamente todos os nossos utensílios do dia a dia eram artesanais, feitos pelo próprio povo Tremembé. Todos aprendiam a fazer algum tipo de utensílio, alguns demonstravam mais habilidades e se destacavam nas construções dos próprios artesanatos. Como eram objetos de uso nas necessidades diárias, os mesmos tinham grande importância na vida de cada um, faziam parte de sua vida cotidiana e assim adquiriam um valor cultural. Dessa forma, a tradição foi passando de geração para geração, tornando-se assim parte integrante de nossos costumes.

Nas últimas gerações, esses utensílios vêm sendo substituídos por objetos produzidos pela tecnologia industrial: inox, teflon, alumínio e muitas variações do plástico. Esses novos materiais e objetos vem-se incorporando ao nosso cotidiano, afetando nossos costumes e tradições.

Para nossa saúde, essas mudanças vêm causando grandes problemas, pois os sabores dos alimentos feitos nos artesanatos são bem diferentes dos que são feitos no alumínio. Sem falar nas doenças que nossa população vem en-

frentando nas últimas décadas. Nos últimos anos vemos com tristeza nossos parentes morrendo de câncer e outras doenças da modernidade, que tiveram papel importantíssimo na luta pela demarcação da terra do povo Tremembé.

Figura 1 - Pote. Foto: Alberto Cukier.

POTE: grande vaso de barro para líquidos. Objeto feito de barro que tinha e tem ainda grande utilidade no cotidiano do povo Tremembé. É usado para colocar água de beber e mocororó no momento do ritual do Torém. Na atualidade, vem sendo substituído pelas geladeiras, bebedouros, entre outros. Com as facilidades de acesso a esses produtos, nosso povo vem incorporando outros objetos ao nosso cotidiano.

Figura 2 - Alguidar. Foto: Luiz Henrique.

ALGUIDAR: bacia para usos domésticos. É um vaso grande, que tem a utilidade de colocar água no banheiro pra tomar banho, além de outras serventias, como cesto de roupa; coloca-se também comida para os animais dentro dela. Hoje raramente encontramos esse objeto no meio de nossa população. Nossa preocupação é que nossas futuras gerações tenham o conhecimento desse objeto, pois o mesmo era do uso diário do nosso povo.

Figura 3 - Cachimbo. Foto: Vicente Santos.

CACHIMBO: fomilho com tubozinho comprido, por onde se aspira à fumaça do tabaco incandescente. É usado pelos nossos mais velhos para fumar. Sua cabeça é feita de barro com canudo de madeira. Coloca-se o fumo dentro da cabeça. Esse era bastante usado pelo nosso povo, passando de pai para filho.

Figura 4 - Tina**.** Foto: Vicente Santos.

TINA: espécie de cuba; banheira. Tinha utilidade para colocar água para o uso doméstico. Hoje ela vem sendo substituída pelas caixas de plásticos e alvenarias. De certa forma, facilita a vida do nosso povo, mas, por outro lado, também nos prejudica bastante, pois estamos nos apropriando de algo que não é nosso e assim deixando nossos valores tradicionais.

Figura 5 – Fogão a lenha. Foto: Luiz Henrique.

FOGÃO A LENHA: é feito de barro e tijolo, tem duas bocas. Nessas bocas, colocam-se as panelas; debaixo das panelas, coloca-se lenha e se queima e assim se cozinham os alimentos. Todas as casas tinham esse fogão. Hoje ele vem sendo trocado pelo fogão de quatro ou seis bocas. E muitas pessoas acabam esquecendo-se desse fogo a lenha. Isso e os efeitos tecnológicos em nosso meio.

Figura 6 – Jarra**.** Foto: Luiz Henrique e Vicente Santos.

JARRA: vaso para água, feito de barro, usado para colocar bebidas: suco, água, mocororó etc. Gradativamente vem sendo substituída pelas de alumínio, vidro ou plástico, que, de certa forma, facilitam a nossa vida, no entanto deixamos de levar em conta os problemas que nos causam.

Figura 7 – Forno. Foto: Vicente Santos.

FORNO: a parte do fogão que se usa para assar. Feito de tijolos com barro, construídos dentro da casa de farinha, antigamente, eram redondos no formato de um círculo, hoje são encontrados no formato quadrado, confeccionados em alvenaria. Geralmente, é utilizado para torrar farinha, goma da mandioca, assar bolos e grudes.

ELEMENTOS DA ARQUITETURA E DAS CONSTRUÇÕES

Figura 8 – Caieira. Foto: Vicente Santos.

CAIEIRA: forno onde é calcinada a pedra calcária. É feita de tijolo cru, formada por várias bocas, e nessas é colocado o fogo para queimar os tijolos. Esse é um trabalho que nosso povo realiza de ano em ano a cada fim do inverno. Antigamente o tijolo era feito para pequenas construções. Atualmente vem sendo substituído pelo tijolo PM, feito em fábricas. E assim nosso povo vem aos pouco deixando de fazer os tijolos brancos da tradição Tremembé.

Figura 9 – Tijolos. Foto: Vicente Santos e Luiz Henrique.

TIJOLOS: peça de barro cozido, geralmente, em forma de paralelepípedo e destinada à construção. É produzido do barro preto, amassado e colocado em uma grade de madeira após "encaeirado" na caieira e, em seguida, é queimado. Depois de queimado, muda de cor.

Figura 10 – Telha. Foto: Vicente Santos e Luiz Henrique.

TELHA: peça geralmente de barro cozido que serve para a cobertura de edificações. Essa telha feita de barro pertenceu à coberta da igreja de Almofala, construída em 1712. Pertence a Zé Domingo, liderança da aldeia de Passagem Rasa, que guarda com muito carinho este artefato da história do povo Tremembé de Almofala.

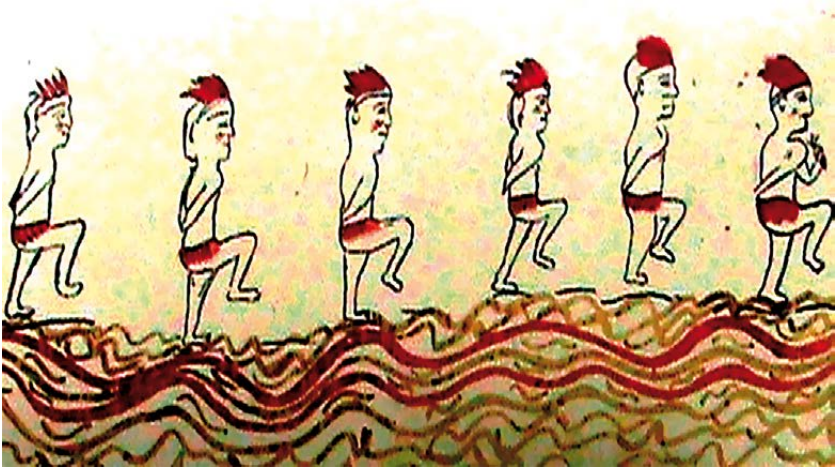


Figura 11 – Toá. Foto: Alberto Cukier.

TOÁ: é uma tinta de um tipo de barro que retiramos das margens do rio (lagamar). Dele tira-se o barro vermelho e branco, que, misturando com o pó do carvão, dá várias cores, e era utilizado pelo nosso povo para pintar suas casas. Segundo a artista Tremembé Maria Navegante, da aldeia de Varjota, pintora que trabalha com toá, hoje essa pintura vem sendo usada apenas nas escolas e casas de reuniões. O toá é um importante patrimônio da cultura Tremembé, e precisamos nos apropriar mais dessa ciência para que as novas gerações tenham direito de receber, usufruir e continuar repassando essa herança ancestral.

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS COM MADEIRA

Neste capítulo iremos falar sobre os utensílios feitos de madeira, que ainda fazem parte da vida atual do povo Tremembé. Antigamente nosso povo usufruía das matas de onde retiravam a madeira para confeccionar seus utensílios, tais como suas casas de moradas, embarcações e seus cercados, sem causar nenhum dano ao meio ambiente. Havia madeira em abundância, e suas casas de morada eram trocadas de lugar a cada ano. Tanto tinha terra para construir como tinha matas para tirar variedades de madeiras.

Com as invasões do homem branco desmatando, tudo se transformou, dificultando a vida do povo Tremembé. Nosso povo hoje não tem mais mata para tirar madeira nem para as construções de suas moradias. Temos hoje órgãos de proteção ao meio ambiente, mas, mesmo assim, os brancos continuam desmatando, eliminando as plantas e os seres vivos existentes; com isso somos obrigados a construir casas de alvenaria, copiando o modo de vida do homem branco. Isto nos causa uma grande preocupação com as futuras gerações, pois nossos filhos não terão espaço, nem madeira para construir

as próprias moradias. Talvez nem cheguem a conhecer uma casa de taipa ou de palha de coqueiro. Com isso, vamos cada vez mais perdendo elementos da cultura Tremembé.

Figura 12 – Colher de pau. Foto: acervo dos autores (2012).

COLHER DE PAU: feita da madeira do coaçu. É usada no dia a dia na culinária Tremembé. Esse elemento da cultura material Tremembé é um tipo de artesanato comercializado na comunidade e fora dela. Confeccionada pela liderança José Biinha da aldeia de Mangue Alto. Além do fortalecimento da nossa cultura, essas artes vêm ajudando as famílias na sua sobrevivência.

Figura 13 – Engenho. Foto: Gerson Júnior.

ENGENHO: Utensílio de madeira utilizado para descaroçar o algodão. No passado, nosso povo plantava algodão e fiava bastante no fuso. Usava o engenho como instrumento fundamental para agilizar seu trabalho de fiação, para confeccionar redes de dormir, tarrafas de pesca e vestuários.

Figura 14 – Fuso. Foto: Álbio Sales.

FUSO: peça roliça sobre a qual se forma a maçaroca ao fiar. Instrumento usado para fazer o fio do algodão. O fio é enrolado até a metade da vara a partir da qual são tirados os novelos. Nossas mulheres mais velhas tinham essa atividade com frequência. Hoje foi trocada por redes feitas de tecido de origem industrial pelas facilidades que esses produtos oferecem.

Figura 15 - Copeira**.** Foto: acervo dos autores (2012).

COPEIRA: objeto de grande valor na vida dos Tremembé, sua serventia era para guardar os copos de tomar água, ficava pregado ao lado do pote. Era um instrumento que todas as famílias tinham em suas casas. Foi substituído pelas bandejas de inox, alumínio vidros, e plásticos e outras variedades.

Figura 16 – Cangaia. Foto: acervo dos autores (2012).

CANGAIA: pau de canga. Foi um dos instrumentos bastante usados nas atividades dos nossos agricultores Tremembé, principalmente nas atividades da farinhada. Ela era colocada em cima de jumentos e burros para apoiar o caçuá para colocar mandioca e o cambito para botar lenha e outras atividades que nosso povo realizava. Hoje nosso povo utiliza a carroça de bois pelas facilidades que oferece.

Figura 17 – Xoque. Foto: Albio Sales.

XOQUE: é um tipo de armadilha usado na pesca de lagoas, feito de varas e cordas. Ele ainda é bastante usado no dia a dia pelo povo de algumas aldeias. É uma das armadilhas mais utilizadas por nosso povo.

O xoque é utilizado
Na pesca da lagoa
Cercando o peixe dentro
Deixando ele à toa
A pessoa pega o peixe
E vem sorrindo numa boa.

Figura 18 – Cassuá. Foto: acervo dos autores (2012).

CAÇUÁ: O Caçuá é feito do cipó. Ele tinha uma fundamental importância na vida do nosso povo Tremembé. Era usado para levar mandioca do roçado para a casa de farinha em jumentos. Além da mandioca, usava-se também para colocar peixes dento e sair nas comunidades vendendo. Hoje esse instrumento vem sendo substituído por carroças e bois , o que, de certa forma, facilita a vida do trabalho dos nossos agricultores Tremembé.

Figura 19 – Cambito.
Foto: acervo dos autores (2012) .

CAMBITO: era usado com apoio da cangaia para transportar lenha para os usos domésticos das famílias. E para casas de farinha, que torravam a goma e a farinha.

Figura 20 – Fojo. Foto: acervo dos autores (2012).

FOJO: cova que se disfarça com ramos para nela caírem animais; armadilha. É um dos tipos de armadilha usados para pegar preá (tipo de caça da nossa região). Ele é colocado no local por onde as caças passam. É cavado um buraco no nível do chão, quando o animal passa e pisa, cai dentro do buraco e fica preso sem possibilidade de fugir. Com as agressões do homem branco ao meio ambiente, esses animais vêm desaparecendo, e pouco se usa essa armadilha.

Figura 21 – Sofá**.** Foto: acervo dos autores (2012).

SOFÁ: instrumento feito de cipó branco, que é tirado de nossas matas e utilizado com muita frequência por nosso povo na confecção de portas, cadeiras, mesas, entre outros. O sofá era utilizado para as pessoas sentarem nas noites de lua cheia e colocarem suas conversas em dia. Esses momentos tão importantes e ricos de sabedorias e conhecimentos tradicionais hoje foram deixados pelas novelas e outros tipos de programas oferecidos pela televisão.

Figura 22 - Higioca**.** Foto: acervo dos autores (2012).

HIGIOCA: é usada para moer cana-de-açúcar, para fazer a garapa, melada e rapadura para consumo do dia a dia do nosso povo. Para fazer o manejo, precisa de quatro pessoas, sendo que dois para rodar os braços da mesma e dois para empurrar a cana e segurar o bagaço.

Figura 23 - Pilão. Foto: acervo dos autores (2012).

PILÃO: recipiente com socador para grãos. Tinha-nos a serventia de pisar gergelim, café, torrado de milho, crueira da mandioca e ervas para remédios tradicionais. Hoje ele ainda é utilizado para pisar urucu para fazer colorau, farinha de castanha e mamona para fazer o óleo que serve de remédio. Ferramenta de grande importância, vem sendo substituído pelo liquidificador.

Figura 24 - Tamborete. Foto: acervo dos autores (2012).

TAMBORETE: banco sem encosto nem braços, semelhante a um tambor. É um assento feito de madeira com couro de gado. Além de serventia para as famílias, era usado para as visitas que chegavam a nossas casas. Hoje estão sendo trocados por grandes sofás, cadeiras de madeiras, almofadas e outras. Dificilmente, encontramos um tamborete em casas. E quando encontramos, eles são feitos somente de madeira, sem couro, confeccionados nas serrarias.

Figura 25 - Roda.Foto: acervo dos autores (2012).

RODA: peça circular que tem um eixo e era utilizada para serrar mandioca nas casas de farinha. Precisava de quatro homens, sendo dois para rodar, um para botar a mandioca e outro para serrar. Ela hoje foi substituída por motores a gasolina e a eletricidade. Para nosso povo, é muito bom pela facilidade na agilidade do trabalho. Por outro lado, é muito ruim para nossa cultura, pois elas representam os registros da história dos nossos antepassados.

Figura 26 - Quarta. Foto: acervo dos autores (2012).

QUARTA: é um recipiente muito importante na vida dos nossos agricultores Tremembé, que serve para medir os gêneros produzidos na agricultura: o feijão, a farinha, o milho, a goma e outros produtos. Sua medida é de vinte litros. Esse instrumento foi substituído por objetos tecnológicos, como as balanças automáticas, que nem sempre mostram resultados tão reais como a medida artesanal da quarta, da cultura Tremembé.

Figura 27 – Curral**.** Foto: acervo dos autores (2012).

CURRAL: segundo João Gomes, liderança da aldeia de Tapera, o curral é um tipo de armadilha, feito de varas de madeira e cipó. As varas eram de guabiraba, batinga e angelca. O curral tem seu tempo de ser levantado ou armado no mar, que é o tempo da bonança, nos meses de agosto e setembro. O tempo de durabilidade é de seis meses. Para se levantar um curral, juntavam-se oito homens mergulhando, marcando os lugares para poder enfiar os paus e depois colocar as esteiras. Ele é dividido em um chiqueiro, uma salinha, uma sala grande e a espinha. Sua profundidade é de um a cinco metros, e o tamanho do espaço é de cem metros de comprimento. Hoje os currais são feitos de arames para facilitar a pega dos peixes.

Figura 28 - Jangada. Foto: acervo dos autores (2012).

JANGADA: segundo Seu Estevão Henrique, liderança Tremembé, são bem grandes, vai de seis a oito braças de fundura. Elas são movidas pela zinga e pela vela. Eram feitas de madeira de piúba, e sua capacidade comporta de duas a três pessoas. A jangada passa de um a dois dias no mar, pois os pescadores usavam na pesca de gereré e depois inventaram a pesca de manzuá e também para pescar nas marambaias. Antigamente, nas jangadas, levava-se um rolo de coqueiro ou cajueiro. Nele fazia-se uma rodinha para colocar a panela para cozinhar suas refeições. Hoje elas são usadas para pescar de linha e de caçoeira, e muitas delas já têm motor para facilitar ida e volta.

Semelhante à jangada, existe o paquete, que é pequeno, é direcionado pela zinga e é movido pelo remo. Vai até três braças de fundura e leva de uma a duas pessoas. Sua pescaria é de um dia, pois os pescadores utilizam na pesca de linha e de caçoeira. Eram feitos de madeiras da raiz da timbaúba, que tinha em nosso lugar. A gente faz do tamanho que quer. Hoje, para se fazer um paquete, temos que comprar as madeiras na serraria, pois não temos mais madeira suficiente para construir embarcação nenhuma.

Figura 29 - Canoa. Foto: acervo dos autores (2012).

CANOA OU IGARA: embarcação construída a partir de troncos de árvores escavados ou pequena embarcação construída com pedaços de madeira. As canoas eram feitas da madeira de tatajuba, mangue de botão e cajueiros, pregados com pregos zincados. A quantidade de tempo no mar depende do quimango, hoje chamado pelos pescadores mais novos de rancho. Tudo era movido à vela. Quando não era à vela, era manual, com o uso da zinga. Usava-se nas pescas de manzuá e curral. A canoa à vela só corre se tiver vento favorável para chegar naquela pescaria.

Figura 30 – Casa de taipa. Foto: acervo dos autores (2012).

CASA DE TAIPA: algumas décadas atrás, nossas moradias eram construída dessa forma: de madeira, barro, e sua coberta feita de palha de coqueiro e carnaubeira. Com o passar do tempo, surgem as dificuldades, pois as matas começam a ser invadidas pelos posseiros e as palhas são cortadas em máquinas para adubo. Devido a essas dificuldades, nossas casas vêm sendo trocadas por casas de telha, madeira e alvenaria.

Figura 31 – Urupema. Foto: Alberto Cukier.

URUPEMA: é um elemento indispensável em uma casa de farinha, na farinhada, pois serve para peneirar massa, goma e borra da mandioca, que nosso povo tem tradição de fazer. É feita da casca da cana e de bambu, suas laterais são feitas com madeira e amarrada com o fio do algodão. A urupema hoje vem sendo substituída por outro material que é o arame. Sua durabilidade é bem menor do que a feita de materiais naturais.

Figura 32 – Girau. Foto: acervo dos autores (2012).

JIRAU: é feito de madeira das plantas nativas do nosso aldeamento. De uso doméstico, sua utilidade era para lavar louças, roupas e tratar peixes. Ao longo dos tempos, ele vem sendo substituído por pias de inox e mármore. Mesmo com a modernização das cozinhas, o jirau permanece em algumas casas.

Figura 33 - Litro. Foto: acervo dos autores (2012).

LITRO: é semelhante à quarta, mas sua medida é de um litro. Esse era um elemento bastante usado nas medidas do nosso povo, para os gêneros alimentícios, como farinha, goma, milho e feijão. Ele é chamado por nós de litro. Hoje não se fala mais nele, foi substituído pelo quilo, que não é um peso real como a medida do litro. O significado ético do uso do litro é o da honesta medida, mas também do valor do comportamento e da dignidade de ser honesto ao longo da vida.

Nossos antigos contam que uma pessoa que não usava a medida do litro com honestidade, quando morria, a areia da cova nunca dava para enterrar, pois sempre faltava aquela quantidade que o morto tinha roubado em vida.

Figura 34 – Carretel. Foto: Maria das Graças.

CARRETEL: usado na tecelagem do fio do algodão para confecção do punho das redes. É formado por cilindros onde se enrola a linha para confecção dos punhos. É preciso duas pessoas para usar o carretel. Cada pessoa fica de um lado e vão trançando.

Figura 35 - Borduna**.** Foto: acervo dos autores (2012).

BORDUNA: também conhecida como tacape, é uma arma utilizada para ataque, defesa ou caça. Geralmente, é uma espécie de clava cilíndrica e alongada. Uma das pontas é perfurante. Porrete feito de madeira dura usada para dar bordoadas. Na atualidade, só é utilizada pelo pajé.

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS COM ELEMENTOS DO MAR

Os objetos do mar têm grande significância para o povo Tremembé, pois parte de sua sobrevivência vem dele. São retirados alguns crustáceos para a confecção de adornos, que fortalecem nossa identidade e representam a nossa cultura. Os objetos são confeccionados com representação de animais e pássaros da nossa região.

Neste livro mostramos alguns objetos confeccionados por membros do povo Tremembé, a partir do búzio ou itã.

O búzio ou itã é a casca de um molusco encontrada nas praias da região. Possuem formato de pequenas conchas e são utilizadas para confecção de adornos, tais como colar, brincos e outras variedades. Além de formarem belas peças, algumas confeccionadas com a mistura de outros objetos do mar e com sementes das plantas, que se destacam pela beleza. O búzio é coletado no fundo do mar ou na praia. Os que são muito pequenos vão para o sol a fim de matar o molusco, os demais são cozidos, e o molusco é retirado. A casca é lavada com sabão para tirar o cheiro, a fim de usar no artesanato.

Quando coletados vivos, o conteúdo desses moluscos é utilizado na alimentação do nosso povo. Podem ser assados na brasa ou cozidos com leite de coco e verduras.

Figuras 36 e 37 – Colar e brincos de búzios.
Fotos: acervo dos autores (2012).

COLAR E BRINCOS: o colar e os brincos foram confeccionados pela artesã Maria de Fátima, liderança da aldeia de Passagem Rasa. Parte da renda familiar de Maria de Fátima vem do artesanato. Os produtos são vendidos na comunidade e fora dela.

Figuras 38 e 39 – Elementos decorativos, pássaro de búzios **e concha.**
Foto: acervo dos autores (2012).

ELEMENTO DECORATIVO E PÁSSARO: esses dois objetos decorativos foram confeccionados pelo artesão Mauro de Almofala, que reside ao lado da igreja Nossa Senhora da Conceição. Mauro fez curso profissionalizante de artesão, possui até carteira. Tem uma loja onde vende o que produz.

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ DE ORIGEM VEGETAL

A palha da carnaubeira é de fundamental importância na vida do nosso povo. Hoje está um pouco difícil de encontrar em nosso meio, devido às invasões e o desmatamento. Antigamente, nosso povo usava com mais frequência no dia a dia, para confecção de alguns utensílios domésticos e nas construções de suas casas. Fazia-se também bagana para adubar as terras, que hoje está sendo substituída pelos adubos químicos. Isso vem causando graves problemas na saúde do nosso povo e causando grande número de óbitos nas comunidades Tremembé. Acreditamos que isso tenha muito a ver com a alimentação que consumimos hoje, em que tudo é industrializado.

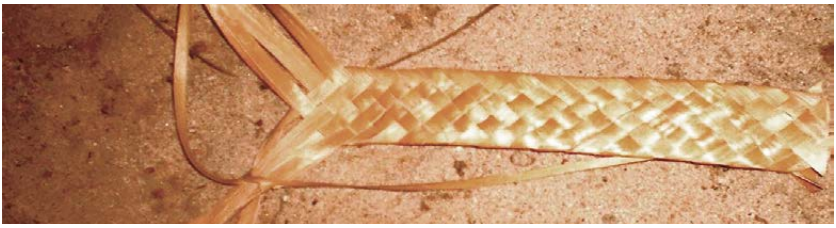


Figura 40 – Trança**.** Foto: acervo dos autores (2012).

TRANÇA: feita da palha do olho da carnaubeira. Retira-se o olho da carnaubeira, coloca no sol. Depois de três dias, risca-se para separar umas das outras, selecionando as melhores palhas e, em seguida, faz a trança. Após uma boa parte feita, confecciona-se a saca em grade de madeira, tecendo uma na outra, amarrando com a própria palha. Serve para guardar farinha, goma, feijão e milho.

Figura 41 – Saca**.** Foto: Alberto Cukier.

SACA: feita das tranças da palha da carnaubeira. Esse era um objeto muito confeccionado pelo nosso povo, tanto para a venda como para o uso doméstico, para armazenar os gêneros produzidos na agricultura. Servia também de mesa, colocando a saca no chão, na hora das refeições como almoço e jantar. Hoje foi substituída por mesas de mármore, vidro e madeira.

Figura 42 - Uru. Foto: Alberto Cukier.

URU: é um elemento feito da palha da carnaubeira, confeccionado de vários tamanhos e tem inúmeras utilidades. Os menores são usados para guardar tabaco, cachimbo ou ovos. Os médios são usados nas pescarias no mar, rio e lagoas para colocar peixes e crustáceos. E os maiores são feitos para a colheita do feijão e milho.

Figura 43 – Cuia. Foto: acervo dos autores (2012).

CUIA: tem de todo tamanho. As maiores serviam de banheira para as crianças, para lavar louça e roupa. As menores são utilizadas nos rituais para beber a bebida sagrada dos Tremembé, que é o mocororó. A cuia é feita da cabaça, que se encontra nas plantações, em quintais.

Figura 44 - Bolsa. Foto: acervo dos autores (2012).

BOLSA: é confeccionada da palha da carnaubeira. Seus amarradios são de fio de algodão e serve para colocar os objetos artesanais para a venda no comércio.

Figura 45 – Chapéu.
Foto: acervo dos autores (2012).

CHAPÉU: peça do vestuário para cobrir a cabeça. Os homens Tremembé usam bastante para o trabalho da agricultura e na pesca. Também é utilizado no dia a dia, para passear, em visitas etc. É confeccionado pelos artesãos Tremembé. Vem sendo substituído pelo boné.

Figura 46 – Esteira.
Foto: acervo dos autores (2012).

ESTEIRA: tecido de palha da carnaubeira. Ela era utilizada nas horas das refeições para servir os alimentos e também para colocar os corpos dos mortos para serem velados. Outra forma de utilização menos frequente é como tapete.

Figura 47 – Cocar**.** Foto: Autor desconhecido.

COCAR: adorno feito de palha da carnaubeira que os Tremembé usam à cabeça. No nosso ritual sagrado, o Torém, o cocar é uma peça que todos utilizam. Para muitas pessoas, o índio só é identificado quando caracterizado com o uso do cocar e outros adereços.

Figura 48 – Saia. Foto: Alberto Cukier.

SAIA: feita de palha, com fio do algodão. O fio do algodão faz a amarração da palha. É usado no ritual do Torém. É confeccionada pelo artesão e nas escolas pelos professores e alunos.

Figura 49 – Tapete. Foto: Alberto Cukier.

TAPETE: feito de palha, é usado como enfeite decorativo, porta-retratos e de apoio para colocar as panelas em cima da mesa. São confeccionados nas escolas pelas crianças, professores, lideranças e pais dos alunos.

Figura 50 - Cesto. Foto: Andreína

CESTO: feito de palha, servia para guardar roupas dos bebês. Com o tempo, foi substituído pelas malas, cômodas e guarda-roupa. Pode ser adornado com outros materiais, como rendas, bicos e fitas. Os cestos para roupas de bebês e para frutas são confeccionados pela D. Francisca da Aldeia da Varjota.

Figura 51 – Casa de palha. Foto: acervo dos autores (2012).

CASA DE PALHA: essa era uma das casas feitas pelo nosso povo. Depois, foi substituída pela casa de taipa, madeira e barro e coberta de telhas. Hoje as casas são de alvenaria. Essa casa era feita de palha com armação de madeira para sustentar a construção.

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS COM COCO

Hoje, os artesanatos feitos do coco são mais usados no dia a dia do nosso povo. Muitas das artes utilizam-se mais do coco, como a concha pra mexer os alimentos, o maracá feito do coco que é usado no ritual sagrado do Torém, além de outros que vêm dando lucros para algumas famílias indígenas nas vendas de bolsas, brincos, colares, pulseiras, cintos e outras variedades de artes. Além das artes, fazemos também o óleo do coco, usado no cabelo para pentear e dar brilho. Sem falar do leite do coco, que usamos nas comidas para poder dar gosto.

Figura 52 – Maracá. Foto: Alberto Cukier.

MARACÁ: chocalho indígena ou aguaim, é um instrumento importantíssimo do nosso ritual sagrado do Torém. Ele é muito usado no Torém e também nas escolas pelos professores e alunos. O som do maracá dá o ritmo da música do Torém. Esses são confeccionados em uma oficina de artesanatos indígenas, pelos alunos do ensino médio da escola de Tapera. Ele é feito de coco e cabo de madeira. Dentro dele, são colocadas sementes de jiriquiti e pau-brasil para dar o som.

Figura 53 – Brinco. Foto: acervo dos autores (2012).

BRINCO: adorno indígena para as orelhas. Confeccionado da quenga do coco com arame. Feitos pelos próprios artesãos Tremembé. É um trabalho muito valorizado não só pelo nosso povo, mas por todas as pessoas que apreciam o artesanato Tremembé.

Figura 54 – Colar.
Foto: acervo dos autores (2012).

COLAR: é um adorno indígena usado no pescoço. É feito do fio de algodão, com pedaços de quengas e contas de bijuterias. Nosso povo usa esse apetrecho diariamente.

Figura 55 – Bolsa.
Foto: acervo dos autores (2012).

BOLSA: é confeccionada de pedaços de quengas, cipó e linha. Seu uso é para guardar dinheiro, joias e peças artesanais. Este trabalho é produzido por poucas pessoas da comunidade, como Maria de Fátima, da Aldeia de Passagem Rasa.

Figura 56 - Xícaras.
Foto: acervo dos autores (2012).

XÍCARAS: são feitas de quengas de coco e bambu. As partes são coladas com durepox. Alguns anos atrás, tinham a serventia de tomar café e chá. Hoje são confeccionadas mais para enfeites de nossas casas, do que como utensílio doméstico.

Figura 57 – Concha.
Foto: acervo dos autores (2012).

CONCHA: feita com a quenga do coco e cabo de madeira de coaçu e nylon. As conchas furadas servem para tirar o feijão e as não furadas servem para tirar caldo para fazer o pirão.

ELEMENTOS DA CULTURA TREMEMBÉ CONFECCIONADOS COM SEMENTES

As sementes estão bem presentes em nosso cotidiano. As mais utilizadas são de jiriquiti, jatobá, mucunã, pau-brasil, mata pasto, linhaço e birro. Antigamente, nosso povo tinha mais facilidade de encontrar sementes, pois as matas eram virgens e havia uma grande variedade tanto de frutas como de sementes. Dessas sementes, são feitos colares, brincos, cintos, pulseiras e tiaras.

Com essas artes, vem melhorando a vida de algumas famílias que fazem e vendem tanto nas aldeias como fora. Isso vem reforçando cada vez mais a luta do movimento Tremembé pela identidade étnica, já que, para a sociedade, o índio só é índio se estiver caracterizado. E, mesmo bem caracterizados, ainda sofremos preconceitos e discriminação da sociedade.

Figura 58 – Colar. Foto: Mauricio Albano.

COLAR: ornamento para o pescoço, confeccionado com sementes de jiriquiti e linhaço, amarrados com nylon.

Figuras 59 e 60 – Pulseiras. Foto: acervo dos autores (2012).

PULSEIRAS: feitas de semente de linhaço e búzios, com nylon. É confeccionada pelo artesão Tremembé e é comercializada dentro e fora do aldeamento.

Figura 61 – Anéis e alianças. Foto: acervo dos autores (2012).

ANÉIS E ALIANÇA: utilizados como ornamentos para os dedos. É feito de birro, que é uma semente trabalhada com serra, lixa e é polida com a folha do cajueiro brabo e com barro, para se transformar em anel. Quando maduro, fica com a cor escura e, quando a semente está verde, ganha uma coloração branca.

Figura 62 – Brincos. Foto: acervo dos autores (2012).

BRINCOS: utilizados como ornamentos para as orelhas. É feito de birro, que é uma semente trabalhada com serra, lixa e é polida com a folha do cajueiro brabo e com barro, para se transformar em brinco.

ARTESANATOS TREMEMBÉ CONFECCIONADOS COM PENAS

Há alguns anos, nosso povo não usava nenhum instrumento de pena, suas roupas eram feitas do fio do algodão, tecido no próprio tear que o povo tinha. Por causa da visão do homem branco, de que índio era aquele que tinha que andar caracterizado, foi que nosso povo começou a usar roupa de pena, cocar, brincos e pregador de cabelos. Até hoje usamos esses objetos nas nossas apresentações ritualísticas. Isso veio passando pelas gerações do nosso povo, fortalecendo assim a luta pela demarcação do território Tremembé.

Figura 63 – Cocar. Foto: Alberto Cukier.

COCAR: adorno feito de penas de aves, com trança da palha da carnaubeira ou com tecido do algodão. É feita pelo próprio povo Tremembé, usado na cabeça, no momento das apresentações do ritual sagrado Torém e nas comemorações dos festejos do nosso povo, como o desfile das escolas indígenas no dia sete de setembro. Nesta data se comemora a marcha da resistência do povo Tremembé, nas ruas de Almofala. Outro dia que nosso povo comemora, bem caracterizado, é o dia do índio, desfile realizado dentro da maior inimiga do povo Tremembé, a empresa Ducoco. O cocar é feito de penas de aves, como galinha, peru, pavão, pato e jacu e também da palha da carnaubeira.

Figura 64 – Brinco. Foto: acervo dos autores (2012).

BRINCO: este artesanato é feito com penas, com nylon, arame, contas de bijuterias ou pequenos búzios, encontrados em nossa praia. Ele é usado também por nossas mulheres Tremembé, no momento do ritual, mas no dia a dia. Também é vendido dentro e fora da comunidade, o que, de certa forma, vem ajudando as famílias na renda familiar. Ele passou a ser confeccionado e usado a partir da discriminação do povo branco.

Figura 65 – Calção. Foto: acervo dos autores (2012).

SHORT (calção): feito do tecido do algodão e caracterizado com penas de aves, tais como capote, galinha, pato, peru e outros tipos de penas das aves da nossa região.Essas penas são coladas com grude, um tipo de cola feita da goma da mandioca. Essas peças passaram a ser feitas e usadas no nosso ritual, a partir da visão do homem branco de que o índio era aquele que vivia caracterizado. Ainda hoje, em pleno século XXI, ainda sofremos esse tipo de discriminação por parte da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho realizado junto ao povo Tremembé obtivemos experiência de estar em contato com a cultura Tremembé. Vivenciar esta pesquisa nos remonta à história dos antigos e nos faz refletir sobre o que devemos conservar e divulgar de tudo que fotografamos e colhemos de informações nas entrevistas realizadas.

Esperamos que este livro possa ser um instrumento de luta pela valorização da cultura e conquista da terra, para que dela possamos utilizar a matéria-prima na confecção desses objetos, e utilizar a própria terra.

É nosso desejo que seja o início de muitas pesquisas para que tenhamos para as gerações de hoje e do futuro, uma fonte de busca de conhecimentos do nosso povo Tremembé, motivando a que todos realizem trabalhos semelhantes.

A nossa maior felicidade é ter ficado perto das pessoas, ouvindo suas histórias, fotografado esses valiosos objetos e, enfim, ter podido registrar neste livro e entregá-lo ao povo Tremembé, e dar conhecimento a todos da nossa cultura, da nossa história e da nossa vida.

BIBLIOGRAFIA

CURY, Augusto. *O vendedor de sonhos***.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

GALLOIS, Dominique Tilkin. *Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas*: exemplos no Amapá e norte do Pará. 2006. Disponível em: www.institutoiep.org.br/infoteca/livros/ 70. html. Acesso em 29-09-2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004

JOSÉ GERALDO DOS SANTOS, Zé Biinha, liderança do Mangue Alto, 56 anos. Entrevista concedida em 28.03.2012.

MARIA DE FÁTIMA, artesã Tremembé em entrevista concedida aos autores na comunidade de Passagem Rasa, em 30.03.2012.

MARIA JORGE GABRIEL, artesã Tremembé, Lameirão, 67 anos. Entrevista concedida em 25.03.2012.

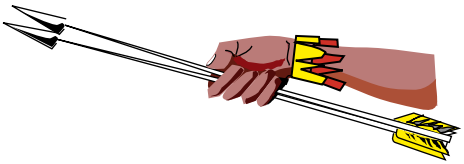
NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. *Memória coletiva e identidade étnica dos Tremembé de Almofala*: os índios da terra da santa de ouro. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.158p.

SANTOS, Luciano Gersem dos. *O índio brasileiro*: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação

Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

SOUZA, Isaac Costa de; LIDÓRIO, Ronaldo (Org.). *A questão indígena — uma luta desigual*: missões, manipulação e sacerdócio acadêmico. Viçosa, MG: Ultimato, 2008.

LUTA E RESISTÊNCIA DOS TREMEMBÉ DA REGIÃO DA MATA PELO SEU TERRITÓRIO



<

Edileusa Santiago do Nascimento
Gerson Augusto de Oliveira Junior
(orientadores)

Márcia Maria Matias
Maria Ivonete dos Santos
Raimundo Félix Jacinto Neto

LUTA E RESISTÊNCIA DOS TREMEMBÉ DA REGIÃO DA MATA PELO SEU TERRITÓRIO

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecemos ao pai Tupã, por nos ter dado força e inteligência para realizarmos este livro.

Agradecemos aos nossos professores do MITS, que estiveram conosco nessa troca de conhecimentos durante esse curso.

A Gerson Augusto de Oliveira Junior e Edileusa Santiago do Nascimento, que nos acompanharam nessa direção.

Principalmente, às nossas lideranças, que muito nos ajudaram nessa caminhada, desde a criação do curso até o resultado final de nossas pesquisas.

A todos os colaboradores, que deram suas contribuições direta ou indiretamente nesse curso.

Não podemos deixar de agradecer à Associação Missão Tremembé (AMIT) pela sua grande contribuição no processo de reafirmação étnica e cultural do nosso povo Tremembé de Almofala.

E aos nossos familiares, às esposas e aos maridos, que tiveram paciência e confiança em cada um de nós.

À CAPES, pelas bolsas do PIBID DIVERSIDADE, uma importante contribuição para o aperfeiçoamento de nossos conhecimentos, desenvolvimento nas práticas pedagógicas e para a realização deste livro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 373

CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DO MATERIAL PARADIDÁTICO 374

CAPÍTULO II - O POVO TREMEMBÉ E SEU TERRITÓRIO 376

CAPÍTULO III - A INVASÃO DA DUCOCO E AS RESISTÊNCIAS NA REGIÃO DA MATA 382

CAPÍTULO IV - O SALÃO COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA 392
4.1 A construção do salão em mutirão: uma história da força de nossa união 396

CAPÍTULO V - OS IMPACTOS CAUSADOS PELA INVASÃO 403

CAPÍTULO VI - O PROCESSO DEMARCATÓRIO E A RELAÇÃO DAS COMUNIDADES COM A EMPRESA DUCOCO 406

CONCLUSÃO 410

BIBLIOGRAFIA 411

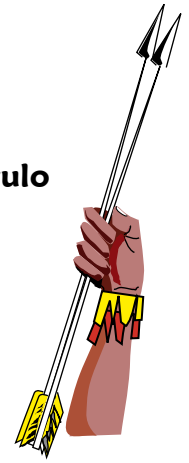
INTRODUÇÃO

Este livro conta a história de luta e resistência do povo Tremembé da área da mata contra a invasão da empresa Ducoco, nas aldeias de Varjota e Tapera, localizados no Aldeamento de Almofala (Itarema-CE). Neste livro, você descobrirá como viviam nossas comunidades antes dessa invasão, como elas se organizavam, como praticavam sua cultura. E, também, como reagiram às investidas e pressões da referida empresa, na tentativa de domínio.

Ao ler este livro, você verá que a versão contada pela Ducoco, referente a nossa história de luta, é totalmente mentirosa, manipuladora e negadora dos nossos direitos originários. Por isso, nós nos dedicamos a essa pesquisa para que você possa ter o conhecimento real da nossa história.

O presente livro trata ainda da preocupação do povo Tremembé com aquelas pessoas que estão trabalhando para empresa, devido a suas dificuldades financeiras. Portanto, a finalidade central da obra é conscientizar nossas novas gerações da importância de defender seus direitos a sua terra para não serem capachos da Ducoco.

Capítulo I



APRESENTAÇÃO DO MATERIAL PARADIDÁTICO

Este livro é o resultado de anos de estudo de um grupo de professores, durante o Magistério Indígena Tremembé – MIT e o Magistério Indígena Tremembé Superior – MITS, que se dedicou em descobrir melhor a história de luta do seu próprio povo: Tremembé de Almofala.

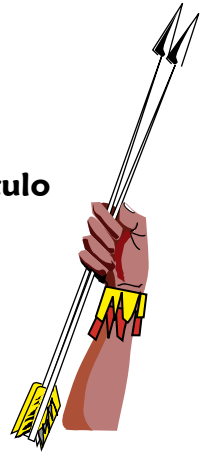
Desde o início da colonização, nosso povo vem sofrendo com a discriminação e invasão de suas terras, mas, com sua sabedoria, vem resistindo bravamente para permanecer em nosso território, pela afirmação étnica, cultural e social. Ainda hoje, continuamos nessa peleja para fazer valer os nossos direitos, que estão escritos na Constituição de 1988. Este livro paradidático busca, dentro do processo de ensino e aprendizagem nas nossas escolas indígenas, uma maior compreensão da realidade local.

O livro foi elaborado por três educadores cursistas do MITS: Raimundo Felix, Maria Ivonete e Márcia Maria Matias, e contou com a participação de lideranças e alunos das comunidades tremembé da Varjota e da Tapera.

O uso deste material paradidático objetiva promover o conhecimento mais aprofundado sobre a luta de resistência

do povo Tremembé contra os invasores. Esperamos que ele possa contribuir para o maior conhecimento e reconhecimento da comunidade indígena tremembé, na valorização e preservação da memória e da cultura do nosso povo, fortalecendo a luta pela demarcação da terra e a sua autonomia.

Capítulo II



O POVO TREMEMBÉ E SEU TERRITÓRIO

O povo Tremembé habitava toda a costa leste oeste, desde o rio Gurupi, no Maranhão, à foz do rio Iguaçu, no Rio Grande do Norte; como eles percorriam toda essa costa, no tempo da colheita de frutas, eles adentravam na mata e, no tempo da pesca, viviam mais na praia. Sendo assim, nunca lhes faltavam alimentos. Estavam sempre em constante mudança, pois, quando em um lugar estava escasso o alimento, eles se mudavam para outro. E assim viviam livres caçando, pescando e praticando seus rituais. "Do rio do Acaraú ao rio do Mundaú era local dos índios andarem, se juntavam e a tropa e iam sobreviver; e, quando estava escasso, eles iam pras Moitas, Mundaú." (TIO AUGUSTINHO, Tuxauá Tremembé, Varjota).

Nossos mais velhos contam como nosso vasto território foi delimitado na terra do aldeamento de Almofala. Eles contam que estavam pescando e encontraram uma santinha e construíram uma cabaninha; outros contam que eles iam andando e acharam uma calunga de ouro, só que eles não sabiam que era de ouro. Eles levaram essa santinha para as cabaninhas deles mesmos, mas, quando era no outro dia, a

calunguinha se encontrava no mesmo local em que ela tinha aparecido, até que resolveram construir a cabana só para ela e passaram a adorá-la todas as noites. Aí chegaram os portugueses. Quando eles viram a imagem, eles se interessaram, disseram que era uma santa e que levariam ela para uma igreja lá em Portugal. Em troca dessa santa, eles trariam outra igual a ela, iam construir uma igreja aqui para ser o local dessa santa e marcariam uma légua de terra em quadro para os Tremembé de Almofala. Essa terra foi denominada terra dos índios, terra da santa ou terra do aldeamento.

E assim, por volta do século XVIII, os missionários da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição construíram o aldeamento na Almofala. A principal marca desse aldeamento é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, local onde, nas noites de lua cheia, os Tremembé dançavam seu ritual sagrado: o Torém.

Temos relatos de que nós Tremembé sempre fomos bons negociadores, por isso que nos mantivemos por muito tempo em todo nosso território, mesmo sofrendo as grandes pressões dos colonizadores. Nossos antepassados não se prendiam a um só colonizador e negociavam com todos eles. Ainda hoje, essa marca do saber negociar continua enraizada no nosso povo, por isso continuamos aqui firmes e fortes lutando por nossos direitos.

> Durante o século XVI os habitantes da Costa Leste-Oeste tiveram que negociar com as diferentes "castas" de estrangeiros: Espanhóis, Franceses, Portugueses, Holandeses e Ingleses, que aportavam em suas praias e cambiavam. A condição marginal da Costa Leste-Oeste, como foi visto, favoreceu-lhes a manutenção da autonomia, mesmo perante as tentativas de colonização. (BORGES, 2010: 218).

Hoje, nós Tremembé, temos o reconhecimento da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, nos encontramos distribuídos em três municípios: Itarema, Acaraú e Itapipoca.

Temos outros parentes Tremembé espalhados pelo mundo: Fortaleza, Brasília, São Paulo, Tutóia, no Maranhão, Belo Horizonte, Pará; esses ainda não foram reconhecidos como índios, nem têm seus direitos garantidos. Nossos parentes saem de nossa terra por causa das dificuldades, da invasão das terras e da necessidade de ajudar os que ficam.

Nós, Tremembé do aldeamento de Almofala, município de Itarema, temos garantido, por documento registrado no cartório de Acaraú, um total de 14.400 hectares de terra.

Mapa do Aldeamento de Almofala, desenhado por Francisco José.

Essa é a mesma área de terra, que já tinha sido negociada e registrada em documento, destinada aos nossos índios velhos pela coroa Portuguesa. Terra denominada como terra da santa, terra do aldeamento, terra dos índios.

Uma grande parte dessa nossa terra foi invadida: do lado da praia, pelos posseiros, e, do lado da mata, pela empresa Ducoco.

O povo Tremembé de Almofala tem travado uma grande luta contra esses invasores. A Ducoco se instalou em nossas

terras entre os anos 1975 e 1979, causando um grande prejuízo às aldeias Varjota e Tapera tanto no que se refere a nossa subsistência de caças, quanto de peixes e frutas. Tanto a nossa mata quanto nossas lagoas foram devastadas e cercadas por essa empresa, impedindo assim o acesso aos nossos recursos naturais.

Antes da invasão, vivíamos tranquilos, porque tínhamos nossas matas de onde tirávamos caças, frutas, mel silvestre, plantas e raízes que serviam para curar as doenças; era também dessa mata que tirávamos madeira para construirmos nossas casas.

Nossas lagoas, córregos e lagamar eram riquíssimos e abrigavam uma grande diversidade de vidas, as quais serviam de alimentos para nosso povo.

Nós éramos livres para colocar nossas casas onde achássemos melhor, fazer nossas plantações, pescarias, coletas de frutas e caçadas.

Tínhamos o costume de nos juntarmos nas casas daqueles mais velhos para conversar, brincar e contar histórias. Trabalhávamos em mutirões nas farinhadas, na colheita do feijão e do algodão. Era um trabalho árduo e pesado, mas muito divertido, dos quais, muitas vezes, saía até casamento.

Também costumávamos festejar os santos de nossa devoção: Nossa Senhora da Conceição, Senhora Santana e outros. Apesar de essa devoção ter sido trazida pelos missionários, nós Tremembé fomos adaptando-as da nossa maneira a partir de nossos próprios valores culturais, da alegria dos encontros, do espaço de conversar, contar histórias, dançar, cantar, namorar e até casar.

Essas experiências são muito diferentes dos objetivos da catequese dos colonizadores, pois a Igreja queria dominar as nossas formas de viver ao relacioná-las à noção de pecado. Era um catolicismo triste, mas o nosso povo Tremembé, com sua sabedoria, adaptou esse catolicismo e deu a ele uma noção diferente. Nesses festejos, crianças e jovens brincavam livremente nos terreiros das casas ao claro da lua ou de uma

fogueira, entre as brincadeiras, podemos citar as de rodas como melão-melão e rosa amarela.

Música da brincadeira de roda: melão-melão.

Melão, melão sabiá
é de moradeira sabiá
a morada é boa sabiá
é de laranjeira sabiá
viva também o (fulano) sabiá
que entrou na roda agora sabiá
diga um verso bem bonito sabiá
dê adeus e vá embora sabiá
a casa de (fulano) sabiá
é coberta de melão sabiá
(fulaninha) é minha cunhada sabiá
(fulano) do meu coração sabiá.

Música da brincadeira de roda: rosa amarela.

É rosa, rosa amarela
é rosa amarela eu sou
é rosa rosa amarela
rosa branca é meu amor
viva também o (fulano)
que vai dentro dessa roda
diga um verso mais bonito
dê adeus e saia fora.
(improvisa-se um verso)
cajueiro pequenino
carregado de fulor
eu também sou pequenino
carregado de amor.

Com a invasão feita pela Ducoco, tudo foi mudando. As brincadeiras e os festejos foram dividindo espaço com assuntos no sentido de nos organizarmos para planejar ações de combate a essa invasão. Nessa organização, nós estamos nos fortalecendo politicamente para nos mantermos em nossas terras e exercendo nossos rituais, costumes e tradições.

Capítulo III

A INVASÃO DA DUCOCO E AS RESISTÊNCIAS NA REGIÃO DA MATA

Dentro do nosso território, delimitado pela FUNAI, temos duas regiões: Praia e Mata, divididas pelo rio Aracatimirim (Lagamar).

Vamos contar a história de luta e resistência na Região da Mata.

Mapa da Região da Mata (Varjota e Tapera), desenhado por Francisco José.

Por volta de 1977, um homem não índio, o Aquino, vendeu a terra da fazenda São Gabriel e Patos. Essa venda foi da seguinte forma: Aquino era marido da Miranda e cunhado do padre Hélio e do Ioiô, que herdaram de seus pais um pedaço de terra fora dos limites das nossas terras.

Ioiô herdou uma fazenda em Patos; Padre Hélio, em São Gabriel; e a Miranda, um pedaço de terra nas proximidades da Taperinha, onde hoje fica a oficina da empresa Ducoco.

Aquino comprou a herança dos cunhados e vendeu para a Ducoco. Essas terras faziam limites com as terras dos Tremembé nas localidades Varjota e Tapera, mas eles quiseram se apropriar de tudo sem o consentimento do nosso povo, que sempre morou nas referidas localidades e sabe que essa terra é nossa, é dos Tremembé.

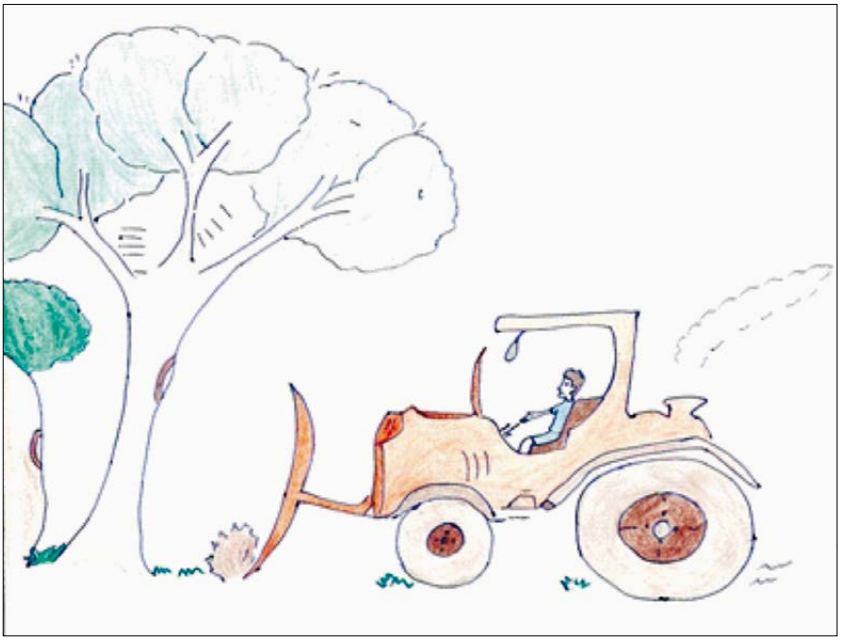
> De imediato, as ações ameaçadoras e repressivas da Ducoco recaíram sobre a Tapera. Toda a área foi cercada e os moradores obrigados a receber indenizações pelas benfeitorias ali existentes. Uma parte dos indenizados dispersou-se por várias localidades da região, entre as quais a própria Varjota. Em face da destruição de suas antigas moradias, as famílias que não tinham para onde ir obtiveram permissão da empresa para construir novas casas numa pequena extensão de terra alagadiças próximo do mangue, nas margens do rio. Além de minutos, o local não oferecia as condições necessárias para desenvolvimento da atividade agrícola. O aglomerado de residência tornou-se conhecido como ''Vila Ducoco'' e, na sua grande maioria, os moradores foram absorvidos como mão de obra da empresa (OLIVEIRA JUNIOR, 1998, p. 65).

E qual era a alegação deles? Eles diziam que a Varjota e a Tapera estavam dentro da terra comprada. Nossos tios, Augustinho, Maciano, Valdir, Raimundo Louro e Trival dizem que essa empresa chegou enganando e fazendo promessas:

Trival e Francisca, conversando conosco no quintal de casa.
Data 18 07 2012
Foto: Márcia M. Matias.

> Eles chegaram prometendo casa para os moradores, terra para trabalhar; quem tivesse um jumentinho, podia vender que eles iam dar trator para ajudar nos trabalhos; que daria escolas para os filhos e até hospital (TIO TRIVAL, liderança da Tapera).

Mas o que eles fizeram foi passar a pressionar os moradores, dizendo que as terras dessas comunidades pertenciam à empresa. Diante disso, a Ducoco tentou uma negociação desvantajosa para o povo Tremembé, mas as nossas lideranças mais velhas, nossos avôs e nossos pais, não aceitaram; como a empresa não obteve êxito, partiu para a agressão. Eles utilizaram máquinas para derrubarem as casas de famílias, destruíram plantações, e os capangas ameaçavam às famílias com rifles para que elas desocupassem a terra.



Desenho de Caio, aluno da 1ª série do Ensino Médio da Escola da Tapera.

Nesse momento de grande pressão, algumas famílias da Tapera cederam, e outras se dispersaram pela região. Diante da promessa feita pela empresa de dar emprego e escolas para seus filhos, alguns acabaram acreditando, ingenuamente, nessas falsas promessas; os que aceitaram foram morar imprensados entre a cerca da Ducoco e o lagamar. Alguns ainda resistiram, mas a pressão era forte demais. Os tratores da empresa rodeavam as casas para derrubá-las, e os moradores não dormiam com medo; então, eles também se obrigaram a ir morar imprensados da mesma forma que os outros, onde ainda hoje vivem.

Após terem conseguido se apossar da Tapera, a empresa usou um morador de lá chamado Zé Estevão para tentar uma aproximação com o povo da Varjota, no sentido de conquistar e tomar sua terra; como o pessoal da Tapera conhecia os da Varjota, se tornaria mais fácil essa aproximação. Eles então

começaram a procurar os mais velhos em suas casas, em seus roçados e onde eles estivessem, perguntando e anotando os seus nomes. Eles alegavam que era apenas para saber quem eram os moradores; por não saberem ler e escrever, muitos dos nossos velhos deram inocentemente o seu nome completo. Depois de conseguir os nomes de alguns, a empresa começou a piquetar[1] toda a área da Varjota.

Os parentes moradores da Varjota, vendo que sua terra estava sendo cercada, reuniram-se para conversar e pensar o que deveriam fazer. A ideia, de imediato, foi ir atrás do Pe. Aristides Andrades Sales, da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima de Itarema-CE. Pensaram que, por ser ele uma pessoa ligada à Igreja, poderia ajudá-los nessa situação.

Da esquerda para a direita: Tio Maciano, Tio Augustinho, Tio Raimundo Louro e Tio Valdir.
Entrevista no Salão da Varjota.
Data 10.06.2011.
Foto: Maria Ivonete dos Santos.

[1] Marcar um terreno com estacas para passar a cerca.

> Padre, nós somos lá da Varjota, e entrou uma firma lá, e o seu Aquino tinha um pedaço de terra lá no São Gabriel e aproveitou e vendeu a terra lá todinha e tão cercando, e aí a gente veio aqui ver o que o senhor pode fazer. Porque nós sabe mesmo, que eu via o meu pai contar, que aquela terra de Almofala era terra da Santa Nossa Senhora da Conceição, uma légua de terra em quadro, e tão cercando; e aí o que o senhor pode fazer? O padre disse: "Olha o homem comprou, pagou; é dele; eu sou Padre aqui há 25 anos e nunca ouvi falar que lá fosse terra de santa, quem foi que disse que santa tem terra lá, rapaz? Volte, vão-se embora e se junte com o homem que ele é uma pessoa boa, vai dar emprego e escola para os filhos de vocês. (RAIMUNDO LOURO).

Chegaram à aldeia com a tristeza estampada no rosto, causada pela decepção de não terem encontrado na pessoa do padre a ajuda que desejavam, repassaram toda a conversa que tiveram com o mesmo. Diante disso, a única forma que eles encontraram foi irem até à empresa tentar um acordo, pois os parentes da Tapera já estavam sendo removidos e dispersados pela região. Sem saber qual seria a resposta da empresa, um membro da comunidade da Varjota se propôs ir fazer a negociação, que, no momento, foi aceita por parte da empresa. Nesse tempo, o administrador da Empresa era Zé Açu, foi ele que veio à comunidade para fechar o referido acordo, mas a empresa mudou de opinião, alegando que se prejudicaria.

Tio Valdir conta:

> Cheguei lá, tava os caboco da Tapera, cada qual negociando o que era deles, e o Zé Açu indenizando. E um pé de coqueiro butador era do preço de um coqueiro pequeno só nascido. Aí o Zé Açu perguntou: "E aí, vocês?". Rapaz, é o seguinte, eu sou lá da Varjota e quero que o senhor vá tirar lá um pedacinho para nós. Aí ele disse: "Pois está certo, eu vou reparar lá o ponto que vocês querem." No outro dia, eles vieram até num jipe, aí entramos lá no beco do Raimundo Pedro, aonde hoje é a morada do Manoel Chico, e pegamos o meio da vargem, começando da passagem pra cá, para esse beco aqui do Raimundo Louro; eles de jipe na frente, e a escolta de

> homem atrás. Quando ele chegou, aí disse: "Deu tantos quilômetros, não dar para tirar para vocês aqui, é terra demais". Rapaz, está aqui o rio, e esse outro lado é a morada dos sapos, é as lagoas tá aqui, e nós fica só nesse lombinho aqui. Zé Açu respondeu: "É, mas não dá não, está aqui, marcando no carro."

Como não houve acordo, os parentes tremembé da aldeia de Varjota começaram a resistir, pois os mesmos estavam sentindo-se ameaçados porque suas terras estavam sendo cercadas, e as crianças amedrontadas pelos capangas da Ducoco, que vinham armados de rifle. Diante dessa opressão, o povo começou a reagir, botavam fogo nas estacas, cortavam arames e enfrentavam os capangas da empresa, mas também sempre dialogando e não aceitando as investidas da referida empresa.

Raimundo Félix, aluno do MITS, conta que seu avô Gonçalo Marciano (falecido em 31 de maio de 1995) contava que, no tempo em que a Ducoco começou a invadir aqui na Varjota, em um belo dia, ele estava trabalhando no cercado, arrancando uns tocos, quando chegaram três capangas a mando da Ducoco. Um deles estava com uma prancheta na mão, e os outros dois estavam armados de rifle, estes ficaram mais afastados enquanto o que carregava a prancheta se aproximou e pediu que ele assinasse um papel, que o mesmo trazia em sua prancheta.

> Meu avô, no mesmo instante, falou que não assinaria, e o capanga o ameaçou dizendo: "Está vendo aqueles dois homens armados? É para te matar se você não assinar." O meu avô repetiu que não iria assinar papel nenhum, e, se fosse por conta dos homens armados, ele não tinha medo, pois o pai dele, todos os dias lhe acordava com tiros de bacamarte. (RAIMUNDO FÉLIX JACINTO).

E, com isso, eles saíram. Mas continuaram a infernizar a vida dos moradores no sentido de amedrontar e tentar fazer o povo desistir de lutar por sua terra. Diante de tantos acontecimentos, uma pessoa mais velha da comunidade, Tio Rai-

mundo Ticum, ouvindo pelo rádio o noticiário sobre conflitos e tomadas de terras em algumas regiões, ficou atento e preocupado, pois aqui estava encaminhando-se para o mesmo processo. Visto que todas as ações feitas até aquele momento não estavam dando certo, resolveu participar de uma celebração que aconteceria em Almofala, na casa do senhor Alfredo, que também estava passando pelo mesmo problema. Lá ele ouviu a conversa de que as pessoas que estavam fazendo a celebração e orientavam como seu Alfredo poderia lutar por sua terra.

Manoel Maroca.
Data 22.11.2011
Foto: M. Ivonete dos Santos.

Após essa celebração, Raimundo Tucum volta para sua comunidade e repassa para o povo o que ele tinha ouvido. Conta a liderança Manoel Maroca, da comunidade de Varjota, que:

> Quando o Raimundo Tucum chegou e trouxe a decisão que a gente pode conquistar essa terra para nós, daí ele conseguiu conquistar a gente. Um dia, ele veio na minha casa, à boca da noite, e começamos a conversar. Eu falei que não tinha fé de conquistar essa terra não, mas aí o Raimundo Tucum passava a história, então vamos enfrentar! Aí o Augustinho Tucum foi junto com o Raimundo Tucum participar da celebração em Almofala. Aí depois, foi que veio a Rita de Cássia e o Bernardo, chegaram e tiraram uma celebração aqui, e também veio Maria Alice e o padre Albenir. O negócio foi engrossando, aí foi que eles disseram que, para resolver esse problema, eles tinham um advogado Doutor Pinheiro, advogado da Diocese. Ele veio para resolver a questão do senhor Alfredo, o povo daqui foi pra lá; depois, o doutor Pinheiro veio pra cá para Varjota, e nós se juntamos debaixo de uma moita de pau ferro no terreiro da Maria Tucum, e o doutor Pinheiro mandou que nós fizesse alguma coisa concreta, e a comunidade decidiu construir o salão para se reunir e planejar as ações contra a Ducoco. Depois, em outra visita à comunidade, ele pediu que nós tirasse um pedaço de terra do tamanho que nós quisesse; como nós não sabia de nada, tiremos um pedaço que deu só 390 hectares de terra.

Após a comunidade ter feito o salão e tirado esse pedaço de terra, do qual foi feito o Usucapião, a Ducoco passou a pressionar cada vez mais, trazendo até policiais para amedrontar o povo.

Como a Ducoco já havia pegado o nome de alguns moradores da Varjota, veio o chamado para que os mesmos fossem participar de uma audiência em Itapipoca referente à questão da terra. O próprio pessoal da Ducoco veio pegar os moradores, como o carro era pequeno, eles só queriam levar de dois em dois; mas o povo, com sua sabedoria e com medo de serem presos, resolveram ir todos de uma só vez.

Ao todo, foram 60 Tremembé! Lá, o doutor Pinheiro disse que estava tudo resolvido, agora eles ficassem atentos porque iam ser chamados para uma nova audiência em Acaraú. E assim aconteceu. Após três dias, eles foram chamados, e lá foi feito o usucapião para assegurar juridicamente esse pedaço de terra de 390 hectares.

Capítulo IV

O SALÃO COMO LUGAR DE RESISTÊNCIA

Assim como a igreja de Almofala está relacionada simbolicamente à comprovação concreta do aldeamento de Almofala e aos nossos ancestrais que habitavam esta terra, o Salão da Varjota também é considerado pelos índios da Região da Mata como um marco concreto, simbolizando e dando a entender que essa terra pertence aos Tremembé.

Tio Mundoca, Pajé Luiz Caboco, Tio Valdir, Florêncio da AMIT, Valdemir, Raimundo Miguel, Chico Izidio, Tio Domingo Cabral e Tio Chico Lagoa.
Reunião do aldeamento no Salão.
Data 28/06/1998.
Foto: acervo dos autores.

O Salão da Varjota foi construído em 1984. Ele foi e continua sendo um marco histórico importante na resistência às investidas da Ducoco, pois o mesmo foi construído para que o povo pudesse se reunir e pensar suas estratégias para combater esses invasores, ou seja, a Ducoco. A Associação Missão Tremembé – AMIT – também deu uma grande contribuição no processo de reafirmação étnica e cultural do nosso povo Tremembé de Almofala.

Antes, o povo se reunia debaixo dos cajueiros, lá eles conversavam e combinavam as ações a serem feitas diante das necessidades do dia a dia. Com a construção do Salão, a comunidade da Varjota se fortaleceu politicamente, passando a se sentir mais segura, mais firme para lutar pela sua terra, fazendo reuniões com mais frequência, dançando, cantando e pedindo forças ao pai Tupã para mostrar os caminhos e as formas de combater os invasores.

No momento em que aconteciam as reuniões, o povo tinha a preocupação de vigiar o entorno do salão, porque, muitas vezes, o que eles falavam dentro do salão a Ducoco ficava sabendo, e isso era muito ruim para as ações que eles planejavam.

Da esquerda para a direita, Ângela, Socorro, Lúcia, Tia Diana, Maria do Chaga, Tia Cícera, tia Nenê Biata; na Janela, Tio Sabino e Netinho. Data 28/06/1998. Foto: acervo dos autores.

As aulas também aconteciam nas casas das professoras Marlúcia e Maculada; com o tempo, a Maculada foi embora para Fortaleza, deixando em seu lugar sua irmã Conceição. Com a construção do salão, as aulas passaram ser realizadas neste antigo salão.

Profª Conceição.
Data 12.09.2012.
Foto: M. Ivonete dos Santos

Foi nesse local que crianças foram torturadas psicologicamente por capangas da Ducoco. As crianças não entendiam o que estava acontecendo, nunca se tinham deparado com homens armados e sofrido tantas ameaças, pois, até então, só tinham contato com seus familiares. A professora Conceição nos conta essas experiências de união e organização do nosso povo para resistir à pressão da Ducoco.

> Na época em que eu ensinava no salão, realmente veio uns policiais juntamente com o pessoal da Ducoco; só que, antes, eles mandaram um comunicado avisando que viriam conversar com o povo, só não disseram o dia. Como sempre chegavam de surpresa, mas imediatamente todos eram avisados. Nesse momento, não me recordo o dia, mas o ano foi em oitenta e cinco, estava

eu com minha turma de alunos quando, de repente, chegou a tia Conceição, esposa do tio Augustinho, dizendo que eu não me assustasse que iria chegar um carro cheio de policiais no salão. Eu fiquei com medo, mas não falei nada para os meninos, mas a tia Conceição disse que ficasse despreocupada que ia ter gente por perto, o povo ia ficar ao redor do salão fingindo que estavam trabalhando para quando os policiais chegassem, eles chegavam juntos. De imediato, chegou todos os homens da comunidade e algumas mulheres armados de foice, facão, enxada, machado, cavador e todos os tipos de ferramenta. Quando ouviram o barulho de um carro, era um Jipe, aí todo mundo ficou esperando; aí eu disse para os meninos que ia chegar um carro cheio de policiais armados e eles não se assustasse que o pessoal ia chegar, mas não iam fazer nada, só iam conversar. Quando eles chegaram, eram uns quatro a cinco policiais e dois representantes da Ducoco, o gerente e um acompanhante. Aí quando eles chegaram que entraram, aí todo mundo chegou junto, e alguns cercaram o salão. O Tio Augustinho, Raimundo Tucum, Raimundo Pedro e Tio Gonçalo entraram; o gerente disse que queria conversar com eles, queria fazer um acordo. E sim, nesse momento em que a polícia chegou, teve uma grande correria de menino, uns choravam, outros gritavam, e outros pulavam as janelas; com isso, eles deram dinheiro a algumas crianças para eles se calarem, mas não teve jeito, os meninos choravam com medo da polícia levar os pais deles. Aí eles pediram para eu acalmar os meninos, mas não teve jeito, os meninos correram todos para o mato, teve até criança que desmaiou de medo. Na conversa que eles tiveram com os mais velhos, disseram que iam cercar essa área aqui, aí as lideranças disseram que não queriam porque iam ficar morando no lagamar. E eles da Ducoco disseram que primeiro iam fazer uma vila de casa próximo ao lagamar para a comunidade e iam cercar o restante. As lideranças não concordaram, mas eles afirmaram que iam cercar mesmo assim. As lideranças responderam que, se eles cercassem, eles cortavam a cerca, como de fato a Ducoco cercou, mas o povo cortou e queimou toda cerca. Quando o povo disse que iam cortar, o pessoal da Ducoco não disseram nada a respeito, só disseram que iam voltar e que isso não ia ficar assim, eles iam cercar. E as lideranças disseram que eles não cercavam, pois daqui eles não saíam. Após

esse episódio, passaram vários dias sem ter aula, pois os alunos tinham medo de acontecer tudo de novo.

Com o Salão, as mulheres também passaram a se reunir durante o dia para fiarem e realizarem outros trabalhos artesanais. Essa era uma das estratégias de manter em movimento o salão.

Da esquerda para a direita: Tia Chiquinha, Tia Ana e Nazita.
Trabalho em mutirão.
Data 1980.
Foto: acervo dos autores.

4.1 A CONSTRUÇÃO DO SALÃO EM MUTIRÃO: UMA HISTÓRIA DA FORÇA DE NOSSA UNIÃO

O Salão faz parte de uma história de luta e resistência, que jamais será apagada e esquecida da memória do nosso povo. Por conta dessa importância, nós professores e alunos, das escolas indígenas tremembé do aldeamento de Almofala, estamos nos empenhando no processo de relembrar e regis-

trar essa história de luta. Para que ela não venha a se perder com o tempo, pois nossos velhos estão partindo para outra dimensão e as futuras gerações precisam ter o conhecimento das batalhas enfrentadas por eles.

Da esquerda para a direita: Manoel Chico, Tio Ovildo, Elizaldo, Tio Manoelzinho Gonçal, Tio Raimundo Louro, Francisco Sabóia, Tio Valdimiro, Tio Dete, Tio Marciano, Rodolfo, Tio Valdir, Valdemir, Tio Mundoca, Tio João Tucum e João Valdir. Reforma do Salão.
Data 2006.
Foto: M. Graça Moura dos Santos.

A construção do salão foi da seguinte forma: o povo se juntou em mutirão, mulheres, crianças, jovens e adultos reunidos com um só objetivo de construir o mais rápido possível o lugar onde eles pudessem fincar seus pés e se lançar na luta com mais garra e com mais firmeza. Muitos amassavam o barro, uns faziam os tijolos, outros faziam as telhas; enquanto alguns construíam a caieira, outros apanhavam a lenha para fazer a queima dos tijolos e telhas. Conta Tia Conceição que os tijolos, utilizados nessa construção, nem eram queimados direito devido à urgência da situação.

Caieira para queimar os tijolos.
Data 19.09.2012.
Foto: Raimundo Felix Jacinto.

Nesse vai e vem de mutirão como formigas se arrastando pelo chão: pequenas no tamanho, mas grandes na organização! Essa organização culminou nessa grande obra simbólica de luta e resistência dessa nação. Vendo ela construída, deram o nome de Salão.

O pedreiro foi o Matias Anastácio, índio e membro da comunidade; enquanto ele subia as paredes, outros foram até a mata do Mineiro tirar madeira para servir de linhas, caibro e ripas, para fazer a coberta do mesmo. Nesse trabalho, não podemos deixar de fora a importância dos animais, eles tiveram uma contribuição grande nessa construção, pois eram os jumentos que carregavam os materiais necessários.

Para fazer o piso, os moradores deram uma contribuição em dinheiro; como não havia aposentados nem empregados, cada um se remediava com o que tinha: vendiam farinha, feijão, porco, galinha, cabra e ovelhas, para adquirir o dinheiro, com o qual foi comprado o cimento e as portas do salão.

Tia Conceição.
Data 19.09.2012.
Foto: Raimundo Felix Jacinto.

Sobre a história do salão, Tia Conceição conta que

> Nós não tinha nem uma casa de tijolo, aí o advogado nosso falou que a gente fizesse uma coisa permanente, aí era uma casa de tijolo. Aconteceu que se juntou um bocado de homem, muitos desses já morreram, como bem o compadre Matia, que foi quem construiu o salão, o compadre João, o compadre Mundoca, o Raimundo Tucum; agora tem o Augustinho, compadre Raimundo Louro, Valdir, o Chico Lagoa e Dete, esses ajudaram. Nesse tempo, era sessenta morador que se empenharam na construção do salão, ainda hoje o Augustinho tem a forma de fazer o tijolo e a telha.

Tio Augustinho no terreiro de sua casa, mostrando como se fazia a telha.
Data: 19.09.2012.
Foto: Raimundo Felix Jacinto.

Em 2006, o salão passou por uma reforma, ou seja, no mesmo, foram mudadas algumas coisas.

Salão reformado.
Data 10.06.2011.
Foto: Maia Ivonete dos Santos.

Salão reformado.
Data 10.06.2011.
Foto: Maria Ivonete dos Santos.

Primeiro, ele foi construído com a frente para o mar. Existia um coluna central para sustentar o telhado, os bancos eram de cimento; como a escola reforça a luta e a luta reforça a escola, o salão foi feito também nesse sentido, e foi construída uma lousa.

> A diferença da escola é percebida, antes do mais, como autonomia, como se pode auferir da fala de Neide, referindo-se a "uma escola da gente mesmo", isto é, uma escola nascida da iniciativa deles próprios, na qual eles possam tomar decisões acerca da gestão ou do currículo e orientada para seus interesses e projetos sócio-políticos; para além, portanto, de uma perspectiva estética ou conteudista-culturalista da diferença. Por isso mesmo, a diferença se apresenta como o grande desafio desta escola, principalmente nos últimos anos, quando da reivindicação do seu reconhecimento e apoio junto às agências estatais sobretudo, tornando-se objeto de intensas e contundentes negociações e disputas. Os fatos ocorridos em torno da organização do Curso de Magistério Indígena Tremembé são o termômetro atual deste desafio. (FONTELES FILHO, 2003, p. 629).

Depois da reforma, o salão ficou assim: a frente ficou para o lado do sertão, não tem mais a lousa, pois, nessa data, já tinha sido construído o colégio da Varjota, por isso não havia necessidade de permanecer uma lousa no salão. Os bancos são de cimento, a coluna deu lugar às tesouras. Permaneceram as janelas no mesmo lugar de antes, e a cruz também permaneceu, só que agora do lado do sertão. Essa reforma foi feita por nossos mais velhos, mas com a ajuda dos novos, não com a mão de obra, mas com dinheiro para comprar o material.

Capítulo V

OS IMPACTOS CAUSADOS PELA INVASÃO

Como já havíamos falado, foram muitos os impactos causados pela invasão da Ducoco. Agora, gostaríamos de citar a migração como mais um desses impactos.

A invasão pela Ducoco obrigou muitos dos nossos familiares a sair de sua aldeia para tentar a vida lá fora, por conta da grande seca ocasionada pela invasão da Ducoco, pois os tratores dessa empresa destruíram plantações e essas plantações não vingaram. A Ducoco também cercou as lagoas e, com isso, não tendo onde pescar e nem de onde tirar o sustento, muitas famílias começaram a passar necessidade, e os pais se obrigaram a mandar seus filhos mais velhos trabalharem fora. Outros se obrigaram a trabalhar em troca de migalhas para a empresa.

Algumas meninas tremembé foram trabalhar nas casas dos ricos da cidade, inclusive em Fortaleza; elas trabalhavam muito e, às vezes, nem recebiam salário, foram muito exploradas. Muitos homens foram trabalhar na pesca e em outros trabalhos, alguns voltaram, outros estão ainda por lá.

Com esse distanciamento que houve, alguns de nossos parentes começaram a viver outra realidade diferente da sua

e, com isso, foram deixando de praticar sua cultura, passando a viver desaldeados. Eles tiveram de aprender outra cultura sem ser a deles, mas, se alguém perguntar se são índios, eles logo dizem que são filhos e netos de índio, que são de Almofala, uma terra de índio.

> Ser Tremembé em Fortaleza tem uma dimensão subjetiva pelo sentimento de pertencimento: "ter parte com índios" a partir do vínculo com seus pais e avós em que aparece fortemente a referência aos laços de consanguíneos: "ter sangue de índio". Este sentimento subjetivo de pertencimento está conectado com o de ser originário de Almofala com o significado de ser "terra de índio [...] Um dos desafios dos indígenas nas cidades é, através de uma apropriação da tradição de sua comunidade e de elementos de outras tradições com as quais mantêm relações, desconstruir o não-lugar dos índios concretos nas cidades e seus personagens estigmatizados e construir um espaço de reconhecimento de identidades indígenas cidadãs nas áreas urbanas. (NASCIMENTO, 2009, p. 239).

Na cidade, as pessoas acham que não existem índios, nem seus vizinhos acreditam que nossos parentes são índios quando eles dizem, só porque eles estão na cidade. Isso precisa mudar, porque, nas cidades de todo o Brasil, existem índios!

Nas cidades, eles são também desamparados pela lei no sentido de não terem seus direitos respeitados como índios e sem participaram das políticas públicas do governo destinadas aos povos indígenas.

Liderança Raimundo Louro.
Data 19.09.2012
Foto: Raimundo Felix Jacinto.

Entrevista com tio Raimundo Louro, liderança da Varjota.

Raimundo Félix: A invasão da Ducoco tem alguma influência na saída de pessoas da comunidade para outras cidades?

Raimundo Louro: De dentro da nossa área da Varjota, por conta da invasão, saiu o Zacarias Benvinda e o Zacarias Ramos. Saíram com medo disso; do são Gabriel, saiu o Pedro Raimundo, também assombrado. Agora esse povo novo, mesmo os meus filhos saíram para trabalhar e depois levaram a família. O Zacarias Benvinda saiu com medo mesmo, que até uns pezinhos de coqueiro que ele tinha, deixou. A minha Maria saiu daqui em agosto de 1993. Nesse tempo, a luta estava pesada, a Ducoco estava pressionando de tal forma que não podíamos nem dormir sossegado, pois a nossa luta já tinha começado no ano de 1979. E desde esse tempo, nunca mais tivemos contato com ela, não sabemos se ela está viva ou morta, mas acho que ela está morta.

Raimundo Félix: Tia Diva, você, como mãe, o que acha?

Diva: O meu coração fala que ela está viva porque toda noite sonho com ela chegando e me abraçando.

Muitos dos nossos parentes têm vontade de, um dia, voltar para suas comunidades de origem e até de participarem da organização indígena. Alguns até conseguem voltar, mas outros não conseguem e ficam nas cidades. Muitos dos nossos parentes continuam visitando suas famílias em nossa terra indígena.

Capítulo VI

O PROCESSO DEMARCATÓRIO E A RELAÇÃO DAS COMUNIDADES COM A EMPRESA DUCOCO

O processo de demarcação da nossa terra se encontra paralisado, esperando a conclusão da perícia antropológica.

A primeira perícia foi anulada porque o advogado da empresa alegou que o perito era amigo dos Tremembé e havia-se hospedado na casa de um deles. No ano de 2011, nós ganhamos novamente um perito para realizar uma nova perícia. Já foram realizadas duas etapas, está faltando a última para concluir o relatório. Vimos que a empresa sempre encontra algo para recorrer aos processos demarcatórios da nossa terra.

Sabemos que a empresa hoje tem uma forma estratégica de se relacionar com a comunidade. Muitos não percebem que essa forma de relação é uma maneira de dificultar a demarcação da nossa terra. A ideia de estar empregando os nossos jovens é para, no futuro, apresentarem como prova de que a empresa é boa e está gerando emprego para os índios. Isso é tão claro que a empresa tira pessoas que não são índio para colocar os índios.

Tuxauá Augustinho.
Data 22.09.2012.
Foto: M. Ivonete dos Santos.

Entrevista com Tio Augustinho

Augustinho: A Ducoco está mais forte do que a comunidade, a Ducoco trabalha para desmantelar a comunidade.
Raimundo Félix: Por que você acha? O que você está vendo?
Augustinho: Porque lá é uma empresa e ela sempre trabalha pra desmantelar o nosso trabalho sempre, sempre. A cidade (Itarema) e a Ducoco estão combinando as coisas juntos, e a comunidade tá combinando com quem? Missão não tem, a missão tá é pedindo ajuda.
Ivonete: Quem deveria ajudar era a FUNAI.
Augustinho: Pois é. A FUNAI, essa é que bem não

ajuda, pois a mesma tá junto com o poder. Quem é que conhece a FUNAI aqui? Por isso a Ducoco tá no ponto de vencer; e depois dela vencer, aí acabou.

Raimundo Félix: A questão de ter muitos jovens trabalhando na empresa, como é que fica essa situação?

Augustinho: Não, isso aí é ganho para eles, emprego. Todos nós precisamos se empregar e ganhar para sobreviver. Aí, se você vai trabalhar, você vai ganhar seu dinheiro. Agora, deixa que depois de tá empregado lá ou você atende a eles ou então desiste de lá, né? Eles têm o poder de lhe apoiar e de lhe desprezar.

Como bem lembra o Tio Augustinho, essa situação é uma realidade: quem trabalha na empresa fica subordinado a ela, e isso é muito ruim para a nossa luta, pois a empresa monta uma estratégia que acaba colocando parente contra parente, ou seja, os índios contra os próprios índios.

Estamos preocupados com essa situação, por isso, nas nossas escolas, é trabalhada essa questão de conscientização de como a empresa vem atuando no processo de invasão das nossas terras.

Pajé Luiz Caboco.
Data 12.09.2012.
Foto: Maria Ivonete dos Santos.

> A relação da comunidade com a empresa está sendo feita através da Justiça, e assim nós vamos nos relacionando com ela mais dessa forma. Os índios que estão trabalhando lá, por um lado, é muito ruim, porque dá a entender que nós estamos a favor da empresa; mas, por outro lado, a gente vê que é devido à precisão das famílias, devido à destruição que a Ducoco trouxe que foi muito grande, a falta de opção e por não ter para onde ir. Não é porque ela é boa, até porque o nosso povo trabalha como escravo para ela. No meu ponto de vista, o emprego que a empresa dá ao nosso povo é comparado com uma esmola. Hoje, até para a gente pescar nas lagoas que ficam dentro da empresa, tivemos que fazer um acordo judicial pra ela liberar a pesca e, mesmo assim, ainda temos que pedir licença e assinar um termo de responsabilidade. Não temos mais o direito de fazer nossas caçadas porque não podemos entrar na empresa e até para se fazer visita aos marcos da terra que ficam dentro dela, temos que pedir licença para ela (PAJÉ LUIZ CABOCO).

As nossas comunidades não dispõem de projetos sustentáveis que possam segurar esse jovem na própria aldeia, então eles se obrigam a trabalharem para a empresa. É preciso que nossas comunidades se juntem para pensar estratégias que possam garantir que nossos jovens se mantenham na própria comunidade com autonomia. Isto reforçará a luta pela demarcação da terra. É claro que não podemos deixar de ressaltar a fala do Pajé que explícita o poder de negociação do nosso povo Tremembé.

CONCLUSÃO

Acreditamos que este livro é de fundamental importância para que as nossas escolas, comunidades e futuras gerações tenham o conhecimento mais aprofundado sobre as batalhas enfrentadas por nossos mais velhos. Estes sempre lutaram para que nosso povo continuasse vivendo, trabalhando e praticando nossos rituais, que fazem parte de nossa afirmação étnica porque mostram que somos Tremembé.

Acreditamos que este livro é uma forma de estarmos contribuindo para a educação do nosso povo, para que a história também escrita seja aliada e reforce a história contada pelas próprias pessoas que a viveram. Essa foi e é uma grande luta organizada e com estratégias inteligentes para resistir às pressões dos invasores. Assim, as novas gerações podem continuar lutando pelos seus direitos originários e sagrados, também escritos na Constituição de 1988.

BIBLIOGRAFIA

ANTÔNIO VALDIR DE HOLANDA, Tio Valdir, Entrevista concedida em 10.06.2011.

AUGUSTINHO FÉLIX JACINTO, Tio Augustinho, Tuxauá Tremembé, Varjota. Entrevistas concedidas em 10.06.2011 e 19.09.2012.

BORGES, Joina Freitas. *Senhores das Dunas e os Adventícios D`Além – Mar*: primeiros Contatos, Tentativas de Colonização e Autonomia Tremembé na Costa Leste-Oeste (Século XVI e XVII). 2010. 361 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói. Rio de Janeiro, 2010.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. 2003. 633 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2003.

FRANCISCA IVONETE APOLINÁRIO, Francisca, liderança da Tapera, Entrevista concedida em 18.07.2012.

JOSÉ FÉLIX DE MOURA, Tio Trival, liderança da Tapera, Entrevista concedida em 18.07.2012.

LUIZ MANOEL DO NASCIMENTO, Luiz Caboclo, Pajé Tremembé. Entrevista concedida em 12.09.2012.

MACIONILO JOSÉ CORREIA, Tio Marciano, liderança da Varjota. Entrevista concedida em 10.06.2011.

MANOEL RAIMUNDO CABRAL, Manoel Maroca, liderança da Varjota. Entrevista concedida em 22.11.2011.

MARIA DA CONCEIÇÃO MOURA, Professora Conceição, Entrevista concedida em 22.11.2011.

MARIA DIVA HOLANDA, *Tia Diva, liderança da Varjota. Entrevista concedida em* 19.09.2012.

NASCIMENTO, E. S. do. *Identidade e memória de habitantes de Fortaleza-CE originários da comunidade Tremembé de Almofala-CE*: ramos de raízes indígenas em trânsito. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de. *Torém Brincadeira dos índios Velhos*: São Paulo, ANNABLUME, 1998.

RAIMUNDO MOURA DOS SANTOS, Raimundo Louro, liderança da Varjota. Entrevistas concedidas em 10.06.2011 e 19.09.2012.

RITA MARIA DA CONCEIÇÃO, Tia Conceição liderança da Varjota, entrevista concedida em 13.08.2012.

O ALDEAMENTO TREMEMBÉ DE ALMOFALA: O ESPAÇO DO MANGUE ALTO ONTEM E HOJE

<

Jóina Freitas Borges
(orientadora)

Sebastião Ovildo dos Santos
Rita de Cássia Siqueira

O ALDEAMENTO TREMEMBÉ DE ALMOFALA: O ESPAÇO DO MANGUE ALTO ONTEM E HOJE

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro, primeiramente, ao Pai Tupã, por nos conceder a graça de nossa existência e coragem para esta realização.

Aos nossos pais, por nos terem criado, educado e nos ajudado nos momentos de dificuldades.

Aos nossos companheiros de curso, pelo incentivo, apoio e companheirismo, além das palavras de incentivo nas horas de desânimo.

Aos nossos amigos: pessoas tão queridas e especiais, que estão sempre presentes nas horas mais difíceis e nos incentivam a buscar novos conhecimentos.

A todos os professores e professoras que muito contribuíram para nossa formação, e a nossa orientadora Joína pela sabedoria e dedicação com a qual supervisionou esse trabalho, com dificuldades e persistência fazendo com que ele se tornasse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, ao Pai Tupã, por nos conceder essa oportunidade de podermos resgatar a história de Mangue Alto e também aos nossos parceiros de curso que caminharam lado a lado durante essa jornada nos auxiliando nas dificuldades e conquistas.

Aos parceiros que contribuíram para o fortalecimento da nossa cultura e desenvolvimento das comunidades indígenas Tremembé, tal como a UFC – Universidade Federal do Ceará, Igreja Metodista e demais companheiras que nos auxiliaram durante esse percurso de magistério.

Queremos também reconhecer e sermos gratos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio à realização deste trabalho, por meio da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

Agradecemos ainda a Joína Freitas Borges, com a sua especialidade de pesquisa, orientou-nos no trabalho que deu origem a este livro.

Às lideranças de nosso aldeamento, pela força e incentivo, fazendo com que não desanimássemos perante os obstáculos enfrentados no nosso caminho.

Em especial, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que fosse possível a realização deste livro, fazendo com que a história de Mangue Alto não seja esquecida no tempo e no espaço.

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, é com imenso prazer e esforço que vimos até você, por meio deste livro, apresentar a história de um espaço em especial do aldeamento Tremembé de Almofala: a comunidade de Mangue Alto.

Para realizar este livro, também contamos com a preciosa orientação das lideranças da comunidade de Mangue Alto.

Gostaríamos de ressaltar a importância do conteúdo deste livro como uma valiosa contribuição para manter as histórias dessa comunidade, a qual passou por grandes transformações.

O envolvimento e empenho de todos os cursistas do MITS e da comunidade foi fundamental para ampliar e enriquecer o conteúdo deste livro, a fim de que este fique como subsídio para todas as escolas indígenas.

Esperamos que tenhamos conseguido produzir um livro didático para ser usado nas escolas Tremembé, a fim de divulgar as histórias e consequências causadas pelo homem no aldeamento de Mangue Alto e de que as mesmas sejam divulgadas. E ainda para que, com este livro, as pessoas possam tomar parte da conscientização para com o meio e para que o mesmo desperte em si a responsabilidade de preservar o espaço físico que nos rodeia, sem causar grandes danos ao ambiente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 419

Capítulo I - A PAISAGEM DE ANTES DA COMUNIDADE DE MANGUE ALTO: PAISAGEM É TRANSFORMAÇÃO..... 420

Capítulo II - ORIGEM DE MANGUE ALTO..... 423

2.1 As dunas antes..... 428
2.2 As lagoas antes..... 431
2.3 As paisagens do passado – os sítios arqueológicos de Mangue Alto..... 433
2.3.1 Sítio da casa do Seu Zé Biinha..... 435
2.3.2 Sítio da casa de Dona Bem-Vinda..... 436
2.4 Modelos das casas de antes..... 437

Capítulo III - A PAISAGEM DE MANGUE ALTO HOJE..... 442
3.1 As dunas hoje..... 443
3.2 Os sítios arqueológicos hoje..... 446
3.3 A escola do mutirão de Mangue Alto hoje..... 447
3.4 As lagoas hoje..... 449
3.5 Modelos das casas de hoje..... 450
3.6 Mangue Alto hoje..... 452
3.7 Construção da escola do mutirão de Mangue Alto..... 452
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 465
BIBLIOGRAFIA..... 466

INTRODUÇÃO

Mangue Alto é localizado no município de Itarema, no aldeamento Tremembé de Almofala. Este livro contará as histórias da paisagem de Mangue Alto de antes e de hoje, a origem de Mangue Alto antes, as dunas, as lagoas, os sítios arqueológicos, modelo das casas, a escola do mutirão de Mangue Alto e o espaço físico do Mangue Alto em geral, enfocando como era a paisagem do local. Visto antes e hoje.

Neste livro, será encontrada também a forma de organização do povo de Mangue Alto, suas políticas e manifestações as quais obtiveram êxito em algumas partes e perdas em outras. O trabalho demonstra as mudanças ocorridas nessa localidade.

Essa reflexão se revela muito oportuna quando se consideram os impactos sobre o lugar e os desmatamentos dessa localidade de Mangue Alto, na ação de diferentes agentes atuando sobre a região.

Neste estudo sobre as mudanças ocorridas nessa região, foram enfocados dados dessa localidade de Mangue Alto, dando ênfase à força e persistência do povo que ali habita.

O presente livro trata ainda da preocupação da comunidade, agregando as dificuldades passadas por eles. A finalidade central é, portanto, enfatizar o controle e a preocupação com a preservação de seu povo e de seu lugar.

Capítulo
I

A PAISAGEM DE ANTES DA COMUNIDADE DE MANGUE ALTO: PAISAGEM É TRANSFORMAÇÃO

Paisagem de Mangue Alto antes (RITA e SEZINHO, 2012).

A paisagem é tudo aquilo que podemos perceber na natureza, podendo a mesma apresentar várias escalas, dependendo do local onde nos encontramos, pois ela é uma

sobreposição[1] de momentos diferentes, de vários estágios da história de uma ou mais comunidades. A paisagem reflete as mudanças pelas quais passam as sociedades e, assim, por onde as pessoas passam, a paisagem é modificada.

Geralmente, são considerados dois tipos de paisagem: a paisagem artificial e a paisagem natural. A artificial é aquela transformada pelo homem, pois a produção do espaço artificial é resultado da ação dos homens, interagindo sobre o espaço existente. Ainda pode-se acrescentar que quanto mais *complexa*[2] for a vida social de determinada comunidade, mais a paisagem artificial será evidente, por causa da diversidade de modificações realizadas, como edificações, cores, funções e formas exigidas por esse tipo de *sociedade.*[3]

Já a paisagem natural é aquela que não foi modificada pelo ser humano, mas também não é *estática.*[4] Transformam-se de acordo com os fenômenos que ocorrem na natureza, tais como *estiagens,*[5] enchentes, mudanças climáticas, etc. A paisagem natural encontra-se, praticamente, inexistente atualmente, pois o homem vem ocasionando mudanças no ambiente cada vez mais global.

Porém, a percepção da diferença entre esses dois tipos de paisagem tem-se tornado cada vez mais difícil por causa da mixagem do meio natural e artificial. Existe uma migração frequente do meio natural para o artificial, pois cada vez mais aumenta a integração dos instrumentos de trabalho do ser humano e a paisagem natural; a cidade é um exemplo da

---

[1] **Sobreposição:** Ato ou efeito de sobrepor, de juntar.
[2] **Complexidade:** "diz-se de ou conjunto, tomado como um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes, difícil pelo intelecto e que apresentam diversos aspectos".
[3] **Sociedade:** É o conjunto de pessoas que compartilham preocupações e costumes e interagem entre si.
[4] **Estático:** sem movimento, parado, imóvel.
[5] **Estiagem:** abaixamento máximo da água, rios, fontes.

adição do artificial ao natural. A paisagem, então, deve ser pensada em paralelo com as condições político-sociais e culturais do espaço onde ela se encontra inserida, procurando sempre perceber o invisível.

A Comunidade de Mangue Alto era um lugar de muitas paisagens, sendo notável seu ambiente como bem de todos: rios, lagos, dunas e toda flora que pertencem à localidade de Mangue Alto dão subsídios para as famílias que ali habitam. É preciso, portanto, que estejamos cientes de sua preservação, considerando suas paisagens como *patrimônios*[6] da comunidade. O local era bem preservado, suas matas chegavam a tomar toda a região, formando um grande pasto verde, que era adorado pelas pessoas que ali viviam e cuidavam daquele local, preservando bem seu habitat.

[6] Patrimônio: herança deixada de pai para filho.

Capítulo II

A ORIGEM DE MANGUE ALTO

A paisagem de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

De acordo com os relatos de algumas lideranças da comunidade, o nome "Mangue Alto" se deve ao fato de ali, naquela localidade, existirem muitos mangues, e os mesmos serem grandes, daí o nome: Mangue Alto. Valorizando a memória de seus moradores e respeitando a identidade que possuem com seu lugar, questionamos alguns dos habitantes da localidade, sobre a história do seu espaço.

Dona Nenê Beata, que tem muitas lembranças e que sempre as manterá como suas testemunhas, diz que não es-

quece como era o lugar onde mora. Afirma que ali todos viviam muito livres. Dona Nené lembra os morros que lhes pertenciam, os quais eram muito importantes para ela, que é uma das pessoas mais antigas da região. A terra, para ela, é símbolo de resistência, cultura e luta.

Mapa da localidade de Mangue Alto como era antes (RITA e SEZINHO, 2012).

Após um momento de muita tensão, durante um conflito, quando derrubaram os morros, Dona Nenê Beata sofreu muito. Ela diz que respeita o seu espaço físico, pois é um marco da terra Tremembé.

Entrevista com Dona Nenê Beata (68 anos), liderança de Mangue Alto.

Dona Nenê Beata é uma das lideranças mais velhas da localidade de Mangue Alto. Ela nasceu em Passagem Rasa, mas, com 15 anos de idade, veio morar na comunidade de Mangue Alto. Hoje, com 68 anos, nunca abandonou a luta de seu povo.

Sezinho: Como era essa localidade, antes aqui? Toda vida foi assim, um lugar sempre bonito? As casas eram poucas? Fale um pouco como era.

Dona Nenê Beata: Quando eu chequei aqui, só tinha 15 anos. Não fui nascida aqui mais fui criada. Nesse tempo, tinha muita fartura; meu marido pescava. Nós costumava plantar batata, feijão, milho. Toda vida gostei de terras.

Sezinho: Como era esse lugar antes? Era assim, tinha muitos morros, matos, toda vida foi assim?

Dona Nenê Beata: Tinha muitos morros, mas, com a chegada das pessoas, tudo foi mudado. Eles compravam um pedaço de terra e cercavam todo o morro. E daí foram plantando os coqueiros, derrubando os morros. Tudo foi ficando mudado. A família Pereira, que morava no lameirão, foi-se apossando logo. Quando eu chequei aqui, tinha muitas lagoas. Eu gostava de pescar nessas lagoas. Depois foram chegando outras famílias, dai foi aumentado a quantidade de famílias. Agora estamos sem terras para morar. Eu ainda andei lutando, mas não

consegui impedir. Eles foram cercando até os caminhos dos pescadores que iam para o mar.

Sezinho: Você tem ideia de quantas famílias moram aqui em Mangue Alto?

Dona Nenê Beata: Nem me lembro mais. Aqui só tinha uma família morando. Nem me lembro, acolá morava a família da Rosinha, onde morava o Zé do Pará. Ele era rezador, por isso se chamava Zé rezador. Ele vendeu para o Chico Ramos, que veio da Tapera e que comprou outra morada aqui.
Depois vendeu para a Rosinha e daí foi morar em outro lugar. Daí foram aumentando os moradores daqui. E hoje não tem nem mais caminho. Foi cercado tudo. Eu andei falando pra pararem, mas não teve jeito.

Depoimento de Zé Biinha

Zé Biinha, liderança de Mangue Alto.
Zé Biinha, *56 anos, pescador, feitor de artesanato de coco, palha, pau, entre outros materiais, delegado do CITA, pescador profissional.*
Sendo uma das pessoas que mais contribuiu para a construção da escola de Mangue Alto na construção de pedreiro entre outros serviços.

Sezinho: Estamos fazendo nosso trabalho de conclusão de curso. Aí nós resolvemos pesquisar aqui a localidade de Mangue Alto, pra saber como ela era antigamente. Como que tá hoje? Por que que está desse jeito? Por que a necessidade de criar essa escola? Mas primeiro comece

falando como era a comunidade de Mangue Alto. Antes de falar, diga seu nome e sua idade

Zé Biinha: Sim, é o nome todo ou só o apelido?

Sezinho: Pode ser de qualquer jeito.

Zé Biinha: É que a gente é conhecido mais pelo "apeligue". Sou conhecido como Zé Biinha, mas o nome de documentos é mais diferente: José Geraldo dos Santos. Tenho 56 anos, tô dentro dos 57 anos. A minha função aqui mesmo é... até agora eu não tinha função nenhuma, a minha função era só ser liderança daqui mesmo e mais nada. Agora passei a ser delegado do *CITA,*[7] né? A negada pediram uma delegacia aqui pra localidade de Mangue Alto pra ficar mais fácil de a gente botar os pagamentos em dia. É que nós pagava lá na delegacia do Panã que a dona Mariinha... mas a gente não tinha costume de pagar lá. Ela era quem procurava, aí a gente, às vezes, arrumava o dinheiro, começava a esperar por ela, esperava, esperava... Às vezes, tinha precisão, aí gastava, por causa do que fazer, a gente acabava ficando até atrasado porque demorava muito.
Aí a Cristina cansou de deixar dinheiro lá em casa pra ficar mais fácil pra fazer o pagamento, porque era o "ganhe" dela. Agora aí a gente botou essa delegacia aqui. Agora eu tô procurando, procurando, não tô recebendo as mensalidades da localidade de Mangue Alto.

Rita de Cássia: Além disso, você faz outras coisas?

[7] **CITA:** Conselho Indígena Tremembé de Almofala.

Zé Biinha: Artesanato né? É, e não só artesanato, é várias coisas. A profissão minha mesmo é pescador. Eu sou pescador profissional porque meus documentos é tudo de pescador, mas sou agricultor desde criança, porque nasci e mim criei na agricultora, com direito na agricultura. Depois passei pra pescador. Agora, como eu não tô mais aguentando a vida de pescador, que é uma vida sofrida, cansada, pesada, eu tô mim aguentando com uns artesanatozinho.

2.1 AS DUNAS ANTES

As dunas de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

As dunas são montes de areia, formados pelo deslocamento de partículas finas que se movimentam ao vento, ou seja, os ventos as levam para outro lugar. Elas param quando encontram um obstáculo, e assim formam montes que mudam de lugar.

Ao atingir determinada altura, esse monte desmorona, reiniciando o processo.

As dunas sempre exerceram um grande fascínio nas pessoas, pois formam paisagens lindíssimas, além de se movimentarem. Elas são um grande atrativo para turistas e um divertimento para as crianças. Muitas vezes, as dunas costumam migrar em direção às casas, obrigando seus moradores a abandoná-las.

O espaço físico de Mangue Alto era visto por suas belíssimas paisagens naturais, cobertas de grandes dunas, as quais ilustravam e davam um novo formato ao lugar. Sabe-se que as dunas eram para o povo da comunidade, uma forma de eles estarem sempre em contato com a natureza, sentindo o vento bater em seus rostos e observando a beleza do mar de cima das dunas.

O povo de Mangue Alto sempre buscou preservar as dunas ali existentes, contudo, com o passar do tempo, elas foram-se se movimentando ou as pessoas foram destruindo. Desde então, essa localidade é degradada, desfigurando a paisagem natural.

Entrevista com Zé Biinha

Sezinho: Pois sim, vamos falar sobre essas dunas desse local. Aqui toda vida foram assim desse tamanho? Como era aqui?

Zé Biinha: Da minha lembrança mesmo, desde as primeiras vezes em que comecei a ver aqui essas dunas, sempre teve. Inclusive, alguns nomes como o Morro da Velha Maria Bem-vinda, o qual era o morro mais alto que existia na localidade de Mangue Alto. As crianças, quando iam brincar em cima dele, para chegar até o alto, subiam de quatro pé de tão alto que era o morro, e assim todo dia as crianças brincavam em cima dele.

Zé Biinha, liderança de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

De acordo com dona Nenê Beata, os morros sempre foram assim, mas houve muitas mudanças da parte do homem, muitas delas (*as dunas*) se moveram.

Os morros são vivos. Esse morro foi o vento que derrubou, e também o homem que destruiu. O homem destruiu muito, onde tem morro que não é cercado, é virgem, como antigamente, ainda não era cercado, destiorado, são bem bonitos e todos calmim. Essas terras que foram bolidas ficam revoltadas com o homem, porque aí mexe com a areia, às vezes, elas se mudam de lugar:

Vamos pesquisar?
Procure saber, perguntando a pessoas mais velhas, como eram as dunas de Mangue Alto antes de você nascer.

2.2 AS LAGOAS ANTES

Alunos do 2º ano da escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

As lagoas são depressões naturais na superfície da Terra que contêm permanentemente, uma quantidade variável de água. Essa água pode ser proveniente: da chuva; duma nascente local; onde cursos de água, como rios que deságuam nessa depressão. Normalmente, a água das lagoas é água doce, mas existem, no mundo, alguns importantes lagos salgados. Acreditamos que as lagoas variam dependendo do terreno, das localidades onde elas se encontram. E que as mesmas são resultado de um processo natural, onde se acumula água, formando assim uma lagoa.

As lagoas salgadas, por sua vez, formam-se devido ao lugar não acumular muita água e à mesma evaporar com facilidade.

A localidade de Mangue Alto sempre foi um lugar privilegiado e farto de água, pois era rodeado de lagoas, todas com uma história diferente. De acordo com as lideranças locais, na

Lagoa da Pedra, aparecia uma mulher sentada na pedra penteando seus cabelos. Dizem também que essa mulher se transformava em animais para poder mudar para outra lagoa.

Alunos da escola de Mangue Alto tomando banho (RITA e SEZINHO, 2012).

Dizem que, uma vez, uma pessoa foi tomar banho, e, ao chegar à beira da lagoa, a mulher estava lavando seus cabelos. Quando ela viu a pessoa, virou-se numa cobra e correu para o fundo da lagoa.

Diante da fartura de tanta água, os moradores não se preocupavam em lavar suas roupas ou tomar banho, pois estavam diante de um patrimônio da natureza, o qual existia em abundância.

De acordo com o depoimento de lideranças da comunidade de Mangue Alto, existem lagoas que chegam a mudar o gosto de sua água. Em tempo de maré grande, a água fica salobra e, quando é tempo do verão, sua água volta a ser doce. Isso acontece devido a ela estar bem próxima à beira da praia.

2.3 AS PAISAGENS DO PASSADO – OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE MANGUE ALTO

Resto de barro do sítio do seu Zé Biinha (RITA e SEZINHO, 2012).

Os sítios arqueológicos são lugares resultantes da permanência dos moradores que ali residiram no passado, os quais deixaram restos do seu cotidiano, como objetos, alimentos ou, ainda, construções, sepultamentos, entre outras marcas que os homens deixam se acumular na paisagem.

Com o decorrer dos anos e a derrubada das casas, surge o que os antigos, em linguajar indígena, chamam de "tapera", ou seja, o amontoado de restos e objetos.

São esses objetos que ali ficam acumulados que dão origem a um lugar, conhecido por sítio arqueológico. Esses sítios são formas vivas de lembranças de um povo que ali permaneceu por um determinado tempo, usufruindo o meio que os rodeia.

Sabe-se que "na natureza um lugar é sinônimo de sobrevivência [...] É em algum lugar que os seres produzem

sua vida, transformando o meio, ou, simplesmente, interagindo com ele" (BORGES, 2004, p.98).

Os sítios arqueológicos de Mangue Alto estão localizados em áreas praianas do aldeamento de Almofala e dispõem de variedades de objetos *líticos*,[8] amontoados de conchas e moluscos.

Você Sabia?
Que os sítios arqueológicos pertencem a todos os brasileiros, são considerados bens da União e, portanto, devem ser preservados por todos nós, sendo proibida por lei a sua destruição? (Lei 3.924/61).

Os moluscos faziam parte da alimentação dos povos que ali habitavam, pois os mesmos eram considerados uma rica fonte de proteína. Sem contar que eram fáceis de serem coletados, pois eram encontrados nos mangues e nas areias das praias.

De acordo com Borges (2010), o litoral norte brasileiro vem sendo ocupado por populações pescadoras há milhares de anos. Essas populações litorâneas transformaram seus hábitos culturais e sociais com o passar do tempo, mas também cultivaram especificidades, com o costume de acumular restos de moluscos e de viverem baseados na pesca, na coleta e na caça, o que os diferenciava de outras populações nativas brasileiras. Os Tremembés, desde as primeiras informações

[8] **Lítico:** Relativo a pedra. Objeto feito de pedra. Os homens do passado faziam vários instrumentos, tais como facas, foices, machados e demais utensílios de rochas como granito, sílex, quartzo, etc.

sobre eles, no início do século XVII, são descritos como indígenas ligados à pesca, como notáveis mergulhadores, habitantes das praias da costa norte brasileira. Sendo assim, como resultado de suas moradias nas praias, deixaram, como testemunhos do seu modo de viver os sítios arqueológicos. Muitos desses sítios arqueológicos hoje se encontram sobre dunas. Por causa disso, alguns pesquisadores acreditam que ocorreram várias mudanças consideráveis no hábitat primitivo dos grupos que povoaram a região, acreditando ser inviável a ocupação de áreas tão perigosas para se viver, devido à constante ação do vento.

Entretanto, esses grupos poderiam situar-se em regiões de dunas, à beira de depressões e de córregos ali existentes, por causa das melhores condições de habitabilidade. Além disso, como é descrito em alguns documentos históricos, os Tremembé estavam habituados à vida sobre as dunas, os mangues. Lugares de difícil moradia, para uns, seriam espaços estratégicos para eles.

2.3.1 Sítio da casa do seu Zé Biinha

Próximo à casa do seu Zé Biinha, existe um sítio arqueológico, descoberto pelo mesmo quando estava trabalhando em sua plantação de roça. O local, cheio de altos e baixos, fica localizado em cima de morros próximos a sua residência. Nele é fácil encontrar vestígios de ostras, barro, conchas de búzios, por isso, seu Zé Biinha acredita que ali se trata de um sítio arqueológico, pois o local parece um lugar onde alguém tivesse posto uma casa ali há muito tempo. Desde então, seu Zé Biinha passou a preservar o local, fazendo com que os vestígios não fossem retirados dali.

2.3.2 Sítio da casa da Dona Maria Bem-vinda

O sítio arqueológico próximo à residência de Dona Bem-vinda foi encontrado por Dona Nenê Beata em suas andanças próximo a sua antiga moradia. Percebendo que ali existiam muitos vestígios, começou a observar o local com mais frequência e foi descobrindo que se tratava de um sítio arqueológico devido à variedade de objetos encontrados no local.

Ostras encontradas em um sítio perto da casa de Zé Biinha (RITA e SEZINHO, 2012).

A partir dos relatos de Dona Nenê Beata e Zé Biinha, estivemos nos locais por eles indicados, juntamente com essas pessoas e pudemos constatar que ali havia grandes vestígios de restos de moluscos espalhados pelo local. Conforme suas falas, o local ainda não era conhecido pelas pessoas da comunidade, nem tão pouco tinha um nome. Era conhecido apenas por "morada velha". Os vestígios ali vistos estavam todos espalhados pelo local, distantes uns dos outros devido a estarem dentro de uma plantação. O lugar tem sido muito mexido.

Resto de tijolos e búzios encontrados no sitio de Bem-Vinda (RITA e SEZINHO, 2012).

2.4 MODELOS DAS CASAS DE ANTES

Casa feita de taipa, coberta de palha na região de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Antigamente, na comunidade de Mangue Alto, as pessoas moravam em casa feitas de taipa,[9] cobertas por palhas de

[9] **Taipa:** processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento, em geral, feito de paus, varas, bambus, caules de arbustos etc.

coqueiro e rebocadas de barro. Para construir essas casas, o pessoal não precisava comprar material, pois o mesmo era feito pelos próprios moradores, que o retiravam do espaço no qual habitavam. Contudo, suas casas representavam um modelo simples, mais seguro, que oferecia conforto e comodidade para a família.

Acredita-se que as casas construídas pelos mais velhos geravam tranquilidade para os moradores, pois os mesmos tinham certeza de que, por mais simples que fosse o modelo de suas casas, sabiam que estavam bem acomodados. Todavia, as casas não eram acimentadas, o piso era a própria areia, suas portas eram de palha ou então de cipó todas trançadas em forma de cruz. As pessoas mais velhas carregam consigo a certeza de que as portas feitas em forma de cruz espantam todos os malefícios.

Entrevista com Zé Biinha, em 25 de maio de 2012.

Sezinho: Como era a questão das casas aqui em Mangue Alto?

Zé Biinha: Em relação às casas, estão mudadas devido a, naquele tempo, ter onde encontrar uma forquilha, um caibo, uma vara, para se fazer uma casa, a qual era toda construída com madeira ou tirada de dentro do nosso aldeamento, sem precisar comprar, devido à facilidade. Antes. É por isso que os Tremembé mais velhos não ficavam muito tempo em um só lugar, estavam sempre mudando de local. Devido à facilidade de madeira. Em nossa área de Mangue Alto, hoje, é diferente, sendo ruim em uns pontos e bom noutros. Antes, quando uma pessoa se deslocava de Mangue Alto para Torrões, era vista uma ou duas casas. Ia ver casa de novo quando chegava

lá. Por outra parte, era ruim porque, em uma precisão, caso de doenças, para chamar um vizinho, não tinha como, devido às casas serem muito distantes.

Sezinho: Assim só voltando para a comunidade de Mangue Alto. Como era a comunidade antes, quando você chegou? Descreva como era mesmo, se tinha esses casarões, se eram esses mesmos tipos... Como era?

Zé Biinha: Quando cheguei aqui, não tinha essas casas aí, não. As casas que tinha aqui era aquela casa onde o papai mora (mostrando a posição onde ficava), que era o finado Chico Laurindo. Só que a casa não era aquela ali não, mas é bem naquele localzinho ali. Era uma casinha de palha. Depois dessa casa lá do Chico Laurindo, tinha a casa do velho Nezim lá embaixo. Aí passava aqui pra cima, tinha a casa da Nenê Beata, a casa do finado Valdir. Falta outra casa. Dá pra gente contar a casa do Zé de Ouro hoje, da Agenir e a casa do finado Geraldo Pelonha. Lá passava na porta do Salustiano, ia ter casa de novo lá no finado Chico Benifaço. Essas casas aí agora lá perto da beira do mar, essas outras casas que nós estamos vendo hoje aqui não tinha não. Aí depois, o Chico chegou aí, fez uma casinha lá perto de nós, uma casinha velha que tinha. Depois ele saiu de lá, tinha uma casinha bem ali assim (novamente fazia o gesto mostrando a posição). Aí eram as casas que tinha depois. Era tanta pouca casa que eu tinha, que até uma criação de ovelha, o pasto delas, era em cima desses morros. Depois foi que apareceu mais casa, tá com pouco bem pouquinho tempo.

Entrevista com Dona Nenê Beata

Nenê Beata, liderança de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Sezinho: Essas casas, toda vida, foram assim? Feitas de tijolo? Como era o formato das casas que tinha aqui em Mangue Alto?

Nenê Beata: Modelos das casas de antigamente. Elas eram feitas de barro e cobertas de palha. Depois que deu para aparecer casas de tijolos. Por motivo da pesca da lagosta, as pessoas começaram a pegar dinheiro. Mas, de primeiro, as casas eram tudo de palha e pequenas.

Sezinho: Como está hoje? Melhor ou pior do que antes? Qual sua visão sobre Mangue Alto hoje?

Nenê Beata: Antigamente, era melhor, porque era muito tranquilo, não tinha muitas casas, nem estrada. As pou-

cas terras que ainda tem são poucas, e para entrar qualquer pessoa aqui era muito difícil. Agora as coisas estão muito mudadas.

Vamos pesquisar?

Procure saber com os mais velhos por que não existem mais essas casas de antigamente.

Capítulo III

A PAISAGEM DE MANGUE ALTO HOJE

Como é visto Mangue Alto hoje (RITA e SEZINHO, 2012).

É considerada paisagem natural aquela de origem da natureza, sem interferência da ação humana, como a vegetação e as formas de vidas ali existentes. Também existe a paisagem que sofre transformações devido ao resultado da interferência humana. Muitas vezes, o conceito de paisagem é distorcido, pois muitas pessoas entendem que ela é somente aquilo natural, porém paisagem é tudo aquilo que possamos ver. Ela é formada não só por volumes, mas também por co-

res, cheiros, movimentos, sons. Podemos dizer, então, que é o conjunto daquilo que vemos e sentimos. Considera-se paisagem a imagem resultante de todos os elementos presentes em determinado local. A paisagem não é simplesmente o espaço ocupado, pois, se retiramos a paisagem de um determinado lugar, o espaço não deixará de existir. Contudo a paisagem é resultado de um processo natural e material onde o homem destrói e usufrui ao mesmo tempo. Mangue Alto hoje já não demonstra tanta beleza em sua paisagem. A mesma foi danificada pela ação dos homens que, para fazer suas moradias, danificaram seu espaço natural. Podemos perceber, nesse local, hoje, o acúmulo de casas e cercados. A comunidade se encontra rodeada de grandes construções e cercados, e sua beleza já não brilha mais como antigamente.

3.1 AS DUNAS HOJE

Como são vistas as dunas de Mangue Alto hoje (RITA e SEZINHO, 2012).

As dunas são montes de areia, criadas pela natureza, que, ao longo dos tempos, vão-se modificando. As dunas de

Mangue Alto hoje são vistas em pequenas elevações arenosas que se formam em locais de onde a praia não consegue levar e que apresentam algumas características que favorecem ventos constantes que sopram em uma direção predominante.

Sabemos que as dunas são consideradas áreas de preservação permanentes pelo fato de constituírem um ecossistema próprio, com características próprias. Podem ser ainda classificadas em dois tipos, de acordo com sua mobilidade: dunas fixas, quando não saem do lugar de origem; e dunas móveis, ou migratórias, quando o vento "carrega" para outro lugar. Porém, na localidade de Mangue Alto, as dunas apresentam todas um tamanho igual devido à ação do homem, impedindo que as mesmas cresçam.

Em decorrência da invasão das pessoas, o espaço físico do aldeamento de Mangue Alto foi perdendo suas formas naturais, pois as dunas que antes ocupavam todo o território daquela comunidade tornaram-se um terreno onde as dunas já não eram a beleza daquele lugar. Acredita-se que as dunas ali existentes faziam bem à comunidade local, pois as mesmas serviam de diversão para as crianças que ali existiam. E que a ação do homem foi o principal causador do desaparecimento das dunas na comunidade de Mangue Alto.

Com o desaparecimento das dunas, o lugar foi perdendo seu aspecto natural, pois as retiradas de areia que as pessoas de torrões levavam para construírem suas casas cada vez mais contribuíam para o desaparecimento dessas dunas. Levando em conta a beleza das dunas e suas formas cheias de alto e baixos as quais servem de diversão para as crianças, temos que valorizar esse espaço de grandes valores e paisagens naturais. Sendo que, com as derrubadas das dunas, a vidas das pessoas de Mangue Alto sofreram o impacto, pois acabaram também alguns tipos de plantas, como o muricizeiro, a goiabeira, os puçazeiros a castanholeira entre outras que garantiam a subsistência do povo do aldeamento..

Hoje foi instalada uma torre de plataforma no local, enquanto os outros morros sempre foram de um tamanho só.

VAMOS PESQUISAR?
O que levou as pessoas de Mangue Alto a degradarem as dunas?

Entrevista com Zé Biinha

Zé Biinha, liderança de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Sezinho: Como você vê hoje? Está como antigamente ou não? O que mudou?

Zé Biinha: Tá muito diferente, porque muitos foram derrubados para fazer as construções. E tem outros que também não estão na sua forma original devido à destruição do pessoal que tirava a arreia para levar para fazerem casas, e outros foram destruídos para entupir uma lagoa, causando um problema ainda maior, porque estava matando duas coisas da natureza, e isso fez com que o local mudasse.

3.2 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS HOJE

Resto de barro e de ostra do sítio perto da casa de seu Zé Biinha (RITA e SEZINHO, 2012).

Até pouco tempo, as pessoas da localidade de Mangue Alto não tinham conhecimento se existiam ou não sítios arqueológicos em sua região. Atualmente, a comunidade de Mangue Alto passou a perceber alguns vestígios de restos de moluscos próximos às antigas moradias de pessoas que viveram ali, há tempo.

Com a realização desse trabalho em campo na localidade de Mangue Alto, algumas lideranças passaram até a dar mais atenção ao seu espaço e começaram a observar lugares que podem ser sítios arqueológicos. Em visita desses lugares, podemos afirmar que ali existem grandes vestígios de sítios arqueológicos. Desde então, a comunidade passou a se preocupar em preservar esses lugares.

3.3 A ESCOLA DO MUTIRÃO DE MANGUE ALTO HOJE

Escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Atualmente, Mangue Alto pode contar com uma escola diferenciada, que atende os alunos de sua comunidade e trabalha a questão de sua cultura e o resgate de sua tradição. Nessa, atualmente, existem oito professores: Gleiciele, na pré-escola; Alexandrina, no 1º ano; Rita de Cássia, no 2º e 3º ano; Cristina, no 4º e 5º ano; Angelina, no 6º ano; Dhone , no 7º ano; Andreina, no 8º e 9º ano; Elardo, na sala de laboratório de informática; e Rosângela, como diretora da escola.

A escolinha de Mangue Alto, a cada dia, aumenta sua quantidade de alunos.

Entrevista com Dona Nenê Beata

Dona Nenê Beata (RITA e SEZINHO, 2012).

Eu e minha família. Eu nunca estudei, sempre me engajei nessa luta de índios. Já saí correndo com medo das guerras da passagem rasa e vim parar no lado de cá. E aí apareceu mesmo esse trabalho, e eu disse "vou trabalhar com unhas e dentes nessa escola". Eu não queria só uma pra mim, mas sim para nossa comunidade. Daí fomos e arrumemos essa escola. Veio a Carla e o Evaldo para ajudar nessa escola. Daí desse para minha filha Rosângela. Tinha um pé de azeitoneira, mas aí não deu deu certo. Eu disse: "Vamos colocar essa escola na minha casa", e a Rosângela começou a ensinar. Daí foram aparecendo mais meninos, professores. E eu com esses meninos, pelejando. Como não tinha cadeira, eles se sentavam nos tijolos, e eu, pelejando, arranjei merenda para eles. E, nessa época, era a merendeira da escola. Arranjei uma pessoa para me ajudar. Eu era quem ia deixar os alunos nas suas casas, porque as casas deles eram muito longe. Aí veio Andreína, Rita, e foram, e as esco-

lhidas pela comunidade que seguiram o mesmo caminho de Rosângela a ensinar voluntária só mesmo pelo prazer de ajuda a comunidade. E eu também andei viajando, arrumando, enfrentando. Não estou mentindo. Quando as pessoas vinham nos visitar, quando mesmo a escola foi desenvolvida, foi chegando cadeira, caderno, freezer e outros materiais. Quando veio o projeto para construção do colégio, daí, por minha vez, doei um pedaço de terra para fazer nossa escola. Mas todo mundo ajudou na construção desse colégio. Quando precisava de água, aí todos ajudavam para carregar água, tijolo, areia tudo isso com ajuda dos alunos.

3.4 AS LAGOAS HOJE

Lagoa de Mangue Alto antes (RITA e SEZINHO, 2012).

Atualmente, na localidade de Mangue Alto, são encontrados muitos lugares os quais apresentam vestígios de que ali havia lagoas. Mas o descaso das pessoas fez com que esses ambientes fossem submetidos a diversas formas de agressão. Poluição e contaminação como lixo, esgoto, muitas vezes, levam esses recursos a um desequilíbrio com consequências irreversíveis a toda fauna e flora que nele habitam e que a comunidade utiliza para sua sobrevivência.

A localidade de Mangue, hoje, encontra-se com menos lagoas devido à ação dos homens. Os mesmos soterram algumas, e outras não estão em sua forma originária. Encontram-se cobertas de lixos por parte dos posseiros ou até mesmo por algumas pessoas da comunidade. Mas, mesmo assim, Mangue Alto ainda é um lugar privilegiado e farto de água.

Os moradores de Mangue Alto, atualmente, estão-se preocupando mais com suas lagoas. Os mesmos sabem que é delas que sua população precisa para lavar suas roupas e atender outras necessidades.

Esse patrimônio natural reserva grandes histórias ainda hoje. Seus mitos e encantos são repassados dentro da escola, fortalecendo a compreensão de cada pessoa que reside na comunidade e se preocupa com o meio que os rodeia.

3.5 MODELOS DAS CASAS DE HOJE

Casas de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Atualmente, Mangue Alto está cheio de casas, e todas compostas com modelos diferentes, pois as mesmas são feitas com material comprado na serraria. Raramente, encontra-se casa feita de palha. Além disso, a localidade se encontra arrochada devido ao amontoado de tantas casas. Isso dificulta a sobrevivência das pessoas que ali habitam.

Fala de Zé Biinha (2012)

> [...] hoje sai mais fácil comprar a madeira na serraria, porque o local em que ainda existe madeira para ser tirada vai sair mais caro do que se comprar. Porque o tempo que o pessoal tem para ir tirar essas madeiras em outro local é tempo que ele já tem levantado sua casa de tijolo, pois a gente compra num dia e, no outro dia, já começa a construir a casa. Hoje alguém cair na besteira de fazer uma casa de palha é capaz de pegar chuva por causa das coisas que estão mais difícil. Hoje nem as paredes são rebocadas de barro, para que as pessoas não tenham a preocupação de tarem mudando o reboço a cada ano. Enquanto de tijolo se faz num dia tal e ali permanece por muito tempo. E ali fica seguro pra filhos e neto, e, se for de coberta de palha, você tem que tá mudando.

Hoje, no Mangue Alto, está cheio de casa devido a um irmão chamar outro. Assim, o aldeamento foi ficando uma verdadeira avenida como pode ser observado hoje. Por outro lado, vai aparecendo gente de fora que compra as terras de pessoas dentro do próprio aldeamento. Dessa forma, vai fazendo o acúmulo de casas. Mangue Alto, hoje, tem em média umas duzentas casas. Com isso, seu espaço não é mais o mesmo com tendência de aumentar a cada ano.

3.6 MANGUE ALTO HOJE

A localidade de Mangue Alto ainda hoje preserva seu nome. As pessoas que ali residem cuidam bem da região para as próximas gerações. As lideranças locais ainda lutam contra as pessoas que querem se apossar de seu espaço.

Com a chegada de outras famílias, Mangue Alto foi aumentado, mas sua origem permanece intacta na memória de cada morador que ali reside.

Mangue Alto não tem mais os grandes mangues, mas seu nome permanece, como forma de lembranças de como ele era antes e como é visto hoje.

3.7 CONSTRUÇÃO DA ESCOLA DO MUTIRÃO DE MANGUE ALTO ANTES

Zé Biinha levantando a escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Diante de uma necessidade da comunidade de Mangue Alto, por não terem um espaço próprio para ensinarem seus alunos, as pessoas se reuniram na casa de D. Nenê Beata para

escolher um local onde pudessem implantar uma escola que atendesse a comunidade local. Em meio de tantas propostas, a senhora Nenê Beata, líder da comunidade, doou um pedaço de seu terreno para a escola ser construída, pois a comunidade sabia que, com uma escola implantada no espaço próximo, para as famílias que necessitavam dela, facilitaria o acesso dos alunos devido a estar mais próxima deles.

Desde então, começou a correria para conseguirem o material pra isso. Toda a comunidade mobilizou-se e foi em busca de parceiros que ajudassem nessa construção e contaram com o apoio da Igreja metodista, Prefeitura, do Grupo Votorantim e de toda a comunidade local. Com o material junto, deu-se início a um novo processo. Dessa vez, incluindo a comunidade, os professores e os alunos, os quais botavam todo o material nas costas subindo e descendo morro. Com todo o material no local onde a escola ia ser construída, deu-se inicio à construção da escola, em 6 de fevereiro de 2006. Ela passou seis meses em processo de levantamento. E todos os trabalhadores que fizeram essa escola eram pessoas que faziam parte da comunidade, onde os mesmos ajudavam voluntariamente. Finalmente, as pessoas concluíram a construção dessa escola no dia 17 de setembro de 2006. Com a escola concluída, deu-se início a seu funcionamento no dia 6 de fevereiro do mesmo ano.

Depoimento de Zé Biinha, em 25 de maio de 2012

> Construção da escola de Zé Biinha... a gente tinha também uma dificuldade da escola que não tinha, né? As meninas lá de casa estudaram com o compadre João Bosco, estudaram com as meninas do compadre Luís Canudo, escolinha em casa, né? Nas casas, porque não tinha colégio. Aí depois, elas foram estudar lá no urubu

na escola da Dijandira. Depois se mudaram para Itarema, e aí a gente não tinha. E depois apareceu essa escola indígena. Eu não sei como foi que... qual foi o primeiro... a fundação dela, eu não sei de onde inventaram. Não sei se foi por intermédio da Nenê e Rosa. Daí foi que surgiu pra gente arrumar essa casa que a gente tem hoje, a escola, né? Mas agora a minha contribuição nessa escola aqui eu não sei nem avaliar do jeito como foi. Eu acho que foi trabalhar, aqui eu caço, até porque até sozinho trabalhei nessa escola aqui, só eu. Eu tenho serviço nesse colégio, nessa escola aqui. Do dia que nós fomos receber, eu já comecei a trabalhar aqui, já trouxe os paus para enficar onde ela disse que era, aí já comecei a trabalhar desse dia pra cá. Aí desse dia ficou na minha responsabilidade que eu era a liderança fora a Nenê. Eu era a pessoa que podia tomar de conta do trabalho. Aqui era só eu. Aí daí pra cá, começou a luta. Eu andei atrás de gente para me ajudar a ajeitar esse chão, trabalhei. O Zé Beata me ajudou aqui, não sei se foi uns dois ou três dias. Não sei quantos dias foi, só que a gente não trabalhava o dia, sabe? A gente trabalha meio dia, aí foi o tempo que eu andei trabalhando aqui mais uma galera. Aí eu vi que não ia... era trabalho, era muito só pra mim. Eu mim entendi, eu conheci que eu não ia dar conta do trabalho. Aí eu fui lá no João Venâncio. O João Venâncio nesse tempo ele tinha um grupo. Um grupo de oito a dez homem formando um grupo. Quando tinha assim um trabalho assim meio embaçado, meio precisado, aí se juntava esse grupo de homem, enfrentava o trabalho e caminhava, né? Eu fui, cheguei lá no João Venâncio, falei pra ele, ele disse que eu fosse lá no João Polino que ele era o dono do grupo. Tá certo. Aí eu fui, falei com o João pra marcar o dia que era pra eu juntar os homens. Aí o

> João falou quantos homens eram. Eu falei: 'Vai ser pouco'. Fui lá no saquim, fui no Zé Fué, se no grupo deles lá não dava pra eles arrumarem assim uns homens pra gente fazer esse trabalho aqui que a gente tava precisando e tava difícil. Aí ele foi disse assim: 'Não é muito fácil não, sabe como é que é? Trabalhar assim de graça, às vezes, eles até promete, mas no dia não vem. Mas que dia tu quer?' Aí eu marquei o dia, né? Pois eu vou arrumar. Eu não sei é quantos vou arrumar. Não sei se é dois, é três ou é quatro, mas eu vou arrumar.

De acordo com Zé Biinha, a escola de Mangue Alto foi construída com muito esforço, pois deu muito trabalho para encontrar pessoas que estivessem prontas para ajudar na sua construção.

> [...] Rapaz, se não fosse a Marli, nós não tinha esse colégio aqui não. Aí chegou e perguntou: 'Seu Zé, como é que está o trabalho no colégio?' Aí foi, eu contei a ela. Ela disse: 'Pode despachar os homens, que eu arrumei a máquina pra ajeitar o chão'. Eu disse: 'Foi mesmo, Marli?'. 'Foi'. Aí a máquina veio ajeitar o chão, mas, antes disso, nós já tinha dado um começo que era com o Silas, aquele evangélico que teve um tempo mais nós. Ele é que queria levantar o colégio, é quem queria dar uma força grande, assim como a Marli deu. Aí nós fizemos o pontapé, fizemos o canto de cima e o de baixo, fizemos os dois cantos da frente e fizemos uma a uma parede. Aí o material que veio logo pra começar, o material que veio, a brita, a pedra, a areia ficou lá na estrada. Imagine ai como era que a pessoa ia trazer essas pedra, a dificuldade que dava. Aí eu disse: 'Rapaz, vamos se valer é das carroças que tem por aí'. Então eu fui lá no

Nélson. Foi ele que ganhou essa nota. Aí pegamos o Nélson pra botar essa pedra e essa brita todinha pra cá na carroça. Foi o tempo que uma filha do Silas se acidentou em São Paulo. Veio o chamado pra ele que ela tinha quebrado a bacia. Paremos de trabalhar. Passemos quase um ano parado aqui, sem continuar o trabalho, e eu atrás de continuar o serviço e não aparecia ninguém. O Raimundo chegou de Fortaleza, e eu me convidei, mas a Andreína e eu falemos com ele. Aí o Raimundo começou a trabalhar mais nós. O tijolo, o barro, nós pedimos para eles não deixarem, mas lá na estrada subirem pra ficar pelos menos mais perto. Só que o trator entrava, mas subia bem pouquinho. Aí se atolava, lá ficava. O tijolo, o barro, a areia grossa de lá a gente trazia de um em um na mão. Meninos com umas bacia. Os maiores com bacia maiores, outros com garrafas de coca-cola cortada no meio, qualquer tanto que trouxessem era ajuda. A Marli chegou um dia com uma ideia que nós fizemos uma enfieira desde lá de baixo até aqui em cima feito uma enfieira na posição de alcançar a mão um do outro. Aí de lá um pegava o tijolo dava pro outro, o outro dava pro outro. Sei que nesse cordão aí nós mudamos esse tijolo todim aí numa tarde. Assim nós trabalhemos uns dias. Quando tinha muito trabalho assim, se juntava a tropa e a água. A água também era um sufoco. Nós tirava água ali da bomba ali do João Pombão, nós tiremos ali uns dias. Depois vimos ele com a cara meia não gostando, aí nós começamos trazer água lá da casa da Nenê. De tarde, a Andreína pegava os alunos quem tava desocupados e tinha boa vontade ai vinham botavam água nos tambó isso à tardezinha para que, no outro dia, água estivessem no ponto que era pra no outro dia não empalhar a escola que era lá na casa da Andreína. Aí tinha vez que a

gente gastava mais água do que nos outros dias. Aí antes de terminar o dia, eu corria pra casa. Muitas vezes, eu chegava no meio da escola e dizia: 'Andreína, água'. E ela mandava os alunos encostarem os cadernos e se mandavam, iam botar água. Aguentamos o tempo desse jeito. Aí pra interar o meu trabalho pelo prazer de ver essa escola pronta.

Seu Zé Biinha, às vezes, se sentia aperreado com os serviços a serem feitos. Então pedia ajuda à professora Andreína, sua filha, que imediatamente liberava seus alunos para irem buscar água.

Depois apareceu uma visagem derramando água. Um dia, nós chegamos aqui bem cedo, o tambor d'água tava virado. Nós tinha deixado cheio, aí botava umas tábuas por cima que era para o gado não derramar. Um dia, terminamos o trabalho, e eu fique, pois eu era o primeiro que chegava e o último que saía, enterrando as tábuas, que era pra que a negada não levassem porque, se deixassem do lado de fora, era meio que entregar. No outro dia, não tinha nenhuma. Todo dia, eu tinha esse trabalho. Aí nesse dia, terminamos aqui, enterrei as tábua, demorei um pedacim, aí fui pra casa. Foi, vim aqui de novo. Na hora que eu cheguei, entrei aqui, eu escutei bater no tambó, aí eu reparei pelos 'comobói', o tambor tava virado. Eu arrodeei, cheguei lá, peguei o tambor, não tinha derramado tudo. Tinha virado, mas não tinha derrubado todo de uma vez. Eu 'apulumei' ele aqui. Aí eu corri, arrodeei aqui, ele tava sentado nas pedra do banheiro. Aí nessa hora eu não sei não, Deus toma de conta da gente. Eu maginei umas poucas de vezes de meter a 'foiça' que eu tava com ela nas mãos, mas aí eu

perguntei a ele que mal aquele tambó tinha feito a ele. Se ele não tava sabendo que a gente botava aquela água ali, era porque precisava. Eu disse umas coisas, aí ele disse que não tinha sido ele não. Aí eu disse: 'Rapaz, tu não assume porque tu não quer. Fora de tu quem é que tem aqui, não é tu?'. Aí eu disse: 'Oi, rapaz, tu já fez essa vez, que agora já faz duas vezes, mas eu vou te pedir, eu não vou proibir não, porque eu não posso proibir e dizer que tu não faça. Eu vou pedir para que tu não faça mais essa porque tu sabe que a gente bota essa água aqui porque tamos precisando'. Aí saí todo me tremendo. Quando eu cheguei no canto do colégio, ele disse: 'Olha tu quer ser dono disso aqui, mas tu não é não. Isso aqui é nosso'. Aí também eu saí logo, foi de xoto pra casa. Antes dessa, nós deixava o material do Raimundo dentro do banheiro e, quando foi um dia, nós chegamos pra trabalhar, e, quando ele foi olhar, as coisas não tinha mais nada. Tinham levado tudo. Nesse dia, trabalhemos com uma colherzinha que eu tinha lá em casa. Isso foi as coisas que eu passei aqui, tinha vez que dava vontade de rir, de chorar, e a participação do Raimundo foi muito importante aqui. Ele trabalhava pra nós de segunda a sexta-feira, trabalhava cinco dias, mas só que um dia ele dispensava. Aí a gente tinha que arrumar o dinheiro. No sábado e domingo, eu ia pescar que era pra arrumar comidas para os trabalhadores. Pois é, aí fomos subindo trabalho e fomos continuando ai nós fizemos um acordo com a Nenê. Ela dá durante uma semana a comida dos trabalhadores e na outra era nós lá de casa. O pagamento do Raimundo era pra ser dividido, aí ficou só por conta da Andreína e, quando eu podia, eu ajudava. Nem podia porque o meu trabalho era aqui sem ganhar nem um centavo. Aí nós se apertamos porque só o dinheiro da

> Andreína não dava. Foi preciso a Marli tirar dinheiro do projeto pra ajudar na conta do pedreiro. Eu sei que nós aguentamos. Quando tava levantado no ponto de madeira, aí agora é a hora de ir pra prefeitura, que o prefeito Robério prometeu que ele ia dar uma ajuda na parte de cima, que, quando tivessem pronto, podia procurá-lo. Aí apareceu uma história de que a Nenê tinha dito que não queria ajuda do prefeito nesse colégio aqui. Eu disse: 'Ela disse pra lá, não disse a mim, deixa pra lá'.

Em meio a tanto esforço e dedicação que Zé Biinha tinha em ver a escola pronta, contou com a ajuda de seu filho Raimundo, o qual trabalhou ajudando na construção da escola onde trabalhava cinco dias, mas deixava um de graça, como sua colaboração.

> Aí a Marli mais a Andreina foram no prefeito. Não deram com o prefeito em casa, tava só o secretário. A Marli disse que elas tinham ido atrás da coberta do colégio que o prefeito tinha prometido. Quando foi no outro dia, o Zé Beata disse a mim que não aceitava nem um pau, nem telha aqui em riba desse colégio pra ele andar dizendo que o colégio era dele. Quando foi no outro dia, chegou a mercedes com a carrada de material. Arriaram a telha lá encostado do Zé Beata, e o trator deixou a madeira todinha na Andreína. Agora imagina aí pra arrastar essa madeira nas costas, lá da Andreína pra cá, mais de trinta linha, ripa e caibo. Pra essa madeira vir de lá, eu fui atrás de gente na praia pra nós botar pra cá. Aí veio o Cristiano, o Babim, sei que nós se juntamos lá em casa passamos uns dois dias carregando essa madeiras no ombro, e a telha nós falamos com um trator pra botar pra cá. Aí o Raimundo botou as linhas e os caibros. Aí eu

disse: 'Raimundo, agora pode deixar o resto comigo'.Aí eu ripei, cobri, reboquei, puxei o piso, as portas foi eu. Passava o dia todim batendo aqui, trabalhei de noite, rebocando aqui com as luzes acesas, lamparinas, mas tô satisfeito. A negada estão estudando, e eu entendo a Andreína, a Cristina e Angelina, trabalhando aqui, ensinando, e tenho os meninos estudando. Não ganhei trabalho, mas tenho minha família. Era o que eu tinha vontade de ter, que minha família trabalhasse. Aí, de vez em quando, eu escuto, só aparece emprego para família do Zé Biínha. Eu vi trabalhar aqui, apareceu uma história aqui de que eu era um malaco, tava comendo era mole. Eu não chamava ninguém pra ajudar que era pra eu comer o dinheirinho sozinho, tirando de dez real que a Andreína me dava. Não era nem toda semana que ela me dava, às vezes, ela me dava vinte. Foi o dinheiro que eu tirei daqui desse trabalho desse colégio foi esse. Chegou uma mulher um dia aqui, eu tava rebocando, e ela perguntou: 'Tu ganha aqui por mês, por semana ou é por dia?'. Eu disse: 'Aqui, rapaz, eu não ganho nada não'. Ela disse assim: 'Tu trabalha aqui é de graça? Tu não tem família não? Tem não, pra trabalhar de graça'. Aí eu disse assim: 'Pois é, por isso que eu tô trabalhando de graça, porque, se eu não tivesse família, eu não tava trabalhando não, porque eu trabalhando de graça afuturando trabalho para minha família'. Aí ela saiu, rapaz.

Sezinho: Quanto tempo durou nessa construção?

Zé Biinha: Rapaz, eu não sei não. Eu não sei se a Andreína terá..., mas durou um bocado de meses; as primeiras vezes que os alunos vieram estudar aqui nesse colégio, pra começar as aulas mesmo, foi no dia dezessete de fevereiro de 2005. Hoje o povo de Mangue Alto tem orgulho

em dizer que tem uma escola que retrata sua vida, pois foi construída pelas pessoas da localidade e parentes, vizinhos, que se comoveram com a luta do povo local.

Zé Biinha liderança de Mangue Alto
(RITA e SEZINHO, 2012).

Entrevista com Angelina, em 25 de maio de 2012

Entrevista com Angelina, 20 anos, professora da escola de Mangue Alto, pessoa que ajudou na construção dessa escola.

Angelina, professora da escola de Mangue Alto
(RITA e SEZINHO, 2012).

Rita: Qual foi sua contribuição na escola de Mangue Alto?

Angelina: Minha contribuição na construção dessa escola foi em tudo. Eu participei, coloquei tijolo, água, telha até na pintura da escola.

Rita: Qual foi sua primeira professora?

Angelina: Minha primeira professora foi Andreína. Na época, eu era aluna, hoje sou professora do sexto ano.

Alunos da escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Entrevista com Gleiciele, em 25 de maio de 2012

Gleiciele, professora de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

Gleiciele foi aluna da escola de Mangue Alto e, atualmente, está lecionando na mesma. Ela também ajudou na construção da escola.

Rita: Sua contribuição, qual foi, Gleiciele?

Gleiciele: Eu ajudei na botação dos tijolos, água, telhas. Eu e meus companheiros de classe fazíamos uma fila, e um passava pro outro os objetos até chegar na última pessoa. Assim fizemos muitas vezes até a escola ficar pronta.

Alunos da escola de Mangue Alto botando água (RITA e SEZINHO, 2012).

Entrevista com Alexandrina, em 25 de maio de 2012

Alexandrina: Meu nome é Alexandrina, tenho dezesseis anos e sou aluna da escola de Mangue Alto, onde ajudei na sua construção e hoje sou professora desta mesma escola. Na época da construção da escola, eu coloquei tijolos, subindo e descendo morros.

Rita: Desde quando você estuda nessa escola?

Alexandrina: Eu estudo desde criança, até minha primeira professora foi a Rosângela, na casa de sua mãe, Dona Nenê Beata.

Alunos botando água para construção da escola de Mangue Alto (RITA e SEZINHO, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as pessoas de Mangue Alto sofrem por não viverem mais no seu lugar originário. Sua terra não é mais uma terra livre e limpa como antigamente. Os índios dessa localidade sentem-se aprisionados pelas cercas dos brancos, espremidos entre os caminhos e estradas. Nós elaboramos este livro, a partir das nossas experiências de trabalho de curso. Nessa localidade, que tem o nome de Manque Alto, encontram-se índios e não índios. Ao realizamos este trabalho, estamos resgatando as memórias do povo Tremembé sobre a origem e história, mostrando as causas ocorridas no local. Sabe-se que o povo Tremembé tem apego ao seu patrimônio porque são referências de suas origens. O maravilhoso dessa elaboração é que nos vai ajudar a pensar como estamos lidando com os desafios em nossa comunidade e fazer com que outras pessoas respeitem nosso espaço físico. Devemos ter cuidado com ele, conservá-lo e procurar não destruí-lo para garantir uma boa qualidade de vida na comunidade de Mangue Alto.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Jóina Freitas. *A história negada*: em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI, 2004.

_____. Sob os Areais: *Arqueologia, história e memória*. Teresina: UFPI, 2006 (dissertação de mestrado).

SOUZA, Maria Bruhilda Telles de. Mitos e símbolos na migração praiana: *o caso de Almofala*. Fortaleza: UFC, 1983. 168 p. (Dissertação de mestrado digitada).

VALLE, Carlos G. O. Os Tremembé: *grupo étnico indígena do Ceará*. Laudo Antropológico. PETI/Museu Nacional, 1992. 67 p. (digitado).

MEDICINA TRADICIONAL DO POVO TREMEMBÉ

<

José Mendes Fonteles Filho
(orientador)

Ana Lúcia Jacinto, Janete Sousa Miranda
Maria da Conceição Moura
Rosângela Reinaldo Siqueira

MEDICINA TRADICIONAL DO POVO TREMEMBÉ

OFERECIMENTO

Dedicamos este livro a todos que contribuíram para a sua produção, como o Pajé Luiz Caboco, Cacique João Venâncio, Tio Zé Domingo, dona Rita To, Raimundinho, dona Maria Lidia, dona Maria Bela, dona Nenê Beata e dona Conceição.

Todas essas pessoas tiveram papel importante neste trabalho, pois repassaram, através da oralidade, a experiência e conhecimentos de suas vidas e a vida de seu povo.

AGRADECIMENTOS

Queremos reconhecer e agradecer o trabalho realizado pelos alunos das escolas indígenas do nosso povo, abaixo listados, que contribuíram com este livro através de suas pesquisas e desenhos realizados em disciplinas desenvolvidos nas escolas. Uma amostra da riqueza da produção dos alunos pode ser vista na parte Medicina das Plantas, onde se encontram desenhos retirados de alguns dos muitos trabalhos.

Alexandrina Alves dos Santos, Antônia Angelina dos Santos, Gessina de Souza Santos, Paulina de Sousa Santos.

Alunos do ensino médio da Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio José Cabral de Sousa:

Ana Aline Sousa da Guia, Ana Clécia dos Santos Henrique, Carlos André Sousa Gonçalves, Damião Carlos do Nascimento, Daniele Sousa da Guia, Francimara Cristina dos Santos, Francisca Dalvane Santos de Sousa, Francisca Patrícia de Sousa Gonçalves, Francisco de Sousa Rodrigues, Francisco Furtuoso Nascimento Miranda, Francisco Jaques Félix Menezes, Francisco Jociel Nascimento Miranda, Francisco Tiago dos Santos Braga, José Félix de Moura Filho, José Gilardo de Sousa, José Marciel Zacarias, José Nadione Félix, José Nivaldo, Moura Rodrigues, Lívia Maria Félix, Luciene Félix do

Nascimento, Manoel Messias do Nascimento, Maria Andreza Henrique, Maria Cassiane Sousa dos Santos, Maria da Conceição Moura de Sousa, Maria Denise do Nascimento, Maria Dinabel Holanda Gonçalves, Maria Géssica Moura Marano, Maria Gilsa dos Santos, Maria Gilvaneide dos Santos Jacinto, Maria Girlene dos Santos, Maria Lidiane dos Santos Miranda, Maria Marina da Conceição Sousa, Maria Rosiele Sousa de Holanda, Maria Santana Félix de Holanda, Maria Tainá dos Santos Braga, Micael do Nascimento de Castro, Micaele Nascimento de Castro, Pedro Mário Félix Gonçalves, Raimundo Jeferson Félix Menezes, Rita Leda da Silva, Rita Marcidiane de Azevedo.

Aluno do ensino fundamental da Escola Indígena Tremembé de Mangue Alto:

Francisco Alexandre de Sousa Santos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 474

Capítulo I - MEDICINA DAS PLANTAS 477
1.1 Diarreia 477
1.2 Gripe 479
1.3 Frieira 481
1.4 Inflamações internas 483
1.5 Desmentidura 487
1.6 Ferida de boca 487
1.7 Hipertensão 487
1.8 Dores de barriga e de estômago 489
1.9 Mal de menino 492
1.10 Verme 493
1.11 Trombose. 497
1.12 Congestão 497
1.13 Dor de ouvido 499
1.14 Impinja 501
1.15 Cólica 503
1.16 Tosse braba 505
1.17 Estalecido 506
1.18 Câncer 508
1.19 Dor nas urinas 509
1.20 Restos de aborto 511
1.21 Feitiço 513

Capítulo II - MEDICINA DOS BICHOS E OUTROS ELEMENTOS 515
2.1 Sarampo 515
2.2 Reumatismo 516

2.3 Azar 517
2.4 Dor de dente 518
2.5 Asma ou puxado no peito 519
2.6 Estrepada 520
2.7 Câncer 521
2.8 Sarna em animal 521
2.9 Estalecido 523
2.10 Gripe braba 524
2.11 Prevenção para nascimento de dentes 525
2.12 Rouquidão 526
2.13 Trombose 527
2.14 Mouquidão 528

Capítulo III - MEDICINA DAS REZAS E RITUAIS..... 529
Palavra de Dona Maria Bela sobre as rezas e rituais 529
Palavras do cacique João Venâncio sobre os rituais 529
3.1 Ambiente carregado 530
3.2 Quebrante ou mau-olhado 531
3.3 Dor de dente ou na cabeça 532
3.4 Frieira 532
3.5 Hemorragia..... 532
3.6 Vermelha 533
3.7 Cisco no olho 533
3.8 Espinha na garganta 534
3.9 Espinhela, arca e vento caídos 535
3.10 Íngua 536
3.11 Doença de olho ou dor-dói 537

REFERÊNCIAS..... 538

NOMES CIENTÍFICOS DE ALGUMAS PLANTAS UTILIZADAS NA MEDICINA TRADICIONAL TREMEMBÉ 539

INTRODUÇÃO

Os remédios ensinados pelo povo Tremembé são extraídos das plantas caseiras e do mato. A cura vem também das raízes e do banho de limpeza do corpo e da alma. Os rituais sagrados também são uma medicina Tremembé. Por exemplo, as energias espirituais negativas, vindas da companhia desagradável de alguém, podem ser afastadas com alguns trabalhos de *macumba*.

O povo Tremembé curava-se com remédios do mato, raízes, folhas cascas, flores, frutos e sementes. Cada uma dessas partes tem sua utilidade. De acordo com cada doença, essa medicina é usada por todos através de raízes, banhos, chás, garrafadas, mel, cozinhados, todos feitos pelos próprios Tremembé. Hoje a medicina vem passando de geração em geração como todos os costumes e tradições desse povo. Sendo os mesmos remédios feitos do modo como antigamente. Porém, diminuiu o uso dessa medicina por fatores como: falta de espaço físico, que foi invadido e cercado por posseiros e a empresa Ducoco. Isso dificultou o plantio e acesso a nossa medicina. Outros fatores foram o desmatamento e o conhecimento que se foi com os mais velhos que já faleceram. Entre todos os fatores, o que mais nos afastou da nossa medicina tradicional foi a medicina convencional, que vem sendo desenvolvida pelos próprios agentes de saúde da nossa área indígena e da equipe médica. Os agentes de saúde deveriam ser orientados pela Funasa a usarem mais a medicina tradicional.

No nosso aldeamento, existem várias pessoas que têm o dom de curar outras pessoas através de rezas, de maneiras diferentes. Algumas pessoas rezam com galhos, folhas de plantas medicinais; outras rezam fazendo apenas movimentos com as mãos. Muitas rezas e rituais não podem ser revelados, pois são segredos absolutos guardados pelos rezadores.

Este livro está organizado em três partes. Cada uma delas apresenta um tipo de medicina tradicional Tremembé. Na primeira parte, apresentamos a Medicina das Plantas. Nela, o leitor vai encontrar informações a respeito de algumas doenças que são comuns ao povo Tremembé, as plantas usadas para curar essas doenças, bem como o modo de preparar e usar os remédios para a cura.

Na segunda parte do livro, abordamos a medicina dos bichos, que ensina como utilizar o que os bichos oferecem e que pode servir de elementos de cura, como, por exemplo, a banha do cururu, que serve para curar o câncer.

Na terceira parte, falamos sobre as rezas e os rituais, que são utilizados quando a doença é de origem espiritual, como *quebrante*, mau-olhado, mal de menino, *cobreiro* e outras.

É importante saber que, para o povo Tremembé, a cura de todas as doenças físicas ou espirituais envolve as forças e os elementos da natureza. Os encantados estão presentes em todas as coisas, fazendo com que a natureza seja uma coisa viva, desde a vegetação, os bichos, e incluindo também os seres humanos. Não se separa, portanto, o que é físico do que é espiritual, e todas as curas dependem de orações e rituais próprios.

Desejamos que as crianças e jovens das escolas Tremembé, e também de outras escolas indígenas, possam conhecer as medicinas tradicionais aqui apresentadas, e que as comunidades indígenas possam se utilizar delas, fortalecendo a saúde e a identidade dos nossos povos.

Desejamos ainda que os professores indígenas possam dar continuidade ao trabalho aqui iniciado, trazendo novos conhecimentos sobre as medicinas tradicionais indígenas e que as escolas, especialmente as escolas Tremembé, possam ser

cada vez mais um espaço de pesquisa e de difusão dos saberes tradicionais dos povos indígenas.

Bom estudo!

As autoras

Capítulo 1

MEDICINA DAS PLANTAS

1.1 DIARREIA

O que é:

Quando a pessoa faz cocô mole várias vezes ao dia. Pode também sentir dores de barriga.

Plantas que curam:

Boldo, folha de chá-de-boi, olho da melancia, casca da laranja.

Folhas de Boldo

Chá-de-boi

Modo de preparar:

Juntar os ingredientes, colocar em um vaso com água e deixar ferver por alguns minutos. Após fervido, tampar e deixar esfriar por conta própria.

Como usar:

Beber uma xícara pequena de chá três vezes ao dia.

1.2 GRIPE

O que é:

É quando a pessoa apresenta catarro no peito ou na garganta, tosse, espirro, o nariz escorrendo, podendo vir acompanhado de febre, dor de cabeça, dor de ouvido, ou ainda o corpo mole.

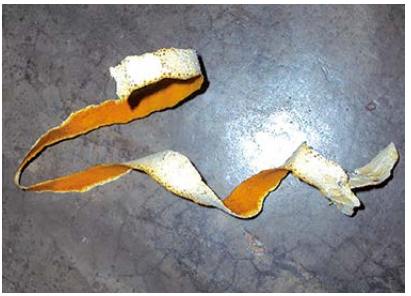
Plantas que curam:

Manjerona, trevo, agrião, manjericão, casca da laranja, folha da gravioleira, jatobá, malva, catingueira, eucalipto, hortelã, raiz da vassourinha, raiz do milome, pau-d'arco.

Manjerona

Malva

Hortelã



Casca de laranja

Trevo

Modo de preparar:

Juntar todos os ingredientes em um vaso. Colocar água quente. Cobrir e deixar no fogo para ferver durante oito horas. Após esse tempo, colocar açúcar e deixar fervendo por mais quatro horas. Esperar esfriar por conta própria. Colocar em recipiente apropriado.

Pode-se preparar um banho com os mesmos ingredientes citados.

Como Usar:

1 — Tomar uma colher de chá três vezes ao dia.

2 — Banho: lavar a cabeça de manhã, logo que acordar, e, à noite, antes de dormir. Pode beber também.

1.3 FRIEIRA

O que é:

É uma coceira que apresenta umas *papocas*[1] cheia de água em forma de caminhos. Ao estourar, as papocas tornam-se feridas. Podem se apresentar em qualquer parte do corpo.

Plantas que curam:

Algodoeiro, cabaceira, salsa, urtiga, chanana.

Algodoeiro

[1] Bolhas.

Salsa

Chanana

Modo de preparar e como usar:

Juntar as folhas do algodoeiro e as folhas da cabaceira, esquentar no fogo e espremer em cima da frieira.

Pisar a salsa em um pilão ou dentro de uma *quenga*,[2] colocar o sumo em cima da frieira.

As folhas da urtiga e da chanana faz-se um cozinhado com o qual se banha as feridas.

Qualquer desses remédios devem ser usados três vezes ao dia.

[2] Casca da parte interna do coco. É bem dura e resistente..

1.4 INFLAMAÇÕES INTERNAS

O que é:

Dores no pé-da-barriga ou nas *cadeiras*.[3]
Corrimentos.

Plantas que curam:

Malva-santa, malva-coruda, *almeixa*,[4] milome, angelca, janaguba, manjerona.

Malva-santa

[3] Quadris.
[4] Um tipo de ameixa silvestre.

Malva-coruda

Almeixa

Manjerona

Modo de preparar:

Juntar a folha das duas espécies de malva, pisar ou passar no liquidificador. Após coar, colocar o sumo em um vaso e pôr na geladeira.

A raiz ou casca da almeixa, a raiz da angelca, a raiz do milome e as folhas da manjerona podem ser preparadas juntas ou separadas, colocando em um vaso com água e deixando de molho para ser usada como banho.

Como usar:

Beber duas colheres de chá do sumo, à noite. Banho: fazer o asseio à noite.

1.5 DESMENTIDURA[5]

O que é:

É resultado de queda ou pancada nas juntas.
Apresenta dores e inchaço. A pessoa sente que o osso da junta se desloca do lugar.

Plantas que curam:

Jasmim, coaçu, jeniparana, janaguba.

Janaguba

Jasmim caiano

Modo de preparar e como usar:

Quebrando um galho de qualquer uma dessas plantas, logo vai sair um leite. Colocar o leite no lugar onde estar desmentido.

[5] Também conhecido como luxação.

1.6 FERIDA DE BOCA

O que é:

São umas papoquinhas[6] cheias de água, que nascem dentro da boca das pessoas.

Plantas que curam:

Folha do cajuí e raiz da *almeixa*.

Cajuí

Almeixa

Modo de preparar:

Mastigar três folhas novas do olho do cajueiro.
Tirar algumas raízes da ameixa, fazer o cozinhado ou colocar de molho.

Como usar:

Após mastigar as folhas do cajuí, jogar o líquido e bagaço fora.
Fazer gargarejo do cozinhado três vezes ao dia.

[6] Bolhinhas.

1.7 HIPERTENSÃO

O que é:

Apresenta como dores na nuca e na cabeça, ataque de nervos, coração acelerado, cansaço nas pernas e escurecimento na vista.

Plantas que curam:

Colonha,[7] milindro, alho, chuchu, capim-santo, cidreira.

Colônia

[7] Também grafada como colônia.

Alho

Capim-santo

Cidreira

Modo de preparar:

Juntar um dente de alho, a batata do capim-santo, duas folhas de colonha, dois galhos de cidreira, mais dois galhos de milindro. Colocar em um vaso com água que cubra os ingredientes. Botar para ferver por 10 minutos.

Como usar:

Beber uma xícara de chá três vezes ao dia.

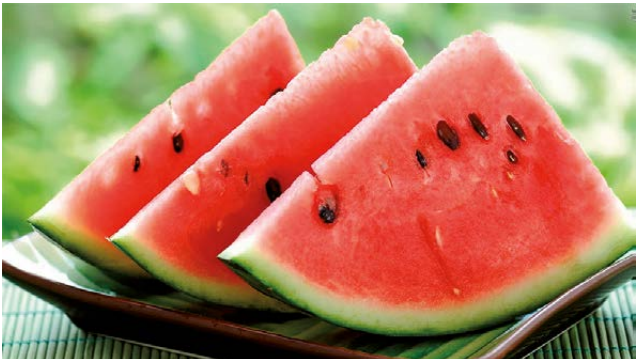
1.8 DORES DE BARRIGA E DE ESTÔMAGO

O que é:

Dores ou ardor muito forte na barriga ou no estômago. A pessoa fica sem ânimo e às vezes fica pálida; geralmente a pessoa sua muito.

Plantas que curam:

Semente da melancia, hortelã, *anador*,[8] cebola branca e das dores, boldo, folha do mamoeiro.



Melancia (sementes)

Hortelã

[8] Assim se chama também um remédio de farmácia para aliviar dores.

Boldo

Mamoeiro

Modo de preparar:

Cada planta citada tem uma maneira de se preparar. Colocam-se as folhas das plantas num vaso com água e põe no fogo. Deixar ferver durante 10 minutos. Colocar 10 sementes de melancia em um vaso e põe no fogo. Deixar torrar por dois minutos. Após esse tempo, retirar e pisar em um pilão ou quenga. Colocar o que foi pisado no copo ou xícara com um pouco de chá feito pelas plantas citadas acima.

Chá para comida que faz mal: juntar as folhas do boldo, mamoeiro, meracilina, chá-de-boi e colocar em um vaso com água.

Como usar:

O chá e o leite devem ser usados 3 vezes ao dia, apenas uma xícara.

Outras plantas que curam:

O leite e a garrafada da raiz da janaguba.

Modo de preparar:

Levar um vaso com água até a planta indicada, uma faca e algodão. Ir dando pequenos cortes no tronco da planta; no lugar onde for cortado, vai sair leite. Colocar o algodão em cima do leite. Em seguida, espremer o algodão na água. Repetir esse processo por várias vezes. Após coar o leite, colocar em litro ou garrafa plástica e pôr na geladeira.

1.9 MAL DE MENINO

O que é:

São pequenas feridas que nascem em qualquer parte do corpo da criança, coça muito e se espalha por todo corpo.

Plantas e outros elementos que curam:

Manjerona e pucumã.[9]

Manjerona

Modo de preparar:

Fazer o cozido ou colocar de molho.

Como usar:

Lavar os ferimentos com o cozinhado duas vezes ao dia, em seguida colocar o pó da pucumã.

[9] Fuligem que se fixa nas paredes e no teto resultante da fumaça do fogão à lenha.

1.10 VERME

O que é:

É conhecida como lombriga.

Plantas que curam:

Leite do mamão, semente do jerimum, alho.

Mamoeiro

Alho

Modo de preparar:

1 — Torrar a semente pisada em um pilão, peneirar em uma peneira e colocar em um vidro.

2 — Ao arrancar uma folha do mamoeiro, o mesmo vai soltar um leite. Aparar com uma colher.

3 — Chá do alho. Pegar três dentes de alho, cortar em cruz, misturar com um copo de água e levar ao fogo. Deixar ferver por alguns minutos.

Como usar:

1 — Colocar um pouquinho do pó da semente nas principais refeições.

2 — Tomar uma colher de leite uma vez por dia em jejum.

3 — Tomar o chá de alho uma vez durante o dia.

1.11 TROMBOSE

O que é:

É uma doença que dá, de repente, nas pessoas. Adormece o corpo, perde a fala, entorta a boca, revira os olhos. Antigamente os mais velhos chamavam de ramo.[10]

Plantas e outros elementos que curam:

Sementes de girassol e castanha.

Sementes de girassol

Castanha de caju

[10] Também conhecida como *derrame*.

Modo de preparar:

Torrar a semente do girassol, depois pisar e fazer o chá e tomar.

Assar a castanha, pisar e fazer o chá.

Como usar:

Tomar uma xícara de chá três vezes ao dia.

1.12 CONGESTÃO

O que é:

É quando uma comida faz mal à pessoa e não faz a digestão direito. É bem mais forte do que o empaxamento ou empanzinamento, pois geralmente não tem cura. Aparece febre, vômito, babaceiro,[11] frio e tremores. A congestão quando sobe para a cabeça e ataca o cérebro da pessoa, ela fica sem fala e pode morrer. A congestão dá também em outros animais.

Plantas que curam:

Fumo em rolo.

Fumo em rolo

[11] Baba intensa.

Modo de preparar e como usar:

Pegar um pedaço de fumo de rolo, desfiar, enfiar os pedaços desfiados em um espetinho, tostar no fogo em brasa e pisar até fazer um pó.

Tomar um punhado da comida que fez mal, torrar, pisar e fazer um pó. Misturar com o pó de fumo torrado, fazer um chá com a mistura e beber.

Para os animais, fazer o chá mais forte, uma bexigada, com mais fumo, e introduzir pelo ânus do animal com o auxílio de uma garrafa.

1.13 DOR DE OUVIDO

O que é:

É uma dor forte na parte interior do ouvido causada por gripe forte, água ou inseto.

Plantas que curam:

Jerimum, manjericão, azeite de carrapateira. Outras coisas que curam dor de ouvido são: urina, banha de galinha e água.

Manjericão

Flor de Jerimum

Modo de preparar:

Pisar a flor do jerimum junto com manjericão, depois fazer a papa e colocar no ouvido.

Como usar:

Colocar um pouco de urina dentro do ouvido. Após dois minutos, fazer movimentos na cabeça com o ouvido para baixo para a água sair. Colocar um pouco de água na boca por três minutos, depois fazer o mesmo processo que foi feito com a urina. Molhar o algodão da banha ou azeite e colocar na parte de fora do ouvido.

1.14 IMPINJA

O que é:

É uma mancha *branquicenta* que aparece na pele das pessoas, causando bastante coceira. Ela *caminha* pelo corpo.

Plantas que curam:

Ciumeiro, esqueleto e algodoeiro.

Esqueleto

Algodoeiro

Modo de preparar:

1 — Ciumeiro: retirar a folha da planta. Em seguida, vai sair um pouco de leite.

2 — Esqueleto: retirar o galho da planta, do qual sairá um pouco de leite.

3 — Algodoeiro: retirar a maçã do algodoeiro e cortar. Em seguida, vai sair um líquido esverdeado.

Como usar:

Colocar o leite em cima da impinja 3 vezes ao dia.

1.15 CÓLICA

O que é:

É uma dor forte, no pé da barriga, no período da menstruação.

Plantas que curam:

Cebola-das-dores, arruda, hortelã-das-dores, anador.

Arruda

Hortelã

Anador

Modo de preparar:

Pisar a folha de arruda e colocar água pra ferver. Colocar alguns galhos de qualquer uma dessas plantas em um vaso com água para ferver por cinco minutos. Podem ser todas as plantas juntas ou separadas.

Como usar:

Beber uma xícara de chá somente quando estiver sentindo a dor.

1.16 TOSSE BRABA

O que é:

Tosse muito forte.

Plantas que curam:

Melancia da terra, raiz da vassourinha, leite da janaguba.

Janaguba

Como usar:

1 — Janaguba: tirar o leite da planta e tomar durante tempo indeterminado.

2 — Raiz da melancia da terra: colocar a raiz em um recipiente com água fervendo. Quando estiver bem amarelo, deixe esfriar e depois é só tomar.

1.17 ESTALECIDO

O que é:

É um resfriado, mas que não deixa rouquidão nem catarro no peito. Só tem o corrimento no nariz, com coceira, comichão no rosto e espirradeira. A pessoa não pode pegar em nada quente do sol. Geralmente ataca mais no inverno, por causa do frio.

Plantas que curam:

Batata-de-purga.

Batata-de-purga

Modo de preparar:

Colher a batata-de-purga na primeira 2ª feira do mês de agosto ou até o dia 15 do mês, durante a lua nova, crescente

ou cheia. Rolar as batatas em pedaços. Deixa o leite sair, de um dia para o outro.

Pode ser preparada a goma, para aspirar, e as pílulas, para tomar.

Para fazer a goma:

Ralar as batatas até fazer uma massa. Tomar a massa e espremer num pedaço de pano limpo. Deixar sair toda a água e botar para assentar. Depois de assentada, escorrer a água e deixar só a goma. Pôr no sol para secar durante três dias.

Para fazer as pílulas:

Fazer os bolinhos de goma na mão e deixar secar no sol por três dias.

Como usar:

Goma: aspirar várias vezes ao dia.

Pílulas: se usar como purgante, tomar de manhãzinha de 1 a 5 pílulas, dependendo do intestino da pessoa. Ficar cinco dias de repouso ou resguardo, sem tomar sol, abstendo-se de comida salgada, água quente do sol e poeira.

1.18 CÂNCER

O que é:

São tumores que se geram na pessoa, podendo ser tanto nas partes internas quanto nas externas.

Plantas que curam:

Folha da babosa.

Babosa

Modo de preparar:

Colocar a folha da babosa junto com 25 ml de conhaque preto ou vinho e um litro de mel de abelha. Misturar tudo em um liquidificador.

Como usar:

Tomar duas vezes ao dia, de manhã e à tarde.

1.19 DOR NAS URINAS

O que é:

É um impedimento quando a pessoa quer fazer xixi. O pé da barriga fica inchado e dói. As mulheres sentem dor na vagina e os homens na bexiga.

Plantas que curam:

1 — Cabelo de milho e raiz da pepaconha.
2 — Cabelo de milho e coentro.

Milho (cabelo)

Coentro

Modo de preparar:

1 — Juntar os dois ingredientes (cabelo de milho e a raiz da pepaconha) em um recipiente com água, colocar na geladeira e tomar durante o dia todo.

2 — Juntar um pouco de coentro com o cabelo de milho, colocar água e ferver durante 10 minutos.

Como usar:

Beber uma xícara de chá três vezes ao dia.

1.20 RESTOS DE ABORTO

O que é:

São restos de uma gestação que ficam dentro da mulher. O sangue engrossa e se transforma numa coisa ruim. Não é uma criança. A pessoa fica perdendo sangue. As parteiras dizem que tem que matar o que ficou dentro da mulher, que ainda está vivo. É um bolo solto na barriga. Tem que tomar um chá, feito com nove misturas, para ficar boa. Quanto mais amargo, melhor o efeito. Depois que toma o chá e mata, dá uma hemorragia, que é para botar pra fora.

Plantas e outros elementos que curam:

Plantas: folha do fedegoso, casca do milome, olho da melancia, folha da malva, raiz da vassourinha, capucho do algodão com os caroços, raiz da manjirioba.

Outros elementos: caco de cuia de cabaça e pedaço de molambo.

Malva

Casca de “Milome”

Algodão

Modo de preparar:

Fazer um chá das raízes da manjirioba, da vassourinha, do milome e do olho da melancia.

Pisar o capucho de algodão com os caroços e acrescentar ao chá.

Pisar as folhas e acrescentar ao chá.

Queimar o caco de cuia e o pedaço de molambo e pisar até virar um pó e acrescentar ao chá.

Após tudo misturado, coar e deixar esfriar.

Como usar:

Tomar um copo cheio do chá. Se for preciso, repetir até fazer efeito.

1.21 FEITIÇO

O que é:

É uma coisa botada por uma pessoa em outra pessoa ou em um bicho, na comida, em uma roupa ou noutro objeto. A pessoa pode pegar o feitiço diretamente em si ou através dessas outras coisas citadas. Pode atingir um órgão da pessoa ou a pessoa toda. Pode até matar. Existem orações e rituais como a *macumba*, que podem retirar o feitiço. Mas existem também plantas que auxiliam na cura.

Plantas que curam:

Raiz da Santa Maria ou caninana.

Caninana

Modo de preparar:

Colher a planta do lado em que o sol nasce, e não pode ser de beira de estrada, porque passa defunto e outras coisas

que não são boas. O pajé ou rezador toma um pedaço da raiz da Santa Maria ou caninana, raspa o equivalente a uma mão-cheia para um litro de água. Deixa repousar por três dias. Está pronto o chá.

Como usar:

Chá defumado: quando for dar para beber, o pajé acende o cachimbo e sopra pela boca do cachimbo, com o canudo dentro do chá, para que a fumaça penetre o chá. Depois, então, dá para a pessoa beber o chá.

Beber uma única vez. Se a pessoa vomitar, beber novamente no dia seguinte.

Capítulo II

MEDICINA DOS BICHOS E OUTROS ELEMENTOS

2.1 SARAMPO

O que é:

Apresenta-se com a pele grossa, avermelhada, dores de cabeça e febre.

Bicho ou outros elementos que curam:

Alecrim, quer dizer, *cocô* de cachorro.

Modo de preparar:

Colocar uma xícara de água para ferver, amarrar o cocô num pano, e vai molhando o cocô na água, espremendo dentro de uma xícara. Após 10 minutos estará pronto.

Como usar:

Dar à pessoa sem ela saber o que está tomando.
Tomar uma xícara de chá três vezes ao dia.

2.2 REUMATISMO

O que é:

Apresenta dores nas juntas, que ficam inchadas e doloridas.

Bicho(s) que cura(m):

1 — O casco do jacaré.
2 — A banha da uruanã.

Modo de preparar:

1 — Torrar uma junta do casco do jacaré, pisar e depois colocar o pó em água fervendo, cobrir, apagar o fogo e esperar esfriar.
2 — Amornar a banha da uruanã.

Como usar:

1 — Tomar uma xícara de chá 3 vezes ao dia.
2 — Colocar a banha morna no lugar do reumatismo.

2.3 AZAR

O que é:

É a pior doença que uma pessoa pode pegar. É quando uma pessoa não consegue ir pra frente, não progride. Em vez de aumentar, só faz diminuir.

Bicho(s) que cura(m):

O cabelo do guaxinim e a presa do jacaré.

Como usar:

Juntar o cabelo do guaxinim e a presa do jacaré, fazer um saquinho de pano, colocar dentro e costurar. Pegar o saquinho e colocar em qualquer parte do seu corpo ou roupa que estiver usando.

Modo de prevenção:

O mel de abelha, arapuá, mosquito, jandaíra, sucupira e o mel do cupim: quem tem em casa se livra de várias doenças e afasta todos os males.

2.4 DOR DE DENTE

O que é:

É quando o dente da pessoa começa a furar e inflamar.

Bicho(s) que cura(m):

1 — Sangue da cobra.
2 — Banha do camaleão.

Modo de preparar:

1 — Pegar a cobra, tirar um pouco de sangue.
2 — Esquentar a banha do camaleão até derreter.

Como usar:

1 — Com um pedaço de algodão, melar no sangue e fazer uma *arrolha* e colocar no dente que estiver doendo.

2 — Após a banha do camaleão derretida, passar em cima do dente doído.

2.5 ASMA OU PUXADO NO PEITO

O que é:

Asma: falta de ar nos pulmões sem ser causado por gripe.

Puxado-no-peito: falta de fôlego, catarro no peito e, às vezes, dá até febre quando a pessoa está muito gripada. Vem da gripe mal curada.

Bicho(s) que cura(m):

Asma: sié e cavalo-marinho.
Puxado-no-peito: banha de tejo.

Modo de preparar:

1 — Sié: pega o sié e tira a gordura dele cru.

2 — Cavalo-marinho: pegue um pedaço do cavalo marinho seco e torre em uma frigideira, sem óleo. Quando estiver bem torrado, pise até virar pó, coloque a água para ferver, depois coloque o pó dentro da água fervendo. Ou então, pega o cavalo-marinho e coloca no sol para secar. Depois dele seco, faz o chá.

3 — Banha do tejo: tira a banha do tejo e torra.

Como usar:

1 — Banha do sié: passar no nariz da pessoa que está doente, deixando-o sempre úmido.

2 — Chá do cavalo-marinho: tem que dar à pessoa sem ela saber o que está tomando. Tomar o chá três vezes ao dia até acabar a doença.

3 — Banha do tejo: tomar uma colher da banha derretida 2 vezes ao dia.

2.6 ESTREPADA

O que é:

É quando um espinho ou um pedaço de pau perfura qualquer parte do corpo de uma pessoa.

Bicho(s) que cura(m):

Sebo do carneiro capado.

Modo de preparar:

Pegar um pedaço do sebo do carneiro capado e esquentar para derreter.

Como usar:

Pegar o sebo derretido e passar em cima da estrepada até o espinho ou o pedaço de pau sair.

2.7 CÂNCER

O que é:

São tumores que se geram na pessoa, podendo ser tanto nas partes internas quanto nas partes externas.

Bicho(s) que cura(m):

Para as partes externas: banha do cururu.
Para as partes internas: existe um chá feito de um pássaro, mas é segredo e só pode ser revelado à pessoa que estiver precisando. Ela deve procurar o pajé da tribo.

Modo de preparar:

Pegar o cururu, tirar a banha e esquentar.

Como usar:

Pegar um pouquinho da banha derretida e passar na enfermidade.

2.8 SARNA EM ANIMAL

O que é:

É uma coceira irritante no corpo do animal, que coça tanto que vira uma ferida.

Bicho(s) que cura(m):

A banha da *cobra de veado*.

Modo de preparar:

Pegar a banha da cobra e torra.

Como usar:

Pegar a banha torrada e passar no ferimento.

2.9 ESTALECIDO

O que é:

É um resfriado, mas que não deixa rouquidão, nem catarro no peito. Só tem o corrimento no nariz, com coceira, comichão no rosto e espirradeira. A pessoa não pode pegar em nada quente do sol. Geralmente ataca mais no inverno, por causa do frio.

Bicho(s) que cura(m):

A língua do tejo.

Modo de preparar:

Pegar a língua do tejo e torrar.

Como usar:

Pegar o pó e usar como rapé.

2.10 GRIPE BRABA

O que é:

É um tipo de gripe mais forte e mais duradora, com muita tosse, olhos avermelhados, inchaço no rosto, suores, dores nos pulmões, parecendo uma tuberculose. A pessoa pode até ficar amarelada.

Elementos que curam:

Fazer um *lambedor* com 15 limões, 3 ovos de galinha caseira e mel de abelha. Além de remédio é também uma vitamina natural.

Modo de preparar:

Espremer o suco dos quinze limões, colocar os ovos inteiros, com casca, dentro e deixar repousar durante três dias. Após isso, bater tudo e acrescentar mel de abelha.

Como usar:

Adultos: tomar uma xícara de chá três vezes ao dia.
Crianças: tomar meia xícara de chá três vezes ao dia.

2.11 PREVENÇÃO PARA NASCIMENTO DE DENTES

O que é:

Prevenção: previne para quando os dentes da criança começarem a nascer, ela ficar saudável, não ter febre e nem diarreia.

Bicho(s) que cura(m):

O dente do camarão e a pata do siri.

Modo de preparar:

Juntar o dente do camarão e a pata do siri e colocar em saco de pano.

Como usar:

Amarrar um cordão no saco e pendurar no pescoço da criança.

2.12 ROUQUIDÃO

O que é:

É causada por uma gripe muito forte, deixando a pessoa rouca, que não consegue falar, porque a voz não sai.

Elemento(s) que cura(m):

Chá da telha.

Modo de preparar:

Pegar um pedaço de telha, colocar em um vaso com água e pôr para ferver durante 10 minutos.

Como usar:

Tomar uma xícara de chá 3 vezes ao dia.

2.13 TROMBOSE

O que é:

É uma dormência que ataca a pessoa que enrola a língua, entorta a boca, revira os olhos, fica babando. Pode dar no corpo inteiro ou somente de um lado. Se der na cabeça, atinge o juízo. Ela aleija a pessoa. Se for muito forte, pode até matar. Dizem que pode dar até três vezes. Antigamente era chamada de *ramo*.[12] Depois, passou a ser chamada de trombose, e, atualmente, AVC.[13]

Bicho(s) que cura(m):

A carne ou couro do tejo.

Como usar:

Comer diariamente a carne ou couro do tejo.

Modo de prevenção:

Comer muita carne de tejo.

[12] Derrame.
[13] Acidente Vascular Cerebral.

2.14 MOUQUIDÃO[14]

O que é:

É quando a pessoa fica *moco* através de gripe, água ou inseto que entra no ouvido.

Bicho(s) que cura(m):

Banha do pato e a banha do capote

Modo de preparar:

Tira a banha dos dois e torra.

Modo de usar:

Pega um peço de algodão mela na banha e faz uma rolha e coloca dentro do ouvido.

[14] Problema na audição.

Capítulo III

MEDICINA DAS REZAS E RITUAIS

Palavras de dona Maria Bela sobre as rezas e rituais

Dona Maria Bela fala que não pode dizer as rezas porque, se revelar, as rezas não servirão mais para aquela doença, pois são segredos dos rezadores.

Ela fala que as rezas são o mesmo que um ritual e que a reza conforta as pessoas. Tem reza que cura vários tipos de doenças. Tem gente que não acredita em rezas e rituais. As rezas são comparadas com magia branca, que é a magia do bem. A magia do mal é a magia negra. As plantas também têm poder mandado por Deus para curar as pessoas. Os banhos tem uma energia bastante forte para curar os males.

Palavras do cacique João Venâncio sobre os rituais

"Ritual é aquilo que a gente tem por devoção, é uma tradição dos nossos antepassados, é o momento quando a gente vai rezar. A concentração também é um ritual da cura. Aquilo que você tem como origem é considerado um ritual; as plantas que a gente utiliza para rezar, não são todas, mas a vassourinha, a folha da carrapateira branca e outras. As parteiras, quando vão pegar as crianças, não praticam rituais. É uma experiência ou um dom. Tem uns mais lentos e outros

mais agitados ou acelerados, mais fortes ou mais fracos. A macumba é um ritual de espiritualidade de fazer o bem ou o mal. A crença é um ritual. A missa é um ritual. Só que cada um é diferente do outro. O povo não acredita que tudo isso é ritual; tudo o que a gente pratica e tem fé é um ritual."

3.1 AMBIENTE CARREGADO

O que é:

É quando uma pessoa sente a presença de forças espirituais que não são positivas. Pode acontecer até de a pessoa ficar fora de si. Os mestres dizem que só sente quem tem o corpo aberto.

Rituais, plantas e outros elementos que curam:

- Defumador, mel, rezas, banhos de ervas (peão roxo, carrapateira, Santa Maria etc).
- Fazer cruz com água do mar.
- Fazer um ponto, tomar banho de mar.
- Cortar um dente de alho em cruz.
- O pajé ou outro rezador vai na casa da pessoa em horário que ela não sabe e faz uma reza. O pajé ou rezador dizem que são os Mestres (Sibamba e Nego Gérson, entre outros) que limpam o ambiente.
- O pajé e os curandeiros fazem o símbolo da estrela de Salomão.
- Botar o cordão de São Francisco, benzido, na cintura, na cabeceira da cama ou na rede. O pajé benze o cordão quando ele mesmo o confecciona.

3.2 QUEBRANTE OU MAU-OLHADO

O que é:

Apresenta-se como um esmorecimento no corpo, falta de apetite, podendo vir com vômito e febre.

Orações:

Oração 1:

Meu Senhor,
Esteja na terra ou no mar
Quebrante ou mau olhado
Sai daí e vai pro seu lugar.
(Repete três vezes)

Oração 2:

Sai daqui, que a cruz do meu Senhor Jesus Cristo anda contra ti.

3.3 DOR DE DENTE OU NA CABEÇA

Oração:

Jesus Cristo,
Filho único de Deus Criador,
Tu és o Mestre dos Mestres
Faça que passe esta dor.
(Reza três vezes)

3.4 FRIEIRA

O que é:

É um tipo de micose que pega nos pés da pessoa, vindo de cocô de animal ou de pessoa, de mato molhado e até mesmo de resto de comida. Só dá em ambiente molhado. Por isso, geralmente, só pega no inverno.

Oração:

Galinha que cisca e não pega frieira,
Viva a galinha,
Viva a Rainha,
E morre tu, frieira.

3.5 HEMORRAGIA

O que é:

Quando alguém está derramando sangue de alguma parte do corpo.

Oração:

A onda vai, a onda vai,
Senhor, faça que pare o sangue
E que não saia mais.

3.6 VERMELHA

O que é:

Inchaço, coceira e no local atingido fica vermelho.

Orações:

Oração 1:

A onda vem,
A onda vai,
Vermelha vai embora
E que não volte jamais.

Oração 2:

Izipa, izipilão,
Vermelha conte passão,
Te arranco do osso,
Te arranco da carne e do sangue,
Vermelha branca, vermelha preta.

(Depois de fazer esta reza, rezar uma Ave-Maria e um Pai-Nosso).

3.7 CISCO NO OLHO

Ritual:

Mexer na pestana do olho e dizer:
Corre, corre, cavaleiro,
Passe na porta de Santa Luzia
E na casa de São Pedro,
Peça a ponta do lenço dela
Para tirar este argueiro,
E com a ponta do lenço dela,
Tire o argueiro do meu olho.

3.8 ESPINHA NA GARGANTA

O que é:

Quando a pessoa vai comer e se engasga com espinhas ou pedaços de osso.

Oração:

Homem bom, mulher ruim
Ceia de peixe miúdo
Esteira velha
Foi palavra que Deus, Nosso Senhor, disse:
Que essa espinha ou suba ou desça.

(Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, uma Santa-Maria e Oferecer na intenção de Nosso Senhor Jesus Cristo).

3.9 ESPINHELA, ARCA E VENTO CAÍDOS

O que é:

Dores no estômago, desânimo no corpo, falta de força nas pernas e falta de apetite.

Oração / Ritual:

Senhor Jesus Cristo
Quando andou no mundo mais Senhor São Pedro,
Foi rezando de arca caída,
Espinhela caída e vento caído.

Mede o braço esquerdo da pessoa que vai ser curada, da ponta do dedo minguinho[15] até o cotovelo, e marca. Depois, mede da ponta do ombro ao outro. Se a espinhela estiver caída, a medida do braço passa.

Mandar a pessoa ficar com braços e mãos para cima, segurando em alguma coisa. O curador fica atrás da pessoa e reza. Quando chegar na parte que diz "te levanta, arca, vento e espinhela", segura com as duas mãos abaixo das costelas e aperta um pouco, puxando para boca do estomago.

Reza três vezes e mais três vezes em cruz nas cruzes[16] da pessoa. Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e uma Santa-Maria e oferecer ao Senhor Jesus Cristo e ao Senhor São Pedro. Depois, mede novamente o ombro, para ver se certificar de que a pessoa ficou boa.

[15] Também conhecido como dedo mindinho ou mínimo.
[16] Parte do corpo nas costas, entre as omoplatas.

3.10 ÍNGUA

O que é:

São pequenas landras[17] que se geram nas virilhas, causadas por algum ferimento. Dá febre e frio.

Oração / Ritual:

Olhe para uma estrela, mire bem para ela e diga assim:
Minha estrela bela e formosa,
Minha íngua diz que mais vale ela do que voz
E eu digo: suma-se ela
E alumie vós.

Fazer isso por três vezes, uma vez por noite, sempre olhando para a mesma estrela.

[17] Inchaço nos gânglios

3.11 DOENÇA DE OLHO OU DOR-DÓI

O que é:

Coceira nos olhos, que ficam remelentos, avermelhados, com um aguaceiro e também bastante doloridos.

Oração:

Corre, corre, cavaleiro
Pela porta de São Pedro
Vai dizer a Santa Luzia
Que venha tirar esse argueiro
Com a pontinha do lenço dela.
Repetir três vezes.

Rezar um Pai-Nosso, um Ave-Maria e oferecer a Santa Luzia, a São Pedro e a Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

Nossas principais referências nesta pesquisa são as lideranças e sábios tradicionais do nosso povo Tremembé.

Outras referências importantes são os trabalhos realizados, nas disciplinas, pelos alunos de nossas escolas.

Esperamos que este livro seja o primeiro de muitas publicações a respeito desse assunto tão rico e tão importante para nós e as futuras gerações Tremembé.

NOMES CIENTÍFICOS DE ALGUMAS PLANTAS UTILIZADAS NA MEDICINA TRADICIONAL TREMEMBÉ

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
Abóbora	*Curcubita pepo*
Algodão	*Gossypium hirsutum L. r. latifolium Hutch*
Alho	*Allium sativum L.*
Almeixa (Ameixa)	*Eriobothrya japônica*
Babosa	*Aloe vera*
Boldo	*Plectranthus barbatus Andrews*
Cabaceira	*Crescentia cujete*
Cajuí	*Anacardium occidentale L.*
Capim-santo	*Cymbopogon densiflorus*
Carrapateira (Mamona)	*Ricinus communis L.*
Catingueira	*Caesalpinia pyramidalis Tui.*
Chanana	*Turnera ulmifolia L.*
Chuchu	*Sechium edule*
Ciumeiro	*Solanum lycocarpum*
Coaçu	*Coccoloba latifólia*
Coentro	*Coriandrum sativum L.*
Colonha	*Alpinia zerumbet*
Erva-cidreira	*Melissa officinalis*
Fedegoso	*Cassia occidentalis L.*
Fumo	*Nicotiana tabacum L.*
Girassol	*Helianthus annuus*
Graviola	*Annona muricata L.*
Hortelã	*Mentha piperita*
Janaguba	*Himatanthus drasticus*
Jasmim	*Jasminum officinale L.*
Jatobá	*Hymenaea courbaril L.*
Laranjeira	*Citrus sinensis*
Mamoeiro	*Carica papaya L.*
Manjerona	*Origanum majorona*
Manjerioba	*Senna occidentalis*
Manjericão	*Ocimum basilicum*
Melancia	*Citrullus vulgaris Schrad*
Melindre	*Impatiens balsamina*
Milome	*Aristolochia cymbifera Martius*
Pau d'arco	*Tabebuia avellanedae*
Pepaconha	*Pschotria ipecacuanha*
Trevo	*Dianthus chinensis*
Urtiga	*Urtica urens L.*
Vassourinha	*Scoparia dulcis*

DICUMÊ

TREMEMBÉ

DE ANTES E DE HOJE

<

José Mendes Fonteles Filho
Gerson Augusto de Oliveira Junior
(orientadores)

Jacinta Santos Silva
Maria das Graças Moura dos Santos

DICUMÊ

TREMEMBÉ

DE ANTES E DE HOJE

AGRADECIMENTOS

Temos muito a agradecer, primeiramente a Deus, que nos concedeu e concede a vida e, em segundo lugar, a nossos filhos, pais, mães e maridos pelo apoio e compreensão que tiveram conosco nesse tempo de estudos.

Agradecemos também a participação de todas as lideranças que concederam seu tempo e sua sabedoria para que este trabalho tenha sido realizado. Somos gratas especialmente à Dona Lindalva da Praia de Almofala, Dona Diva, Dona Raimunda e Dona Diana da Varjota.

Queremos reconhecer e ser gratos ainda à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio à realização deste trabalho, através da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

OFERECIMENTO

Oferecemos este livro especialmente às nossas famílias e a toda a comunidade indígena Tremembé de Almofala, por terem confiado em nós.

Oferecemos em especial às lideranças, que incentivaram e apoiaram esse grupo de professores Tremembé que hoje somos: pessoas com uma visão de mundo completamente diferente, bem melhor, do que quando iniciamos essa caminhada do MITS.

APRESENTAÇÃO

Prezado (a) leitor (a)

Neste livro, você vai conhecer um pouco sobre a cultura alimentar de um povo indígena, que os dicionários já afirmam extinta, mas esse povo ainda reside no aldeamento de Almofala. Neste livro, estamos citando algumas comidas tradicionais, que vêm dos costumes desse povo guerreiro e forte, que não baixou a cabeça ante as ameaças que sofreu. Este livro resultou do trabalho de conclusão de curso (TCC) do Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS). Foi através desse curso que demos passos importantes para resgatarmos e revitalizarmos nossas tradições e costumes, e tivemos força para não deixar morrer essa tradição, a qual queremos passar de geração para geração.

Este livro está organizado em quatro capítulos. Nestes capítulos, podemos encontrar alguns dos principais alimentos preparados pelo povo Tremembé, contendo, inclusive, os ingredientes e o modo de preparar. Porém, no capítulo IV, *Outros Dicumê Tremembé*, trazemos o registro de alimentos antigos, alguns inclusive que não têm receitas, e que hoje não são feitos com frequência, pois eram preparados no período da seca, ou seja, em tempos de escassez. No preparo desses Dicumê, os índios não tinham costumes de medir a quantida-

de de alimento, pois faziam de acordo com o tamanho de suas famílias. Para conseguir alguns desses alimentos, eram feitos mutirões ou trocas. Por exemplo, quem tinha peixe trocava por feijão. Muitas outras coisas, eles usavam da natureza: nos rios pegavam peixes, as ervas serviam como chá, os frutos e as caças eram sua alimentação.

Informamos que todas as fotos foram feitas por nós mesmas, o que significou também um bom exercício para futuros trabalhos com fotografia, inclusive junto aos alunos.

Desejamos que este livro possa contribuir com o conhecimento e a preservação da tradição alimentar do povo Tremembé, para que as novas gerações, especialmente os alunos das nossas escolas indígenas, possam dar continuidade a nossos costumes e tradições, (re)conhecendo nossas origens.

As autoras

SUMÁRIO

Capítulo I: COMIDAS DE MILHO 548
O milho 548
Muncuzá 549
Canjica 550
Pamonha 551
Quarenta 552
Cuscuz 553
Café feito de milho 554
Farinha de torrado 555
Pipoca 556
Bolo de milho 557

Capítulo II: COMIDAS DE MANDIOCA 558
A mandioca 558
Grolado 560
Tapioca 561
Caldo de crueira 562
Macaxeira 563
Farinha branca e amarela 564
Manfuê 565
Caldo de carimã 566
Bolo de carimã 567
Grude 568
Manipueira 569

Capítulo III: COMIDAS DE FEIJÃO 570
O feijão 570

Moleque de feijão 571
Mambeca 572
Rabecã 573
Sopa de feijão 574
Feijão com toucinho 575

Capítulo IV: OUTROS *DICUMÊ* TREMEMBÉ 576
Dicumê de antes e de hoje 576
Angu de coco 577
Farinha de gergelim 578
Cambica de batata e gerimum 579
Tatajuba 580
Melancia cozida 581
Goma da mancunã ou mucunã 582
Araruta 583
Timbança 584
Aluá de murici 585
Melada 586

GLOSSÁRIO 587

BIBLIOGRAFIA 589

Capítulo I

COMIDAS DE MILHO

O MILHO

O milho é um legume que faz parte da agricultura, ele é colhido a partir do mês de junho. Para ser utilizado é preciso colher do roçado, pode ser também plantado próximo aos córregos, que nós Tremembé chamamos de baixa, através desse legume podemos fazer as seguintes comidas: mucunzá, cuscuz, pamonha, quarenta, pipoca, café feito a partir do milho, canjica, farinha de torrado.

A seguir, vamos apresentar as comidas com o milho e o modo de como preparar cada uma, mas nem todas estão com o modo de preparar.

MUNCUZÁ

Ingredientes:
- 4 kg de milho;
- cinco cocos;
- cinco colheres de sal;
- oito (ou mais) rapaduras.

Modo de preparar:

Antigamente, colocava-se o milho de molho de um dia para o outro. Depois se pilava em um pilão junto com areia, para sair toda casca. Após, peneira no vento, lava bem, coloca no fogo e deixa a noite inteira fervendo. Pela manhã, estando cozido, colocam-se as misturas e está pronto para servir. Hoje, coloca-se na panela de pressão e espera três horas. Então, é só acrescentar os ingredientes ao seu gosto e está pronto para ser servido.

CANJICA

Ingredientes:
- 5 espigas de milho verde;
- leite de coco ou de vaca;
- açúcar a gosto.

Modo de preparar:

Descascar a espiga, limpar, ralar ou passar no liquidificador. Coar, depois colocar leite de coco (ou de vaca), colocar o açúcar e levar tudo ao fogo. Mexer até obter uma massa consistente. Tirar do fogo ainda quente e colocar dentro de uma forma. Pode-se colocar canela por cima. Esperar esfriar para ser servido.

PAMONHA

Ingredientes:
- dez espigas de milho verde;
- quatro cocos ralados;
- palha de milho ou de bananeira, o suficiente;
- sal ou açúcar, a gosto.

Modo de preparar:

Descascar as espigas de milho verde, limpar, ralar, ou passar no moinho. Depois colocar o coco, o sal ou o açúcar, a gosto e misturar. Colocar água no fogo e, quando estiver fervendo, ir colocando as pamonhas. Deixar ferver por duas horas ou até estar cozida. A mesma pode ser servida com café, chá, leite, suco, entre outros.

QUARENTA

Ingredientes:

- 2 pacotes de massa de milho;
- leite de dois cocos;
- 1 kg de açúcar;
- 1 colher média de sal.

Modo de preparar:

Raspar o coco, tirar o leite e colocar em uma panela. Juntar o açúcar e colocar para ferver. Quando estiver fervendo, colocar a massa aos poucos e mexer até ficar cozido. Depois colocar em uma forma para ficar frio. Cortar os pedaços e servir. Se for fazer com sal, segue acima.

CUSCUZ

Ingredientes:

- 1 pacote de massa de milho;
- leite de um coco;
- sal a gosto;
- 1 copo de água.

Modo de preparar:

Antigamente o cuscuz era feito assim: pegava-se a espiga de milho, ralava-se no ralo de lata, peneirava e a massa estava pronta. Colocava-se o coco junto. Colocava-se a água para ferver em uma panela, pegava-se a tampa da panela, botava a massa pronta, amarrada com um pano, e botava para cozinhar no vapor da água.

Hoje, se pega a água, coloca-a junto com o coco, o sal e vai misturando junto com a massa. Coloca-se a água na cuscuzeira e deixa ferver. Quando a água estiver fervendo, coloca-se a massa, espera-se dez minutos e está pronta para ser servido com chá, café e outros.

CAFÉ FEITO DO MILHO

Segundo a liderança dona Diana, da comunidade Tremembé de Varjota, primeiro é preciso colocar o caco no fogo e deixar esquentar. Pegar o milho, botar dentro do caco e começar a mexer. Depois, colocar junto o bagaço do coco. Já tirado o leite, acrescentar um punhado de rapadura, para poder ficar bem ligado. Hoje esse café não é mais feito, pois existe facilidade de comprar o café industrial, mas os mais velhos ainda sabem fazer. O preparo do café para beber é igual: pilar a semente, fazer o pó e levar ao fogo.

FARINHA DE TORRADO

O povo de antigamente comia o milho da seguinte forma: torrava junto com areia, que era para o mesmo não grudar no fundo do caco, depois pegava o milho e cessava. Pisava em um pilão e estava pronta a farinha, a mesma poderia ser comida com feijão ou peixe.

PIPOCA

Ingredientes:

- uma xícara de óleo;
- sal a gosto;
- um pacote de milho;
- duas colheres de manteiga.

Modo de preparar:

Colocar o óleo, o sal ou a manteiga em uma panela. Esperar ficar bem quente para colocar o milho dentro. Tampar a panela. Pode balançar a panela para não deixar grudar o milho no fundo da panela.

BOLO DE MILHO

Ingredientes:
- leite de coco;
- erva doce;
- massa de milho;
- açúcar;
- cravo-da-índia;
- goma.

Modo de preparar:

É feito de acordo com o gosto de cada pessoa. É preciso pegar o milho, ralar em um ralo, tirar o leite do coco, colocar junto com o milho ralado, pôr açúcar, erva doce e cravo pilados. Colocar um pouco de goma, misturar tudo para ficar bem liguento, levar ao forno, colocar palhas de bananeira em baixo, cobrir ele todo com as palhas, pôr quengas em cima e deixar assar. Quando estiver pronto, deixar esfriar e, depois de frio, é só comer com café quentinho, leite, chá, suco e outros. O mesmo pode ser feito em forma e assado no forno.

Capítulo II

COMIDAS DE MANDIOCA

A MANDIOCA

A mandioca é uma raiz, que é gerada através da *maniva*, plantada no início do inverno. A maniva só pode ser colhida a partir de um ano e que seja no verão. Nesse período, o agricultor fica limpando o plantio até chegar o período da farinhada. Acontece também de ser colhida no período do inverno, caso o terreno venha abrejar. Para a mandioca ser utilizada, é preciso limpar, cortar, espremer e deixar um bom tempo descansando, para que ela possa alcançar a consistência de ser utilizada. Com a mandioca, podemos fazer as seguintes comidas:

- grolado;
- tapioca;
- caldo de crueira;
- macaxeira;
- farinha da mandioca;
- manfuê;
- caldo de carimã;
- pirão de tapioca;
- jucuba;
- grude;
- bolo doce.

GROLADO

Ingredientes:
- coco ralado;
- goma ou borra da mandioca;
- sal.

Modo de preparar:

Pegar a borra ou a goma e molhar. Colocar um pouco de sal e acrescentar o coco. Depois colocar o caco ou a frigideira no fogo para poder esquentar. Colocar a borra, a goma e depois ficar mexendo até embolar o mesmo. Pode ser comido com peixe assado, siri, camarão, café e outros.

TAPIOCA

Ingredientes:

_ coco ralado;
– goma ou borra da mandioca;
– sal.

Modo de preparar:

A tapioca é feita da goma fresca e torrada. Para prepará-la é preciso colocar a goma em uma vasilha. Se for goma fresca, não é preciso colocar água, se for goma torrada, é preciso molhar com água ou leite de coco. Depois, deve-se misturar para obter uma massa soltinha. A tapioca pode ser feita no caco (no fogo de lenha), na frigideira (no fogão) ou no caco (do forno da casa de farinha). A tapioca pode ser comida com peixe, camarão e várias outras comidas.

CALDO DE CRUEIRA

Ingredientes:
– crueira da mandioca;
– manteiga caseira;
– sal;
– leite;
– açúcar (opcional).

Modo de preparar:

Para fazer o caldo de crueira, é preciso pilar a crueira no pilão. Depois cessar para se formar uma massa fina. Quando a massa estiver pronta, deve-se fazer o caldo ou grolado. Para se fazer o caldo, é preciso da manteiga caseira, leite, sal ou açúcar.

MACAXEIRA

A macaxeira é um tipo de mandioca, porém tem cor diferente e sua casca é mais fácil de ser retirada. Podemos comê-la cozida, torrada na manteiga, com café, chá, peixe assado, leite e outros. Com a mesma, podemos fazer bolo.

FARINHA BRANCA E AMARELA

Primeiramente, existem dois tipos de farinha: a branca e a amarela (a mesma é conhecida por farinha d'água). Para fazermos a farinha branca, é preciso raspar a mandioca, depois passar no serrador junto com a massa. Colocar água para ficar mais fina, para poder espremer depois. Botar na prensa para ser enxuta e depois peneirar. No forno bastante quente, jogar a massa aos poucos para poder ser torrada. Com essa farinha, podemos fazer a jucuba, essa tradição segue até hoje. Mas hoje, essa farinha é feita mais na cor amarela, ou seja, de outra forma. É preciso raspar a mandioca e deixar de molho por uns oito a dez dias, para a mandioca ficar toda mole e poder ser passada no serrador. Depois é preciso colocar na prensa, peneirar e passar no forno.

MANFUÊ

Ingredientes:

– massa da mandioca;
– sal.

Modo de preparo:

Ralar a mandioca no ralo, colocar em um pano e torcer. Espremer na mão para tirar toda manipueira. Quando estiver enxuta, peneirar e está pronta a massa. Depois da massa pronta, fazer o beiju. Fazer o pirão do beiju para comer com peixe.

CALDO DE CARIMÃ

Ingredientes:
– massa da mandioca mole (carimã);
– leite de coco (opcional);
– sal ou açúcar.

Modo de preparar:

Pegar a mandioca, colocar de molho deixar amolecer por quatro ou cinco dias. Limpar a mandioca, coar e espera assentar. Derramar a água para ficar só a massa. Depois, com a massa, fazer os bolinhos. Quando estiverem prontos, colocá-los ao sol para secar. Atualmente, da carimã se faz também o bolo. Para fazer o bolo é preciso colocar a mandioca de molho, esperar amolecer, limpar, colocar dentro de um saco e deixar escorrer a água. Depois, colocar na prensa para enxugar, peneirar e passar no forno para ficar a farinha.

BOLO DE CARIMÃ

Ingredientes:
– uma colher de cravo;
– uma colher de erva doce;
– 1 kg de açúcar;
– 1 kg de farinha de carimã;
– duas xícaras de goma;
– leite de um coco.

Modo de preparar:

Colocar um litro de água para ferver. Depois, adicionar o cravo, o açúcar, a erva doce e o coco. Misturar com a massa para ficar pré-cozida e depois colocar em uma forma. Levar ao forno do fogão ou no caco da casa de farinha e por em palha de bananeira.

GRUDE

Ingredientes:
– 1 litro de goma;
– 1 coco ralado;
– palha de bananeira;
– sal a gosto.

Modo de preparar:

Pegar a goma, molhar junto com o coco e ficar amassando. Amassar até a goma ficar ligada. Depois, enrolar na palha da bananeira e colocar ou no forno do fogão ou no caco da casa de farinha.

MANIPUEIRA

Ingredientes:
– água da massa da mandioca (manipueira).

Modo de preparar:
Antigamente, os mais velhos pegavam a manipueira para fazer caldo. Colocavam no fogo para ferver. No decorrer da fervura, surgia uma escuma que eles ficavam retirando até o caldo ficar bem grosso e não aparecer mais escumas.

Capítulo III

COMIDAS DE FEIJÃO

O FEIJÃO

Plantamos o feijão no início do inverno, no mês de janeiro. É um alimento que faz parte da alimentação do povo Tremembé. O mesmo pode ser plantado nas baixas, no período do verão. Esse alimento tem uma substância essencial para o fortalecimento dos ossos. Para se fazer o plantio, é preciso preparar a terra e depois fazer as covas para plantar a semente. Colocamos três ou quatro sementes. Nessas plantações, não são só os adultos, mas as crianças também fazem o plantio, que é o feijão de corda.

MOLEQUE DE FEIJÃO

Ingredientes

– feijão cozido;
– farinha de mandioca.

Modo de preparar:

Para se fazer o moleque de feijão, é preciso cozinhar o feijão, colocar no prato, misturar com farinha e começa amassar com a mão até ir ficando o moleque.

MAMBECA

Ingredientes

– feijão verde em *baija*[1]

Modo de preparar:

Antigamente, a comida era muito pouca e, quando não tinham comida em casa, no período do feijão, eles pegavam as bagens de feijão bem verdinhas, amarravam o feixe e botavam para cozinhar. Depois de cozida, comiam tudo: cascas e sementes.

[1] Vagem ou bagem.

RABECÃ

Ingredientes:
- feijão;
- milho;
- sal.

Modo de preparar:

Antigamente, o povo Tremembé não conhecia baião de dois, e sim o rabecã, que é o feijão cozido junto com o milho. Hoje se conhece como baião de dois, sendo que o mesmo é feito com feijão, arroz, coco, verduras e sal a gosto.

SOPA DE FEIJÃO

Ingredientes:
- feijão;
- macarrão;
- arroz;
- verduras;
- óleo;
- olorau;
- sal a gosto.

Modo de preparar:

Antigamente, não existia sopa de feijão. Hoje ela é feita de diversas maneiras, uma delas é: passar o feijão e as verduras no liquidificador. Depois colocar na panela junto com o arroz e o macarrão já cozidos. Colocar no fogo e ficar mexendo para não grudar no fundo da panela. Esperar de dez a quinze minutos.

FEIJÃO COM TOUCINHO

Ingredientes
- feijão;
- toucinho;
- sal.

Modo de preparar:

Escolher o feijão, lavar em uma água, colocar na panela junto com água e sal e levar ao fogo. Após a primeira fervura, colocar o toucinho dentro e mexer. Ir colocando água para não queimar, para o toucinho ser cozido junto com o feijão.

Capítulo IV

OUTROS *DICUMÊ* TREMEMBÉ

DICUMÊ DE ANTES E DE HOJE

Essas comidas são de origem do povo Tremembé, pois vêm dos costumes antigos e estão passando de geração em geração. Elas fortalecem nossa cultura com os sabores naturais. Eram essas comidas que davam fortalecimento para o corpo dos nossos antepassados, por isso eles tinham tanta resistência, pois eles eram um povo forte e corajoso e venciam suas batalhas no seu dia a dia. Muitas dessas comidas eram feitas no período de seca, por necessidade e por falta de outros alimentos, pois a família era grande. Muitas dessas comidas eram retiradas diretamente da mata.

Algumas dessas comidas permanecem presentes da dieta do nosso povo:

- goma da mucunã;
- melancia cozida;
- melada;
- aluá de murici;
- farinha de gergelim;
- farinha de castanha;
- cambica de batata doce;
- cambica de jerimum;
- tatajuba;
- timbança (farinha da castanha com o vinho do caju).

ANGU DE COCO

Ingredientes:
– um coco;
– uma xícara de goma;
– sal a gosto.

Modo de preparar:
Raspar o coco, tirar o leite e colocar o leite em uma panela junto com a goma. Levar ao fogo e ficar mexendo até dar o ponto (quando ficar *liguento)*. Não pode colocar muita goma, se não fica muito grosso.

FARINHA DE GERGELIM

Modo de preparar:

Torrar o gergelim, misturar com a farinha de mandioca e depois pilar no pilão. Depois de pilado, colocar sal ou açúcar. Além da farinha de gergelim, também fazemos a farinha de castanha. É preciso pegar a castanha, assar e depois bater com um pedaço de pau, para quebrar e tirar a castanha de dentro. Depois é só colocar a farinha pilada. Pode ser comida com açúcar ou sal.

CAMBICA DE BATATA E JERIMUM

Ingredientes:
- batata ou jerimum;
- leite de coco;
- sal.

Modo de preparar:

Cozinhar a batata ou o jerimum. Descascar e machucar. Depois, colocar o leite de coco e misturar. Temperar com sal a gosto.

TATAJUBA

Modo de preparo:

Antigamente, os antigos saíam de suas casas de manhã para pegar tatajuba. Ao chegarem, machucavam, colocavam no fogo com um pouco de água e ficavam mexendo até ficar no ponto para comer. Essa comida era mais utilizada no período da seca.

MELANCIA COZIDA

Modo de preparar:

Antigamente, os Tremembé comiam a melancia cozida, quando não tinha farinha. Os pais mandavam os filhos irem buscar na capoeira. Quando chegavam, pegavam a melancia, cortavam em forma de rodelas, sem tirar a pele, e botavam para cozinhar. Depois de cozida, descascavam e comiam junto com o peixe. Essa comida não era frequente, só comiam no período em que o inverno era pouco.

GOMA DA MANCUNÃ OU MUCUNÃ

Modo de preparo:

No período da seca, os Tremembé costumavam comer a goma da mancunã, que era uma raiz parecida com a mandioca. Eles arrancavam da mata. Quando chegavam com o uru cheio, toda a família se juntava para raspar a raiz. Depois ralavam no ralo de lata. Quando a massa estava pronta, espremiam na mão e deixavam a manipueira assentar. Depois, tiravam toda a manipueira e ficavam só com a goma para fazer o grolado, para comer com peixe. Esse peixe era tirado do lagamar, um rio que tem como nome Aracatimirim.

ARARUTA

Modo de preparar:

Os mais velhos de antigamente, quando o inverno não era muito bom, iam à mata e arrancavam a batata da araruta. Quando chegavam, ralavam, espremiam toda a massa na mão e deixavam assentar, para depois ficar a goma, para se fazer o grolado e comer com o peixe. Essa alimentação era forte e sadia, pois os mesmos tinham essa comida como uma medicina que curava até suas doenças.

TIMBANÇA

Ingredientes:
- vinho do caju doce e azedo;
- farinha de mandioca;
- castanha do caju;
- sal.

Modo de preparar:

A timbança é uma comida que vem das antigas gerações do povo Tremembé e continua até hoje. A timbança é feita do vinho do caju doce e azedo e da farinha da castanha. Como preparar: pegar os cajus e espremê-los em uma vasilha. Depois, assar a castanha, quebrar a castanha e misturar com farinha branca. Pilar no pilão, colocar junto com o vinho do caju, mexer e deixar ficar um bom tempo para inchar, porque se não, faz mal para a digestão. Essa alimentação só é mais frequente no período do caju e é servida para jovem, criança e adulto. É uma ótima vitamina.

ALUÁ DE MURICI

Modo de preparar:

O aluá é feito do murici. Para fazê-lo, é preciso pegar o murici, machucar na mão e depois coar. Colocar o açúcar, a farinha branca, mexer e está pronto o aluá. Essa comida é tradição do povo Tremembé, também é frequente só no período do murici, que é entre outubro a dezembro. O povo Tremembé não come o murici, só o aluá. Come também a fruta com tapioca e o suco como sobremesa.

MELADA

Ingredientes:
- coco verde;
- rapadura ou açúcar;
- farinha branca de mandioca.

Modo de preparar:

Pegar a água de um coco verde e colocar em uma jarra de água. Depois, raspar toda a *lambuja*[*] e colocar açúcar ou rapadura dentro. Acrescentar farinha branca, misturar e está pronta a melada, é só servir.

[*] Carne do coco verde em formação.

GLOSSÁRIO

Abrejar: quando o terreno baixo fica muito úmido.
Aluá de murici: comida que vem a partir do suco do murici.
Araruta: é uma batata de uma planta.
Bagaço: resto de coco tirado o leite.
Baixa: terreno baixo onde acumula água.
Baija ou baja: vagem.
Beiju: feito da massa mandioca.
Borra: derivado da goma.
Caco: feito a partir do barro
Carimã: mandioca mole.
Crueira: pedaços de mandioca.
Escaldado: farinha molhada com o caldo do peixe ou carne fervendo.
Escoteio ou escoteiro: comer o peixe ou a carne sem mistura.
Escuma: espuma.
Feixe: são várias vagens de feijão juntas.
Forno: da casa de farinha.
Goma da mancunã: polvilho feito da mucunã.
Grolado: feito da borra ou goma.
Jucuba: uma espécie de pirão.
Lagamar: espécie de rio com água salgada ligado com o mar.
Lambuja: é a carne do coco em processo de formação.
Liguento: fazendo liga, grudando.
Manipueira: é a água da massa da mandioca.
Manteiga caseira: é feita da nata do leite fervido.
Moleque de feijão: É bolinho feito de feijão com farinha e amassado na mão.

Mucunã: uma batata parecida com a mandioca.
Pilar: pisar ou machucar.
Prensa: artefato que serve para enxugar a massa da mandioca.
Punhado: um pouco, uma pitada.
Quengas: as bandas do coco, tirada a carne.
Rabecã: feijão cozido com milho.
Ralo de lata: é feito com lata e furado com prego colocado em uma tábua.
Roçado: onde se planta o milho, feijão, maniva etc.
Serrador: utensílio que serve para cortar a mandioca.
Tatajuba: é uma fruta rara que se comia antigamente.
Timbança: é o vinho do caju com a farinha da castanha.
Uru: utensílio feito de palha que tem várias utilidades.

BIBLIOGRAFIA

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, 2003.

SOUSA, Joel S. de; SANTOS, Raiane de S; SANTOS, Naiane de S. *Comidas do povo de antigamente*. Almofala, Itarema s/e, 2010.

As lideranças e sábios tradicionais do nosso povo Tremembé foram e são a grande referência deste trabalho. Alguns alunos também contribuíram, com trabalhos realizados nas disciplinas que ministramos. Acreditamos que, em um futuro breve, possamos ter outros livros publicados referentes a esse assunto, o *Dicumê Tremembé*, fruto da pesquisa dos professores e alunos das nossas escolas indígenas.

JOGOS MATEMÁTICOS
PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS
TREMEMBÉ

<

Sheyla Silva Thé Freitas
(orientadora)

Francisco Cabral Miranda Junior
Manuel Xavier do Nascimento

JOGOS MATEMÁTICOS PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS

TREMEMBÉ

AGRADECIMENTOS

Primeiro de tudo, queremos agradecer ao nosso pai Tupã, nossa mãe Tamaim, pela realização desse trabalho, que foi duro, difícil, mas muito prazeroso;

- também agradecemos a todo povo tremembé de Almofala, principalmente as nossas lideranças, pois, a todo instante, estiveram presentes com suas sabedorias natas e de coração aberto;

- aos nossos docentes, pela intensa caminhada que, em nenhum momento, nos abandonaram nem mediram esforços para que nosso sucesso fosse alcançado;

- agradecemos, especialmente, a professora Sheyla pelo empenho e a dedicação para a realização desse projeto, pois o seu auxilio profissional e pessoal nos deram segurança e fortalecimento para obtermos bons resultados e alcançar nossos objetivos;

- queremos também reconhecer e sermos gratos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio à realização deste trabalho, através da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

APRESENTAÇÃO

Este livro foi elaborado para o professor indígena Tremembé inovar e dinamizar as aulas de matemática através de jogos. Está direcionado ao Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano, no qual abordaremos "o estudo dos números e operações", conteúdo referente aos três campos de estudo matemático, conforme o RCNE/Indígena.

Diante da dificuldade dos alunos indígenas em relação ao estudo dos números e operações, decidimos confeccionar esse material no intuito de facilitar a compreensão e estimular a aprendizagem matemática.

Iniciamos o livro com a história do povo Tremembé. Na sequência, uma conversa muito interessante com o pajé Luiz Caboclo e cacique João Venâncio.

Pontuamos a Constituição brasileira de 1988, que nos reconheceu como indígenas, falamos um pouco da educação Tremembé.

Comentamos sobre a etimologia da palavra jogo, sua importância na sala de aula e o planejamento, que é fundamental.

Trouxemos o tema "Professor indígena faz a diferença!" sobre alguns professores indígenas que ganharam prêmios importantes na educação brasileira.

Em seguida, as "brincadeiras do nosso tempo" e "vamos aos jogos". Selecionamos dez jogos que estimulam as competências e habilidades matemáticas que são "Descubra o número que eu pensei?"; "Tabuada dos 9 nos dedos. Vamos aprender!"; "Eu tenho! Quem tem!"; "Cubra e descubra";

“Ábaco”; “Cartas de baralho”; “Dominó”; “Quadrado mágico”; “Sudoku de símbolos e de números” e “Desafios”. Para desopilar, quinze adivinhas.

Por último, as considerações finais; as referências; os anexos nos quais inserimos o tabuleiro do jogo “Cubra e descubra”; modelos de dados; as respostas de todos os jogos e adivinhas; sugestões de leituras e de filmes como também a biografia dos autores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 597

HISTÓRIA DO POVO TREMEMBÉ 599
Os primeiros a lutar por suas terras – Tremembé de Almofala 600
Finalmente nos reconheceram 600
Educação Tremembé 602
Etimologia da palavra jogo 602
Importância dos jogos na sala de aula 603
Planejamento 604
Professor indígena faz a diferença! 604
Brincadeiras do nosso tempo 605

VAMOS AOS JOGOS! 606
1º jogo Descubra o número que pensei 608
2º jogo Tabuada dos 9 nos dedos. Vamos aprender! 609
3º jogo Eu tenho! Quem tem? 611
4º jogo Cubra e descubra 613
5º jogo Ábaco 616
6º jogo Cartas de baralho 618
7º jogo Dominó 620
8º jogo Quadrado mágico 622
9º jogo Sudoku de símbolos ou de números 624

10º jogo Desafios 626
Adivinhas..... 628

CONCLUSÃO..... 629

ANEXOS 630
Tabuleiro – Cubra e descubra..... 631
Modelos de dados..... 632
Respostas dos jogos 633
Respostas das adivinhas 639

SUGESTÕES 640

BIBLIOGRAFIA..... 643

BIOGRAFIA DOS AUTORES 646

INTRODUÇÃO

Este livro foi pensado e direcionado para os professores do Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano, no qual abordaremos "o estudo dos números e operações", conteúdo referente aos três campos de estudo matemático conforme o RCNE/Indígena.

Esse campo de estudo requer um olhar mais atento, por ser um conteúdo que irá acompanhar o aluno em toda sua vida.

O motivo o qual nos impulsionou a pesquisar esse tema foi a dificuldade das crianças em relação à aprendizagem das quatro operações. Fato esse que nos estimulou a organizar esse material para facilitar a compreensão e estimular a aprendizagem desse conteúdo importante e significativo para a vida do cidadão.

Trata-se de uma coletânea de jogos, onde propomos ao professor atividades instigantes, estimulantes, que vão aguçar a curiosidade dos alunos e fazê-los refletir, aprimorando seus conhecimentos de forma significativa e prazerosa.

Nosso desejo é levar para as escolas indígenas uma matemática dinâmica e envolvente onde almejamos uma educação de qualidade. Esperamos que nossos professores, juntamente com seus alunos, aventurem-se nos jogos matemáticos que propomos neste material e façam desta disciplina um referencial de estímulo e aprendizagem, que o aluno possa olhar a matemática e sentir prazer, alegria e satisfação em estudá-la.

O objetivo maior desse trabalho é fazer com que os nossos alunos indígenas aprendam as quatro operações matemáticas de forma lúdica e significativa.

Para a realização desse trabalho, baseamo-nos na pesquisa bibliográfica na qual utilizamos vários livros para compor essa coletânea e especialmente nos nossos livros vivos que são nossas lideranças, como cacique João Venâncio e pajé Luiz Caboclo.

Trabalho árduo e difícil, mas que nos trouxe orgulho e satisfação ao concluirmos

Teve um tempo que nós para viver precisamos nos calar e hoje, nós para viver precisamos falar.

Pajé Luiz Caboclo – Itarema-CE

HISTÓRIA DO POVO TREMEMBÉ

Nós, Tremembé, vivemos no aldeamento de Almofala, que abrange uma área de quatro mil e novecentos hectares, subdividida em duas áreas: região da Praia e região da Mata, separadas pelo rio Aracatimirim.

A região da Praia é constituída pelas comunidades: Passagem Rasa, Saquinho, Manque Alto, Praia de Almofala, Panã, Sítio Urubu, Camboa da Lama, Aningas do Mulato, Cabeça do Boi, Curral do Peixe e Boa Vista.

Já a região da Mata conta com as comunidades de: Varjota, Tapera, Batedeira I e II, Morro do Caboré, Camondongo, Córrego João Pereira, Santo Antonio, Capim Açu e Cajazeiras.

Nossa comunidade indígena está situada ao norte do Ceará. Sobrevivemos da agricultura, da pesca e do artesanato. Lutamos por uma vida melhor com dignidade e respeito. Estamos conseguindo, aos poucos, adentrar em outros ramos, pois conhecemos nosso potencial.

Os primeiros a lutar por suas terras - Tremembé de Almofala

Conversando com o pajé Luiz Caboclo e o cacique João Venâncio, eles nos contaram que os Tremembé de Almofala foi o primeiro povo indígena a reivindicar suas terras no Estado do Ceará, versão essa questionada pelo povo Tapeba de Caucaia – Ceará.

Luiz Caboclo relata que um dos eventos que marcou e deu visibilidade à luta dos Tremembé foi o festival de apresentações culturais que aconteceu em Fortaleza na Concha Acústica no ano de 1965 e contou com a participação de 66 índios Tremembé de Almofala.

Nesse evento, participaram mais de 10 grupos culturais de diversos municípios e cita o nome de alguns: grupo do forró, apresentação do bumba meu boi, um grupo de teatro da região do semiárido. Ele não lembra exatamente o município de cada grupo.

O pajé lembra, com nostalgia, que os Tremembé obtiveram o primeiro lugar dançando o Torém (ritual sagrado), puxado pela tia Chica da Lagoa Seca e seu irmão Zé Miguel.

O cacique João Venâncio complementa dizendo que foi uma das maiores perdas e dor para todo movimento indígena Tremembé de Almofala, a morte dos dois, pois a luta enfraqueceu um pouco e muitos índios pararam de lutar, por causa das ameaças por parte dos não índios. Mas, com o passar dos anos, outras Lideranças de peso e coragem surgiram e deram continuidade ao ciclo de luta e resistência. Continuamos lutando e reivindicando nossos direitos. Queremos respeito e reconhecimento por parte de todos.

Finalmente nos reconheceram

A Constituição brasileira de 1988 foi importantíssima para o nosso reconhecimento enquanto ser humano indígena. Segundo RCNE/Indígenas (2005, p. 31) “ela reconhece aos índios o direito à prática de suas formas culturais próprias.”

Diante dessa conquista, lutamos pelos nossos direitos educacionais reafirmados no Decreto nº 1.904/96 (ibid. p. 32), que assegurou "às sociedades indígenas uma educação escolar diferenciada, respeitando seu universo sociocultural." Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (2003, p. 152) em seu Título VIII – "Das Disposições Gerais", trata especificamente nos artigos 78 e 79 da educação escolar indígena.

Hoje, as escolas Tremembé seguem as novas determinações do MEC, Lei 11.114, de 16 de maio de 2005, referente à reorganização do Ensino Fundamental para nove anos. De acordo com essa lei, o Ensino Fundamental ocorrerá a partir dos 6 anos e deverá ser concluído aos 14 anos, sendo dividido em duas etapas: Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

Educação Tremembé

Estudamos em escolas convencionais e não compreendíamos muito bem os conteúdos. Hoje, fazendo parte da escola, vemos a necessidade de melhorar a educação como um todo. Não queremos voltar ao passado onde nos sentíamos incapazes principalmente quando estudávamos a disciplina de matemática.

A forma como a matemática nos foi ensinada não deve e nem pode continuar a ser, ou caso contrário permaneceremos com a ideia de que a matemática é apenas números e está distante da nossa vida diária.

Concordamos com RAMOS (2009, p. 10) quando diz: "As crianças precisam de tempo para que suas descobertas e aprendizagens sejam agradáveis significativas e divertidas". As crianças realmente precisam de tempo para assimilar os conteúdos, e nós precisamos respeitar e valorizar cada criança para que a mesma aprenda significativamente.

Hoje temos nossas escolas e sabemos da necessidade de melhorar em todos os sentidos o ensino aprendizagem. Nossas escolas estão cheias de crianças desmotivadas, pois

o que se ensina e como se ensina não motiva nem prende a atenção de quem futuramente poderá ser um grande ou um bom mediador na vida escolar.

Diante dessa realidade, buscamos uma educação de qualidade e compromisso para crescermos e nos fortalecermos enquanto comunidade precisamos do apoio de todos os que fazem as escolas indígenas.

Necessitamos, constantemente, estimular e inovar o ensino aprendizagem em nossas escolas, montar estratégias para que nossos alunos possam interagir e envolver-se no processo ensino aprendizagem.

Principalmente no que se refere à disciplina de matemática, por ser rotulada como disciplina de difícil compreensão. Pensando em mudar essa visão, propomos aos professores a opção de trabalharem jogos matemáticos em suas salas de aula.

Acreditamos que o jogo pode facilitar e despertar a curiosidade na aprendizagem do aluno, transformando-o em senhor do seu próprio conhecimento. Além de instigar à leitura, a compreensão, a estratégia, a concentração e o interesse, também estimula a maturação.

Propomos que o professor desafie seus alunos a refletir, tornando suas aulas mais prazerosas e dinâmicas, envolva seus alunos no processo ensino aprendizagem. Temos certeza de que os jogos matemáticos vão motivar suas aulas e os alunos vão estar mais receptivos em relação aos conteúdos propostos.

Vejamos agora a origem e o significado da palavra jogo.

Etimologia da palavra jogo

Etimologicamente a palavra jogo provém do vocábulo latino *iocus*, que significa brincadeira, graça, diversão, frivolidade, rapidez, passatempo. Faz-se necessário considerar também o vocábulo *ludus*, que significa o ato de jogar, o prazer da dificuldade gratuita.

De acordo com o Dicionário Aurélio (1988, p. 377), jogo significa atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que definem a perda ou o ganho. Brinquedo, passatempo, divertimento.

Huizinga (2001) já dizia que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. Para ele, o jogo é toda e qualquer atividade humana.

Segundo Ortiz (2005 p. 18), é difícil definir a palavra jogo, pois "Nenhum sábio foi capaz de defini-lo, porque essa palavra refere-se a uma condição ou realidade primordial da vida". Como vemos, Ortiz comunga com a ideia de Huizinga em relação à palavra jogo.

Utilizaremos a palavra jogo como um estímulo, um despertar para novas descobertas que leve ao desenvolvimento de habilidades e competências para os nossos professores e alunos.

Importância do jogo na sala de aula

O jogo não é apenas uma diversão, um passatempo ou uma simples brincadeira. Ele vai além, despertando o universo cognitivo e lúdico da criança, desenvolvendo competências e habilidades matemáticas de cada uma.

É interessante que se tenha atividades dinâmicas em sala de aula, onde os alunos possam interagir uns com os outros, contextualizando informações e ampliando seus conhecimentos.

Alguns teóricos como Ramos e Smole comentam que as crianças precisam utilizar vários materiais manipuláveis para estimular o cognitivo, com o que concordamos.

Principalmente no Ensino Fundamental I, que compreende do 1º ao 5º ano, quando as crianças estão na faixa etária entre 6 aos 10 anos de idade aproximadamente. E, segundo Piaget, essas crianças estão saindo do período pré-operatório, para adentrar no período operatório concreto em que vão precisar articular vários objetos até conseguir estabelecer relações abstratas.

Período extremamente importante para ampliar o universo cognitivo das crianças, quando as mesmas vão poder estruturar e desenvolver o pensamento lógico-matemático entre outros. As crianças precisam utilizar vários materiais manipuláveis para desenvolver-se intelectualmente.

E por que utilizar jogos na sala de aula? Para que o aluno compreenda melhor regras, possa estabelecer critérios, passe a respeitar o outro, compreenda limites, entre outros.

O jogo favorece uma aprendizagem mais rica, a criança aprende a ser crítica, a ter autonomia e confiança em si mesma. Estudar brincando é a melhor forma de aprender!

Planejamento

O professor precisa conhecer o jogo e suas regras, é uma atividade séria e precisa ser muito bem planejada. Você, docente, passa a ser um intermediador entre o jogo e o jogador (aluno). Jamais leve um jogo para sala de aula sem objetivo. É interessante que, após aplicar o jogo, o aluno possa registrar em seu caderno o caminho percorrido. O registro é muito importante! É por meio dele que a compreensão vai fluir naturalmente.

Não esqueça que um bom planejamento faz toda a diferença na aula! Professor planeje sua aula cuidadosamente e só leve o jogo se realmente dominar as regras. Antes de levar para sala de aula, jogue e teste todas as possibilidades.

Professor indígena faz a diferença!

Você sabia que nossos parentes estão ganhando prêmios importantes na educação?

Pesquisando as revistas Nova Escola, encontramos uma que nos chamou bastante atenção. Foi na edição de abril (2004 p. 50 a 55) com o seguinte tema “Escola de índio, professor índio. Finalmente!”, que traz reportagens de professores in-

dígenas que ganharam prêmios importantes, entre eles Giovani José da Silva "Professor nota 10", na edição de 2001 do Prêmio Victor Civita, que dá aulas na aldeia desde 1998, e Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, professor de Língua Indígena da Escola Indígena Estadual Tapi'itawa, que ganhou o prêmio "Projeto nota 10".

Projeto está totalmente em sintonia com o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas, contribuindo para que seus alunos ampliassem e valorizassem os vocábulos antigos e novos da língua indígena, fazendo também com que os mesmos reconheçam a importância dos saberes dos mais velhos. Ele fala que, para chegar aonde chegou, passou por diversas dificuldades, tanto na comunidade como em sala de aula. Porém, para lutar pela cultura de seu povo, aproveitou o que tinha nas mãos: "a escola".

Hoje temos consciência de que a vida de um povo pode sim estar diretamente ligada à escola, pois a escola é um lugar de superação, conquistas e de conhecimentos capaz de modificar toda sociedade.

Levamos essa mensagem aos amigos e colegas professores que também acreditam e sonham com uma educação de qualidade, que busquem novas metodologias e estímulos para sua prática docente, e não deixem morrer o que temos de mais sagrado; nossa cultura, crença e tradição.

Brincadeiras do nosso tempo

Fecho os olhos e sinto o cheiro e o sabor de uma infância alegre do nosso tempo.

Tínhamos a terra e vivíamos livres para brincar e desfrutar das belezas que a natureza nos oferecia, respirávamos o ar puro, sentíamos o cheiro das flores, frutas e da terra. Acordávamos com os cantos dos pássaros que se alimentavam da abundância de frutas que existiam em nossa região.

É maravilhoso lembrar nossa infância. Como era gostoso brincar, sorrir, correr, pular e ... Ah, são muitas as lembranças

guardadas nos nossos corações. Que alegria reviver essa infância cheia de cheiros, sabores e alegrias.

Lembramo-nos de alguns jogos que brincávamos quando éramos crianças. São eles: o jogo da carrapeta, o jogo da peteca, o jogo do pião, as famosas brincadeiras de rodas, busca três, bandeiras, trisca, pio, escondidas, boca de forno, poço e muitas outras que o tempo nos levou. Será que vocês conhecem algum desses jogos? Será que ainda brincam com esses jogos?

Nós brincávamos com o pé no chão sentindo o frio da areia e a energia positiva que tomava conta de nossa áurea. Ah, tempo bom que não volta mais!

Observamos que, atualmente, nossas crianças e adolescentes, não estão mais curtindo a infância e também não estão sabendo desfrutar da adolescência, pois a maioria das crianças está atrelada às grandes aventuras da televisão, esquecendo-se de viver o aqui e o agora, nessa terra que ainda podemos dizer que é nossa.

Diante dessa realidade precisamos trazer de volta brincadeiras do nosso tempo de infância, fazer nossos alunos e filhos vivenciar aquele maravilhoso tempo. Precisamos realmente mostrar o lado bom para nossa gente jovem que vem a cada dia aumentando o número em nosso aldeamento.

VAMOS AOS JOGOS!

Escolhemos 10 jogos e algumas adivinhas que você, professor, poderá ampliar e enriquecer com ideias, criar e recriar jogos juntamente com os seus alunos. A cada jogo, crie novas regras fazendo com que seus alunos possam refletir e analisar a melhor jogada. Estimule as crianças a pensar antes de dar respostas. Incentive-as a registrar as jogadas, esse registro será importante para o futuro desse estudante. Faça dele um pesquisador. Apresente os jogos e faça com que eles tragam novos jogos para apresentar para a turma. Professor, torne suas aulas prazerosas, dinâmicas e desafie seus alunos sempre.

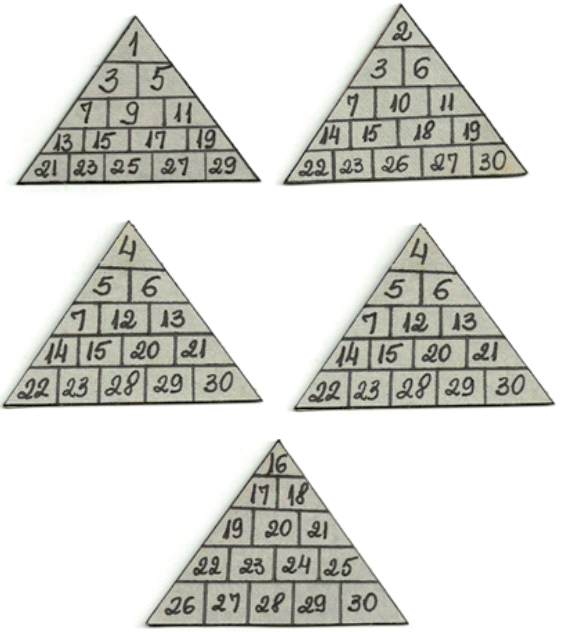
1º Jogo

Descubra o número que eu pensei

Você vai descobrir os números que seus amigos pensaram.

Entregue as cinco pirâmides mágicas para um amigo e peça que o mesmo escolha um número de 1 a 30. Lembre-se, ele não pode falar o número pensado. Peça para ele observar se o número que ele escolheu se encontra nas pirâmides. Separe as pirâmides e descubra o número pensado! Boa sorte, amigo!

Essa atividade envolve: cálculo mental, adição, concentração, atenção e agilidade para responder. Pode ser utilizada a partir do 1º ano. Deixe o seu aluno descobrir como você adivinhou o número que ele pensou.



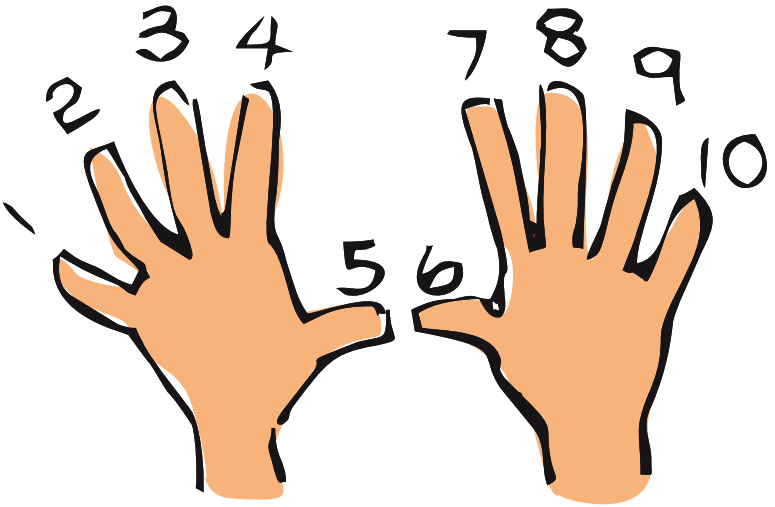
(Retirado de uma apostila. Material repassado pela professora Joana Diógenes Pinheiro Valério em 21/09/2002 no Curso de Pedagogia da UVA).

2º Jogo

Tabuada dos 9 nos dedos. Vamos aprender!

1. Coloque suas mãos sobre a mesa.

2. Enumere os seus dedos de acordo com o exemplo abaixo.

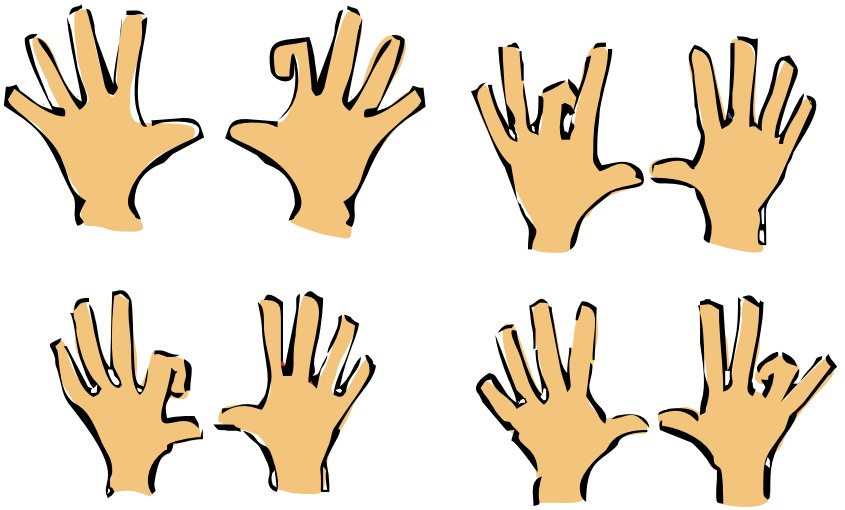


(Retirado e adaptado de Patilla, 1999 p. 20). Imagens do próprio livro. Pode ser trabalhada a partir do 2º ano.

3. Agora, para você descobrir a resposta certa para a tabuada dos 9, é só prestar atenção!

4. Para encontrar a resposta de 9 X 5, dobre o dedo de número cinco. A quantidade de dedos à esquerda do dedo abaixado equivale ao algarismo das dezenas do resultado (4). Os dedos à direita do abaixado correspondem ao algarismo das unidades (5). Ou seja, 9 X 5 = 45; 4 dezenas + 5 unidades = 45.

Descubra por qual número o 9 foi multiplicado para obter estas respostas abaixo? Observe, pense e responda rápido.



3º Jogo

Eu tenho! Quem tem?

Este jogo exige leitura, interpretação, atenção, concentração e domínio das quatro operações. Todos devem prestar muita atenção. A qualquer momento, pode ser sua vez! Fique atento! Pode ser trabalhada a partir do 2º ano.

Eu começo.
Eu tenho 4 – 3
Quem tem isso mais 7?

Eu tenho 8.
Quem tem isso dividido por 4?

Eu tenho 2.
Quem tem isso multiplicado por 5?

Eu tenho 10.
Quem tem isso mais 5?
Eu tenho 15.
Quem tem isso menos 3?

Eu tenho 12.
Quem tem isso vezes 2?

Eu tenho 24.
PARABÉNS!!! FIM

(Retirado e adaptado de Berton e Itacarambi, 2009)

Professor, esse jogo pode ser de diversas maneiras. Use a criatividade! Nesse jogo, utilizamos as quatro operações. Faça um que contenha somente multiplicação. Outro com divisão e assim sucessivamente.

4º Jogo

Cubra e Descubra

Este jogo auxilia os alunos a associar uma quantidade ao símbolo que a representa, a compreender a ideia da adição como a ação de adicionar uma quantidade à outra, a efetuar adições mentalmente. Destinado a alunos do 1º e 2º ano.

É para ser jogado em duplas. Cada dupla precisará de um tabuleiro (modelo abaixo), 22 fichas ou tampinhas (sendo 11 de cada cor) e 2 dados.

Objetivo: conseguir tirar todas as fichas (ou tampinhas) do seu lado do tabuleiro.

Regras:

1. Cada jogador coloca todas as suas fichas ou tampinhas no seu lado do tabuleiro, de modo a cobrir todos os números que nele aparecem.

2. Na sua vez, o jogador lança os dois dados, adiciona os pontos que saírem nos dados e tira do tabuleiro a ficha ou tampa que cobre a soma.

3. Quem erra a soma, perde a vez.

4. O vencedor será aquele que primeiro tirar todas as fichas ou tampinhas do seu tabuleiro.

A partir da segunda vez em que jogarem, você, professor, pode conversar com seus alunos sobre as descobertas e propor a eles que respondam a algumas questões:

a) Por que o menor número do tabuleiro é o 2?

b) Por que o 0 e o 1 não aparecem no tabuleiro? É possível fazer aparecer o 0 e o 1 quando adicionamos os números de dois dados?

c) Por que o maior número do tabuleiro é o 12?

d) É possível compor números maiores que 12, usando somente dois dados?

e) Quais são as possibilidades de você jogar o dado e a soma dar 6?

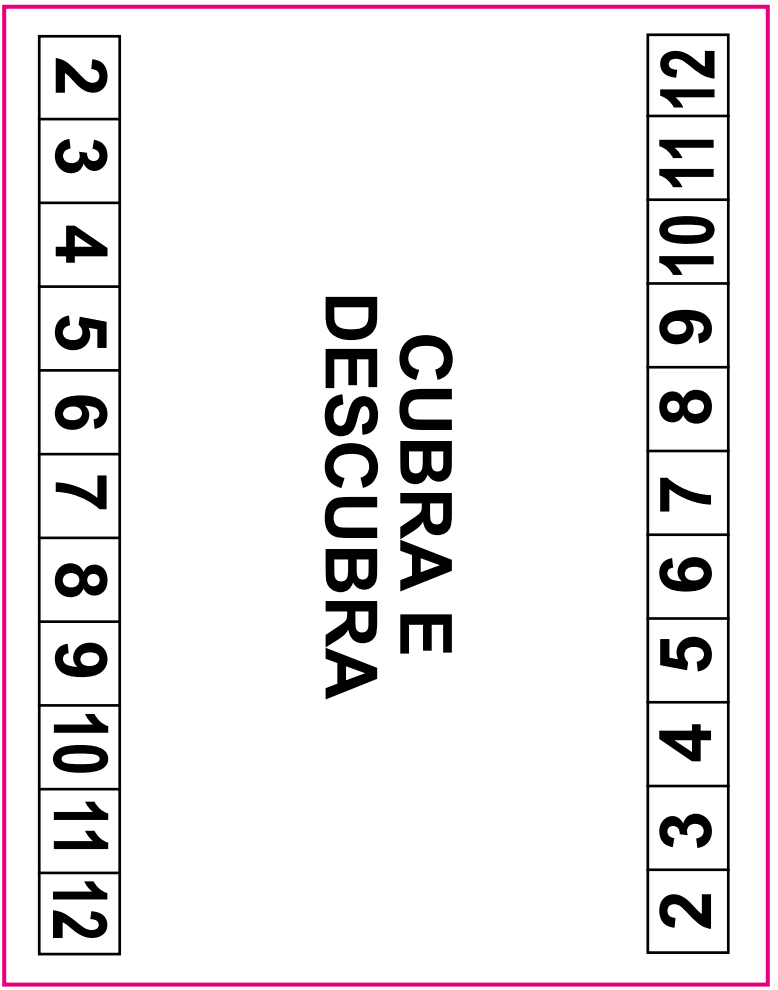
f) Você também pode perguntar quais as formas de se obter os demais resultados que aparecem no tabuleiro.

g) O que é mais fácil conseguir: soma 12 ou soma 7? Por quê?

h) Por que 1 + 5 e 5 + 1 levam a um mesmo resultado? Nesse caso, é possível discutir se tal fato é verdadeiro para outros números diferentes daqueles com que estão trabalhando.

i) A partir de toda essa discussão, você pode mostrar de quantas formas é possível obter uma determinada quantidade, partindo dos números que aparecem nas faces dos dois dados que são lançados.

Tabuleiro do Jogo Cubra e Descubra



(Retirado do Caderno do Mathema 1º ao 5º ano p. 49 a 53).

5º Jogo

Ábaco

O ábaco de pinos é um material utilizado como recurso para o trabalho de matemática, para desenvolver atividades envolvendo o sistema de numeração decimal, a base 10 e o valor posicional dos algarismos, além das operações de adição e subtração. Pode ser trabalhado a partir do 1º ano.

Esse material é de origem oriental e tem como referência as contagens realizadas por povos antigos.

No ábaco, cada pino equivale a uma posição do sistema de numeração decimal, sendo que o primeiro, da direita para a esquerda, representa a unidade, e os imediatamente posteriores representam a dezena, centena, unidade de milhar e assim por diante.

De acordo com a base 10 do sistema indo-arábico, cada vez que se agrupam 10 peças em um pino, deve-se retirá-las e trocá-las por uma peça que deverá ser colocada no pino imediatamente à esquerda, representando 1 (uma) unidade da or-

Objetivos:

Construir o significado de sistema de numeração decimal explorando situações-problema que envolvam contagem; compreender e fazer uso do valor posicional dos algarismos no sistema de numeração decimal; compreender e utilizar as técnicas operatórias para adição e subtração com trocas e reservas; compreender e fazer uso das regras do sistema de numeração decimal; fazer uso de material semissimbólico para registro de cálculos de adição e subtração.

6º Jogo

Cartas de baralho

Com o baralho, podemos trabalhar os seguintes conteúdos: sistema de numeração; classificação; as quatro operações; “maior que” ou “menor que”; par e ímpar; sequência numérica; estimativa; antecessor e sucessor entre outros. O baralho pode ser utilizado em todos os níveis de escolaridade a partir do 1º ano. Você, professor, poderá utilizar também o baralho convencional e, se preferir, construa um com seus alunos. Solicitamos que trabalhe o baralho em duplas ou em trios. Vejamos algumas atividades.

Jogo da memória

Trabalhado em dupla. Escolha algumas cartas repetidas como exemplo abaixo, embaralhe as cartas e coloque-as emborcadas sobre a mesa. A criança vai ter que virar para encontrar o seu par. Caso não encontre, terá que emborcar novamente as cartas. Ganha quem tiver o maior número de cartas.

Jogo par ou ímpar

Pega o baralho e deixa em cima da mesa emborcado de maneira que fique um monte. As crianças tiram as cartas do monte, contam até dois e juntas mostram suas cartas. Ganha quem primeiro somar a resposta correta falando se a resposta é par ou ímpar.

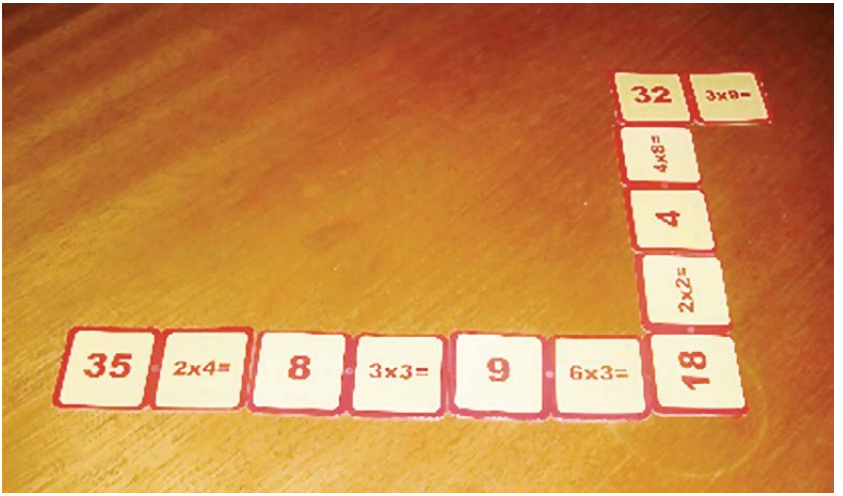
Descobrindo a minha carta

Esse jogo vai precisar de três pessoas, um vai ser o chefe e terá a missão de falar o resultado das cartas dos adversários. Os outros dois têm que ficar um de frente para o outro, e, ao comando do chefe, cada um pega uma carta e coloca imediatamente na sua testa de modo que o seu adversário veja sua carta e vice versa. O chefe fala a resposta das duas cartas, e você vai descobrir o número da sua carta olhando para a carta do seu adversário. Ganha quem primeiro descobrir o número da sua carta.

Dominó

As atividades com os dominós contribuem para o desenvolvimento da atenção, da agilidade de raciocinio, da capacidade de realizar estimativas e cálculos mentais, manipular quantidades, planejar ações e fazer contagem. É um jogo que pode ser adaptado a todos os níveis e conteúdos matemáticos, sejam eles: frações, adição, subtração, multiplicação, divisão entre outros.

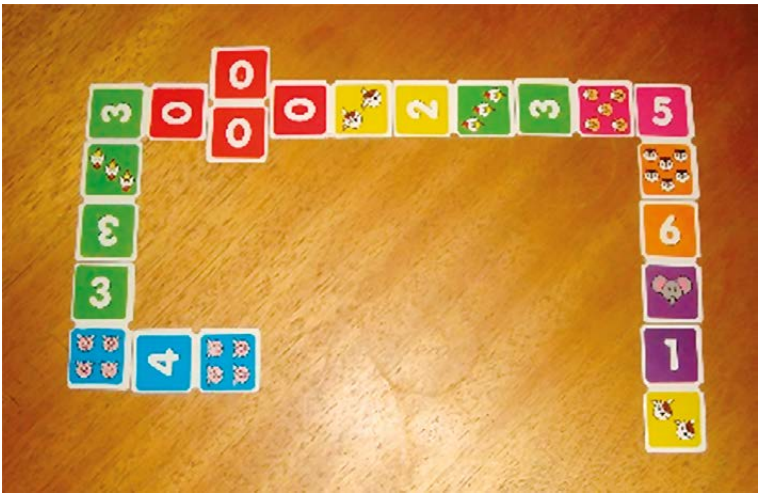
É interessante iniciar o dominó com sua confecção onde os alunos vão poder observar analisar e questionar sua própria confecção. O dominó tradicional possui 28 peças, mas você poderá usar a criatividade e inventar outros jogos de várias maneiras. Seja criativo!



O jogo anterior é o dominó da multiplicação. É composto por 28 peças e pode ser jogado por quatro pessoas. Vence quem conseguir colocar todas as peças na mesa. Pode ser trabalhado a partir do 2º ano.

O dominó é um jogo divertido onde as crianças podem aprender as quatro operações brincando. Use sua criatividade e construa um dominó para explicar as frações, tenho certeza de que seus alunos vão compreender rapidinho.

O jogo abaixo é o dominó de números e quantidades, onde a criança relaciona o número com a quantidade. Pode ser trabalhado no 1º ano.



8º Jogo

Quadrado mágico

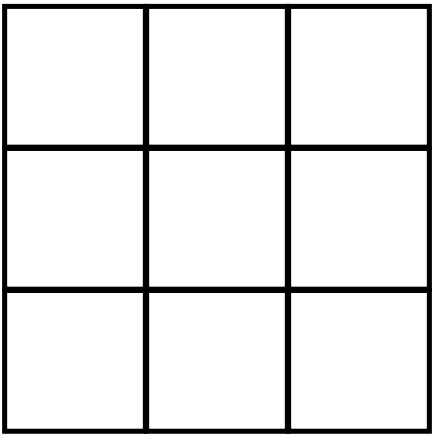
Para ser um quadrado mágico, a soma dos números que figuram numa coluna, numa linha ou em qualquer diagonal terá que ser sempre a mesma.

Complete o quadrado mágico.

1. Coloque os números 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 de modo que a adição de cada linha, coluna e diagonal seja 12. Destinado à alunos a partir do 1º ano.

	6	5
8	4	
3		7

2. Coloque os números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 de modo que a adição de cada linha, coluna e diagonal seja 15. Destinado a alunos a partir do 4º ano.



(Retirado de Tahan, 2006 p. 109-111)

3. Use também os números de 13 a 21 para que a soma em todas as linhas, colunas e diagonais seja 51. Destinado a alunos a partir do 3º ano.

16		
		19
20	13	

Agora é sua vez! Invente outras possibilidades de jogo. Use a sua criatividade.

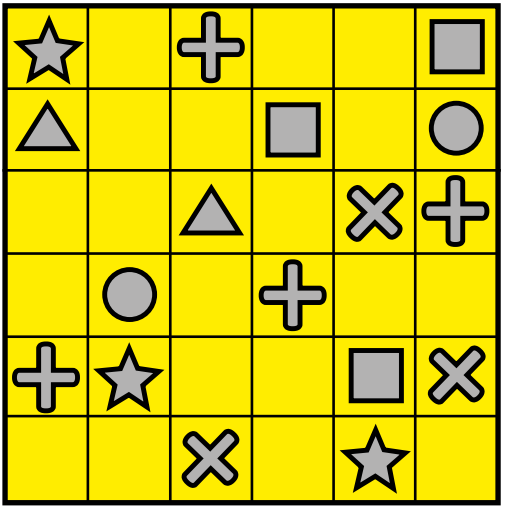
9º Jogo

Sudoku de símbolos e de números

Sudoku é um quebra-cabeça que pode ser de números ou símbolos que envolvem raciocínio, lógica e concentração. O objetivo do jogo é completar a grade com os algarismos ou símbolos. Alguns números ou símbolos já estão posicionados no início do jogo, e o desafio é preencher as casas vazias colocando um número ou símbolo em cada casa, de maneira que nenhum deles apareça mais de uma vez na mesma linha, coluna ou região.

É um jogo fascinante para todas as crianças que gostam de números, ou simplesmente para jovens em busca de desafios intelectuais.

a) Sudoku de símbolos



(Retirado de Phillips, 2009 p.19)

b) Sudoku de números

1				3	2
		5	6		1
	1	6		5	
5	4			2	
	3	2	4		
			2		3

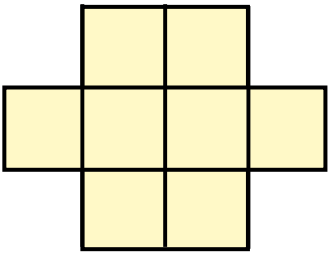
(Retirado e adaptado de Phillips, 2009).

Esses dois modelos de sudoku são destinados aos alunos do Ensino Fundamental I a partir do 3º ano. Caso queira utilizar no Ensino Fundamental II ou Médio, é só aumentar o nível de dificuldade, tirando alguns símbolos ou números.

Desafios

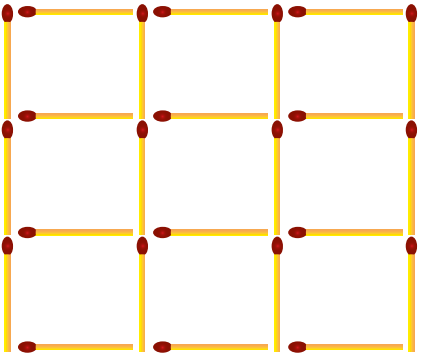
Atividades destinadas a alunos a partir do 4º e 5º ano.

a) Coloque os algarismos de 1 a 8 nos quadrinhos de modo que, consecutivos, não fiquem vizinhos.

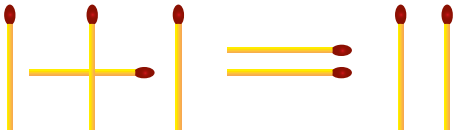


(Retirado de Neto (2006).

b) Como transformar estes 9 quadrados em 5, tirando só 4 palitos?



c) Movendo apenas 1 palito, transformar a igualdade abaixo em uma operação na qual o resultado será 139.



(Os desafios b e c, foram retirados de Almeida, 2007, p. 39 e 52).

Adivinhas

Atividades destinadas a partir do 3º ano.

1. O que falta ao sol para ser militar?
2. Sou um país do Oriente de duas sílabas: na primeira sílaba sou advérbio, na segunda, sou alimento.
3. Qual o Estado que tem 10 letras, sem nenhuma repetida?
4. O que falta na casa para formar um casal?
5. O papa tem dois, o padre tem um e Jesus não tem nenhum?
6. A mulher tem na frente e o homem carrega atrás?
7. O que é o que é? Fala sem ter boca, caminha sem ter pés.
8. Sete enxadas e uma foi-se. Quantos objetos são?
9. Tem os dentes em cima do corpo, e a roupa em cima dos dentes. O que é?
10. O que é o que é? Corre, corre e nunca pode parar.
11. O que é o que é? Responda depressa, não seja bocó, está no pomar e no seu paletó.
12. Qual a cidade brasileira que oferece segurança?
13. Qual a palavra que vale duas?
14. Qual o nome de homem que tem todas as vogais?
15. Verde por fora. Branco por dentro. Meu sangue é leite; minha carne é alimento.

CONCLUSÃO

Este livro foi pensado e direcionado para os professores do Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano, no qual abordamos "o estudo dos números e operações", conteúdo referente aos três campos de estudo matemático conforme o RCNE/Indígena.

Acreditamos que este livro possa ser um referencial para os alunos indígenas aprenderem as quatro operações fundamentais de matemática de forma lúdica e significativa.

Esperamos que você, professor, juntamente com seus alunos se aventurem nos jogos matemáticos e façam desta disciplina um referencial de estimulo e aprendizagem, que o aluno possa olhar a matemática e sentir prazer, alegria e satisfação em estudá-la.

Ressaltamos a importância dessa coletânea nas escolas indígenas tremembé pela qual propomos despertar um novo olhar para a matemática por meio dos jogos.

Selecionamos diversas atividades que envolvem os números e operações matemáticas. Temos certeza, professor, de que seu aluno vai adorar aprender as quatro operações básicas.

Almejamos uma educação de qualidade para o nosso povo, na busca de novas propostas inovadoras que levem os alunos às competências e habilidades matemáticas.

Pretendemos, em outro momento, dar continuidade a esse trabalho levando os jogos matemáticos ao Ensino Fundamental II para que esses alunos também tenham a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos de forma lúdica e divertida.

ANEXOS

Tabuleiro – cubra e descubra

Modelo de dados

Respostas dos jogos

1º jogo "Descubra o número que eu pensei" — Você vai descobrir o número pensado da seguinte maneira. Escolha um amigo, peça a ele que pense em um número de 1 a 30 (ele não pode falar esse número). Depois entregue uma pirâmide por vez para que a pessoa observe se o número que ela pensou está na pirâmide. Caso o número esteja na pirâmide, a pessoa entrega a pirâmide para você. E você imediatamente vai somar o ápice das pirâmides que possuem apenas um número. Rapidamente finalizará o jogo descobrindo o número pensado. Esse jogo exige atenção, concentração, habilidade numérica e cálculo mental. Pode ser trabalhada a partir do 1º ano.

2º jogo "Tabuada dos 9 nos dedos" — A tabuada nas mãos exige muita atenção. Ao baixar um dedo, lembre-se que os dedos que estão à sua esquerda representam as dezenas e os que estão à sua direita as unidades. Esse jogo exige atenção, concentração, habilidade numérica e cálculo mental. Pode ser trabalhada a partir do 2º ano.

3º jogo "Eu tenho! Quem tem!" — É um jogo que requer interpretação e muita atenção. Professor, entregue as fichas para os alunos e peça que os mesmos observem o que está escrito em silêncio. Cada aluno tem que analisar sua ficha em silêncio e sozinho. O aluno que tem a ficha "Eu começo" deverá se pronunciar sem a interferência do professor. O jogo inicia-se com quem tem a ficha "Eu começo" e terminará com a ficha "Fim". É uma atividade interessante para avaliar o nível de leitura e interpretação de seus alunos. Requer muita atenção por parte dos jogadores. Pode ser trabalhada a partir do 2º ano.

4º jogo "Cubra e descubra" — É uma atividade rica onde os alunos vão poder analisar e vivenciar várias situações. As

respostas precisam ser discutidas com todos. Vocês é que irão chegar a um acordo. O jogo exige concentração, atenção, habilidade numérica e percepção. Destina se a alunos do 1º e 2º ano.

5º jogo "Ábaco" — Instrumento importantíssimo para o ensino fundamental I. A criança vai vivenciar, na prática, a adição, subtração; compor e decompor os números; entender o que é o número relativo e absoluto entre outros. Crie situações problemas para sua turma. O ábaco desperta na criança a percepção, atenção, habilidade numérica, habilidade espacial e raciocínio lógico. Destina-se a alunos a partir do 1º ano.

6º jogo "Cartas" — Tem uma infinidade de atividade envolvendo cartas, entre elas operações de adição, subtração, multiplicação e divisão; "maior que" e "menor que"; par ou ímpar; construção de desenhos geométricos entre outros. Use sua criatividade e inove suas aulas. Com as cartas, você pode avaliar a percepção, atenção, concentração, habilidade numérica e habilidade espacial, raciocínio lógico e agilidade.

7º jogo "Dominó" — A criança adora trabalhar com esse instrumental. Crie com os alunos jogos de adição, subtração, multiplicação e divisão. Vai ser maravilhoso aprender as quatro operações brincando. O dominó é um jogo que trabalha a percepção, concentração, raciocínio lógico, habilidade espacial e habilidade numérica.

8º jogo "Quadrado mágico" — É um jogo em que a criança vivencia simultaneamente a adição e a subtração. A criança aprende por meio dos erros e acertos, por tentativas. É um jogo que estimula o aluno a vencer obstáculos. Jogo individual que exige raciocínio lógico, muita concentração e disciplina por parte da criança. Pode ser aplicado em todos os níveis da educação. É aconselhado que, ao apresentar esse jogo para os alunos do 1º ao 4º ano (ele já esteja com algumas respostas), faltando apenas o aluno completá-lo. A partir do 5º ano, não precisa mais completá-los.

1 — utilizar os números de 0 a 8 para somar 12 em todas as linhas e diagonais. Para crianças a partir do 1º ano.

1	6	5
8	4	0
3	2	7

2 — utilizar os números de 1 a 9 para somar 15 em todas as linhas e diagonais. Uma possível resposta.

6	1	8
7	5	3
2	9	4

3 — utilizar os números de 13 a 21 para somar 51 em todas as linhas e diagonais. Uma possível resposta.

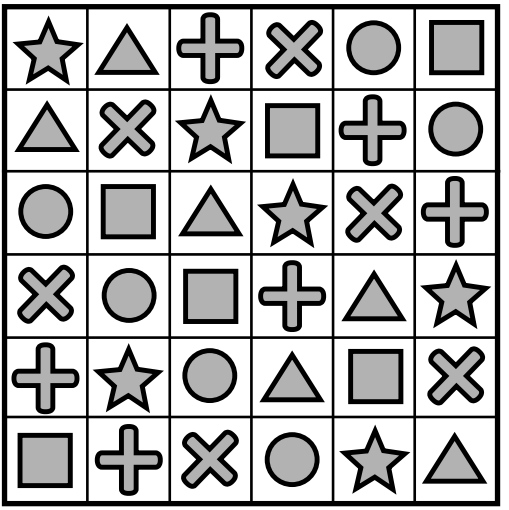
16	21	14
15	17	19
20	13	18

Mais atividades para você, professor, explorar em sala de aula: utilizar os números de 7 a 15 para somar 33 ou ainda utilizar os números de 9 a 17 para somar 39. Deixe o aluno perceber as regularidades entre os quadrados mágicos. Não dê respostas, o aluno precisa de incentivo.

9º jogo “Sudoku” — É um jogo inteligente que requer habilidade espacial. Seu objetivo principal é completar a grade com os símbolos ou algarismos. Preste atenção, porque alguns símbolos ou números já estão posicionados para ajudá-lo. Você terá como desafio preencher as casas vazias colocando um símbolo ou número em cada casa, de maneira que nenhum deles apareça mais de uma vez na mesma linha, coluna ou região. Essa atividade envolve raciocínio lógico, habilidade espacial, habilidade numérica e concentração. As crianças vão adorar as atividades com símbolos e números. Destinado a alunos a partir do 3º ano.

Abaixo as respostas:

a) Resposta do sudoku de símbolos.



b) Resposta do sudoku de números.

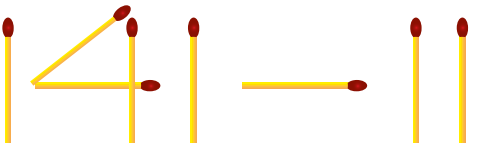
1	6	4	5	3	2
3	2	5	6	4	1
2	1	6	3	5	4
5	4	3	1	2	6
6	3	2	4	1	5
4	5	1	2	6	3

10º jogo "Desafios" — O desafio é posicionar os algarismos de 1 a 8 nos quadrinhos de modo que, consecutivos, não fiquem vizinhos. Requer raciocínio lógico, concentração, atenção, habilidade numérica e habilidade espacial.

a) Resposta do primeiro desafio.

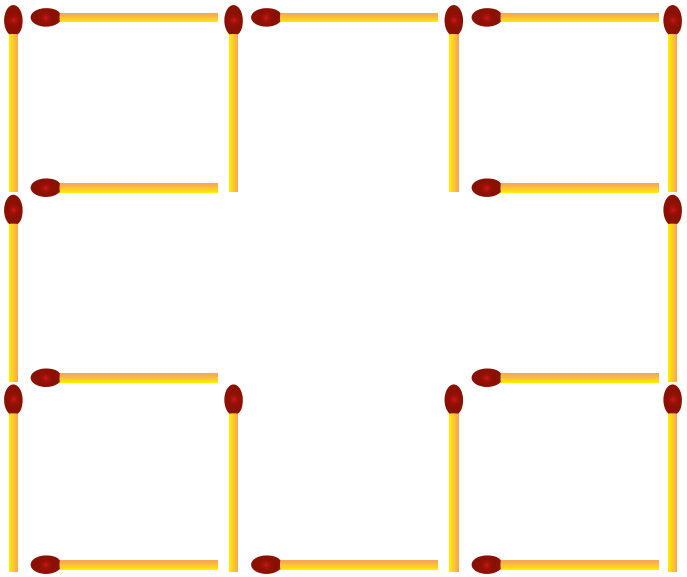
	5	3	
2	8	1	7
	6	4	

b) Resposta do segundo desafio.



141-2

c) Resposta do terceiro desafio.



Respostas das adivinhas

1. Dado.
2. Japão (Ja-pão).
3. Pernambuco.
4. A letra L.
5. A letra P.
6. A letra M.
7. A carta.
8. Seis enxadas.
9. O milho.
10. O tempo.
11. A manga.
12. Fortaleza.
13. Bis.
14. Aurélio
15. O coco.

SUGESTÕES

de Livros, Filmes e Sites

Livros

Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Autora: Cleo Fante.

Contando de 1 a 10. Autor: Nílson José Machado.

Uma história de outro planeta: unidade de milhar e bases não decimais. Autora: Luzia Faraco Ramos.

Onde estão as multiplicações?: multiplicação e tabuada contextualizada. Autora: Luzia Faraco Ramos.

O segredo dos números: sistema de contagem e potenciação. Autora: Luzia Faraco Ramos.

Saída pelo triângulo: semelhança de triângulos. Autor: Ernesto Rosa.

O homem que calculava. Autor: Malba Tahan.

Filmes

A educação de Pequena Árvore

Sinopse: Um menino dividido entre dois mundos deverá aprender a ser seu próprio guia. A vida é difícil, mas para Pequena Árvore é um tempo inesquecível para aprender a crescer.

1, 2, 3 conte comigo outra vez Vila Sésamo

Musical onde a criança aprende os números brincando.

Ursinho Pooh 1, 2, 3 descobrindo os números

Sinopse: É uma história divertida que começa com conceitos gerais sobre os números e chega às estratégias que as crianças podem utilizar para aprender a contar.

Donald no País da Matemágica

Sinopse: Pato Donald se aventura pelo mundo da fantasia num lugar onde as árvores têm raízes quadradas e os rios estão repletos de números.

Narradores de Javé

Sinopse: A rotina dos habitantes de um vilarejo é abruptamente mudada com o anúncio de que a região vai ser inundada para a construção de uma hidrelétrica. Para impedir a destruição, a comunidade decide preparar um documento contando sua história, para preservá-la. O primeiro desafio é escrever a obra, já que quase todos são analfabetos. Reflexão sobre a tradição oral e escrita e a importância do registro como forma de legitimar e materializar a história de um povo ou lugar.

Sites

www.novaescola.org.br

www.augeeducacional.com.br/

www.calculando.com.br

www.crmariocovas.sp.gov.br

www.history.mcs.st-and.ac.uk/

www.mat.uc.pt/~jaimecs

www.rede-nonio.min-edu.pt/1cic/agrup_ovar/mat.htm

www.somatematica.com.br

http://athena.mat.ufrgs.br/

http://pessoal.sercomtel.com.br/matematica

http://portalmatematico.com/

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **Brincando com palitos e adivinhações**. Petrópolis - RJ, Vozes, 2007 p. 39, 52, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 87, 88, 92, 95 e 97.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil:** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 62/2009, pelo Decreto nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010 p. 146.

_____. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília: MEC/SECAD, 2005 p. 171 a 174.

BERTON, Ivani da Cunha Borges e ITACARAMBI, Ruth Ribas. **Números, brincadeiras e jogos**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009 p. 155-158.

DANTE, Luiz Roberto. **Didática da resolução de problemas de matemática – 1ª a 5ª séries**. 12ª ed. 7ª impressão. São Paulo: Ática, 2003 p. 45.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1ª ed. 5ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1988, p. 377.

HOTZ, John. **Aprendendo o tempo todo**: como as crianças aprendem sem ser ensinadas. Tradução Walther Castelli Jr. Campinas, SP: Verus Editora, 2006 p. 187.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KAMII, Constance. **A criança e o número**: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Tradução Reina A. de Assis. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1985.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 7. Ed. São Paulo: Atlas 2010.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

LOPES, Hermosa Maria Soares; BLUM, Maria Auxiliadora Ferreira. **Metodologia do ensino de matemática**. Fortaleza: UVA, 2000 p 35-49.

LORENZATO, Sergio. **Educação infantil e percepção matemática**. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção Formação de Professores).

MURCIA, Juan Antonio Moreno (Org.). **Aprendizagem através dos jogos**. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005 p. 15 e 16.

NETO, Ernesto Rosa. **Didática da matemática**. 11ª ed. 6ª impressão. São Paulo: Ática, 2006, p. 200 e 215.

PATILLA, Peter. **Multiplicação**. Tradução Gláucia M. Courtouké. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1999 p. 20. (Série matemática divertida).

PHILLIPS, Charles. **Como pensar com criatividade**: 50 jogos para exercitar o pensamento criativo. [Organizado pela Equipe Editorial das Revistas Coquetel]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009 p. 19 e 76.

RAMOS, Luzia Faraco. **Conversas sobre números, ações e**

operações: uma proposta criativa para o ensino da matemática nos primeiros anos. São Paulo: Ática, 2009.

RÊGO, Rogéria Gaudencio do. Matemáticativa II / Rógeria Gaudencio do Rêgo, Rômulo Marinho do Rêgo. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1999, p.43-50.

SILVA, Mônica Soltau da. **Clube de matemática**: jogos educativos. Campinas, SP: Papirus, 2004. (Série Atividades)

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira; CÂNDIDO, Patrícia Terezinha. **Jogos de matemática de 1º a 5º ano**. Porto Alegre: Artmed, 2008 p. 49-53. (Série Cadernos do Mathema – Ensino Fundamental).

SOUZA, Júlio César de Mello e. **Matemática divertida e curiosa**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 p. 131-133.

TAHAN, Malba. **O homem que calculava**. 69ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 p. 109-111.

VINHA, Marina; SOUZA, Fábio Lopes de (Orgs.). **Livro bilíngue para brincadeiras, jogos e festas Kadiwéu**. Estado de Mato Grosso do Sul – Secretaria de Estado de Educação / SED, 2010.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

Francisco Cabral Miranda Junior, mora em Varjota – CE. Cursou o Magistério Indígena I pela Seduc no período de 2001 a 2006. Recebeu o diploma de ensino médio. Trabalha como educador na creche indígena de Almofala. Está concluindo o MITS – Magistério Indígena Tremembé Superior. Atualmente, é vice-coordenador da OPRICE – Organização dos professores indígenas do Ceará.

Manuel Xavier do Nascimento, conhecido por "Grosso", nasceu em Varjota, município de Itarema – CE. Filho do pajé Luiz Caboclo e Raimunda Miranda de Sousa Nascimento. Estudou em escolas convencionais. Está concluindo o MITS – Magistério Indígena Tremembé Superior. É o primeiro vereador índio de Itarema – CE.

A PESCA NO MAR DE ALMOFALA E NO RIO ARACATIMIRIM: HISTÓRIAS DOS PESCADORES

TREMEMBÉ

<

Miguel Sávio de Carvalho Braga
(orientador)

Claudevanda dos Santos
Raimundo Henrique dos Santos

A PESCA NO MAR DE ALMOFALA E NO RIO ARACATIMIRIM: HISTÓRIAS DOS PESCADORES TREMEMBÉ

A PRAIA DOS TREMEMBÉ

(Música)

Oh, que praia bonita
A praia dos Tremembé
Tem camarão e siri
Tem tudo que a gente quer
Tem caranguejo e guaiamum
Tem mão-no-olho e sié
Quem quiser que venha ver
A beleza da praia
Dos índios Tremembé

DANDÃO - *in memoriam*
(Liderança Tremembé)

O mar não admite três coisas: a inveja, a ganância e a ambição, porque o mar dá e toma ao mesmo tempo. Isto acontece com quem não aproveita o que ele dá.

in TREMEMBÉ, OS DEUSES DO MAR - MITS, 2010

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Tupã e aos encantados, que nos deram forças para enfrentar as dificuldades da caminhada;

Às nossas famílias, que suportaram nossas ausências e compreenderam o motivo delas;

Às nossas comunidades e lideranças pela presença constante, nos animando e transmitindo os saberes dos troncos velhos e a sabedoria que só o tempo ensina;

Aos amigos, que nos incentivaram e não nos deixaram desanimar;

Aos nossos mestres, que nos repassaram seus conhecimentos com paciência e alegria;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pelo apoio à realização deste trabalho, através da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS;

Em especial à Marly Schiavini de Castro, da Igreja Metodista, pela sua dedicação aos Tremembé de Almofala, nos últimos dez anos, e ao criterioso incentivo e auxílio na realização deste trabalho.

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR 654

INTRODUÇÃO 656

Capítulo I – PESCA TRADICIONAL TREMEMBÉ 658

Capítulo II – O PESCADOR TREMEMBÉ 663

Capítulo III – A PESCA NO MAR 667
3.1 Embarcações 668
3.2 Construção das jangadas 670
3.3 Construção da canoa 672
3.4 Construção do bote 673
3.5 Tipos de pescaria 675
3.5.1 A pesca da lagosta com rede 675
3.5.2 A pesca da lagosta com manzuá 675
3.5.3 A pesca de linha de mão 677
3.5.4 A pesca com rede de emalhar 680
3.5.5 A pesca de curral 681
3.5.6 A pesca de marambaias 684

Capítulo IV – A PESCA NO RIO ARACATIMIRIM 687
4.1 Os tipos de pescaria 689
4.1.1 A pesca com malhadeira (ou galão) no rio 689
4.1.2 A pesca com tarrafa 690
4.1.3 A pesca de curral no rio 692
4.1.4 A pesca do camarão no rio 694
4.1.5 A pesca com jangarela 696
4.1.6 A pesca com as mãos 696
4.1.7 A pesca com linha de mão 697

CONCLUSÃO 698

BIBLIOGRAFIA 699

ANEXOS (Entrevistas) 701

Anexo 1
Entrevista com Francisco Marques do Nascimento 701
Anexo 2
Entrevista com Tarcísio Marques do Nascimento 708
Anexo 3
Entrevista com José Geraldo dos Santos 713
Anexo 4
Entrevista com João Marques do Nascimento 719
Anexo 5
Entrevista com Deusdete Cabral de Sousa 725
Anexo 6
Entrevista com Manoel Raimundo Cabral 727
Anexo 7
Entrevista com Luís Manoel do Nascimento 729
Anexo 8
Entrevista com João Gomes dos Santos 731
Anexo 9
Entrevista com José Félix de Moura 733
Anexo 10
Entrevista com Estevão Henrique dos Santos 735
Anexo 11
Nomes científicos dos peixes e crustáceos do mar
de Almofala e do rio Aracatimirim 738

CARTA AO LEITOR

Amigo leitor, vimos lhe convidar a conhecer as histórias dos pescadores Tremembé e a pesca tradicional deste povo no mar de Almofala e no rio Aracatimirim. Ambos se localizam no município de Itarema, no aldeamento indígena Tremembé de Almofala, a 230 km de Fortaleza, no litoral oeste do estado do Ceará (Figura 1).

Este livro que apresentamos pretende ser um subsídio para que se possa trabalhar nas escolas indígenas diferenciadas. Ele foi produzido com base nas entrevistas realizadas com as lideranças mais velhas das comunidades, nas artes de pesca utilizadas, material fotográfico e pesquisa bibliográfica.

O livro foi dividido em quatro capítulos. O primeiro fala sobre a pesca tradicional Tremembé e a importância da mesma para este povo. O segundo capítulo fala sobre o pescador Tremembé com o enfoque nas suas vivências. O terceiro capítulo trata da pesca no mar, abordando as embarcações no aspecto construtivo e tipos de pescarias praticados e como estas acontecem. O quarto capítulo trata da pesca no rio Aracatimirim, que é diferente da pesca no mar. A principal diferença consiste dos pescadores no rio não precisarem das embarcações para pescar. Desta forma, são descritos os tipos de pescarias praticadas no rio tais como: malhadeira, tarrafa, curral, jangarela e linha de mão na prática da captura de peixes, do camarão, de caranguejo, do siri e outros.

Esperamos que você aprecie a leitura e possa aprender bastante com as vivências na pesca relatadas pelas lideranças entrevistadas que gentilmente nos passaram seus conhecimentos.

Figura 1 – Localização da Praia de Almofala e Rio Aracatimirim no município de Itarema no Estado do Ceará.
Fonte: Google Earth - adaptado.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi pensado com grande carinho e dedicação e queremos buscar, dentro desse processo de ensino e aprendizagem, uma grande compreensão da realidade da vida do pescador Tremembé de Almofala. Queremos também mostrar a valorização dessa atividade produtiva, a memória, a cultura e experiências vivenciadas na prática.

O pescador Tremembé, desde criança aprende uma boa parte desse conhecimento na convivência do dia a dia e desenvolve esse trabalho junto com a família, tendo, assim, garantido o seu sustento.

Diz a tradição Tremembé que, há centenas de anos atrás, os Tremembé tinham em sua cultura um rito de passagem para transformar os adolescentes em homens. O processo começava a partir dos 5 anos, e com idade de 12, 13 anos, recebiam uma vara apropriada que tinha ponta aguda nas duas extremidades, e com esta vara tinha que matar um tubarão. Aquele que conseguisse matar o tubarão era considerado homem, já podendo casar, fazer sua oca e constituir família. Por isso até hoje os Tremembé são considerados deuses do mar (MITS, 2010).

Este trabalho tem como base as entrevistas semiestruturadas gravadas, cujos participantes foram escolhidos dentre as lideranças das comunidades com grande conhecimento na pesca, que relataram suas experiências e responderam questionário norteador.

Os entrevistados na parte da pesca no mar foram: Francisco Marques do Nascimento (João Venâncio - cacique), João

Marques do Nascimento (João Filho), Estevão Henrique dos Santos (Estevão), José Geraldo dos Santos (Zé Biinha), Tarcísio Marques do Nascimento (Tarcísio Pedro) e na pesca do Rio Aracatimirim foram: Luiz Manoel do Nascimento (Pajé Luiz Caboclo), Manoel Raimundo Cabral (Mané Maroca), Deusdete Cabral de Sousa (Tio Dete), João Gomes dos Santos (João Gomes) e Francisco Felix de Moura (Trival).

Este trabalho tem como objetivo falar dos pescadores, da pesca e dos tipos de pescaria que se desenvolviam antigamente e que ainda ocorrem no mar de Almofala e no rio Aracatimirim, região localizada no Aldeamento Tremembé de Almofala, no município de Itarema, no estado do Ceará.

Capítulo I

A PESCA TRADICIONAL TREMEMBÉ

A pesca tradicional dos Tremembé é conhecida como pesca artesanal e vem sendo praticada ao longo do tempo pelos antepassados deste povo que sempre viveram nesta região costeira.

O povo sempre utilizou as pescarias no mar, no rio Aracatimirim e nas lagoas da região, na busca da alimentação de subsistência, contribuindo, de forma considerável, para a sobrevivência.

Os Tremembé sempre tiveram uma relação de respeito com o mar, porque é dele que vem parte da proteína animal da sua alimentação no sustento da população. Assim, busca-se ensinar nas escolas indígenas diferenciadas a preservação do ambiente marinho, costeiro e estuarino como forma da continuação desta história.

A atividade pesqueira tem uma grande importância para o povo Tremembé, porque os índios são pescadores natos, tendo grande aptidão para o mar, tendo orgulho disto. Pescam com amor e prazer, sendo o pescado um componente importante na alimentação familiar.

Segundo o Trival, antigamente a pesca era feita na costa com jangada, construída da raiz de timbaúba, de mulungu ou de piúba. “Os nossos antepassados pescavam nesses tipos de embarcações. Nesta época a pesca da lagosta era realizada com o jereré. Só depois apareceram as lanchas”.

O jereré era uma armadilha para pegar a lagosta, com o formato de um landuá de antigamente (Figura 26). Era feito com um círculo de arame com a rede tecida de fios de seda. Esta armadilha foi inicialmente utilizada quando a lagosta ainda não tinha importância econômica de relevância.

Relata ainda que antigamente existia muita fartura de peixe, tais como a pescada, goloza, biquara, cangulo, parum, serra, cavala e outros, que eram trocados por farinha. Trival lembra que, se alguém fosse comprar peixe na beira da praia, não era no peso, se separava uma parte de peixe e cobrava.

O mar da região, chamado mar de Almofala, é rico em pescado, que é capturado através de diversos tipos de armadilha de pesca tais como anzol, rede de emalhar, curral e a marambaia, utilizados para captura dos peixes e o manzuá, para a pesca da lagosta.

O anzol é uma armadilha de pesca utilizada no mar e no rio para a pescaria de peixes, com variações do tamanho do anzol, espessura da linha e peso da chumbada, sendo apropriado para a captura de cada tipo de peixe.

O manzuá é uma armadilha de pesca utilizada no mar para pegar, principalmente, lagosta e, às vezes, pode capturar peixe, sendo o alvo principal a lagosta vermelha ou verde. Atualmente, é a única arte de pesca permitida pela legislação brasileira que é fiscalizado pelo Ibama.

A pesca de subsistência no rio Aracatimirim também é de grande importância, principalmente para os Tremembé do lado da Mata, situada na margem direita do rio, sendo considerado “pai e mãe” desta população.

Nesta região encontram-se as localidades de Varjota e Tapera. Para a população da Varjota, o rio é conhecido e chamado como lagamar, por causa dos alagadiços. O local para a população da Tapera é conhecido e chamado de rio, porque tem os canais que são divididos pelo mangue, por onde corre o rio, e não tem o alagadiço. É também um lugar muito rico de peixes e crustáceos, bastante utilizado para a pesca.

Na margem esquerda do rio Aracatimirim, tem as localidades de Saquinho, Lameirão e Curral do Peixe, que fazem

parte da Região da Praia, que o conhecem também como rio e dele se sustentam.

A atividade de pesca no Aracatimirim também é considerada uma fonte de renda para as famílias Tremembé, porque muitas destas só vivem da pesca e estão conseguindo manter seus filhos com o que eles precisam.

Contam os entrevistados mais antigos que as primeiras jangadas que foram utilizadas na praia de Almofala eram feitas de raiz de timbaubeira e do mulungu (Figura 2). Por um bom tempo eram pregadas com torno feito de pau ferro. Depois surgiu a jangada feita de piúba, que era um rolo de pau bem grosso, madeira que vinha de fora (Figura 3).

O cacique João Venâncio relata que pescou numa jangada de timbaúba que era pequena, mal cabendo duas pessoas, mas foi nela que aprendeu a pescar e a governar com seu parente Zé Isabel.

Figura 2 – Árvore do mulungu, *(Erytrina velutina)* usada antigamente na construção de jangadas.

Figura 3 - Miniatura da jangada de piúba e exemplar da jangada de raiz da timbaúba no litoral de Paracuru-CE (Fotos: Miguel S. C. Braga).

Relata que as estruturas das jangadas mudaram do mulunguzeiro para piúba que era a madeira de fora, vinda do Pará. Houve época que as jangadas eram feitas de timbaúba, complementando com a piúba. As outras jangadinhas, feitas da raiz da timbaúba, acabaram-se e passaram para piúba. Com o passar do tempo, começaram a aparecer as canoas pequenas, conhecidas como boca aberta e que foram aumentando em quantidade.

João Venâncio conta que da jangada de piúba passaram para as jangadas de tábuas, forradas com isopor. Estas jangadas maiores a que faz referência, são as jangadas de tábuas que se difundiram no Ceará partindo da capital, conforme descreve Castro Silva (2004). Nos anos 1940, a jangada de tábua foi introduzida no Rio Grande do Norte e, logo em seguida, se espalhou por quase todo o Nordeste em substituição à antiga jangada de piúba.

No Ceará, Araújo (1995) e Silvino (2007) esclarecem que as primeiras jangadas de tábuas tiveram origem por volta de 1944, na localidade de Iguape, município de Cascavel, invenção e construção do Pocidonio Soares, que fez a primeira jangada de tábua no Ceará.

João Venâncio diz que nesta época foi quando começou o processo de construção das canoas de boca aberta. Eles também fizeram canoas de meio convés, meio convés na popa e na proa. Com o decorrer do tempo, foram surgindo os botes, mas quando começaram a surgir os botes, todos cobertos por cima da boca de escotilha, começaram a fazer o convés nas canoas também, aí fechavam só meia boca, trazia da popa até o meio e ficava só a boca. Depois passaram a fechar, e começaram a fazer boca de escotilha, e até hoje este processo ocorre. Afirma que ainda tem canoas, mas é muito difícil ver canoas de boca aberta aqui na região de Itarema (Figura 4).

Com o grande sucesso da pesca da lagosta no estado do Ceará, surgiram os botes a motor, as lanchas (a motor) e daí por diante. Também passaram a existir vários modos de pescar. Estes modos de pescar passaram por muitas modificações e acompanharam a evolução das embarcações nesta

ordem: jangada de timbaúba, jangada de timbaúba misturada com piúba, jangada de piúba, jangada de tábua, bote, lancha comando na proa, botes a motor e lancha a motor.

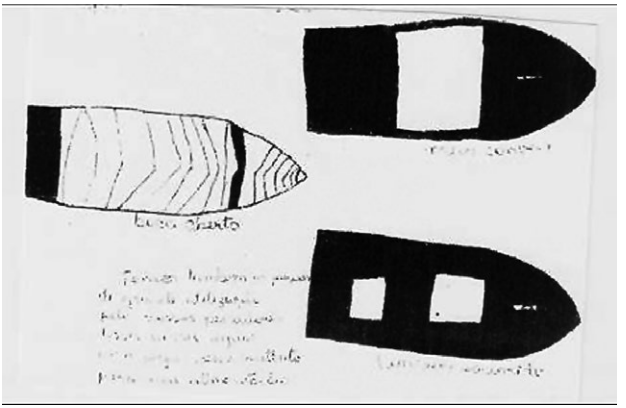


Figura 4 - Representação em desenho da canoa boca aberta, canoa meio convés e canoa convés corrido. (Ilustrações: João Marques do Nascimento).

O cacique diz que, no município de Itarema, atualmente, não existem mais a jangada de timbaúba nem a de piúba, só existindo jangada de tábuas, botes com comando na proa, botes a motor e as lanchas. Já em relação à jangada, Oliveira Júnior (2006) considera que, com a ascensão da pesca com linha de nylon no mar de fora, os índios Tremembé de Almofala substituíram paulatinamente as pequenas embarcações construídas por eles próprios por jangadas maiores, que eram adquiridas em outras localidades, inclusive Fortaleza.

Castro Silva (2004), afirma que hoje não mais existem jangadas de piúba no litoral do estado do Ceará, embora informação pessoal de Miguel Sávio de C. Braga, constate a existência pontual de alguns poucos paquetes construídos com a raiz da timbaúba (*Enterolobium contortisiliquum*) nas praias da Pedra Rachada e do Kaka, no município de Paracuru, últimos remanescentes para demonstrarem como a tradição pesqueira e a transição das modificações são prolongadas.

Desta forma, deu-se a evolução pesqueira do povo Tremembé que parece ser muito similar a toda a pesca artesanal do litoral de Itarema e municípios vizinhos.

Capítulo II

O PESCADOR TREMEMBÉ

"A vida no mar exige muito sacrifício do pescador, que passa grande parte do tempo de sua vida nas pescarias em alto mar". Assim Zé Biinha define a atividade pesqueira, vivenciada por ele ao longo de 56 anos, e que ainda hoje pesca nas proximidades da costa, local chamado por ele de cascalho.

No Manual do Pescador (MITS, 2009) descreve-se como sendo as principais características de um bom pescador: ter vocação para o mar, que surge quando se é ainda criança; ter coragem para enfrentar os perigos do mar; conhecer os tipos de embarcações; saber manuseá-las; conhecer os tipos de ventos e saber utilizá-los na prática da navegação; ter vontade de pescar e conhecer os tipos de pescarias.

Na constante rotina de pescarias, o pescador se depara com os perigos do mar, num jogo de vida e morte descrito por Gerson Jr. como segue:

> As viagens de pesca apresentam desafios nos quais o conhecimento e a perícia dos pescadores Tremembé são constantemente postos à prova. Seja no inverno, com calmarias, ou no verão, com as tormentas do vento leste, seja durante a noite, quando existe o risco de serem colhidos por um navio cargueiro, seja nos confrontos travados com um peixe feroz como o tubarão, enfim,

> quando se deparam cotidianamente com os perigos do mar. Os pescadores desenvolvem uma convivência diária com o perigo. As embarcações de madeira são vulneráveis às oscilações dos fenômenos atmosféricos e à fúria do mar. No ritmo das vagas, insinua-se um jogo de vida e morte (GERSON JR., 2006, p. 78).

Gerson Jr. (2006), ainda ressalta que, sendo conhecedores da realidade, dos perigos do mar e de seus limites, não descartam de, nesta relação que envolve enorme leque de possibilidades, estar presente a sensação de não retornarem mais para terra.

A vontade de enfrentar o mar e a primeira ida acontece quando ainda são crianças, o que constituía a base para o pescador, como seguem o relato de João Venâncio:

> Eu não tinha vocação pra estudar. Minha vocação era o mar. Quando eu era menino, ia para a praia com a mamãe, e via aqueles jangadeiros com aquelas sacas de peixe ou enfieira, e achava muito bonito. Minha vocação era ser um pescador, possuir minha jangada, que pudesse ir pro mar, que chegasse com uma saca de peixe ou enfieira, fazer aquela negociação que eu via os outros pescadores fazer, isso para mim era tudo na vida".
> Sempre pesquei com o que era meu, com a minha autonomia. Comecei a pescar com oito anos de idade, já sustentava a casa. Quando chegava na costa, rolava o paquete, o mestre tirava o peixe dele, ele mesmo partia o peixe, tirava a metade pra ele e vendia a outra metade. Eu trazia pra casa aquele dinheiro que ele me dava. Chegava em casa e dava todinho pra mamãe (JOÃO VENÂNCIO – cacique Tremembé).

João Filho conta seus primeiros passos no aprendizado no mar.

> Eu tinha cinco anos quando comecei a pescar, ia mais o João Velho, ele me levava muito pros currais. Ele me levava pras caçoeiras, era só eu e ele, aí fui aprendendo as coisas, primeiro de curral, depois de caçoeira, depois de linha,

Zé Biinha diz:

> É um sonho. Eu tinha tanta vontade de pescar que eu sonhava de noite. Quando nós viemos embora pra cá,

> eu sou da Varjota, eu botei minha vontade pra frente. Ao meu padrinho Chico Laurindo, eu disse que tinha vontade de pescar no mar, aí ele falou com os vaqueiros do finado Salustiano. A primeira vez que eu fui pro mar, era tão perto o curral , que a canoa não tinha nem pano. Não achei muito bom não, que a minha vontade era pescar de linha. Aí ele foi e arrumou, falou com o Antônio Bom pra me levar, aí eu fiquei pescando numa canoinha, que era chamada de "Touro", que parecia um cocho de aparar massa. Aí eu pesquei um tempo com o Antônio. Depois eu arrumei um canto mais o João Pelonha, numa jangada de raiz de timbaúba. Aí eu fui pescar mais o Lico, depois comecei a pescar de manzuá com o compadre Nicanor. Eu acho que tinha uns onze a doze anos, quando comecei a pescar. E ainda não abandonei a pesca não, ainda pesco um pouco, aqui mais por perto, nos cascalhos.

João Filho faz parte dos pescadores Tremembé mais jovens, é mestre de embarcações a vela e a motor e faz comparação entre os pescadores antigos e os atuais dizendo que

> antigamente, o pescador era mais valente, naquela época tinha mais fartura, você vinha aqui, pescava um peixe, o pescador não tinha preguiça. Hoje em dia, tem a questão deste tipo de globalização, a tecnologia tá mais avançada, o pescador hoje às vezes não quer mais sair de casa pra não perder um filme, uma novela. Os de antigamente, ia para o mar todo dia, não tinha preguiça, era o meio de vida deles, era o ramo deles, eles eram mais valentes, pelo gosto deles ia para o mar todo dia e enfrentavam o vento e a chuva. Hoje o pescador quer se esconder na cabine pra não tomar chuva.

A opinião de João Filho, no que se refere ao tempo de pescaria no mar e o conhecimento necessário para o melhor desenvolvimento da atividade, é que

> tem muito pescador que só pesca de ir e vir, todo dia tá em casa, não quer passar muito tempo fora de casa. Tem pescador que não sabe o que é um vento, não sabe a direção do vento. Que se perder a terra de vista, se ariar (se desorientar) no mar, ele perde o rumo, não sabe voltar mais. Reforça dizendo que o pescador de antigamente sabia a

> direção do vento, tinha mais ou menos a base, hoje em dia ele vai mais pelo que ele quer ganhar, não é mais pelo aprendizado. O pescador de antigamente em qualquer situação, ele sabia o que fazer, não se apavorava.

Nesta época o desconforto e as condições de trabalho eram penosas e bem mais sacrificadas, como segue o relato de Zé Biinha:

> Quando eu comecei a pescar mais lá pra fora, mais o compadre Nicanor, mais o Lico, no começo nem uma saca (surrão de palha) pra gente dormir em cima não tinha, a gente dormia na tábua, mesmo. O travesseiro era em cima de uma saca de lenha, o fogão que a gente cozinhava era de lata de querosene, a gente levava a lenha e a busca de coco pra fazer o fogo. Esse era o nosso fogo. E também a gente usava o sal, pegava o peixe, salgava e trazia salgado porque não tinha gelo. Na hora da gente comer, fazia um pirão na cuia que era usada pra esgotar a canoa, ninguém tinha bacia, não. A colher era um pau de lenha, com ele a gente mexia o pirão, e aí cada qual metia a mão dentro, e se tirava o peixe da panela com a mão. A gente passava de três, quatro dias no mar e a roupa que a gente saía com ela, era a mesma que voltava.

Estas condições relatadas passaram por modificações que sugerem melhoras como afirma Zé Biinha: "Hoje, a gente vai pro mar e pra cada um pescador que vai na embarcação tem uma bacia e uma colher e levam uma bolsinha com sua roupa."

A respeito das inovações tecnológicas, como o uso do GPS (sistema de posicionamento global), que facilitam a navegação e permitem localizar com grande precisão as áreas pesqueiras mais produtivas, inserido em muitas praias do Ceará, em todos os tipos de embarcações (BRAGA, 2010), e que já chegaram a Almofala, onde o sistema de localização tradicional no mar está se perdendo. Assim se refere João Filho: "hoje em dia, o pescador trabalha mais com GPS, não quer saber mais dos pontos de terra, os caminhos de saída e de chegada".

Capítulo III

A PESCA NO MAR

Zé Biinha explica a diferença entre o porto de Torrões e de Almofala:

> um porto que não tem barra, como o de Almofala, você sai na hora que quiser, já o porto que tem barra, como o de Torrões, você tem que sair de acordo com a maré, ela tem que estar cheia, senão não sai. Diz que em Almofala se sai às quatro horas da manhã, para dar tempo de pescar, quanto mais cedo sair, melhor, se quiser voltar no mesmo dia, dependendo da distância. Tem pescaria que fica mais perto, tem outras que ficam mais longe.

Os entrevistados afirmam que, no mar de Almofala, atualmente, a pesca acontece com uso do manzuá, da linha de mão, da caçoeira para peixe, de rede de emalhar, boieira e de fundo e pescaria de currais. As embarcações utilizadas são: jangada, paquete, canoa, bote a vela e bote a motor.

Em Almofala os principais tipos de pesca mais utilizados são a linha de mão, curral, manzuá e a rede de arrasto.

A pesca de rede caçoeira para lagosta é proibida pelo Ibama, porque destrói todo o cascalho onde a lagosta se alimenta e também porque pega a lagosta grande e a miúda conforme diz Trival e outros entrevistados, que também é do conhecimento dos pescadores de Almofala.

Antigamente, a armadilha para pescar lagosta era o jereré, que era feito com fio de seda; este tipo de pescaria era feita com jangada.

Estevão Henrique diz que depois dos manzuás, inventaram a rede de arrasto, feita de fio de seda, que hoje é feita de nylon. Este tipo de rede é proibida pela Ibama, porque ela destrói o cascalho e pega a lagosta grande e a miúda.

A rede de arrasto a que se refere Estevão Henrique, trata-se da rede caçoeira para lagosta, arte de pesca que fica disposta no fundo marinho e emalha a lagosta quando tenta transpô-la ou é atraída pela isca. É um apetrecho de pesca proibido, tanto as confeccionadas de nylon mole ou seda multifilamento (azul) como as de nylon duro, monofilamento, o mesmo usado nas linhas de pesca.

Ainda, segundo Estevão Henrique, quando só se pescava de jereré e manzuá não tinha esta perseguição do Ibama em alto mar, porque os pescadores Tremembé só pescavam o suficiente para se manter, e hoje tem muita ambição dos empresários de barco. Atualmente, no Ceará, a maioria dos pescadores pesca lagostas em embarcação a motor, por isso que está a briga do Ibama com os pescadores, porque pegam a lagosta miúda e o samango.

3.1 EMBARCAÇÕES

Em referência às primeiras embarcações da localidade, Zé Biinha diz que, de seu conhecimento, era canoa, jangada de raiz de timbaúba, e bote, e prossegue:

> para nós aqui era difícil navegação a motor. No nosso porto começou a aparecer a do pessoal de fora. Depois foi que a negada começou a fazer jangada de tábua com isopor, porque a jangada de timbaúba se destiorava mais cedo, apodrecia. Mas agora, tem de tudo, tem o barco, tem a lancha, tem o bote a motor, tem o bote a pano, a jangada e canoa. Antes de eu começar a pescar, apareceu uma jangada de piúba, essas daí também eram de fora, vieram pescar lagosta de jereré, mas foi pouco tempo, aí ficou só o nosso, que a gente usa aqui.

João Venâncio relata como evoluíram no tempo as velas das embarcações: os panos das embarcações de antigamente eram feitos de saco de açúcar, que eles compravam na bodega, as cordas eram feitas de manilha, pois não tinha nada de nylon, e quando não tinha cabo de manilha, compravam fios e faziam as cordas nos carretéis. O processo de união do pano às cordas era chamado de palomba.

Diz ainda que, com o passar do tempo, apareceu o murim, que era um pano comprado na bodega, depois passou para o algodãozinho, daí passou pra lona, da lona passou pro tergal, adaptaram-se ao tergal, por ser mais fino e secar mais ligeiro. Ele dura mais. A lona é mais grossa, custa mais a enxugar e acaba mais ligeiro. Havia três espécies de murim: o do bom, o do meio, e o mais ruim. Naquela época não existia tinta, as embarcações eram pintadas com piche. Depois surgiram as tintas a óleo, tinta envenenada, e agora estão utilizando resina para depois passar a tinta por cima.

João Venâncio explica como eram confeccionados e utilizados os tradicionais sistemas de ancoragem, como segue:

> a fateixa era feita com dois paus, feito em cruz, furava um buraco nas pontas, metia um pau em cada furo e colocava uma pedra dentro e fechava. A fateixa, para poder segurar o barco, ela precisa de quatro ganchos; onde você arriar ela segurar. O tuaçu, que era uma pedra, colocava o cabresto nele para pescar de arrastão, vai arrastando aos poucos, de acordo com a posição, ele vai arrastando ligeiro, de galope, de pé de galo, de carreirão, você é quem controla (Figura 5).

Figura 5 - Na foto da esquerda vê-se a fateixa e na foto da direita o tuaçu.
(Fotos: Miguel S. C. Braga).

3.2 CONSTRUÇÃO DAS JANGADAS

As jangadas tradicionais são descritas no aspecto construtivo por Zé Biinha como

> primeiro arrancava a raiz e descascava ela e botava pra secar, só fazia a jangada depois que ela estava bem maneira. Depois que a raiz secava era que eles iam fazer. A jangada de raiz de timbaúba era feita com os espeques de pau, atravessando as raízes de uma pra outra, em vez de ser de prego. Botava uma encostada na outra, aí metia aqueles espeques de pau, aqueles espetos, aí metia de uma pra outra, atravessava ela, trespassava de uma pra outra e ia enchendo até fazer a jangada" (Figura 6).

Figura 6 - Paquete de timbaúba do litoral do município de Paracuru- CE.
Foto: Miguel S. C. Braga.

Zé Biinha diz que o material para a construção destas embarcações, por ser escasso na região, passou a ser adquirido das formas como descreve:

> por aqui tinha timbaúba, mas era pouco. Teve gente que trouxe timbaúba de lá das bandas da Mãe Cosma. Toda jangada era de timbaúba, então quem tinha um pé dela, a negada comprava a raiz. E aí o Jorge Impolte achou que dava uma renda e plantou um bocado de pé de timbaubeira. E tinha mais gente que plantava, porque viram que dava renda. Mas a renda que dava foi pouco tempo, que a negada inventou de fazer jangada de tábua e quem tinha seus pés de timbaubeira ficou sem serventia. A timbaubeira é um pé de pau que toma muito espaço na terra, aí eles tão arrancando, porque a raiz é muito grossa, e se espalha muito.

Era da raiz da timbaubeira que se confeccionava os paquetes.

Figura 7 – Árvore da Timbaúba (*Enterolobium contortisiliquum*) 1) Árvore; 2) Tronco; 3) Raiz; 4) Folhas e Sementes. Foto: Miguel S. C. Braga.

A jangada de tábuas era feita de tábuas e isopor. Primeiro fazia as laterais, depois faziam as cavernas dentro, cobriam por cima com tábuas e emborcavam, jogavam o isopor dentro, depois cobriam com madeira por baixo, foi como João Filho descreveu a sua construção (Figura 8).

Figura 8 - Paquete forrado de isopor da praia de Almofala-CE.

3.3 CONSTRUÇÃO DA CANOA

Segundo os entrevistados afirmaram, antigamente a canoa aberta era mais usada por ser utilizada na pescaria de currais. O outro tipo é a canoa meio convés ou meia laranja, que são duas partes fechadas e aberta no meio conforme já visualizado na Figura 4.

João Filho diz que ainda tem as canoas, mas é muito difícil ver canoas de boca aberta. “A tradicional de antes acabou, hoje não existe mais”. Esta afirmação se refere à localidade Tremembé, pois no próprio litoral oeste, é grande a quantidade de canoas que predominam e que se caracterizam

principalmente por serem abertas, segundo Ibama (2005) e Castro e Silva (2004), sendo, inclusive, o tipo de embarcação com maior participação em número no litoral oeste.

3.4 CONSTRUÇÃO DO BOTE

De acordo com o relato de João Filho:

> o bote era a pano, era todo aberto. Chegou uma época que eles fecharam, tinha a caixa, eles criaram um jeito de armazenar os peixes, fizeram um tipo de caixa para armazenar os peixes e guardar o material que levavam, pensando em quantos dias iam passar no mar. Este é o chamado bote meia laranja. Com o passar do tempo, vieram as embarcações a motor, do mesmo jeito do bote, só que eles iam mudando, fazendo uma casinha pra colocar o motor, assim não precisava de pano. Na atualidade existe mais embarcação a motor do que embarcação a pano (Figura 10).

A caixa a que João Filho se refere, trata-se da caixa isotérmica que tem a finalidade de fazer a conservação do pescado no gelo.

Figura 9 - Bote a pano na praia de Almofala-CE.

Figura 10 – Bote a motor na praia de Almofala-CE.

Figura 11 – Lancha a motor no porto de Torrões, Almofala-CE.

3.5 TIPOS DE PESCARIA

3.5.1 A PESCA DA LAGOSTA COM REDE

Segundo João Filho, a pesca da lagosta de antigamente era feita no bote a pano, não existia bote a motor. Eles usavam mais ou menos dez mangas de rede, que mediam cem metros cada uma. Eram emendadas umas às outras, ficando só um "tirão" (estirão) no fundo do mar. Eles arriavam o material a tarde e na manhã do outro dia iam só puxando o material. No início, levavam de dez a quinze fileiras, mas depois da chegada dos botes a motor, começaram com vinte, trinta fileiras em cada embarcação.

Hoje este tipo de pescaria não é mais permitido pela legislação pesqueira vigente e é fiscalizado pelo Ibama, só se podendo pescar lagosta com manzuá (MMA-Ibama, 2005).

4.5.2 A PESCA DA LAGOSTA COM MANZUÁ

João Venâncio diz que

> a pesca da lagosta começou com o jereré, passou para o manzuá, do manzuá passou pra rede e da rede voltou para o manzuá novamente. Diz que o manzuá era feito de vara, amarrado com cipó, depois mudaram para o arame. O manzuá de antigamente, o formato dele era igual ao de hoje, só que o de madeira não fazia muito ângulo, e o de hoje, como é de arame, faz muito ângulo, muito canto. O manzuá de madeira, os cantos dele ficam um pouco arredondados. Para fazer um manzuá, precisa de vários paus, sendo utilizada madeira de marmeleiro. (Figura 12).

João Venâncio explica que a quantidade de manzuás depende do tamanho da embarcação. "Umas pegam cento e cinquenta de uma vez, e há outras que pegam trezentos manzuás. As embarcações maiores pegam dois mil e quinhentos manzuás."

A pesca da lagosta com manzuá é descrita da seguinte maneira por João Filho:

> antigamente, mediam vinte braças de um manzuá para outro. Hoje se mede dez braças de um manzuá para outro, numa fileira com dez manzuás. Na frente, fica uma garateia, e atrás fica outra, cada uma com uma puxadeira e arinques. De manhã eles vão puxar, pois pode ser despescado com 24 horas. Se estiver dando muita lagosta, eles arriam no mesmo canto, quando não está dando nada, eles se mudam. Eles dormem perto do material. É um serviço perigoso para arriar, porque é o barco correndo a cinco ou seis milhas.

Em seu depoimento, Trival acrescenta que para fixar o manzuá no fundo do mar, no interior de cada manzuá se coloca uma pedra com peso de mais ou menos 2 quilos. Diz que a tripulação das embarcações a motor é composta por 8 pessoas, sendo o mestre, o motorista, o iscador, o cangalheiro, o contra mestre, o geleiro, um cozinheiro e o tirador da lagosta.

Em resumo, definem o manzuá como tendo o formato quadrado sendo feito de madeira de marmeleiro. Por fora é revestido de arame número 18. A boca é feita com malhas de fio de seda. É construído amarrando-se os pedaços de madeira nas pontas, depois tecendo a esteira. O tamanho da malha é mais ou menos na base de quatro dedos da mão para pegar as lagostas grandes e tem uma boca triangular, para entrada da lagosta ou peixes.

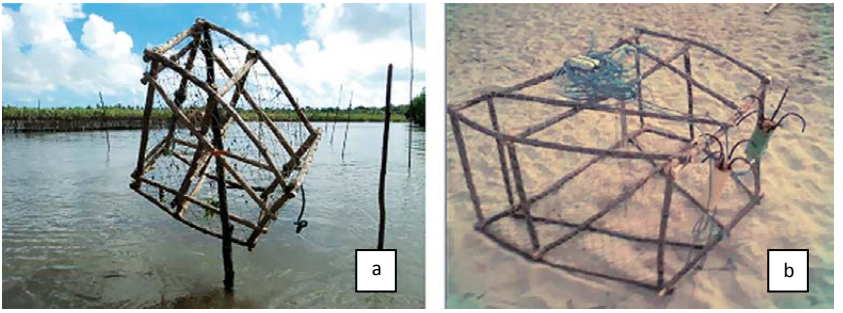


Figura 12 - Manzuá para a pesca da lagosta.
Foto (b): Tibico Brasil – R. Salles, 2011.

4.5.3 A PESCA DE LINHA DE MÃO

João Venâncio diz que, quando começou a pescar, era com linha de mão, feita de fio de algodão, que era torcido no carretel, e para ficar forte passava a linha na folha do cajueiro brabo ou do mangue. Atualmente, só são usadas as linhas de nylon, facilmente encontradas nos comércios em variadas espessuras.

Com a linha de mão se pesca todos os tipos de peixe, dependendo dos tipos de linha e anzol, porque, para cada tipo de peixe, existe o tamanho do anzol e o tipo de linha. "Pegar peixe não é pra todo mundo", diz João Filho.

Zé Biinha diz que de linha se pega o cangulo, a biquara, a guaiúba, a cavala, o serra, o bonito, a garajuba, o parum, a guaraximbrora. Os peixes menores, pega com anzol 9,10 e 11. A cavala que é maior, se pega com o anzol 3, 4 e 5. Com anzol 7 e 8 pega o pargo, quando tinha. A sardinha a gente pega no anzol 12 e 13. Pega sardinha também sem isca, só que o anzol bem miudinho na rocega, que é o mesmo espinhel e complementa: "com o anzol bem novinho, ele relampeia na água e atrai e pega a sardinha quando fica balançando".

O peso da chumbada da linha de pesca, João Filho fala que, dependendo da maré, bota um peso de 250 gramas, se ela estiver correndo. Se não estiver correndo, bota um peso de 20 gramas.

Zé Biinha relata que, na época que se podia pescar tartaruga, se fazia da seguinte forma: "a aruanã, a gente pegava ela de linha também, pegava de caçoeira e de linha, eu já peguei; usava anzol 0 ou 1. Quando tinha muita aruanã, a negrada mandava fazer anzol no ferreiro. Botava a chumbada e acima dela o anzol. A aruanã ia escorregando na linha até se fincar no anzol, por debaixo da aba dela. A gente sentia quando ela estava escorregando na linha." A pesca da tartaruga marinha é proibida por lei federal e a região de Almofala, por ser área de alimentação, conta com uma unidade do projeto TAMAR desde 1992, que promove à conscientização e monitoramento.

Estevão Henrique, referindo-se à captura de tubarões com linha de mão, diz que existe um momento para pegar tintureira, também conhecida como travessa, que se pega com anzol nº. 4.

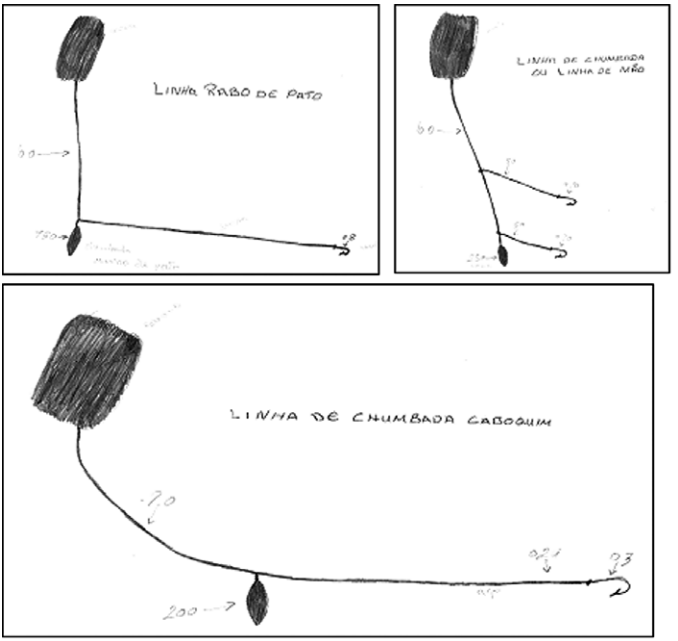


Figura 13 - Desenhos dos tipos de linhas de pesca utilizadas nas pescarias de linhas de mão em Almofala-CE. Ilustrações: João M. do Nascimento.

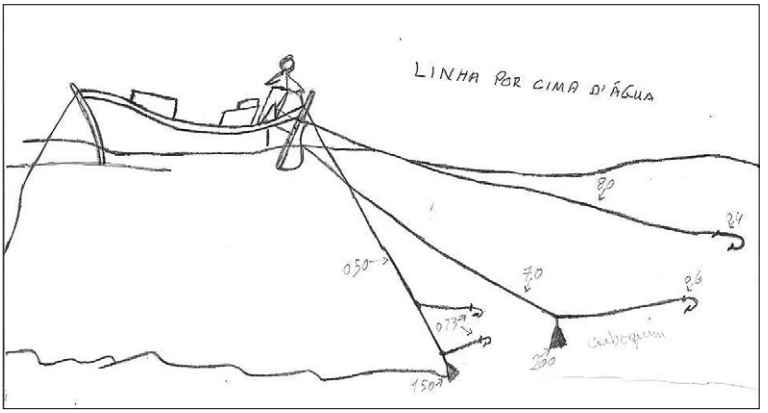


Figura 14 - Desenho da utilização dos diversos tipos de linhas de pesca no mar. Ilustração: João M. do Nascimento.

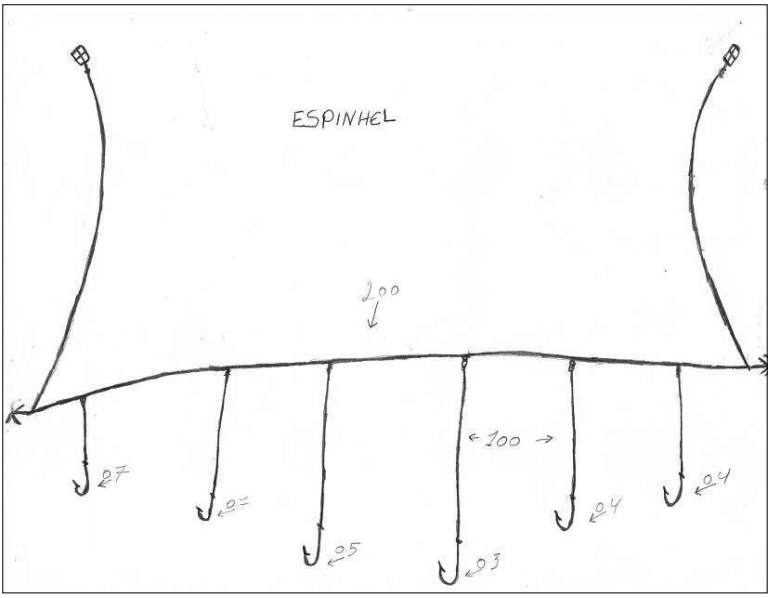


Figura 15 - Espinhel de fundo para a pesca de peixes.
Ilustração: João M. do Nascimento.

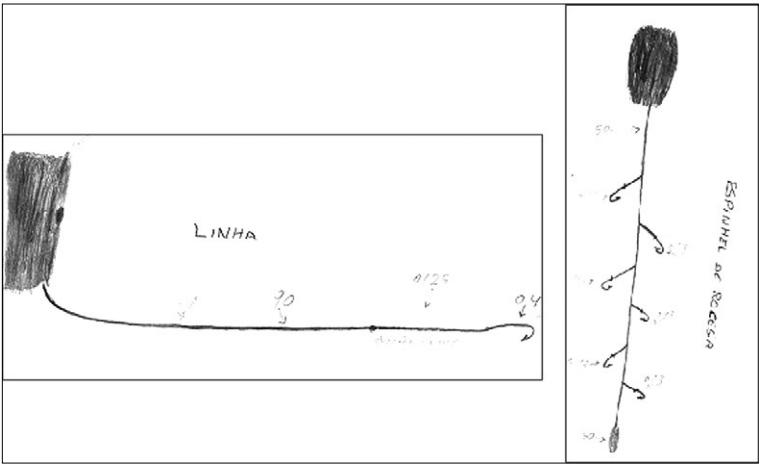


Figura 16 - Tipos de linhas utilizadas na pesca de mão: a da esquerda pesca de superfície e a da direita, a rocega, para pesca da sardinha.
Ilustrações: João M. do Nascimento.

4.5.4 A PESCA COM REDE DE EMALHAR

A pesca de rede é muito utilizada na captura de peixes (Figura 17) e, conforme Zé Biinha, são classificadas de rede boieira e de fundo conforme segue:

"A pesca de rede, ela tem as duas posições, tem a rede boieira, que é o arrastão e tem a rede caçoeira, que a gente bota, a garateia segura a rede e segura a boia, a rede vai ficar embaixo."

Zé Biinha ainda explica como a rede funciona e se fixa no fundo marinho e os aspectos de feitio ideais para a pesca: "da garateia sai uma corda para a rede e outra para boia, a garateia segura a rede e segura a boia, porque a rede vai ficar embaixo, você não vê ela, você vai puxar ela pela boia." Pelas explicações acima, para a despesca, primeiro se pega a boia, depois pelo cabo da boia se puxa a garateia onde está fixa a corda da rede.

Figura 17 - Redes de emalhar ou malhadeira (à esquerda) e espessura do nylon e tamanho de malha (à direita). Fotos: Miguel S. C. Braga.

João Filho acrescenta que, para a confecção da rede, alguns compravam material de fábrica, outras pessoas tecem mesmo na mão, comprando só o nylon. Explica o feitio da malha:

> primeiro se enche as agulhas com o nylon, iniciando a construção da rede pelas cabeceiras; depois de feita a rede nas dimensões desejadas, se coloca o bordão, chamado o nylon grosso, que é a corda de baixo e a corda de

> cima, que serve para o entralhe; e depois de feito o entralhe, se coloca o chumbo no entralhe de baixo, tudo dentro da medida. E a última corda que entralha é a de cima onde ficam as boias da rede.

Zé Biinha complementa quando fala que

> a rede a gente faz ela do tamanho que a gente quer, né? Se ela ficar muito pesada, ela fica ruim de peixe, o mar não vai ficar mexendo, tem que ficar a maré tangendo ela. Ela tem na base de uns dois a três quilos de chumbada, com uma distância na base de meio metro de um chumbo para o outro.

Toda técnica tem base no conhecimento empírico e na prática da pesca.

4.5.5 A PESCA DE CURRAL

Os relatos apontam que a pesca com currais em Almofala era importante, tendo uns vinte currais (Figura 18).

Figura 18 - Curral de pesca em Almofala-CE.
Foto: Marcos Guilherme.

Atualmente, só existem seis currais em atividade na região de Itarema e se localizam em Almofala. Tem quatro currais na praia da Tijuca, de propriedade do José Beija, e dois na praia de Almofala, pertencente ao Anchieta.

Estevão Henrique detalha que, para a construção do curral,

> primeiro tira uma quantidade de mourão, enfinca um mourão mestre e corre a linha, finca dois mourões de encostamento para fazer o bico do chiqueiro. Faz um de barravento e um de saltavento (sotavento), puxa pra salinha, faz meia marca da salinha com o chiqueiro, puxa outra meia marca para o outro bico da salinha, corre a linha para o mourão mestre e para a salinha. A salinha se faz de barravento e de saltavento (sotavento). Depois que ele está muruado, tece-se o arame. Depois do arame tecido, especa, colocando seis paus em cada espia, depois cinta o chiqueiro, salinha e os bicos, e por último coloca-se o arame.

Estevão Henrique explica como acontece a captura do peixe, que se inicia quando ele entra no curral:

> o peixe corre na espia do curral, entra na sala grande, vai para a salinha e vai para o chiqueiro. Depois que o peixe está dentro do chiqueiro, coloca-se a rede, laça os peixes, depois puxa pra cima da canoa.

A despesca do curral é feita diariamente, durante a maré baixa diurna, quando os vaqueiros saem de terra para o curral. Sobre a rede e a forma de despesca assim se refere Estevão Henrique: "antigamente a rede para despesca de curral era feita de tucum, hoje é de fio de seda" e o Zé Biinha diz: "para despescar se precisa de dois homens de cada vez para passar o lanço. Quando eles acabam de passar o lanço, tem umas cordas que puxam a rede".

João Filho diz:

> quando o curral está pronto, tem que ter quatro vaqueiros, dois ajudantes, um canoeiro e o lambe tábua, este último só pra ajudar. O curral tem que tá limpo.

> Chega lá, a gente bota a rede dentro do curral, fica um na boca com a rede em cima na ponta do cambão em cima, e o outro vai mergulhando com a outra ponta na mão. Lá onde ele deixar, desce outro no mergulho e pega o cambão, quando sobe desce outro, quando aquele perde o fôlego, aí desce outro até quando chegar ao bico. Aí desce um pra fazer o bico. Tem uma corda que ele puxa em baixo, pra encostar a rede, unir a rede, fazer o monte da rede, e em cima do mesmo jeito, quando chega é só fazer em cima e em baixo, aí é só puxar a corda. Aquele que esta lá embaixo tem que trazer a corda pra quem está lá em cima puxar.

João Venâncio diz que o curral de antigamente era muito diferente, pois

> os primeiros currais eram feitos com varas e cipó e o chiqueiro era feito só com varas linheiras. Nos currais antigos os amarrados eram feitos com cordas de tucum. Quando o cipó apodrecia com o passar do tempo, dava um trabalho para limpar e montar outro. Os currais de hoje não tem mais nada de tradicional, porque com o correr do tempo, as varas foram trocadas pela malha de arame e todos os chiqueiros passaram a ser de arame. O arame durava quatro meses e hoje ele dura oito meses. Os currais não quebram por completo. A distância de um curral para o outro é de cento e cinquenta braças.

Um detalhe a ser lembrado é que a construção e toda a manutenção em currais de pesca tem que ser feitos durante o período de maré baixa e que tem manutenção constante, no que João Venâncio chama de "processo prolongado".

Hoje o peixe é ensacado na despesca do curral, vai para a pesqueira e de lá vai pra os carros para ser comercializado. Antigamente, os peixes eram colocados na praia e lá chegavam os compradores, que levavam para tratar e salgar, pois não tinha gelo. Depois de tratado, eles vendiam.

João Venâncio diz que no curral se captura sardinha, bonito, serra e outros peixes. A safra da sardinha é de maio a julho, às vezes dá uma marezada de bonito e de serra. O peixe que está mais difícil é o camurupim.

4.5.6 A PESCA DE MARAMBAIAS

"A pesca na marambaia é um processo mais maneiro. Hoje se pesca muito mais nas marambaias. Se você tiver uma marambaia, fica mais fácil de pescar, porque você tem um canto certo", diz João Venâncio.

Conceição et al. (1997), descreve que, no Ceará, as marambaias tradicionais tiveram sua origem e maior ocorrência em Almofala, município de Itarema, sendo confeccionadas originalmente por centenas de feixes de madeira de mangue, que trazem a forma piramidal (Figura 19).

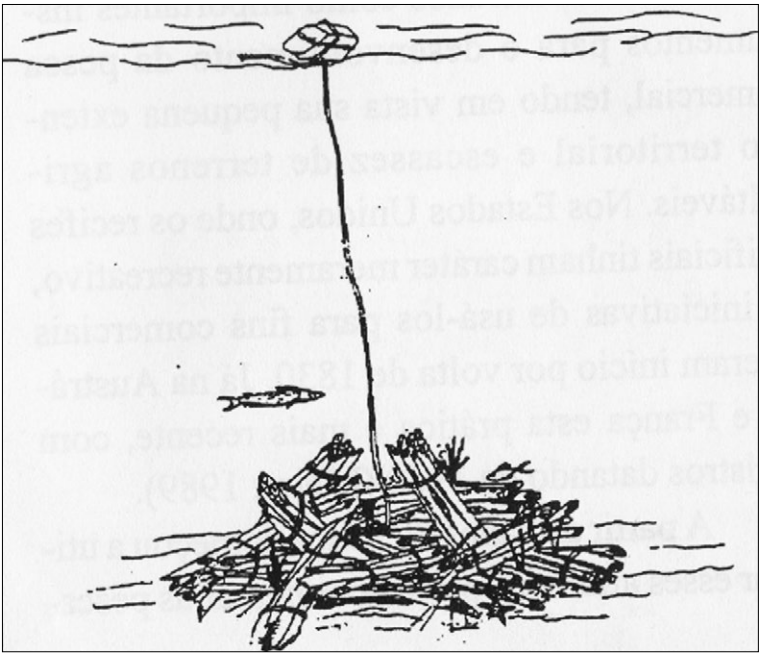


Figura 19 - Desenho esquemático de uma Marambaia feita com madeira de mangues. (CONCEIÇÃO et al. 1997).

João Venâncio diz que, no tempo dele, se usava madeira do mangue para a construção da marambaia, pois não havia a proibição e que ela era construída da seguinte maneira:

> se corta alguns paus e leva para fazer a marambaia. Quando chegava no local de colocar a marambaia, fundeava-se a embarcação, arriava os pedaços de pau, que se levava de cinquenta ou mais rolos de pau; arriava de dez a quinze paus por vez. Depois mergulhava, ajuntava a madeira, fazendo montes. Quando terminava, subia e arriava outros quinze paus, e assim por diante.

Zé Biinha conta que se amarrava os feixes, metia a corda num arrinco, fazia uma fateixa grande, ia se enfiando os molhos de madeira; no outro dia, botava mais e quando era com uma semana já podia ir lá pescar, que já tava cheia de peixe.

O funcionamento da marambaia no mar é explicado por João Venâncio da seguinte forma:

> a marambaia no mar é como se fosse a nossa casa no seco. Um peixe no mar quando vê uma sombra, ele engoda e ali vai aparecendo outros peixes e vão fazendo mais engodo. Os peixes miúdos fazem engodo para os peixes maiores.

Desta forma, segundo Estevão Henrique, "quando a madeira cria aristim, o peixe vem comer, porque a madeira solta um limo e o peixe fica encostado para comer."

Segundo os entrevistados, os peixes que dão mais nas marambaias são: parum, garajuba, guaraximbrora, arraia, serra, cavala, ariacó, bonito, sardinha e outros, espécies que coincidem com os capturados nas marambaias da praia da Baleia, em Itapipoca, na pesquisa realizada por Conceição et al. (1997) e Conceição (2003) .

João Venâncio complementa dizendo que tem a época da pescaria da cavala, que é de abril a maio. De agosto para frente, é a época da pesca de manzuá de peixe que são lançados próximos às marambaias.

As marambaias eram localizadas por marcações visuais tradicionais de caminho e assento, assim descritas pelo Zé Biinha:

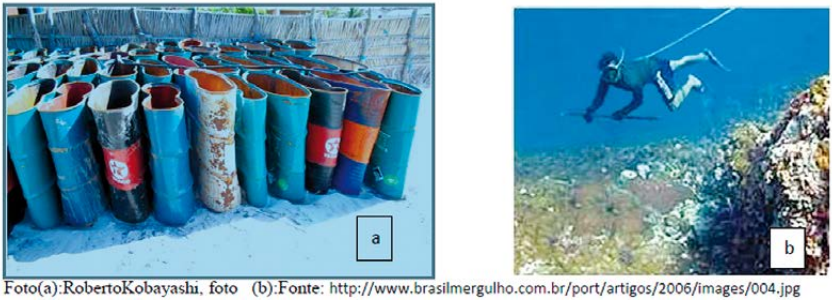
> a gente ia com a marcação por o seco, fazia o caminho daquela pescaria pelos coqueiros, os morro, às vezes com uma casa, uma moita e fazia a chegada também, pela terra. Hoje não tem mais essa de alguém marcar o

caminho de uma pescaria, é no GPS, no navegador, e reforça que toda embarcação agora tem um navegador.

João Filho diz que depois inventaram a marambaia com pneus, que era para pegar lagosta e que depois inventaram a marambaia de tambores de ferro, também para pegar lagosta (Figura 20a). E descreve: "amassam os tambores, depois amarram de dois tambores, deixando um local pra lagosta entrar e das tampas, eles fazem uma arapuca pra pegar lagosta."

Segundo Conceição et al. (1997), as marambaias de pneus foram desenvolvidas com criteriosa base científica para beneficiar a pesca artesanal com linha de mão (Figura 21). Posteriormente, foram desvirtuadas para a prática predatória da captura da lagosta, criando-se as marambaias de tambores.

Salienta-se que esta modalidade de pesca é proibida por dois motivos: primeiro por ser proibida a marambaia de tambores; segundo por ser proibida também a pesca de mergulho (Figura 20b). Como consequência ecológica existe a química que era transportada nos tambores cujos resíduos vão para o mar podendo causar contaminação.



Foto(a):RobertoKobayashi, foto (b):Fonte: http://www.brasilmergulho.com.br/port/artigos/2006/images/004.jpg

Figura 20 – Tambores de ferro utilizados na confecção de marambaias "a" e mergulhador utilizando-se de compressor para a captura ilegal da lagosta. "b"

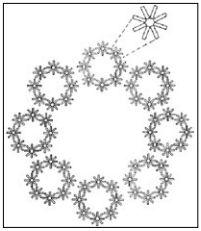


Figura 21 - Vista superior dos módulos de pneus empregados para a formação dos recifes artificiais para a pesca com linha de mão (CONCEIÇÃO, 2003).

Capítulo
IV

A PESCA NO RIO ARACATIMIRIM

É importante destacar a importância do rio Aracatimirim que, principalmente para os Tremembé do lado da Mata, região situada na sua margem direita, é considerado "o pai e a mãe" desta população.

Duas localidades, Varjota e Tapera, situam-se na região da Mata. Para a população da Varjota, o rio Aracatimirim é conhecido como lagamar, porque, segundo os mais velhos, não tinha mangue e o local sempre foi alagado pelas águas do rio, que transborda pelas margens e forma um alagadiço, que tem muitos peixes e crustáceos.

Nesse lagamar tinha também um lugar conhecido como Ilha do Sal, de onde os mais antigos recolhiam o sal, quando os poços do alagadiço secavam. O lagamar tem também muitas estórias de encantes e de assombração, que os pescadores contam acontecer.

O pajé Luís Caboclo diz que é assim chamado porque, quando a maré enche, alaga todas as croas e o mangue, e quando seca, fica água só nos canais. Antigamente, a maré secava e nas croas e no mangue ficava alagado.

Sabe-se que estas áreas estuarinas sofrem modificações, conforme as cheias dos rios. No local do lagamar hoje, já foi uma grande mata, mas houve uma grande cheia, que abriu o lagamar, como contam os mais velhos.

Já para a população da Tapera, ele é conhecido e chamado somente por rio, porque tem os canais, que são divididos pelo mangue, por onde o rio corre, e não tem o alagadiço. É também um lugar muito rico de peixes e crustáceos, de onde muitas pessoas tiram seu sustento.

Na margem esquerda do rio tem as localidades de Saquinho, Lameirão e Curral do Peixe, que fazem parte da Região da Praia, onde também é conhecido como rio, e, através da pesca, contribui para o sustento destas comunidades.

Esta atividade no Aracatimirim pode ser considerada uma fonte de renda para as famílias Tremembé, porque muitas destas famílias só vivem da pesca, e estão conseguindo manter seus filhos com o que eles precisam.

Raimundo Cabral diz que começou a pescar no lagamar com uns oito anos de idade. Diz também que os Tremembé confiam primeiramente em Deus, e no lagamar, que foi reconhecido como pai dos Tremembé.

Os tipos de pesca que ocorrem atualmente no rio Aracatimirim são de tarrafa, de curral, de linha, landuá, de rede, e também braçal na pesca do caranguejo e outros crustáceos como sororô, sié, ostra, mão no olho.

Segundo relato dos entrevistados se pescava também de choque e de mão. A pescaria de choque, segundo os mais velhos, era feita porque, no lagamar, tinha um capim onde os peixes se escondiam e não dava para pegar de tarrafa.

No rio e no lagamar, os pescadores para pescar não necessitam utilizar nenhum tipo de embarcação, pois os locais são rasos, permitindo que eles pesquem caminhando dentro da água.

Deusdete Cabral fala que a lua tem uma grande influência nas marés e nas pescarias. Diz que no rio, a maré de quarto é que é bom para pegar peixes.

O pajé Luis Caboclo ensina que a hora da maré seca tem uma influência e a maré cheia tem outra. A pescaria quando a maré está cheia é nos alagados. Na maré seca, se pesca no porão, que é o meio do rio. No sair da lua, a maré está cheia na praia, e no rio ela está começando a encher. Os peixes mais

capturados eram: tainha, curimam, ubarana, sargo, salema, carapeba, zamboque, carapicu, bagre e pacamon entre outros.

Desta forma se constata que as fases da lua têm influência direta sobre as marés, e que o povo Tremembé as conhece, sabendo identificar pela lua os horários de sua pescaria.

4.1 OS TIPOS DE PESCARIA

4.1.1 A PESCA COM MALHADEIRA (OU GALÃO) NO RIO

Segundo o Deusdete Cabral, para pescar com a malhadeira se coloca um pau de um lado e do outro e estica a malhadeira no nylon 25 ou 30. O nylon que é feito a malhadeira hoje é o 25. Antigamente, era com o nylon nº. 80, 70, 60 e deixava a rede de dormida. Hoje isto não acontece mais com tanta frequência. Este tipo de rede foi proibido, porque é uma pesca predatória.

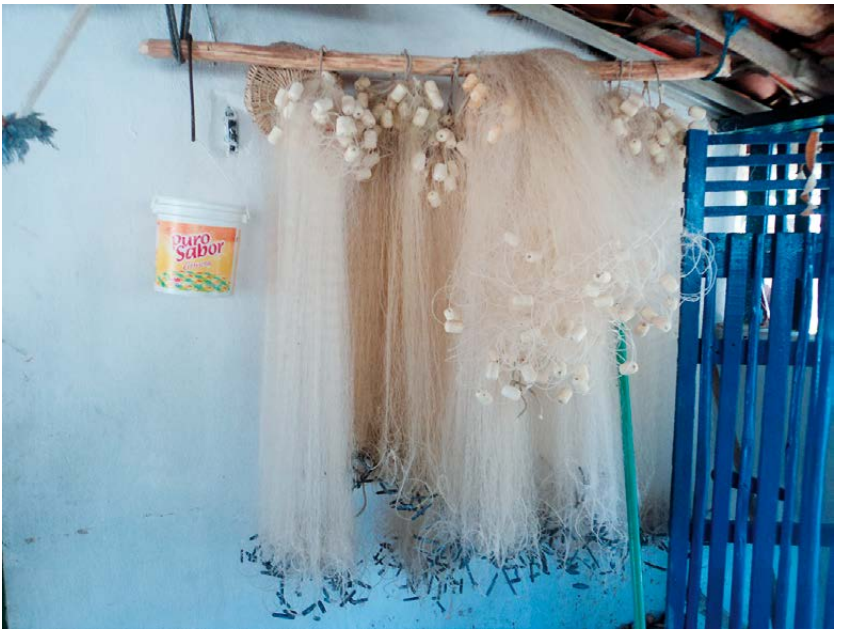


Figura 22 - Malhadeira utilizada para pesca no rio Aracatimirim.

O pajé Luis Caboclo fala sobre a pesca de malhadeira dizendo:

> na pesca se estica a malhadeira do lado para o outro e todo peixe que passa emalha. É colocada na enchente da maré e despescada na vazante. Ela tem uma malha proibida pelo Ibama. A pesca com a malhadeira é uma pesca predatória. Houve um tempo que o povo queria pescar com esse tipo de armadilha, mas nos reunimos e ficou por menos. O tamanho da malha é a carapuça (medida) de um dedo. Hoje já estão utilizando nylon nº. 60 para pegar camurim.

4.1.2 A PESCA COM TARRAFA

Segundo relata Deusdete Cabral, a pescaria era feita de tarrafa, e a pesca acontecia no período da maré seca. A melhor maré para pegar peixe no lagamar é na maré de quarto minguante. A pesca de curimã e tainha durava cinco dias, vinha até gente de Itarema e pescavam durante o dia e a noite. Para pescar mais, deixavam as curimãs estendidas na margem do rio e as recolhiam quanto voltavam.

Diz que os principais peixes são curimã e tainha. Acrescenta ainda:

> hoje só tem peixe miúdo, como saúna, carapeba, miguelão, moré e camarão. O que acabou com o lagamar foi a cheia de 1972, que levou tudo. Com a tarrafa, depois do lance, a gente vai enterrando o chumbo e pegava os peixes amassando com a mão porque tinha muito capim,

descrevendo assim uma técnica de captura com a tarrafa em locais em que não podia ser puxada normalmente.

Segundo João Gomes, a tarrafa de antigamente era feita de fio de algodão, tecido na mão com uma agulha e uma tabuleta. A malha normal para as pescarias era a cabeça de dois dedos, e levava seis dias para fazer uma tarrafa. A corda da chumbada era torcida na mão, e a corda para colocar no punho da tarrafa era torcida no carretel. Podiam comprar os tipos 1, 2, 4 e 8 também de algodão.

Os entrevistados relataram que havia vários tipos de algodão. O algodão inteiro que era para fazer tarrafa, jangarela e landuá. Apareceu uma linha zero que era para fazer a tarrafa, por isso abandonaram as tarrafas de fio de algodão. Depois apareceu o nylon, e hoje só existe tarrafa de nylon.

Luis Caboco descreve como é feita a tarrafa. Diz primeiro ser um segredo muito grande;

> se estiver um nó errado no botar da corda, ela fica errada. A média normal de uma tarrafa é doze palmos de crescido, três palmos de saco e um de pano morto. Antigamente, as tarrafas eram de nove palmos de crescido, três palmos de saco, e um de pano morto, ela começa com 48 malhas, 12 carreiras, 8 cabeças de crescido, assim ela fica com nove braças de roda.

A tarrafa para pegar camurim no lagamar era feita com malha de quatro dedos. As lideranças afirmam que antigamente não tinha ganância, só se pescava para alimentação.

Para se lançar a tarrafa, coloca-se um ponto da corda da chumbada na boca prendendo-a com os dentes, e as duas partes da roda da chumbada são arrumadas em partes iguais nas mãos do pescador, que, preparado, lanceia em movimento sincronizado meio circular do corpo e braços simultaneamente, de forma que ela quando perfeitamente lançada cai formando com a sua corda da chumbada um círculo perfeito, que afunda rapidamente, cobrindo os peixes e que é resgatada pela linha de mão pela extremidade oposta a que está no fundo (Figura 23).

Figura 23 - Liderança demonstrando como se efetua o lançamento da tarrafa.

Antigamente, na pesca com tarrafa durante o dia, os peixes maiores eram colocados numa enfieira, e durante a noite eram colocados dentro do uru. O uru é um utensílio feito do olho da palha da carnaubeira, que tem a finalidade de guardar os peixes e o camarão, e que é transportado preso à cintura ou passando a alça pelo ombro do pescador (Figura 24).

Para a pesca com tarrafa, duas técnicas podem ser empregadas: uma é perseguindo o cardume, indo atrás, visualizando os peixes e lanceando. Outra é ficar parado numa posição privilegiada, só lanceando.

Figura 24 - Uru de palha de carnaúba utilizado para armazenamento dos peixes na pesca de mar e de rio. (Foto: Miguel S. C. Braga).

4.1.3 A PESCA DE CURRAL NO RIO

Segundo Manoel Raimundo Cabral, a maré é importante na pesca de curral, porque é ela que traz o peixe. Quando chega a força da maré, dá muito peixe. Relata que antigamente

a pesca era feita durante o dia e a noite. Durante a noite, o pessoal da Varjota ia esperar os outros grupos de pessoas para iniciar a pescaria. “No meu tempo a pescaria era uma animação, parecia uma seresta. Vinha gente pescar de Itarema e do Touro. De janeiro a fevereiro, era um bom tempo para fazer uma boa pescaria, pegando curuca, ubarana, curimaí. Era um momento de grande fartura.”

Estevão Henrique acrescenta que os currais são despescados no período da maré de vazante, quando está secando de uma maré para outra, ou seja, na parada da maré baixa para o início da maré de enchente que o tempo é de 40 minutos. O curral é feito de vara e tecido com cipó (Figura 25).

Figura 25 - Vista do curral de pesca no rio Aracatimirim.

Luiz Caboclo ensina que o curral de rio é feito com mourão e tecido com varas. Coloca-se os mourões e se tece as esteiras, ou seja, as espias. O chiqueiro é tecido com cipó, e as espias são feitas de varas amarradas com cipó ou corda de nylon. O curral do rio só tem o chiqueiro e as espias, é despescado com o landuá, que é feito com fio de algodão fiado pelas mulheres (Figuras 26 e 27).

João Gomes e o pajé Luiz Caboclo contam que tinha outro tipo de pesca de curral, chamado de curral de lama. Este curral era feito e desmanchado na mesma hora. Contam que era feito de lama: uma pessoa iniciava fazendo um polmeiro (água suja) e os outros acompanhavam de 5 e 5 passos de uma pessoa para outra, formando um círculo, e pescavam no pé do polmeiro, e o peixe ficava dentro, na parte limpa e era despescado por meio de tarrafa. Esta modalidade de pesca coletiva primitiva, mas muito inteligente, deixou de ser praticada pelos Tremembé.

Figura 26 - Landuá usado antigamente.

Figura 27 - Landuá utilizado atualmente para pesca no rio.

4.1.4 A PESCA DO CAMARÃO NO RIO

Luis Caboco fala que

> hoje a pesca de camarão é feita com a tarrafa e de rede. Com a tarrafa é lanceando e pega os maiores. Com a rede, é duas pessoas, uma leva dum lado, e uma leva do outro, puxa os camarões grandes e os miúdos. A malha da tarrafa e da rede é a cabeça de um dedo mindinho (Figura 28).

Diz ainda o pajé que, antigamente, não tinha a pesca de camarão. Quando acabou o capim no lagamar, foi que deu inicio à pesca do camarão. O povo não tinha tanto interesse de pegar o camarão porque era mais para comercializar e tinha

muito peixe no nosso lagamar. Por isso, o povo não ia se empalhar na pesca de camarão. Hoje as tarrafas são feitas de nylon com uma malha miúda do tamanho da carapuça de um dedo. Carapuça de um dedo representa a espessura da extremidade do dedo.

Figura 28 - Rede para pesca de camarão utilizada pelos Tremembé no rio Aracatimirim. Foto: Miguel S. C. Braga.

Luís Caboclo afirma que os antigos eram sábios cientistas; diziam frases como: "Deus tira os dentes e alarga a goela." Eles diziam isso se referindo ao fato de que, quando os peixes diminuíram, o povo passou a pescar o camarão. "O lagamar representa para mim o nosso pai. Se não fosse o lagamar, nós não existiríamos aqui, porque ele é uma fonte de alimento e um símbolo para o povo Tremembé."

Os pescadores pescam camarão diariamente, mas o período de melhor pesca acontece nas marés de quarto.

4.1.5 PESCA COM JANGARELA

A jangarela era feita de fio de algodão, com o passar do tempo, foi trocada por rede de nylon e por último, por manzuá feito de vara. Na atualidade, esta modalidade de pesca já não é mais praticada, mas está registrada na memória do povo Tremembé (MITS, 2010).

Segundo o pajé Luis Caboco,

> a jangarela era feita de fio de algodão, do modo de uma rede de dormir. O fio era tecido como uma rede de pesca, e colocava numa esteira de vara. Pescar com jangarela é esperar o peixe de salto. Os Tremembé conheciam quando estava entrando peixe nas camboas. Eles esperavam a maré encher e quando parava, eles tapavam a entrada da barra com a jangarela. Quando a maré ia baixando, o peixe pulava e caía na rede. Os carapicus, carapebas, soias e pacamons ficavam nas poças d'água, e eram pegos a mão, só os pacamons que se matavam a pau (MITS, 2010).

4.1.6 PESCA COM AS MÃOS

João Gomes lembra que antigamente se pescava no rio de choque, de landuá, linha para pegar peixe e para pegar siri, curral, manzuá, tarrafa e jangarela. Com a mão, quando na lama, pegava peixe, camarão. O choque é um tipo de armadilha para pegar peixes. Ele é feito de vara, faz um círculo de cipó (Figura 29). Quando o lagamar tinha capim, algumas pes-

Figura 29 - Choque utilizado na pesca de mão visto por dois ângulos.

Figura 30 - Landuá utilizado antigamente para a pesca do siri.

soas pescavam de choque. Hoje o choque é usado para pescaria nas lagoas e nos córregos. De mão pegavam muito guaiamum, porque tinha muito pé de mufumbeiro, onde os guaiamuns se criavam.

4.1.7 A PESCA COM LINHA DE MÃO

Estêvão Henrique conta que houve um tempo de pescaria de camurim com linha de mão. Estrova um anzol nº. 15 na ponta da linha, e mais acima uma chumbada para pegar bagre, carapeba. Os pescadores vão na hora da maré seca ou quando ela está começando a encher. A pescaria não dura o dia inteiro, e sim, só no período da maré.

CONCLUSÃO

Considerando os temas abordados neste livro, que foram pesquisados com os pescadores Tremembé, pretendemos que sirvam para aprimorar o conhecimento de nossa juventude de hoje, que vive no mundo da tecnologia, valorizar a pesca artesanal, e saber como o pescador Tremembé vivenciou e vivencia a arte de pescar até os dias atuais.

Além disso, queremos que este livro seja uma forma de envolver jovens, que venham se aliar à resistência e articulação das comunidades Tremembé de Almofala e à defesa dos direitos dos pescadores, na busca da conquista de conhecimento e da preservação da tradição Tremembé.

Em anexo, seguem as entrevistas transcritas e utilizadas neste trabalho, com todas as lideranças entrevistadas, para que sirvam também, a qualquer tempo, como testemunho da nossa vivência, tradição e evolução pesqueira no mar e no rio.

Por fim, o corpo deste trabalho é o registro escrito da memória falada de nossa tradição pesqueira, através das atuais lideranças Tremembé. Com o passar do tempo, certamente se perderiam detalhes, como ocorrido com tantas outras tradições não escritas, que foram sendo modificadas, ou que perderam-se no tempo.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, N.B.G. *Jangadas*. 3. ed. Fortaleza, CE. Banco do Nordeste S.A., 1995.

BRAGA, M. S. de C. Homens do Mar – jangadeiros e suas embarcações a vela. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: v. 46, n. 272, 2010.

CASTRO SILVA, S. M.M.de. *Caracterização da pesca artesanal na costa do Estado do Ceará, Brasil.* 2004. Tese (Doutoramento em Ecologia e Recursos Naturais) – Centro de Ciências Bilógicas e da Saúde. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.

CONCEIÇÃO, R. N. L; FRANKLIN JUNIOR, W. ; BRAGA, M. S. C. *Instalação de recifes artificiais para o incremento da produtividade em comunidades pesqueiras do litoral do Estado do Ceará.* In: Seminário Internacional sobre Pesca Artesanal, 1996, Fortaleza, Ceará. Anais do Seminário Internacional sobre Pesca Artesanal. Fortaleza, Ceará: Imprensa Universitária, 1997. v. 1. p. 99-111.

CONCEIÇÃO, R. N. L**.** *Ecologia de peixes em recifes artificiais de pneus instalados na costa do estado do Ceará.* 2003. Tese (Doutoramento em Ecologia e Recursos Naturais) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.

IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil – 2004, CEPENE, Tamandaré, 2005.

MITS- 2009.

MITS. TREMEMBÉ, OS DEUSES DO MAR, 2010.

MMA-IBAMA. Instrução Normativa Nº. 8, de 29 de abril de 2005. Regulamentação da pesca da lagosta. Brasília, 2005.

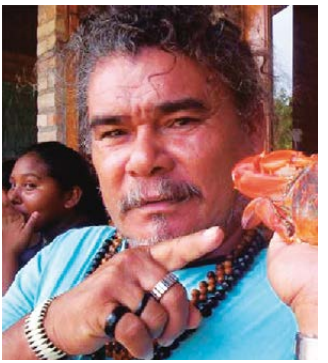
OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. de. *O encanto das águas*: a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

SILVINO, A. S. *Etnobiologia dos jangadeiros da praia do Mucuripe (Fortaleza-CE).* Monografia de Graduação em Ciências Biológicas, UFC – Fortaleza, 2007.

ANEXOS
(Entrevistas)

ANEXO 1

FRANCISCO MARQUES DO NASCIMENTO, 57 anos, nascido em Almofala, cacique do aldeamento Tremembé de Almofala e Mestre da Cultura. Conhecido como João Venâncio. Mora na Aldeia da Praia.



Entrevista realizada em 2012.

As primeiras jangadas que foram utilizadas na praia de Almofala, jangadas que eram feitas de raiz de timbaubeira e do mulungu. Por um bom tempo era pregada com torno feito de pau ferro e a jangada feita de piúba, que era um rolo de pau bem grosso, madeira que vinha de fora. Isto foram as primeiras jangadas, inclusive João Venâncio, o cacique, pescou numa. Era pequena, mal cabia duas pessoas, mas o professor de pesca iniciou a pescar e a governar. Com

o passar do tempo, começaram a aparecer as canoas pequenas, mais conhecidas como boca aberta, e foram aumentando, mas mudaram de mulunguzeiro para piúba, essa madeira não era daqui.

Elas eram de fora, mas se iniciou por aqui também, e houve época em que as jangadas foram feitas de timbaúba, complementando com a piúba. Houve uma época em que elas foram acabando e ficou mais difícil, foi quando eles mudaram. Foram aparecendo muito mais como a papagaio, pilombeta, enquanto as outras jangadinhas, feitas da raiz da timbaúba, acabaram-se e passaram para piúba, e da piúba, passaram para jangadas de tábuas, que eram forradas com isopor.

Foi quando começou o processo de mais canoa de boca aberta. Eles deram também para fazer de meio convés, meio convés na popa e na proa.

Com o decorrer do tempo, foram surgindo os botes, mas, quando começaram a surgir os botes, todos cobertos por cima da boca de escotilha, começaram a fazer o convés nas canoas também, aí fechavam só meia boca, trazia da popa até o meio e ficava só a boca. Com o decorrer do tempo, deram para fechar, e começaram a fazer boca de escotilha, e, até hoje, o processo ocorre. Os botes, os mastros eram arrancados por cima, nem todo homem podia arrancar aqueles mastros, e depois fazia meia laranja, as bocas de escotilha, porque era fechada e tinha que ter esta tampa para entrar e sair. Tinha também as chavetas, onde você colocava o mastro, pois antigamente era arrancado por cima. Aí, fizeram a chaveta, E ela é aberta, onde você abre, e o mastro sai derreando, caindo na embarcação, aí só fazia dar uma puxadinha, e economizou muito e não tinha mais aquela extravagância de você arrancar, pois, muitas vezes, você escarrava até sangue, pois, era muito pesado. Quando o mar tava plano, o processo de arrancar o mastro era melhor, mas muito arriscado.

Logo depois, os botes a motor vieram as lanchas, e daí por diante, passaram a existir vários modos de pescar. Estes

modos de pescar passaram por muitas modificações: jangada de timbaúba, jangada de tábua, bote comando na proa, botes a motor e lancha. Hoje não existe mais a jangada de timbaúba, só existe jangada de tábuas e botes com comando na proa, botes a motor e as lanchas. As canoas ainda tem, mas é muito difícil ver canoas de boca aberta. A tradicional de antes acabou, hoje não existe mais.

Os panos das embarcações de antigamente eram feitos de saco de açúcar, que eles compravam na bodega, as cordas eram feitas de manilha, pois não tinha nada de nylon, quando não tinha cabo de manilha, compravam fios e faziam as cordas nos carretéis, que era utilizado no pano que chamava de palomba, um processo que tinha de embainhar o pano, e amarrar as cordas. Com o passar do tempo, apareceram o morim, que era um pano comprado na bodega, depois passou para o algodãozinho, daí passou pra lona, da lona passou pro tergal, adaptaram-se ao tergal, por ser mais fino e secar mais ligeiro. Ele dura mais. A lona é mais grossa, custa mais a enxugar e acaba mais ligeiro. Havia três espécies de morim: o do bom, o do meio, e o mais ruim. Naquela época, não existia tinta, as embarcações eram pintadas com piche, depois surgiram as tintas a óleo, tinta envenenada, e agora que estão utilizando resina, e depois passava a tinta por cima.

A fateixa era feita com dois paus feitos em cruz, furava um buraco nas pontas, metia uns paus e colocava uma pedra dentro e fechava.

O tuaçú, que era uma pedra, não furava, colocava o cabresto nele para pescar de arrastão. A fateixa, onde você arriar ela segura, o tuaçú, não, vai arrastando aos poucos de acordo com a posição , ele vai arrastando ligeiro, de galope, de pé de galo, de carreirão, você é quem controla. A fateixa, para poder segurar, ela precisa de quatro ganchos.

Os tipos de pesca

A pescaria de arrastão, manzuá, compressor, de mergulho, de curral, de rede, de espinhel, a marambaia, e de tar-

rafa. Essas pescarias estão muito diferentes, pois, naquele tempo, pescávamos sem precisar de aparelhos, mergulhava sem máscara, e hoje, eles só pescam se tiver um aparelho, a máscara, tá muito diferente.

A pesca da lagosta começou com o jereré, passou para o manzuá, do manzuá passou pra rede e da rede voltou para os manzuá de novo. O manzuá era feito de vara, amarrado com cipó, depois mudaram para o arame. O manzuá de antigamente, o formato dele era igual ao de hoje, só que o de madeira não fazia muito ângulo, e o de hoje, como é de arame, ele faz muito ângulo, muito canto. O manzuá de madeira os cantos dele ficam um pouco arredondados. Para fazer um manzuá, precisa de vários paus. O manzuá de primeiro era muito grande, dez palmos de frente, tinha pessoa que trabalhava de dois ou de três, isto na pesca de peixe. Na pesca da lagosta, dependia das embarcações, pois algumas pegam cento e cinquenta de uma vez, e há outras que pegam trezentos manzuá. Nas embarcações maiores, pegam dois mil e quinhentos manzuá. Quando se começou a pescar antigamente, era de linha, as linhas eram feitas de fio, que já tinha torcido no carretel, pegava a folha do cajueiro ou do mangue, e passava na linha, para não encascorar, para ela ficar forte. Pegava o camarão, ubarana, e aqueles peixinhos de jangada, como barbudo, coró branco, durante o dia. Tinha as pescarias à noite, que eles pegavam o bagre branco, cação panam, e o cação veia. Com o passar do tempo, as coisas foram se modernizando, foram chegando o chumbo, o nylon. A pesca de rede é uma coisa, a de arrastão tem que ter o peso que arrasta devagar, e a rede você tem que colocar uma garatéia. Você coloca e fica pegando, arria elas umas três horas da noite, depois você vai olhar pra ver se pegou alguns peixes. A rede, ela pega todo tipo de peixe, como bonito, garajuba, serra, cavala, sioba, biquara, pilombeta, etc.

A pesca de curral tem um processo prolongado, ele pega a questão da madeira. O curral de antigamente era muito diferente, havia uma diferença, pois os primeiros currais eram só na vara e no cipó, o chiqueiro era uma espécie de vara que só tinha varas linheiras, e, para tecer, era separada das grandes

das outras e o cipó também para fazer o chiqueiro. Com o correr do tempo, as varas foram trocadas pelo arame, e todos os chiqueiros passaram a ser de arame. Os currais de antigamente também eram feitos de tucum e hoje não tem mais nada tradicional. O arame durava quatro meses, e hoje ele dura oito meses. O cipó apodrecia com o passar do tempo e dava um trabalho para limpar e montar outro. Os currais eles não quebram por completo. A distância de um curral pro outro é de cento e cinquenta braças. O processo só é terminado quando enfinca o chiqueiro, enfinca a sala grande, aí vem o processo de especamento. A tripulação de pesca é de quatro vaqueiros mestres, um canoeiro e dois ajudantes. Naquela época os peixes eram colocados na beira do mar, e lá chegavam os pescadores para comprar aquele determinado peixe que eles levam para casa pra tratar. Depois de tratado, eles vendiam. Hoje o peixe já é ensacado, vai para a pesqueira, e de lá vai pra os carros para ser comercializado.

A safra da sardinha é de maio a julho, às vezes uma marezada de bonito, de serra. O peixe que está mais difícil é o camurupim.

A pesca na marambaia

A pesca na marambaia é um processo mais maneiro, hoje não estão sem trabalhar em marambaia. No meu tempo, a gente vai ao mangue, corta alguns paus, e leva para fazer a marambaia. Arriava os pedaços de pau, quando chegava no local de colocar a marambaia, afundeava-se a embarcação, levava cinquenta ou mais rolos de pau, arriava de dez a quinze paus por vez. Depois mergulhava, ajuntava a madeira, fazendo montes. Quando terminava, subia e arriava outros quinze paus, e assim por diante. E depois amarrava, começava pelo primeiro feixe, com a corda de amarrar, chamada a corda de arinco. A partir dali, não se perde o rumo, porque faz um caminho pelo seco, e a chegada pelo lado que o sol se põe. Pode ser por uma moita ou por um coqueiro, quando o coqueiro se encosta na moita, estamos bem perto da marambaia.

A marambaia no mar é como se fosse a nossa casa no seco. Um peixe no mar, quando vê uma sombra, ele engoda, e ali vão aparecendo outros peixes e vão fazendo engodo. Os peixes miúdos fazem engodo para os peixes maiores. Tem a época da pescaria da cavala, é de abril a maio. Junho e julho e de agosto pra frente é a safra da pesca de manzuá. Os peixes que dá mais na marambaia é o parum, garajuba, garaximbora, arraia, serra, cavala. Se você tiver uma marambaia, fica mais fácil de pescar, e você pegar uma boa boia de peixe, porque você tem um canto certo. Na marambaia pega todos os tipos de peixe.

Como você iniciou a pescar no mar?

Eu não tinha vocação pra estudar. Minha vocação era o mar. Quando eu era menino, ia para a praia com a mamãe, e via aqueles jangadeiros com aquelas sacas de peixe ou enfieira, e achava muito bonito. Minha vocação, eu queria ser um pescador, possuir minha jangada, que pudesse ir pro mar, que chegasse com uma saca de peixe ou enfieira, fazer aquela negociação que eu via os outros pescadores fazer, isso para mim era tudo na vida. Minha mãe pelejou muito pra eu estudar, ainda li a cartilha de ABC e recordei a cartilha da Lalá e Lili. Comecei a recordar uma parte, aí parei, não quis mais saber de estudo. Às vezes, eu ia para a escola, no caminho, enterrava o caderno, a cartilha e a tabuada, e botava uma larga por fora e ia pra beira da praia, esperar os paqueteiros. Ajudava a rolar a jangada, fazia a poita, ferrava o pano, às vezes, ganhava uma boia de peixe. Quando mamãe estava com a veia boa, quando eu chegava, ela ficava toda satisfeita. Teve um período em que ela não aguentou, teve que afrouxar, ela estava com a veia ruim, aí venha para a sola. Aí eu ia caçar o material da escola, e, no outro dia, o que eu queria, era a minha vocação, era ser pescador. Jangada de mulungu, de raiz de timbaubeira, eu possuí três, duas canoas, e um bote, sempre possuí minhas coisas, pouquinho pesquei para os outros. Sempre pesquei com o que era meu, com a minha autonomia, comecei a pescar

com oito anos de idade, já sustentava a casa. Quando chegava na costa, rolava o paquete, o mestre tirava o peixe dele, o peixe do proeiro é marcado, ele mesmo parte o peixe, tirava a metade pra ele e vendia a outra metade. Eu trazia pra casa aquele dinheiro que ele me dava. Chegava em casa e dava todinho pra mamãe. Comecei a esconder dinheiro quando conheci a influência com namorada.

ANEXO 2

TARCISIO MARQUES DO NASCIMENTO, 73 anos, liderança da Aldeia da Praia, nasceu e se criou em Almofala. É conhecido como Tarcísio Pedro.

Entrevista realizada em 29/4/2012.

Quais os tipos de embarcações usadas na pesca em almofala?

No tempo que comecei a pescar, as embarcações que possuí e muitos possuíram era a jangadinha de raiz de timbaúba. Depois apareceram as jangadas de piúba. Aconteceu de eu ir até Fortaleza buscar quatro jangadas, dois contos de réis em cada uma pra trazer. Depois apareceram as jangadas de tábuas. Também pesquei nelas, só nunca tomei conta de bote, porque nunca quis. Mas em canoas, até jangada de piúba eu posso ir, com jangada de timbaúba, fiz muito, para mim e para os outros. Eram quatorze, doze ou dezessete palmos o comprimento da jangada. Está com cinco anos que abandonei esta luta de pesca no mar, mas enfrentei cinquenta e quatro anos de luta. Me achei muito cansado e abandonei, mas ainda tenho saudade. Tem dia que acordo de madrugada, sem destino, tenho vontade de ir ao mar. Quando eu tinha coragem e nervos, achava bom a luta do mar, porque dava fartura. Hoje a gente sai de casa de manhã, vê esse pessoal que sai de madrugada, passa o dia no mar e não traz nem pra comer, não adianta. Pratrasmente, a gente passava uma hora dentro dágua, só não faltava chegar em casa com o carrego de peixe. Nos meus tempos, quem era a pessoa que ia se empaiar, tratar biquara e canguitinho pra botar

no fogo, fazia era soltar e ia comer era pescada, xaréu, enchova, e outros. A pescada branca, se botasse dez anzóis em uma linha, era dez pescada, que pegava de uma vez. Hoje se vê uma pescada é novidade. Pratrasmente, quem ia tirar sardinha e pilombeta, era enterrado na costa. Quando a maré enchia, levava de volta. Hoje, tem dia que a gente falta chorar para chupar uma cabeça de uma manjubinha, que não tem mais. Ninguém come mais peixe, só faz cuspir. Pratrasmente, a gente comia peixe e sabia que tinha carne, mas hoje, quantas vezes, eu botei as panelas de barro cheias de camurupim no mato. Hoje ninguém vê nem as escamas, avalie comer.

Quais os tipos de pescaria atualmente em almofala?

Hoje existem muitas, tem a pesca de lagosta, que é de muito jeito, de manzuá, de rede, de tarrafa. Essa pesca de rede é que acaba com tudo, até o lodo ela acaba. Mais tempo vai se passando, mais vão ficando difíceis as coisas. A pesca de antigamente era só de linha, porque tinha muito peixe, por isso o peixe não era perseguido. As pescarias atuais são diferentes das de antigamente. Pratrasmente, não pegavam os molhos de caçoeira para levar pro mar, não precisava. Hoje se você possuir um bote, a carga vai completa só de rede. Antigamente não existia isso. No meu tempo, ia para o mar, só levava a linha feita de fio e o anzol. Era estrovado com fio, não matava mais peixe porque não queria. Hoje tudo é luxo e nada tem.

Como era feita a pesca de lagosta antigamente?

A pesca de lagosta, pesquei muito, logo quando apareceu a pesca de lagosta, fui para a praia de Meireles buscar duas jangadas, pegava lagosta era no jereré, não tinha rede, nem manzuá. O jereré é um landuá grande, pegava o peixe, fazia um molho de isca, amarrava, botava dentro do jereré, amarrado, descia com o peso de três quilos no fundo do jereré, de dez braças, começava com oito braças, o mais eram doze braças. Não passava meia hora, quando ia suspender, não faltava embarcar cheio de lagosta. As lagostas davam um quilo ou mais de um quilo da cabeça à cauda. Hoje em dia, não

tem mais lagosta, é só piolho. Pratrasmente, tinha muita lagosta, enchia de três ou cinco surrão, não tinha mais onde botar, aí ia embora. Hoje tem gente que passa um mês e, quando vem, não falta pagar o rancho. O jereré é feito de fio, parece um landuá grande, mas ele é comprido, coloca o peso no fundo, quando a gente suspende, ele estica. Quando desce também. Quando a gente arreia, ele solta a corda, assenta no chão iscado, a lagosta faz molho comendo a isca, aí é tempo que a gente puxa, e a lagosta cai dentro do fundo e não sai para cima. Pesquei muito, pegava de três a cinco surrão, tinha vez que não passava nem a noite toda. O surrão é uma saca feita de palha de carnaubeira.

Como é feita a pesca de manzuá?

É feita de arame, já vem iscado, bota de dez a vinte numa fila, tem que iscar senão não entra n'água. O tipo de isca é qualquer um peixe, mas pra lagosta, é bom quando bota frango, mas quando é uma coisa gordurosa, melhor ainda. Hoje quem quer faz um manzuá de arame faz, quem não quer faz de fio de seda, tece, arma, depois cobre o manzuá. O manzuá é arredondado.

Como é a pesca com linha de mão e que peixes pesca?

No começo, a linha era feita de fio de algodão, depois apareceu o nylon. Quando não era de fio, era de cadilho. Eu cansei de fazer linha de cadilho, fazia no carretel, comprava, tirava, fazia os novelos e torcia no carretel. O cadilho é um modo de uma linha muito forte. Os tipos de anzóís dependiam da cassia (escassez). Anzol 12, 13, 14, 15, estes anzóis é pra pegar biquara, coró branco, canguito, barbudo. Esses são para pegar peixe miúdo. Os anzóis para pegar peixe graúdo são os anzóis de número 7, para pegar os peixes na flor d'água. Anzol número 5, 2 e 3, quanto mais o peixe é maior, menor é o número do anzol.

Como é a pesca com rede?

Faz as redes, os filames como se fosse uma parede. Os peixes que vêm de um lado e de outro se engancham, o sujeito

coloca do tamanho que quer. Tem gente que bota com duzentos metros, duzentos e cinquenta ou trezentos metros, vai da vontade do sujeito. Serve para todos os tipos de peixe. A malha depende da tripulança, se quiser pegar só o peixe graúdo, faz uma malha grande, mas, se quiser pegar tudo, faz uma malha miúda.

Como é a pesca de curral?

A pesca de curral é muito fácil, só comprar o arame e tecer e enfincar o madeirame, e botar em cima, pronto. Pra quem não entende, e compreende, é difícil, mas pra quem compreende é muito fácil, é despescado com uma rede, formada do tucum, tira a linha no tucunzeiro, que é uma planta parecida com o pé de pindoba. Pindoba é aquela planta que aqui é conhecida por palmeira, e para o norte é conhecida por pindoba. A rede era feita do linho do tucunzeiro. Primeiro marca o chiqueiro, enfinca o madeirame, marca a salinha e a sala grande e enfinca o madeirame. Essas partes são feitas com arame tecido. As espias são feitas só de arame.

O que é marambaia e como é feita a pesca na marambaia?

É uma pescaria. Marca o local e faz. Enche de madeira, pedra grande ou tambor. A marambaia, a gente faz do jeito que quer e puder. Antigamente, era feita só de madeira. O peixe fazia visagem, encostava demais. Pescava com linha e tarrafa.

Como você iniciou a pescar no mar?

Eu enfrentei a luta do mar com treze anos. A pesca era perto, bastava salvar a volta grossa. Só pescava nas jangadas de timbaúba, ia pescar sozinho. Muitas coisas eu era afoito. Quem me ensinou a pescar foi meu pai que me criou. Ele me levou para o mar, eu tinha nove anos, me embriagava, buchava o mar, como todos. Aí me acostumei. Com treze anos, comecei a ir sozinho pro mar.

Como era o pescador de antigamente e como é o atual?

A gente pegava os arreios de pesca, uru, botava as linhas dentro, uma linha de chumbada pra bibuia (a linha na ponta

d'água). Descobria toda qualidade de peixe. Hoje é só no nylon, e nada o sujeito faz. O pescador atual, eu vejo que eles tão se acabando antes do tempo, não tiram mais resultado na luta de pesca. Logo tem uns que, quando mete dois tragos de cachaça, se diz que é um pescador, mas não sabe caçar nem uma ponta d'água na hora da pescaria. Tomar banho na água do mar, qualquer um pode tomar, mas conhecer e entender o que é o mar, acho difícil.

Um dia, chegou uma mulher fazendo uma pesquisa e me perguntou se eu era pescador. Eu respondi: "senhora não me leve a mal, mas eu não sou pescador, tomo banho numa parte da água do mar." Ela me perguntou quanto tempo que eu estava na luta de pesca, e eu disse que estava com quarenta e oito anos. Então ela disse que eu era um pescador. Qual é o motivo de você dizer que não é pescador? É muito fácil, pescador é um pássaro, Martim pescador, que vive nas ilhas do mar.

O mar é o maior segredo de Deus. A maior ignorância é uma pessoa dizer que conhece o mar, porque não tem ninguém que conheça. Conheço a maré devido à luta do trabalho do dia a dia.

ANEXO 3

JOSÉ GERALDO DOS SANTOS, é conhecido como Zé Biinha e tem 56 anos. Nasceu em Varjota, e hoje mora na Aldeia de Mangue Alto, onde é liderança.

Entrevista realizada em 29/4/2012.

Quais as embarcações de pesca dos Tremembés?

De agora, de antigo, nós aqui, do meu conhecimento, era canoa, jangada de raiz de timbaúba, e bote. Pra nós aqui, era difícil navegação a motor, no nosso porto, começou a aparecer do pessoal de fora. Depois foi que a negada começou a fazer jangada de tábua com isopor, porque a jangada de timbaúba se destiorava mais cedo, apodrecia. Mas agora, tem de tudo, tem o barco, tem a lancha, tem o bote a motor, tem o bote a pano, a jangada e canoa. Apareceu também, antes de eu começar a pescar, apareceu uma jangada de piúba, essas daí também eram de fora, que elas vieram pescar lagosta de jereré, mas foi pouco tempo, aí ficou só o nosso, que a gente usa aqui.

Como era a jangada de raiz de timbaúba?

A jangada de raiz de timbaúba era feita com os espeque de pau, atravessando as raízes de uma pra outra. Em vez de ser de prego, que o prego não entrava na raiz, botava uma encostada na outra, aí metia aqueles espeques de pau, aqueles espetos, aí metia de uma pra outra, atravessava ela, trespassava de uma pra outra e ia enchendo até fazer a jangada. Mas primeiro arrancava a raiz e descascava ela e botava pra secar,

só fazia a jangada depois que ela tava bem maneira. Depois que a raiz secava, era que eles iam fazer. Por aqui tinha timbaúba, mas era pouco. Teve gente que trouxe timbaúba de lá das bandas da Mãe Cosme. Toda jangada era de timbaúba, então quem tinha um pé dela, a negada comprava a raiz. E aí ele achou que dava uma renda e plantou um bocado de pé de timbaubeira. E tinha mais gente que plantava, porque viram que dava renda. Mas a renda que dava foi pouco tempo, que a negada inventou de fazer jangada de tábua, e quem tinha seus pés de timbaubeira ficou sem serventia. É um pé de pau que toma muito espaço na terra, aí eles tão arrancando, porque a raiz é muito grossa, e se espalha muito.

Quais os tipos de pesca?

Manzuá, de primeiro quando eu comecei a pescar, a pescaria era de linha, e, mais pra trás, a negada pescava com linha de fio. Quando eu comecei, a linha já era de nylon. A linha de fio, que o pessoal usava mais antigamente, tecia o fio, enserava ele com folha ou na casca de cajueiro, ou na folha do mangue, esfregava ela e ela ficava bem forte, resistente. Depois passou pro nylon, era a tarrafa, era a tarrafa mais pra banda do lagamar, e na beira do mar. A pesca de lagosta era feita de manzuá, não existia rede, pra trás era o jereré, ou manzuá, não tinha caçoeira, a caçoeira era só pra peixe.

Existem diferenças entre as pescarias de hoje e de antigamente?

Umas é diferente, apareceu agora umas pescas que não tinha. Antigamente, os pescadores desciam, amarravam o manzuá embaixo lá no chão e depois desatavam. Agora apareceu a pesca de compressor. Agora, que de primeiro não tinha, inventaram também o arrastão, aqueles "arrastãozão" boieiro, que toma quase que o mar todo. O manzuá era afundeado com a fateixa que é um gancho de pau, feito a cruz, em cada ponta da cruz sai um gancho de pau, e uma pedra no meio, esse o ferro que as nossas embarcações era afundeada de primeiro. O manzuá era arriado com o mergulhador usando

seu fôlego, agora ninguém mais vai nessa, já arreia o manzuá amarrado na fateixa, garateia, agora, fateixa não tem mais. E tem mais umas diferenças também, pra marcar as pescarias, as marambaias, a gente ia com a marcação por o seco, a gente fazia o caminho daquela pescaria pelos coqueiros, os morros, às vezes com uma casa, uma moita, e fazia a chegada também, pela terra, a igreja da Almofala também dava chegada também pra pescaria. Hoje não tem mais essa, de alguém marcar o caminho de uma pescaria, é no GPS, o navegador. Toda embarcação, agora tem um navegador.

E a pesca de lagosta antigamente?

Eu acho que foi só dessas jangadas, pois quando a jangada se acabou, acabou-se o jereré, depois foi que apareceu a rede, e mergulhador pescando de compressor, de manzuá, de rede.

Como é feito o manzuá?

O manzuá é feito de arame, a pessoa faz a armação dele de pau, aí tece as esteiras de arame, e aí cobre a armação dele com a rede, com as esteiras do arame, aí cerca ele e aí fica o manzuá. Me parece que já inventaram também de nylon o manzuá, mas do meu conhecimento mesmo, é de arame.

E a pesca com linha de mão?

Eu acho que, dos peixes que eu conheço, é muito pouco que não é pegado de linha, porque de linha a gente pega o cangulo, pega a biquara, pega a guaiúba, pega a cavala, pega o serra, bonito, garajuba, parum, garamximbora. Dos peixes que não pega de linha, eu não tô lembrando, não. Os peixes menores, a gente pega com anzol 10, 11 e 9; a cavala, que é maior, é o anzol 4, 3 e 5; a sardinha a gente pega no anzol, a gente pega no anzol 12 e 13. Com anzol 7 e 8, pega o pargo, quando tinha. A aruanã a gente pega ela de linha também, pega de caçoeira e de linha, eu já peguei, usa anzol 0 ou 1. Quando tinha muita aruanã, a negada mandava fazer anzol no ferreiro. Bota a chumbada, e, acima dela, o anzol. A aruanã vai escorregando na linha até se fincar no anzol, por debaixo da

aba dela. A gente sente quando ela tá escorregando na linha. Não precisa botar isca. Pega sardinha também sem isca, só na rocega, que é o mesmo espinhel, só que bem miudinho o anzol. A sardinha se pega com anzol bem novinho, que ele relampeia na água e atrai elas quando fica balançando.

E a pesca de rede?

A pesca de rede, ela tem as duas posições, tem a rede boieira, que é o arrastão, e tem a rede caçoeira, que a gente bota, a garateia segura a rede e segura a boia, a rede vai ficar embaixo, você pra pegar o peixe amarrada na garateia. Da garateia sai uma corda pra rede e outra pra boia, a garateia ela segura a rede e segura a boia, porque a rede vai ficar embaixo, você não vê ela, você vai pegar ela pela boia. Pega a boia e aí puxa a garatia, vem a corda da rede. A rede a gente faz ela do tamanho que a gente queira, né? Se ela ficar muito pesada, ela fica ruim de peixe, o mar não vai ficar mexendo, tem que ficar a maré tangendo ela. Ela tem na base de uns dois quilos de chumbada, a três quilos, com uma distância na base de meio metro de um chumbo pro outro.

E a pesca do curral?

Agora, a pesca do curral eu não tenho muita experiência, nunca trabalhei em curral, não sei bem como é. Eu sei que ele é feito primeiro botando os mourões, faz a armação dele estaqueado com os mourões, e aí cerca com as esteiras feitas de arame. A rede de despescar eu não sei bem se é feita de tucum, ou do que é. Sei também que, pra despescar, precisa de dois de cada vez pra passar o lanço. Quando eles acabam de passar o lanço, tem umas cordas que puxam.

Como é feita a marambaia?

A marambaia, eu sei mais como é. A marambaia é naquela posição que eu falei. Antigamente, a gente inventava um caminho pro mar e fazia uma base, tinha que fazer um caminho seguro, pra não perder a marambaia. Onde ele via que dava pra fazer, deixava um arinco pra achar fácil. Antigamente, se fazia

com madeira de mangue, quando não era proibido. Amarra os feixes, metia a corda num arinco, fazia uma fateixa grande, ia enfiando os molhos de madeira, ia ficando só os montes de madeira, pronto, aí lá, e quando era no outro dia, botava mais, e quando era com uma semana, podia ir lá pescar, que já tava cheia de peixe. Dava muita garajuba, garaximbora, ariacó.

Como você iniciou a pescar no mar?

É quando a gente tem uma vontade de fazer uma coisa, é um sonho. Eu tinha tanta vontade de pescar que eu sonhava, de noite. Quando nós viemos embora pra cá, eu sou da Varjota, quando chegou aqui, eu botei minha vontade pra frente. Meu padrinho Chico Laurindo, eu disse que tinha vontade de pescar no mar, aí ele foi, falou com os vaqueiros do finado Salustiano. A primeira vez que eu fui pro mar, era tão perto o curral, que a canoa não tinha nem pano. Não achei muito bom, não, que a minha vontade era pescar de linha. Aí ele foi e arrumou, falou pro Antonio Bom me levar, aí eu fiquei pescando numa canoinha, que era chamada de Touro, que parecia um cocho de aparar massa. Aí eu pesquei um tempo com o Antonio. Depois eu arrumei um canto mais o João Pelonha, numa jangada de raiz de timbaúba. Aí eu fui pescar mais o Lico, depois comecei a pescar de manzuá com o compadre Nicanor. Eu acho que tinha uns onze a doze anos, quando comecei a pescar. E ainda não abandonei a pesca, não, ainda pesco um pouco, aqui mais por perto, nos cascalhos.

Como era o pescador de antigamente e como é o atual?

Quando eu comecei a pescar mais lá pra fora, mais o compadre Nicanor, mais o Lico, no começo, nem uma saca pra gente dormir em cima não tinha, a gente dormia na tábua, mesmo. O travesseiro era em cima de uma saca de lenha, o fogão que a gente cozinhava era de lata de querosene, a gente levava a lenha e a busca de coco, pra fazer o fogo. Esse era o nosso fogo. E também a gente usava o sal, não tinha gelo, a gente pegava o peixe, salgava, e trazia salgado. Na hora da

gente comer, a gente fazia um pirão na cuia que a gente esgotava a canoa, ninguém tinha bacia, não. A colher era um pau de lenha, com ele, a gente mexia o pirão, e aí cada qual metia a mão dentro, e o peixe tirava da panela, com a mão. A gente passava de três, quatro dias no mar, a roupa que a gente saía com ela, era a mesma que voltava.

Quando a gente vem pra terra, o vento bom é o nordeste, mas, se pegar o vento sul de lá pra cá, você não vem pro porto, você arriba, se pegar o sueste, é o vento ruim pra vir pra terra, ele é bom pra ir pro mar. É o sueste com o leste, é a tormenta.

Hoje, a gente vai pro mar, pra cada um pescador que vai na embarcação, tem uma bacia e uma colher, uma bolsinha com sua roupa.

Qualquer porto que não tem barra, como o de Almofala, você sai a hora que você quiser. Já o porto que tem barra, como o de Torrões, você tem que sair de acordo com a maré, ela tem que tá cheia, senão não sai. Sai quatro horas, pra dar tempo de pescar, quanto mais cedo sair, melhor, se quiser voltar no mesmo dia, dependendo da distância. Tem pescaria que fica mais perto, tem outras que ficam mais longe.

ANEXO 4

JOÃO MARQUES DO NASCIMENTO, é conhecido como João Filho. Tem 34 anos, nasceu e se criou na Aldeia da Praia de Almofala. É jovem liderança e pescador.

Entrevista realizada em fevereiro 26/4/2012.

Embarcação a pano, a motor, jangada, paquete. O paquete era feito com timbaúba, enfincavam uns tornos. A jangada era feita de tábuas e isopor. Primeiro fazia as laterais, depois faziam as cavernas dentro, cobriam por cima com tábuas e emborcavam, jogam o isopor dentro, depois cobriam por baixo.

A canoa é feita de tábuas e pregada com pregos. Antigamente era mais usada a canoa aberta ou meia laranja. Meia laranja é duas partes fechadas e aberta no meio. O bote era a pano, era todo aberto. Chegou uma época que eles fecharam, tinha a caixa, Eles criaram um jeito de armazenar os peixes, fizeram um tipo de caixa para armazenar os peixes e guardar o material que levavam, pensando em quantos dias iam entrar no mar. Esta é a chamada meia laranja. Com o passar do tempo, vieram as embarcações a motor, do mesmo jeito do bote, só que eles iam mudando, fazendo uma casinha pra colocar o motor, não precisava de pano. Existe mais embarcação a motor do que embarcação a pano.

Existe a canoa de boca aberta e a canoa que é toda aberta, só tem um painelzinho que se chama meia laranja, só uma empanadinha embaixo. A canoa toda aberta é utilizada na pescaria de currais.

Os tipos de pescaria mais utilizados hoje são a marambaia, que é pra pescar de mergulho na captura de lagosta. As marambaias pra pescar peixe de linha era feita de pau e ferro. Hoje estão mais utilizadas as marambaias pra pegar lagosta de mergulho, e o curral hoje está muito utilizado. Passou um bom tempo sem ser utilizado o curral, e também a pesca de linha que é feita lá fora e de rede. Quando é noite escura, vão lá pra fora, pra pescar cavala, e, nas noites, pescam de rede. Há dois tipos de arrastão, um pra pescar na noite escura e outro pra pescar nas noites claras. Quem tem os dois tipos de arrastão, pesca na noite clara e escura, e quem não tem este tipo de arrastão pesca de linha. Hoje em dia, as embarcações a pano pescam mais de linha, as embarcações a motor só pescam peixe no período de seis meses. O manzuá também está sendo bem utilizado. Os principais tipos de pesca que são mais utilizados são de linha, curral, manzuá e rede de arrasto.

As pescarias atuais são diferentes de antigamente?

Tem muita diferença. Antigamente, a marambaia era feita de madeira, e desse jeito era pra pescar de linha e pegava cavala, parum, bonito, sardinha e outros. Depois inventaram a marambaia com pneus, e era pra pegar lagosta. Depois inventaram a marambaia de tambores de ferro, também pra pegar lagosta. Amassa os tambores, eles amarram de dois tambores, deixando um local pra lagosta entrar e as tampas, eles fazem uma arapuca pra pegar lagosta.

A pesca da lagosta de antigamente era feita no bote a pano, não existia bote a motor. Eles usavam mais ou menos dez mangas de rede que mediam cem metros cada uma. Separada era só um tirão. Eles afundiavam e arriavam, e de manhã iam só puxando o material. Se um barco levasse dez fileiras de rede, arriava uma distante da outra, para bem cedo pegar na borda em bote a pano. As coisas foram evoluindo, aí chegaram as embarcações a motor. Estava dando muita lagosta, e os botes a motor levavam mais material. No início, levavam de dez a quinze fileiras. Depois da chegada dos botes a motor, come-

çaram com vinte, trinta fileiras em cada embarcação. Hoje tem barco que pesca com 240 filas de rede. Antes não tinha ambição, pescavam na beirada com puxadeira de 10 braças.

E a pesca da lagosta com manzuá?

Faz o manzuá, manzuá pequeno. Antigamente, mediam vinte braças de um manzuá para outro. Hoje mede dez braças de um manzuá para outro. Coloca um cabresto, depois coloca mais dez manzuá numa fileira, coloca dez manzuá, Na frente, fica uma garateia, e atrás fica outra, e a puxadeira fica no meio. Depois vai arincando de um em um. De manhã, eles vão puxar. Se estiver dando muita lagosta, eles arriam no mesmo canto, quando não está dando nada, eles se mudam. Eles dormem perto do material. É um serviço perigoso para arriar, porque é o barco puxando cinco ou seis milhas.

O manzuá é feito de madeira de marmeleiro. Por fora é arame. A boca é feita com fio de seda.

E a pesca de linha de mão?

Pesca todos os tipos de peixe, depende dos tipos de linha e anzol, porque, para cada tipo de peixe, existe o tamanho do anzol e o tipo de linha. Por exemplo: o anzol 13 não vai pegar camurupim. Pegar peixe não é pra todo mundo. Pra pegar biquara, precisa uma linha de nylon 40, bota uma linha 50 pra sambaia, 25, mais pra fora uma linha 60 com rabo de pato. Pra pegar ariacó, com linha 50 no nylon de chumbada, coloca uma linha 70 ou 80 por cima d'água com um peixe vivo no anzol 6 ou 7. Por cima d'água, no rabo de pato, coloca um anzol nº. 8 ou 9. Na linha de chumbada, um anzol 13. Uma linha grossa pra andar por cima d'água não precisa botar chumbada. Já a linha rabo de pato precisa botar chumbada. A linha rabo de pato é um anzol. Mede três braças e bota a chumbada, coloca a isca no anzol e joga. O restante da linha é amarrado na perna ou no dedo. Este tipo de linha é para pegar ariacó. A pesca de cavala ou peixe maior, coloca um anzol amarrado com aço. A isca é um peixe vivo ou a rabisca da sardinha. Joga e amarra na perna o restante da linha. O peixe

menor, embaixo, pesca com anzol 13 e linha 50 ou 60. Passando para as 27 braças, pesca com linha 90 ou 100, depende muito do pescador, porque tem pescador que não gosta de pescar com linha fina, é o tipo do pescador selvagem, quando bate um peixe, ele quer aguentar. Eu não gosto de pescar lá fora com linha 90, 80 ou 70. Com 60 na linha de chumbada, você tem mais facilidade para trabalhar com o peixe. Deve saber arriar a linha, medir as braças, nas 27 braças arriar uma linha. Para pegar cavala, você não vai iscá-la. Para pegar cavala lá fora, é do mesmo jeito da linha de rabo de pato. Amarra o anzol com aço nº. 3 na ponta da linha, isca uma banda de gurapa no anzol, mede 7 braças, coloca uma chumbada na medida, bota um peso. Dependendo da maré, se ela estiver correndo, bota um peso de 250 gramas. Se não estiver correndo, bota um peso de 20 gramas.

Como era pescar com rede caçoeira?

Muitos compravam a rede na fábrica, outras pessoas faziam mesmo na mão, compravam o nylon, pra fazer as agulhas, depois enchia as agulhas, faziam as cabeceiras, depois que tava feito compravam o bordão, chamado o nylon grosso, que é a corda de baixo e a corda de cima, ai eles entralhavam na corda grossa e num pé de pau podre, e aí eles iam entranhando. Depois que tava tudo entranhado, eles chumbava tudinho, tudo na medida. E a última corda que entranhava, eles enfiavam a bóia na corda. Agora, o chumbo, só enchumbavam depois que tava tudo entranhado, e depende da rede e dos fios. Três quilos de chumbo, quatro quilos, rede pra lagosta, pega uma 10 quilos de chumbo. Agora em paquete, ela tem que ser mais maneira, da base de 3 a 2 kg de chumbo.

E a pesca de curral?

Pesca de curral é feita de uma maneira de primeiro que eles faziam, hoje em dia também, só que, hoje em dia, tá muito mudado. Ainda alcancei a pesca de curral.

Quando o curral tá pronto, tem que ter quatro vaqueiros e dois ajudantes, e um canoeiro, e o lambe tábua, só pra

ajudar. O curral tem que tá limpo. Chega lá, a gente bota a rede dentro do curral, fica um na boca com a rede em cima, e fica um na ponta do cambão em cima, e o outro vai mergulhando com a ponta na mão. Lá onde ele deixar, desce outro, pega o cambão, sobe, desce outro, quando aquele perde o fôlego, aí desce outro até quando chegar no bico. Aí desce um pra fazer o bico. Aí tem uma corda que ele puxa embaixo, pra encostar a rede, unir a rede, fazer o monte da rede, e em cima do mesmo jeito. Quando chega é só fazer em cima e embaixo, aí é só puxar a corda. Aquele que tá lá embaixo tem que trazer a corda pra quem tá lá em cima.

O que é marambaia?

Tem marambaia de todo tipo, hoje em dia. Tem a marambaia de madeira, de antigamente, e tem outro nome, que a negada chama de pescaria. Ela é feita com pau do mangue.

Eu tinha cinco anos quando comecei a pescar, ia mais o João Velho, ele me levava muito pros currais. Ele me levava pras caçoeiras, quem me levava era só ele, aí fui aprendendo as coisas, primeiro de curral, depois de caçoeira, depois de linha, taí, hoje.

Antigamente, eu vejo assim, o pescador era mais valente, naquela época, tinha mais fartura, você vinha aqui, pescava um peixe, o pescador não tinha preguiça. Hoje em dia, a negrada tem a questão de desenvolver este tipo de globalização, a tecnologia tá mais avançada. Pescador hoje, às vezes, não quer mais sair de casa pra não perder um filme, uma novela. O de antigamente, ia pro mar todo dia, não tinha preguiça, era o meio de vida dele, era o ramo dele, eles eram mais valentes, pelo gosto dele, ia pro mar todo dia. Pra mim, eles eram mais valentes, enfrentavam o vento, a chuva, hoje em dia, o pescador quer se esconder na cabine pra não tomar chuva. Mas, naquela época, material pra pescar lagosta eram vinte filas de rede, não era como hoje, começava seis horas, oito horas tava tudo terminado, quatro horas se levantava e começava tudo de novo. Hoje em dia, o trabalho tá mais pouco, a produção, mas tem mais trabalho na pesca da lagosta, você

se levanta às duas da manhã, trabalha até as oito da noite. Antigamente, o pescador passava cinco dias no mar, hoje em dia, são um mês, quarenta dias, tudo isso, tem muito pescador que é só daqui mesmo de ir e vir, todo dia tá em casa, não quer passar muito tempo fora de casa. Tem pescador que não sabe o que é um vento, não sabe a direção do vento, tem pescador que, se perder a terra de vista, se ariar no mar, ele perde o rumo, não sabe voltar mais. O pescador de antigamente sabia a direção do vento, tinha mais ou menos a base, hoje em dia, ele vai mais pelo que ele quer ganhar, não é mais pelo aprendizado. O pescador de antigamente, qualquer coisa que acontecesse, ele sabia o que fazer, não se apavorava. Hoje em dia, o pescador trabalha mais com GPS, não quer saber mais dos pontos de terra, os caminhos de saída e de chegada.

ANEXO 5

DEUSDETE CABRAL DE SOUSA, 82 anos, nasceu e se criou em Varjota, e hoje é liderança indígena Tremembé de Varjota. É conhecido como Tio Dete.

Entrevista realizada em 1º./5/2012.

A pesca com a malhadeira, o nylon que é feito a malhadeira é 25. Antigamente era com o nylon 80, 70, 60 e deixavam de dormida. Hoje não acontece. A pescaria era feita de tarrafa, e a pesca acontecia no período da maré seca. A melhor maré para pegar peixe no lagamar é na maré de quarto minguante. Curimam e tainha duravam cinco dias, vinha até gente de Itarema, pescavam durante o dia e a noite, deixavam as curiman estendidas na beira do rio. No local do lagamar hoje, era uma grande mata, mas houve uma grande cheia, aí abriu o lagamar.

Segundo tio Dete conta, que o senhor Dola disse que este lagamar iria acabar e formar um tremedal. Hoje, os peixes com que nos alimentamos são todos congelados, sem sustento. Antigamente, os peixes eram sadios, porque os peixes eram capturados na hora e comidos na mesma hora, com todo sangue, por isso todos eram sadios, a falta que tinha era a farinha.

Por causa da lua. Quando é lua cheia, quando nasce no mar, a maré está um quarto seco e, no lagamar, ela está enchendo. Quando for às 10 horas, ela está seca.

Os principais peixes são curimam e tainha. Hoje só tem peixe miúdo, como saúna, carapeba, miguelão, moré e ca-

marão. O que acabou com o lagamar foi a cheia de 72 levando tudo, logo as ostras. A gente pegava os peixes amassando, colocava a tarrafa enterrando o chumbo, aí ia amassando os peixes com a mão. A tarrafa era feita de fio de algodão e tecida com uma tabuleta e uma agulha. A malha era a cabeça de dois dedos, e passavam seis dias para fazer uma tarrafa.

Como é feita a pesca de tarrafa?

É lanceando durante o dia, colocando o peixe numa enfieira, porque eram os peixes maiores, e, durante a noite, coloca dentro do uru.

Como é feito o curral no rio?

É feito com mourão e tecido com varas. As espias são amarradas com cipó ou corda de nylon, o curral do rio só tem o chiqueiro e as espias, é despescado com o landuá, e o landuá é feito de fio tecido.

Hoje a pesca de camarão é feita com a tarrafa e de rede. Com a tarrafa é lanceando e pega os maiores. Com a rede, é duas pessoas, uma leva dum lado, e uma leva do outro, puxa os camarões grandes e os miúdos. A malha da tarrafa é a cabeça de um dedo mindinho, e da rede também. Hoje não é como de antigamente. O rio é importante porque tem ajudado muito a população indígena.

É lagamar porque, quando a maré enche, alaga todas as croas e o mangue, e, quando seca, fica água só nos canais. Antigamente, a maré secava, e, nas croas e no mangue, ficava alagado.

A lua posta está com um quarto seco na costa. A maré maior é que é boa de peixe, maré choca é quando o quarto é minguante. Da lua cheia para a lua nova, o quarto crescente que é bom para pegar peixes.

ANEXO 6

MANOEL RAIMUNDO CABRAL, 70 anos, nasceu e se criou em Varjota, e hoje é liderança indígena Tremembé de Varjota. É conhecido como Mané Maroca.

Como é feita a tarrafa?

Antigamente era feita de fio de algodão e linha, comprávamos os tipos 1, 2, 4 e 8 também de algodão. A corda de botar de baixo pra colocar o chumbo era torcida na mão e a corda para colocar no punho da tarrafa era torcida no carretel. A tarrafa normal na pescaria, a malha era de dois dedos. Agulha e tabuleta para fazer a tarrafa. A tarrafa coloca o chumbo na boca e joga, ou seja, lanceia. O curral no rio coloca os mourões e tece as esteiras, ou seja, as espias, com um chiqueiro. A pesca no curral é feita com landuá. A malhadeira coloca um pau de um lado e do outro e estica a malhadeira no nylon 25 ou 30. A pesca do camarão é um pouco lenta, tem que ter muita paciência para pegar estes camarões.

Tarrafa, linha de pescar siri, pegar siri de forquilha, malhadeira e rede. Houve um tempo que o povo queria pescar com esse tipo de armadilha, mas nos reunimos e ficou por menos. Pegavam muito guaiamum, porque tinha muito pé de munfumbeiro, onde os guaiamuns se criaram.

No curral, a maré é importante porque é que traz o peixe. Quando chega a força da maré, dá muito peixe. Antigamente, a pesca era feita durante o dia e a noite, durante a noite, o pessoal da Varjota ia esperar os outros grupos de

pessoas para iniciar a pescaria. No meu tempo, a pescaria era uma animação, parecia que fosse uma seresta. Vinha gente pescar de Itarema, do Touro, a pescaria janeiro a fevereiro, era um bom tempo para fazer uma boa pescaria como curuca; ubarana curimai; era um momento de grande fartura, também pescavam de choque. Houve um tempo de pescaria de camurim com linha de mão.

Antigamente, o lagamar era todo igual, ou seja, o povo Tremembé confiava primeiramente em Deus e no lagamar, até que foi conhecido como pai dos Tremembés. A tarrafa para pegar camurim no lagamar era quatro dedos. Antigamente não tinha ganância, só pescavam para alimentação. O rio pra mim é tudo. O lagamar é um alagadicio, ou seja, é espalhado, não tem canal. Quando comecei a pescar foi com uns 8 anos de idade.

ANEXO 7

LUIS MANOEL DO NASCIMENTO é conhecido como Luiz Caboclo, tem 60 nos, é liderança, pajé e Mestre da Cultura. Mora na Aldeia de Varjota.

Entrevista realizada em 2/5/2012.

A pescaria no lagamar é a pescaria de tarrafa, caçoeira. O povo Tremembé foi contra, de choque quando o lagamar tinha capim, algumas pessoas pescavam de choque, linha de mão, curral. O curral era feito na hora e desmanchado na mesma hora, feito de lama. Uma pessoa iniciava fazendo um polmeiro, e os outros acompanhavam de 5 e 5 passos, uma pessoa pra outra, faziam circulo e pescavam no pé do polmeiro, o peixe ficava dentro. A colheita de ostra, caranguejo, unha de velho, e guaiamum, o mão no olho, o aratum, sié e curral feito de madeira, a tapagem todos os finais de inverno para o peixe não voltar, a jangarela era feita de fio é do modo de uma rede de dormir.

A hora da maré seca tem uma influência, e a maré cheia, tem outra. A pesqueira é nos alagados quando a maré está cheia, e na maré seca se pesca no porão que é o meio do rio.

No sair da lua, quando a lua sair, a maré está seca na praia, no rio, ela está começando a encher. Os peixe era tainha curimam, ubarana, sargo, salema, carapeba, zamboque, carapicu, bagre, pacamon e outros.

Como é feita a tarrafa?

É um segredo muito grande, se estiver um nó errado no botar da corda, ela fica errada. A medida normal de uma tar-

rafa é 12 a carreira de crescido, 3 palmo de saco, um pano morto. Antigamente, as tarrafas eram nove palmo de crescido, 3 palmo de crescido e pano morto. Ela começa com 48 malhas, 12 carreiras, 8 cabeças de crescido, ela fica com nove braça de roda. Com tarrafa é correndo atrás dos peixes e lanceando os peixes, e outros ficam só lanceando.

Como é feito o curral no rio?

É feito com madeira tecido com cipó, ele tem um chiqueiro e espias, é despescado com landuar que é feito com fio de algodão fiados pelas mulheres.

A pesca com a malhadeira é uma pesca predatória?

Como é feita a pesca com a tarrafa, a pesca estica a malhadeira do lado pro outro, e todo peixe que passa malha. Na medida certa, é colocada na enchente da maré e tira na vazante, ela tem uma malha proibida pelo Ibama. O tamanho da malha é carapuça de um dedo. Primeiramente, o nylon era 25 ou 30, hoje já estão utilizando nylon 60 para pegar camurim.

A pesca de camarão é feita com tarrafa e rede. Antigamente, não tinha a pesca de camarão, quando acabou o capim no lagamar que deu início a pesca do camarão. O povo não tinha tanto interesso de pegar o camarão porque era mais pra comercializar e tinha muito peixe no nosso lagamar, por isso povo não ia se empalhar na pesca de camarão. Hoje, as tarrafas são feitas de nylon com uma malha miúda, que prova a carapuça de um dedo. Os antigos eram sábios cientistas e diziam essas frases: Deus tira os dentes e alarga a goela. O lagamar representa para mim o nosso pai, se não fosse o lagamar, nós não existia aqui, porque ele é uma fonte de alimento e um símbolo para o povo Tremembé.

O povo da Varjota chama o rio de lagamar porque é alagado bem largo. Para o povo da Tapera é chamado de rio porque tem canal estreito. A vida do povo Tremembé vem vivendo do lagamar, nasceu nele e vai se acabar por ele, que ele é a vida do povo Tremembé.

ANEXO 8

JOÃO GOMES DOS SANTOS, 74 anos, nasceu em Tapera, liderança indígena Tremembé do aldeamento de Almofala, mora na Aldeia Tapera.

Entrevista realizada em 1º./5/2012.

Quais os tipos de pesca com as mãos?

Choque, de landuá, linha para pegar peixe e para pegar siri, curral, manzuá, tarrafa e jangarela. Com a mão, quando na lama, pegava peixe, camarão. Choque ficava choqueando na água. Ele é feito de vara, faz um círculo de cipó. A lua melhor para pescar é a maré de lua nova. Curimam, carapeba, camurim, bagre, ubarana, salema,sargo, carapicu. Durante o dia, era a pesca de tarrafa, e, de noite, jangarela. Pesca com jangarela é esperar o peixe de salto. Jangarela é feito de fio de algodão. Tece o fio como uma rede de pesca, tece uma esteira de vara e coloca a jangarela a esperar o peixe. Antigamente, os peixes eram sadios. Um quilo de pilombeta era uns 25 peixes, e hoje diminuíram, só dá uns 7 ou 8 peixes.

Como é feita a tarrafa?

Era feita de fio de algodão tecido na mão, com uma agulha e uma tabuleta. Há vários tipos de algodão: algodão inteiro, é que era para fazer tarrafa, jangarela e landuá. Apareceu uma linha zero que era pra fazer a tarrafa, por isso abandonaram as tarrafas de fio de algodão. Depois apareceu o nylon, e hoje só existe tarrafa de nylon.

Como era feito o curral?

Era feito com varas, tecido com cipó, hoje é feito com cipó e amarrado com nylon.O curral é despescado com landuá... Sai procurando o peixe, arrastando.

ANEXO 9

JOSÉ FÉLIX DE MOURA, 65 anos, nasceu e criou-se na Aldeia Tapera, liderança indígena Tremembé do aldeamento de Almofala. É conhecido como Trival.

Entrevista realizada em 16/3/2012.

Como era feita a pesca antigamente?

Era feita na costa com jangada feita da raiz de timbaúba, de mulungu e piúba. Depois veio a pesca com jereré, que era feito de fio com um formato de um landuá pra pegar lagosta. A isca é um pedaço de carne ou peixe gorduroso colocada no fundo do jereré, depois arreia na água. Depois apareceram umas lanchas, os nossos antepassados pescavam nesses tipos de embarcações. Tinha muitos tipos de peixes como pescada, goloza, biquara, cangulo, parum, serra, cavala e outros. A gente trocava o peixe por farinha, antigamente existia muita fartura de peixe. Se alguém fosse comprar peixe na beira da praia, não era no peso, separava uma parte de peixe e cobrava. O jereré é uma armadilha de pesca feita de fio de seda, pega um pedaço de arame e faz um círculo depois coloca a rede tecida de fios.

E a pesca de manzuá?

Os manzuás são amarrados em uma puxadeira, ou seja, uma corda. Eles são arreados num dia e tirados no outro dia. Ele tem uma isca como osso ou toucinho de porco. Para fixar

o manzuá, coloca em cada manzuá uma pedra com um peso mais ou menos de 20 quilos. Em cada fileira é com 12 ou 18 manzuá, as embarcações grandes levam 1.200 manzuás. Nesta pescaria, em cada embarcação são 8 pessoas: 1 cozinheiro, o motorista, o mestre, o iscador, o cangalheiro, o contramestre, o geleiro e o tirador da lagosta.

Como é feito o manzuá: é feito de arame com pedaços de madeira. Tem um formato quadrado, amarra-se os pedaços de madeira nas pontas, depois tece a esteira a malha é mais ou menos na base de quatro dedos da mão. Para pegar as lagosta grande, deixa uma boca triangular, para entrar lagosta ou peixes.

ANEXO 10

ESTEVÃO HENRIQUE DOS SANTOS, 80 anos, nasceu na localidade de Camboa, mora na Aldeia Tapera, e é liderança em sua aldeia. É conhecido como Estevão.

Entrevista realizada em 9/3/2012.

Há dois tipos de armadilha para pegar camarão: a tarrafa de malha miúda e a rede de arrasto. Há também tarrafas com malha maior para pegar outros tipos de peixes como tainha, bagre e outros que existem no rio.

As tarrafas antigamente eram feitas com fio de seda, com o passar do tempo, foi feita de nylon, como até hoje é utilizada.

O tamanho da malha da tarrafa para pegar camarão é mais ou menos a cabeça do dedo mindinho.

Os pescadores pescam diariamente, mas o período da pesca de camarão acontece nas marés de quarto.

Como é a pesca de currais?

Os currais são despescados no período da maré de vazante, ou seja, quando está secando de uma maré para outra. O tempo é de 40 minutos. Por exemplo, pra ela encher leva 40 minutos e pra secar, a mesma coisa. O curral é feito de vara e tecido com cipó.

E a pesca de linha?

Estrova um anzol nº. 15 na ponta da linha e mais acima uma chumbada para pegar bagre, carapeba. Os pescadores vão

à hora da maré seca ou quando ela está começando a encher. A pescaria não dura o dia inteiro, e sim, só no período da maré.

Como é a pesca no mar?

Há vários tipos de pescaria no mar. A de anzol, estrova um anzol nº. 4 na ponta de uma linha, com uma chumbada para pegar os peixes como cavala, xaréu, cação. Existe um momento para pegar tintureira, também conhecida como travessa, que também se pega com anzol nº. 4. Para pegar os peixes menores, os anzóis são de nº. 12,14,15 e 9, como garajuba, piraroba, enchova, goloza, etc.

Antigamente, a armadilha para pescar lagosta era o jereré, que era feito com fio de seda. Hoje, como tem muita ganância, quando as embarcações cresceram, foi construindo outro tipo de armadilha que se chama de manzuá, que é feito de madeira e arame tecido. O nº. do arame para tecer o manzuá é o 18. Amarra os pedaços de pau nas pontas, depois tece o formato de quadrado, deixa uma boca pra lagosta entrar, coloca-se a isca de toucinho de porco ou osso. A malha do manzuá é mais ou menos de 4 dedos. Em uma fileira, coloca-se de 12 a 18 manzuás, e ele pode ser despescado com 24 horas. Tiveram a ideia de usar o manzuá porque a produção de jereré estava diminuindo, o manzuá pegava mais, então cada vez mais a ambição foi aumentando e inventaram a rede de arrasto, feita de fio de seda, hoje é feita de nylon. Esse tipo de rede é proibido pela IBAMA, porque ela destrói o cascalho e pega a lagosta grande a miúda. Este tipo de pescaria era feita com jangada.

Hoje, a maioria dos pescadores pesca em embarcação a motor, por isso que está a briga do IBAMA com os pescadores, porque pega a lagosta miúda e o samango.

Quando só pescava de jereré e manzuá, não tinha esta perseguição do IBAMA em alto mar, porque os pescadores Tremembé só pescavam o suficiente para se manter, e hoje tem muita ambição dos empresários de barco.

A marambaia é um tipo de pescaria para atrair peixes, e ela é feita de madeira. Leva a madeira para dentro do mar, procura um local com 25 braças de fundura, coloca aquela ma-

deira no fundo do mar, ela fica toda amarrada, feitos os feixes, coloca uma pedra em cima da madeira, pra não se espalhar. Quando a madeira criar aristim, o peixe vem comer. Porque o peixe vem comer em cima da madeira? Porque a madeira solta um limo, e o peixe fica encostado para comer. Quando estiver com alguns dias que foi colocada a marambaia, já pode ir lá pescar. Na marambaia, há vários tipos de peixes como parum, serra, garajuba e outros, e lagosta também.

E a pesca de curral no mar?

Como construir um curral: tira uma quantidade de mourão, finca um mourão mestre e corre a linha, finca dois mourões de encostamento pra fazer o bico do chiqueiro. Faz um de barravento e um de saltavento, puxa pra salinha, faz meia marca da salinha com o chiqueiro, puxa outra meia marca para o outro bico da salinha, corre a linha para o mourão mestre e para a salinha. A salinha se faz de barravento e de saltavento. Depois que ele está muruado, tece-se o arame. Depois do arame tecido, especa, colocando 6 paus em cada espia, depois cinta o chiqueiro, salinha e os bicos, e, por último, coloca-se o arame.

O peixe corre na espia do curral, entra na salinha grande, vai para a salinha e vai para o chiqueiro. Depois que o peixe está dentro do chiqueiro, coloca-se a rede, laça os peixes, depois puxa pra cima da canoa.

Antigamente, a rede para pesca de curral era feita de tucum, hoje é utilizada de fio de seda.

ANEXO 11

Nomes científicos dos peixes e crustáceos existentes no Mar de Almofala e no Rio Aracatimirim

Ariacó	*Lutjanus synagris*
Arraia	*Dasyatis americana*
Beijupirá	*Rachycentron canadus*
Biquara	*Haemulon plumieri*
Bonito	*Euthynnus alletteratus*
Camarão Branco	*Litopenaeus schimitti*
Camarão rosa	*Farfantepeneus brasiliensis*
Camarão vermelho	*Farfantepeneus subtilis*
Camurupim	*Megalops atlanticus*
Cangulo	*Balistes Vetula*
Cavala	*Scomberomorus cavalla*
Garajuba	*Caranx crysos*
Goloza	*Genyatremus luteus*
Guaiúba	*Ocyurus chrysurus*
Garaximbora	*Caranx hippos*
Lagosta vermelha	*Panulirus argus*
Lagosta verde	*Panulirus laevicauda*
Pargo	*Pagrus pagrus.*
Parum	*Chaetodipterus faber*
Pescada branca	*Cynoscion leiarchus*
Pescada amarela	*Cynoscion acoupa*
Sardinha	*Opisthonema oglinum*
Serra	*Scomberomorus brasiliensis*
Tubarão	*Carcharodon carcharia*
Bagre	*Sciadeichthys luniscutis*

Camurim peba	*Sciadeichthys luniscutis*
Camurim flecha	*Centropomus undecimalis*
Caranguejo	*Dilocarcinus pagei*
Carapeba	*Diapterus auratus*
Carapicu	*Eucinostomus gula*
Curuca	*Micropogoni*
Moreia	*Gymnothorax sp*
Ostra	*Ostrea edulis.*
Pacamon	*Lophiosilurus alexandri*
Salema	*Archosargus rhomboidalis*
Sargo	*Archosargus probatocephalus*
Tainha	*Mugil cephalus*
Ubarana	*Archosargus probatocephalus*

OS ENCANTADOS E SEUS ENCANTOS: NARRATIVAS DO POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA SOBRE OS ENCANTADOS

<

Raimunda Sonha Nobre dos Santos
Aluísio Ferreira de Lima
(orientadores)

Maria Andreína dos Santos

OS ENCANTADOS E SEUS ENCANTOS: NARRATIVAS DO POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA SOBRE OS ENCANTADOS

MINHAS HOMENAGENS

À professora e mais nova encantada, exemplo de luta e de encantamento, pelo seu trabalho de construção da educação escolar diferenciada Tremembé: Raimundinha (falecida);

Foto: acervo da autora.

Ao professor guerreiro nosso de muitas lutas e superação, por sua dedicação à causa indígena e educação escolar diferenciada: Dr. Babi Fonteles e a banca examinadora do trabalho acadêmico que originou este livro.

Foto: acervo da autora.

À missionária valente pela luta da nossa formação, que emprestou sua vida por todos esses nove anos, e amorosa de coração: Marly Schiavinni.

Foto: acervo da autora.

Ao professor (e toda sua equipe) que foi tocado pela nossa ideia de um projeto avançado, sem referências e pioneiro, abraçando a causa pela formação do professor indígena Tremembé: Dr. Custodio.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro, em primeiro lugar, aos meus pais, Zé Biinha e Teresa, que foram meus primeiros contadores de histórias, e aos meus filhos Gabriel e Natalina, que são os maiores encantos da minha vida.

Ao povo Tremembé do aldeamento de Almofala e a todos os indígenas do Brasil que travam essa luta sem fim pela sua cultura e pelas suas terras.

A você, leitor, que vai tornar possível o conhecimento e a divulgação deste livro.

AGRADECIMENTOS

O meu sentimento de gratidão está voltado para:

Cada personagem que se dispôs e permitiu a realização desta obra de encanto e encantados do mundo e do povo Tremembé: Assobiador, Menino Vaqueiro, Mãe D'água, Caipora, Botija, Guajara, Lobisomem, Bruxa, Rei Sebastião;

A todos os meus entrevistados e contadores das histórias que tornaram possíveis as narrativas escritas neste trabalho: Geraldo Cabral de Sousa (Geraldo Trajano), 90; Maria Laurindo do Nascimento Sousa (Biinha), 86; Sabino Gonçal Marciano (Sabino), 75; Maria Alves de Sousa (Maria Bela), 71; Maria Francisca Félix (Lucrécia), 69; Luís Manuel do Nascimento (pajé Luiz Caboclo), 61; Luís Antonio Mariano (Luís Tó), 61; Francisco Marques do Nascimento (cacique João Venâncio), 58; José Geraldo dos Santos (Zé Biinha), 57; Rita Matias de Moura Mariano (Rita Tó), 56;Teresa Ferreira de Sousa dos Santos (Teresa Biinha), 56; Raimundo Nascimento Sousa (Pachola), 52; Maria Almerinda Ribeiro Alves, 44; José Getúlio dos Santos, 29; Adelina de Sousa Santos (Dely), 17.

Foto: acervo da autora.

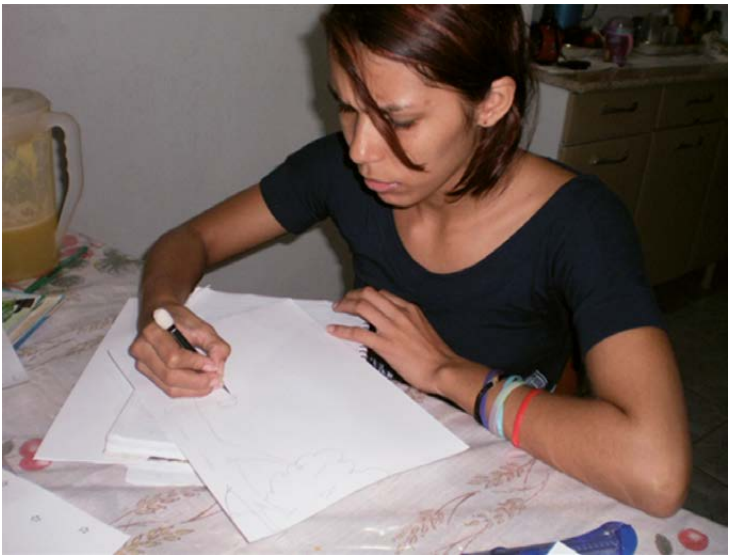


Foto: acervo da autora.

Às jovens talentosas ilustradoras: Adelina de Sousa Santos, Antonia Angelina de Sousa Santos e à desenhista Paulina de Sousa Santos (foto).

A todos os docentes e colaboradores que tornaram possível a aprendizagem dos conhecimentos pelas disciplinas curriculares.

Aos prestadores de serviços (voluntários ou não): secretários, cozinheiras, merendeiras, motoristas, motoboys, comerciantes.

Aos parceiros que, de várias maneiras, contribuíram para a realização deste curso.

Ao PIBID e CAPES por me proporcionarem o recebimento da bolsa.

A todos os colaboradores anônimos que me motivaram e contribuíram para realização deste livro.

Foto: acervo da autora.

Carinhosamente, à minha orientadora, Sonia Malaquias, e o meu orientador, Aluísio Lima, que estiveram sempre de acordo com as minhas ideias e puderam compreender a mensagem dos encantados e pela dedicação de cada um na elaboração e finalização deste trabalho.

Foto: acervo da autora.

Aos meus colegas do MITS pela convivência num ambiente de estudo alegre e feliz e pela oportunidade de melhorar os meus sentimentos de amor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....754

CAPÍTULO I - SOBRE MEU ENCANTO PELOS ENCANTADOS.....755

CAPÍTULO II - OS ENCANTADOS NA CULTURA TREMEMBÉ.....759

CAPÍTULO III - O QUE OU QUEM SÃO OS ENCANTADOS.....763
3.1 Mãe d'Água..... 765
3.2 Assobiador.....766
3.3 Caipora.....767
3.4 Botija.....769
3.5 Menino vaqueiro.....771
3.6 Guajara.....772
3.7 Lobisomem.....774
3.8 Bruxa.....776
3.9 Rei Sebastião.....777

CAPÍTULO IV - ONDE HABITAM OS ENCANTADOS 779

CAPÍTULO V - A PRESENÇA DOS ENCANTADOS NA ATUALIDADE 787

CAPÍTULO VI - REFLEXÕES: O QUE APRENDI 789

CAPÍTULO VII - HISTÓRIAS SOBRE ALGUNS LUGARES ENCANTADOS 794

7.1 O encantado da Lagoa da Água Verde..... 794
7.2 Os encantos da Lagoa da Batedeira..... 796
7.3 Encantados da Batateira.....798
7.4 Uma história de assombração ou visagens.....800

CAPÍTULO VIII - NARRATIVAS DE TREMEMBÉ QUE TIVERAM OU TÊM EXPERIÊNCIAS COM OS ENCANTADOS 802
8.1 D. Maria Bela, liderança da comunidade da Praia.....802
8.2 Dona Rita Tó, liderança de Batedeira II.....805
8.3 Experiências de cura do Seu Sabino.....807
8.4 A experiência de cura de D. Lucrécia, liderança de Varjota 810
8.5 Experiência de cura de Adelina, jovem de Mangue Alto.... 812

CAPÍTULO IX - HISTÓRIA E NARRATIVAS SOBRE OS ENCANTADOS.....815
9.1 Histórias do Zé Biinha, meu pai e liderança de Mangue Alto, sobre a Mãe D'Água 815
O Siri Encantado.....816
O segredo da pedra.....817
9.2 A cobra (Mãe D'Água) que se mudou, contado por Geraldo Trajano, meu avô e liderança de Mangue Alto.....819
9.3 O Assobiador, contado e vivido por seu Sabino, liderança de Varjota.....821
9.4 A origem do Assobiador, contada por D. Teresa Ferreira, minha mãe e liderança de Mangue Alto..... 822
9.5 O Assobiador, contado por Zé Biinha.....824
9.6 O Assobiador, contado por Geraldo Trajano.....825
9.7 A origem do Caipora, contada por D. Rita Tó.....826
9.8 O Caipora, contado por Geraldo Trajano.....827
9.9 Caipora ou Surrupira.....828
9.10 A Botija, contada por Geraldo Trajano..... 830
9.11 A Botija, contada por Maria Laurindo (D, Biinha) minha avó, liderança de Mangue Alto..... 831
9.12 A Botija do Muricizeiro, contada pelo Sr. Sabino de Varjota..... 833
9.13 O Menino Vaqueiro, contado por Teresa Ferreira..... 834

A origem..... 834
A cabra sumida..... 835
9.14 O porquinho corredor..... 836
9.15 O Guajara, contado por D. Maria Bela..... 838
A surra..... 838
As artimanhas..... 839
9.16 O homem que se assombrou com um Lobisomem e fez seu amigo também se assombrar, recolhida por Getúlio 841
9.17 O Lobisomem, contado por Luís Tó..... 843
O rapaz que queria ver o Lobisomem..... 844
A corrida do Lobisomem..... 845
9.18 O Lobisomem, contado por Seu Sabino, liderança de Varjota 846
9.19 As histórias da Bruxa, contadas por Luis Tó..... 847
A moça que virava bruxa..... 847
O marido da bruxa..... 849
Um namorado corajoso..... 850
9.20 O Rei Sebastião, contado por D. Almerinda, liderança de Mangue Alto..... 852
9.21 Um desencanto qie não aconteceu..... 854
Siglas..... 856
Sítios na rede..... 857
Videografia..... 858
Bibliografia..... 859

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, minha evocação aos encantados do povo tremembé de Almofala, como faz o cacique tremembé João Venâncio[1] no Torém[2] e nos atos de gratidão, alegria, pesar, reconhecimento ou momento especial:

E não tem ri que eu num atrevesse
Não tem camim que nóis não ande
Não tem pau que eu não arranque
Não tem pedra que eu num quebre
E nem tem mal que nóis não cure
Viemo lá das cachuera
Com a força da natureza
Os encantado nos mandou
Viemo aqui fazer limpeza

[1] Líder maior, escolhido pela comunidade, do povo Tremembé de Almofala – Itarema – Ceará – Brasil.
[2] Ritual sagrado dos Tremembé de Almofala, com músicas e danças próprias.

Capítulo
I

SOBRE MEU ENCANTO PELOS ENCANTADOS

Foto: acervo da autora.

Desde criança, as histórias sobre os encantados já me encantavam. Na minha infância, não existia televisão em minha comunidade, por isso o que eu mais gostava de fazer era ouvir histórias de trancoso, das vivências antigas. Entretanto,

as que sempre chamavam minha atenção eram as que despertavam um pouco de medo, as histórias de assombração.

Durante o dia, eu ajudava minha mãe nos afazeres domésticos, mas, à noite, antes de dormir, normalmente, meus familiares se reuniam para conversar sobre os assuntos do cotidiano. As histórias de encantados vinham à tona, e cada um dos presentes queria contar um conto nesse sentido. Algumas vezes, minhas irmãs e eu íamos para a casa do Tio Chiquim, um senhor conhecido por Chico Laurindo (irmão da minha avó paterna), que morava numa casinha de palha do lado da minha casa e gostava muito de contar suas histórias de memória. Ele repetia várias histórias, mas, curiosamente, a cada vez que contava, parecia que se lembrava de algo novo e, por isso, continuava sendo interessante. Quando cresci, nunca deixei de lembrar a beleza dessas narrações, embora muita coisa tenha sido esquecida.

Aos 22 anos, quando iniciei minha carreira de docente na E.D.E.F.M. Mangue Alto,[3] em algumas das minhas aulas, cheguei a falar e incluir essas histórias nos conteúdos curriculares. Percebi o quanto as histórias chamavam a atenção dos alunos, mexendo assim com a emoção e interesse deles. Percebi, ao mesmo tempo, o quanto essas narrações têm-se distanciado do espaço da nossa oralidade, talvez por conta do acesso aos televisores, que invadiram as nossas casas e não deixam mais espaço para que as pessoas se juntem nas noites, ao redor de uma fogueira no terreiro para trocarem conversas sobre as memórias do passado.

A não ser quando, às vezes, falta energia, mas aí as conversas não são mais de Mãe D'Água, Lobisomem, Assobiador, mas sim sobre as novelas. Foi conversando sobre isso com os alunos, que combinamos e, numa noite, conseguimos juntar um bom número de pais e mães para contarem histórias, pois o nosso objetivo, além de nos deliciarmos ouvindo as belíssimas narrações era transformá-las em um livro. E isso

[3] Mangue Alto - localidade de praia situada entre o povoado de Almofala e Torrões, Itarema, Ceará – Brasil.

acabou sendo possível com o meu esforço e o dos alunos, o apoio que tivemos da coordenadora pedagógica da Escola do Mangue Alto, Neide Teles e de duas técnicas da 3ª CREDE Maria do Socorro (Pan) e Marta Leitão. Depois de muito trabalho, organização e pesquisa, em 2004, nosso livro "Histórias que os Tremembé conta" ficou pronto e foi publicado.

No Magistério Indígena Tremembé Superior - MITS, desde que soube que, no final do curso, cada cursista teria que apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, não tive dúvidas: "Quero escrever sobre os nossos Encantados". E, em nenhum momento, mudei de ideia. Para mim, este livro é como se fosse uma continuação do livro que escrevi com os meus alunos em 2004, só que agora com mais detalhes, porque, além de contar histórias ouvidas e colhidas de lideranças Tremembé, falo sobre a origem de alguns desses encantados, onde podem estar ou por onde passam e da sua importância nos diversos momentos da nossa cultura Tremembé e, mais, qual a função deles como parte do universo e como são representados na natureza. Para mim, o mais importante e a principal função deles é que, além de nos proteger, enriquecem nossa cultura e embelezam a oralidade narrada dos Encantos no mundo Tremembé.

Não é objetivo deste livro, convencer os leitores sobre as verdades e revelações do mundo dos Encantados. Afinal, tudo que eu escrevi não foi ideia minha, mas sim do muito que venho escutando, desde criança, das pessoas mais velhas e mais experientes nesses assuntos, além das minhas aulas desde 2001/04 no MIT e no MITS, 2006/2012, e nos diversos momentos de encontros do movimento indígena[4] em que participei, tais como assembleias, seminários, encontros e aulas. Nesse sentido, meu objetivo é contar um pouco da nossa cultura, um pouco daquilo que o povo Tremembé sempre acreditou e respeitou. Apresentarei histórias referentes a esses seres sutis do mundo sobrenatural, que fazem parte da nossa

[4] Lutas manifestas dos povos indígenas pela terra e direitos constitucionais.

cultura há milhares de anos e que juntos compartilham experiências e conhecimentos de proteção com o meio ambiente, convivendo sempre em harmonia com a mãe natureza.

Também pretendo despertar nos leitores algo mais do que a afetividade e a emoção. Pretendo despertar a curiosidade em buscar e descobrir outras histórias que, na minha pesquisa, não foi possível descobrir desse mundo infinito e rico de belezas, mistérios e encantos do povo Tremembé. O texto também será um alerta para os perigos que o abandono desses contos representa em um mundo que está ficando cada vez mais distante da oralidade dos mais velhos, um mundo que despreza os maiores conhecedores de nossas tradições e de nossa cultura, aquilo que nos identifica e nos une, devido às diversas culturas globalizadas que se instalam no nosso meio. Sobre isso, cabe a você, leitor, se interessar e se for possível, também fazer seus registros, deixando essa herança literária para as novas gerações.

Este livro é minha contribuição para a cultura Tremembé e expressa meu desejo de que essas histórias permaneçam encantando nossas vidas. Seja bem-vindo a esse pequeno mundo de registros escritos por essa encantada índia Tremembé. Encantada pelas histórias de seu povo e por ter tido a permissão e a honra de escrever um pouco sobre os Encantados, encantos que a encantam, desde sua infância.

Capítulo II

OS ENCANTADOS NA CULTURA TREMEMBÉ

A história do povo Tremembé vem ocorrendo e se reconstruindo há milhares e milhares de anos (dizem os antigos), muito antes de a colonização portuguesa chegar a nossas terras. Mesmo com a forte influência dos colonizadores, com o passar dos anos, os costumes, as tradições e as crenças têm permanecido na cultura e nas vivências do cotidiano, desde os mais antigos nativos até os dias atuais. No que se refere às crenças, é possível afirmar que o povo Tremembé é formado por pessoas que sempre acreditaram no mundo espiritual: na força da natureza, na influência dos Encantados na vida de cada um de nós.

Muito antes da invasão dos europeus ao nosso território brasileiro, nosso povo já cultuava suas divindades e vivia em perfeita e respeitosa harmonia com os seus territórios, pois acreditavam que as forças naturais eram maiores do que qualquer força humana. Os Tremembé tinham a Lua e o Sol como deuses. A lua influenciava a vida das pessoas de acordo com suas fases.

Até mesmo a medicina tradicional estava ligada diretamente aos Encantados, pois, naquele tempo, não existiam médicos no meio de nosso povo para cuidar de doenças. Por conta disso, os Tremembé depositavam sua confiança nos curandeiros e rezadores, devido aos saberes e experiências

nativos acumulados pelos quais curavam as doenças do aldeamento. É importante dizer que esses saberes eram adquiridos de geração a geração, por meio de sonhos com parentes já falecidos que, muitas vezes, vinham para ajudar o seu povo, e por meio da força e sabedoria frente à própria natureza.

O cacique João Venâncio, ao ensinar sobre como a sabedoria era adquirida e fazendo uma crítica dos dias de hoje, conta que:

> Antigamente que as pessoas tinham as matas, faziam os momentos de concentração debaixo das sombras das árvores agradecendo através de suas crenças as divindades pelas graças alcançadas e pela própria natureza e, em muitos desses momentos se adquiria mensagens, sabedorias. Hoje, não se tem muito isso porque não existem mais as matas como antes.

Foto: acervo da autora.

O cacique também está se referindo, no trecho acima, ao enfraquecimento da relação do povo Tremembé com os Encantados. Segundo os Tremembé mais velhos, os Encantados são lideranças que já morreram e que continuam presentes

em espírito no meio do nosso povo para que, em momentos oportunos, possam passar certos ensinamentos espirituais para alguém que tenha merecimento dessa sabedoria. Eles dizem também que os Encantados são pessoas que, no passado, foram encantadas por fadas, não estão mortas e teriam um tipo de energia quente que as diferencia das pessoas comuns e das mortas. Muitos desses Encantados estão presentes em diversos aspectos da vida dos Tremembé e, muitas vezes, atuam em curas, seja na iluminação para a confecção de remédios tradicionais, ou ainda na ajuda ao afastar espíritos que incorporam nas pessoas.

Essas breves linhas podem fazer parecer que todos sabem do que estou falando, ou ainda, conhecem realmente a importância e a história dos Encantados. Entretanto, percebo que existem questões como: o que são, realmente, esses encantados? Onde estiveram no passado e onde estarão hoje? Por que não se fala mais tanto neles hoje como antigamente? Será que esses Encantados têm alguma ligação com as histórias da Mãe D'água, do Assobiador, da Botija, do Caipora, do Guajara, do Lobisomem, da Bruxa e tantos outros que habitam nosso meio, fazendo com que seja importante a realização de um estudo como o que estou apresentando?

A forma encontrada para responder as questões apresentadas segue o relato em primeira pessoa, ou seja, assumo minha condição de escritora narradora que se coloca como testemunha junto àqueles que não têm suas vozes muitas vezes escutadas e apresento publicamente suas palavras. Isso não significa, obviamente, que escreva tudo do meu ponto de vista, muito pelo contrário, o método utilizado para responder essas questões é a história oral, coletada a partir dos relatos e entrevistas com lideranças, anciãs e anciãos, rezadeiras, curandeiras e curandeiros, estudantes, colegas, minha família, caçadores, pescadores, pajé[5] e cacique, pessoas que têm ou que tiveram contato com o mundo espiritual, mediante

[5] Índio Tremembé, com dom de cura e outras manifestações esotéricas, cuidador da alma da aldeia.

os Encantados. Mundo espiritual que, de acordo com o pajé Tremembé Luiz Caboclo, é composto de diversas coisas, tais como rezas e curas que muitas pessoas fazem por conhecimentos, merecimentos ou dons (que uma pessoa tem ou recebe ao se comunicar por sonhos ou visão com espíritos).

Foto: acervo da autora.

Capítulo III

O QUE OU QUEM SÃO OS ENCANTADOS

Durante minha infância, quando escutava pessoas conversando e afirmando que os Encantados eram um assunto relacionado diretamente com a macumba, espécie de ritual em que uma pessoa convoca e recebe espíritos que servem para "fazer trabalho de curar", "causar maldade", pensavam que era uma "coisa do demônio". Por conta disso, cresci acreditando que isso era verdade e, portanto, tinha muito medo de saber mais sobre os Encantados. O medo somente foi transformado em curiosidade mais tarde quando me descobri Tremembé[6] e passei a participar do movimento indígena. No curso de formação dos professores Tremembé MIT e MITS, mais precisamente nas aulas com o pajé Luiz Caboclo e o cacique João Venâncio relacionadas aos conteúdos de medicina tradicional, Torém e espiritualidade.

No decorrer do estudo curricular das disciplinas, relacionadas a esse assunto, muitos esclarecimentos foram feitos a respeito e transformaram meu ponto de vista sobre os Encantados. Uma das principais coisas aprendidas foi saber que os Encantados fazem parte da nossa história desde os nossos antepassados e que muito temos a aprender com eles

[6] Pessoa que se reconhece e é reconhecida pela comunidade como indígena pertencente à etnia Tremembé, reconhecida pela FUNAI.

e mais a conviver com eles. Aprendi com o cacique João que os Encantados se apresentam de duas formas: Encantados vivos e Encantados mortos. Os Encantados mortos são espíritos de pessoas que já morreram, mas que, de certa forma e em alguns momentos, continuam a transitar em no nosso meio (sendo percebidos principalmente quando sentimos frio e arrepios inesperados e sem razão). Os Encantados vivos, por sua vez, são pessoas que não morreram, mas foram encantadas por fadas ou outros Encantados em algum momento de suas vidas. Estes, quando se aproximam de alguém, passam uma energia quente. Com o pajé Luiz, aprendi que todos nós seríamos Encantados, ou seja, em cada um de nós existiria o dom de encanto, sendo que a questão é como cada um desenvolveria esse dom, ou ainda, nunca desenvolveria esse dom durante sua vida porque tem medo ou desconhece fatos que se referem a esse assunto.

De acordo com as nossas crenças, os Encantados são bem reais, mas, segundo os mais velhos, não é todo mundo ou qualquer pessoa que pode ver ou sentir a presença de um deles, mas, de acordo com muitas histórias vividas, experiências e relatos, todos esses já apareceram de alguma forma para muitas pessoas. Parece até que isso aconteceu ou acontece para provar as suas existências. Por essas provações, eles podem aparecer de diferentes formas e em lugares de acordo com a sua caracterização de poder ou proteção de certo espaço na natureza.

Pelos relatos e histórias, posso escrever sobre os Encantados do povo Tremembé que tive a alegria de conhecer durante este trabalho de pesquisa e revelações.

3.1 Mãe d'água

Imagem: acervo da autora.

Para os Tremembé, os Encantados aparecem com diferentes representações, como Mãe d'água ou Iemanjá.

Segundo Seu Zé Biinha, essa é a mãe e protetora das águas e de todas as espécies ali existentes. Dizem que ela vive. Sempre aparece em ambientes aquáticos: nas lagoas, recebe o nome de Mãe D'água; no mar, chama-se Iemanjá. Seja no mar ou nas lagoas, ela pode aparecer em forma de peixe, cobra ou de moça muito bonita com cabelo longo e preto. A lagoa em que vive uma Mãe D'Água nunca seca, e, se um dia ela vier a secar, a mesma se muda de lá para outro lugar em que possa viver. É como se ela adivinhasse o que está para acontecer. Ela se manifesta, na maioria das vezes, para proteger o lugar onde vive, assustando as pessoas ou até mesmo podendo encantar alguém por quem vier a se interessar.

Seu Zé Biinha também conta que, na sua infância, ouvia muito os pescadores mais experientes comentarem que iam pescar e levavam um rolo de fumo para a Mãe D'Água. Segundo eles, ela gostava muito de fumo e, em agradecimento para quem lhe levava tal coisa, ela sempre retribuía com uma pescaria farta naquele dia.

3.2 Assobiador

Imagem: acervo da autora.

Este Encantado é descrito, geralmente, em forma de um pássaro preto, de rabo longo, olhos bem vermelhos e de um assobio fino, penoso e apavorante para quem o ouve. Daí o nome Assobiador, para quem ele já foi revelado.

Suas aparições ocorrem sempre na escuridão das noites no período do inverno, nos meses de janeiro a junho.

Ele não permite e não gosta de maneira nenhuma de ser imitado. E, quando isso acontece, rapidamente, ele se aproxima de quem o imitou e tenta bater com as suas asas na cara da pessoa. É aí que a pessoa se assombra, porque logo vai perceber que aquele não é um pássaro normal porque não consegue vê-lo direito, nem pegá-lo e chega a ficar tonto com o insistente e demorado ruído fino do seu assobio.

O Assobiador é um Encantado que vive vagando pelo mundo, assim fala quem o conhece. Ele é mais ouvido do que visto, pois se faz ouvir em qualquer lugar como na beira da praia, nas proximidades das lagoas, no lagamar, na mata, nos caminhos desertos ou distantes de casas e nos morros.

3.3 Caipora

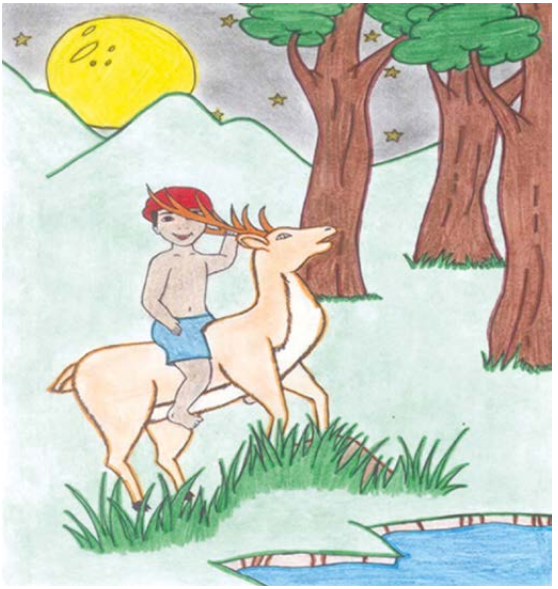


Imagem: acervo da autora.

Este é um ser Encantado bastante interessante. Sua função principal é proteger a mata e todos os animais e caças que lá habitam. Segundo D. Teresa, os mais velhos e conhecedo-

res de suas histórias dizem que ele é um pequeno negrinho e que normalmente aparece montado em um veado. O Caipora gosta muito de fumo e, por isso, sempre agradece aos caçadores que lhe levam tal agrado proporcionando-lhes uma boa e farta caçada naquele dia. Caso contrário, ele se vinga dos caçadores, mostrando suas artimanhas de Encantado e protetor das matas e caças. Um dos seus truques ou brincadeira preferida é assustar ou açoitar os cachorros, e, quando ele faz isso, tais cachorros ficam acuados e não servem mais para caçar naquele dia. Para assustar os cachorros, o Caipora costuma se transformar em raposa e, quando esses correm atrás dela, logo percebem que não se trata de uma raposa normal. Então se desanimam e não saem mais de perto de seu dono. Muitas vezes, ele faz coisa pior, assobia para chamar os cachorros, que, ao chegarem aonde ele está, dá uma surra nos pobres cães que, com o rabo entre as pernas, nem saem mais de perto do seu dono, muito menos caçam naquele dia. E o Caipora, feliz pelo que aprontou, dá boas e longas gargalhadas. Ele maltrata os caçadores, assustando-os e açoitando-os a ponto de irem embora.

D. Maria Bela afirma que ele não gosta de ser chamado de Caipora, mas sim de Surrupira ou Caboco do Mato e, por isso, muitas vezes, ele castiga ou atrasa a vida de quem teima e continua chamando-o de Caipora.

D. Rita Tó relata que o Caipora, além de ser o protetor das matas, é também um Encantado de cura, ou seja, atua muitas vezes nos terreiros da umbanda, em momentos de cura espiritual de pessoas.

3.4 Botija

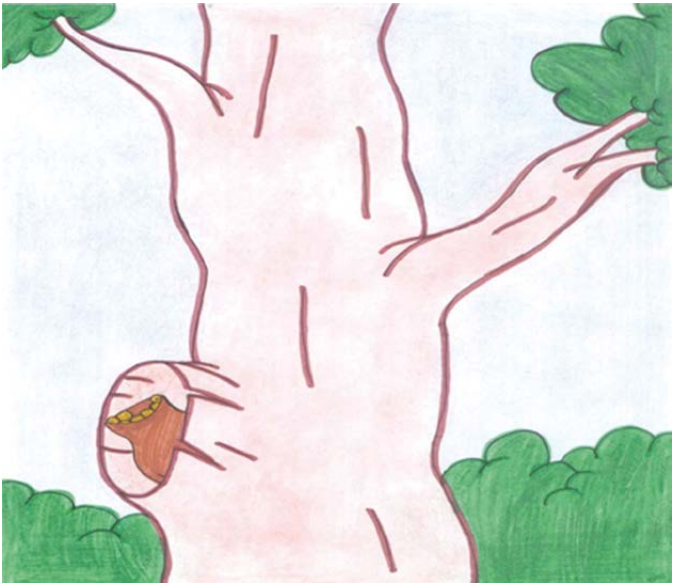


Imagem: acervo da autora.

O Encantado Botija, na verdade, o é pelos rituais praticados pelas pessoas que guardavam o dinheiro. É um "encante", isto é, o encantamento está no dinheiro, em moeda, que alguém esconde e o faz se encantar. É possível que ele apareça ou desapareça no momento em a Botija é desenterrada. A Botija chega a ser botija por meio do dinheiro que os mais antigos enterravam escondido, sem que ninguém soubesse. As pessoas faziam isto, em primeiro lugar, porque, antigamente, não se usava dinheiro como hoje. Então, as pessoas, quando ganhavam alguma moeda, por não ter com o que e onde gastar, costumavam guardar num potinho ou em outro recipiente qualquer e, junto com as moedas, colocavam pelo de gato ou pena de galinha e enterravam em um lugar secreto. Esse lugar poderia ser dentro da própria casa, num tronco de uma árvore, na mata, enfim, em qualquer lugar de interesse dessa pessoa. Daí, com um tempo, esse dinheiro acabava se en-

cantando (encante). Em segundo lugar, porque acreditavam que aquele que tivesse uma Botija tinha mais chance de se salvar, de ir para o céu na outra vida, assim tivesse a sorte de dar a tal botija para uma pessoa que tivesse coragem de arrancá-la. E os mais velhos, conhecedores dessas histórias, enterravam dinheiro. O problema é que, se essa pessoa não tivesse coragem de desenterrá-la, seria condenada a alma tanto da pessoa que deu a Botija quanto daquela que não teve coragem.

Uma Botija era revelada quando o dono dela falecia, mas acontecia também quando o dono ainda vivia. Essa revelação era sempre mediante os sonhos. A pessoa que dava a riqueza lhe dizia onde estava e o que era preciso fazer ou usar na hora de tirar o dinheiro e a que horas. Essa pessoa sonhava durante duas noites seguidas. Se a pessoa esquecesse e não dissesse nada pra ninguém, na terceira noite, a alma daquele que já havia morrido vinha pessoalmente dar todas as instruções necessárias para se desencantar aquele tesouro.

Não é qualquer pessoa que tem o merecimento de ganhar uma Botija. Pois essa pessoa tem que ser alguém de bom coração e não deve ter ambição em momento nenhum, principalmente na hora que for arrancar o tal dinheiro, porque, se isso acontecer, toda a riqueza se transforma em carvão, formiga ou outra coisa que não vale nada (encante). E se, por acaso, a pessoa conseguir arrancar o tal tesouro, tem que se mudar daquele lugar, pois ali ela não pode mais ficar morando ou então tem que mudar a direção das portas da própria casa, senão essa pessoa corre o risco de morrer ou ficar louca.

Para uma pessoa arrancar uma Botija não é de qualquer jeito ou a qualquer hora, tem o jeito certo e o momento exato. Esse horário, normalmente, ou é às doze horas do dia ou às doze da noite. E tem mais, no momento em que a pessoa está arrancando o dinheiro, costumam aparecer visagens de acordo com alguém, o dono daquele bicho que conhece a história do Menino Vaqueiro e acredita no seu poder, vai lá num canto reservado, acende três velas para ele pedindo que se descubra o paradeiro desse animal. Essa pessoa deixa as velas acesas e não deve mais voltar lá porque, segundo dizem, se a pes-

soa voltar, pode vê-lo sentado perto das velas que lhes foram oferecidas, e assim, a pessoa pode se assombrar porque além de ser um Encantado, aquele momento foi oferecido para ele especialmente.

Sempre no lugar onde tem esse tipo de encante, costumam aparecer visões, só deixam de aparecer coisas estranhas se um dia alguém tiver coragem de desencantar.

3.5 Menino vaqueiro

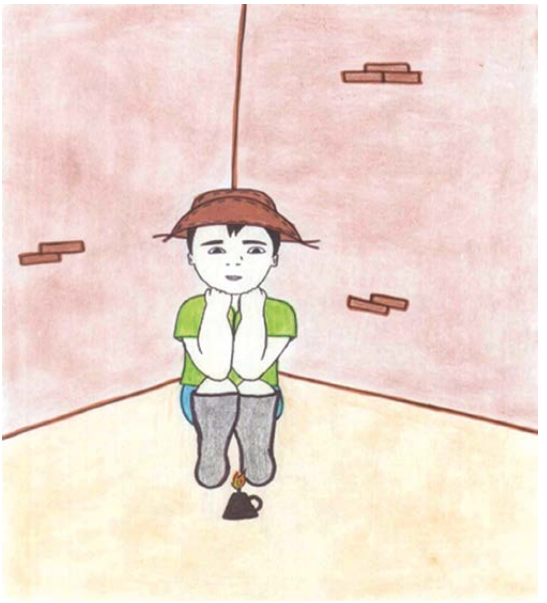


Imagem: acervo da autora.

Esse é um ser que se tornou Encantado e respeitado devido a sua história de sofrimento que viveu durante sua infância. Talvez a forma que Deus achou para recompensar o que esse menino sofreu na terra foi encantá-lo, tendo como função ser vaqueiro, que era o que mais gostava de fazer.

Sua história de origem parece com a do Caipora, mas tem diferente função que é de conseguir fazer voltar para o

dono algum animal que se perdeu ou fugiu de casa, ou seja, caso algum animal doméstico desapareça e não tenha sido morto por alguém, o dono daquele bicho que conhece a história do Menino Vaqueiro e acredita no seu poder, vai lá num canto reservado, acende três velas para ele pedindo que se descubra o paradeiro desse animal. Essa pessoa deixa as velas acesas e não deve mais voltar lá porque, segundo dizem, se a pessoa voltar, pode vê-lo sentado perto das velas que lhes foram oferecidas, e assim, a pessoa pode se assombrar porque além de ser um Encantado, aquele momento foi oferecido para ele especialmente.

3.6 Guajara

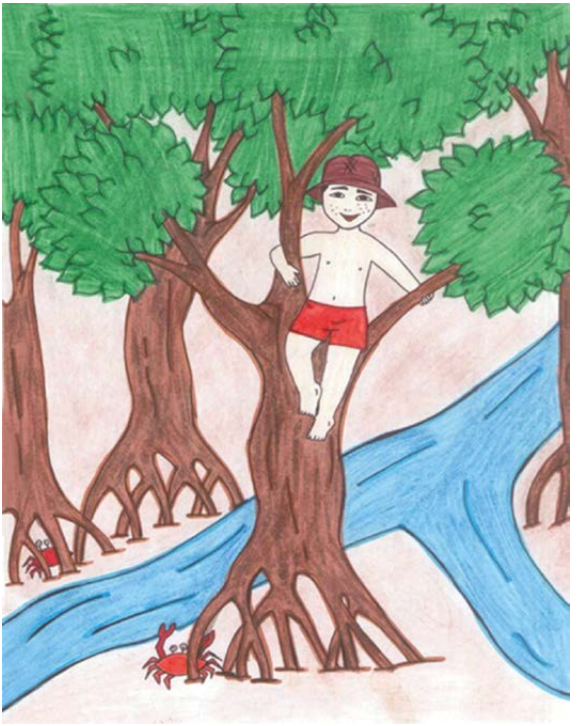


Imagem: acervo da autora.

Esse também parece muito com o jeito do Caipora, ou seja, pelas histórias já ouvidas, ele também é um pequeno negrinho que gosta de fumo, mas, além disso, é corredor e tem voz grossa. No meio dos Tremembé, tem diversos nomes, pois, além de Guajara, também é conhecido por João do Mangue, Guari e Pajé do Rio. Só pelo nome, já dá para compreender que ele é o protetor dos manguezais. Sua principal função é proteger o mangue e todos os animais desse ambiente. Com esse objetivo, muitas vezes, ele se transforma em um animal qualquer, apenas para cumprir melhor com a sua obrigação, que é cuidar do seu espaço de moradia e das diversas outras vidas que ali habitam.

Caso uma pessoa desconheça seus poderes ou não respeite esse lugar como deve, pode acabar se dando muito mal. O Guajara costuma ser bem malvado com quem ele não aprovar alguma atitude como cortar mangue sem pedir permissão, pescar ou arrancar caranguejo em dias impróprios. Pois ele costuma dar surras nas pessoas que o desrespeitam. Na hora, a pessoa não sente que está apanhando, mas depois pode sentir muita dor de cabeça, dor no corpo, febre e até mesmo ter crise de vômito e diarreia e só melhorará rápido se mandar alguém rezar em si.

É por essas e outras que, na maioria das vezes, o Guajara é considerado um espírito malfazejo, porque ele não tem dó daquele a quem quer ensinar uma das maiores lições de vida, que é cuidar bem da natureza.

3.7 Lobisomem

Imagem: acervo da autora.

Segundo os relatos colhidos, esse é um Encantado assombroso, ou seja, existe para assombrar as pessoas. Diferente da Mãe D'água, do Caipora, do Guajara, que existem para proteger partes da natureza. O Lobisomem é uma pessoa comum que vive no nosso meio, quer dizer, só se encanta quando vira bicho, mas, mesmo assim, costuma ser visto por pessoas que gostam de andar fora de hora, ou seja, altas horas da noite.

> A casa do paizim era bem ali, lá onde tem aquela mangueira ali, (acena para o local)... e na casa lá passarro inté umas horas da noite, a rapaziada lá, as moças. Mas lá na hora que o porro... (indica que iam embora),...aí era lubisome por praga. Era, era. O camarada andarra aí

> nesses camin bem aí,... tu é doido rapaz, encontrara... parece que esse porro mais réi, uma parte trabaiarro e tudim sabia rirar essas coisa réa."(SEU SABINO, liderança de Varjota).

Dizem que, em geral, uma pessoa vira Lobisomem quando comete algum pecado carnal, como, por exemplo, um compadre que tem um caso com uma comadre, um pai que se envolve com uma filha, ou simplesmente porque quer, como relata Seu Sabino no seu depoimento acima. Para que isso aconteça, essa pessoa vai à meia-noite para uma encruzilhada, onde tenha rolado algum jumento ou cavalo e lá desconjura dos pais, dos padrinhos, depois rola no mesmo lugar que o tal animal. Depois disso, logo a pessoa sente um negrinho pulando nas suas costas ou então sente um courão cabeludo caindo em cima do seu lombo. A partir daí, a pessoa sai correndo disparado sem controle. Nessa corrida, ele percorre em cada noite sete cidades que têm igreja e tudo isso tem que ser até antes de o galo cantar. Se acontecer de passar desse horário, ou seja, se até o galo cantar três vezes, a pessoa não se desvirar ou se desencantar, ficará transformado em Lobisomem para o resto da sua vida.

Quem já viu um Lobisomem, diz que ele é um bicho cabeludo, preto, muito feio com olhos de fogo, simplesmente horroroso. Suas mãos se transformam em orelhas grandes, ficando assim com os quadris bem altos e os cotovelos são as patas dianteiras. Tem mais ou menos a altura de um cachorro grande ou um jumento novo. Gosta de comer filhotes de cachorro ou gato, tripas de peixe, etc.

É um bicho valente. Na maioria das vezes, quando se encontra com alguém, parte pra cima e sempre tenta acertar a cara da pessoa. Pois dizem que ele faz isso com o objetivo de mijar (urinar) ou vomitar no rosto dela, e, se ele conseguir fazer isso, essa pessoa também passa a virar Lobisomem mesmo que não queira.

Costuma-se dizer que um homem que vira Lobisomem é muito pálido, descuidado e tem os joelhos e os cotovelos pe-

lados ou com leves ferimentos porque são essas partes do seu corpo que servem pra ele correr quando vira bicho. Normalmente, ele se transforma em noites de lua cheia, nas quartas e sextas-feiras.

3.8 Bruxa

Imagem: acervo da autora.

Assim como o Lobisomem, a Bruxa também é um Encantado que apenas assombra. Sendo que o Lobisomem é um homem que se transforma em uma assombração, e a Bruxa é uma mulher e é muito perigosa. Dizem que, para virar bicho, antes do ritual principal, ela deixa sua cabeça escondida ali por perto, depois disso, passa pelo mesmo processo que o Lo-

bisomem. Altas horas da noite, ela vai para uma encruzilhada, desconjura-se de pai e mãe, rola no lugar em que um animal rolou. Em seguida, sai guinchando e correndo em disparada. Por onde ela passa, a cachorrada fica latindo. Isso porque ela vai levando consigo um grande chiqueirador e vai surrando todos os cachorros que encontra. Diz-se que ela é mais perigosa do que o Lobisomem, pois, se, no mesmo caminho, os dois, por acaso, se encontrarem, ele logo se afasta dando espaço para ela passar.

A Bruxa também percorre por noite sete cidades diferentes que tenham igreja e tem que se desencantar antes de o galo cantar três vezes, caso contrário, a pessoa fica transformada em Bruxa para o resto da vida.

Esta Bruxa não tem vassoura nem caldeirão como a que conhecemos dos filmes, desenhos e historinhas infantis como da "Branca de Neve" e outras, mas sim é um Encantado das histórias e crenças do povo Tremembé.

3.9 Rei Sebastião

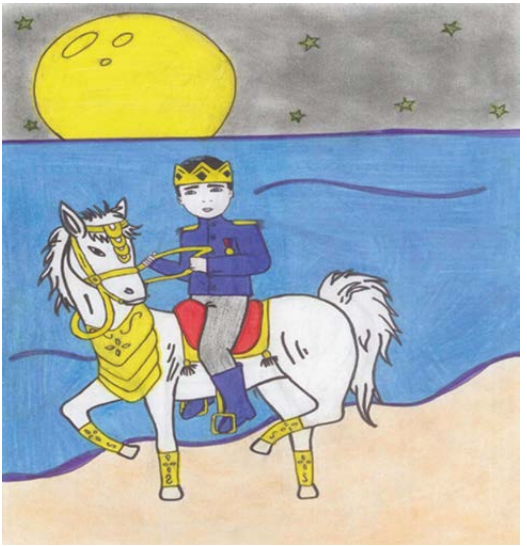


Imagem: acervo da autora.

O Rei Sebastião é chamado assim porque realmente é um rei, isto é, um cuidador, cuidadoso, um servidor de Deus. Ele se apresenta com uma coroa na cabeça e trajes reais. Ele é o rei das praias. Dizem que a sua principal função é cuidar da costa do mar e, em cada noite, ele percorre sete praias diferentes. Segundo os relatos coletados, ele é um bonito homem que anda sempre montado em um cavalo branco, ambos cobertos de ouro e muito brilho. Os dois andam tão enfeitados de ouro, que, de longe, às vezes, são confundidos com uma tocha de fogo na beira do mar.

O Rei Sebastião já foi visto por antigos pescadores aqui na região de Almofala, e suspeita-se que ele seja o dono da Pedra da Batateira, ou seja, que lá seja o seu lugar encantado, isto porque foi visto seguindo pela estrada iluminada que segue em direção dessa pedra, que também é encantada.

D. Maria Bela afirma que o Rei Sebastião é o dono da Praia Lençóis Maranhenses, no Maranhão. Nessa praia, à noite, costumam-se ouvir batidas de tambor, mas, quando alguém vai lá olhar, não vê nada. Ela diz também que o Rei Sebastião sempre quis acabar com a cidade de São Luís - Maranhão para a capital ser na Praia dos Lençóis. Para um mestre de embarcação encostar um barco lá, ou sair desse porto, tem que pedir licença para o Rei Sebastião, caso contrário, a sua embarcação pode naufragar. D. Maria Bela conta que, uma vez, um barco carregado de farinha quase afundou lá porque seus tripulantes esqueceram-se de pedir permissão para ele. Não aconteceu o pior porque, antes do acidente, um deles lembrou e pediu licença.

Capítulo IV

ONDE HABITAM OS ENCANTADOS

Os Encantados podem estar ou estão em todas as partes, em qualquer lugar e a qualquer momento. No que se refere a espaços físicos, os Encantados mortos podem estar, certamente, nas sombras de grandes árvores, moitas, morros, dunas, nas margens ou em passagens de águas de rios, lagoas, córregos, lagamar, mangue, mar, beira-mar, encruzilhadas, passagens das cercas, taperas das antigas casas e outros. Mas, além desses lugares, eles podem estar em outras dimensões, além da nossa imaginação. No caso dos Encantados vivos, estes, quando se encantaram, são enviados por Deus para nossos sonhos, pensamentos e outros lugares além do espaço físico e até mesmo para outros astros.

Os Encantados, na maioria das vezes, só se aproximam de nós se forem evocados, chamados. Uma das formas de evocação desses espíritos acontece, geralmente, no terreiro, nos trabalhos de ritual da Umbanda, momento em que eles são chamados para realizar uma missão de limpeza espiritual de uma pessoa, quebra de feitiço. Outro momento de forte ligação e encontro entre nós e os Encantados acontece durante o Torém, que é o nosso ritual sagrado e, por isso, ali se concentram forças espirituais. Pois, se ali tiver alguém que não esteja preparado para aquele momento, essa pessoa pode sentir arrepios, ventos diferentes, sensações outras desco-

nhecidas ou até mesmo incorporações. Essas sensações estranhas são provas de que eles estão presentes e se manifestam de alguma forma.

Às vezes, os Encantados residem em lugares fixos, porque, provavelmente, ali tenha sido o seu local de encantamento. Um exemplo disso no nosso aldeamento é a Batateira, pedra grande que se encontra dentro do mar, próxima da praia de Torrões. Dizem os antigos moradores, conhecedores dessa região, que a tal pedra é uma cidade encantada. Contam, ainda, que algumas pessoas já viram, no local da pedra, à noite, tudo iluminado como uma linda cidade e que, de lá, saía uma bonita estrada até a praia. Alguns pescadores também já viram, nesse mesmo local, um pescador gigante pescando com a água na metade das canelas, onde os mesmos estavam de jangada por ser um lugar de águas profundas. O dito pescador gigante só pegava tubarão, mas, no local, pelo conhecimento dos pescadores, só existem peixes pequenos. E ainda, no dia em que esse pescador era visto, os outros pescadores não pegavam nenhum peixe.

Na localidade do Mangue Alto, dizem que, por ser um lugar composto por morros, é uma região onde se encontram muitos encantados. Assim como no mar, nas matas, nos astros e em muitas lagoas do nosso aldeamento como na Lagoa da Camboa,[7] Lagoa Verde,[8] Lagoa da Batedeira,[9] entre outras.

[7] Situada na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.
[8] Situada na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.
[9] Situada na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.

Imagem: acervo da autora.

A Lagoa da Água Verde também é conhecida apenas por Lagoa Verde. É uma lagoa que não é muito conhecida e quase não é visitada porque fica dentro de um cercado de pessoas que não se assumem como Tremembé. Ela fica próxima da Lagoa da Oleria[10] entre as comunidades do Panã[11] e Mangue Alto.

Já ouvi muitos relatos dos mais velhos dizerem que lá tem uma Mãe D'água, porque ela nunca secou e porque pescadores e lavadeiras contavam ter visto uma mulher desconheci-

[10] Situada (vizinha à Lagoa Verde) na área de demarcação Tremembé em Itarema, Ceará – Brasil.
[11] Comunidade Tremembé situada na área de demarcação em Itarema, Ceará – Brasil.

da e muito bonita que mergulhava e sumia nas suas águas. As suas margens são tomadas por uma vegetação conhecida por tabuba, mas dizem que, no meio dela, tem um tremedal onde essa região é de água bem limpa e lá tem uma pedra que pode ser onde está o encanto dela. Lá, mesmo tendo muito peixes, dificilmente alguém pesca nela porque é muito difícil pegá-los.

Foto: acervo da autora.

A Lagoa da Batedeira fica na comunidade de Batedeira. É uma lagoa pequena, mas grandiosa de mistérios e histórias de encantos. Recebeu o nome de Batedeira, por seus mais antigos moradores. Contavam que, por diversas vezes, ouvia-se, altas horas da noite, alguém batendo roupa na tábua que ficava na margem e, quando iam lá ver quem era, não viam ninguém. Às vezes, também algumas pessoas que passavam por ali ao meio-dia viam uma mulher muito bonita batendo roupa na beirada da lagoa, mas, no momento em que a pessoa mudava a vista e que se lembrava de olhar de novo para a mulher lavadeira, já não mais era vista. Os mais velhos contam ainda que essas coisas acontecem porque lá vive uma Mãe D'Água e a tal mulher bonita que costumava aparecer batendo roupa era ela.

Foto: acervo da autora.

No nosso Sítio Arqueológico Duas Moitas, na região da Lagoa do Luís de Barro, também é um local de grande concentração de Encantados. Pois lá foi um lugar onde, no passado, moravam muitas famílias Tremembé, onde, depois de mortas, foram enterradas. Hoje não mora mais ninguém, apenas existem alguns vestígios das antigas moradias, objetos e muitas histórias desses antigos moradores. Ao que tudo indica, muitos desses antigos moradores, mesmo depois de mortos, por algum motivo, não conseguiram ou não quiseram se desligar desse lugar, ficando lá até os dias atuais, pois percebemos isso por meio de uma energia muito forte que nós sentimos ao chegar a esse local.

Um exemplo muito esclarecedor sobre a forte energia desses lugares pode ser dada no relato de nossas visitas, em novembro de 2008 e julho de 2010, durante a disciplina de Gestão e Organização Escolar Tremembé,[12] ao Sítio Arqueológico, ministrada pela consultora docente Sonha Malaquias. Em novembro de 2008, fomos todos da turma, entre nós, a im-

[12] Disciplina do eixo pedagógico estudada no currículo do MITS.

portante presença da nossa colega professora Raimundinha Tremembé (falecida) para conhecer esse lugar, sob a orientação e liderança de Seu Estevão de Tapera e a professora Sonha (Coordenadora Pedagógica do MITS). Ao chegarmos lá, todos nós ficamos encantados com a beleza do local, porque é composto por lagoas, dunas, morros e praia, totalmente deserta; a cor da água do mar é azul cristal com ondas fortes e altas. Além da sensação de uma força de atração, uma vontade de não mais sair desse lugar.

Foto: acervo da autora.

Entretanto, nessa ocasião, ocorreram fatos místicos com alguns dos professores cursistas Tremembé que ali estávamos. Alguns viram uma linda lagoa de águas transparentes e tiraram fotos, mas a surpresa foi depois quando perceberam que, na foto, não aparecia lagoa nenhuma, só o lugar seco. A professora Rita de Cássia, posteriormente, contou que, antes de sair de casa conversando com D. Neném da Tapera, descobriu que esta conhecia esse lugar e que a tal lagoa era encantada e era onde os moradores de lá tomavam banho, lavavam roupas, louças, faziam suas necessidades

domésticas. Mas, depois que esses moradores morreram ou se mudaram de lá, a lagoa secou.

Retornamos novamente a este local em julho de 2010, por ocasião da etapa de estudo da Disciplina Povos Indígenas, ministrada pelo docente Dr. Kleber Saraiva, que também nos acompanhou nessa visita. Nesse dia, vivemos uma experiência totalmente diferente da primeira. Ao chegarmos lá, a liderança, Seu Estevão, após realizar o ritual de licença para entrar naquele lugar, pediu que fizéssemos um círculo, encostando a cabeça no chão, sem soltarmos as mãos enquanto ele fazia uma oração, em momento de silêncio e concentração. Nessa hora, muitos professores cursistas começaram a sentir fortes emoções, de forma intensa. Eu, por exemplo, senti um arrepio na perna direita, outros perceberam sombras passando. Ao levantarmos, três incorporações aconteceram, uma após a outra. Enquanto a professora Sonha e lideranças presentes (Lúcia Lagoa, Cícera e Neci) ficaram lidando com essa situação, outros de nós sentindo a forte tensão das energias, nos afastamos para evitar outras possíveis incorporações. Para isso, nos distraíamos com a beleza daquela região. Eu estava grávida de quatro meses.

Após algum tempo que estávamos no local, o professor Dr. Babi Fonteles (Coordenador Geral do MITS) chegou com uma equipe de reportagem do jornal da UFC, para fazer uma matéria sobre a criação do MITS. Decidimos ir embora. Afinal, estávamos imersos nas experiências citadas anteriormente, sendo que alguns dos cursistas tiveram de ser levados nos braços até o carro porque ainda não tinham voltado ao seu estado de normalidade. O nosso guia, índio Tremembé, Seu Estevão, também, nesse dia, foi atingido por essa força não podendo mais retornar a pé, não conseguia andar, as pernas quase paralisadas, tendo que ser levado nos braços até o carro. Uma parte da turma foi embora, outra ficou cuidando uns dos outros, e outra cuidou de levar a pessoa incorporada com fortes reações para a cura pelo Seu Chico Brega da Batedeira. Nesse dia, não conseguimos mais ter aula devido a todos esses problemas que tivemos nessa nossa segunda vi-

sita ao sítio arqueológico Duas Moitas. Procuramos explicações com o cacique João, e ele falou que nós não estávamos preparados, que, para realizar essa visita, precisávamos de uma preparação espiritual. Depois de toda essa experiência, não voltamos mais ao local.

Capítulo V

A PRESENÇA DOS ENCANTADOS NA ATUALIDADE

A vida que temos hoje, apesar de os muitos costumes ainda estarem totalmente voltados para a cultura indígena, percebemos que muitas mudanças vêm ocorrendo a cada ano. Uma das maiores mudanças é que hoje nem todos os Tremembé acreditam na existência dos Encantados, portanto, nem sempre os respeitam e muito menos os valorizam. Provavelmente, isso vem acontecendo devido às diferentes culturas que se instalam no nosso meio, como, por exemplo, os novos ritmos de danças, como agito e pancadão. As pessoas preferem praticar esses que, no momento, são ritmos da moda a dançar o Torém. Durante o movimento especial da dança e as músicas que evocam os Encantados se faz a ligação, alguns chegando a incorporar. A televisão também tem influenciado o povo Tremembé, tomando o tempo destinado às conversas de fim de tarde e noite no terreiro, espaço propício para a contação das histórias.[13] Isso, para grande parte dos Tremembé, é coisa do passado, pois, quando chega a noite, cada família individualmente se recolhe na sala de sua casa para assistir às novelas, muitas vezes, não dando chance nem para conversas entre os próprios membros daquela fa-

[13] Disciplina do eixo político, ministrada por docente liderança Tremembé, parte do currículo MITS.

mília. Outro exemplo bem visível são as diferentes religiões que chegam ao nosso meio e, aos poucos, vão fazendo com que muitos Tremembé não mais acreditem na influência e na força que os nossos Encantados têm desde as nossas origens e raízes passadas. Simplesmente passam a acreditar que isso é coisa do demônio.

Talvez por isso, o cacique João Venâncio vive relembrando em suas palestras, quando tem oportunidade, que hoje as pessoas não se lembram mais de se benzer ao passar por uma cerca, por uma sombra de árvore, em encruzilhadas etc. E é por isso que, muitas vezes, as pessoas sofrem de coisas inexplicáveis na ciência dos médicos, porque não acreditam mais na espiritualidade como antigamente. E, diante dessa crença, existiam as sabedorias de defesas próprias, ou quando não, buscavam pessoas sabedoras desse assunto para resolver as diferentes questões ali apresentadas por meio da força, dom e sabedoria dos Encantados.

Capítulo VI

REFLEXÕES: O QUE APRENDI

Foto: acervo da autora.

Hoje, pelas muitas coisas que já ouvi dos mais velhos e pelas poucas experiências que já tive sobre isso, tenho a certeza de que existem sim muitos seres sutis ao nosso redor nos dando força para os difíceis momentos do nosso movimento, nos trazendo avisos, mensagens ou alertas para alguns acontecimentos futuros. Também pela fala do pajé Tremembé que diz que nós somos Encantados. Eu acredito ainda que estes,

além de serem representados pelas pessoas, também podem ser representados por outros seres que compõem a natureza como as plantas, os animais, os peixes, os pássaros, ou até mesmo de formas imagináveis. Enfim, os Encantados são parte da nossa natureza.

O que aprendi com esta pesquisa é que a diversidade de histórias de Encantados na memória, nas vivências e, principalmente, na oralidade do povo Tremembé é muito extensa. E, de acordo com suas diferenças, as suas funções ou seus papéis também se diferenciam. Por exemplo: a Mãe d'água, o Guajara, o Caipora e o Rei Sebastião são os Encantados protetores da natureza, porque protegem partes da natureza. O Lobisomem, a Bruxa e o Assobiador são Encantados de assombração, não curam, nem protegem e, quando são vistos, assombram. Mas, além desses, existem outros seres que não são considerados apenas Encantados defensores, mas sim divindades, anjos protetores dos povos indígenas. Seres que, normalmente, são lembrados em cerimônias, momentos de abertura de eventos com o cacique e o pajé, que são o Pai Tupã e a Mãe Tamain. Segundo o cacique João Venâncio, esses são os mensageiros e protetores dos índios, são eles que fazem a nossa articulação com Deus, nos momentos necessários.

> O pai Tupã, cá pra nóis os povos indígena, é um mensageiro do nosso pai celestial... ele ouve né, e ele passa a mensage pro criador. Pruque Deus só existe um, mas nóis os povos indígena, tem um mensageiro, qui ele dá a nossa mensage para o maió. Por isso qui ele é chamado de Pai Tupã.
> A mãe Tamain é nossa Senhora e é a protetora, como mãe protege seu filho, a quem você deve se apegar, fazer prece ou pedir prece pra determinados momento de afragelo na sua vida, né? Então assim, a gente tem uma superiora... pruque ela é a nossa força maió, nossa mãe Tamain (Cacique João).

Aí estão as duas principais divindades celestiais em um breve resumo nas palavras do cacique Tremembé João Venâncio, que também afirma que, além desses, existem ou-

tros que são mais vagamente falados, sem contar que cada pessoa, em particular, tem seus guias de proteção. O pajé Luiz Caboclo também reforça isso durante a etapa de estudo no conteúdo da disciplina Medicina Tradicional, do curso MITS ao dizer: “O nosso mestre é nosso anjo da guarda”.

A seguir, transcrevo uma música cantada pelo cacique e o pajé em momentos de abertura de alguns eventos do aldeamento Tremembé, citando algumas dessas divindades:

> Pai Tupã é filho das selvas,
> Pai Xalá é filho das águas,
> Mãe Tamain bateu nos tambô,
> Aqui chegou os índios curador,
> Vieram pra curar, vieram pra limpar,
> Vieram pra afastar toda essas demanda.

Este livro me fez perceber muitas coisas que antes eu nem sequer imaginava como, por exemplo, que, no nosso aldeamento Tremembé, existem muitos lugares encantados como os que aqui foram citados, especialmente na comunidade de Mangue Alto.

Também percebi que tudo neste mundo tem sua função, até mesmo os seres que vivem sutilmente em nosso meio, e que nem sempre percebemos suas presenças, mas nem por isto deixam de existir. Acredito que, como nós, cada um deles tem seu lugar reservado aqui na terra ou em outros espaços do universo e que, por muitas vezes, eles interferem de forma muito real nas nossas vidas. No meio dos Tremembé, estão na história, lendas e crenças do povo desde os séculos passados, assim afirma Dona Rita Tó, liderança de Batedeira II.

E, assim como nós, outros seres da natureza, também existe a diversidade de Encantados. Uns que simplesmente assombram outros que protegem parte da natureza e outros que atuam como verdadeiros curandeiros e guias protetores das pessoas.

Outra coisa também que eu venho aprendendo é saber conversar com os Encantados quando tenho um contato mais direto com os mesmos. Falo isso pelo fato de ter uma irmã mé-

dium, Adelina, que incorpora. Por várias vezes, nessa ocasião, eu tenho conversado com eles para saber o que eles querem, porque estão ali ou qual é a mensagem que querem transmitir. Vale lembrar que nem sempre é fácil lidar com essa situação, mas que também aprendi com o cacique e o pajé Tremembé que, nesses momentos, não precisamos ter medo e nem nos desesperarmos, apenas temos que saber conversar para ver o que estão querendo e depois pedir para irem embora.

Além disso, lembro ainda que, durante muitas vezes, quando estava digitando esse trabalho, senti alguém perto de mim me observando e sempre era alguém que tinha uma energia quente. Sentia a presença, às vezes, me rodeando como se quisesse saber sobre o que exatamente eu estava escrevendo. Quando eu estava sozinha, logo eu dizia, mas, quando tinha alguém por perto, eu tentava me concentrar e passar a mensagem ao meu pensamento, só assim eu sentia que eles se afastavam. Pois, durante todo esse meu trabalho, eu sempre tive o cuidado de lembrar e pedir permissão para escrever o que me fosse possível e assim não ultrapassar qualquer limite do que se refere a esse assunto.

Aprendi também que, nessa vida, devemos pedir permissão a um superior em tudo que vamos fazer. Digo isso porque, durante todo o meu trabalho, eu fiz isso e, com a minha irmã desenhista Paulina, também não foi diferente. Pois, durante muitos dos desenhos dos Encantados que ela foi fazer, teve bastante dificuldade como, por exemplo, o Caipora, o Rei Sebastião e a Bruxa. E só conseguiu desenhá-los depois de muita paciência, concentração e pedido de permissão para isso. Chegou até a sonhar em como seriam tais desenhos.

Por isso, também posso afirmar que aprendi e que venho a cada dia mais aprendendo a ter conhecimento, mais respeito e admiração por nossos Encantados.

Diante de tudo que escrevi e vivenciei, hoje me sinto mais feliz comigo mesma, com as pessoas que estão ao meu redor e com aqueles que nem sempre conseguimos ver, mas que sentimos de alguma forma quando quer nos passar alguma mensagem ou informação. Pois, como já disse ante-

riormente, os Encantados podem estar em qualquer lugar e a qualquer momento.

Além do que aprendi de conteúdos e lições de vida, aprendi uma tecnologia. Nada fazia com que eu gostasse de computador, não queria saber de nada referente à informática. Minha orientadora dizia que fazia parte do TCC essa aprendizagem de informática. Insistiu. Como já escrevi, uma das coisas que eu sabia muito pouco era digitar e fui obrigada a aprender. Obrigada pelo fato de ter sido surpreendida pela minha orientadora Sonha Malaquias, em entregar em minhas mãos o seu notebook para que eu fosse digitando o meu trabalho. De início, eu não acreditei, tomei um susto e não quis aceitar de maneira nenhuma. Mas, a partir do que ela foi me explicando, fui me convencendo e só aí aceitei. Aceitei por perceber que o computador era um dos instrumentos essenciais no desenvolvimento desse trabalho. Mesmo assim, não foi fácil me acostumar com tal objeto na minha frente. Só mesmo a necessidade me fez ultrapassar essa barreira para ver o bom andamento do meu TCC. E por causa dela venci o medo de enfrentar certas tecnologias que apareceram nos nossos dias atuais e que estão aí para facilitar e suprir as nossas necessidades. E foi necessário para formatar meu trabalho. Resultado: hoje escrevo e manuseio o notebook e até gosto, cada dia mais, acabo aprendendo alguma coisa. Enfim, todas as aprendizagens que eu assimilei durante todo o processo do MIT e MITS muito serviram para minha formação como cidadã Tremembé, para minha vida e para minha profissão de professor e educador.

Por fim, aprendi que só estou começando nos meus estudos e pesquisa sobre os Encantados do povo Tremembé. A partir destes escritos, posso elaborar material didático para as escolas Tremembé. Posso também fazer vídeos, filmes, revistas em quadrinhos, livros infantis e jogos educativos.

Capítulo VII

HISTÓRIAS SOBRE ALGUNS LUGARES ENCANTADOS

A seguir, escrevo alguns relatos de histórias e vivências sobre alguns desses lugares de encantos citados no capítulo IV.

7.1 O Encantado da Lagoa da Água Verde

Imagem: acervo da autora.

D. Maria Bela conta que, certa vez, uma mulher estava nessa lagoa lavando roupa sozinha. Num instante em que ela entrou na água, percebeu alguém atrás dela. Assim que a mulher se virou, viu uma bonita moça, de cabelos compridos pegando o sabão que estava em cima da tábua de lavar roupas. Rapidamente, ela pegou o sabão e mergulhou sumindo na água. A lavadeira, assustada, logo foi embora porque teve certeza de que aquela moça misteriosa só podia ser a Mãe D'água.

Em outra ocasião, existia um homem chamado Eusébio, mas era conhecido por Zeba. Um dia, ele chamou seus trabalhadores e mandou que fossem pescar na Lagoa Verde pra ele. Eles se negaram a ir por já conhecerem as histórias de lá e também porque era muito difícil pegar peixes nela. O homem insistiu dizendo que eles fossem e não se preocupassem que ele se responsabilizaria por tudo que viesse a acontecer na pescaria.

Os pescadores foram, mas um pouco receosos. Zeba, com pouco tempo, montou no seu cavalo e seguiu, ansioso, atrás para a lagoa para ver os peixes da pescaria. Chegando lá, os pescadores não haviam pegado nenhum peixe e, assim que ele chegou na lagoa, adoeceu. Começou, de repente, a se tremer a ponto de nem se segurar em cima do cavalo sozinho. Os pescadores, assustados com tal situação, o levaram para casa, onde ficou prostrado e, com poucos dias, acabou morrendo.

Diz-se que isso aconteceu devido a sua insistência, ousadia e desrespeito àquele espaço de um encanto de muito poder.

7.2 Os encantos da Lagoa da Batedeira

Luís Tó, morador antigo de Batedeira II, conta que essa é uma das lagoas que mais tem peixe naquela região, mas que ninguém consegue pegá-los, devido aos encantos que habitam nela. Isso porque, no meio dela, existe um tremedal, ou seja, tem um areal e, ao redor, um lamaçal com lodo. Se alguém se arriscar em descer lá, corre um grande risco de se atolar, afundar e não conseguir mais sair de lá com vida. Devido a isso, diz que essa lagoa é criminosa porque lá já morreu gente afogada. Também contou que, certa vez, um grupo de amigos, num domingo, andava se divertindo e foram para a lagoa tomar banho. Por ser final de semana, lá se encontravam muitas pessoas tomando banho também.

Imagem: acervo da autora.

Como a lagoa é pequena, três dos amigos que andavam em diversão, se combinaram para a atravessarem a nado. Dois desses já eram acostumados a fazer isso e logo passaram pelo outro, que ficou para trás. Chegando do outro lado, viram que o outro não vinha e acharam que ele havia desistido e voltado de uma altura da lagoa. Por conta disso, reuniram-se com outros colegas e foram para um jogo de futebol. Passou-se o restante do dia, e ninguém mais viu o rapaz. No outro dia, os familiares começaram a se preocupar e a procurá-lo pelas comunidades vizinhas, mas nada de encontrá-lo. Só no segundo dia de procura, foi que alguém lembrou que o tinha visto na lagoa tomando banho. Aí se juntaram quatro homens e foram mergulhar para ver se o achavam. Com poucos mergulhos, o encontrou morto no fundo das águas.

A liderança Luís Tó também contou outra história. Ele relata que, certa vez, passaram um arrastão dentro da Lagoa da Batedeira. Quando chegou ao meio, a rede enganchou. Puxaram, puxaram, e a rede não veio. Depois de algum tempo, um dos pescadores resolveu descer para tentar desenganchar. Quando chegou lá embaixo, tinha um homem e uma mulher teimando pela rede. A mulher dizia que não soltava a rede, e o homem dizendo que ela soltasse, até que ela se resolveu e soltou. O pescador, ao ver tal cena, subiu, saiu da água e contou para os outros o que tinham visto. Em seguida, puxaram a rede, que não mais estava presa no fundo da lagoa, mas do jeito que os pescadores começaram a pescaria, terminaram, ou seja, não pegaram nenhum peixe. Em outra ocasião, outros pescadores foram pescar e, assim que chegaram lá, viram um grande curimatã.[14] Pelejaram, pelejaram para pegá-la, mas não conseguiram porque cada vez mais ela adentrava para o fundo da lagoa e eles já quase se afogando, desconfiaram e desistiram.

[14] Espécie de peixe de água doce muito parecido com a tainha.

7.3 Encantados da Batateira

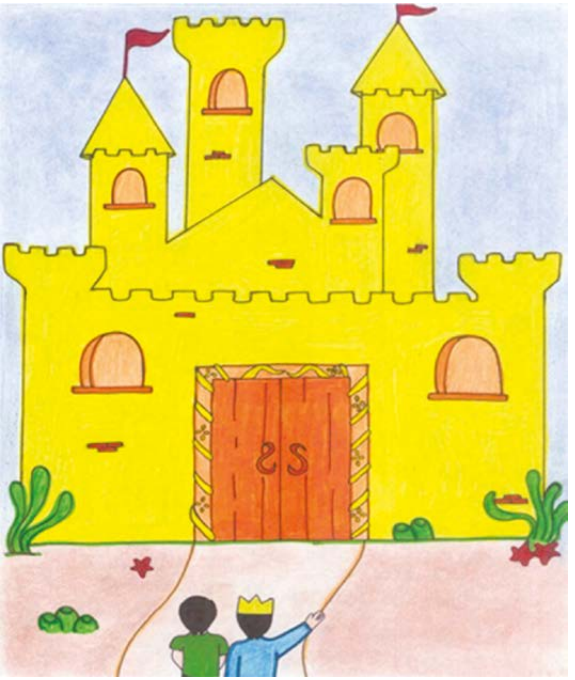


Imagem: acervo da autora.

D. Maria Bela afirma que esse lugar é encantado mesmo e que seu dono é muito poderoso. Ela conta que seu irmão, chamado Antônio, era médium e nunca quis pegar o trabalho. Uma vez, ele contou pra ela que, numa noite, ele sonhou que passava pela Batateira e viu que lá era um grande palácio. Ao passar, avistou um rapaz muito simpático que o chamou para conhecer o seu bonito palácio e algumas pessoas que lá viviam. Entrou num quarto e mostrou-lhe sua mãe deitada em uma cama, usando um véu e um vestido longo. Depois lhe mostrou a empregada, que era bem negrinha. Após ficaram conversando e observando a riqueza daquele palácio deslumbrante.

Passado algum tempo, Antônio disse que precisava ir embora. O rapaz, mesmo sem querer deixá-lo ir embora, lhe disse

que, no outro dia, ele fosse pescar que ele lhe daria um grande peixe. No outro dia bem cedo, Antônio, lembrando-se do sonho, foi pescar. Chegando à praia, jogou a linha mesmo do seco que logo que caiu n'água fisgou um peixe. Antônio sentiu que se tratava de um grande peixe e lutou, lutou até que conseguiu puxá-lo mais para fora. Quando ele olhou direito, se assustou com o tamanho do pescado, que tinha os olhos do tamanho dos olhos de um camurupim bem grande. Apavorado, sem mais esperar, soltou a linha e saiu correndo indo embora.

D. Maria Bela também conta que, nessa região da nossa praia, além da Batateira, existem mais dois encantos que são o Morro das Crianças e o poço que fica entre o mar e os morros. Ela disse que, quando morava lá perto, por várias vezes, ouvia muito barulho de crianças brincando nesse morro, por algumas vezes, ela foi lá ver, mas não tinha criança nenhuma. Aí ela ouvia os mais velhos falando que por ali tinha esse morro encantado e conhecido por Morro das Crianças.

Entre os morros e a praia, existe um grande lago onde, antigamente, era a boca da barra por onde os barcos entravam e saíam do porto de Torrões quando iam ou chegavam do mar. Hoje ele não tem mais ligação para o porto porque boa parte dele foi entupida de areia pela ação das grandes marés. Devido a isso, agora ele é composto de água doce e um pouco de mistura de água salgada que entra no período das marés grandes, ficando assim com água salobra e ele nunca seca. Nele tem uma grande variedade de peixes, siri e camarão. Segundo D. Maria Bela, esse poço também é encantado porque ela já ouviu falar que lá existe uma moreia fantasiada que já foi vista por muitos pescadores, mas nenhum deles conseguiu pegá-la.

O mais interessante disso é que tanto o Morro das Crianças[15] quanto esse poço, ficam de frente para a pedra da Batateira.

[15] Região de morro situada na comunidade da Batedeira, Itarema.

7.4 Uma história de assombração ou visagens

Raimundo Nascimento, o "Pachola".
Foto: acervo da autora.

Raimundo Nascimento, conhecido por Pachola, na sua juventude, trabalhava no Jardim (Lagoa do Jardim – assentamento)[16] e gostava de uma moça que morava no Saquinho.[17] Naquele tempo, era costume andar a pé ou a cavalo entre esses lugares porque não existiam estradas, muito menos carro que trafegasse nessas regiões.

Certa vez, ele vinha do Jardim para o Saquinho encontrar a sua namorada. Era meio-dia, e ele vinha sozinho. Seu caminho passava por outros pequenos lugarejos e quase não tinha casas por ali. Ao passar pelas Imburanas, lugar deserto

[16] Distrito de Amontada, Ceará, Brasil.
[17] Comunidade que mantém flora original, situada entre a praia de Almofala e a mata, região de Varjota – Itarema.

de moradores em que só existiam antigas taperas de casas, bem debaixo de um velho e grande cajueiro, percebeu algo estranho: alguém tinha cortado um galho grosso e, no lugar do corte, seguindo até o tronco do cajueiro, tinha mais ou menos um litro de lâminas de gilete enfiado por toda essa extensão da árvore. Ele parou perto e ficou observando aquilo por um bom tempo, imaginando quem poderia ter feito aquilo e por quê? Ainda pensou de tocar nas lâminas, mas desistiu e foi embora pensativo.

Chegando ao Saquinho, contou para alguns conhecidos o que tinha visto. Depois de três dias, retornou para o Jardim e, ao passar pelo mesmo lugar, teve outra surpresa: não havia mais sequer uma lâmina de gilete naquele cajueiro. Ele ainda procurou, olhou pra ver se via pelo menos uma lâmina, mas nada. Pachola disse que não sentiu medo, mas ficou pensando que, se tivesse tocado nas lâminas quando as viu, provavelmente teria se assombrado. Daí, ele teve a certeza de que aquilo só poderia ser uma visagem, porque de onde teria vindo tanta gilete para um lugar em que não morava ninguém por perto e depois terem sumido todas assim tão rapidamente.

Pachola foi embora, mas nunca esqueceu esse acontecimento e ainda lembra que, nas Imburanas, costumavam acontecer fatos estranhos, pois sempre foi considerado, pelos mais antigos, um lugar de assombrações.

Capítulo VIII

NARRATIVAS DE TREMEMBÉ QUE TIVERAM OU TÊM EXPERIÊNCIAS COM OS ENCANTADOS

8.1 D. Maria Bela, liderança da comunidade da praia

Dona Maria Bela.
Foto: acervo da autora.

Quando começou a sentir, tinha apenas 9 anos de idade. Dona Maria Bela conta que começou vendo pessoas estranhas e não sabia o que significava aquilo. Não podia pisar na água salgada que adoecia: de repente, começava a vomitar, ficava com febre, com diarreia, por mais ou menos uns quinze dias. Na época, a mãe dela achava que era "ramo" ou trombose, assim era conhecido o AVC naquele tempo e lhe dava todo remédio que lhe ensinavam, mas nada servia. Nessa situação, vivia quase o tempo todo doente. Ela conta que morava no Sítio Aningas em Almofala,[18] região bem próxima da praia, e por ali passava um pequeno riacho que desaguava no mar. Um dia, foi até esse riacho tomar banho e, antes de entrar na água, decidiu cavar uma cacimba na margem para beber água, caso sentisse sede. Quando estava ali, percebeu um grande movimento nas águas do riacho, correu pra lá pensando que fosse peixe, pois ali costumavam entrar grandes camurins. Ela, já achando que poderia pegar o mesmo, logo entrou na água em direção do estranho movimento. Ao se aproximar, levantou-se do local uma grande cobra e se enrolou toda nela. A cobra começou a apalpar a sua cabeça e observá-la com bastante calma. Os olhos da serpente eram azuis anil, e sua língua era como de uma pessoa. Após fazer tudo isso, a cobra se desenrolou e sumiu em um buraco no riacho. Dona Maria Bela, mesmo apavorada de tanto medo, gritou por socorro, dizendo que a cobra a tinha mordido. As pessoas que ali chegaram ainda procuraram a tal serpente, mas nada encontraram. Levaram, então, Dona Maria para casa, e sua mãe mandou chamar um rezador para curá-la da picada da cobra. Desconfiado, ele pediu que chamassem o pajé Tremembé João, o qual entendia muito desses assuntos. Quando ele chegou, contaram o que aconteceu, e o mesmo disse que aquilo tudo havia ocorrido porque Dona Maria Bela era médium e suas correntes estavam muito

[18] Situado em Itarema.

baixas, e que aquela cobra era uma moça encantada e caridosa que veio para ajudá-la e prepará-la para o trabalho de cura que desenvolveria mais tarde.

Depois de explicar tudo isso, o pajé disse que ele ia suspender suas correntes até ela completar 14 anos de idade e assim o fez. A partir daquela dia, Dona Maria Bela não sentiu mais nada, quer dizer, só voltou a sentir quando foi morar no Maranhão, pois os problemas de saúde estavam curados. Ela fala de uma noite em que acordou com uma vontade imensa de ir à praia, convidou a sua mãe. Chegando lá, ela começou a olhar para o mar e, de repente, avistou um rapaz cruzado (espécie de enfeite enlaçado do ombro direito para as costelas esquerdas e vice-versa) e com uma bola muito colorida. Ele então lançou a bola, que saiu flutuando, rolando e brilhando de diversas cores ao mesmo tempo rumo ao sertão. Depois o tal rapaz mandou que Dona Maria fosse embora e assim ela fez.

Dos seus 14 anos em diante, seus "meninos", como são chamados carinhosamente por ela seus mestres encantados de cura, começam a se manifestar através dela para, com seus dons, curar as pessoas. Muitas vezes, Dona Maria chegava a ficar valente e se revoltar por qualquer coisa, mas vale lembrar que isso não era pela vontade dela, mas sim pela vontade dos seus mestres que estavam presentes. Outras vezes, chegou a se incorporar na presença de pessoas que não acreditavam nessas coisas de umbanda. Parece até que era para provarem as suas existências e que ninguém deve duvidar dos seus poderes. Com tudo isso que acontecia, Dona Maria entendeu que o que deveria fazer era se preparar bem para seguir o destino que lhe foi reservado. Daí então buscou reforço de proteção para desenvolver o seu trabalho numa aldeia de índios Xavante, no Maranhão, onde foi bem recebida e bem preparada por uma índia chamada Joaquina, e apelido minha Quina.

A partir daí, ela deu início ao seu trabalho com os mestres Encantados e fala do seu primeiro trabalho que foi curar um homem que estava com a perna cheia de bichos. Dona Maria Bela também fala sobre demanda ou corrente de exu,

que significa trabalho ou espíritos mandados por alguém para atingir ou prejudicar outra pessoa.

Uma vez, ela contou que tava banhando os meninos quando, de repente, apareceu na sua frente um pano como se fosse um lenço cheio de alfinetes. Esse pano ficou alto do chão por um tempo e, de repente, foi voltando de onde veio até sumir.

Outra vez, ela ia num caminho quando uma aranha caranguejeira tentou atingi-la, mas não conseguiu e, na outra noite, acordou com um barulho estranho que zunia. Quando ela prestou bem atenção, era uma flecha tentando acertá-la, mas, como ela era protegida, conseguiu se desviar, e a tal flecha acertou em cheio no seu marido, que estava do seu lado, mesmo ela tendo ainda o avisado. Depois ela mesma foi quem fez a cura de seu marido, desfazendo assim tal demanda que veio pra ela.

Todas essas coisas que mandam para prejudicá-la nunca a atingem porque ela foi bem preparada e, além disso, é bem protegida pelo seu guia. Aí ela aproveitou e explicou que todo médium tem seus protetores que, em geral, são um guia, o anjo da guarda e mais dois guarda-costas.

8.2 Dona Rita Tó, liderança de Batedeira II

Dona Rita Tó.
Foto: acervo da autora.

Dona Rita conta que, desde menina, começou a perceber coisas estranhas, via pessoas e, por algumas vezes, corria para alcançá-las e, quando percebia que não as alcançaria, tentava voltar, mas aí caía como se estivesse desmaiada. As pessoas que a viam caída a levavam para casa, onde cuidavam dela até voltar ao normal. Sua mãe sempre achou que seu problema fosse epilepsia e, por isso, nunca cuidou do seu caso como deveria. Dessa forma, ela cresceu e continuou sofrendo com essas coisas inexplicáveis.

Conta que, uma vez, ela estava sozinha numa lagoa, lavando roupa próxima de sua casa, quando, de repente, apareceu uma mulher toda vestida de vermelho, pedindo que ela também se vestisse de vermelho e apontando para uma blusa com essa cor que estava no meio das roupas sujas. Então, Dona Rita, sem desconfiar de nada, foi logo tirando sua roupa para vestir a tal blusa que era do seu marido e que aquela mulher desconhecida havia lhe pedido que usasse. Mas, ao tirar toda sua roupa, logo caiu e só foi encontrada às seis horas da tarde por algumas amigas, a mesma estava nua como nasceu, por isso suas amigas a enrolaram com um pano até ela voltar a si e lhes contar o que havia acontecido.

Dias depois desse ocorrido, ela sonhou com um caboclo, um orixá curando. Sua filha que, na época, era criança e tinha asma foi curada por ela depois do sonho. Mesmo assim, seu marido nunca acreditou nela. Dona Rita diz que sempre trabalhou com o espírito de luz e com vela branca, que é para curar pessoas. Diz também que, para ela curar, vive um dom dado por Deus.

O seu dom de curar se desenvolveu a partir daquele sonho com o orixá, e hoje ela reza para curar diversas enfermidades, tais como bicheira, cólica, hemorragia, dor de mulher etc. Não ensina suas rezas para ninguém porque, segundo ela, enfraquece suas forças de cura, por outro lado, sente muito prazer em operar a cura nas outras pessoas. Finaliza suas palavras na entrevista dizendo que, por tudo o que faz, se sente uma Encantada.

8.3 Experiências de cura do Seu Sabino

Seu Sabino.
Foto: acervo da autora.

Além das histórias dos Encantados protetores da natureza ou dos que simplesmente assombram as pessoas, existem outros Encantados que têm outras funções, como por exemplo, atender pedidos de alguém que busca a sua ajuda para alguma necessidade e acredita que pode ser atendido, ou seja, pela crença, faz suas preces ou solicita o que deseja e, na maioria das vezes, obtém sucesso no seu pedido.

Experiências de seu Sabino, liderança da comunidade de Varjota[19] e rezador.

> ... eu aprindi a rezar foi cum o porro mais réi, os cabeça réi. O finado Pedo do Morro, qui era o pai do Reimundo Pedo. Dixe qui ele era um réi munto sabido, era um rei que rezarra munto, tinha as oração dele. E aí no meu tempo de rapaz, pelo menos eu, num ia só mim impregá

[19] Distrito de Itarema.

> no mundo só atrás de namorar não, tinha lá minhas hora de mim também precurar minhas reza, minhas derroção pra me defender das coisa, as reis na hora das carença, as reis inté pra defender uma criatura aí de certos isprito rei mau. E portanto essas coisa, cê sabe que a gente norro, a gente condo é norro, a gente sabe das coisa, mas ninguém rai fazer em ninguém não, pruquê ele quer é brincar. Agora depois aí dum tempo pra cá, foi que o porro pegaro...eu num sei pruquê mutirro, o porro pegaro a mim precurar peu rezar e eu tem rezado. As reis é de quebranto, as reis é desses isprito rei que se incosto nesse porro. Essas coisa aí, eu tenho trabaiado munto... as reis aqui eu tô umas hora da noite, condo me chamo pra Vila, pro Comondongo... e aí tudo isso, tem as reza da gente... de todo jeito tem as reza... pra se demandar as coisa...aí já é outro jeito do camarada rezar pra demandar aquelas força réa mau, aquelas pissiguição réa, que ta as reis fazendo aquela sujeira, as reis naquela pessoa. As reis chega gente aqui duente...aquilo ali as reis é os óio do porro que as reis tem aquela inreja... e chega inté aquele ponto daquelas inreja grande, e roce rai recebendo aquelas sujeira réa, aquelas palarra réa e rocê aduece cum aquilo... mas agora eu digo: graças ao meu bom Deus, inté hoje, ainda num rei um cristão dacolá pra num ter rezado e num ter ficado bom, graças a Deus, inté hoje, os que rem duente, rolta bom... na minha casa é difícil faltar gente pra eu rezar.

Na sua fala, seu Sabino também lembra que doença que é dada por Deus nem sempre se dá jeito, agora sendo coisa do inimigo aí sim tem jeito.

> ... o que Deus dá, ninguém tira. Agora sendo dada por o Satanás, o camarada tira... e Deus ajuda a gente pra fazer aquilo. Pra eu fazer esse trabai im rocê, precisa que eu me valha dele, pra pudê rezar aquela oração que tem pra demandar rocê. Se é a força do bicho, rai demandado... é tanto que as reis muitos me chama pra ir rezar que é atacado dessas coisa réa do satanás, muitos lá mete os pés pruquê... "– Diabo é que eu to fazendo lá, que mando chamar eu pra disaquetar eles... – Rapaz tu quer ser pesado pra fazer essas coisa, pruquê num tem uma coisa que eles se incoste pra tu num ta lá." Ora pruquê o porro pricisa rapaz, e tu fica por aí chafurdando, é priciso sair...

Além de tudo isso que seu Sabino faz para o bem-estar das pessoas que precisam, diz que também sabe de oração muito forte, que nem mesmo o inimigo quis, por se tratar de uma oração que é capaz de obrigar uma pessoa fazer algo que não está nos seus planos. Esse é caso da oração de Santa Catarina do Egito, que é capaz de obrigar uma pessoa a namorar a outra. Mas essa ele diz que não reza porque é coisa do demônio, porque causa a maldade com os outros. Também nunca a ensinou pra ninguém, porque só por uma vez ele fez uma experiência com a mesma para ver mesmo se dava certo e teve a comprovação exata como pediu, mas logo se arrependeu e nunca mais a rezou, muito menos a ensina pra alguém.

> ... agora só terre uma oração que eu aprindi e num rezo que essa aí é coisa do bicho. Exprementei uma vez mas aí...deu certo pruquê do jeito que eu fiz vei...é esse negoço do cara obrigar muié... é a oração de Santa Caterina do Egito. Essa aí nem o Satanás quis ela. Depois que ela cumeçou a fazer a oração dela, Satanás vei duas vez pra dismanchar o que ela tinha feito. Mas que ela pudê mais de que ele pôde e consiguiu o camin dela, a verdade dela, da oração dela. E aí o que acontece e por causa disso aí, eu num cri bem. Aí eu aprindi e disse: eu vou exprementar...aí butei...e cum certeza cuma a muié vei, a muié vei aonde eu tava e só num cunhici a muié de pé a pé, pruquê respeitei...aí quer dizer que aquilo foi uma coisa que eu fiz pra ver se dava certo, mas não pra mim fazer nada cum ela né? ...isso era de noite, era tarde da noite. Aí a caboca réa saiu, aí eu benzi ela novamente na saída dela...também foi uma coisa que eu nunca consigui pra ninguém e tem gente aqui que luta, peleja pra eu insinar e aí eu digo: pra que quere? Pra que rocês quere? Às vez é home casado. Às vez eu penso em si que aquilo que eles quere aprendê, essas coisa é pra lhe reduzir, quer reduzir minha muié, ou outra qualquer, né? E aí, certamente que eu nunca insinei, ninguém... é pruquê aí obriga mermo... pruquê é coisa do bicho. Eu vou lá perder minha alma pra dá a vida os outro, vou não.

8.4 A experiência de cura de D. Lucrécia, liderança de Varjota

D. Lucrécia.
Foto: acervo da autora.

> [...] eu trabaio com a linha dos astro, com os encante, né? Quer dizer que os encante tem a linha dos astro e tem a linha do mar, né? E a linha da mata, quer dizer que a linha da mata tem o índio curador... eu,... cumeçou, eu num sei nem cuma foi que cumeçou, que cumeçou era tanta doença em riba de mim e eu sem saber o que era. Ia pra médico, ia pra outras reza, onde os rezador reza assim mermo sem tá concentrado a caboco. Chegava lá eles rezarro, era mermo que nada e eu cada vez mais continuando adoecendo. Me darra frio, me darra febre, me darra dor de barriga, me darra dor nos peito. E do meus peito, condo eu tinha uma criança, durante o tempo do resguardo, eu darra de mamar porque era o jeito, mas não que eu pudesse. Aí pra mim era rermêa... mandarra rezar, mandarra um, mandarra outro e até que foi indo, foi indo e essas coisas, até que me lerraro pra esse trabai. Aí chegando lá, me dissero que era as minha corrente que tavam baixa e eu só ficarra boa, se eu

pegasse o trabai. Aí eu condo as vezes caía, aí condo eu ia cor de mim, o meu distino era de correr ou pro mar, ou pra mata... aí eu sei que o pessoal pelejarro comigo... como de fato, condo foi no final das conta, esse home (seu marido) num queria, tinha muita raiva... aí foi indo, foi indo, até que eu chegou o tempo de eu querer, era o jeito, até que eu aí perdi o controle, a cabeça, fiquei como uma louca dento de casa. Num cumia, num bibia... fazia todo efeito dentro de casa, na rede. Aí a mamãe era quem lutarra comigo... era a cumade Dussanto... me pegarro , me banharro... me lerrarro pro banheiro, ... que nesse tempo era no corgo... e aí foi indo, foi indo, até que me lerraro pra essa muié acolá (comadre Odete, mulher de José Alves). Aí abaixo de Deus, foi a minha salvação, foi Deus e ela, que foi trabaiando, trabaiando e tirando aquelas ponta de corrente do mal, e foi indo... graças a Deus hoje eu tô contando a históra. Tô dentro de 33 anos que eu tenho esse trabai, graças Deus, daí pra cá num soube mais o que era as doenças que eu sintia né?... e trabai de baia pra mim num serve... pra mim só se for um trabai pesado, que trabai derrame suor, aí no outro dia eu manheço maneira... é o trabai de cura, que o meu trabai num é de baia é só mermo de curar... pois é, aí, por isso aí e eu sinceramente, num é me garrando, num é me pabulando, mas é difícil chegar uma criatura aqui doente, pra cum os poder de Deus, num ser atendido. Só não negoços a feitiço, trabai feito, também não, nem pra eu fazer e nem pra eu butar né? Num tenho essa previsão... e também pra obrigar as pessoa às vez querer outro, sem a gente querer, também nunca no mundo eu fiz...

Eu pergunto: como é que você se sente em fazer esse trabalho de curar pessoas? Eu acho por bem, porque assim, as coisa que eu sintia, agora num sinto mais né? Aí eu acho que condo uma criatura me procura pra mim fazer um trabai que vem com precisão, condo chega eu tenho todo gosto e prazer em fazer. E acho bom condo aquela pessoa fica boa né? Pois é às vez aquela pessoa chega doente e aí eles (os encantados) insinam o remédio, insinam um banho, insinam qualquer tipo de coisa, às vez um desfumador... aí eu acho que a minha cura é do bem num é? Agora tem várias pessoa que acham que é macumba, é isso ou aquilo outro, mas macumba é pra fazer o mal e o meu trabai é outro. Agora às vez vem um

casal, se separa... aí a gente vem dá um entendimento a eles, pra eles voltar ao normal, porque às vez ali é o cumeço duma atentação num é? É o inimigo que tá fazendo mal pra separar os dois... aí se a pessoa chega a me pedir, aí eu tenho que fazer aquela cura, que é pra afastar as coisa mal do inimigo... pra unir de novo o casal Cuma era.

E tem muita gente que de primeiro falarra de mim e eu chorarra muito, mas agora, hoje em dia, quase todas as pessoa que falarra de mim, já tem precisado e aí eu acho bom assim porque graças a Deus o trabai serve. Desses negoço de incosto chegando aqui, abaixo de Deus é resolvido.

8.5 Experiência de cura de Adelina, jovem de Mangue Alto

Adelina.
Foto: acervo da autora.

Desde criança, percebia alguém perto de mim... no ensino médio, na etapa sobre espiritualidade é que eu fui me discubrir média, pelas pesquisa que eu fui fazendo, fui entendendo coisas que ocorriam comigo.

Com 15 anos foi lá na Tapera, eu comecei sentir angústia, medo e vontade de sair e quando saí, que entrei na sala, não vi nada, mas sentia alguém segurando nas minhas mão e não era pessoas normais. De repente não me lembro mais de nada.
Depois só sonhava rezando sozinha e curando. Outra vez até sonhei que virava um encantado. De repente chegou num lugar como num mangue, com águas pretas. Lá via pessoas estranhas, diferentes mas do bem. Outra vez, deitada, senti a presença de alguém perto de mim, mas não vi nada, depois sonhei com a dita pessoa e vi quando consegui abrir os ói. Ele era pequeno, montado num cachorro e era negro, mas não tive medo...
No cumeço eu tinha medo de falar, porque eu achava ser coisa da minha cabeça. Depois comecei a vê-los passando na janela... vi um homem de branco na sirigueleira.
Desses não tive medo...
Às vez eu tava em casa, sentia alguém perto de mim, aí já sentia as minhas mãos ficarem geladas, pensava que fosse coisa da minha cabeça, mas depois eu ficava pensando que podia ser a presença deles (os encantados). Uma vez eu tava jantando, senti alguém se aproximando atrás de mim, aí nesse dia eu tive medo. A mãe percebeu e perguntou o que era? Aí eu cumecei logo a chorar, não sabia porquê, mas eu sintia um medo e no outro dia me levaram pra D. Marli rezar em mim.
Na III Assembléia do povo Tremembé na Varjota, eu cheguei lá boa, aí condo foi na hora de dançar, entrei como todo mundo na roda, de repente cumecei a sintir uma quintura nas costas e as mãos gelando, que ia e voltava. Aí condo o ti Luís Cabôco cumeçou o ritual de disfumar que chegou em mim, eu sinti uma alegria tão grande que parecia que era eu que já fazia aquilo há muito tempo. Aí era como se eu já fosse acostumada a fumar cachimbo. Aí foi que eu amoleci e disse pras meninas que eu não tava me sentindo bem. Aí só me lembro condo abri meus ói, taqui uma muiézinha (D. Rita Tó) que eu num cunhicia com umas folhas rezando em mim. Aí eu num quiria mais ir pras mangueira porque sintia eles lá, sabe? Essa muiézinha, na terceira vez que rezou em mim, me disse que minhas corrente tavam muito baixa e se eu não me cuidasse, eu ia pegar o trabai logo. Aí nesse dia eu me sinti muito bem e me identifiquei muito cum ela. Aí eu disse o pai, que depois conversou cum ela e acertaram que ela ia fazer o meu trabai... mas no dia eu num quiria ir, eu tava cum medo, mas fui... mas

condo cheguei lá, me sinti à vontade porque fumo bem recebido. Aí suspenderam minhas corrente e discubri muitas coisa que me deixaram muito feliz e no outro dia eu tava tão maneira que parecia uma pena... por conta desse trabai sofri muitas crítica, as pessoa diziam que era espírito, mas eu sabia que num era coisa do mal e aos pouco fui aprendendo me defender, porque os próprio de perto ficavam estranho cumigo e outros ficavam preocupados...

... hoje eu me sinto feliz porque eu sei que daqui pra frente eu vou ajudar muitas pessoa, apesar dos muito preconceito que ainda posso sofrer.

De primeiro eu ficava com dúvida e pensava que podia me livrar disso, mas hoje eu sei que isso é um dom de Deus e que isso é o melhor pra mim. E é bom, eu me sinto satisfeita e tenho muito apoio da minha família. Hoje eu me sinto outra pessoa, com ideias mais claras e sinto que estou sendo guiada e, tenho certeza das coisa que eu faço. Às vez condo eu me sinto mal eu peço ajuda de Deus e aí eu sinto que é um dom mermo que Deus me deu, eu sinto que alguém me ajuda e fico bem de novo sem me aperrear.

Capítulo
IX

HISTÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE OS ENCANTADOS

9.1 Histórias do Zé Biinha, meu pai e liderança de Mangue Alto, sobre a Mãe D'Água

Zé Biinha.
Foto: acervo da autora.

a) O siri encantado

Dois pescadores pescavam no lagamar, quando avistaram um grande siri. Um deles, rapidamente, jogou a tarrafa por cima para pegar o mesmo, mas, ao levantá-la, viu que não havia pegado nada e que o dito siri já estava entrando mais para o fundo da água. O outro pescador fez o mesmo que seu amigo, mas também não conseguiu e, à medida que iam tentando, o tal siri mais e mais adentrava para o fundo do rio. Os dois amigos, já com água na altura da cintura, se entreolharam desconfiados, pois parecia ter algo errado. Saíram para o seco e, em conversa, chegaram à conclusão de que aquele siri não era um siri como outro normal, mas sim que era a Mãe D'Água que se engraçou dos pescadores e estava tentando encantá-los. Os mesmos, desanimando-se com o ocorrido, desistiram da pescaria naquele dia e foram embora para suas casas.

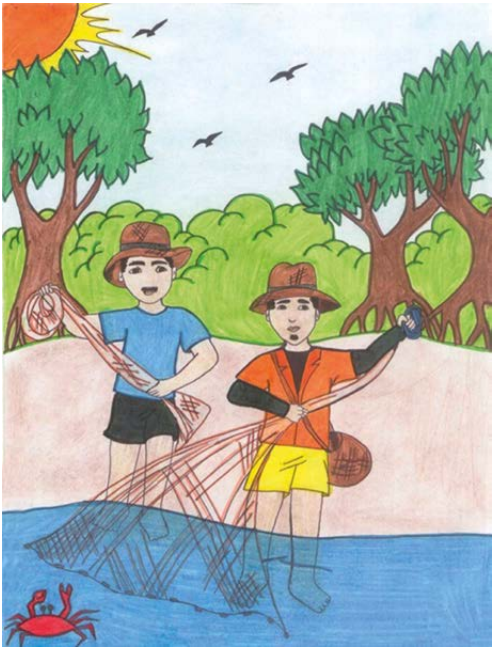


Imagem: acervo da autora.

b) O segredo da pedra

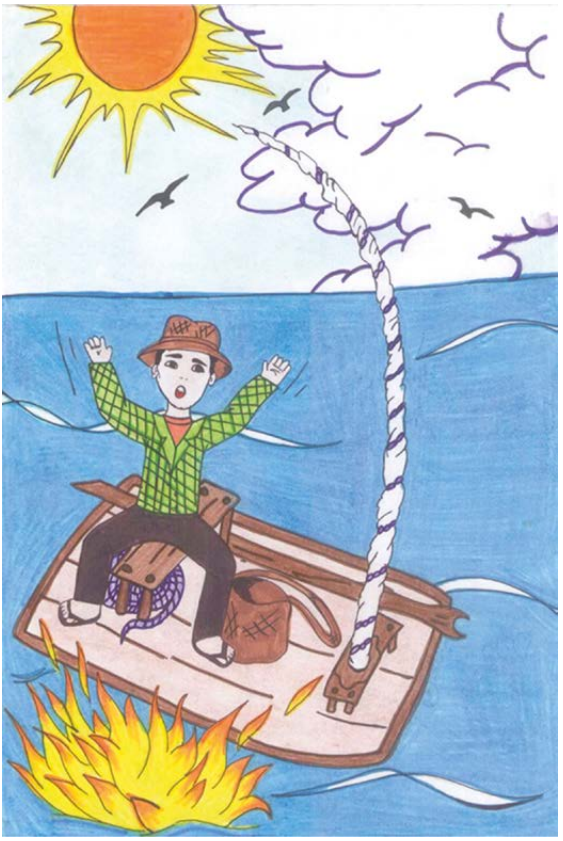
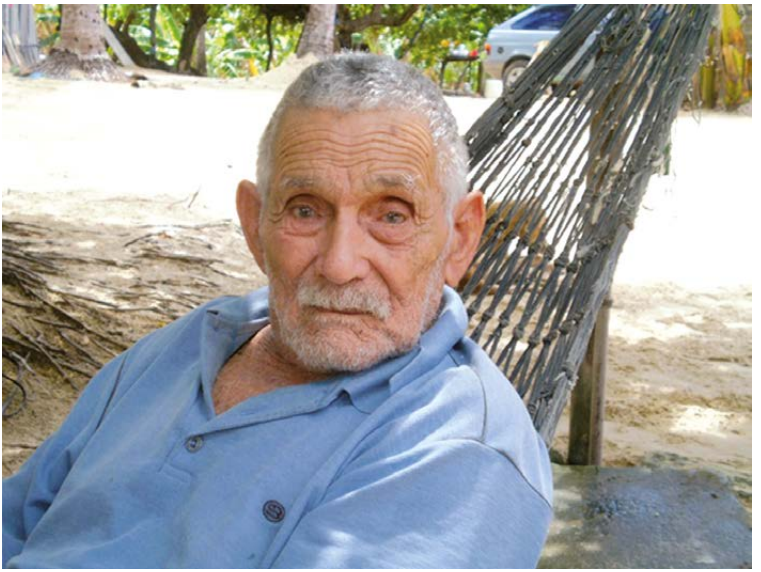


Imagem: acervo da autora.

Certa vez, um velho pescador foi pescar sozinho no mar. Em pouco tempo, ferrou um peixe e, depois de muito trabalho, conseguiu trazê-lo para cima da embarcação, mas, ao chegar acima, teve uma surpresa, pois percebeu que, em vez de ter pegado um peixe, havia pegado uma simples e feia pedra. O pescador, muito zangado por ter-se enganado, sem pensar, logo jogou a pedra, que, ao cair na água, se transformou em fogo e, ao afundar, foi-se transformando em muitos e compridos cabelos e, ainda no meio desses, apareceu a ima-

gem de uma mulher que logo mergulhou e sumiu nas águas salgadas do oceano. O pescador, desnorteado com o que viu, não sentindo nem mais vontade de pescar, retornou para a terra. Ao chegar ao seco, contou o que aconteceu na sua viagem. Alguns dos seus amigos, impressionados com a história, aconselharam ao pescador que buscasse informações ou algum significado para aquilo com um homem estudioso conhecido por alguns deles e que entendia muito sobre pedras do mar. O mesmo também tinha certos conhecimentos sobre encantes. O pescador, curioso e ansioso para saber algum resultado daquela sua visão no mar, seguiu o conselho de seus amigos e foi até o tal homem, contando-lhe tudo que aconteceu. Depois que ouviu tudo, o homem trouxe um grande livro, com aparência de bem antigo e falou para o pescador que, ao passar as páginas do mesmo, ele observasse bem as fotos das pedras que havia nele para ver se alguma delas se parecia com a que tinha pegado no mar. Não demorou muito, e o pescador reconheceu a figura da pedra da sua pescaria. O homem ainda lhe mostrou a figura de duas bonitas mulheres, e o pescador, assim que viu, também reconheceu a imagem da moça que apareceu logo que ele atirou a tal pedra na água. Com as revelações do pescador, o homem então decifrou o significado da sua pescaria dizendo: "A moça que você viu no mar era a Mãe D'Água. E a pedra que o senhor pegou era um valioso diamante que ela estava lhe dando de presente para que você ficasse rico para o resto da sua vida e, assim, nunca mais precisasse trabalhar tão pesado para sustentar sua família". Então o pescador, ao ouvir tudo isso, voltou para casa muito triste, nunca esqueceu e muito menos se conformou em ter desperdiçado tamanha riqueza.

9.2 A cobra (Mãe D'Água) que se mudou, contado por Geraldo Trajano, meu avô e liderança de Mangue Alto



Geraldo Trajano.
Foto: acervo da autora.

Um homem, mexedor de farinha, na época das farinhadas, vinha todas as noites da Mãe Cosma para o outro lado do lagamar cumprir com sua função. Numa madrugada, quando vinha, ouviu num baixo perto de um córrego do lado do caminho por onde passava uma quebradeira no mato com uns fortes assopros como se fosse gado, mas ele estranhou porque, nesse tempo, não existiam tais animais nessa região.

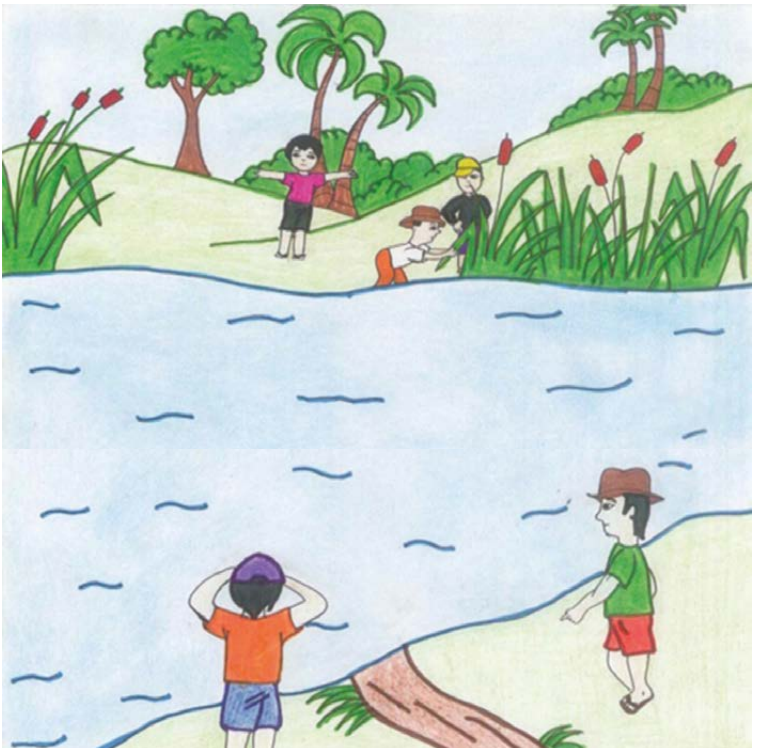


Imagem: acervo da autora.

O homem foi embora e, mais tarde, quando voltou, lembrou-se de olhar naquele local para ver se descobria o que havia passado por ali e se assustou com o que viu. No lugar onde passou o barulho, o mato estava todo amassado com o rastejado de uma grande cobra. Chegando a casa, contou o que ouviu e viu, e logo se reuniu uma tropa de homens para seguirem o rastro dela. Ela atravessou o lagamar onde deixou só o arrastado na lama, seguiu rumo à Lagoa Mãe Isabel, onde entrou e saiu do outro lado, indo em direção da Lagoa a Batedeira. Lá ela entrou, mas não encontraram o rastro de saída dela. Os homens rodearam toda a lagoa, mas só tinha rastejo de entrada e não de saída. Daí então, essa lagoa nunca secou e começou aparecer encantes lá de vez em quando, já a árvore de onde essa cobra saiu, com pouco tempo, secou e morreu.

9.3 O Assobiador, contado e vivido por seu Sabino, liderança de Varjota

Uma reis, eu rapaz e o cumpade Zeca rapaz, nesse tempo nóis morarra lá no Aguapé e nóis rinhemo pra cá pra Rajota. Condo foi já umas hora, já tarde da noite, nóis roltemo... condo nóis cheguemo ali no corgo do Gino, ali na Vila, um assobiador assobiou longe no rumo do lagamar. Aí o cumpade Zeca, toda rida foi um rapaz besta, desalmado disse:

— Sabino, aquilo é o assobiador! Agora nóis ramo chamá-lo, ramo assobiar também pra nóis pegá-lo, pra nóis rê o que é isso.

— Pois ramo!

Aí ele assobiou. Condo ele assobiou, aí ele respondeu longe. Aí ele assobiou de norro, aí ele já respondeu mais perto. Condo ele assobiou de norro, aí o cabra já tarra incostado de nóis. Do corgo do Gino pra frente o camim era por dentro dum capãozão de mato que tinha pra sair lá fora nos morro, que chamarro Tomé. Hoje num tem mais pruquê acabou-se tudo, tá tudo diferente... e ele assobiando e esse assobiador assobiando... que condo nóis saímo fora nos morro, aí o cumpade Zeca disse:

— Sabino, rapaz, rumbora apertar que se esse bicho vier pra cima de nóis, nóis pega.

Aí se pusemo em pé e fiiiu, fiiiu... ele fazia era abanar aqui na nossa cara! Vuuu, vuuu! E nóis ispiarra e via lá nada! É um incante que parece que o camarada num veja mermo. E a noite culara, que era mermo que o dia. E só se ouvia, fiiiu, fiiiu, fiiiu... aí rirou uma coisa. E ele só passando na nossa cara e nóis pelejarra pra pegar, pegar o quê? E demoremo quais duas hora lá pelejando com esse tal assobiador, inté que parece que o bicho discunfiou do rabo e fiiiu, voou, foi simbora.

Mas num pega não! Aquilo é um incante mermo! (perguntei se ele não teve medo)... não, eu num tirre medo dele não!

9.4 A origem do Assobiador, contada por D. Teresa Ferreira, minha mãe e liderança de Mangue Alto

D. Teresa Ferreira.
Foto: acervo da autora.

Existia um homem que só tinha um filho e, por isso, nunca lhe deu sequer uma pequena palmada. Um dia, os dois foram até a cidade comprar carne. Como ela ficava um pouco distante de casa, ao chegarem lá, já não encontraram mais a carne que pretendiam e, por isso, só compraram um arrastado (a cabeça com tripas, bofe, coração, etc.) de um carneiro que encontraram. Como já estava tarde, decidiram parar em algum lugar que vendesse comida pronta para almoçar. E assim fizeram. Mas, na hora do almoço, o jovem rapaz acabou se engasgando, e o pai, preocupado, vendo o sufoco do filho, sem pensar muito no que fazer, numa atitude repentina, deu-lhe uma pequena pancada nas costas, conseguindo assim desengasgar o rapaz. Na hora, o filho não falou nada, mas, no caminho de volta para casa, só conse-

guia pensar na vergonha que seu pai o tinha feito passar por ter-lhe batido na frente de todos que estavam no local do almoço. Revoltado e inconformado com a atitude do pai, decidiu matá-lo e enterrar o corpo naquele caminho deserto. Após ter cometido tal ato, pegou o saco com o arrastado que havia comprado com seu pai e foi embora como se nada tivesse acontecido. Chegando a casa, logo a mãe perguntou-lhe pelo pai. O rapaz respondeu, dizendo que ele tinha ficado na cidade e que só vinha mais tarde. A mãe achou aquilo estranho, mas, confiando na palavra do filho, pegou o saco da compra da cidade e levou-o até a cozinha para cuidar. Mas, ao abrir o tal saco, teve uma grande surpresa. Em vez de encontrar a cabeça do carneiro que tinha sido comprada no mercado da cidade, encontrou a cabeça do seu marido. Vendo aquilo, a mulher tomou um enorme susto, chamou o filho e acusou-o de ter matado o próprio pai. Também o denunciou logo para a polícia. Depois de muito tempo preso, acabou desaparecendo da cadeia.

Dizem que o seu sumiço ocorreu pelo fato de ele ter se arrependido em ter assassinado o próprio pai e, por isso, se encantou em um passarinho, e assim, fugindo da prisão. Dizem também que, como pagamento da sua pena, ele anda com o pai nas costas e, quando se cansa, coloca o mesmo no chão dando um grande assopro que se transforma em um longo e fino assobio.

Esse, para quem já o viu, diz que ele aparece como um pássaro grande e preto de olhos bem vermelhos. O mesmo costuma aparecer mais no período do inverno, nas noites escuras e chuvosas. Tem como característica principal o assobio, sobre o qual o próprio nome já diz tudo, pois o mesmo tem um assobio muito fino e demorado.

9.5 O Assobiador, contado por Zé Biinha

Imagem: acervo da autora.

Certa vez, um homem chamado Zé Mundico estava num lugar chamado Capeba e tinha que voltar para o seu lugar, que era no Jardim. Já era noite e, na saída da casa onde estava, ouviu muito longe o assobio do Assobiador. Ele, já sabendo das proezas de tal ser, pensou consigo: "Eu vou apressar o meu passo pra ver se o Assobiador não me alcança até eu chegar ao Jardim".

Mesmo sabendo do que aquele ser encantado era capaz de fazer, resolveu imitar o seu assobio e saiu correndo em disparada, pensando que ele não ia alcançá-lo até chegar a sua casa, mas seu pensamento foi em vão, porque não demorou muito e ele ouviu o tal assobio fino já bem mais perto.

Aí foi que ele correu, mas novamente o assobio se aproximou mais. E assim foi seguindo e cada vez chegando mais perto. Correu, correu, correu, e aquele som agudo e assombroso se aproximava mais e mais. O pobre do homem, já quase morrendo de cansaço e medo, só teve tempo de entrar em casa, pois, ao fechar a porta, o Assobiador esbarrou na mesma e deu um assobio tão fino que ele ficou tonto. E ainda deu mais três assobios ao redor de casa. Zé Mundico, bem quietinho dentro de casa apavorado, ouvia tudo sem se mexer, mas, sem querer acreditar, começou a perceber que o assobio, aos poucos, se afastava dali. Foi se afastando, se afastando, até que teve a certeza de que o Assobiador estava indo embora. Aliviado, respirou fundo e agradeceu a Deus por ter escapado daquele susto, mas também teve como grande lição que nunca se deve duvidar dos encantos da natureza, muito menos imitar assobio do Assobiador.

9.6 O Assobiador, contado por Geraldo Trajano

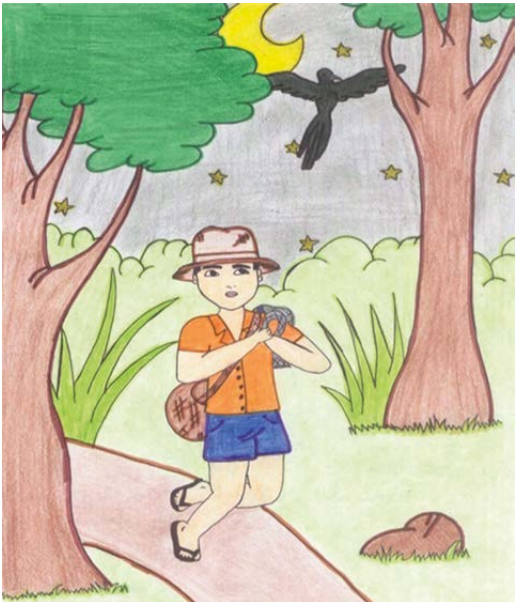


Imagem: acervo da autora.

Geraldo Trajano era um pescador que costumava pescar de tarrafa no lagamar, nas lagoas, quase todas as noites, e, geralmente, ouvia ao longe um assobio. Uma vez estava pescando no Córrego do Gino,[20] sozinho, quando já estava se preparando para ir embora, o tal assobio soou mais ou menos na antiga passagem do lagamar. Ele pensou consigo que, se apressasse o passo, chegaria ao Amaro,[21] onde morava, antes do misterioso Assobiador.

Sem perder tempo, mais do que depressa, enrolou a tarrafa e caminhou no rumo de casa, mas, quando passou para o outro lado do lagamar, ouviu o assobio já mais perto. Não desanimou da corrida e prosseguiu sua viagem, e cada vez mais o misterioso assobio se aproximava.

Quando ele foi chegando a uma lagoa que ficava bem próxima da sua casa, ouviu o assobio já passando da lagoa. Aí ele ficou com um pouco de medo, mas continuou sua jornada para casa, conseguindo chegar em paz. Entretanto, compreendeu que, com essas coisas de encante, ninguém deve tentar desafiar.

9.7 A origem do Caipora, contada por D. Rita Tó

Imagem: acervo da autora.

[20] Lugar de água própria para a pesca na região de demarcação de terras indígenas Tremembé, em Itarema.

[21] Lugar de árvores no município de Itarema.

Antes de ser esse mito Encantado, dizem que o Caipora era um simples menino caçador que gostava muito de animais. Um dia, saiu com seus cães caçadores pela mata em busca de alguma caça. Nesse dia, andou muito mata adentro e, lá pelo meio da floresta, começou a ver muitos bichos diferentes e interessantes: preá, cotia, veado, tamanduá, gato-do-mato, tatu, e outros, ficando bastante admirado que até esquecesse que estava caçando e cada vez mais se embrenhava na mata, observando aqueles encantadores animais. Distraiu-se tanto com tais bichos que, ao lembrar-se de voltar para casa, não conseguiu mais encontrar o caminho para retornar. Tentou, tentou, mas não conseguiu lembrar o caminho de voltar. Continuou andando e cada vez mais se perdia, até que chegou ao reino dos cachorros e, junto com o reino dos outros animais, acabou se encantando e assim se tornando o rei e protetor dos bichos e da mata.

9.8 A origem do Caipora, contada por Geraldo Trajano

Imagem: acervo da autora.

Numa noite, um caçador chamado Geraldo Trajano saiu pela mata para caçar com seus cachorros e seu compadre Raimundo Rosa. Andaram, andaram, mas ainda não haviam matado nenhuma caça, quando, de repente, do nada, no meio da mata, ouviram uma enorme e estrondosa gargalhada bem perto deles e dos seus cachorros. Eles ficaram ali parados, não sentiram medo, mas a risada continuou. Como já conheciam as histórias do Caipora, entenderam que só poderia ser ele e que, naquele dia, não era apropriado para caçar. Assim, chamaram os cachorros, que já se encontravam todos acuados e rapidamente retornaram para casa, deixando a caçada para outro dia, mas nunca esqueceu aquela gostosa gargalhada que ouviu do Caipora

9.9 Caipora ou Surrupira

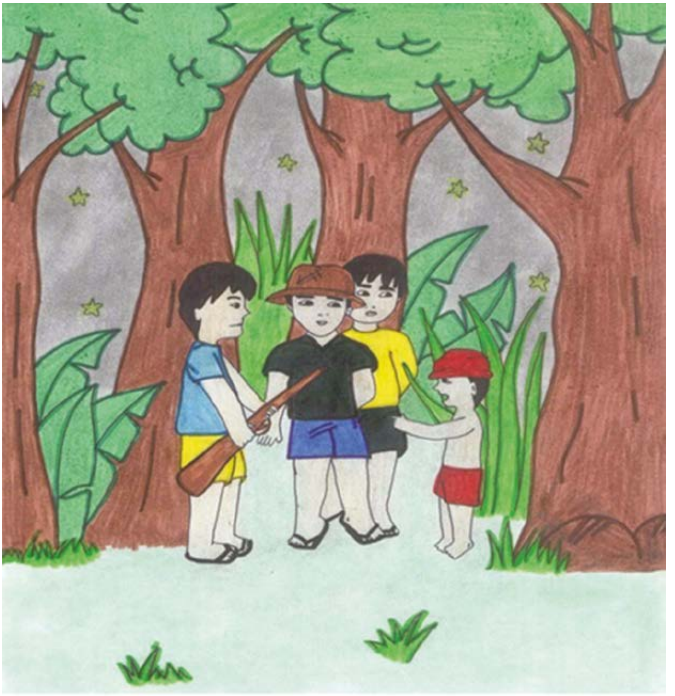


Imagem: acervo da autora.

O primeiro marido de D. Maria Bela chamava-se Luís. Certa vez, ele convidou uns amigos e foram caçar na mata. Chegando lá por umas alturas, um tatu passou correndo na frente deles. Assim que Luís avistou-o, disse:

— Olha um tatu! Essa é caça do caipora!

Dizendo isso, foi logo atirando no bicho. Mas, quando o tiro bateu nele, apareceu foi um negrinho no lugar do tatu e disse aborrecido:

— O meu nome não é Caipora, é Surrupira!

E, em seguida, também pediu fumo pra eles. Para o azar deles, os mesmos não tinham fumo naquele momento.

No mesmo instante, Surrupira incorporou em Luís de quem ele já estava zangado por tê-lo chamado de Caipora.

O homem logo se transformou, querendo rasgar a própria roupa. Com muita peleja, os seus amigos conseguiram trazê-lo pra casa, onde deu bastante trabalho, mas D. Maria Bela conseguiu fazê-lo sair do corpo do seu marido.

Segundo ela conta, se os seus amigos não o trazem logo para casa, aquele espírito das matas tinha-o matado com raiva por ter sido chamado de Caipora. Pois ele não gosta desse nome. Quer que o chamem de Surrupira ou Caboclo do Mato.

9.10 Botija contada, por Geraldo Trajano

Imagem: acervo da autora.

Quando era criança, Geraldo Trajano sonhou com uma mulher de vestido longo, todo preto cobrindo os pés, dando-lhe um potinho de dinheiro. A mulher lhe mostrava que o dinheiro estava enterrado debaixo de um cajueiro na beira do lagamar e dizia que era pra ele e sua irmã Maria.

Quando acordou, contou para seu pai, que disse:

— Meu filho, essas coisas a gente não conta, que, depois de sonhar duas vezes, na terceira noite, você recebe todas as informações para desenterrar o dinheiro.

Passou o tempo, e ele não sonhou mais com tal coisa.

Um dia, Geraldo foi com sua mãe para uma missa nos Patos. Na hora em que o padre chegou à igreja, ele viu, disse:

— Mamãe, essa é a mulher que sonhei me dando dinheiro!

Sua mãe respondeu:

— Não, meu filho, você se enganou, aquele é o padre que veio rezar a missa!

Ele insistiu dizendo que tinha certeza do que estava falando, aquele era sim a mulher que lhe tinha dado o pote de dinheiro em sonho.

Depois de muito tempo, ele soube que um conhecido seu havia sonhado com a mesma mulher lhe dando dinheiro e indicava o mesmo local. Soube também que este que sonhou foi com outro lá no lugar indicado e quase arrancaram o cajueiro, mas nada encontraram. Quem soube do acontecido disse que eles não conseguiram achar a botija porque foram com muita ambição.

9.11 A Botija, contada por Maria Laurindo (D. Biinha), minha avó, liderança de Mangue Alto

D. Maria Laurindo (Dona Biinha).
Foto: acervo da autora.

Conta D. Biinha que seu tio, Zé Quitéria, era um velho pescador que, por não ter com que gastar o seu dinheiro, enterrou-o num coquinho dentro de casa sem que ninguém soubesse ou desconfiasse. Passado um tempo, uma sobrinha sua, chamada Rita, foi dormir e sonhou com ele lhe dando seu dinheiro e lhe dava todas as informações de onde a Botija estava.

Imagem: acervo da autora.

No outro dia, assim que ela acordou, falou pra ele do seu sonho, mas ele, contrariado, disse que não sabia de dinheiro nenhum. Rita ainda insistiu, dizendo que sabia que o dinheiro estava enterrado dentro de um coquinho, perto de um enchimento, quase debaixo da rede em que ele gostava de se balançar. Cada vez mais, Zé Quitéria ficou aborrecido e negou tudo.

Rita, percebendo sua chateação, deixou a história pra lá e não tocou mais nesse assunto com ele. Algum tempo depois, se soube que ele mudou o esconderijo da sua Botija, mas nunca mais ninguém ficou sabendo onde ele a escondeu novamente e se, algum dia, deu para alguém.

9.12 A Botija do Muricizeiro, contada pelo Sr. Sabino de Varjota

[...] Finado Niquião morreu. Eu nunca vi, cumpade Néu nunca viu, nóis nunca vimo esse home. Eu rapaz, cumpade Néu já era casado. Aí uma noite, a boca da noite, ele deu ali um trespasso, condo chegou um home e foi e disse que ele era o Niquião de Almofala, tinha vindo dá aquele dinheiro, um haver a ele e era pra ele ir arrancar. Aí disse logo bem direitinho: lá no corgo do Mané Sale, lá na frente, nos muricizeiro tinha um formigueiro. Lá tinha um pé de muricizeiro, nesse galho que vinha pra cá pra estrada, lá que foi interrado um tacho de dinheiro e em cima do tacho, o que tinha era um candieiro. Era a primeira experiênça que o tacho tava embaixo... mas ele fosse e esse dinheiro era pra ele e pra mim. Aí ele disse: — Não, ele num rai não! Ele num quer não! O cumpade Néu toda rida teve medo de alma, sabe. Com tudo ele se assombrarra. Aí condo foi na outra noite, ele bateu de norro. Era pra ele ir e contou do mermo jeito.

Condo foi de dia, ele foi lá para o Barro Vermelho. Aí ele foi aqui por a dita estrada aqui do Mané Sale com o beco do finado Bento... aí ele foi passando, viu o dito... pra ele, se ele fosse com a mão, ele arrancarra e discubria. Só que ele com um medo danado, que ele num ia arrancar nada mermo... condo foi na outra noite, ele bateu de novo. Era pra ele ir... – Ele num rai de jeito ninhum e, se rocê vier de norro, eu lhe digo umas coisa pirigosa. Rocê pode roltar, num quero não! É pruquê ele num quer mermo! Não mas... — Quero não! Também aí ele num veio mais.

Aí com uns mês, foi que o cumpade Néu me disse... eu digo: — Tu é doido é macho?! Pruquê tu num me disse que nóis tinha ido rapaz! Ou eu tinha ido só macho, tu é doido?! E aí ele disse: — Tu tinha ido mermo? ... ora tinha macho! Ele num ia cumer nóis, num ia morder a gente...!

9.13 O Menino vaqueiro, contado por Teresa Ferreira

a) A origem

Era um menino que gostava muito de animais, de família pobre e que, muito cedo, ficou órfão de pai e mãe. Um fazendeiro, sabendo desse ocorrido, adotou o menino que havia ficado. Só que, na realidade, não o adotou para criá-lo como filho, mas sim com a intenção cruel de explorá-lo.

Assim que o pobre e órfão menino chegou à fazenda, o tal dono deu-lhe a ordem de ser o vaqueiro de todos os seus animais, e ainda disse para ele que, no dia em que sumisse algum de seus bichos, só era para o menino voltar para casa quando encontrasse e trouxesse o tal animal. Até que, certa vez, sumiu um dos bichos do seu patrão, e o menino logo saiu à sua procura. Procurou um dia, procurou dois dias, três dias e, não tendo nenhum sucesso na sua procura, sem poder voltar pra casa pensando no castigo que teria, ficou perambulando pela mata e, de tanto passar fome e sede, acabou morrendo. Depois de muito tempo, seu corpo foi encontrado na mata.

A partir daí, muitas pessoas se compadeceram de sua história e, de vez em quando, ofereciam velas acesas a ele devido ao mesmo ter morrido no escuro. Assim, o Menino Vaqueiro virou lenda, crença e, até hoje, costuma ajudar a quem acredita no seu poder e busca sua ajuda lhe oferecendo luz como recompensa.

b) A cabra sumida

Imagem: acervo da autora.

Quando ainda moravam no Jardim, Seu Zé Biinha e dona Teresa tinham uma criação de cabras. Certa vez, sentiram falta de uma delas. Saíram pela mata procurando, foram pela vizinhança, mas não a encontraram. Passados alguns dias e nada de o animal aparecer, lembraram-se dos poderes do Menino Vaqueiro e logo se valeram dele para ajudá-los a encontrá-la. Quando foi já tarde da noite, nesse mesmo dia, já estavam deitados para dormir, quando ouviram os berros de um animal. Os dois se levantaram e foram verificar que bicho seria aquele e tiveram a feliz surpresa de verem que era a cabra deles que havia sumido. O mais interessante é que ela

chegou com um pedaço de corda amarrada no pescoço como se a mesma estivesse presa em algum lugar e alguém a tivesse propositalmente soltado para que essa pudesse voltar para seus verdadeiros donos.

Felizes, botaram a cabra para o chiqueiro e, em seguida, encheram uma lamparina de gás e colocaram acesa em um lugar reservado para o eficiente Menino Vaqueiro, pois tiveram a certeza de que tiveram sua ajuda para que aquele animal voltasse para casa tão rapidamente.

9.14 O Porquinho corredor

Imagem: acervo da autora.

Seu Zé Biinha conta que ele e dona Teresa, há muitos anos, vieram embora de Jardim para Mangue Alto, mas nunca deixaram de criar animais de pequeno porte como galinha, pato, capote, porco, etc.

Outro dia, compraram um porquinho e assim que trouxeram para casa botaram o mesmo no cabresto. Por não estar acostumado, o porquinho logo se enganchou todo, e, por isso, Seu Zé Biinha soltou-o por uns instantes, mas ficou pastorando para que não fugisse. Numa pequena distração de Seu Zé Biinha, o animal sumiu. Procuraram, procuraram por todo o quintal, mas não o encontraram. Como já era quase de noite, se tornou mais difícil ainda de achá-lo. Seu dono, muito chateado, saiu até um vizinho mais distante para recomendar que pegasse o seu porquinho, caso o visse por lá. No caminho, quando ainda ia, lembrou-se do Menino Vaqueiro e da fé que tem no seu poder e, sem pensar duas vezes, no mesmo instante, pediu-lhe ajuda, oferecendo-lhe luz como recompensa. De casa, também preocupada, dona Teresa lembrou e fez a mesma promessa ao vaqueirinho dos animais.

Quando Seu Zé Biinha chegou em frente à casa do tal vizinho, ficou ali parado com medo de se aproximar devido aos cachorros que tinham lá. De repente, mesmo no escuro, viu o vulto do porquinho saindo do cercado do dito vizinho. Mais que depressa, saiu devagar, seguindo o porquinho fujão, que, por ser muito corredor, deu-lhe muito trabalho, mas conseguiu pegá-lo sozinho, aliás, segundo ele, só com a ajuda do Menino Vaqueiro.

Chegando a casa, Seu Zé descobriu com sua mulher que, sem combinarem, haviam feito duas promessas para o Menino Vaqueiro. Eles acreditam que deve ter sido por isso que ele agiu tão rápido, dando um jeito de colocar o animal bem na frente de seu dono. Sem perder mais tempo, os dois acenderam as luzes que prometeram para aquele vaqueirinho.

9.15 O Guajara, contado por D. Maria Bela

a) A surra

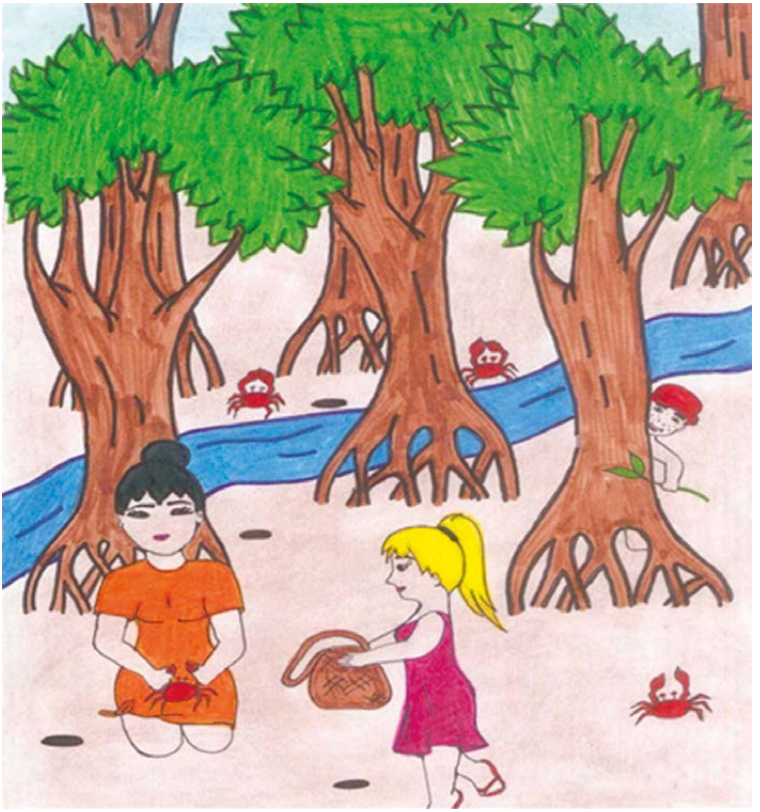


Imagem: acervo da autora.

Quando ainda era criança, D. Maria Bela, uma vez, foi com sua mãe pescar no mangue. Com pouco tempo que estavam pescando, ouviram umas gargalhadas. Como toda criança curiosa, ela perguntou pra sua mãe o que seria aquilo. Sua mãe logo mandou que ela se calasse que aquilo era o Guajara.

Continuaram pescando, mas, de repente, ela começou a se sentir mal, com muita dor no corpo e com febre. Como já haviam pegado boa quantidade de caranguejos, as duas foram embora. Em casa, D. Maria Bela continuou doente, até que sua mãe mandou chamar o pajé João Cosmo. Ao chegar, ele rezou nela, depois disse que ela havia era levado uma surra do Guajara. Logo ela se espertou e ficou boazinha.

b) As artimanhas

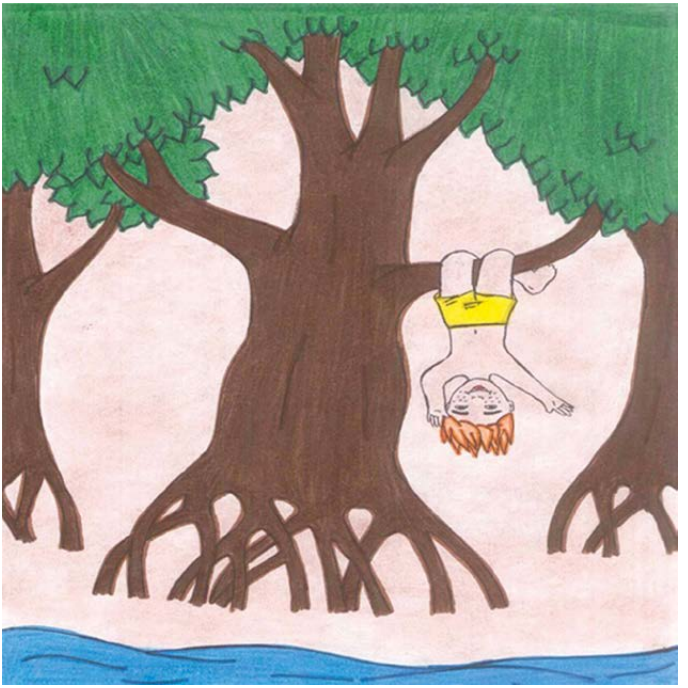


Imagem: acervo da autora.

Certa vez, um homem conhecido por Raquim Rufino, primo de D. Maria Bela, foi no mangue tirar uns mourões. Depois que terminou, vinha saindo do manguezal quando, de repente, se deparou com um pequeno homenzinho pendurado pelos pés no galho de um pé de mangue e foi logo lhe dizendo:

— Mel! Me dá mel!

O homem logo pensou que aquele só podia ser o Guajara e que o mel que ele pedia só podia ser fumo do que ele gosta muito. A sorte é que, naquele momento, ele andava com fumo e disse-lhe:

— Tá aqui! Vem buscar! E deixou o fumo lá e rapidamente foi embora.

Mas, antes de sair do mangue, ainda sentiu um medo que suas pernas pesaram e até os mourões ele deixou para trás.

Outra vez, um rapaz foi para o mangue quando deu de cara com ele. Dessa vez, estava com chapéu de couro e tinha sarnas pelo rosto. Quando o rapaz percebeu que era o Guajara, foi logo voltando e fazendo carreira. E ele, sem perder tempo, correu atrás do rapaz até dentro do mar, onde dizem que ele não entra. Somente lá foi que o rapaz conseguiu escapar dele e foi embora.

Nesse mesmo mangue, Antônio, irmão de D. Maria Bela, uma vez, foi procurar uns jumentos seus que estavam por lá. Numa altura do caminho, encontrou um conhecido seu que lhe disse que tinha visto seus animais ali perto. Antônio seguiu para a direção indicada. Quando ele olhou para baixo, lá se vinha alguém com um chiqueirador na mão correndo atrás de seus jumentos. Ele parou e observou um pouco pra ver se conhecia aquela pessoa, mas logo pressentiu que se tratava do Guajara. Sem mais esperar, voltou na carreira pra casa, deixando para pegar seus animais num outro dia.

9.16 O homem que se assombrou com um lobisomem e fez seu amigo também se assombrar, recolhida por Getúlio

Getúlio.
Foto: acervo da autora.

Certa vez, havia dois amigos, Geraldo Trajano e Zé Marçal. Os dois moravam na Varjota. Certo dia, Geraldo Trajano precisou comprar umas rapaduras para levar para o serviço. Então resolveu convidar seu amigo Zé Marçal para ir com ele até a casa de Hortêncio Romão, que morava no Curral do Peixe, pois lá se vendiam rapaduras.

Saíram os dois amigos de tardezinha. Atravessaram o lagamar e, à boca da noite, chegaram à casa do Hortêncio. Bateram na porta, e a mãe de Hortêncio atendeu-os. Perguntaram para a velhinha se tinha rapadura, e ela disse que não tinha. Eles só encontrariam a mercadoria desejada na casa do Lourival, que morava no Panã, lá tinha uma bodega.

Os dois pensaram em voltar, mas resolveram seguir em frente e comprar as rapaduras. Pegaram a estrada rumo ao Panã e logo chegaram à bodega do Lourival. Ao chegarem à casa, fize-

ram a compra, conversaram um pouco e pegaram o caminho de volta para a Varjota.

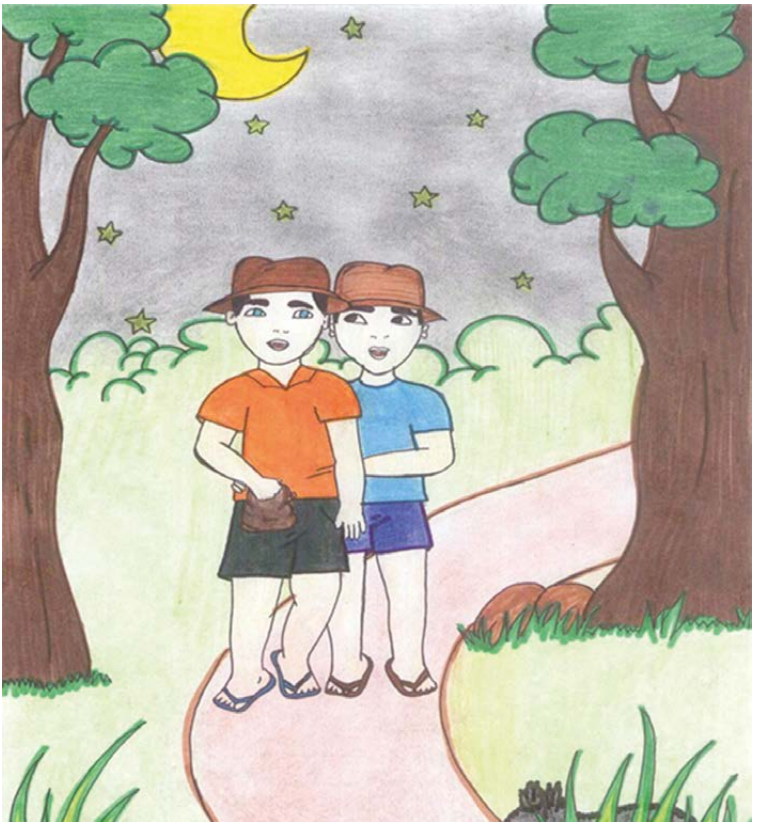


Imagem: acervo da autora.

Assim que pegaram a estrada de volta, Zé Marçal que ia à frente, de repente, especou e foi logo dizendo:

— Geraldo, vamos voltar que aqui tem um bicho! E foi logo se agarrando com seu companheiro Geraldo.

Geraldo Trajano, como era mais corajoso, perguntou:

— Cadê esse bicho, Zé Marçal? E, quando olhou para frente, viu o bicho, preto e com orelhas compridas parecidas com as de um jumento, abaixado na beira do caminho.

Geraldo disse para Zé Marçal:

— Nós vamos passar! E jogou areia no bicho que não se mexeu.

Geraldo Trajano quis quebrar um pau para bater no bicho, mas Zé Marçal não deixou e cada vez mais se agarrava na cintura de seu amigo e dizia:

— Vamos voltar, Geraldo, pelo amor de Deus!

Geraldo seguiu em frente com o Zé agarrado a sua cintura, e, quando passaram pelo bicho, o mesmo balançou as orelhas, que fez um enorme barulho, saiu num galope e foi embora.

Durante o caminho para a Varjota, Zé não soltou a cintura de Geraldo que, em certo momento, arrepiou-se todo e acabou se assombrando também.

9.17 O Lobisomem, contado por Luís Tó

Luís Tó.
Foto: acervo da autora.

a) O rapaz que queria ver o Lobisomem

Quando era um jovem rapaz, Luís Tó, às vezes, dizia que gostaria de ver um lobisomem. Em uma noite escura, voltava da casa de uma namorada. O caminho era esquisito. Ao passar perto da lagoa do metal, num certo areal, quando foi passando por perto de uma moita, próxima de um capim açu, avistou um bicho atrás da moita. O bicho parecia um jumento, era preto, cabeludo como um cachorrão e corcunda. Assim que viu o bicho estranho, já foi dizendo:

– É hoje que nós se travamos na faca!

Imagem: acervo da autora.

Dizendo isso, rapidamente, tirou a blusa, botou no ombro, puxou a faca do quarto e partiu para cima do bicho. O tal lobisomem, numa velocidade imediata, do lugar que tava só deu um enorme pulo e sumiu misteriosamente.

Luís Tó, sem entender muito de lobisomem, ou o que tinha acontecido, saiu procurando o monstro, mas não o encontrou. Procurou, procurou e não o viu mais em nenhum lugar por ali. Vendo que não o achava mesmo, seguiu seu caminho e foi embora sem sentir medo nenhum.

No outro dia bem cedo, voltou no local do encontro e, chegando lá, fora o seu próprio rasto, não tinha marca, vestígio ou rasto de outra coisa. Daí então, ele não teve mais dúvida de que tinha mesmo se encontrado com um lobisomem. Por que dizem os mais velhos que esse bicho nunca deixa rasto porque é Encantado, ou coisa do outro mundo.

b) A corrida do Lobisomem

Antônio Tapera era um homem que diziam virar Lobisomem. Uma vez, um rapaz vinha da casa da namorada, numa noite muito clara. Vinha tranquilo, numa estrada longa que atravessava um matagal por onde hoje passa a empresa Ducoco.

Quando foi chegando próximo de um juazeiro, ouviu para trás uns tropeços. Imediatamente ele encostou-se na árvore, mas o bicho já chegava e saltava para o pegar. Ele, com a faca na mão, salta pra aqui, salta pra acolá, tentando se defender, e o bicho pega, não pega, não lhe dava a menor trégua. Até que, por umas alturas da luta, o rapaz acertou-lhe a faca. Assim que a arma riscou-lhe, ele sumiu. O rapaz ainda o procurou, procurou, mas nada de Lobisomem.Então o homem, um pouco atordoado, com aquela surpresa inesperada e desagradável, foi embora.

Depois de alguns dias, o rapaz soube que Antônio Tapera andava mancando e comentando que, na noite em que sua faca o acertou, logo que ele levantou-se da moita onde havia caído. Correu muito para ainda alcançá-lo, mas aquele rapaz era muito ligeiro e correu mais. Mas, mesmo assim, no instante em que o homem entrou em casa que fechou a porta ele, virado Lobisomem riscou no terreiro, mas não mais o alcançou.

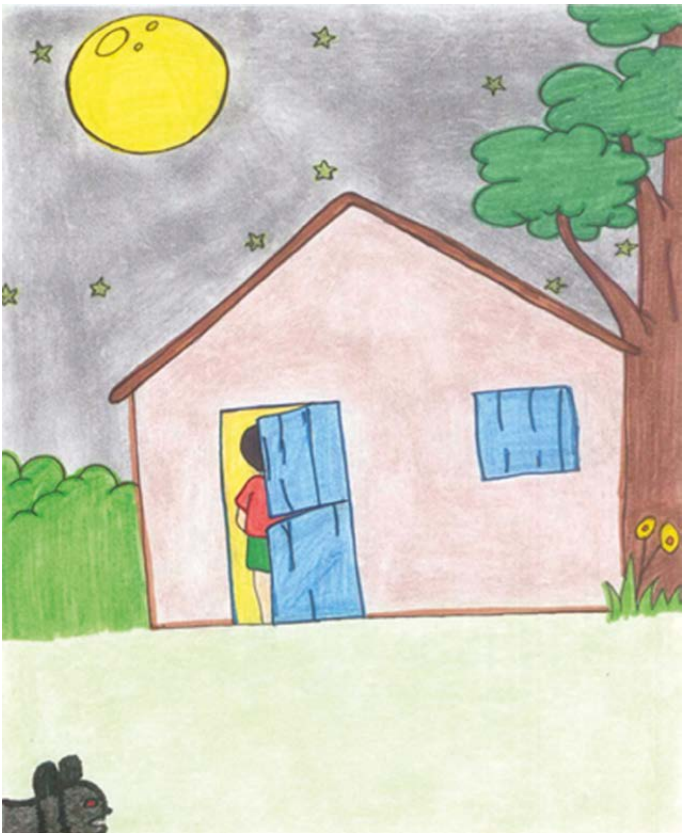


Imagem: acervo da autora.

9.18 O Lobisomem, contado por Seu Sabino, liderança de Varjota

Mané Quitera foi pagar uma promessa no Canindé, de pé, eu fui inté mais ele, fumo pagar uma promessa no Canindé. Eu, o papai, a tia Rosa... foi um bocado de gente, fumo tudim de pé e cumo nesse ente, ele também ia. E aí dizendo ele... me chamarra de Paricêro. Óia Paricêro, ele tá indo pagar essa promessa, tu quer saber por quê?

Ele tinha um avô que insinou ele rirar lubisome, rirar bicho. Ele num acreditarra, mas...e aí cumo é que é? – Você

vá lá no espojeiro dum jumento, onde o animal tiver se rolado. Lá você tire a roupa, fique só de cueca e se deite lá em riba do espojeiro e se role como um animal e desconjure do seu pai, rolou pro outro lado, desconjure da sua mãe... de cada pessoa da famia você desconjure. E talvez num chegue nem a desconjurar de tudo. E condo for na hora de desvirar, ele volta novamente para o mermo ponto e faz de novo só que tudo pelo avesso...

Ele num acreditou, mas ele foi... chegou lá, tirou a roupa, deitou-se no chão, lá. Virou-se para um lado, virou para o outro, do mermo jeito. Condo virou do outro lado, ele só disse três palarra: pai, mãe e padrim de vela...condo ele só sintiu foi um nêgo saltar no espinhaço dele. Escanchou-se em riba...aí ele incuieu-se. – Meu Paricêro, se eu lhe contar... aí num teve mais inrasco, aí num teve mais inrolada. Aí ele desceu de pau abaixo, no rumo do Itarema. Ele correndo aí no incenso dele, ele num tava concentrado. Condo ele chegou numas altura, pra ele, ele ia voando, passava...ele no incenso dele, lembrou-se de se valer de S. Francisco, que tirasse aquela involtura de riba das costa dele. Se ele retornasse pra ser gente como ele era, ele ia dar uma esmola a S. Francisco, visitar ele e ia mais de pé. Condo ele disse isso, o negoço pá... e ele riscou. Pararo já numa tal de Areia Vermelha... que eu num sei onde é que fica a distança. E aí ele tava indo pagar a promessa por conta disso.

9.19 As histórias da Bruxa contadas por Luís Tó

a) A moça que virava bruxa

Existia uma moça que vivia muito amarela e não tinha remédio que a curasse. Mesmo assim, ela costumava sair todas as noites de quinta para sexta feira. Os pais delas desconfiavam, mas nunca sabiam para onde ela ia porque sempre saía sem que ninguém percebesse. Mas, um dia, a mãe dela foi olhar na sua rede, e ela não estava mais lá. Como já era tarde

da noite, a mulher pediu que um rapaz fosse atrás da moça para vigiá-la.

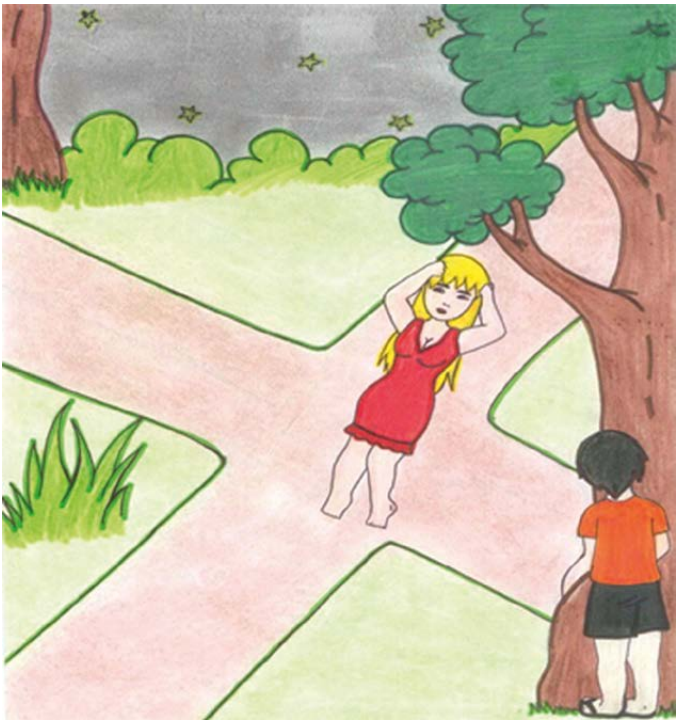


Imagem: acervo da autora.

Quando o rapaz saiu, viu a moça, numa encruzilhada, desconjurando-se dos pais e, em seguida, virou-se num bicho muito feio. O rapaz viu quando ela deixou sua cabeça no chão e saiu correndo e guinchando. O rapaz foi devagar, pegou a cabeça da moça, subiu numa árvore e ficou esperando até que ela voltasse. De repente, ela chegou e foi direto procurar sua cabeça. Procurava, procurava, mas não encontrava. O dia já estava perto de amanhecer, e ela ficava cada vez mais desesperada. Até que o rapaz, vendo toda aquela agonia, jogou a cabeça, que acabou caindo bem em cima dela, mas ficou virada com a frente para trás e, desse jeito, ela foi embora.

No outro dia, quando sua mãe foi olhar na rede, viu que a moça ainda estava deitada, porém, com a cabeça virada para trás, a qual nunca mais se ajeitou. Assim a moça deixou de virar Bruxa, mas a sua cabeça ficou sempre ao contrário do que era antes.

b) O marido da Bruxa

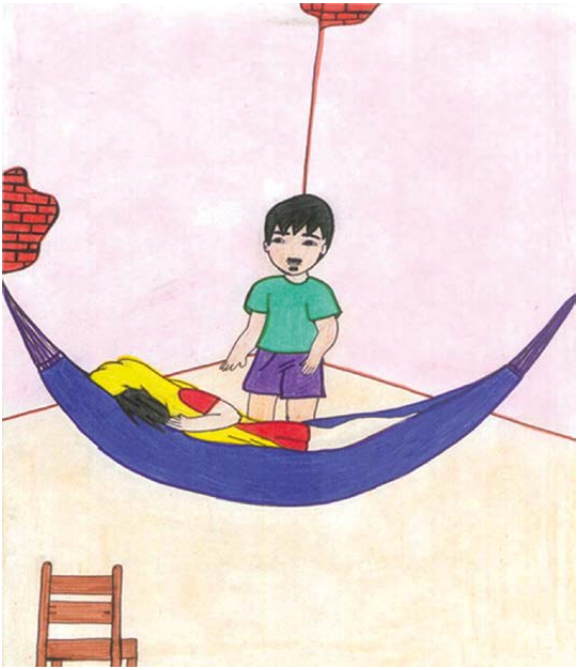


Imagem: acervo da autora.

Dois casais de amigos casaram-se e foram morar em casas próximas. Um deles era um pouco dorminhoco, e, por ali, começou a correr um bicho. O povo começou a comentar, dizendo que era a sua mulher que estava virando bruxa, pois, todas as noites de quartas e sextas-feiras, o bicho corria, e o barulho sempre saía daquelas proximidades.

O homem, sabendo dos boatos, decidiu pastorá-la sem que ela desconfiasse de nada. Fez que tava dormindo, e, altas horas da noite, perceberam quando sua mulher se levantou e saiu apressada. Saiu seguindo-a e, lá numa encruzilhada, viu quando tirou a cabeça, se transformou em um monstro esquisito, balançou o rabo e saiu correndo e guinchando como uma burra. Não demorou muito, e ouviu a cachorrada latindo. Ele foi, pegou a cabeça dela e levou para casa. Cansado de esperar, cochilou e, de repente, acordou ouvindo os guinchos dela procurando a cabeça. Ele, mais do que depressa, correu e jogou-lhe a cabeça sem que ela o visse, mas essa caiu ao contrário em cima do seu pescoço, ou seja, os cabelos ficaram para frente, e o rosto para trás.

No outro dia, ela, desconfiada, não se levantou dizendo para o marido que estava doente. Ele, sabendo do que se tratava, chamou uma vizinha de confiança para visitá-la e fazer as coisas de casa. Ao ver aquilo, a vizinha foi conversar com ele para saber o que havia acontecido, e ele, muito tristonho, contou-lhe tudo, dizendo também que estava pensando em deixá-la porque não queria viver com uma mulher que virava Bruxa. A vizinha lhe aconselhou e disse que tinha como ela ficar boa, era só ele esperar que de novo se transformasse e colocasse sua cabeça direito. O homem seguiu o conselho, e, no outro dia, sua mulher já amanheceu com a cabeça ajeitada.

Ele então lhe chamou a atenção, dizendo que só continuaria casado com ela se a mesma deixasse de virar bicho. Como amava muito o seu marido, pediu-lhe perdão e prometeu que nunca mais fazia aquilo. Assim permaneceram casados e por aquela região acabou-se correria de bruxa.

c) Um namorado corajoso

Um rapaz tinha uma namorada que morava distante dele. Com pouco tempo de namoro, soube de uns comentários de que ela estava virando bruxa, portanto ele tomasse muito cuidado com ela. O rapaz disse que não tinha medo e resolveu

vigiá-la. Um amigo dela disse ao namorado onde era o local em que ela se transformava.

Umas horas da noite, ele seguiu pra lá, subiu num cajueiro e ficou aguardando. Com pouco tempo de espera, ela chegou, tirou a cabeça fora e logo estava transformada em um monstro horrível, uma bruxa, a qual saiu guinchando, disparada na carreira. Ele desceu, pegou a cabeça e reconheceu-a, era mesmo a sua namorada. Subiu de volta no cajueiro e ficou esperando-a, segurando a cabeça sem corpo. Depois de algum tempo, o bicho chegou de volta e foi logo procurando o que havia deixado ali. Rodando e guinchando, apressada, procurava a sua cabeça, porque o galo já estava para cantar. O rapaz, bem caladinho de cima do cajueiro, observava toda a cena de desespero daquela coisa horrenda.

Imagem: acervo da autora.

O galo cantou a primeira vez, e ela ficava cada vez mais aperreada, vendo a hora não dar tempo de se desvirar mais e ficar para sempre bruxa. Só depois da segunda cantada do galo, ele jogou-lhe a cabeça e logo voltou a ser a moça bonita que era antes e foi embora sem desconfiar de que alguém houvesse escondido sua cabeça, muito menos de que o seu namorado estava ali vendo tudo.

Após o ocorrido, o rapaz também foi embora, mas, decepcionado, também não a procurou mais. Ela, sem entender o que estava acontecendo, reclamava da sua ausência. Até que, um dia, o pai dela encontrou com o rapaz e interrogou-lhe o motivo de ter-se afastado de lá sem dar nenhuma explicação. O moço, sem querer causar muito constrangimento, contou tudo para ele.

Quando o velho chegou a casa, falou para ela o que havia sabido e, em seguida, deu-lhe uma surra como lição. E essa moça envergonhada, nunca mais quis saber de virar bruxa e quase não consegue arranjar um novo namorado.

9.20 O Rei Sebastião, contado por D. Almerinda, liderança de Mangue Alto

D. Almerinda.
Foto: acervo da autora.

Certa vez, na Volta do Rio, um pescador de tarrafa, conhecido por Zé do Vige, foi pescar na costa do mar à noite. Antes de chegar à praia, de repente, ouviu um tinido, que ele olhou para a beira do mar, lá se vinha uma tocha de fogo na sua direção. Quando ele olhou melhor, percebeu que era um homem montado num bonito cavalo branco, ambos cobertos, arreados de ouro.

O pobre pescador, com medo por nunca ter visto coisa igual, mais do que depressa foi para uma jangada, cavou um buraco debaixo e se escondeu. Não demorou muito e viu que o misterioso cavaleiro estava-se aproximando e rodeando a pequena embarcação. Ficou assim por um bom tempo até que subiu praia acima indo embora. Quando Zé do Vige teve certeza de que ele já ia longe, saiu de dentro do buraco e seguiu depressa na direção contrária à do cavaleiro. Lá numa altura, ainda com medo, olhou para trás para ter certeza de que o homem do cavalo havia ido embora. Mas que nada, o homem já vinha de novo na sua direção e, com a mão acenava para ele, chamando, mandando que ele esperasse.

O pescador, não tendo mais tempo e onde se esconder, desmaiou de tanto medo que sentiu. Só foi encontrado no outro dia, caído na beira do mar, por outros pescadores conhecidos que passavam por ali. Ainda atordoado, contou para seus amigos o que havia acontecido, e estes disseram que o homem de ouro só poderia ser o Rei Sebastião, o tão temido protetor das praias, que, também em histórias parecidas, já havia antes aparecido para outros pescadores.

9.21 Um desencanto que não aconteceu

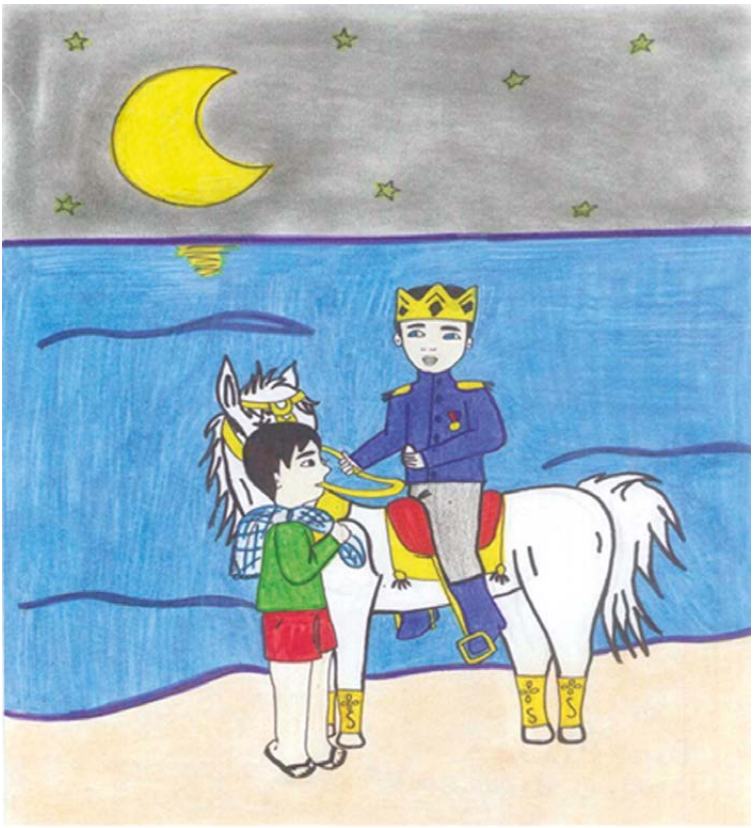


Imagem: acervo da autora.

Diz D. Maria Bela que um homem estava pescando numa noite na praia, quando, de repente, chegou um homem todo enfeitado de ouro, montado num cavalo e trajado de rei e disse-lhe:

— Boa noite!

O pescador, admirado, respondeu:

— Boa noite!

O homem novamente falou:

— Você veio pescar por quê?

O pescador logo lhe respondeu:

— Porque preciso alimentar a minha família.

O cavaleiro fez-lhe, então, a seguinte proposta:

— Se você quiser enricar pra nunca mais precisar pescar, é só levar esse ovo e quebrá-lo na porta principal da igreja da Sé de São Luís, que é para essa cidade se acabar e a capital ser na Praia dos Lençóis.

O pobre pescador ouviu tudo, mas disse-lhe que não tinha coragem. E, nesse mesmo instante, tudo clareou, e o homem desapareceu.

Noutra noite, o mesmo homem apareceu para outro pescador, fazendo-lhe a mesma proposta. E este aceitou e levou o tal ovo. Mas, antes de fazer o combinado, saiu pelas ruas dizendo que ia enricar, se embriagou e acabou sendo preso pela polícia. Assim nem conseguiu cumprir o combinado com o homem da praia, muito menos enricar.

SIGLAS

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

MIT – Magistério Indígena Tremembé

MITS – Magistério Indígena Tremembé Superior

UFC – Universidade Federal do Ceará

CREDE – Coordenação Regional de Desenvolvimento da Educação

EEFM – Escola de Ensino Fundamental e Médio

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SÍTIOS NA REDE

MONTEIRO, John. O índios na história do Brasil: informações, estudos, imagens. Em: <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/> e <http://www.indiosonline.org.br/novo>.

VIDEOGRAFIA

RODRIGUES, Guaracy e OLIVEIRA JÚNIOR, Edmar, 1993: Resistência tremembé.

SOUSA, Ivo e PASSERINI, Marcos, 2001: As caravelas passam. Fortaleza.

SOUSA, Ivo e RATTS, Alex, 1994: Torém. Fortaleza.

SOUSA, Ivo, 2000: Alma Fala. Fortaleza.

VARGAS, Tonio, 1998: Reso. Fortaleza.

BIBLIOGRAFIA

AIRES, Joubert Max Maranhão Piorsky. Imaginando a geografia e a cultura para os Tapebas. In: PINHEIRO, Joceny (Org.). *Ceará*: terra da luz, terra dos índios. Fortaleza: MPF, FUNAI, IPHAN, 2002.

BORGES, Jóina Freitas. *A história negada*: em busca de novos caminhos. Teresina: Fundapi, 2004.

_____. *Os senhores das dunas e os adventícios d'além mar: primeiros contatos, táticas, estratégias e negociações dos Tremembé na Costa Leste-Oeste (séculos XVI E XVII).* 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

_____. *Sob os areais:* arqueologia, história e memória. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

CABRAL, Ana Cristina. *Histórias Tremembé*: Memórias dos Próprios Índios. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FÉLIX, Maria Joelma; JACINTO, Maria Lucélia; GUILHERME, José Robério. *O lagamar na vida dos Tremembé.* 2012. Monografia (licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. 2003 Tese (Doutorado em Educação). Fortaleza/CE: Programa de Pós-Graduação em Educação/FACED/UFC, 2003.

GONDIM, Juliana Monteiro. *Não tem caminho que eu não ande*

e nem tem mal que eu não cure: narrativas e práticas rituais dos pajés Tremembé. 2010. Tese (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

JACINTO, Rita Félix; NASCIMENTO, Maria Gilsa do. História da educação diferenciada Tremembé. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LEITÃO, Marta Maria (Org.); SANTOS, Maria Andreína dos. *Histórias que os Tremembé contam*. Fortaleza: Secretaria da Educação; Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola; Célula de Aperfeiçoamento Pedagógico, 2007.

LIMA, Antonio Carlos de Sousa; BARRETO FILHO, Henyo Trindade (Org.). *Antropologia e identificação*: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

LINHARES, Ângela Bessa. *O pensamento criador ou narratividade enquanto ato criador*: processos criativos na crítica da cultura. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

LISBOA, Elardo Alves; FÉLIX, Manoel Apolinário. *O lugar do mangue na cultura Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MALAQUIAS, Sonha. *Síntese de princípios da escola nova*. Fortaleza: Gráfica da Universidade Federal do Ceará, 1970.

MARCIANO, João Evandro; SANTOS, Maria Aurineide dos; SANTOS, Raimundo Eudes dos. *O canto da educação Tremembé*. 2012. Monografia (licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MARÉS, Carlos Frederico. O direito envergonhado [...] In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

MARKUS, Cledes. *Identidade étnica e povos indígenas* Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, 2006.

MATIAS, Márcia Maria; JACINTO NETO, Raimundo Félix; SANTOS, Maria Ivonete dos. *Luta e resistência dos Tremembé da região da Mata pelo seu território*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MELATTI, Júlio César. De onde vieram os índios? In: MELATTI, Júlio César Melatti. *Índios no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1986. p. 5-18.

MESSEDER, Marcos L. *Etnicidade e diálogo político*: a emergência dos Tremembé. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

MIRANDA, Janete Souza et al. *Medicina tradicional do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MONSENAT, Ruth Maria Fanini. Línguas indígenas no Brasil contemporâneo. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. *Identidade e memória de habitantes de Fortaleza-CE originários da comunidade Tremembé de Almofala-CE*: ramas de raízes indígenas em trânsito na cidade. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. *Memória coletiva e identidade étnica dos Tremembé de Almofala*: os índios da terra da santa de ouro. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

NASCIMENTO, Manuel Xavier; MIRANDA JÚNIOR, Francisco Cabral. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

NOVO, José Silva. Almofala dos Tremembés. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1976.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: _____ (Org.). *A viagem da volta:* etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

_____. *A* viagem de volta: reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas no nordeste. In: MUSEU NACIONAL (BRASIL). *Atlas das terras indígenas do Nordeste*: Alagoas, Bahia (exceto sul), Ceara, Paraiba, Pernambuco, Sergipe. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1993.

_____. (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; Marco Zero, 1987.

_____. Uma etnografia das terras indígenas. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. *Indigenismo e territorialização*: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998. p.15-42.

OLIVEIRA, José Cordeiro. *Os índios no Siará*: massacre e resistência. Fortaleza: Hoje, 1989.

OLIVEIRA JÚNIOR., Gerson Augusto. Torém, brincadeira dos índios velhos. In: PINHEIRO, Joceny (Org.). *Ceará*: terra da luz, terra dos índios. Fortaleza: MPF; FUNAI; IPHAN, 2002, p. 113-131.

_____. *Torém*: brincadeira dos índios velhos. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *A crise do indigenismo*. Campinas: Unicamp, 1988.

_____. A sociologia do Brasil indígena. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

OT [pseudo], 1997d: Segundo relatório do programa de formação de professores tremembé de Almofala – II Semestre/97. Fortaleza (digitado).

PALADINO, Mariana. *Educação Escolar indígena no Brasil contemporâneo*: entre a "revitalização cultural" e a "desintegração do modo de ser tradicional". 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PAULA, Eunice Dias. *Escola Tapirapé*: processo de apropriação de educação escolar por uma sociedade Tupi. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Luciara, 1997.

POMPEU SOBRINHO, Thomás. Índios tremembés. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza: Instituto do Ceará, v. 65, n. 65, p. 257-267, 1951.

_____. Os tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckmam. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, v. 48, n. 48, 1934.

_____. *Pré-História Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1955.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Educação Indígena Colonial: ironias de um projeto. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, v. 20, n. 35, 81-88, 1998.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Brasil indígena*: 500 anos de resistência. São Paulo: FTD, 2000.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. *Fronteiras Invisíveis*: territórios negros e indígenas no Ceará. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, SP, 1996. Mimeografado.

RIBEIRO, Berta G. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.

_____. *O povo brasileiro*: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SANTOS, Claudevanda dos, Raimundo Henrique dos Santos. A pesca no mar de Almofala e no Rio Aracati Mirim: histórias dos pescadores Tremembé. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Getúlio dos et al. *Primeira letras na cultura Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Vicente dos; SANTOS, Luiz Henrique dos. *Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. O lugar em rede dos índios Jenipapo-Kanindé do Ceará. In: PINHEIRO, Joceny (Org.). *Ceará*: terra da luz, terra dos índios. Fortaleza: MPF; FUNAI; IPHAN, 2002.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais.* 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís. Donisete B. (Org.). *A temática indígena na escola*: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC; MARI; UNESCO, 1995.

SILVA, Aracy Lopes. Mitos e cosmologias indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org). *Índios no Brasil*. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998. p. 75-82.

SILVA, Evaldo Mendes da; SOUSA, Ivo; VIRGÍNIA, Karla (Org.). *A tradição por trás da criação*: cartilha do povo Tremembé. Fortaleza: SEDUC, 1998.

SILVA, Jacinta Santos; SANTOS, Maria das Graças Moura dos. *Dicumê Tremembé de antes e de hoje*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, Márcio Ferreira. A conquista da escola: educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil. *Em*

Aberto, Brasília, v.14, n. 63, jul./set. p.38-52, 1994.

SILVA, Rosa Helena Dias da. *A autonomia como valor e a articulação de possibilidades*: um estudo do movimento dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, a partir dos seus Encontros anuais. 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. *Balanço dos movimentos dos povos indígenas no Brasil e a questão educativa*. In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 21., 1999, Caxambu,MG. *Anais...* Caxambu: ANPED, set. 1999.

SIQUEIRA, Rita de Cássia; SANTOS, Sebastião Ovildo dos. *Aldeamento Tremembé de Almofala*: o espaço do Mangue Alto ontem e hoje. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUSA, Francisco Elisnaldo de; HOLANDA, Maria Aurilene de; SANTOS, Maria Piedade dos. *A fauna e a flora Tremembé da Região da Mata*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUSA LIMA, Antonio Carlos. Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição do discurso e da prática da Proteção Fraternal no Brasil. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil.* (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ; Marco Zero, 1987.

TAPEBA, Povo. *Memória viva do povo Tapeba:* terra demarcada, vida garantida. Caucaia/CE: SEDUC, 2000.

TAUKANE, Darlene Yaminalo. *Educação escolar entre os Kurâ-Baikairi*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 1996.

THIOLLENT Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VALLE, Carlos Guilherme Otaviano. *Terra, tradição e etnicidade*: os Tremembé do Ceará. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

VERÍSSIMO, Maria Elisa Zanella et al. *Diagnóstico ambiental e da qualidade de vida dos Tremembé de Almofala: Município de Itarema – CE*. Fortaleza: Departamentos de Geografia e Saúde Comunitária/UFC, 2000.

HISTÓRIA DOS
TREMEMBÉ
MEMÓRIAS DOS PRÓPRIOS ÍNDIOS

<

Jóina Freitas Borges
(orientadora)

Ana Cristina Cabral

HISTÓRIA DOS TREMEMBÉ

MEMÓRIAS DOS PRÓPRIOS ÍNDIOS

APRESENTAÇÃO

Conheci Ana Cristina Cabral em 2003, quando cheguei a Almofala, para viver e trabalhar com o povo Tremembé.

Ana Cristina é cursista do Magistério Indígena Tremembé Superior – MITS, e professora na Escola Diferenciada José Cabral de Sousa, na aldeia de Varjota, do aldeamento Tremembé de Almofala.

Desde quando me inseri na caminhada deste povo, sou testemunha do desenvolvimento e amadurecimento de Cristina, tanto pessoal quanto acadêmico, e sempre me tem impressionado seu comprometimento com a profissão que escolheu e com as lutas de seu povo.

Com este livro, Cristina mergulha na história do povo Tremembé e, consequentemente, em sua própria história, e nos traz a memória dos mais velhos, contada do jeito que foi vivida, por meio dos relatos dos entrevistados, fazendo deste trabalho um instrumento de crescimento para as novas gerações.

Esta leitura chega num momento oportuno, mostrando o poder que as lembranças do passado podem exercer nas manifestações da identidade desse grupo étnico, e na construção e afirmação de sua autonomia.

Sem dúvida, este livro irá contribuir para que as lutas do povo Tremembé de Almofala sejam bem sucedidas e alcancem a vitória tão esperada por todos, que é a recuperação e posse definitiva de seu território original.

Marly Schiavini de Castro

Missionária Indigenista da Igreja Metodista do Brasil

RESUMO

Todos os povos indígenas possuem requisitos que os fazem ser reconhecidos como tais. Possuem suas diferenças, mas todos lutam pelo mesmo objetivo, que é conseguir desempenhar um papel dentro da sociedade não indígena, e fazer com que seus direitos sejam reconhecidos e praticados, pois também são cidadãos como qualquer membro da sociedade.

O povo Tremembé também busca todos esses fatores citados acima, mas os componentes que constituem um Tremembé são diferentes, como costumes, crenças, cultura, tradições, modo de organização, modo de vida próprio, garra, determinação, fé e coragem de enfrentar tudo, porque o principal objetivo do Tremembé é a demarcação da terra, para quem hoje é criança, quando adulto, ter do que sobreviver e onde morar e, principalmente, saber de onde veio e o que é ser um verdadeiro Tremembé (SANTOS, 2012).

Uma das grandes forças vitais da comunidade Tremembé de Almofala é sua extraordinária capacidade de abrir horizontes, através de suas experiências, e narrá-las com sabedoria, realizando o trabalho da memória coletiva sobre sua própria história, numa dinâmica capaz de fazer conexão com seus projetos de futuro e potencializar suas posições ramificadas, com as quais constroem a trama do presente comum enquanto mantém o estado de tensão intracomunal, instigando as matrizes familiares e seus membros a continuarem tecendo seus destinos com fios de histórias de vida para compor uma rede coletiva (NASCIMENTO, 2009).

Ao longo da história, os Tremembé, através do trabalho da memória, realizado na segurança do convívio familiar, continuaram retomando suas relações sociais e noções compartilhadas a partir de sua presença na comunidade, apoiando-se em seus grupos de referências com os quais compartilham um modo de ser e pensar e que reafirmavam suas experiências compartilhadas.

Esta é uma das bases nas quais se apoiam para dialogarem com a modernidade e negociar os seus interesses no sistema capitalista, no presente (NASCIMENTO, 2009).

Este livro fala das lutas passadas e da luta atual do povo Tremembé.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 874

Capítulo I - ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS TREMEMBÉ 875

Capítulo II - O INÍCIO DA LUTA 882

Capítulo III - O TORÉM 887

Capítulo IV - A ORIGEM E O SOTERRAMENTO DA IGREJA DE ALMOFALA 895

Capítulo V - A LUTA DO POVO TREMEMBÉ NA ATUALIDADE: a educação diferenciada e a formação dos professores 904

CONSIDERAÇÕES FINAIS 912

BIBLIOGRAFIA 914

GLOSSÁRIO 916

ANEXOS (entrevistas) 917

ANEXO 1 - Entrevista com Tia Maria Júlia 918

ANEXO 2 - Entrevista com Dona Conceição (conhecida como Teté, moradora da Varjota) 920

ANEXO 3 - Entrevista com Luiz Manoel do Nascimento (pajé Luiz Caboclo) 922

ANEXO 4 - Entrevista com Sr. Tarcisio Pedro (73 anos, morador de Almofala) 929

ANEXO 5 - Entrevista com Francisco Marques do Nascimento (cacique João Venâncio) 931

ANEXO 6 - Entrevista com o Sr. Estevão Henrique (morador e liderança de Tapera) 934

ANEXO 7 - Entrevista com José Domingos (conhecido como Zé Domingos, liderança da Passagem Rasa) 937

ANEXO 8 - Entrevista com Maria Eva Lisboa (conhecida como Babi, liderança no Panã) 940

ANEXO 9 - Entrevista com Maria da Conceição Moura (professora na Varjota) 941

TÍTULOS DA COLEÇÃO "MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO" 943

INTRODUÇÃO

Os Tremembé têm como instrumento muito forte de luta os relatos orais de suas lideranças, devido ao fato de que a escrita não era algo muito ligado à vida dessas pessoas. Como saber ler e escrever era muito difícil no início desta luta, pois a escolarização ainda não fazia parte do cotidiano desse povo, o mesmo se apegou aos relatos orais para afirmar sua história.

Na educação escolar formal oferecida aos índios por escolas urbanas, as condições financeiras eram poucas, e a discriminação era um ponto que machucava bastante os Tremembé, dificultando ainda mais a aprendizagem. Portanto, foi por meio dos relatos orais que os antigos Tremembé conseguiram manter seus costumes tradicionais e se autoafirmaram como grupo étnico.

Atualmente, os Tremembé vivem dispersos em diversas localidades dos municípios de Itarema, Acaraú, Itapipoca e Fortaleza,[1] no Ceará, registrando-se também sua presença em Tutoia, no Maranhão.

Devido ao fato acima relatado, acontece a luta pela garantia de espaço físico e pela resistência. Nestes municípios há diferentes aldeias, onde cada tremembé, com seu objetivo em comum, a luta pela demarcação de sua terra, tenta guardar como algo precioso o registro da memória de seu povo, estando presente na oralidade das antigas lideranças Tremembé. Por meio dessa oralidade, mantém-se viva e forte a luta, mesmo com as mudanças sofridas e com o fato de terem-se misturado com pessoas não indígenas.

[1] Há uma tese de doutorado sobre migração de parentes Tremembé que vivem em Fortaleza. Esse trabalho mostra o deslocamento forçado dos indígenas devido às invasões do território (NASCIMENTO, 2009).

Capítulo I

ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS TREMEMBÉ

O povo Tremembé do aldeamento de Almofala, situado no município de Itarema a 198 km de Fortaleza, ocupava, nos tempos coloniais, desde a foz do rio Gurupi, no Maranhão, até a Serra de Ibiapaba, no Ceará, até a foz do rio Aracatimirim.

> Os Tremembé viviam principalmente da pesca, e comercializavam com os estrangeiros que aportavam na costa norte brasileira, principalmente madeiras e âmbar-gris.[2] Durante os séculos XVI e XVII, apesar da constante presença de estrangeiros em suas praias, e das tentativas de colonização por parte dos portugueses, os indígenas da costa norte conseguiram manter-se autônomos em seus territórios até o início do século XVIII, quando foram aldeados em Almofala, no Ceará, e Tutoia, no Maranhão (BORGES, 2010).

Era um povo destemido, conhecido por sua coragem em matar tubarões e também por serem exímios pescadores e valentes guerreiros, e sempre ofereceu resistência aos ataques dos colonizadores.

O pajé Luiz Caboclo (2012), referindo-se ao modo de vida Tremembé, fala da presença dos mesmos no Ceará e no Maranhão e da mobilidade como tradição:

[2] Âmbar-gris — Substância coletada na praia, formada pelo excremento de baleias e utilizada como fixador de perfumes.

O povo Tremembé [...] eles migravo, io colher fruta. O rio Aracatimirim foi a garantia desses que continuaro aqui o tempo todo. Eles vivio aqui condo tava dando fruta. Era uma época de peixe no rio das Moitas. Ele subio pra lá, e aí eles ia subindo nessa costa. Era fruta, todo tipo de fruta. Eles subio caçando, pescando, subio colhendo. E descio pra baixo nessa mesma atividade. Nessa época, eles ficavo numa região, passavo os tempo colhendo. Quando passava a época da fruta, eles migravo pra outra região, a pé. Quando passava a safra do peixe, eles migravo para outra região e assim io. Quando vem a colonização, eles tavo tudo espaiado. Quando eles chegaro, a colonização chegou, pronto, prendeu todo mundo. Ninguém vai mais pra nenhum canto, tumaro de conta das terra, uma parte ficou no Maranhão, outra parte ficô... aonde tava um grupo, lá ficavo. Agora o que te digo, originário que nunca saiu foi esse que permanecero, que tava em Almofala, mas tudim, todos Tremembé.

Condo a gente fala no Maranhão, em Tutoia... o povo de Tutoia tudim de Almofala, aqui tudim de Almofala... Onde tem Tremembé, conhece a orige de Almofala. Agora migravo, e, nessa época, chegou aquela lei chamada sesmaria, a lei de terra aqui. Aí cada um ficou no seu canto, e aí foi onde veio a perseguição. Quem se dizia índio usando essa tradição, a catequização bateu em cima e aí foro catequizando, tirando a língua materna, insinando, educando de todo jeito. Aí eles ficavo só aqui, cadacal com a sua orige. Tudo tem orige, só que num pudio dizer que era índio, porque, se se dissesse índio, morria. Aí todo mundo ficou parado. A partir da Constituição Federal de 1988, que é essa que tá sendo tramada hoje, eles luto pa retirar os artigos que eles se arrependeram muito de fazer, que começou dar o direito do povo indígena. Aí eles começaro aparecer. Aí contaro a história que era índio, dissero donde era. O povo Tremembé foi demarcando uma área pra eles ficare.

O nome "Tremembé" nasceu da orige de Almofala por conta da luta, a grande luta, que eles chamaro nativo. O povo nativo deste litoral cearense, do rio Gurupi, no Maranhão ao Rio Grande do Norte, a história nasce daí. Aí a história... O nome "Tremembé" mesmo foi o povo de Almofala, que de primeiro o povo de Almofala, por conta da... eles foi... eles ficaro traumatizado. Eles ficaro muito violento por conta da colonização, porque

> morreu muita gente. Eles também fizero o que devio... a luta foi muito perigosa, por conta dos tremedáu, que era muito tremedáu, e aí quem num sabia, os que vinho de fora, eles num tinha proteção sobre o tremedáu, e os Tremembé eles ero nativo, eles conhecio... Chegavo nos tremedáu, eles sabio dominar. Eles tinho a sobrevivência nos tremedáu, por conta disso, dessa luta... grande luta. Aí foi que veio o nome "Tremembé" pucarro dos tremedáu, mas o nome... o nosso nome... o povo Tremembé...o nosso mermo era o povo nativo daqui da região leitoral cearense. Eles mandarro 70 légua da praia pra serra que é a Ibiapaba. Os Tremembé brigavo cum os Potiguara, cum os Tupi-Guarani na serra de Ibiapaba. Isso é muito difícil. Eles brigavo, mas apanharro purque os Tremembé chegarro lá muito fraco. Lá era um grupim piquininim que chegavo lá. Os Tremembé vivio mermo era aqui no leitoral. Aí eles migravo pá den... pu sertão mas só io até lá porque condo chegavo lá os ôto também chegavo e aí eles brigavo. Toda essa questão era os Tremembé querendo puxá as índias Potiguara, Guarani pra trazer pra cá e, nessa época, truxero, tem muita gente... por isso que misturô.

Conforme se pode observar, segundo o pajé Luiz Caboclo, o nome "Tremembé" vem dos "tremedáu", espécie de córrego de lama movediça, coberto por escassa água. O pajé afirma que a resistência dos Tremembé foram os "tremedáu", e conta que, quando eles eram perseguidos, entravam nesses tremedáu e, como sabiam afundar na lama, conseguiam sair em outra localidade. Os soldados ou capangas que os perseguiam, porém, não possuindo a mesma destreza, afundavam e morriam.

> Devido à ação dos colonizadores, os Tremembé de Almofala tiveram seu território restringido a quatro léguas em quadro. As terras onde se localiza o povoado de Almofala, entre os rios Aracatimirim e Aracatiaçú, foram doadas através de Carta Régia do Governo Português, datada de 08/01/1697, que tinha como objetivo a fixação e a redução do território dos Tremembé (TELLES DE SOUZA,1983).

> O Livro de Registro de Terras da Freguesia da Barra do Acaracu, que abrange o período que vai de 1855 a 1857, inclui 22 registros de títulos de terras para índios de Almofala, além do registro de uma légua de terra quadrada para residência e subsistência dos índios da povoação (18 de março de 1857), apresentada pelo curador dos índios e rubricada pelo vigário de Acaraú. Essa documentação fundiária tem valor inestimável para os Tremembé, porque foi feita de acordo com a exigência da Lei de Terras (1850). São, portanto, inquestionáveis registros de terras, datados do século XIX, ainda que seu território tenha sido mais uma vez reduzido (GOMES; VIEIRA; MUNIZ, 2007, p. 46 e 47).

Desde o período do aldeamento, na primeira década do século XVIII, o povo Tremembé sempre habitou esse litoral. Com a chegada dos invasores, alguns tiveram que se mudar, inclusive alguns filhos dessas famílias Tremembé migraram para outras regiões, chegando a ficar por um longo tempo disperso em outro hábitat muito diferente do seu. Daí o fato de existir Tremembé em vários lugares, inclusive no Maranhão e Piauí.

A história da invasão do território Tremembé está ligada ao soterramento da igreja de Almofala, pois, segundo relata o cacique João Venâncio (2012), houve a contribuição dos índios na construção da igreja, "marco" da terra, e a briga por causa das imagens, que se seguem nessas invasões e ressoa na restrição do território.

> Os índios ajudavam, né? Foi tanto que a cal dela na época foi toda pisada, casca de ostra e casca de búzio, tudo pisado no pilão a braço de homem. Os pilãozão ainda alcancei, ainda uns pilãozão medonho, feitos de canoé. Por trás da igreja, aí tinha uma pedra, por trás dela, uma pedrona que era uma medonha. Depois que fizero a reforma, ainda tinha, só que era pequenininha, mas aí desapareceu, quebraro, carregaro. Aí o pessoal que morava ao redor era as famílias indígenas. E aí, quando a duna foi chegando, foi imprensando o pessoal, o pessoal foi se mudando, se mudando, io se afastando, e o morro acompanhando. E aí, quando descubriram, que o pessoal quisero voltar, aí já tava cheio de gente. O povo chegando de fora, naqueles tempos faltos, com as seca

> que deu por aí. O pessoal arribaro, chegavo e se aboletavo. E aí foro ficando, aí começou a confusão da terra, a briga sobre a terra, a terra tomada. O pessoal já tinha tomado tudo, e aí ficou a peleja, né? Apareceu um padre por aí, chamado Padre Antonio Tomaz, junto com a rainha majestade que deu a terra de orige para o povo Tremembé. Aí é uma légua da igreja pro Luiz de Barros, foi tirado num cavalo braiador. Uma légua do Moreira, uma légua da igreja pra praia, e uma légua da igreja pro São Gabriel, que era que se chamava a terra do aldeamento, era uma légua em quadro. Aí hoje não se chama mais légua. Interiormente, eles chamavo de gleba, de gleba passou pra légua, de légua passou pra quilômetro hoje. Teve uma confusão muito grande que foi a questão das image, o pessoal vieram pra tomar as image. Houve uma confusão muito grande, apanhou gente, saiu gente com a cabeça quebrada. Naquele tempo, não existia nada de faca, nem de revólver, era cacete.

Antigamente, Almofala era terra liberta e muito rica, habitada pelos ancestrais Tremembé, povo guerreiro.

Perguntado sobre as famílias originárias de Almofala, o pajé Luiz Caboclo (2012) diz o seguinte, falando sobre a presença de gente de fora, não Tremembé:

> Tem várias famílias que vive morando em Almofala, que num são originária. A família daqueles que mora do Agostinho Pereira por cima, aquele que é o dito que tá querendo, que tá fazendo uma grande força, ele é um... O Pitanga, o Pitanga num é de Almofala, o Tarcísio... Aguiar, sim; aquele Tarcísio, que é farmacêutico, num é de Almofala. Agora, tem muita gente, muitas pessoas que eu num conheço em Almofala, que vinhero de fora.
>
> Mas as pessoas que foro chegando né, foro construindo, as famílias foro chegando... se apropriando de Almofala. Então a família dos Monteiro num são de Almofala, num são daqui da região, eles são de ôta região, e aí chegaro aí, e continuaro aí.

Assim se refere a liderança Estevão Henrique (2012) à população originária de Almofala e aos invasores, falando também dos coqueiros, símbolo da invasão em termos de silenciamento e a opressão pela colonização:

> As famílias eram o finado Chico Sousa, Conceição Caboré, a velha Angelca, um véi chamado Gonçalino, um véi chamado Barroso, a veia Puluchera, o Pedroca, todos moradores antigos de Almofala. Aí foi chegando mais gente de fora. Teve uns que chegavo, passava um tempo e ia-se embora. Outros ficavo e pronto. O pessoal que foro chegando, viu aquela terra solta, fazia uma casa e logo fazio uma plantação de coqueiro, que era o que dava mais produção. Aí, minha filha, foro se apossando, e hoje o pessoal que mora na Almofala são quase tudo de fora. Esse povo de antigamente, tudo ero índio, só não fazio era brincar o Torém, porque foi um tempo que os portugueses chegaro e querio dominar tudo. E aí proibiu a dança do Torém, eles querio era dominar tudo mesmo.
> E eles sobreviviam da roça e da pesca, arrancar búzio para comer assado, assavo mesmo no borralho, era a sobrevivência deles.

A chegada dos posseiros no aldeamento dos Tremembé atingiu completamente a vida deles, pois alguns tiveram, de certa forma, que esconder suas tradições por algum tempo, devido à discriminação dos que chegavam para invadir as terras tradicionais Tremembé, até mesmo iludindo-os.

Nessas mudanças, perderam parte de seu território, pois o mesmo era moradia somente dos Tremembé, nativos deste local. Há de se pensar que essa invasão teve início com os europeus que chegavam se apossando dessa terra que originalmente pertencia aos Tremembé.

Hoje, o povo Tremembé tem como objeto de luta sua sobrevivência física e cultural e principalmente, a demarcação de sua terra.

Os Tremembé habitam, atualmente, os municípios de Itarema, Itapipoca e Acaraú, sendo Almofala o seu distrito mais conhecido.

Os Tremembé de Almofala habitam duas regiões: Mata e Praia, contando com uma população estimada em 3.500 pessoas, distribuída nas seguintes localidades: Barro Vermelho, Lameirão, Saquinho, Curral do Peixe, Panã, Praia, Camboa da Lama, Mangue Alto, Aningas do Mulato, Cabeça do Boi, Pas-

sagem Rasa, Urubu, Tapera, Varjota, Batedeira I, Batedeira II, Praia do Caboré e Camondongo.

Os Tremembé de Almofala se organizam politicamente pelo CITA – Conselho Indígena Tremembé de Almofala, e lutam na Justiça Federal pela posse da terra que pertencia ao antigo aldeamento. Em 1992, o Estado brasileiro delimitou uma área de 4.900 ha que está invadida em grande parte por posseiros e por empresas. A situação de suas comunidades é de enfrentamento, com ameaças, perseguições e invasões de suas terras pela especulação imobiliária, monocultura do plantio de coco, empreendimentos turísticos, carcinicultura e outros (GOMES; VIEIRA; MUNIZ, 2007, p. 45).

Capítulo II

O INÍCIO DA LUTA

A luta do povo Tremembé pela posse de sua legítima terra tem sido uma briga acirrada desde a década de 1970. Seu início foi marcado com grande revolta a partir da instalação da empresa Ducoco Agrícola S/A na área da Mata e a invasão de posseiros na área da Praia. Essa invasão provocou grandes mudanças na vida dos Tremembé, a começar pela destruição das matas, o soterramento de lagoas e a derrubada de várias casas. Isso fez com que os Tremembé mudassem completamente o seu jeito de viver.

Os antigos Tremembé sobreviviam exclusivamente da caça de animais, da coleta de frutas e da pesca no mar, no lagamar e nas lagoas. Com a destruição causada pela empresa e pelos posseiros, essas fontes de alimentos deixaram de existir. Com isso, os Tremembé sofreram muito, porque seu hábitat natural foi completamente destruído. As caças, as aves e as frutas que lhes serviam de alimentação mais saudável foram destruídas, e as terras invadidas para plantação de coqueiros e outros empreendimentos, destruindo, assim, as fontes de onde esse povo retirava a maior parte de sua sobrevivência. O sossego que se tinha antes, a partir dessa invasão, deixou de existir. Os espaços que serviam para brincadeiras da criançada passaram a servir de estrada para circulação de veículos que chegavam a toda hora no aldeamento, se apossando da terra.

Tudo isso que aconteceu aos indígenas modificou sua vivência desde a sua prática de alimentação, até suas manifestações e demonstrações socioculturais, por ser algo muito discriminado na visão das pessoas de fora. A cultura para o povo Tremembé é símbolo muito forte na luta pela demarcação de sua terra.

Com a invasão de sua terra e a discriminação por parte do homem branco, os indígenas deixaram, por um tempo, adormecida a prática de dançar o Torém, porque os invasores sempre criticavam e ainda criticam o modo como os índios se apresentam e também reivindicam seus direitos.

Essa negação e crítica dos direitos indígenas não acontece somente com os índios Tremembé de Almofala e sim com todos que se afirmam como índios na Região Nordeste.

Alguns índios do aldeamento de Almofala acabaram indo para outras regiões, numa migração que aconteceu como deslocamento forçado, devido à perseguição e dificuldades causadas pelos invasores, sendo que, nos lugares que passaram a habitar, não se identificavam como índios.

Diante dessa mudança de vários índios, a luta ficou um pouco "morna", e os que restaram no aldeamento eram chamados pela população não indígena de caboclos, fazendo com que eles se dispersassem ainda mais, ou se escondessem, como estratégia de sobrevivência.

As lideranças mais velhas, como se sentiram ameaçadas na luta pela defesa de seu espaço para uma moradia fixa e garantia de sua sobrevivência, passaram certo tempo parados com a questão da autoidentificação pública. No entanto, continuaram fazendo o mocororó, bebida sagrada, mesmo quando não podiam dançar o Torém.

> Desde meados do século XIX e ao longo do século XX, os Tremembé foram tratados como "caboclos", "remanescentes" ou "descendentes" de índios pela população circundante. A diferenciação étnica era relevada ou minimizada, de acordo com as situações sociais e as disputas locais. Mesmo assim, ao longo de todos esses anos, os Tremembé conservaram a produção do mocororó, be-

> bida feita a partir do caju e utilizada em festas e rituais; e também sua dança particular, o Torém, que lhes trouxe diferenciação e notoriedade social. Ao longo do seu processo de organização e mobilização étnica, o Torém tem sido o seu principal sinal diacrítico e referência de singularidade (GOMES; VIEIRA; MUNIZ, 2007, p. 45).

A liderança Diana (2012), da aldeia de Varjota, em entrevista concedida em 2012, relata, desta maneira, a luta pela terra:

> A luta pela terra, na Região da Mata, teve início quando o pessoal começou a cercar; começaram fazendo a desmatação. Aí queriam que a gente desocupasse esse pedaço de chão. Os mais velhos disseram que não desocupavam, e nos foi orientado que nós não disséssemos quem era o dono desta terra. Os mais velhos disseram que só desocupavam a terra se tivesse um documento comprovando quem era o dono desta terra, mas esse documento nunca foi entregue.
>
> Quando a firma (Ducoco Agrícola S/A) foi se chegando, foi cercando tudo. E se juntaram os mais velhos, o Valdir, meu marido, foi um deles, e foram negociar pra eles não cercarem tudo. Eles argumentavam que iam cercar, pois o pedaço que tinham comprado era muito chão, pegava toda essa parte. Os mais velhos pediram para deixar esse pedaço de chão que ainda hoje nós moramos.
>
> A gente se pegou no Evangelho para garantir também os espaços, principalmente no Evangelho Vida, que era onde se discutia os assuntos com relação à luta. Aí, conhecemos outras pessoas, como o padre Albanito, Dr. Pinheiro, que era o advogado, Maria Alice e Bete que eram ligados à Diocese de Itapipoca.

Sobre a luta que aconteceu na Região da Mata, Diana (2012) relata o seguinte:

> Uma vez, eles tocaram fogo numa capoeira do Nel Gonçalo. Aí os mais velhos foram atalhar o fogo, e eles, o pessoal da firma estavam todos armados. Foi uma questão muito séria, entramos na justiça, cada lado arranjou seus testemunhos. O nosso era Chico Saguim, Jorge e o Sr. Alfredo, da Almofala, pois tinha que ser pessoas de fora. A firma também tinha seus três testemunhos, mas, na hora da audiência, que foi em Acaraú, um não falou,

> outro falou a nosso favor, dizendo que, quando tinha conhecido aqui, esta terra não tinha dono, e esse povo já morava aqui, e aí nós ganhamos a questão. Isto ajudou muito para que nós conseguíssemos nossa terra através de uma ação de usucapião.
>
> Esta luta foi muito forte para nós, mas todo mundo lutava junto, foi um momento muito difícil, a gente via a qualquer momento voar, sem saber pra onde ir.

A luta pela terra desenrolou-se em várias localidades, como nos relata a liderança José Domingos, da aldeia de Passagem Rasa:

> [...] a dor maior que eu senti que até me emociono, não foi da morte do meu pai nem da minha mãe. A dor maior que senti foi no dia que eu vi... (seu Zé Domingos se emociona e para por um tempo. Dona Alda, esposa do Seu Zé Domingos, diz: "O quê? As três mortes?") Foi, eu me emociono porque... me parece que chega uma reação de eu ver meus três tios mortos pela luta da terra, por causa da terra. No ano de 62, em janeiro, e a gente vem lutando até hoje. E hoje é diferente, vem uma pessoa e diz eu quero entrar na "lei dos índios", e num lembra nem de terra e assim continua nossa peleja pela demarcação e peço a Deus que embora nós não alcance, mas não se acabe nossa luta sagrada, porque não tem como se acabar a luta indígena, porque índio não se acaba, se acaba uma parte, mas fica os outros.

Esse relato da liderança José Domingos refere-se ao massacre que aconteceu na aldeia de Passagem Rasa, no ano de 1962, em uma emboscada armada por posseiros invasores da terra indígena, apoiados por políticos e liderança religiosa, que eram contra o movimento indígena.

A liderança Babi, da localidade de Panã, conta a invasão da terra da seguinte maneira:

> Antigamente, essa terra era livre. Aí começou a enganação com os mais velhos. Às vezes, compravam mercadoria como fumo, alimentos, bebida e outros. Compravam uma quantidade pequena e, quando chegava no

> dono do comércio, lá estava aquela lista danada. E aí se ia um pedaço de terra. Os mais espertos, mais ricos, sempre se aproveitavam da fraqueza dessas pessoas pra se apossar das terras. Conto isso, porque aconteceu com meu bisavô. Essa invasão começou dessa maneira, cada pessoa que comprava um pedaço de terra cercava um pedaço bem maior, tirava a cerca e botava bem mais pra frente.

A partir de 1988, com a promulgação da nova Constituição Federal (1988, CAP VIII, ART. 231, § 1º, 2º e 4º), a luta do povo Tremembé voltou a se reerguer para continuar a busca pelos seus direitos garantidos constitucionalmente.

Vale ressaltar que, nesta "nova" fase da luta, não há somente um pequeno grupo que dança o Torém, mas sim, todos os Tremembé que se identificam e dançam com muito entusiasmo esta bela dança tradicional Tremembé.

Capítulo III

O TORÉM

Durante toda a caminhada do povo Tremembé, um ponto cultural que os fortaleceu bastante foi a prática da dança do Torém, uma dança de que todos os Tremembé participam. Desde muito pequeninos, os Tremembé já entram no ritmo desta dança "estética, mimética e paisagística" (OLIVEIRA JÚNIOR, 1998), pois o mesmo, com suas lindas melodias, desperta em todos a vontade de dançar.

Essa dança nasceu dos antepassados Tremembé e vem passando de geração em geração, possuindo um significado muito grande para esse povo, que tenta manter vivas suas tradições de forma muito significativa expressa nas músicas e danças do Torém.

Suas músicas são produzidas por pessoas do próprio aldeamento; sempre se baseiam em animais, aves ou acontecimentos históricos e espaços físicos. As letras das antigas músicas do Torém eram todas na língua indígena, sendo que algumas foram modificadas a partir da descrição de alguns pesquisadores e por serem hoje cantadas pela nova geração.

Antigamente, os Tremembé dançavam o Torém nas quintas doces* e debaixo de cajueiros.

O Torém para o povo Tremembé tem diversos momentos. No início, era apenas uma brincadeira e, depois, devido à conjuntura, tornou-se um marco político em manifestos e

eventos, como elemento de afirmação étnica e cultural. Atualmente, ele é praticado como ritual de manifestação da espiritualidade Tremembé.

Foi através dos momentos culturais que muitos pesquisadores conheceram e escreveram sobre os Tremembé. Um dos elementos que muitos enfatizaram foi a dança do Torém.

> O Torém é mantido como elemento principal da nossa luta e também é nosso ritual sagrado. É fortalecimento, é um marco, um símbolo da nossa resistência.
>
> Contam as lideranças que, antigamente, antes de os portugueses aqui chegarem, eles eram livres para dançarem seu ritual. Contam ainda que, em meados de 1702, houve um grande conflito entre os índios e os brancos, que chegaram de todas as partes e se apossavam das terras da nossa gente, e, devido a isso, o Torém foi enfraquecido, pois os índios tiveram medo da opressão dos brancos. Mas Tia Chica da Lagoa Seca, juntamente com seu irmão e sua família, nunca deixou esse ritual morrer. Em 1972, morreu Tia Chica, e daí o Torém ficou adormecido por algum tempo, e só nos anos de 77 e 79, tendo à frente Vicente Viana, o Torém foi novamente reanimado e, desde então, não mais parou, e a cada dia se fortalece mais e mais. Hoje em dia, o Torém tem algumas diferenças. Dificilmente se dança o guaxuré, a aranha e o coco, as músicas também estão bastante mudadas, muitas já nem se cantam mais, e até o jeito de se dançar mudou (MITS, Vilca, Márcia, Gilsa, Rita de Cássia, Jacinta, 2010).

Dona Maria Júlia (2012), parteira na aldeia Varjota, fala:

> Ah, o Torém eu alcancei foi na porta da igreja. Eles fazio uma coisa bonita, um réi começarra a cantar, o réi Zé Miguel, e os outro acompanharra, a tia Calata, a Geralda Mila, muiê do Chico Mila... começarra na porta da igreja e ia fazendo rolta até acolá e roltarro fazendo rolta também, era bonito pois eu digo porque ri, alcancei.
>
> A roupa deles era de algodão num tinha esse negócio de pano fino não! Agora o cocar de pena tinha, mas o roupa era de algodão, bem cumprida. Era moça era homi, era menino, era uma coisa bonita mermo nesse tempo. Hoje

tudo mudou, não faze as coisas bonitas Cuma naquele tempo... Alguns porque não sabe... Pois eu já digo dessas coisas bonitas porque ri, alcancei, nesse tempo fazia as coisas tudo junto... Mas num sabia que era Tremembé, fazia tudo, mas ninguém dizia que era Tremembé cumode o porro, todo mundo junto, era um porro só.

A Chica da Lagoa Seca era do meio da dança, dançarra. purque sabia pudia ter onde tirresse ela tarra no meio, gostarra mermo da dança.

Nesse tempo rinha muita gente de fora pra rer, era o dirirtimento do porro era uma dança tão bonita que darra rontade de dançar mermo. Se juntarra o porro daquele lado todo (lado da praia) pra radiar. Era a brincadeira que se tinha fora da missa, era o intirtimento que tinha.

Figuras 1 e 2 – O Torém como era dançado antigamente.
(Foto: Carlos Estevão 1940)

Segundo conta o pajé Luiz Caboclo (2012):

> O Torém toda vida foi usado... O Torém é a dança sagrada porque o Torém é diferente do toré. Os outros povos tudo dança o toré, os Tremembé dançam o Torém. A dança do toré é uma dança contínua, uma dança continuada, uma dança viajante. E a dança do Torém é uma dança de roda, tudo espaiado. Quando eles chegaro, a colonização chegou, pronto, prendeu todo mundo. Ninguém vai mais pra nenhum canto, tumaro de conta das terra. Uma parte ficou no Maranhão, outra parte ficô... aonde tava um grupo, lá ficavo. Agora o que te digo, originário que nunca saiu foi esse que permanecero, que tava em Almofala, mas tudim, todos Tremembé. Condo a gente fala no Maranhão, em nativa, agora porque o Torém não parou, nós continuamos fazendo as músicas do Torém, como os mais velhos faziam. As músicas do Torém todas foram feitas pelo povo tremembé, eles são os produtores das músicas.

Figura 3 – Árvore do Torém, que deu origem ao nome da dança Tremembé (Ilustração Maria Neide Teles Santos – 2010)

Elas tudo foram feitas baseadas da natureza, tudo é da natureza, feita através do rio, da cachoeira, das aves e pássaros, os animais, alimentação, a medicina tradicional, toda vida ela foi feita baseada nisso, por isso que a gente chama a dança sagrada. As músicas novas que a gente faz, a diferença tá aí...As antigas é na língua tradicional, a língua típica do povo tremembé, a língua de origem, e as novas é feita no português que nós entende. A diferença só é essa, e nós hoje temos músicas feitas de alguma maneira diferentes, mas tudo no mesmo passo, tudo na mesma origem, mas as coisas que existiam de primeiro, não existem mais. Quem pesquisou na época dos mais antigos, acha diferença no Torém, mas a diferença qual é? Por exemplo; SARAMUSSARÁ, se nós for fazer agora, já fica diferente, mas nós chama SARAMUSSARÁ, esta é uma grande diferença.

Agora é a Soia Mussará. Ela seria feita falando na pesca, num passeio... Fomos fazer um passeio, achemo uma Soia, ramos lerar pra almoçar, porque nós tem um jeito de traduzir ela... Ela é cantada num som diferente.

O Torém não era assim, porque, quando canta na própria língua, aí sim... nota a mudança. A dança também, quando nós vamos dançar que é muita gente, antes era um grupinho pequeno. Naquela época, era só os Tremembé, pouco... Era pouca gente, nóis tinha poucas famia, as famias morarro tudo na lagoa seca, o resto era tudo im ruluta. Agora é muita gente, o povo aumentou, uma rodada de Torém. Naquela época, ocuparra quinze... vinte... No máximo, talvez ocupasse trinta pessoas, agora se a gente for dançar o Torém e ajuntar todo mundo, é cem, cento e cinquenta pessoas. Aí ninguém num tem mais cuma dançar o Torém cuma naquela época, todo mundo pegado na mão. Quando a gente vai fazer uma apresentação que se tira um grupo pequeno, ah! Aí nóis dança do jeito antigo, nóis dança pegado nas mãos.

A dança do Torém é uma dança sagrada, é diferente do toré porque o toré é uma dança mais o lado da jurema. Ela é misturada é toda acabocada, e o Torém não, o Torém é uma dança fechada, que ali num entra ninguém, e as orige também que veio se misturando muito. É uma dança cruzada, ele é especial, por isso é um risco muito grande quando a gente dança solto, por causa disso é que as veis acustuma as pessoas começar a se concen-

trar, ele tando cruzado nada encosta ali. Ele é sagrado e num encosta espírito mal, só os nossos ancestrais, mas eles conhece as nossas coisas, e daí o significado da gente dançar com a mão pegada, justamente pra se proteger, se garantir, para garantir a corrente, é uma corrente de força... uma corrente cruzada. E por isso o segredo taí, porque quando é solto tem vaga de entrar e sair alguém.

Figura 4 – Dança do Torém, ao redor da árvore do mesmo nome
(Ilustração: Maria N. T. Santos e Francisco José – 2010)

Conta ainda a liderança Tarcísio Pedro (2012) que

> [...] nesse tempo dançava muita gente, tanto os indígenas cuma os outros. Num tinha essa bondade não, dançava todo mundo numa só irmandade. Era todo mundo misturado, e tinha uma coisa, era a noite toda, até o dia amanhecer. Pratrasmente, o pessoal sabia brincar. Às vezes, dia de domingo, descia era o libambo de gente lá pra Lagoa Seca passavo o dia todo bebendo mocororó e, no fim da tarde, diziam: "Tia Chiquinha, (com a Tia Chica da Lagoa Seca) vamo brincar o Torém?" Aí começava e io até o dia amanhecer. Quando era no outro domingo, de novo. Ah bom, a tia Chica e o véio Zé Miguel era chamado pra dançar fora daqui, até na Volta do Rio. O Torém nóis sempre apresentemo ele aí por fora. Eu me lembro duma ocasião que nóis fumo se apresentar na universidade em Fortaleza (UFC) e também no Dragão do Mar. Foi muito bom, eu era um dos tal. Esse negócio do povo dizer que não é índio, é duns tempo pra cá, pratrasmente não tinha isso não, era um povo só.

Figura 5 – O Torém de antigamente (Foto: Carlos Estevão – 1940).

Segundo o relato da liderança Estevão Henrique, da Tapera,

> O Torém, quando eu alcancei, era a Raimunda Pé de Caco, a Raimunda Ferreira, Puluchera, Birica, Conceição Caboré, Maria Angelca, Mamede, Cândido Ferreira, Zeferino, esses índios velhos dançavo o Torém com distância de meia légua. Quando os portugueses chegaram aqui, num podio ouvir as músicas, que io atrás pra matar. Isso tudo do lado da praia. O Zé Miguel, a Tia Chiquinha, a Graça Ferreira, Mané Ferreira, tudo irmão, do meu conhecimento do que eu alcancei. Zefa Quirino e Maria Quirino, as duas são irmãs.
>
> As músicas eram muito diferente das de hoje, as músicas, os passos, e assim... duma música era noite todinha. As música se inventava com a vida dos animais, no canto dum pássaro, no passo dum animal, justamente as música era feita assim. A dança era todo mundo pegado nas mãos, e só se dançavo mais no período do mocororó. A gente ia dançar o Torém em outras parage, o pessoal convidava e a gente passava a noite todinha... quando se sentia cansado, dizia "vamo pará a roda", aí se sentava ao redor duma fogueira própria pro momento, e todo mundo ia fumar, cada um com seu cachimbo.

Figura 6- O Torém dançado debaixo das quintas doces.
(Foto: Carlos Estevão – 1940).

Capítulo IV

A ORIGEM E O SOTERRAMENTO DA IGREJA DE ALMOFALA

Segundo o relato de alguns mais velhos, a igreja de Almofala surgiu a partir de uma mulher que lavava roupa em uma lagoa e encontrou, dentro dela, a imagem da santa de ouro. Outros já contam um pouco diferente, que foram índios pescadores que a encontraram. Ao encontrarem a santa, levaram para mostrar ao seu povoado.

Figura 4 – Ilustração de um dos relatos da forma como a santa foi encontrada. (Ilustração: Willame Tremembé).

Figura 5 – Ilustração do relato de como santa foi encontrada pelos pescadores. (Ilustração: Maria Paulina dos Santos)

> O povo dizia que era pescador que ia pescando, aí achou essa santa, e diz que era de ouro, e pratrasmente tudo isso era fácil, tudo isso tinha (LIDERANÇA TARCÍSIO PEDRO).

Figura 6 – Desenho da primeira capela, de taipa, construída para a santa, à beira da praia. (Ilustração: Willame Tremembé – 2010).

Preocupados com a imagem, eles resolveram construir uma capela de taipa que ficava bem próximo do mar. Levaram a mesma e a colocaram na igrejinha de taipa. Daí, então, eles passaram a festejar a mesma com seu próprio ritual, se juntavam para dançar o Torém em frente à igreja, mas também tiravam o terço, dizendo as seguintes palavras "Maria Lavareda, salta aqui, salta acolá, quero ver agora...

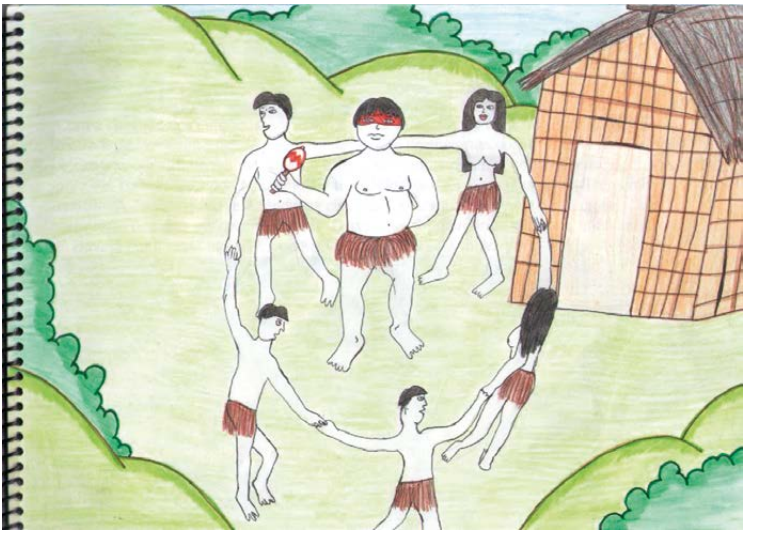


Figura 7- Os índios dançando o Torém defronte à capela.
(Ilustração: Willame Tremembé – 2010)

Com a chegada dos europeus, ao verem a santa, sabendo que a mesma era muito valiosa, tiveram interesse em trocá-la por outra de louça e prometeram construir uma igreja de alvenaria; continuaram a insistir, e os índios continuaram não concordando. Porém, a princesa Isabel participou também dessa negociação, mas, mesmo assim, os Tremembé resistiram. Diante dessa resistência, os europeus levaram a imagem à força, ou seja, sem a permissão dos seus verdadeiros donos. Dizem que foi uma briga perigosa. Enquanto uns brigavam pela santa, alguns europeus vieram por trás e a roubaram. Alguns anos depois, os europeus trouxeram a santa de louça, junto com ela, o material para construção da igreja de alvenaria, trazido da

Bahia, que foi trazido de barco para Almofala, onde o mesmo foi descarregado pelos próprios índios. Os pedreiros que a construíram eram de fora, sendo que os índios também fizeram parte dessa construção, quebrando pedra do mar, quando a maré baixava, para colocar no alicerce da igreja. Durante a construção, eles sentiram dificuldade de continuar o trabalho. Por várias vezes, passaram a ouvir vozes que orientavam os trabalhadores em suas dificuldades. Essa obra durou por volta de quarenta e cinco anos. Com o passar dos anos, uma grande duna móvel se formou rapidamente na velocidade de cem cavalos. A partir do ano de 1797, foi entupindo a igreja e o povoado. O povo, não podendo reagir a esse grande fenômeno natural, foi obrigado a afastar-se de suas casas, as famílias foram espalhando-se pelo aldeamento, distanciando-se umas das outras, sendo que uma grande parte foi morar na Lagoa Seca. Enquanto a igreja estava sendo entupida, começou novamente uma grande briga, dessa vez, dos índios com o padre Antonio Tomaz, que veio com a missão de retirar todas as imagens para a igreja do Acaraú. A igreja passou quarenta e cinco anos soterrada. Mesmo ela tendo passado tanto tempo soterrada, os índios não desistiram da mesma. Passaram a valorizar mais esse patrimônio.

Com a força, a união e a vontade dos índios, iniciaram um longo trabalho, desenterrando a igreja. Os mesmos, em noite de lua cheia, reuniam-se. Quando não tinha lua, eles faziam uma grande fogueira para retirar a areia com cuias, e algumas mulheres carregavam areia em suas saias. Quando eles cansavam de tirar areia, iam dançar o Torém próximo da igreja, e assim amanheciam o dia. Essa atividade durou até conseguirem desenterrá-la.

Ao desenterrá-la, o povo quis retornar às suas moradias antigas, porém isso não foi mais possível, porque esses locais já estavam ocupados por invasores. A partir daí, a igreja não pertenceu mais aos índios, como antigamente, e sim, à sociedade que veio de fora. Além de terem se apossado da igreja, se apossaram das terras e proibiram os índios de falarem suas próprias línguas e praticar sua própria cultura, como dançar o seu ritual em frente à igreja.

Hoje, tudo é diferente, pois até a data de festejo da santa eles mudaram; era festejada em dezembro e hoje é em agosto.

Durante esses festejos, programados pelos padres de fora e por algumas pessoas da localidade, mas que não se reconhecem como índios, não temos mais espaço, ou a liberdade de participarmos dessa programação e muito menos de dançarmos o Torém em frente à igreja como se fazia antes.(Vicente, Luiz Henrique, Rosângela, Raimundo Henrique, Janete, Andreína, MITS, 2010).

Perguntada sobre o soterramento da Igreja de Almofala, Maria Júlia Tremembé diz que ajudou a desenterrar a igreja de Almofala:

> [...] cum uma quenguinha, eu era muito pequena, num sabe? Aí num pudia cum a cuia. Os grandes era cum cuia tudo naquela infieira... Um mutirão, um atrás do outro, eu me lembro como se fosse hoje, as muié e os menino tiraro a areia, e os homi tiraro as teia. Todo mundo lerrara um bulambo pa fazer a rudia pa apoiar a cuia. Às reis, nois ia de tarde, a mamãe assarra peixe e lerrara uma farinhazinha pa cumer lá, lerrara também uma cabaça d'água. Nesse tempo, tinha muita fartura de peixe, o papai pegarra tanto, mas num tinha a farinha, que é o pó dirrino. Nesse tempo, minha sinhora! Da igreja, condo disintupiro, ela teve umas santas missão, muito padre, uma coisa muito bonita. E tinha também a missa da meia-noite, tipo a missa do Natal. Aí nois se deitarra no pé da igreja, esperando a hora. Nesse tempo, a gente podia andar, num tinha os carralo sem cabeça como hoje, minha filha, tudo era calmo.
>
> O morro rinha camiando até chegar na igreja, ai foi indo, foi indo, até que cubriu, mas ninguém nunca esperançarra que esse morro fosse cubrir a igreja. Quando o morro foi cobrindo, aí tiraro os santo de dentro, eu sempre ia oiar. As santa guardaro na casa do finado Chico Soisa.
>
> Aí depois que ela se disintupiu, roltaro com os santo pra igreja. Eu me lembro de uma noite que nois tarra tudo lá, e aí chegou um jipe, aí nois se lerantemo, todo mundo cum aquele fogo bem mudernim. Era fora de hora, aí quando nois se pusemo tudo em pé, ele roltou pra trás. Era nesse dia que io robar os santo, ta rendo!

> Mas cuma nois tarra lá, num deu mais. Cum uns dois a três dias, riero e robaro os santos e, na minha mente, era São Benedito, Nossa Senhora das Graças... esses santo, robaro. Era tudo de ouro, purisso eles tinha o interesse purelas.

Figura 8 – A Igreja de Almofala sendo soterrada pela duna.
(Ilustração: Willame Tremembé – 2010).

Dona Conceição, conhecida como Teté, assim se refere à Igreja de Almofala:

> Quando eu me entendi, a história da igreja já existia, mas meus pais contarro que, nas noites de lua cheia, eles sempre io ajudar a desentupir. Lerraro cuia; nesse tempo tinha muita cabaça que darra pá fazer as cuias. Muitas coisas foro lerradas da igreja, o sino que era de zinco este foi pras banda do Acaraú.
>
> Eu me lembro que o cemitério era ali pro lado debaixo da igreja. Ali no Santo Cruzeiro, no lugar do cemitério, era só entã, búzio, casca veia e pé de ciumeira,

> nem era cericado num era. Uma vez, fui até lá no cemitério rezar... Eu e a mamãe.
>
> Os santos da igreja eles tiraro purque o morro ria cubrindo, mas lerraro pra casa de alguém... e de lá robaro e pronto, num dero nem satisfação. A igreja da Mofala era primimente, ela foi feita pra ser primimente mermo (Tio Augustinho interrompe; a igreja de Almofala foi mostra da igreja de Bahia. Essa cabeça de morro que cubriu a igreja, se formou no Luiz de Barro e aí foi descendo até que entupiu a igreja).

Pelas lembranças puxadas da liderança Estevão Henrique, em 2012, a história aconteceu assim:

> A igreja foi enterrada, que chegou até fazere estrada por cima dela, mas sem saber que ali tinha uma igreja. Aí o vento foi soprando, soprando, até que desentupiu a cruz. O povo perguntava quem tinha morrido ali. E o vento continuou soprando, até que descobriu o meio dela, aí se juntaro aquelas famílias e io desentupir. Eu com essas mão que Deus me deu, ajudei a desentupir. Todo mundo, com cuia, se juntavo, era aquela multidão, assim por hora dessa (cinco horas da tarde). Aí anoitecia lá e ficava até de madrugada. Tudo isso nas noite de lua, deixemo ela no piso, a madeira da sacristia arriou, só isso. O resto tudo ficou bom.

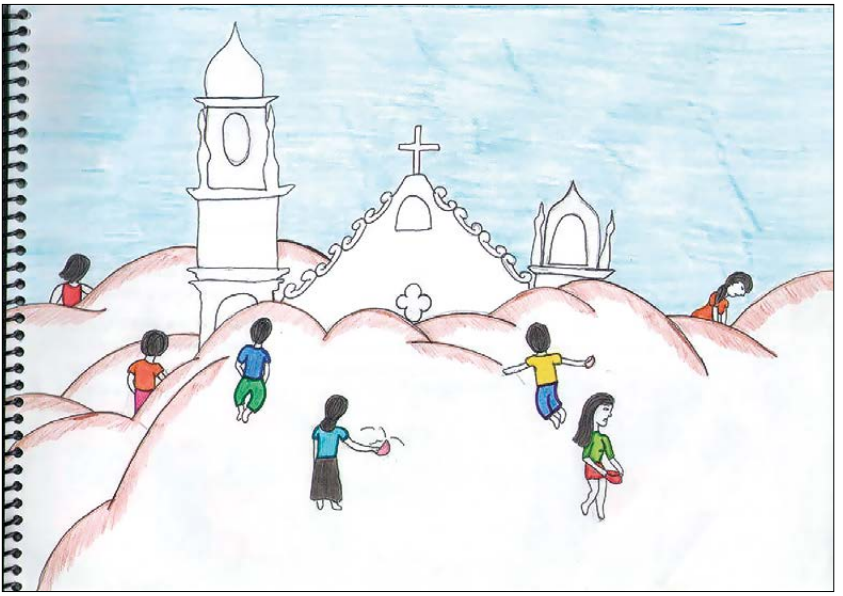


Figura 9 – Os índios tirando areia para remover a duna.
(Ilustração: Nayane de Sousa Santos – 2010)

Aí o Barrosinho, um senhor aqui de cima, não sei se é daqui das bandas do Maceió, chegou e reformou a igreja. Era um caripina (carapina). Na metade do serviço, o dinheiro do véi faltou, ele encostou o trabaio. Aí se juntaram Adonias Alves e os Filomeno, João Jaime se juntaro e terminaram o serviço da igreja da Almofalinha, que, nesse tempo, era Almofalinha. E aí trancaram a igreja. Aí os índios io brincar na porta da igreja, num brincavo mais no mato, só na frente da igreja. Aí chegou o padre Sabino, do Acaraú, para fazer as missa. Era nove dias de festa. Ele trazia as músicas, a ola. Nesse tempo, o povo vinha de fora, chegava, e aí não voltavo mais. Almofala cresceu assim.

Os santos chegaro depois que acharo a santa. A santa foi os pescadores que acharo. Foi dois pescador pescar, chegaro no caminho, viro o fogo, ficaro admirado, espantado, porque todo dia passavo ali e nunca viro aquele fogo. Aí chegaro perto, passaro a mão, e os olhos fitado neles, as tochas de fogo. Aí se aproximaro e viro que era uma santa. Um ficou no local, o outro foi chamar

os outros na aldeia. Chegando lá, aí levaro a santa pra dentro da Almofalinha, fizero um jirau e botaro a santa em cima, e toda noite io adorar a santa. Se ajoelhavo e io rezar. Aí quando a história saiu, foi aos ouvidos da princesa Isabel. Aí viero e roubaro a santa. Foi uma briga danada, que o sangue deu no meio da canela. Assim contava o meu pai. Foi a princesa Isabel quem mandou essa outra santa, Nossa Senhora da Conceição, e aí depois viero os outros santos.

Figuras 10, 11, 12 e 13 - Igreja de Almofala, depois de ser desenterrada.
(Foto: Carlos Estevão – 1940).

Capítulo V

A LUTA DO POVO TREMEMBÉ NA ATUALIDADE:

a educação diferenciada e a formação dos professores

A Escola Diferenciada para o povo Tremembé teve seu início em 1991, com a iniciativa da professora Raimunda Marques, a Raimundinha, na Região da Praia. Quando a mesma iniciou essa descoberta de saberes, não tinha o espaço apropriado para o momento; a "escola" era um galpão com piso de areia, os bancos eram pedaços de coqueiros, e os cadernos eram folhas de ciumeiro. Mas, naquele tempo, já era uma escola diferenciada. Ela ensinava um pouco de leitura e escrita, e depois, todos juntos, iam pra beira da praia dançar o Torém.

No momento do Torém, ela ensinava carinhosamente cada um que estava no círculo, pois o intuito não era só dançar o Torém, talvez até como brincadeira, mas sim, aprender cada passo, cada música, e o melhor, a importância da dança do Torém para cada criança Tremembé. Ali nasceu o fortalecimento dessa luta e dessa dança para as novas gerações.

A Escola Diferenciada tornou-se instrumento de luta pela terra, porque é espaço de reuniões e discussões da comunidade, articulação de ações referentes à luta, e também porque trabalha com as crianças e jovens a história e a cultura Tremembé, reforçando a identidade étnica.

Dona Conceição, também conhecida como Teté, moradora da Varjota, assim se expressa:

> A escola surgiu devido à necessidade que nossos filhos enfrentava. Era uns tempos muito difícil, aí os mais velhos se juntava e sempre conversava a respeito. Era o Augustinho, o Raimundo Ticum, a Luiza, o Valdir, a Diana e os outros. Sempre eles dizia "vamos arrumar uma pessoa pra ensinar nossos filhos", daí surgiu essa ideia de criar uma escola para nossos filhos aprender. Aí tivemos a ideia nós tudo junto, nós mais veio, nós sempre dizia que nós tinha que arrumar uma escola onde nossos filhos pudesse aprender e não sofrer.
>
> O nome Escola Diferenciada foi porque era nossos filhos ensinando nossos filhos mesmos. Nós foi quem tivemos a ideia, conversamos e aí apresentamos para a Maria Melia, porque, na época, era ela que estava mais à frente dessas coisas. Nós apresentamos a ideia, aí ela aprovou, se prontificou pra arrumar uma pessoa pra ajudar. E nós aqui na comunidade discutindo se juntávamos nas bocas de noite, nas casas de farinha, nos terreiro das casas de famílias. Era onde nós se juntava pra programar as coisas; era sobre a Escola Diferenciada, era sobre uma viagem, porque de dia era todo mundo trabalhando na roça, era pescando pra arrumar um bocado pra comer e, de noite, nós se juntava para decidir as coisas. Aquilo os mais velhos conversaram, e os mais novos estava sempre ali pra apoiar em tudo, porque a luta maior era pela moradia pra garantir seu espaço.

A liderança Diana, da aldeia da Varjota, descreve assim o início da luta pela Escola Diferenciada:

> [...] já fazia muito tempo que se clamava por uma escola diferente, e a Maria Amélia sempre batia em cima do povo para que se criasse. Essa escola, pra ser criada, houve muita luta. Muita reunião, para que a gente pudesse criar. O povo do Córrego João Pereira também tava junto com a gente. Teve até uma reunião com o Naspolini, (Secretário de Educação do Estado do Ceará, na década de 1990), onde eu conversei com ele, e ele me fez muitas perguntas a respeito da escola. E aí me perguntou por que a gente queria uma escola diferenciada, e eu disse

> que a gente queria uma escola que não mudasse nosso jeito de ser, onde a gente pudesse dizer quem somos e não ser discriminados.
> Essa escola teve todo o apoio das lideranças, onde cada uma se empenhava pra conseguir essa escola diferenciada, para que nossos filhos pudessem aprender sem serem discriminados, dizer "sou índio" e não sofrer agressões de ninguém.
> Essa escola diferenciada nasceu dentro da luta pela terra, onde ela é uma força muito grande nessa luta.
> Cada criação que se tinha nesse processo da escola diferenciada era algo que reforçava a luta.
> Quando se imaginava em organizar alguma coisa nessa luta, era sempre pensando na melhoria da luta pela terra.

Os relatos de D. Conceição (Teté) e de Dona Diana nos dão conhecimento de que, enquanto na Região da Praia acontecia a Escola Alegria do Mar, com a professora Raimundinha, construindo o processo da Educação Diferenciada, também se desenrolou, na Região da Mata uma experiência similar, em 1984, conforme nos conta uma das primeiras professoras a atuar na Escola da Varjota, Maria da Conceição Moura:

> Antigamente, aqui não existia escola. No ano de 1984, comecei a ensinar uma turma de 45 alunos, por conta dos pais. Cada um dava um pequeno agrado e, com esta pequena quantia, eu comprava material escolar, como giz e até caderno para alguns alunos, aqueles que os pais não tinham condições. E nessa peleja, passei dois anos.
> Diante de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia escolar, um dia ainda chegou no salão uma carrada de polícia a mando da Ducoco. Primeiro, a Teté veio me avisar, dizendo que eu não me assustasse, porque ia chegar ali uma carrada de polícia, mas o pessoal já estava todo sabendo, iam vir todos armados com foices, facão, enxada, como se estivesse brocando, e eu tentasse acalmar as crianças. Aí chegou o povo daqui da Varjota, e logo chegou a carrada de polícia; as crianças todas se alvoroçaram, uma até desmaiou, outras entraram em desespero, e outras pularam pela janela e saíram correndo em desespero.

> Nesse tempo, era professor índio ensinando alunos índios, mas não se podia dizer, devido à opressão que era muito grande.
> Foi um tempo de muita aflição; aqui ninguém vivia sossegado.

Segundo o pesquisador José Mendes Fonteles Filho (2003), a Educação Diferenciada constitui-se em instrumento de luta pela terra, mobilizando o povo Tremembé tanto internamente quanto externamente, sendo provocadora de articulação com todos os "outros". Em nível local, ela é expressão de autonomia e fortalecimento de sua identidade, contribuindo para sua mobilização social e política.

Maria Neide, uma das primeiras professoras da Escola Diferenciada na Praia, e que ainda hoje atua na mesma, conta as experiências vivenciadas àquela época:

> A experiência da escola lá da Praia começou devido à discriminação, porque os alunos estudavam na escola convencional e sofriam muito devido à mesma. "Os alunos não índios perguntavam: "Quantos calangos tinham comido naquele dia?", e as crianças indígenas sempre reclamavam.
>
> Então seu João Venâncio, cacique, perguntou se a Raimundinha queria ensinar, e ela aceitou. Como não tinham material, os alunos escreviam em folhas de ciumeiro. Essa escola funcionava à tarde, num salão que existia na aldeia da Praia, bem na beira do mar. Escreviam um pouco, que eram as letras do alfabeto, e os números, e a dança do Torém, sendo que a dança era na beira da praia, ao pôr do sol. Eles saíam do salão, todos pegados nas mãos. Ela ensinava atenciosamente as músicas e os passos do Torém. Ela ensinava como voluntária, e deram o nome pra essa escola de "Alegria do Mar". Isso aconteceu no ano de 1991.
>
> O salão caiu, eles construíram outro, sendo que o segundo salão, as mães agradavam a professora Raimunda com uma pequena quantia de dinheiro. Quando o segundo salão se destiorou, não deu mais pra fazer devido ao morro, que já tinha entupido

> grande parte. Depois a escola esteve um tempo parada e, quando retornaram, aí funcionava na casa de João Venâncio. Depois de um tempo, na casa do Antonio, filho dele. Depois se mudaram para uma casa antiga de um parente do Zé Raimundo. Nessa época, a Samanda ajudava a Raimunda, pois o número de alunos já tinha aumentado. Depois a Samanda saiu, e a Dijé entrou para ajudar. Dijé saiu e entraram Aurineide e Silvana (missionária), para colaborar nos processos de ensino, e também nesse tempo, o nome da escola mudou para Maria Venância, em homenagem à Maria Venância, mãe de João Venâncio.
>
> Nesse período, Aurineide e Silvana eram voluntárias, e a Silvana conseguiu para Raimunda, com a Igreja Presbiteriana de Maringá, uma ajuda de R$ 50,00. Essa mesma Igreja, de vez em quando, ajudava com doação de blusas, cadernos, lápis, borrachas, etc.
>
> Nesse tempo que a escola começou a funcionar na Maria Venância, os alunos já não ia mais à praia dançar o Torém, mas se dançava na própria escola.
> Na escola por nome Maria Venância, a estrutura física já era bem melhor, sendo um galpão de palha, dividido em salas de aula.

Quando a missionária Silvana foi embora, em julho de 2000, foi que Neide Teles se inseriu nessa escola para ficar com a turma que era da missionária. Nesse tempo, já existia uma divisão de séries. Cada professora já era responsável por sua turma e já tinha alunos do Panã que estudavam nessa escola. Em outubro de 2000, os professores passaram a ser remunerados pelo Estado, através de convênio entre o CITA (Conselho Indígena Tremembé de Almofala), e a SEDUC. Em 2002, chegaram mais alunos, que eram do Saquinho, Lameirão e Panã, e já tinha transporte escolar. Vale ressaltar que todos os professores que ingressavam na Escola Diferenciada eram indicados pelas suas comunidades.

> Antigamente, na luta Tremembé, era somente as pessoas mais velhas que enfrentavam esta batalha, e com o surgimento das escolas diferenciadas, conseguiu-se

> trazer os jovens a se engajar, se empenharem na luta da demarcação da terra Tremembé. Muitos desses jovens ingressaram nas escolas e assim, os demais jovens se aproximaram mais da luta.
>
> Já a experiência no Saquinho começou depois, pois, logo no início da educação diferenciada, os mais velhos da comunidade de Saquinho não quiseram fazer parte dessa experiência. As pessoas da Praia, que eram Neide, Raimunda e Vilamar (*in memoriam*), tentaram uma conversa sobre o assunto, mas a comunidade não aceitou, argumentando que não tinha ninguém preparado. Somente no ano de 1999, a Jacinta, incentivada pelo avô, decidiu participar das formações para professores e se inseriu no processo.
>
> Hoje, a Escola Diferenciada tem um papel fundamental na luta Tremembé, pois a juventude tem uma participação mais ampla nas assembleias e nos demais eventos relacionados ao movimento indígena no Ceará, despertou mais interesse em aprender sobre os assuntos indígenas, e hoje é algo que está interligado; a escola é instrumento na luta pela terra. Como diz a liderança Calixto, de Tapera, "a escola é fruto da luta e reforça a luta".

Gilsa, 25 anos, que hoje é professora, foi aluna desta "escola" e conta:

> Quando eu comecei a estudar foi na Escola Alegria do Mar. Minha professora era a Raimunda, porque, naquele tempo, só tinha ela que sabia ler. Aí as mães a escolheram, porque elas não confiavam que os filhos estudassem fora, devido à discriminação que era muito grande.
> A escola era um vagão (espaço muito grande, onde não havia divisão de salas) não tinha cadeira. A gente se sentava nos tijolos ou em pedaços de coqueiro. Nesse tempo, a escola não tinha um horário exigido. Estudar naquele tempo era algo prazeroso.
> A gente estudava um pouquinho só, por exemplo, ela ensinava o alfabeto, e depois a gente ia pra praia dançar o Torém. No momento do Torém que ela nos ensinava,

> tinha todo cuidado de ensinar as músicas, os passos, tudo bem direitinho e sempre repassava a importância do Torém.

Ilaneide, aluna da Escola Diferenciada de Varjota relata sua vivência neste tipo de escola:

> Desde quando eu comecei a estudar que eu estudava na Escola Diferenciada de Varjota mais ou menos com sete anos e com a professora Conceição.
>
> Todo meu desenvolvimento e conhecimento foi lá como aluna e também como pessoa. Fui crescendo, e também foi aumentando o número de professores, todos daqui. Mas eles não ensinavam só os conhecimentos dos livros, mas os deles também, e os conhecimentos dos mais velhos. Isso é o importante de estudar em uma escola diferenciada; conhecemos nossas origens, os costumes, pra se estar na luta, para ser um cidadão Tremembé. Lá conhecemos o que somos e lá não é só eles que são os professores. Aprendi muito também com as histórias das lideranças, dos mais velhos, e a importância do Torém. Foi na escola diferenciada que eu comecei meus estudos e terminei até o 3º. ano do Ensino Médio.

Desde o ano de 2001, os professores Tremembé vêm fazendo uma caminhada de formação diferenciada, que se iniciou com o MIT— Magistério Indígena Tremembé, sendo que esta formação aconteceu dentro das aldeias, construindo seu projeto político-pedagógico — PPP, com a participação de todos, pais, alunos, lideranças, enfim, o povo Tremembé, em parceria com a Universidade Federal do Ceará, num projeto de extensão da professora Sandra Haydée Petit, e outras instituições, como Igreja Metodista, com a presença da missionária Karla Virgínia Cavalcanti; Conselho de Educação do Ceará, através da pedagoga Raimunda Sonha Malaquias; o então pesquisador da UFC José Mendes Fonteles Filho; Seduc — Secretaria de Educação Básica do Ceará; FUNAI — Fundação Nacional do Índio; CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço, e outros.

A partir do ano de 2006, os mesmos professores Tremembé iniciaram a formação diferenciada em Nível

Superior, cursando o MITS – Magistério Indígena Tremembé Superior, concluindo o mesmo em 2012, com a mesma metodologia vivida no MIT, tendo como coordenador geral do curso o Professor Doutor José Mendes Fonteles Filho, acrescentando novos parceiros, como o MEC – Ministério da Educação e Cultura, através do Prolind — Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas; Capes — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através do Pibid — Programa de Iniciação à Docência; Prefeitura Municipal de Itarema, e outros.

O MITS provocou uma consciência maior do ser Tremembé, aperfeiçoando o processo político das articulações feitas em prol da luta pela terra e pela Educação Diferenciada, e pela autonomia do povo Tremembé.

Todos os TCCs – Trabalhos de Conclusão de Curso, produzidos ao final deste Curso, foram voltados para a produção de material didático, a ser utilizado nas escolas Tremembé, proporcionando maior conhecimento do meio ambiente Tremembé, das lutas do povo, e da garantia de sua autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta indígena no Brasil e no Ceará vem-se arrastando há vários anos, e isso fez reaparecer muitos grupos indígenas que viviam escondidos, especificamente o povo Tremembé.

Muitos, no início dessa luta, não se identificavam, com medo da grande opressão, ou de serem mortos, pois "ser índio", antigamente, era algo estranho para os almofalenses, sendo que, com essa negação étnica, o povo Tremembé perdeu grande parte de sua terra e foi forçado a esconder sua cultura e sua identidade.

Durante a luta pela terra, os povos indígenas, incluindo o povo Tremembé, tiveram várias conquistas, entre elas a participação nos movimentos sociais do Ceará, e das demais instâncias de poder. Com esses acontecimentos, algo veio a melhorar na vida desses nativos e verdadeiros donos da terra.

Na luta pela terra, o povo Tremembé ganhou um espaço relevante na questão da autoidentificação perante a sociedade não indígena, conquistando a atenção da mídia, das entidades governamentais, ONGs e de parceiros envolvidos na demarcação das terras indígenas, que se colocam à disposição para ajudar não só na luta pela terra, como também em várias outras lutas e conquistas desse povo, como educação, saúde, segurança alimentar etc.

A história é um relato dos acontecimentos que estão interligados à vivência do dia a dia, numa busca contínua

de aprimoramento para o presente, tendo como ponto de partida as fontes orais, colhidas nas memórias dos mais velhos, as quais, por sua vez, são referências para a construção do futuro.

Assim podemos revitalizar a história dos antepassados, tendo clareza de escutar os mais velhos, porque a oralidade é fonte de sabedoria e fortalecimento na caminhada, garantindo a sobrevivência do povo Tremembé. É um meio de observar cuidadosamente o próprio espaço, ouvindo todas as pessoas que têm informações valiosas a repassar, para que, nessa junção, possa se reconstituir a história Tremembé, garantindo a luta pela terra.

O que se conta, neste livro, é apenas uma parte de tudo que foi vivido, detalhes que ganharam importância nas histórias contadas pelos mais velhos, devido ao seu impacto que perdura ainda nos dias de hoje.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Jóina Freitas. *Sob os areais*: arqueologia, história e memória. 2006. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), UFPI, Teresina.

ESTÊVÃO, Carlos. *Fotografias da igreja de Almofala*, 1940.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. 2003. Tese (Doutorado em Educação), UFC, Fortaleza, 2003.

GOMES, Alexandre; VIEIRA, João Paulo; MUNIZ, Juliana. *Povos indígenas do Ceará*, Fortaleza: 2007.

MIRANDA, Janete Souza et al. *Medicina tradicional do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

JACINTO, Raimundo Félix; MATIAS, Márcia Maria; SANTOS, Maria Ivonete dos. *Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu território*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

JACINTO, Rita Félix; NASCIMENTO, Maria Gilsa do. *História da educação diferenciada Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. *Identidade e memória dos habitantes de Fortaleza-CE, originários da comunidade Tremembé de Almofala-CE*: ramos de raízes indígenas em

trânsito. 2009. 312 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) PUC, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto. *Torém*: Brincadeira dos índios velhos. São Paulo: Annablume. 1998.

SANTOS, Claudevanda; SANTOS, Raimundo Henrique dos. *A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim*: história dos pescadores Tremembé. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Getúlio et al. *Primeiras letras na cultura Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Vicente dos; SANTOS, Luiz Henrique dos. *Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Maria Andreína dos. *Os encantados e seus encantos — Narrativas do povo tremembé de Almofala sobre os encantados*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Maria das Graças Moura; SILVA, Jacinta Santos. *Dicumê tremembé de antes e de hoje*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Sebastião Ovildo dos; SIQUEIRA, Rita de Cássia. *O aldeamento tremembé de Almofala*: o espaço do Mangue Alto – Ontem e hoje. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUZA, Maria Bruhilda Telles de. *Mitos e símbolos na migração praiana "o caso de Almofala"*. 1983. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFC, Fortaleza.

GLOSSÁRIO

Aboletava - alojava, instalava

Âmbar-gris - substância coletada na praia, formada pelo excremento de baleias e utilizada como fixador de perfumes.

Cavalo braiador - cavalo de trote.

Libambo - grande quantidade de pessoas.

Peleja - luta, guerra.

Quintas doces - plantações de cajueiros que produzem cajus doces.

Restringido - reduzido, apertado, diminuído.

ANEXOS

(Entrevistas)

ANEXO 1

ENTREVISTA COM TIA MARIA JÚLIA
em 3 de maio de 2012

Tia Maria Júlia Tremembé, 76 anos de idade, nasceu na década de 1936, é parteira e moradora da aldeia Varjota. Nasceu e se criou nessa área, hoje é viúva, mora com um filho adotivo e ajudou no processo de desenterrar a Igreja de Almofala, que tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição. Ela ajudou a desenterrar a Igreja de Almofala, tirando areia, conforme ela diz:

> [...] cum uma quenguinha, eu era muito pequena, num sabe? Aí num pudia cum a cuia. Os grandes era cum cuia tudo naquela infieira... Um mutirão, um atrás do outro, eu me lembro como se fosse hoje, as muié e os menino tiraro a areia, e os homi tiraro as teia. Todo mundo lerrara um bulambo pa fazer a rudia pa apoiar a cuia. Às reis, nois ia de tarde, a mamãe assarra peixe e lerrara uma farinhazinha pa cumer lá, lerrara também uma cabaça d'água. Nesse tempo, tinha muita fartura de peixe, o papai pegarra tanto, mas num tinha a farinha, que é o pó dirrino. Nesse tempo, minha sinhora! Da igreja, condo disintupiro, ela teve umas santas missão, muito padre, uma coisa muito bonita. E tinha também a missa da meia-noite, tipo a missa do Natal. Aí nois se deitarra no pé da igreja, esperando a hora. Nesse tempo, a gente podia andar, num tinha os carralo sem cabeça como hoje, minha filha, tudo era calmo.

Entrevistadora: Como perceberam que o morro ia entupir a igreja?

Tia Maria Júlia: O morro rinha camiando até chegar na igreja. Aí foi indo, foi indo, até que cubriu, mas ninguém nunca esperançarra que esse morro fosse cubrir a igreja. Quando o morro foi cobrindo, aí tiraro os santo de dentro, eu sempre ia oiar. As santa guardaro na casa do finado Chico Soisa.

Entrevistadora: E depois o que fizeram com os santos?

Tia Maria Júlia: Aí depois que ela se disintupiu, roltaro com os santo pra igreja. Eu me lembro de uma noite que nois tarra tudo lá, e aí chegou um jipe, aí nois se lerantemo, todo mundo cum aquele fogo bem mudernim. Era fora de hora, aí quando nois se pusemo tudo em pé, ele roltou pra trás. Era nesse dia que io robar os santo, ta rendo! Mas cuma nois tarra lá, num deu mais. Cum uns dois a três dias, riero e robaro os santos e, na minha mente, era São Benedito, Nossa Senhora das Graças... esses santo, robaro. Era tudo de ouro, purisso eles tinha o interesse purelas.

ANEXO 2

ENTREVISTA COM DONA CONCEIÇÃO
(conhecida como Teté – moradora da Varjota)

Entrevistadora: Teté, como é essa história da igreja de Almofala?

D. Conceição: Quando eu me entendi, a história da igreja já existia, mas meus pais contarro que, nas noites de lua cheia, eles sempre io ajudar a desentupir. Lerraro cuia —, nesse tempo, tinha muita cabaça que darra pá fazer as cuias. Muitas coisas foro lerradas da igreja, o sino que era de zinco este foi pras banda do Acaraú.

Eu me lembro que o cemitério era ali pro lado debaixo da igreja. Ali no Santo Cruzeiro, no lugar do cemitério, era só entã, búzio, casca veia e pé de ciumeira, nem era cericado num era. Uma vez, fui até lá no cemitério rezar... Eu e a mamãe.

Os santos da igreja eles tiraro purque o morro ria cubrindo, mas lerraro pra casa de alguém...e de lá robaro e pronto, num dero nem satisfação. A igreja da Mofala era primimente, ela foi feita pra ser primimente mermo (Tio Augustinho interrompe; a igreja de Almofala foi mostra da igreja de Bahia. Essa cabeça de morro que cubriu a igreja, se formou no Luiz de Barro e aí foi descendo até que entupiu a igreja).

Entrevistadora: E as famílias, Teté, quem eram?

D. Conceição: As famílias... Eu chego a me lembrar da veia Don dom, Pedroca, Chico Soisa, que era o comerciante que tinha lá, tinha também a Belinha, Os Barros... Quando eu me entendi, esse porro tudo já morarro ali na Almofala. Esse porro tudo são índio, originário de Almofala. Nessa época, as famílias eram essas.

Entrevistadora: Mas se identificavam?

D. Conceição: Não... Ninguém era nem doido de dizer que era índio. Esse porro tudo são originário daqui da Mofala. Os Cormo...Os Cormo são da Mofala...Eles tão no Córrego das moça, purque cunheciam os fazendeiros e aí io se imbora. Mas a orige deles é aqui de Almofala.

Entrevistadora: E os que chegavam a Almofala como faziam para morar?

D. Conceição: Há... Esse porro que chegarro em Almofala tinha aquele pedaço solto, purque a terra era livre. Aí eles chegarro e se apossarro (Tio Augustinho interrompe: "Naquela época, eles tudo eram índio, dançarro o torém... Mas num dizia que era índio não! Assim Cuma nois do lado de cá, nois aqui quando cumeçemo, nois num pudia dizer que era índio, nois fazia tudo, dançarra o torém... vinha até gente de fora pra ver, mas num pudia dizer, purque o puder pressionarra muito, os invasores o opressor").

ANEXO 3

ENTREVISTA COM LUIZ MANOEL DO NASCIMENTO (pajé Luiz Caboclo) em 1º de maio de 2012

Entrevistadora: Pajé, me fale sobre a origem do povo Tremembé de Almofala

Pajé: Meu nome é Luiz Manuel do Nascimento. Sô cuicidu cuma Luiz Cabôco, pajé dus Tremembé de Almofala [...] a origem do povo Tremembé toda vida foi em Almofala [...] o porro Tremembé eles migravo aqui nesse leitoral ciarence. Eles pescavo em datas... Nois toda vida fumos fies a quem levemo a ciênça da Mata, ciênça da praia, e nois conhece munto bem os horáro de maré, os horaro de [...] da lua, quando as caça sai, quando as caça tão ...é tempo da caça cume, condo é tempo dos pexe e fazia essa migração, tempo dos caju, tempo da goiaba, o tempo da mangaba, o tempo da murta o tempo da amexa, o tempo de todo essas frutera, a bosta de calango que é uma bostian piquena... a canela, o jenipapo [...] a ubaia, aí cada um tempo de cada fruta dessa. Aí migrava de toda parte, tendo onde tirava há, há,...as planta medicinal [...] aí condo era o tempo daquela... de cada uma... uma...uma coisa daquela, o povo migrava, eles...eles subio pu Rio Grande do Norte de lá eles voltavo... [...] era um continente... [...] ele voltavo de lá...e, condu chega, vium direto pá Almofala. Todo Tremembé dessa região que é cuincido cuma Tremembé. Eles têm um histórico de Almofala, têm a ver com Almofala. Toda vida foi um ponto central do povo tremembé. Eles io [...] extrema [...] a extrema do Piauí, (corrigiu) todo o Maranhão e o rio Gurupi, no Maranhão que é uma extrema do Maranhão com o Piauí, [...] não, com o Pará [...] e fazio este percurso todim, eles pescavo, [...] tubarão de flecha, lá na ia dos caju, que fica em Tutóia, no Maranhão. Lá a barra ela é rasa, e aí tem o rio que é fundo. Condo a maré enche, aí que passa em cima

da barra, que vai enchendo a barra, vai passando por cima, que aí os tubarão passa, passa pra maré. Aí, os Tremembé se armavo e io pra lá pa barra. Condo os tubarão io passando, passava quase de fora, aí os Tremembé pescavo, matava os tubarão de flecha. Todo esse percursos, muitas famílias tradicional de Almofala se mudaro, foro simbora pro Maranhão. Na época, o Maranhão era muito fabuloso, tinha essa pesquera, que era uma influência muito grande e aí se mudavo pra lá. Umas foro e voltaro, e outras nunca mais voltaro [...] e a gente conhece essas famílias lá. Nóis uma vez fomo pra lá [...] eu tenho prova disso que nós fomo lá na ordenação dum padre, o padre [...] Bernardes. Ele estudou [...] condo ele se formou, discobriu que era [...] Tremembé do Maranhão. Aí perguntou onde era que [...] o povo [...] a origem dos Tremembé, onde era que existiam, que ele [...] Aí se orientou lá com o padre, que é o padre Chaga, que também é de lá de Tutóia, que levou nóis uma vez lá. Aí ele falô e mandô chamá [...] levá nóis. Aí foi que eu e o João Venanço, cacique fumo pra ordenação dele. Condo foi na hora, era muito padre lá, e a gente [...] vendo! E aí eu perguntava o João Venanço: João, o que nóis faz aqui no mei desses padres? Era uns nome diferente, era bispo... Aí nóis fiquemo se perguntando. Condo foi na hora, eles anunciaro que a bença final ficava cum nóis dois. Aí contaro que o padre que tava se ordenando era tremembé, era dum povo que vem do começo dos tempo, discubrimento do Brasil, condo o Brasil foi invadido [...] os europeus, eles contaro a história, chegaro lá, este povo existia e ele era tradicional. E, para o reconhecimento dele, ele chamou na ordenação dele as duas pessoa legítima de Almofala, que ele também, a família dele era originária de Almofala [...] aí fumo nóis dá a bença final. Aí eu fui rezar uma oração, e o João foi com um ramo [...] cum ramo bento, nóis benzemo uma água, e ele cum ramo fazendo a bença final. Aí, quando terminou, que nóis saímo, aí [...] ficou um bando de gente recuado lá por trás, muié, homi, um povo tudo recuado lá por trás. Aí uma muié me chamo, querendo aprendê essa reza, que os avô dela era de Almofala e sabia da dita reza, e ela aprendeu e tinha se esquecido. Quando viro

eu rezá, se lembraro, e aí nóis conversamo, elas disseram as orige, tudo gente originária daqui de Almofala. A família era da finada Marcionila. Com toda essa história, a gente também sabe que este leitoral ciarense os Tremembé mandaro e hoje num mando mais. Parte desse leitoral tem grupo Tremembé, na Jijoca tem um grupo Tremembé.

Entrevistadora: Mas esse grupo de Jijoca se assume como Tremembé?

Pajé: Não, não se assume. Eles são, moro lá, mas não se assume. Eles são de Jericoacoara. Nóis fumo lá em Jericoacoara, mas eles não se assume como índio. Não, é um grupo que o povo num conhece, um povo nativo que tinha lá, o povo chegaro e compraro as terra deles, tumaro as terra. Eles num existe mais lá, foro expulso de lá. É um grupo de gente braba, sem dúvida, é um grupo de gente tremembé, eu tenho certeza. E tem ôto, ali perto da Granja, cumé? Camucim, em Camucim tem ôto grupo, também num se assume, sabe que tem origem tremembé, mas não se assume. O povo tremembé disse que os povos indígenas no Brasil, eles só se assume, eles só dize quem é condo tem uma... qualquer uma expulsão. ...uma criminalidade contra eles. Cuma nóis aqui, nóis aqui só ... são ameaçado de expulsão e de morte, nóis aqui só se assumimo mesmo e cumecemo a dizê quem nóis era, e andá e lutá e inserir na luta depois da chegada da DUCOCO. Antes da DUCOCO, nem o povo da Praia, eles vivio calado, sem dizer nada, dançando o Torém, e fazendo tudo isso, por conta do massacre que foi grande demais, na época da colonização. Morreu muita gente, foi uma barbaridade muito grande, teve muito crime bárbaro e aí ficou todo mundo com medo, mas nunca deixô a origem do ritual com a dança do Torém... e outras. Nunca ninguém deixô, mas se assumir mesmo por isso que o povo achava que os Tremembé num existio mais, que tava tudo ... nóis tava tudo calado, é a questão daquela frase condo eu falo: “os Tremembé antigamente pra viver se calavo, e agora pra vivê temos que falar.” Por conta disso, ou nóis dizia quem era ou nóis tinha sido ... porque fumo negado,

dizendo que nóis num existia e nóis tamo aqui, contando esta história... contando cuma prova, com testemunha e nóis diz isso e prova em qualquer parte. E ninguém conta esta história mió que nóis, porque nóis conhece toda nossa orige, do nosso passado.

Entrevistadora: Tio Luiz, e as famílias de Almofala, você lembra alguma que nunca abandonou seu lugar de origem?

Pajé: Cunheço. As famílias de Almofala, os Agostinho, nunca deixou Almofala. Eles migravo, migravo, todas essas famílias. Tem gente no Maranhão, tem gente espaiando por toda parte, os Teixeira, a família da dona Socorro, todos era aqui de Almofala e hoje tão no Córrego João Pereira. Os Cosmo, o finado João Cosmo, esse era um pajé bem antigo, aqui também de Almofala, que foi pra Lagoa dos Negros, e pra lá ele morreu, mas os Cosmo nunca saiu da Almofala. Os Ipote nunca deixaro Almofala, uma parte saiu, mas nunca foro todos. O povo da Marcionila nunca deixaro, a veia morreu, e agora eu não sei onde é que eles existem, mas toda vida permaneceram na Almofala. Os Nunes nunca sairo de Almofala também. Se alguém saiu, migrou... a Maria, irmã da Ilda, essas aí mora no Maranhão. Os Barros, também originário de Almofala, aqui vive uma grande parte em Almofala, e outros se espaiaro por aí. Mas existe a família Pereira, que é legítima de Almofala, agora o véi João Pereira era aqui das praias de cima, é Tremembé, ele migrava nessa área. A família Tomás são legítimo de Almofala. O dotô Manoelzinho é legitimo, é Tremembé de Almofala, só que num se assume. Um bocado de gente que vive aqui em Almofala, só que num se assume. Tem a família Birico, a mãe do Padre Chaguinha, legítimo de Almofala. Tudo é, é muita gente, e num se assume, e existe uma vaidade muito grande nas pessoas, achando que cresce e, no caso, num cresce, são tudo de Almofala. A família Engrácia é legítima da Almofala. O menino... o Vicente Viana, ele é Tremembé, mas não é originário de Almofala, é dos Patos, é daquela família da finada Delza. Os Tremembé que hoje estão em Itapipoca são de Almofala. Todo Tremembé que se diz Tremembé são

originário da Almofala, mas na maioria num garantiro a vida toda na Almofala.

Entrevistadora: Tio Luiz, nessa época, quando os Tremembé subiu aí a costa, teve alguma família que veio de fora e se instalou em Almofala?

Pajé: Tem várias famílias que vive morando em Almofala, que num são originária. A família daqueles que mora do Agostinho Pereira por cima, aquele que é o dito que tá querendo, que tá fazendo uma grande força, ele é um... o Pitanga, o Pitanga num é de Almofala, o Tarcísio... Aguiar, sim; aquele Tarcísio, que é farmacêutico, num é de Almofala. Agora, tem muita gente, muitas pessoas que eu num conheço em Almofala, que vinhero de fora.

Mas as pessoas que foro chegando né, foro construindo, as famílias foro chegando... se apropriando de Almofala. Então a família dos Monteiro num são de Almofala, num são daqui da região, eles são de ôta região, e aí chegaro aí, e continuaro aí.

Entrevistadora: Os Tremembé que fugiam era por conta da opressão ou da sobrevivência?

Pajé: Não, o povo Tremembé, cumo eu acabei de dizer, eles migravo, io colher fruta. O rio Aracatimirim foi a mais... foi a garantia desses que continuaro aqui o tempo todo. Eles vivio aqui condo tava dando fruta. Era uma época de peixe no rio das Moitas. Ele subio pra lá, e aí eles ia subindo nessa costa. Era fruta, todo tipo de fruta. Eles subio caçando, pescando, subio colhendo. E descio pra baixo nessa mesma atividade. Nessa época, eles ficavo numa região, passavo os tempo colhendo. Quando passava a época da fruta, eles migravo pra outra região, a pé. Quando passava a safra do peixe, eles migravo para outra região e assim io. Quando vem a colonização, eles tavo tudo espaiado. Quando eles chegaro, a colonização chegou, pronto, prendeu todo mundo. Ninguém vai mais pra nenhum canto, tumaro de conta das terra. Uma parte ficou no Maranhão, outra parte ficô... aonde tava um grupo, lá ficavo.

Agora o que te digo, originário que nunca saiu foi esse que permanecero, que tava em Almofala, mas tudim, todos Tremembé. Condo a gente fala no Maranhão, em Tutoia... o povo de Tutoia tudim de Almofala, aqui tudim de Almofala... onde tem Tremembé, conhece a orige de Almofala, agora migravo, e, nessa época, chegou aquela lei chamada sesmaria, a lei de terra aqui, aí cada um ficou no seu canto, e aí foi onde veio a perseguição. Quem se dizia índio usando essa tradição, a catequização bateu em cima e aí foro catequizando, tirando a língua materna, insinando, educando de todo jeito. Aí eles ficavo só aqui, cadacal com a sua orige. Tudo tem orige, só que num pudio dizer que era índio, porque, se se dissesse índio, morria. Aí todo mundo ficou parado, a partir da Constituição Federal de 1988, que é essa que tá sendo tramada hoje, eles luto pa retirar os artigos que eles se arrependeram muito de fazer, que começou dar o direito do povo indígena. Aí eles começaro aparecer. Aí contaro a história que era índio, dissero donde era. O povo Tremembé foi demarcando uma área pra eles ficare.

O nome "Tremembé" nasceu da orige de Almofala por conta da luta, a grande luta, que lhes chamaro nativo. O povo nativo deste leitoral cearense, do rio Gurupi, no Maranhão ao Rio Grande do Norte, a história nasce daí, aí a história... o nome "Tremembé" mesmo foi o povo de Almofala, que de primeiro o povo de Almofala, por conta da ... eles foi... eles ficaro traumatizado, eles ficaro muito violento por conta da colonização, porque morreu muita gente, eles também fizero o que devio... a luta foi muito perigosa, por conta dos tremedáu, que era muito tremedáu e aí quem num sabia, os que vinho de fora, eles num tinha proteção sobre o tremedáu, e os Tremembé eles ero nativo, eles conhecio ... chegavo nos tremedáu, eles sabio dominar, eles tinho a sobrevivência nos tremedáu, por conta disso, dessa luta... grande luta, aí foi que veio o nome "Tremembé" pucarro dos tremedáu, mas o nome...o nosso nome...o povo Tremembé...o nosso mermo era o povo nativo daqui da região leitoral ciarence. Eles mandarro 70 légua da praia pra serra que é a Ibiapaba, os Tremembé brigavo

cum os Potiguara, cum os Tupi-Guarani na serra de Ibiapaba. Isso é muito difícil. Eles brigavo, mas apanharro purque os Tremembé chegarro lá muito fraco. Lá era um grupim piquininim que chegavo lá. Os Tremembé vivio mermo era aqui no leitoral. Aí eles migravo pá den... pu sertão mas só io até lá porque condo chegavo lá os ôto também chegavo e aí eles brigavo. Toda essa questão era os Tremembé querendo puxá as índias Potiguara, Guarani pra trazer pra cá e, nessa época, truxero, tem muita gente... por isso que misturô.

Entrevistadora: Você alcançou alguma coisa em relação ao soterramento da igreja da Almofala?

Pajé: Não, eu num sou desse tempo, mas meus pais, tios, os outros tudo falava, contavo muito esta história. Eles falavo que ela parece que foi mais de quarenta ano enterrada, e eles foi quem disenterraram nas noite de lua, dançando o Torém, fazendo banquete, disenterrando... disenterrando a igreja. Foro robando as coisa, o sino da igreja de Almofala, ele ainda existe. O sino maió que tinha vei de Portugal, que a rainha mandou.

Entrevistadora: Você quer deixar alguma mensagem pra quem vai ler este livro?

Pajé: Sim, há muito tempo que a gente trabaia, eu dediquei minha vida a esse trabaio, e espero ser recompensado, e a mensage que digo é: "Ninguém faz nada pra ninguém, cada um faz as coisa pra si e quem tiver oportunidade e corage, inteligença, use, que ela é o futuro da vida."

ANEXO 4

ENTREVISTA COM SR. TARCISIO PEDRO (73 anos, morador de Almofala) em 6 de maio de 2012

Entrevistadora: Sr. Tarcisio, o senhor sempre morou aqui?

Sr. Tarcisio: Eu nasci e me criei aqui na Lagoa Seca, neto da Tia Chica da Lagoa Seca, sendo o João Venâncio meu sobrinho. No tempo da igreja, o povo ia com cuia, banda de coité, ou cuia de barro, iam tudo ajudar a desentupir. Deixa que o povo queria desentupir logo, porque a igreja era um ponto antigo muito importante pra nós, e o dito pedreiro que fez essa igreja também fez a da Bahia, assim dizia a veia Calata, que era avó da minha avó. Por nutiça, antigamente num tinha igreja desse jeito, ela era feita de paia de coqueiro, tinha os santinho, e o povo tudo adorava.

Entrevistadora: E essa história da santinha que acharam no mar?

Sr. Tarcisio: O povo dizia que era pescador que ia pescando, aí achou essa santa, e diz que era de ouro, e pratrasmente tudo isso era fácil, tudo isso tinha. No tempo pra desentupir a igreja, o pessoal ia dia de domingo de manhã ou à tardinha, e a gente só vinha simbora no entardejar. Nesse tempo, quando chovia, as cabra ia passar a chuva dentro da igreja. Passou uns pouco de tempo, ela inutilizada. Quando chegavo lá, uns ia fofando a areia, e os outros só carregando. Primeiro tiraro de dentro, depois de fora, arredor dela todinha, fazendo aquilo tudo. E era se rindo, tudo animado, às vezes, cantavo os hinos da igreja. Quando desentupiro, aí foi remontar. Aqueles índios que tinha boa consciência io ajudar, apareceu um fulano chamado Barros, que fez toda a limpeza nela, remontou toda, fez todo trabaio. Aí depois butaro os santo. Eu sei que o santo cruzeiro veio por mar.

Nesse dia, foi muita gente... gente demais, nesse dia, era uns caindo por cima dos outros, e aquele que caía num tinha nem licença de se levantar, ninguém nem escutava as fala, só com o truvejo de foguete. Chovia gente de toda parte. Nesse tempo, tinha muito índio daquele pessoal mais antigo.

Entrevistadora: Teve alguma família daqui que foi embora?

Sr. Tarcisio: Teve um que é Tremembé mesmo que foi embora e nunca mais voltou, ele foi simbora quando formaro o aldeamento Tremembé.

ANEXO 5

ENTREVISTA COM FRANCISCO MARQUES DO NASCIMENTO (cacique joão venâncio) em 24 de abril de 2012

Eu me chamo Francisco Marques do Nascimento, nome de assinação de documento. Nome conhecido em termos de aldeamento é o cacique João Venança. Tenho 58 anos de idade, nasci e me criei aqui. Nossa morada de orige é a Lagoa Seca, é aqui bem pertinho daqui. Assim o que eu alcancei do meu povo, da minha história, do aldeamento começando pela igreja. A igreja foi feita em 1712. Depois dela feita, passou uma duna móvel, entupiu não só a igreja, como entupiu todo o aldeamento e, depois que o morro passou, que ela começou a se descobrir por fora, aí ficou entupida por dentro. O pessoal se juntavo nas noite de lua cheia. Aqueles grupo de homens e mulheres e io passava a noite trabalhando na igreja, tirando areia de dentro. Os homens era com padiola, feita de saco com uma grade de pau, botavo dentro. E as mulheres, quem tinha cuia, era a cuia, de cabaça, quem não tinha, era na saia. As mulheres usavo uma saiona comprida, se escorava lá, puxava a areia pra dentro, pegavo nos canto da saia, levava e rebolava pro lado de fora. Desse jeito, desentupiram a igreja. Aí com o decorrer do tempo, ela ficou distiorada. Aí apareceu um fulano de tal, Raimundo Barroso de Matos, eles se juntaro e fizero uma nova reforma na igreja.

Entrevistadora: Sr. João, o Raimundo Barroso é daqui de Almofala ou é de fora?

João Venâncio: Não, ele era de fora, parece que foi um viajante que apareceu por aí, aí se juntaro com o pessoal e fizero uma reforma na igreja todinha.

Entrevistadora: Nesse tempo, os índios já ajudavam?

João Venâncio: Os índios ajudavam, né? Foi tanto que a cal dela na época foi toda pisada, casca de ostra e casca de búzio, tudo pisado no pilão a braço de homem. Os pilãozão ainda alcancei, ainda uns pilãozão medonho, feitos de canoé. Por trás da igreja, aí tinha uma pedra, por trás dela, uma pedrona que era uma medonha. Depois que fizero a reforma, ainda tinha, só que era pequenininha, mas aí desapareceu, quebraro, carregaro, e aí o pessoal que morava ao redor era as famílias indígenas. E aí, quando a duna foi chegando, foi imprensando o pessoal, o pessoal foi se mudando, se mudando, io se afastando, e o morro acompanhando. E aí, quando descubriram, que o pessoal quisero voltar, aí já tava cheio de gente, o povo chegando de fora, naqueles tempos faltos, com as seca que deu por aí. O pessoal arribaro, chegavo e se aboletavo. E aí foro ficando, aí começou a confusão da terra, a briga sobre a terra, a terra tomada. O pessoal já tinha tomado tudo, e aí ficou a peleja, né. Aí apareceu um padre por aí, chamado padre Antonio Tomaz, foi que junto com a rainha majestade que deu a terra de orige para o povo tremembé. Aí é uma légua da igreja pro Luiz de Barros, foi tirado num cavalo braiador. Uma légua do Moreira, uma légua da igreja pra praia, e uma légua da igreja pro São Gabriel, que era que se chamava a terra do aldeamento, era uma légua em quadro. Aí hoje não se chama mais légua. Interiormente, eles chamavo de gleba, de gleba passou pra légua, de légua passou pra quilômetro hoje. Teve uma confusão muito grande que foi a questão das image, o pessoal vieram pra tomar as image. Houve uma confusão muito grande, apanhou gente, saiu gente com a cabeça quebrada. Naquele tempo, não existia nada de faca, nem de revólver, era cacete.

Entrevistadora: E esse pessoal que invadiu, era de fora?

João Venâncio: Esse pessoal era de fora. Era o pessoal que queria roubar as image, mas depois eles vieram e acabaram carregando umas image. Dizem o pessoal que está no museu em Sobral, boa parte das image aqui de Almofala, diz que tá lá.

Entrevistadora: Essas imagens que levaram, trouxeram outras no lugar delas?

João Venâncio: Não. Deixaram sem nada. Parece que São Miguel Arcanjo, esse num tem aí na igreja. Tinha nessa época, mas agora não tem, e outros mais, que levaro e num voltaro. Não botaro outro no lugar. Aí, com o tempo, foi-se passando o tempo, e a igreja foi-se distiorando novamente. Aí entrou essa questão dos patrimônio da União, daí a igreja foi tombada pelo Patrimônio da União (IPHAN), e fizeram uma nova reforma. Aí tiraro todo o cal dela, num tem mais a cal dela, o tijolo das parede tiraro, o tijolo do piso também tiraro, não tem mais o original. As porta também, tiraro tudo, a telha também não é a telha dela. Então assim, dela mesmo só tem o caixão, pode-se dizer. O coro também era de madeira, e hoje parece que não é mais, é de cimento. Só sei que reformularam ela toda, só tem mesmo as parência, ela tinha uns pote de banda, hoje não tem mais.

Entrevistadora: Nesse tempo que roubavam os santos, tinha algum interesse, ou era só pra causar briga contra os índios?

João Venâncio: Era porque a areia tinha entupido a igreja. Aí eles querio tirar as image de dentro da igreja, só que o pessoal não querio deixar, não sabe?

ANEXO 6

ENTREVISTA COM SR. ESTEVÃO HENRIQUE
(morador e liderança de Tapera)
em 11 de maio de 2012

Entrevistadora: Tio Estevão, gostaria que o senhor me contasse sobre a origem dos Tremembé.

Tio Estevão: A história dos Tremembé foi algo que nasceu dos mais velhos, com esta orige. Aí esse pessoal branco veio de fora pra se misturar com os índio... Minha filha, os índio tudo ero brabo, muitos foro pegado a dente de cachorro. A minha bisavó, a mamãe, sempre dizia que ela foi pegue a dente de cachorro, era índia, índia braba.

Entrevistadora: Quais as famílias que moravam aqui?

Tio Estevão: As famílias eram o finado Chico Sousa, Conceição Caboré, a velha Angelca, um véi chamado Gonçalino, um véi chamado Barroso, a veia Puluchera, o Pedroca, todos moradores antigos de Almofala. Aí foi chegando mais gente de fora. Teve uns que chegavo, passava um tempo e ia-se embora. Outros ficavo e pronto. O pessoal que foro chegando, viu aquela terra solta, fazia uma casa e logo fazio uma plantação de coqueiro, que era o que dava mais produção. Aí, minha filha, foro se apossando, e hoje o pessoal que mora na Almofala são quase tudo de fora. Esse povo de antigamente, tudo ero índio, só não fazio era brincar o Torém, porque foi um tempo que os portugueses chegaro e querio dominar tudo. E aí proibiu a dança do Torém, eles querio era dominar tudo mesmo.

Eles sobreviviam da roça e pesca, arrancar búzio para comer assado, assavo mesmo no borralho, era a sobrevivência deles.

Entrevistadora: E a cultura, como era?

Tio Estevão: A cultura era a dança do Torém. Toda força em tudo por tudo, era o Torém, mas tinha também a dança do coco, da aranha. A brincadeira do Torém era numa noite toda, e a dança da aranha e do coco era numa noite diferente. Ah, tinha também a bolandeira, que era no tempo do algodão, e se juntava para trabalhar em mutirão. Tinha também a dança do reisado, que era muito animado.

Entrevistadora: E sobre o soterramento da igreja?

Tio Estevão: A igreja foi enterrada, que chegou até fazere estrada por cima dela, mas sem saber que ali tinha uma igreja. Aí o vento foi soprando, soprando, até que desentupiu a cruz. O povo perguntava quem tinha morrido ali. E o vento continuou soprando, até que descobriu o meio dela, aí se juntaro aquelas famílias e io desentupir. Eu, com essas mão que Deus me deu, ajudei a desentupir. Todo mundo, com cuia, se juntavo, era aquela multidão, assim por hora dessa (cinco horas da tarde). Aí anoitecia lá e ficava até de madrugada. Tudo isso nas noite de lua, deixemo ela no piso, a madeira da sacristia arriou, só isso. O resto tudo ficou bom. Aí o Barrosinho, um senhor aqui de cima, não sei se é daqui das bandas do Maceió, chegou e reformou a igreja. Era um caripina (carapina). Na metade do serviço, o dinheiro do véi faltou, ele encostou o trabaio. Aí se juntaram Adonias Alves e os Filomeno, João Jaime se juntaro e terminaram o serviço da igreja da Almofalinha, que, nesse tempo, era Almofalinha. E aí trancaram a igreja. Aí os índios io brincar na porta da igreja, num brincavo mais no mato, só na frente da igreja. Aí chegou o Padre Sabino, do Acaraú, para fazer as missa. Era nove dias de festa. Ele trazia as músicas, a ola. Nesse tempo, o povo vinha de fora, chegava, e aí não voltavo mais. Almofala cresceu assim.

Entrevistadora: E os santos?

Tio Estevão: Os santos chegaro depois que acharo a santa. A santa foi os pescadores que acharo. Foi dois pescador pescar, chegaro no caminho, viro o fogo, ficaro admirado, espantado, porque todo dia passavo ali e nunca viro aquele fogo. Aí chegaro perto, passaro a mão, e os olhos fitado neles, as tochas de fogo. Aí se aproximaro e viro que era uma santa. Um ficou no local, o outro foi chamar os outros na aldeia. Chegando lá, aí levaro a santa pra dentro da Almofalinha, fizero um jirau e botaro a santa em cima, e toda noite io adorar a santa. Se ajoelhavo e io rezar. Aí quando a história saiu, foi aos ouvidos da Princesa Isabel. Aí viero e roubaro a santa. Foi uma briga danada, que o sangue deu no meio da canela. Assim contava o meu pai. Foi a princesa Isabel quem mandou essa outra santa, Nossa Senhora da Conceição, e aí depois viero os outros santos.

ANEXO 7

ENTREVISTA COM JOSÉ DOMINGOS
(conhecido como Zé Domingos, liderança da Passagem Rasa) em 1º de abril de 2012

No começo, apareceu muita gente, dizendo eles que eram ciganos. Esse povo aparecia na época da seca, nos tempos que não chovia. Eles vinham das bandas do sertão, chegavam aqui nesses lados de praia, porque nas praia é mais fácil escapar. E muitos vinham, aí achavam bem melhor do que onde tavo, por causa da água, das comidas, e não voltavo mais e se voltavo era pra trazer mais gente da família, de seu povo e por isso que hoje tem uma grande parte de gente de fora do município de Itarema, de fora da área indígena, por causa dessa ocasião que acontecia,

Se nós tivesse abrido os olhos e corrigido, porque, cada dia que passa, a gente aprende mais, a gente vê mais, o mundo tá oferecendo mais. Agora pouco, eu descobri umas pessoas que não é daqui. O Bianô, ele não é daqui, é de Caucaia. E esse povo que veio de fora, eles não são Tremembé, eles não assume sua descendência indígena, porque todo brasileiro é índio, e aqueles que não se assume podia pegar seus panos de bunda e voltar pro lugar de onde viero.

Aqui neste lugar, eu conheci os troncos veio e sei onde fica as tapera veia, onde esse povo todo morava.

As coisas de meu alcance era assim. O povo de fora chegavo, ficavo e misturavo as famílias, porque aqui era tudo um povo só, uma família só, se casavo com as pessoas bem próximas, os primos, os vizinhos, era assim. Agora, com a chegada dos de fora foi que se misturou.

Sobre a igreja de Almofala, eu não alcancei, já conto porque meu pai contava que, quando o morro vinha pra enterrar, os brancos tiraro o material de cima, deixaro só as paredes. Ele contava que sempre iam durante as noites pra ajudar a de-

senterrar, com as cuias, só não ia toda noite porque os caminhos era longe. Mas eu sei que ela passou 45 anos soterrada.

O povo antigamente fazia hoje pra se consumir hoje, num tinha esse negócio de fazer uma coisa que só oia dar lucro pra frente e muito. Eles produzio pra o dia. Naquele tempo, não tinha dinheiro, o povo fazia as trocas de alimentos. No lagamar, havia uma fartura de peixe. Era uma tempos fácil e também difícil. A gente vivia em liberdade, se fazia uma viagem daqui pra Almofala, e num tinha uma cerca. A gente podia comer uma fruta, tirar uma raiz de um pé de planta. Tudo era livre, toda essa mata era livre, a gente tinha mais liberdade, podia se criar todo tipo de animal.

De primeiro, eu ia pra uma sentinela e, como se eu fosse pra qualquer uma repartição, eu via o povo chorar mas... quando morreu meu pai e minha mãe, aí eu conheci sentimento, aí soube o que era a dor de perder alguém.

Antigamente, o Torém era muito dançado na época do mocororó. Nesse tempo, a vó do João Venâncio era viva, aí se juntava aquele grupo de gente pra dançar o Torém e sempre vinha pessoas de fora, pra ver o Torém, aí se juntavo os mais velhos pra fazerem a dança do Torém.

Como nossa terra não tinha dono, era tudo solto, o povo chegavo e construíam uma casinha, depois cercava a frente e aí se dizia dono. Quando aquela pessoa resolvia ir embora, vendia pra outro que fazia a mesma coisa, e assim foi invadida a nossa terra, cada um que chegava se dizia dono.

Nossa luta pela terra está com muito tempo, eu me lembro que já tá com 21 anos que chegou um cidadão na minha casa, acompanhado pelo João Venâncio e o Vicente Viana. Esse cidadão me fez várias perguntas que eu me lembre que ele perguntou com quanto tempo eu morava aqui. Eu disse, e até que perguntou quem era o dono dessa terra, aí eu disse que essa terra não tinha dono, era a terra do aldeamento. Eu chego a me lembrar da história que meu pai contava que o papel da terra era ele. Quando ele morresse, se tivesse algum filho que quisesse ser o papel da terra, podia ser, o papel do local onde morava e assim digo eu. Ele sempre dizia que a

terra do aldeamento ia ser tirada, se ele não alcançasse, um filho ou um neto alcançava. E a mesma história eu tô dizendo.

Esse dito homem me perguntou das mortes, e eu contei. Aí de lá pra cá começou a aparecer gente, aí a gente foi se identificando, porque eu sempre digo indo eu nasci, mas a identificação foi há pouco tempo. Agora, saber que eu era índio desde que me entendi eu sempre sabia. Agora, a dor maior que eu senti que até me emociono, não foi da morte do meu pai nem da minha mãe. A dor maior que senti foi no dia que eu vi... (seu Zé Domingos se emociona e para por um tempo. Dona Alda, esposa do Seu Zé Domingos, diz: "O quê? As três mortes?") Foi, eu me emociono porque... me parece que chega uma reação de eu ver meus três tios mortos pela luta da terra, por causa da terra. No ano de 62, em janeiro, e a gente vem lutando até hoje. E hoje é diferente, vem uma pessoa e diz eu quero entrar na "lei dos índios", e num lembra nem de terra e assim continua nossa peleja pela demarcação e peço a Deus que embora nós não alcance, mas não se acabe nossa luta sagrada, porque não tem como se acabar a luta indígena, porque índio não se acaba, se acaba uma parte, mas fica os outros. (Dona Alda reforça que tem fé em Deus que essa demarcação aconteça, porque tem a palavra, mesmo que seja para durar 24 horas, e seu Zé Domingos diz que isso vai acontecer, porque já houve demarcação em outros cantos, porque é que não pode acontecer).

ANEXO 8

ENTREVISTA COM MARIA EVA LISBOA (conhecida como Babi, liderança no Panã) em 9 de outubro de 2012

Antigamente, essa terra era livre. Aí começou a enganação com os mais velhos. Às vezes, compravam mercadoria como o fumo, alimento, bebida e outras. Compravo uma quantidade pequena e, quando chegava no dono do comércio, lá estava aquela lista danada, e aí se ia um pedaço de terra. Os mais espertos, mais ricos sempre se aproveitavam da fraqueza dessas pessoas para se apossar das terra. Conto isso porque aconteceu com meu bisavô. Essa invasão começou dessa maneira, cada pessoa que comprava um pedaço de terra cercava um pedaço bem maior, tirava a cerca e botava bem mais pra frente.

Música **OLHANDO A LUTA**, de Babi:

Olhando a terra estou vendo / nossas terras todas cercadas, / mesmo nas mãos do barão / eu sinto isso, e meu coração chora / e peço a Deus todo dia a demarcação / conheço gente que comprava um pedacinho / mas pra cercar tomava um pedação / e depois dizia pois aqui é minhas frente / e foi assim que começou a invasão

Vocês me aguardem que nossos direitos vêm, nossa vitória um dia nós vamos ter / o que era dos nossos antepassados nós somos herdeiros e queremos receber / que sem a terra não temos como plantar, não temos boa saúde, nada pra sobreviver / eu peço a Deus que ouça o nosso sofrimento, demarque a terra pra nós sobreviver.

ANEXO 9

ENTREVISTA COM MARIA DA CONCEIÇÃO MOURA
(Professora na Varjota)
em 15 de outubro de 2012)

Antigamente, aqui não existia escola. No ano de 1984, comecei a ensinar uma turma de 45 alunos por conta dos pais. Cada um dava um pequeno agrado e, com essa pequena quantia, eu comprava material escolar, como giz e até caderno para alguns alunos, para aqueles que os pais não tinham condições. Nessa peleja, passei dois anos.

Quando foi no ano de 86, comecei pela Prefeitura Municipal de Itarema com a administração de Stênio Rios. Nesse tempo, já tinha material por conta da Prefeitura, só que a gente recebia na casa da Dejanira Monteiro.

Essa escola funcionava no Salão Comunitário da Varjota. As pessoas se juntaram e fizeram até uma lousa na parede para eu escrever.

Passei os primeiros seis meses ensinando voluntário, porque a prefeitura só pagava depois que a pessoa trabalhava seis meses voluntário. Depois desses seis meses, a prefeitura começou a pagar e aí assinou a carteira. Nesse primeiro ano, trabalhei sozinha. Já no segundo ano de trabalho foi que a professora Marlúcia entrou para ajudar, também sendo remunerada pela prefeitura. Nesse tempo, o material que vinha da prefeitura não era suficiente, aí eu escrevia com carvão no chão do salão, pois o giz não era suficiente.

A luta pela terra era pelo usucapião, para que a firma não invadisse toda nossa terra.

Diante de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia escolar, um dia chegou no salão uma carrada de polícia a mando da DUCOCO. Primeiro, a Conceição veio me avisar, dizendo que eu não me assustasse, porque ia chegar ali uma carrada de polícia, mas o pessoal já estava todo sabendo e iam vir todos armados com foice, facão, enxada, como se eles estivessem brocando.

E eu tentasse acalmar as crianças. Aí chegou o povo daqui da Varjota, e logo chegou a carrada de polícia. As crianças todas se assustaram, uma até que desmaiou, outra entrou em desespero, outras pulavam pela janela e saíram correndo em desespero. O pessoal que veio de fora deram um dinheiro, algumas crianças que estavam mais desesperadas, para que elas se acalmassem. E os da Varjota já estavam todos lá para conversarem, e esta conversa era um acordo que eles queriam fazer.

Porque, nessa época, era o momento que eles estavam colocando as estacas para cercarem essa nossa área. O pessoal da firma colocava as estacas durante o dia, e, à noite, nós, índios tirávamos, só que ninguém podia dizer quem tirava, pois, se a firma soubesse, mandava matar.

Foi um tempo de muita aflição, aqui ninguém vivia sossegado, só dormia o primeiro sono da noite, aí se levantavam os homens pra irem cortar as cercas, e as mulheres ficavam em casa rezando. Tudo isso em defesa da nossa terra.

Nessa luta de colocar cerca e tirar cerca, o pessoal da firma desistiu, e nós ficamos nesse pequeno pedaço de terra. Nesse tempo, era professor índio ensinando os alunos índios, mas não se podia dizer, devido à opressão que era muito grande.

Depois que se garantiu a terra no usucapião, aí ficamos mais sossegados e começamos uma nova luta. Foi aí que nós nos assumimos como indígenas e demos início ao processo de criação da Escola Diferenciada, sendo o primeiro passo iniciado pelas lideranças e sempre se discutiam por uma escola diferenciada, onde todos aprendessem e não fossem discriminados.

Foi aí que chegou a Karla a mando da Maria Amélia. Quando ela chegou, ficou na casa da D. Conceição. Nesse tempo, as pessoas ajudavam na questão da alimentação. Depois construíram a casinha que é junta à casa de apoio, para ela ficar e também fazer pequenas reuniões. Nesse mesmo tempo, a Karla começou a formação para nós professores, aí nesse tempo entrou os que já eram.

TÍTULOS DA COLEÇÃO "MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO"

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios
15. Povo Tremembé de Almofala: cultura e história

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br

Versão Digital
Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Benfica
CEP.: 60020-181 - Fortaleza - Ceará
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br

A coleção Magistério Pé no Chão é o resultado de uma das mais recentes, frutíferas e inovadoras experiências na história da educação brasileira.
Os primeiros livros que abrem esta Coleção são 14 dos 16 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da primeira turma do MITS.

Desde os primórdios, a educação diferenciada Tremembé tem sido marcada por um movimento de intensa e criativa produção intelectual, fruto da pesquisa e reelaboração dos saberes tradicionais do Povo Tremembé, de um lado, e de outro, agregando àqueles, no contexto próprio da escola, outros saberes pertencentes a outras matrizes e contextos, possibilitando o exercício da interculturalidade.
Para os Tremembé, a interculturalidade se apresenta como um objetivo fundamental de suas escolas, que ensejam preparar as novas gerações para o mundo “ad intra”, próprio do seu Povo, bem como para o mundo “ad extra”, da sociedade nacional e quaisquer outros povos e culturas, do país e do mundo.

VENDA PROIBIDA
Imprensa Universitária

ISBN 978-85-7485-398-7
9 788574 853987